Shannon McKenna - Sabor do medo ™

SINOPSE

Nancy Nell ... Vivi ... Três irmãs que sabem que não existe no mundo uma força maior que o amor ... exceto o desejo de vingança

Quando sua amada mãe adotiva é assassinada, as irmãs D'Onofrio se reúnem para começar a caça ao assassino e localizar o tesouro perdido da família: uma obra-prima do Renascimento, única e de valor inestimável, que vale a pena matar. A lei não pode fazer nada e as três irmãs têm de cuidar de si mesmas ... até que três homens misteriosos também são envolvidos.

Assustada ao encontrar um estranho musculoso na casa de sua mãe, Nancy é surpreendida com a paixão fumegante que surge entre eles. Liam é intenso e naturalmente protetor. Mas é inteligente confiar todos seus segredos? Sua irmã Nell voltou-se para Duncan, seu novo chefe, para pedir ajuda. Ele é um especialista nos mundos escuros do ciberespaço, onde podem encontrar novas pistas. E Duncan é tão sexy que da medo. Tudo que o que Nell tem que fazer é dizer a palavra mais difícil de todas: sim. E a mais nova das D'Onofrio, a selvagem e voluntariosa Vivi? Ela está prestes a cair loucamente apaixonada por Jack, um ex-espião ...

As três irmãs são jogadas para os braços da paixão com o perigo espreita. Desconhecido e invisível, o assassino está muito perto ...

## PRÓLOGO

John estava esperando. Esse pedido seria dinheiro fácil.

Ele estacionou o carro sob a sombra de uma árvore, mas ele estava convencido de que seu objetivo não iria deixá-lo, mesmo estacionado na esquina. O puto velho achava que ele era tão esperto. O avião de Marco Barbieri aterrissou cinco horas antes havia tomado cinco táxis para girar em torno de New York e assim confundir quem o estivesse seguindo. Não tinha percebido que o que o delatava era o GPS escondido na mala. E havia sido o GeoLocator que levou John Hempton, a uma pequena cidade do norte do estado.

O velho tinha procurado contar com funcionários de seu antigo palácio em Castiglione Sant'Angelo. Não fez falta o dinheiro dado para colocarem o dispositivo em sua bagagem.

John percorreu com sigilo a grade de ferro com pontas que separava o jardim da rua resguardado pela sombra dos arbustos que apareciam do interior. O táxi se começou a afastar enquanto Barbieri subia devagar as escadas do alpendre.

Viu-se invadido por uma sensação de triunfo: por fim tinha encontrado à condessa, que levava tanto tempo perdida. A noiva à fuga de Marco Barbieri. Teria envelhecido, mas dava igual, era a chave para encontrar o tesouro. Marco Barbieri não sabia uma mierda, assim que o podia sacrificar, mas a condessa era outra história. Lhe diria o que seu chefe queria saber. Se não, por que se tinha escapado?

Sua impaciência lhe impedia de estar-se quieto. A porta se abriu e apareceu a silhueta de uma mulher alta e magra. As duas pessoas se encontraram de frente e se olharam sem mover-se. John forçou a vista, havia muita escuridão e estava muito longe para estar seguro, mas a saliva lhe começou a acumular na boca.

Falavam; oxalá tivesse tido algum dispositivo de escuta à mão. Que lhes dessem, faria-lhe repetir a conversação à mulher, palavra por palavra. Um par de minutos a sós com ele e a velha bruxa lhe seguiria como um perrito e faria o que lhe pedisse se o ordenava.

Aquela era uma das partes de seu trabalho com as que mais desfrutava, mas o que importava. Ninguém sabia, além de suas vítimas, e elas não o foram contar.

Durante a espera planejou sua entrada. Ajudaria-o matar ao Barbieri diante da condessa para assustá-la antes do interrogatório, embora isto lhe poderia voltar em contra. John podia ser paciente se a situação o requeria, mas seu chefe tinha esperado durante décadas e atrasar o encargo não serviria de nada.

Subiu as escadas como um negro fantasma e ficou uma máscara. Não a necessitava; a condessa não passaria dessa noite, mas levá-la posta lhe dava maior liberdade e poder. Convertia-o em um ser de outro mundo, na essência da morte. O simples feito de ficar a fazia que se o agudizaran os sentidos.

Ouviu vozes detrás da porta e como se abriam as fechaduras. aproximou-se com sigilo até apoiar as costas contra a parede, enquanto uma besta chupasangre crescia em seu interior. Nem facas nem pistolas; se derramava o sangue do Barbieri agora, teria menos oportunidades depois. John saltou sobre o velho assim que abriu a porta: agarrou-o do pescoço e o retorceu enquanto ouvia o grunhido surdo do homem e a falência de seu espinho dorsal. Como um frango ao que acabassem de sacrificar.

—Marco! —A velha se equilibrou sobre ele e lhe arranhou a cara—. Stronzo! —chiou—. Assassino! Aiuto! Ajuda!

Tornou-se para trás, surpreso, e deixou cair o corpo do Barbieri. Os chiados agudos da mulher cessaram assim que a empurrou para o interior da casa, atirando-a ao chão. Ela retrocedeu arrastando-se como um caranguejo. Ele se tornou em cima dela, esmagou-a contra o chão, escutou um leve grito e notou como lutava por respirar. Quando lhe tampou a boca tremente com a mão, sentiu a respiração afogada da condessa e a pele enrugada e suave sob a palma. Reteve-lhe as mãos

entre as coxas. Lhe tinha solto o cabelo, que era comprido e branco, levava a camisa desabotoada e seu corpo, frágil e magro, tremia de terror.

Saboreou-o com deleite. O medo da condessa o embriagava.

—Não está tão fresca como eu gostaria de —comentou como se nada—. Deveu ser uma beleza faz um século, mas não há problema, sou um profissional. —Tirou o primeiro instrumento que encontrou no bolso, uma faca farpada, e o ensinou—. Bom, condessa, vamos falar de esboços. Onde estão?

Ela abriu os olhos, aterrorizada.

—Não sei onde estão.

John entrecerró os olhos e a olhou.

—Sim que sabe —afirmou com lábios apertados—. E me dirá isso, condessa, me acredite, dirá-me isso.

A pesar do medo, podia-se espionar um pouco parecido à diversão em seu olhar. Algo cínico e irônico. A mulher negou com a cabeça. Não.

Como se se estivesse rendo dele. A puta espaguete se atrevia a mofar-se em sua cara. Como se fora mais preparada. Como se fora melhor.

Uma raiva assassina o invadiu. Tiraria-lhe tudo o que soubesse, o extirparia parte a parte com a faca a aquela puta velha e arrogante. Retrocedeu e começou a brincar com o fio…

Deu-se conta de que a mulher já não o olhava a ele, a não ser ao teto, estava-se afogando. Tinha a cara branca e os lábios morados. separou-se dela, consternado. Ela se aferrou o peito com a mão.

—Não me jodas, um puto ataque ao coração! —inclinou-se e lhe observou fixamente a cara —. Puta estúpida.

A mulher o olhou e ele pôde notar certo ar de triunfo em seus olhos antes de que os pusesse em branco. ia a um lugar onde não podia segui-la. John queria uivar. Tinha-a cagado e agora o velho Barbieri também estava morto. Isto não ia fazer muito feliz ao chefe.

John examinou a maleta e a mala do Barbieri mas não conseguiu nada. Haviam-no puteado bem. Tomou o pulso à condessa, estava mais rígida que um prego. Entraram-lhe vontades de despedaçar aqueles dois cadáveres. A habitação estava virtualmente vazia, salvo por algumas obras de arte cuidadosamente iluminadas e uma mesa em que havia três envelopes. Tinham o selo posto preparados para ser enviados. Agarrou um; estava dirigido ao Nancy D'Onofrio. Abriu-o e ficou a ler. A carta estava escrita em uma antiga e delicada caligrafia itálico.

Minha querida Nancy:

O que tenho que lhe dizer te vai doer. Sinto ter que fazê-lo por carta. Queria falar contigo em pessoa, mas depois de minha última visita ao cardiologista, não sei se ficará suficiente tempo. Por isso não posso esperar a ter a minhas três garotas para lhes contar isso

—Garotas? —John levantou a cabeça como um animal procurando novas presas. fixou-se no suporte cheia de fotografias.

Jogou-lhes uma olhada e, é obvio, encontrou as fotos de três mulheres jovens, sorridentes. Eram bonitas e estavam boas; cada uma tinha algo que o punha brincalhão. Eram muito jovens para ser as filhas da velha. Talvez eram suas netas. De puta mãe, carne fresca, e suas direções convenientemente cotadas nos envelopes.

ficou olhando as fotos enquanto respirava ofegante. Uma das garotas era pechugona, tinha curvas e o cabelo encaracolado e estava sentada em um banco ao lado da janela, lendo. Outra, uma sílfide de cabelo mogno, sujeitava um gato tricolor por debaixo de seu queixo e sorria. A terceira era uma ruiva flacucha que levava um vestido de noite elegante e assinalava uma escultura abstrata,

muito grande, que tinha à costas. Todas elas tinham os olhos brilhantes, os lábios rosados e a pele Lisa e suave como neve virgem. imaginou o sangue quente que lhes corria por debaixo, as curvas e as cavidades que poderia beliscar, apertar e morder. Essas garotas também ficariam a quatro patas e ladrariam como cadelas para ele. Encontraria os esboços, conseguiria o dinheiro e se divertiria fazendo-o.

Tinha tanta saliva na boca que começou a babar. lambeu-se os lábios e se secou o queixo sem pensar. Não queria deixar um atoleiro de DNA e ficar o fácil à polícia. Por fim, seu trabalho começava a ficar interessante.

além dos limites

_

Capítulo 1

_

Seguro que estarão bem, meninas? —perguntou Elsie, franzindo o cenho e deixando entrever um pingo de intranqüilidade atrás de seus apagados olhos azuis, e acrescentou—: Me posso ficar, solo têm que me pedir isso.

Nancy tratou de mostrar calma e serenidade com o olhar, acompanhou à senhora à porta e a despediu com um beijo na bochecha enrugada.

—Não se preocupe. Solo precisamos descansar um pouco.

—Mas… estou segura de que Lucia não tivesse querido que lhes deixasse sozinhas em um momento assim —protestou Elsie.

—Estaremos as três juntas, tia Elsie —disse Nell, a irmã do Nancy, lhe agarrando a mão à vizinha—. Obrigado pela comida e por nos haver ajudado tanto. Lucia tinha muita sorte ao te ter perto. E nós também.

Quando Elsie finalmente fechou a porta detrás de si, Nancy apoiou as costas nela e se escorreu lentamente até sentar-se no chão. Com um suspiro de alívio disse:

—Uf, acreditei que não se iriam nunca. Lucia conhecia meia cidade.

Nell ficou a seu lado. Vivi se tombou de barriga para cima sobre o parqué arranhado, tampando-os olhos para proteger do sol do entardecer. As três ainda foram de negro e os saca-rolhas alaranjados do Vivi eram quão único dava um pouco de cor à pálida habitação.

Nancy olhou a suas irmãs. sentia-se vazia. Para ela, essa casa era uma espécie de ente bondoso, que envolvia e protegia aos que se achavam em seu interior, mas agora se converteu em um lugar decadente, decrépito. Como se lhe tivessem chupado a energia. deu-se conta de que em certo modo assim era. Lucia era o ser benévolo e quente que dava vida a esse espaço agora cinza e velho.

Voltou de sua nuvem. Nada como um funeral para perder-se nos pensamentos. Menos mal que Vivi e Nell estavam ali com ela.

Nell respirou fundo.

—Não me posso acreditar —comentou isso—. Fazia mais de um mês que não vinha a vê-la. Pensei que logo estaríamos celebrando seu aniversário, assim agarrei turnos extra e deixei correr os dias…

—me passou igual —disse Nancy com cansaço—. estive até acima: dois álbuns no estudo, o tour do Mandrake e outras mil histórias… Que mais dá isso agora?

—Precisamente hoje era seu aniversário —atravessou Vivi—. Deveríamos ter estado bebendo oporto e comendo uma dessas focacce de uvas que fazia sempre. Que ironia! Eu não gostava de nada e agora daria o que fora por estar mastigando sementes de uva e lhe pedindo que se modernizasse um pouco e aprendesse a fazer brownies, enquanto ela me dava um sermão sobre a importância das tradições.

—Vale já, Vivi! —implorou Nancy—. Não comecemos outra vez…

O aviso chegou tarde. Vivi rompeu a chorar e suas irmãs a seguiram, por enésima vez, ao pensar na focaccia de uvas.

Evitaram cruzar o olhar enquanto a intensidade do pranto ia baixando. Nell entrelaçou seus dedos com os do Nancy.

—Sinto muito que estivesse sozinha quando a encontrou —lhe disse—. Não sei o que teria feito de ter sido eu.

—Pois o mesmo que eu —respondeu Nancy com a voz quebrada—. Chamar uma ambulância, destroçada. De todas formas, ao vir já estava nervosa porque a tinha chamado duas noites seguidas e não me tinha pego o telefone. Sentiu saudades muito, assim suponho que inconscientemente me esperava algo mau.

—Esse bode poderia ter chamado a uma ambulância quando viu que lhe estava dando um ataque ao coração —interveio Vivi—. Me dá igual ao forense haja dito que foram causas naturais. E um carajo! Desde quando morrer de um susto é causa natural? O muito filho de puta a matou.

—É curioso, não? —pensou Nell em voz alta—. O ladrão se levou as jóias, a equipe de música e a televisão mas deixou o marco do Fabergé e a escultura de bronze do Cellini. Vá um gilipollas ignorante…

—Agora que o diz, não podemos deixar as obras de arte da Lucia aqui —disse Nancy—. Você é a escultora, Vivi. por que não te leva o Cellini?

—Sim, claro. Um sátiro do Cellini de valor incalculável ficaria fantástico no salpicadero de minha caminhonete. Entre o ambientador e a Madonna de plástico.

—Acreditava que foste deixar as feiras de artesanato —replicou Nancy—. Não me havia dito que mudaria a um apartamento durante um tempo?

Vivi se encolheu de ombros.

—Em teoria sim, algum dia. Enfim, imagino que seus diminutos apartamentos em Manhattan não são uma opção muito melhor que minha casa com rodas, não?

—O que vai —disse Nell—. Eu não tenho nada valioso em meu apartamento, os livros não se podem trocar por metanfetamina ou heroína. E você, Nance? A seu edifício não o protegem os Anjos do Inferno?

Nancy ficou pensando.

—Bom, sim. Mas os camelos do bloco do lado não me inspiram muita confiança. O que outras opções temos? Uma caixa de segurança?

—Puff. Temo-me que a mesa lavrada da Lucia não cabe em uma caixa de segurança e também é muito apetitosa para deixá-la aqui —disse Vivi.

As três ficaram olhando a mesa pensando o que fazer.

—Podemos pôr um alarme —sugeriu Nell, com voz dúbia.

Vivi pigarreou.

—Não tem muita lógica, agora que a casa está vazia.

—Amanhã irei comprar um oleado muito feio para camuflá-la —disse Nancy—. Eu me levarei a escultura e você, Nell, agarra o marco até que nos ocorra algo melhor.

Este exercício de organização as esgotou e ficaram em silêncio. Vivi se acurrucó e Nancy começou a acariciar a sedosa juba de sua irmã.

—Sinto-me tão estranha —murmurou Vivi—. Ela era nosso pilar e, agora que se foi, o mundo se cambaleia.

Nancy abraçou ao Nell.

—Construiremos novos pilares. Apoiaremo-nos as umas nas outras. Isso é o que Lucia haveria dito.

Com o abraço começaram as lágrimas outra vez. Em meio daquele festival de soluços, soou o timbre, as sobressaltando.

—Não posso com mais visita—sussurrou Nell enquanto se secava as lágrimas—. Pode olhar quem é pela mira? Não faça ruído.

Nancy se levantou para olhar. Um jovem com cara de aborrecimento estava ao outro lado; levava uma caixa.

—Parece um repartidor —disse a suas irmãs.

—Mais floresça? —perguntou Vivi.

—Não. Leva uma caixa branca e pequena. —Nancy abriu a porta—. Sim?

—Entrega especial da joalheria Baruchin —disse o menino—. Para a Lucia D'Onofrio.

—Morreu faz uma semana —respondeu Nancy—. Vamos do funeral.

O menino piscou boquiaberto. A situação não quadrava dentro de seu esquema mental. Não sabia o que fazer.

Ao Nancy deu pena.

—Sou sua filha. Assinarei por ela.

—Mmm… Deixe que pergunte a meu chefe. —apartou-se um momento para chamar, passou-lhe uma folha e esperou enquanto assinava—. Meus mais sincero pêsames —balbuciou envergonhado.

Nancy entrou com a caixa e leu a etiqueta em voz alta:

—Joalheria Baruchin, desde 1938. Alguém quer fazer as honras?

Vivi e Nell se olharam nervosas.

—Abre-o —disse Nell.

Nancy extraiu da caixa branca três pequenos estojos de couro, idênticos. Nell os abriu e as três ficaram sem fôlego ao ver o que continham.

Em cada estojo havia um pendente de ouro retangular adornado com um cós em ouro branco, um detalhe na parte superior do mesmo material e uma delicada letra em itálico no centro. A N do Nancy estava feita com pequenas safiras, a da Antonella com rubis e a V do Vivien com esmeraldas. Todas rodeadas de diamantes para ressaltar as cores das pedras preciosas. Eram de uma elegância deliciosa e um detalhe cruel que fez que as três perdessem o controle das emoções e explorassem em um pranto que demorou tempo em apagar-se.

Passado um momento, Vivi tirou um clínex usado do bolso e se soou o nariz.

—Nos ia dar o dia de seu aniversário.

Nancy assentiu, tirou o pendente com a V de seu ninho de veludo e o pôs ao Vivi, repetindo a operação com o do Nell e com o seu.

—Sempre os levaremos —disse—, em sua honra.

Vivi saiu disparada à cozinha, sujeitando o pendente com a mão. Nell acariciava o seu. Tinha os olhos frágeis.

—Não sei o que teria sido de nós sem ela —disse—. Pelo menos do Vivi e de mim. Você é diferente, Nance, você lhe arrumaste isso desde pequena.

—Vá —replicou Nancy agriamente.

—É um completo —disse Nell—. Sabe que te respeito e te admiro por isso.

—Claro. «Nancy a impassível» —murmurou—. Não pestanejo nem se me golpear com uma pedra na cabeça.

—Equivoca-te —respondeu Nell—. Eu queria dizer que é sólida e dura, não impassível, e ser dura é sexy.

Nancy grunhiu.

—Ah!, sim? lhes pergunte a meus exnovios.

—Nem de coña! —Nell fez como se cuspisse no chão—. A não ser que queira que me carregue isso por ti.

Vivi voltou com os olhos brilhantes de emoção.

—Encontrei-a! —gritou-lhes enquanto ensinava uma folha de papel amarelada em uma mão e uma garrafa de vinho na outra.

—O que encontraste? —perguntou Nancy.

—A receita desse bolo com uvas tão asquerosa! Schiacciata all'uva! Temos tudo o que necessitamos para fazê-la, Elsie nos deixou umas uvas, é obvio com sementes. A receita está em italiano mas você o entende, verdade, Nell?

Nell ficou os óculos, agarrou a folha de papel e começou a ler.

—Medida-las estão no sistema métrico, mas podemos procurar um conversor com a BlackBerry do Nancy.

—Acreditava que odiava esse bolo —disse Nancy, divertida.

—E a detesto —assegurou Vivi—. Mas isso dá igual. É perfeito para o funeral da Lucia. Nós três choramingando juntas, ao redor de uma focaccia de uva enorme e um par de garrafas de oporto.

Nancy lhe deu um abraço forte.

—Venha, lhe façamo-lo sussurrou.

Nenhuma delas era muito boa com as sobremesas pelo que sua versão da schiacciata all'uva estava longe do elegante prato toscano da Lucia, mas pouco importava posto que a tinham feito com toda sua ilusão. Lhes tinha esquecido pôr o relógio do forno e só se deram conta de que estava chamuscada quando soou o detector de incêndios. Apesar de que tinha sabor de raios, a quantidade de oporto que levavam em cima foi suficiente para tampar o sabor e que se pudessem comer uma parte.

Brindaram pela Lucia até o amanhecer. Riram e choraram pelos mistérios impenetráveis da vida e a morte, por sua crueldade e sua beleza. IL dolce e l'amaro, como haveria dito Lucia. O doce e o amargo.

À manhã seguinte, Nell apareceu pelo guichê do assento do co-piloto da estridente caminhonete do Vivi.

—Pedimos algo para jantar, às oito, em minha casa. —E lhe reiterou—: Te espero.

—A ver se posso… —disse Nancy, elusiva—. Tenho um milhão de coisas…

—…que fazer. Já sei. Sempre está igual. Mas mesmo assim tem que comer —lhe reprovou Vivi, inclinando-se sobre o regaço do Nell do assento do condutor.

—Se não vir, pensaremos que não lhe importamos —lhe advertiu Nell.

Os faróis iluminaram a neblina matinal até que o carro do Vivi dobrou a esquina e desapareceu. O céu estava encapotado, com farrapos de nuvens escuras. A cabeça do Nancy também parecia pedacinhos. Era de esperar, tendo em conta o que tinham bebido a noite anterior. Essa catarse lhes veio bem, mas hoje se sentia como um trapo.

Enfim, o que lhe ia fazer. Devia ficá-las pilhas. Além disso do estresse habitual, tinha que recuperar a semana que tinha perdido pela morte da Lucia e seu funeral. Felizmente, estar ocupada era seu mecanismo preferido para agüentar qualquer problema. Essa era uma das razões pelas que tinha eleito ser agente de cantautores e grupos de folk.

Quando ia ao instituto queria ser músico, mas tinha descoberto atrás de muito esforço que não era o seu. Então decidiu seguir na música fazendo algo que lhe dava muito bem: ajudar aos músicos que sim valiam. Era muito boa: tinha em conta cada detalhe e a guiava uma determinação

de ferro.

Tinha eleito cuidadosamente a cantores e grupos de folk, tinha-os tirado de pubs e bares, e os tinha arrojado a teatros e aos melhores festivais. Cada vez conseguiam melhores contratos com as discográficas e mais tempo na rádio. Alguns se dirigiam lentamente para o êxito; se conseguiam triunfar, seu trabalho duro por fim se veria recompensado. Esse era o empurrão final por volta do maravilhoso dia em que pudesse contratar pessoal, em vez de estar ela sozinha. Levava trabalhando dezesseis horas ao dia, às vezes também pelas noites, durante anos.

A verdade era que não lhe importava porque uma mulher que vai a mil por hora, que necessita seis mãos, como a deusa Shiva, cada uma para um telefone, não tem tempo para notar o buraco que se aumenta em seu estômago, nem o amargor da pena, ou, se chegar a senti-lo, está na periferia de seu consciencia, não no centro. Mesmo assim, ficou a mão em cima da parte do abdômen que lhe doía. Faria-lhe falta um dia de loucos para não pensar naquilo.

O primeiro que tinha que fazer era comprar um oleado para tampar a mesa da Lucia. subiu no carro e se aproximou do mercadillo, onde passou vários minutos decidindo entre um horroroso estampado floral ou uns feios quadros em tonalidades cinza e beis. Chegou à conclusão de que a toalha de quadros poderia passar desapercebido no salão da Lucia, enquanto que o de flores desafinaria mais em que pese a que, certamente, os ladrões nem o notariam. De verdade pensava que uns drogados foram se pôr a pensar em se uma toalha pegava com o resto da decoração ou não?

Chovia quando estacionou em frente da casa, assim que ficou o pacote da toalha em cima da cabeça para não molhar-se enquanto corria para as escadas da entrada.

—Desculpa.

A voz grave lhe fez dar um coice e o pacote caiu aos pés do homem que tinha em frente. Ele se agachou a recolhê-lo e Nancy se fixou em como a chuva brilhava nas pontas de seu cabelo curto e moreno. Quando se levantou e a olhou, a ela lhe cortou a respiração e o tempo e o espaço se pararam, ou isso lhe pareceu.

—Perdoa se te assustei. —Com suas palavras as agulhas do relógio começaram a mover-se outra vez.

Tentou dizer «Não passa nada», mas não lhe saíam as palavras.

Assentiu bobamente e se deu conta de que não via nada pelas gotas de chuva nos óculos, assim que as secou com o pulôver. Até vendo-o impreciso, seguia sendo incrivelmente bonito. Não, bonito ficava curto, a palavra correta era «assombroso».

Não podia concentrar-se em solo um detalhe. Sua cara, que estava molhada, era larga e masculina e uma barba incipiente marcava sua mandíbula. Mas foram seus olhos os que mais lhe chamaram a atenção: eram de um verde prateado, tão brilhante que parecia que apanhavam a luz e a refletiam. Tinha os ombros imensos e umas coxas fabulosas se deixavam adivinhar sob os jeans desbotados. Teria apostado o que fora a que ele nem sequer era consciente. Teria apostado deste modo a que tinha um culo fantástico a jogo com o resto.

Era sólido, forte e harmônico. Como uma rocha, um carvalho, a terra…

Enquanto a chuva lhe caía sobre o rosto, observou-a durante um momento que ela esperava que não acabasse nunca e teve a sensação de que ele podia lhe ler a mente com solo olhá-la. voltou-se a pôr os óculos e nesses segundos de graça antes de que voltassem a empanar-se memorizou cada pequeno detalhe: a extensão do escuro cabelo de suas sobrancelhas, a anatomia de sua boca…

Ele se secou a chuva da frente com a manga do pulôver.

—É Nancy D'Onofrio? —perguntou-lhe.

Esse epítome de masculinidade sabia como se chamava? Assentiu e pensou em que não se lavou o cabelo. Tinha-o recolhido em um coque apertado, com todo o cabelo para trás. Ainda levava o vestido negro do dia anterior e seu fôlego devia emprestar a álcool, considerando a ressaca que tinha.

Ele, em troca, luzia um olhar limpa e dava a impressão de levar uma vida sã. Parecia que se foi a dormir às dez e se levantou às cinco para meditar, fazer ioga ou algo assim. Seguro que bebia

algo austero, como chá verde, em vez do café carregado com um montão de açúcar que se tomava ela para confrontar a loucura de seus dias. Imaginou fazendo ioga sem camiseta. Mas que fazia tendo pensamentos assim em um momento como esse? Como podia ser tão superficial?

Uma vocecita em seu interior lhe disse que o que procurava em realidade era uma distração. Nada melhor que um tio assim para abstrair da dor que sentia e seguro que era muito melhor que trabalhar sem descanso para esquecer-se da sensação de vazio. Lhe estavam empanando os óculos e notou que ele levava uns segundos falando, mas ela seguia olhando-o com a boca aberta e não se inteirou de nada do que dizia.

—Está a senhora D'Onofrio?

Não, por favor. Outra vez não. Sentiu que a alagava uma raiva irracional. por que narizes tocava a ela dizer-lhe a todo mundo? Ela foi a que encontrou o corpo, a que chamou à polícia, a que avisou a suas irmãs, a que o disse ao repartidor e a que tinha escrito o bilhete. Poderia lhe dar alguém uma pausa de uma maldita vez?

Ele não tem a culpa, recordou-se a si mesmo. Sacudiu a cabeça.

—Lucia morreu —grasnou.

Ele empalideceu.

—Como? Quando?

Tragou saliva, esfregou-se os olhos sob os óculos e o tentou de novo.

—A semana passada —disse com um nó na garganta—. O funeral foi ontem.

Ele esteve um momento em silêncio.

—Sinto-o muito —disse finalmente.

Não havia uma resposta adequada para isso. Era algo que tinha aprendido com dor durante essa semana. Respirou profundamente e disse:

—Eu também. Quem é?

—Sou Liam Knightly. O carpinteiro. vim para arrumar a casa.

—O que? Arrumar a casa?

—Não te contou nada das obras que pensava fazer?

—Não falamos as últimas duas semanas antes de sua morte.

—Tampouco eu falei com ela. Tínhamos ficado faz tempo.

Nancy ficou olhando ao caminhão, desconcertada.

—De verdade que não te disse nada? —perguntou ele, tirando-a chuva da cara—. Te importaria se me ponho debaixo do alpendre contigo? Estou-me impregnando.

—Claro que não —disse ela distraída—. Quer entrar? Convido a um chá ou um café. Se Lucia tiver chá, ou melhor deveria dizer tinha. —por que balbuciava outra vez como uma parva?

Sentiu que um sorriso que não se atrevia a mostrar aparecia aos lábios dele.

—Obrigado —disse—. Um momento, vou avisar ao Eoin.

—Também pode entrar —lhe disse enquanto se afastava. Comprovou que seu culo era uma maravilha, inclusive melhor do que tinha pensado.

—Não, é bastante tímido. Estará melhor no caminhão. —Knightly abriu a porta do caminhão e intercambiou umas palavras com seu subordinado. Viu-o retornar com passo grácil enquanto ela brigava com as chaves para tentar abrir a porta.

O aroma intenso das flores do funeral invadia o salão. Knightly seguiu ao Nancy até a cozinha, onde ela acendeu a luz. Nesse momento recordou o estado no que a tinham deixado a noite anterior: havia farinha e partes de massa por todos lados, uvas esmagadas no chão, tristes partes da schiacciata queimada amontoados na bandeja, as finas taças da Lucia pegajosas a causa do oporto e várias garrafas vazias abandonadas debaixo da mesa. Não lhe teria sentido saudades que ele pensasse que era uma bêbada. E um pouco cerda.

—Minhas irmãs e eu organizamos nosso próprio velório ontem à noite, com um pouco de oporto e bolo —se viu obrigada a explicar.

Ele assentiu.

—É o melhor que se pode fazer.

Levou-se a mão à dolorida cabeça.

—Isso nos pareceu ontem à noite. O que ia a…? Ah, sim! Quer chá ou café? —Começou a olhar nos armários.

—Chá, por favor. Se Lucia tiver, ou deveria dizer se tinha.

Deu-se a volta, duvidosa. Estava-a tentando provocar?

O sorriso que aparecia em seu olhar a desarmou e a ponto esteve de sorrir ela também, mas se parou bem a tempo. Não teria sido apropriado.

—Sabia que me pediria chá —murmurou—. O que prefere? Um chá verde, um chá negro, uma camomila…?

—Chá negro, por favor —disse—. Com açúcar e leite, se tiver. Minha família é irlandesa e o estamos acostumados a tomar assim.

—Minha família também vem da Irlanda —confessou sem saber por que, como se lhe importasse.

—Com esse sobrenome? —perguntou surpreso—. E Lucia…

—Era italiana, de pés a cabeça. —Nancy tirou uma caixa verde com chá negro irlandês da gaveta—. Este vai bem?

—Perfeito —lhe confirmou.

—Lucia nos adotou —continuou Nancy, enquanto procurava uma bule—. Eu tinha treze anos e Nell e Vivi chegaram um pouco depois. antes disso meu sobrenome era Ou'Sullivan… —as frigideiras fizeram ruído quando as empurrou—, o sobrenome de minha mãe. Não tenho nem idéia do sobrenome de meu pai, nem se era italiano ou de outro sítio. naquela época, tinha sorte ao ter um sobrenome.

—Não tem por que me contar estas coisas se não…

—Sentia-me muito afortunada de que Lucia me tivesse adotado —continuou falando com um pequeno tremor na voz—. Estava muito orgulhosa de que me quisesse. Levo sendo D'Onofrio mais da metade de minha vida, assim suponho que já sou italiana também. —foi agarrar uma das chaleiras do armário e atirou todos outros ao chão com grande estrépito. ficou olhando-os com a chaleira na mão. Sentiu como ele a agarrava pelos cotovelos e, com delicadeza, movia-a de onde estava e a sentava em uma cadeira.

—Já me encarrego eu —disse lhe tirando a chaleira da mão.

Verteu a água nele e o pôs ao fogo. Depois recolheu os cacharros que se cansado e os meteu no armário. Continuando, agarrou o açúcar, as taças, as colheres e o leite como se soubesse onde estava tudo, apartou o que havia em cima da mesa e colocou uma bolsita de chá em cada taça.

Nancy se tampou a boca com a mão e lhe deixou fazer. Knightly jogou a água quente nas taças e se sentou. depois de vários minutos sem que ela reagisse, jogou-lhe açúcar e leite:

—Bebe. O chá sempre ajuda.

Tentou sorrir e lhe deu um sorbito enquanto as lágrimas seguiam lhe escorregando pela bochecha, uma detrás de outra.

—Era uma senhora maravilhosa —disse Knightly com carinho—. Um diamante em bruto.

Nancy desejou haver-se deixado o cabelo solto. Mas não, tinha-o bem recolhido no coque e lhe via toda a cara compungida.

—Sim, é verdade.

Os ruídos da manhã passaram a primeiro plano: os carros que circulavam, a chuva contra o cristal… O vapor do chá escapava das duas taças quando Liam Knightly estirou o braço e lhe agarrou a mão. A sua se estremeceu baixo a dele e apesar de que sua primeira reação foi apartá-la não o fez porque não queria ser mal educada. Tinha sido tão pormenorizado com as lágrimas e o chá. Além disso, tinha uma mão agradável: grande, cálida e elegante.

—Perdi a minha mãe faz seis anos.

—OH, então sabe o que é.

—Sim, sei —disse.

As lágrimas a cegaram de novo. Ele guardava silêncio enquanto se bebia o chá e a agarrava da mão. Normalmente, sempre sentia que tinha que encher o silêncio, mas lhe deu o espaço que necessitava para respirar, chorar e poder vir-se abaixo. Não lhe importava que ela chorasse, não tinha pressa. Era estranho, disse-se a si mesmo, mas não queria que aquilo terminasse.

Deu-se conta de que este era o gesto mais íntimo que tinha compartilhado com alguém, além dos abraços de suas irmãs, desde que seu último noivo a tinha deixado. OH, demônios, inclusive pode que desde antes. Aquela maneira tão casta em que Liam Knightly lhe sujeitava a mão era mais erótica que algo que tivesse feito com o Freedy.

Este pensamento a fez ruborizar-se. De repente sentiu uma parte de tecido na mão com o que secá-los olhos, olhou-o e exclamou surpreendida:

—Não sabia que a gente seguisse utilizando estes lenços.

—Sou um antiquado —disse ele—. Meu pai os usava sempre.

Levou-se o suave pedaço de algodão aos olhos enquanto pensava que lhe teria gostado de estar mais bonita para ele e, de uma vez, sentindo-se parva por desejá-lo.

—O que aconteceu com Lucia? —perguntou-lhe.

Pergunta-a a tirou de seu ensimismamiento.

—Um ladrão entrou na casa. Estava sozinha e o susto e o medo deveram lhe provocar um ataque ao coração.

Ele apertou a boca.

—Que horror.

—Fui eu quem a encontrei —lhe disse—. Levava dois dias sem responder a minhas chamadas, assim devi ver se passava algo.

—Joder, teve que ser horrível. —Apertou-lhe a mão—. E o ladrão…? —Duvidou um segundo, com medo a perguntar—. Lhe fez mal?

Bebeu um sorvo de chá e negou com a cabeça.

—Parece ser que não. A fechadura estava rota, a televisão, o DVD e a equipe de música não estavam. Nem seu ordenador. Nem suas jóias. —esforçou-se por recompor-se e retirar sua mão de debaixo da do Liam—. Bom, do que tínhamos que falar?

Voltou a aparecer um sorriso sutil a seus lábios.

—Não há pressa.

—Imagino que seu tempo é dinheiro e não quero esbanjá-lo.

—Sou autônomo —lhe respondeu—. E não o vejo assim. Eu escolho em que emprego meu tempo, e tomar um chá e falar de um ser querido que morreu não é esbanjá-lo.

—Ah… —A acabava de chamar cagaprisas superficial e estresada sem dar-se conta?—. Ehhh, obrigado. Enfim, não sei o que acordou com a Lucia mas não…

—Que tal se lhe explico isso? —sugeriu-lhe amavelmente.

—Vale —murmurou, escondendo-se atrás de sua taça de chá.

Mostrou-lhe um papel que acabava de tirar do bolso. Era um plano da planta baixa da casa que continha notas escritas com a caligrafia reconhecível e elegante da Lucia. entristeceu-se com solo as olhar.

—íamos começar hoje as obras —disse—. Queria fazer as mudanças que vê aqui: renovar o alpendre com chão de teca, trocar a cozinha e os banhos, arrumar as escadas, aumentar os armários do primeiro piso, terminar o desvão e abrir um par de clarabóias.

—Vá —disse Nancy—. Sinto muito que tanto trabalho se esfumou. Imagino que tinha reservado bastante tempo para isto.

—Não se preocupe por mim. Tenho muito trabalho e para esta obra só tinha contratado a um ajudante. Mas tenho um montão de material no caminhão e outro tanto em casa pelo que Lucia já tinha pago e isso não se evapora.

—Como que já o tinha pago? —perguntou surpreendida.

—Temo-me que sim. Vinte e dois mil dólares.

Nancy ficou estupefata.

—Vinte e dois…? E não nos podem devolver o dinheiro?

Knightly ficou olhando fixamente sua taça.

—Não —disse resistente—. Conheço um tipo que tinha uma loja em liquidação. Fui com a Lucia faz umas semanas e nos levamos fornecimentos atirados de preço. Não nos podem devolver o dinheiro.

Nancy se arranhou a frente.

—OH, genial. Justo o que necessitava agora mesmo. Têm-me cansado em cima vinte e dois mil dólares de madeira e azulejos.

—Sinto-o —disse—. Nos levávamos bem e só tratei de que lhe saísse mais barato.

—Já, obrigado —lhe soltou mal-humorada.

Ele tamborilou na mesa.

—Tem duas opções: pode tentar vendê-lo tudo no EBay ou em alguma outra página Web ou pode seguir com a renovação da casa e aumentar seu valor. Embora não sei de quem é a casa —comentou com delicadeza.

—De minhas irmãs e minha —lhe informou.

—Solo ficam um par de coisas por pagar e a mão de obra. Recuperarão o investimento se a querem vender.

Nancy se mordeu o lábio.

—Nem sequer pensamos ainda nisso —disse—. O funeral foi ontem. Não temos nem idéia, de verdade.

Levantou as mãos.

—Sinto muito. Não queria te pressionar.

Seu tom tranqüilo a envergonhou. Aquilo não era culpa do Liam. Custava-lhe pensar com claridade e não parava de perder o fio de seus pensamentos e da conversação.

—vou falar com minhas irmãs. Importaria-te esperar enquanto as chamo?

Deixou sua taça em cima da mesa e se levantou.

—Claro que não. Quer que vá para que chame?

—Não faz falta. Sente-se, por favor. —Marcou o número do Vivi enquanto o fazia um gesto para que se sentasse. Nell, o rato de biblioteca, nem sequer tinha móvel. Pensava que os móveis eram perversos, molestos e provavelmente cancerígenos. Odiava-os de tal maneira que se negava a levar um, nem que o dessem de presente. Isto voltava loucas a suas irmãs, para sua diversão.

—Sim? —respondeu Vivi, com voz alarmada—. Está bem?

—Estou bem, mas acaba de surgir outro problemilla. —Nancy lhe resumiu a situação e esperou a que Vivi o contasse ao Nell.

Suas irmãs estiveram discutindo-o um ratito, embora Vivi demorou muito pouco em lhe notificar o veredicto.

—Acreditam que se Lucia queria renovar a casa e até tinha ido comprar o material, deveríamos respeitar seus desejos. Mas não tenho dinheiro agora mesmo para pagar a mão de obra. —Ouviu o Nell dizer algo ao outro lado do telefone—. Nell tampouco —acrescentou Vivi.

—Vale. Então pedirei um empréstimo. Até mais tarde, carinho.

—Vemo-nos esta noite às oito —lhe recordou Vivi, com tom resistente.

—De acordo —respondeu Nancy justo antes de pendurar—. Bom —comentou ao Knightly —, minhas irmãs e eu queremos seguir com o plano da Lucia mas não temos nem um duro. Acredito que Lucia tinha um pouco de dinheiro, mas não sei nem quanto nem quando estará a nossa disposição. vou olhar se posso pedir um empréstimo a meu nome, mas até que o tenha…

—Estupendo, pois vamos começar —afirmou ele—. Já me pagará, quando o arrumar.

Olhou-o surpreendida.

—Está seguro de que é uma boa idéia? Não sei quando poderei te pagar. Não quero te pôr

em um apuro.

Fez-lhe um gesto despreocupado.

—Posso cobrir os gastos durante um par de semanas. Solo estamos Eoin e eu, por agora. Depois já veremos.

—Mas solo te posso dar minha palavra.

Brilharam-lhe os olhos por cima da taça.

—Isso me basta.

—Mas se nos conhecemos há quinze minutos —lhe recordou.

Knightly olhou seu relógio.

—Dezoito minutos. Suficientes para confiar em ti.

Tinha um olhar magnético que apagava de um colchão qualquer tipo de pensamento coerente que lhe passasse pela cabeça. Todos menos um.

Uf! Como podia ficar a tremer? A explicação era que estava afligida, seguro que seu bom julgamento se transtornou e por isso se imaginava que existia tensão sexual entre os dois. Ou talvez não o estava imaginando, e isso era muito pior. Para começar, ele era muito grande e muito macho alfa, por muito amável e educado que parecesse. Sempre tinha fugido desse protótipo como da peste. Podia-os detectar por muito que se disfarçassem: em traje, em uniforme militar, em jeans ou em macaco de trabalho. A força de sua masculinidade me chocava contra sua pele; quanto mais sutil, mais perigosa. Não é que esta característica fora má. Sabia que formava parte de sua personalidade, como seu cabelo moreno ou seu culo bonito. Mas mesmo assim, era ela a que mandava sempre: nas relações, no amor e no sexo. Isto último não era negociável e um tio assim definitivamente quereria estar por cima. Não literalmente, claro.

Apartou a vista e seu olhar caiu sobre o pacote da toalha que acabava de comprar. Bem, tinha encontrado algo que fazer: agarrou o pacote, abriu-o e se dirigiu ao salão. Knightly a seguiu, enquanto bebia de sua taça tranqüilamente, balançando-a entre as mãos. Ela, com os nervos, já se tinha acabado todo o chá. Observou-a enquanto desdobrava a toalha e o forte aroma do plástico ocultou até o aroma que desprendiam as flores do funeral. Começou a colocá-lo cuidadosamente sobre a mesa lavrada da Lucia.

—Sei que não é meu assunto —disse Knightly—. Mas por que está tampando a mesa com essa coisa tão horrível?

Nancy se deteve um momento.

—Minhas irmãs e eu nos levamos as peças de arte, mas esta mesa não nos cabe em nenhum sítio, assim pensamos que o melhor seria lhe pôr isto em cima para camuflá-la, se por acaso os ladrões vêm outra vez. Contou-te Lucia a história desta mesa?

—Disse-me que os oficiais das SS a usaram durante a ocupação nazista —lhe respondeu—. Que converteram o palacete de seu pai em seu quartel geral.

Nancy estava surpreendida. Lucia não estava acostumada lhe contar a história familiar a todo mundo.

—Eles foram os que fizeram estas marcas —disse enquanto repassava com o dedo alguns dos arranhões brutais que danificavam a delicada talha de flores.

—É incrível —comentou—. É uma parte de história.

—Sabe que o pai da Lucia era conde? O conde de Luza, o que quer dizer que em teoria Lucia era uma condessa embora vivesse quase toda sua vida aqui em Nova Iorque. —Estava balbuciando outra vez, mas se sentia bem ao falar da Lucia. Como a válvula de uma panela a pressão que deixava sair um pouco de vapor.

—Não me surpreende que fora condessa —disse Knightly—. Se notava que tinha muita aula.

Nancy deixou escapar outra onda de lágrimas enquanto terminava de colocar a toalha com um tironcillo nervoso.

—Sim. —Com cuidado, dispôs a planta de jade no centro—. Já está. O que te parece?

—Uma horterada —julgou.

—Obrigado —murmurou Nancy.

Knightly acariciou a mesa com cuidado, como se estivesse viva.

—Algum dia eu adoraria estudá-la. Descobrir como as arrumou o entalhador.

—Para que?

—Para fazer uma peça que depois de quatrocentos anos ainda segue intacta. Isso sim que é talento.

Deu meia volta e se dirigiu à cozinha para deixar a taça. Nancy ficou vendo como se afastava e seu olhar se topou com as fotos da Lucia. Esperou a que reaparecesse.

—Como sabia quem sou? —perguntou-lhe.

Um sorriso sutil lhe iluminou os olhos.

—Lucia me ensinou fotos e me contou coisas de ti, gostava de presumir de filha.

Uma escura suspeita lhe cruzou a mente.

—Como que presumia de mim? —repetiu devagar—. O que quer dizer? O que te disse?

—Que trabalha muito e deixa que todo mundo se aproveite de ti. Que vive em um apartamento rodeada de Anjos do Inferno, drogados e criminais meio pirados. Que dá a impressão de ser controladora e mandona, mas que te esforçaria por ajudar a qualquer, inclusive se fosse um desconhecido.

—Vá. Já vejo onde vamos parar… —se queixou Nancy com uma careta.

—Que não está casada, que viria a seu aniversário e que queria que nos conhecêssemos —terminou.

—Não me diga. —Notou como lhe subiam as cores—. Miúda lianta.

Lucia nunca teria organizado algo assim com alguém que não lhe conviesse e um rápido olhar à mão esquerda do Knightly confirmou que não estava casado. Mas a tinha pilhado olhando e o sorriso dele se aumentou, ao tempo que a vergonha dela.

—Sinto muito que minha mãe te tentasse meter neste embrulho. Lucia não podia suportar que esteja solteira.

—Sim, isso me pareceu. É estranho.

Cobriu-se as bochechas com as mãos, tinha-as ardendo.

—O que é estranho?

—Que esteja solteira. Não é como esperava.

Não pergunte. Não pergunte. Não…

—Ahhh, e o que esperava?

—Bom, me disse que foi bonita. Isso o pude ver nas fotos. Mas tem algo que não se pode adivinhar pelas fotos.

Bonita? minha mãe. Uma energia selvagem começou a expandir-se por seu corpo e nem sequer a havia meio doido. De repente, começou a imaginar-se como seria se o fizesse e todo seu corpo se estremeceu. Estranho que estivesse solteira? Se ele soubesse. Controlou a voz para que não lhe tremesse.

—Não diga tolices.

—Quem está dizendo tolices?

Olhou para outro lado, alterada. Não tinha nem idéia do que lhe podia responder.

—Sinto-o —disse Liam em voz fica depois de um momento—. Não posso acreditar que te esteja dizendo algo assim em um momento como este. Por favor, esquece-o.

—Não passa nada —murmurou ela. Claro, como se agora pudesse esquecê-lo.

A intimidade natural que tinha sentido com ele se dissipou e, enquanto se intercambiavam os números, ele se manteve frio e distante. Descarregaria todos os fornecimentos esse dia com ajuda do Eoin e começariam a trabalhar na cozinha ao dia seguinte. Ela tinha que empacotar e ordenar todos os trastes da cozinha antes de que ficassem mãos à obra, assim ficaram a uma hora a manhã seguinte. Sem mais.

Não gostava de muito ter que lhe dar as chaves da Lucia a alguém ao que acabava de conhecer, mas em certo modo lhe reconfortava saber que haveria alguém na casa. Odiava deixá-la vazia.

depois de lhe dar as chaves já não havia razão para ficar ali. Agarrou com cuidado a estátua de bronze e se dirigiu para o carro. sentiu-se culpado por estar molesta com a Lucia por ter tentado atá-la com o carpinteiro. Jogava-a tanto de menos! Estava tão vulnerável, débil e se desesperada por centrar sua atenção em qualquer outra coisa. Já levava bastante mal o das entrevistas e o amor antes de que Lucia morrera, assim agora não queria nem pensar nisso. Pode que Lucia lhe tivesse contado ao Knightly sua cadeia de desastres amorosos e esse pensamento a revolveu por dentro.

A primeira vez que seu noivo a deixou, passou-o mau; a segunda vez, pior. A terceira tomou com filosofia. Pode que tivesse que resignar-se a não ter filhos e conformar-se com um montão de gatos ou fazer como Lucia, que adotou várias meninas já crecciditas que necessitavam um lar. Há diferentes maneiras de ter uma família. Uma mulher não necessita que sua vida gire em torno de um homem e estava claro que os homens não desfrutavam sendo o centro de sua vida. Não era um lugar nada cômodo.

Lucia e suas irmãs odiavam ao Freedy, a Rum e ao Peter. Mas era culpa deles que se houvessem desenamorado? Não escolhe querer ou deixar de querer e ela não queria estar casada com um homem que não a amasse.

Secou-se os olhos com a manga do pulôver. Devia-lhe faltar algum tipo de talento inato das mulheres. Deveria praticar a pôr ojitos e sorrir a cada uma de suas palavras, para lhes aumentar o ego.

Não lhe tinha dado tempo a fazer essas coisas porque tinha estado ocupando-se de suas carreiras, vigiando que se tomassem as vitaminas e lhes emparelhando os meias três-quartos.

Freedy lhe disse que era muito controladora, Rum que era muito obsessiva e Peter assinalou que era muito prosaica. Ele necessitava a alguém que o seguisse a um mundo de sonhos cheio de magia e ela estava muito maça a este mundo.

Não parecia que lhe importasse em que mundo vivia ela, enquanto lhe buscava atuações bem pagas. Vê-la esforçar-se para promover sua carreira musical não lhe punha nada. Ela, tão prática e controladora, com esse telefone que não parava de soar e arruinava os momentos de criação. Pobrecito! Entretanto, não lhe guardava rancor…

Esse estado de vulnerabilidade derivou em um ataque de honestidade. ficou olhando à estrada, com os olhos vermelhos. O maior problema de suas relações era o sexo, sempre o tinha sido. Não gostava de perder o controle, que a apertassem nem que a toquetearan. Quando alguma situação a ultrapassava em qualquer sentido, físico ou emocional, convertia-se em um témpano de gelo: frio, distante e inalcançável. Não lhe surpreendia que seus amantes se impacientassem ante esta situação.

Solo pensar em ter uma conversação sobre seus problemas íntimos com o Liam Knightly a aterrava. depois de que Freedy se fora, prometeu-se que não voltaria a apaixonar-se. O celibato era menos doloroso: não se tinha que depilar, nem levar roupa interior incômoda nem tomar a pílula.

Mas a intensidade com a que a olhava Knightly a fez sentir como se ele tivesse descoberto algo que ela ainda não conhecia de si mesmo e queria voltar a vê-lo para assegurar-se de que tinha sido algo passageiro que não voltaria a passar.

De todas formas, sua relação estaria condenada ao fracasso. Esse tio era muito grande e emanava um controle que a fazia sentir vulnerável inclusive quando estava totalmente vestida e na outra ponta da habitação. Não podia imaginar-se como sentiria essas vibrações se estivessem nus, pele contra pele…

Mierda! Deu um frenazo ante um semáforo em vermelho. Ela, Nancy D'Onofrio, que podia fazer vinte coisas de uma vez, não podia nem sequer pensar nesse homem enquanto conduzia.

## Capítulo 2

_

Liam seguiu ao carro do Nancy com o olhar mas a conexão se rompeu quando a luz dos faróis se perdeu detrás da esquina. Pelo menos pôde reprimir o impulso de sair correndo detrás dela. Sem dúvida era quão único tinha podido controlar.

Soprou pensando em que lhe tinha pilhado despreparado. Baixou as escadas rapidamente e se meteu no caminhão onde Eoin, o inocente menino irlandês que trabalhava para ele, lançou-lhe um olhar interrogante.

—Então, o que fazemos?

Liam se encolheu de ombros.

—vamos fazer o trabalho.

O moço abriu seus grandes olhos azuis como pratos, surpreso.

—A filha quer seguir adiante com as reformas?

Assentiu e apertou o punho, recordando o tato da mão fria e delicada do Nancy D'Onofrio. Eoin o olhou de esguelha, o cabroncete se deu conta.

—Está boa, né? —comentou.

—Acaba de enterrar a sua mãe —grunhiu Liam.

Eoin murmurou uma desculpa que lhe fez sentir-se como um hipócrita. depois do que havia dito ao Nancy, não tinha direito a lhe recriminar nada ao menino. Em que narizes estava pensando? Tinha tentado ligar com uma mulher que acabava de enterrar a sua mãe! Ainda levava a roupa do funeral e tinha os olhos inchados de chorar. Seguro que tinha pensado que era um desses brutos que aproveitam qualquer momento débil para atacar. Como tinha podido dizer tantas tolices sem parar-se a pensar. Joder, imaginava babando como um cão quando lhe disse quão bonita era.

Lucia D'Onofrio era uma senhora com classe, divertida, inteligente e com um humor ácido e mordaz que recordava a sua própria mãe. Embora solo a tinha conhecido fazia umas semanas, sentia-se como se lhe tivessem arrebatado algo. Estava muito zangado e lhe fervia o sangue. Um puto ladrão… Parecia uma brincadeira de mau gosto.

—Bom…, o que quer fazer? —perguntou Eoin com cautela.

—Esperar a que pare de chover de uma puta vez —respondeu Liam.

Eoin se apartou e ficou encolhido em seu assento enquanto Liam amaldiçoava pelo baixo.

—Sinto muito. É que… estou muito cheio o saco pelo da senhora D'Onofrio. Não é tua culpa.

—Não passa nada —disse o menino com paciência—. Não se preocupe.

Liam se levou a mão ao bolso, acariciou o cartão do Nancy D'Onofrio e a tirou para observá-la. Seu nome estava impresso em letras curvas e atrativas que destacavam sobre o fundo de cor nata. Recordavam a ela, atrativa e com curvas.

A guardou no bolso antes de que Eoin o pilhasse olhando-a. Não lhe estavam acostumados a gostar das mulheres de luto. Parecia-lhe um look muito afetado, mas no Nancy resultava natural. O vestido negro e ajustado ficava como uma luva e ressaltava a palidez de sua pele e o mogno de seu cabelo. Levava todo o cabelo estirado para trás em um coque apertado que deixava ver cada detalhe de seu rosto. Essa imagem tão severo solo podia lhe sentar bem a alguém com umas facções perfeitas. Ela era uma sensual ama de chaves e ele queria ser o senhor da casa que, sem escrúpulos, pusesse-a brincalhona. adoraria reproduzir essa cena.

Poderia ficar lhe olhando a cara durante horas e nunca lhe acabariam os detalhes novos que admirar. Suas bochechas pareciam muito delicadas e suaves. Era como uma dessas garotas de corpo

perfeito que apareciam nos filmes do James Bond. Uma mulher fatal com a que sonharia qualquer homem, mas com a que terei que tomar cuidado.

Sim, claro, e pagar a mão de obra de seu próprio bolso durante não se sabe quanto tempo também era um sonho. Mas faria o que fora por vê-la outra vez. Era como um animal ao que tinham ferido e agora se mostrava fugidio e cauteloso. Conquistá-la seria como tentar pescar com suas próprias mãos. Miúdo idiota parecia.

Abriu a porta com brutalidade.

—vamos começar —grunhiu.

Eoin ficou olhando a chuva que caía sobre o pára-brisa. ia dizer algo, mas o pensou melhor e o seguiu sem pigarrear.

Enquanto descarregava o material, Liam começou a autoconvencerse de que perseguir o Nancy D'Onofrio seria uma perda de tempo. Não estava interessado em uma mulher enganchada ao trabalho e à cidade. Tinha muito claro o que queria: deixar de confusões passageiras e encontrar a alguém com quem casar-se que compartilhasse seu estilo de vida.

Tinha o exemplo de seus pais para saber o que aconteceria não se guiava por essa norma. Sua mãe sempre tinha querido ter uma família grande e ruidosa mas a seu pai só interessava o trabalho. Era um homem ambicioso que não tinha tempo para sua família: nem para o Liam, nem para dever comer a casa nem para estar em férias.

Sua mãe tinha suplicado, conspirado e insistido durante anos, até que se deu conta de que não trocaria nunca. Naquele momento o jogou e ficou com o Liam, quem não havia tornado a ver seu pai desde que tinha onze anos. Tampouco é que antes o visse muito.

Sua mãe chegou a encontrar o tipo de homem que queria, mas Liam nunca chegou a esquecer sua decepção. Tinha-a gravada no cérebro e, quando chegasse o momento, sabia o que tinha que procurar. Ele era uma pessoa tranqüila, ambiciosa a sua maneira, mas a menor escala. Gostava de viver no campo, não ter um chefe ao que prestar contas e organizar-se ele mesmo seu trabalho. Gostava de tocar em uma seisiún em pubs irlandeses, em concreto o violino e a flauta, e ficar com os amigos para beber um par de pintas de vez em quando. adorava cuidar de seu jardim e de sua horta. Algum dia, quando pudesse permitir comprar um terreno maior, gostaria de construir uma casa com suas próprias mãos e comprar um par de cavalos para que seus filhos os pudessem montar. Seria uma casa grande e cômoda. Cheia de curvas, meninos, ruído, cor e vida.

Tinha pensado muito na mulher que encaixaria nessa vida perfeita e não lhe importava se não era um bellezón. Era mais importante que fora boa pessoa, generosa e maternal. Que gostasse de fazer coisas com as mãos: cozinhar, fazer sua própria geléia e assar pão.

Mas agora solo podia pensar com o rabo e ao rabo lhe importavam pouco essas histórias. Queria o que queria, e o que queria era follarse a aquela mulher fatal magra e picante de olhos enormes e misteriosos. Apesar de que levasse uns óculos muito modernas e botas de salto bicudas.

Seguro que Nancy D'Onofrio não tinha nem idéia de como fazer pão. Lhe teria surpreso que soubesse fritar um ovo. Era do tipo de mulher que se alimentava de palitos de cenoura e sushi, embora, isso sim, o resultado lhe parecia espetacular. Gostava de suas costas reta, sua cabeça erguida, seu queixo alta. Gostava de sua maneira de caminhar, a forma em que lhe ressaltavam os omoplatas e como lhe ajustava a chaquetilla. As curvas delicadas de seu lábio superior e a exuberância do inferior. Queria alisar com seus dedos a ruga de ansiedade que aparecia entre as sobrancelhas. Não podia parar de pensar naqueles olhos de amêndoa: escuros, cheios de tristeza e de secretos.

Problemas. Tristeza, escuridão e secretos significavam problemas. A voz de sua consciência lhe estava falando mas ele estava muito absorto em sua fantasia para escutá-la. Talvez estava muito magra…; adoraria contemplá-la com quatro quilogramas mais.

Mierda! Sem dar-se conta tinha atirado uns lírios brancos que agora estavam pulverizados pelo chão. Colocou a caixa que levava nos braços onde estavam as demais, recolheu as flores que se cansado e as atirou. Seu aroma, doce e forte, recordou-lhe ao funeral de sua mãe.

Não importava o atraído que se sentisse pelo Nancy D'Onofrio. Lucia já lhe tinha contado que era uma viciada no trabalho e ele sabia que estava geneticamente engendrada para fazê-lo infeliz. Entretanto, seu entrepierna não o via igual e só se concentrava em seu culo e na saia ajustada que levava. As tetas também eram bonitas. Pequenas mas com personalidade própria. Os mamilos se deixavam perceber através da malha do vestido. Uau, deu-se conta de que não levava prendedor. Bom, já estava bem. Tinha trinta e sete anos e ainda não tinha encontrado a sua alma geme-a. Buscava-a sem pressa, não estava desesperado por encontrar a alguém, e preferia esperar a que o destino fizesse seu trabalho, mas não podia perder tempo e energia em uma confusão. Se queria ter uma família numerosa tinha que escolher bem. Além disso, os cilindros que não foram a nenhuma parte pareciam muito deprimentes.

Retornaram a sua casa já pela tarde. Estavam exaustos, famintos e cheiravam mal depois de passar todo o dia movendo caixas em silêncio e fazendo viagens ao Latham para recolher o material. Nem sequer tinham comido.

Pôs a chaleira no fogo para fazer um chá para os dois. Eoin, a quem alugava o porão, ficou a cozinhar uns hambúrgueres, ou isso pareciam. Estavam tão queimadas que era difícil sabê-lo, mas as rodelas de tomate, o kétchup, o queijo e o pão que tinha disposto sobre a mesa pareciam indicá-lo. Liam se aproximou e apagou o fogo da cozinha.

—Está fazendo a comida?

—Há uma para ti, se gosta de —respondeu Eoin com acanhamento.

—Terá que pôr o fogo menos forte —lhe aconselhou.

A cara sardenta do Eoin avermelhou.

—Sinto muito.

—Falando de cozinhas, encontrei uma de segunda mão para ti. Se quiser a posso baixar ao porão quando terminarmos de comer.

—Genial. A partir de agora não terei que te incomodar cada vez que me faça um chá —respondeu Eoin.

—Não me incomodaste nunca —grunhiu Liam.

—Obrigado de todas formas: pelo trabalho, a casa e a cozinha —disse Eoin com seriedade. Deixou o prato de hambúrgueres ressecados em cima da mesa—. Vai a seisiún do Malloy's na sábado de noite?

—Ao melhor. E você?

—Pois claro. estive praticando a canção que nos ensinou a semana passada e quero ver como fica com o grupo.

—Vale, iremos ao Malloy's na sábado —lhe prometeu Liam.

Cada sábado, de dez a dois, um grupo variopinto e com talento ia a este pub de Queens para tocar uma seisiún, sessão de música tradicional irlandesa. Liam tentava aproximar-se sempre que podia, a não ser que tivesse muito trabalho, mas Eoin não se perdia uma, chovesse ou nevasse. Era muito bom com a gaita de fole irlandesa, nunca tinha escutado a ninguém como ele, tocava como um profissional.

Não obstante, para comer tinham que trabalhar, assim que as canções e as Guinness teriam que esperar. O que lhe recordou que para na sábado ainda ficavam dois dias e que manhã voltaria a ver o Nancy, já que começavam a trabalhar em sua casa.

Levantaria-se cedo para ajudá-la a mover caixas e envolver os pratos em papel de periódico até que chegasse Eoin. emocionou-se sozinho de pensar em passar mais tempo a sós com ela.

—Está bem? Parece distraído —perguntou Eoin.

Liam tragou com dificuldade.

—Não, o que vai, é que me acabo de acordar de algo que tenho que fazer. Baixamos a cozinha?

—Claro.

Liam fez todo o possível por manter-se ocupado: instalou a cozinha, esfregou o chão, limpou

a parte de atrás do caminhão, desentupiu o canelone que se taparam com a chuva e ordenou a gaveta onde guardava a roupa interior.

Isto foi o que lhe fez ver a crua realidade. Dobrando cueca com a gaveta no regaço se deu conta de que não podia tirar-se ao Nancy da cabeça…

Estava perdido.

Bip, bip, bip. Quando soou o despertador, John Esposito alargou o braço do sofá e o apagou com raiva. Joder, solo eram as doze menos cinco mas tinha posto o alarme para assegurar-se de que estaria aos cem por cem para falar com o Haupt.

A verdade é que não dormia muito enquanto estava trabalhando e tampouco o necessitava. As perseguições, os interrogatórios, os castigos e as execuções lhe contribuíam a adrenalina necessária para manter-se acordado. Desfrutava muitíssimo com seu trabalho e uma vez que a função tinha terminado e tinha o dinheiro a boa cobrança era capaz de dormir durante duas semanas seguidas.

apareceu à janela e olhou ao outro lado da rua. Depois revisou os monitores mas não tinha passado nada. A noite que morreu a condessa tinha instalado oito câmaras por toda a casa enquanto ela exalava seu último fôlego no chão do salão. No salão, na cozinha, nos banheiros, no porão e nas três habitações do primeiro piso.

Se desperezó e se levantou esperar a chamada do Haupt, que não demoraria. Não sabia muito dele, solo que lhe oferecia muito dinheiro e que se fracassava seria ele quem o pagaria caro. Mas não estava preocupado por isso, era todo um profissional e essa era a razão pela que cobrava o que cobrava.

O trato que tinha feito com seu cliente era um pouco complicado, havia-lhes flanco chegar a um acordo. Normalmente recebia a metade do dinheiro adiantado, mas do Haupt só tinha conseguido um terço mais os gastos; o resto não chegaria até que tivesse terminado o encargo. Não obstante, era tanto que tinha decidido que merecia a pena. Não tinha previsto quão pesado ia ser Haupt. Era pior que lutar com sua própria mãe.

Não tinha sido culpa dela que a condessa tivesse morrido de um ataque ao coração antes de que pudesse interrogá-la; entretanto, seu chefe não estava nada contente. Nunca tinha pensado em aprender primeiros auxílios para esse tipo de trabalho. Gostaria de castigar à velha ardilosa. Nenhuma mulher o jodía, nunca.

Seu único consolo era pensar nas guarradas que ia fazer às filhas da condessa. Não sabia qual gostava mais. Certamente, tentariam joderlo também e, se esse era o caso, estava mais que preparado para elas.

Mandou ao Haupt um segmento do vídeo da festa da cozinha da noite anterior, mas a seu chefe a suavam as garotas, o único que lhe tinha interessado eram os pendentes.

As três cartas que John se levou de casa da condessa faziam referência a uns pendentes, mas não eram nada claras. John tinha examinado todas as jóias que se levou da casa da Lucia D'Onofrio e não tinha encontrado nenhum elemento que as relacionasse com as cartas, assim que as tinha enviado ao Haupt; entretanto, o velho bode não tinha conseguido tampouco decifrar a mensagem.

Por lógica, os novos pendentes podiam ter a chave. Vá mierda de cartas, estavam cheias de pistas ocultas para putearlo. A música abrirá a porta. Que coño queria dizer isso? Solo poderão decifrar o enigma se permanecerem juntas, tinha escrito a estúpida bruxa. Necessitarão beleza, fé e sabedoria mas sobre tudo amor, que é a chave de todos quão secretos merecem a pena.

Vá panaquice. Beleza, fé, sabedoria e amor? Seu trabalho não tinha nada que ver com isso. As tinha mandado por fax a seu chefe, que tampouco tinha tirado nada em claro. De todas formas, John ainda tinha agarra na manga. Com o incentivo adequado, guardado na caixa negra de debaixo de sua cama, as filhas poderiam decifrar o que sua louca mãe queria lhes dizer nas cartas.

Que lista a velha, dando por tiro da tumba. rangeu-se os nódulos, gostaria de lhe apertar

aquele pescoço velho e enrugado com as mãos mas se recordou a si mesmo que os de suas filhas eram suaves como o veludo. Poderia vingar-se da Lucia através delas e passar-lhe bem enquanto o fazia. Agarrou o telefone, seu relógio interno o avisou de que faltavam segundos para meia-noite: quatro, três, dois, um… Riiiing. Bem a tempo.

John desprendeu.

—Sim?

—Tem alguma novidade? —disse uma voz suave com um ligeiro acento alemão—. Espero que tenha algo melhor que umas mulheres lloronas.

John tentou acalmar-se pensando no número de ceros que levaria seu cheque.

—Não, só que vão renovar a casa, começarão amanhã pela manhã.

—Agora vão fazer obras? —A voz acalmada e grave que sempre escutava ao outro lado da linha se fez mais aguda e isto o alegrou—. tornaste a registrar a casa?

—Sim. depois de que os carpinteiros começassem a…

—Como? Carpinteiros? Já começaram?

—Solo descarregaram o material —respondeu John—. Começam amanhã.

—Pelo menos terá pego os papéis dos pendentes como te pedi.

O que queria dizer esse «pelo menos»? Estava sugiriendo que tinha feito algo mal? Vá gilipollas.

—É obvio —disse John com voz tranqüila—. Encontrei o comprovante da entrega. Já tenho a direção da loja e da casa do joalheiro.

—E? —perguntou Haupt.

—Como que «e»? Já é tarde, o joalheiro deve estar jantando ou atirando-se a seu amante, assim pensei esperar a…

—Esperar a que? A que ponham a casa patas acima e não possamos encontrar nada? O que vamos fazer então, John? O que vamos fazer?

O imbecil o voltou a interromper quando ia falar.

—Se os pendentes formarem parte da adivinhação da condessa, as filhas não sabem nada. A condessa está morta, graças a ti…

—Eu não a matei! —protestou John—. Só acabava de…

—A pessoa que deve ter mais informação agora mesmo é o joalheiro! —gritou o alemão.

John soltou ar pelo nariz.

—De acordo, irei amanhã e…

—Não deixe para amanhã o que possa fazer hoje.

—Agora? Mas se for mais de meia-noite e ia…

—Sei que horas são. depois de meia-noite é o melhor momento para interrogar a alguém e para outras muitas coisas, já sabe, John.

John se parou a pensar um momento sobre a nova ordem.

—Está dizendo que… me carregue isso?

O homem suspirou, como se John o aborrecesse.

—Quando lhe recomendaram, disseram-me que não teria que lutar com estas decisões.

John chiou os dentes.

—Já me encarrego.

—Não quero que comecem as obras até que não saibamos algo mais.

Um músculo se crispou na bochecha do John.

—Pois não os posso deter sem atá-la. Quão único poderia fazer para atrasá-lo é que o carpinteiro tivesse um acidente…

—Não. Não quero mais mortos dos estritamente necessários. Faz como se fora outro roubo e destroça a casa. Assim os atrasará e poderá procurar mais a fundo…, embora não tenho muita esperança depois de todos seus fracassos.

—De acordo. Até manhã —respondeu John, depois de uma pausa tensa.

A chamada se cortou e John pendurou o telefone. Ao trabalho.

Tirou a caixa de plástico negra de debaixo da cama. Estava cheia de raridades que tinha acumulado durante os anos, objetos que tinha feito ou adaptado ele mesmo e inclusive algumas antiguidades. Selecionou alguns de seus favoritos e encheu uma bolsa. Pensava no futuro interrogatório: suas facas e ganchos, o joalheiro gritando, suplicando… Nesse momento necessitava algo que o animasse. Entretanto, primeiro tinha que acontecer a casa da maldita condessa.

Escolheu uma barra de ferro. Não eram mais que objetos, mas lhe destroçá-los faria sentir-se bem. Era o começo de momentos mais quentes, suaves e suculentos.

## Capítulo 3

–

Nancy lhe deu um gole comprido ao café, terminou de acrescentar as últimas correções para a carranca do CD do Peter e apagou o ordenador. ia chegar tarde. Nesse momento, Moxie lhe passou entre as pernas e Nancy a agarrou do chão e enterrou a cara na pelagem do animal. Tinha a seu gatita abandonada e hoje não ficava mais remedeio que deixá-la só outra vez. Devia ir a casa da Lucia e guardar tudo o da cozinha antes de que começassem as obras.

Não tinha pedido a suas irmãs que viessem a ajudá-la. De todas formas hoje não teriam podido já que Nell dava classes toda a manhã e pela tarde trabalhava de garçonete e Vivi estava em uma feira de artesanato ao norte do estado. É obvio, Nancy tinha trabalho pelo menos para três dias, mas o tinha cancelado tudo para ir. A verdade é que preferia ver o Liam a sós, não podia suportar a idéia de que suas irmãs notassem a tensão sexual que havia entre eles e seguro que o fariam, tirariam suas próprias conclusões e se meteriam com ela ou, pior ainda, preocupariam-se com ela.

Bom, primeiro tinha que ver o que ficava. Os jeans e a camiseta nos que se embainhou depois de tomar banho eram perfeitos para limpar e guardar cacharros de cozinha, mas não podia ver o Liam Knightly com essas pintas. Moxie não parava de miar nem de esfregar-se contra o montão de roupa que ia deixando em cima do sofá. Finalmente escolheu umas calças negras de cigarro e uma blusa de algodão branca rodeada na cintura e que se abotoava até o pescoço. Solo deixou o último botão aberto para mostrar seu precioso pendente de safiras e assim acrescentar um pouco de cor. Queria conseguir uma mescla de ingenuidade e sensualidade muito sutil e feminina.

Provou doze penteados distintos para ao final, desesperada-se, deixar o cabelo como sempre o estava acostumado a levar: estirado para trás e terminado em uma trança. ficou um pouco de laca para que ficasse totalmente pego e que seu aspecto sugerisse que não estava ali para ligar. um pouco de antiojeras, máscara de pestanas marrom e um pingo de azeite de sândalo que lhe desse um halo de mistério. olhou-se ao espelho e desejou que a ruga de ansiedade que aparecia entre suas sobrancelhas pudesse desaparecer. Também se perguntou o que estava tentando conseguir: se que ele fizesse um avanço ou que retrocedesse.

Fora o que fora, já eram as oito e vinte e enquanto ela perdia minutos em tolices, estava esbanjando o tempo dos dois. ficou os óculos e sorriu ao espelho. Tacham!

Agarrou ao Moxie e enterrou outra vez a cara em sua pelagem enquanto lhe sussurrava:

—Sinto muito, tenho-me que ir correndo mas te compensarei. Prometo-lhe isso.

Nesse momento seu móvel começou a soar e, embora esteve a ponto de ignorá-lo para não chegar mais tarde, impôs-se seu profesionalidad. Possivelmente era mais adequado chamá-lo paranóia obsessiva. Dependia de quem o dissesse. Desprendeu o telefone.

—Diga?

—Nancy? Sou Liam Knightly.

Moxie fez um ruidito quando lhe caiu do braço, que lhe tinha ficado frouxo.

—Né, olá. Está já na casa?

—Sim e eu…

—OH, mierda. Devo ter entendido mal a hora a que tínhamos ficado. Chego tarde, verdade? Sinto-o muito mas…

—Nancy —a cortou com voz séria—, passou algo.

—Como? —começou-se a estender um frio estranho por seu estômago e suas pernas—. O que quer dizer?

—tornaram a entrar na casa.

—Outra vez? Não é possível.

—Passei com o carro de caminho ao bar onde tomo o café da manhã para ver se já estava ali —lhe explicou—. Queria varrer antes de que chegasse porque ontem enchemos o chão de barro. A porta estava aberta pelo que pensei que tinha podido ir em outro carro e entrei.

O silêncio eloqüente dele a assustou e notou como começava a tremer.

—E?

—A casa está destroçada —resumiu.

Nancy se derrubou para ouvir suas palavras. Caiu de joelhos ao chão; não se podia levantar por muito que o tentasse. O telefone se cansado junto ao bol de comida do Moxie e havia bolinhas com forma de peixe pulverizados pelos ladrilhos brancos e negros. Notou que o estou acostumado a estava frio e escutou a voz do Liam Knightly na lonjura, ao outro lado do telefone. Apoiou o quadril no chão para poder sujeitar-se com uma só mão e agarrar o aparelho com a outra.

—Estou aqui —disse com voz entrecortada—. O sinto, me tem cansado o telefone.

—Joder! Deste-me um susto de morte! Está bem?

—Estou bem. chamaste a…?

—A polícia? Sim, justo antes que a ti. Devem estar a ponto de chegar.

Invadiu-a um pânico irracional que ia crescendo em seu interior, como um monstro. Veio-lhe à cabeça a imagem da Lucia atirada no chão, com os olhos abertos e a cara pálida. Assim que lhe gritou:

—Não entre! te afaste daí agora mesmo! Não sabemos se seguirem dentro.

—Não se preocupe por mim. Não pensava entrar até que não chegue a polícia.

—Solo é uma maldita casa. —Estava dizendo coisas sem sentido e pensou que ia se deprimir outra vez—. Só uma casa. Isso é tudo. Nada mais. Joder!

—Nancy, está bem? me responda!

Tentou falar para que ele soubesse que não estava inconsciente, mas não podia emitir nenhum som.

—Nancy. me dê o telefone de suas irmãs para que as chame. Não deveria estar sozinha. me dê o número.

Devia pensar que se estava voltando louca e sentiu tanta vergonha que se espabiló e pôde responder:

—Não, estão ocupadas. Chegarei o antes possível.

—Nem te ocorra conduzir. Está muito afetada —lhe ordenou; estava assustado.

—Claro que posso conduzir. Vejo-te em uma hora e dez minutos, a não ser que haja muito tráfico.

—Espera…

Nancy pendurou e se apoiou na barra da cozinha para poder levantar-se. Para despertar do todo se tornou em uma taça o café frio que ficava na cafeteira e lhe acrescentou açúcar.

O móvel começou a soar outra vez, era Liam, mas não pensava responder. Dez tons, uma pausa e outros dez tons. te chupe essa, guri. Leu a mensagem que acabava de receber: «Pelo menos agarra um maldito táxi, por favor». Nancy soprou. Claro, como se tivesse cento e vinte dólares para

esbanjar. ficou a jaqueta enquanto lhe tremiam as pernas. A notícia tinha acabado com toda a têmpera que tinha, embora um sentimento quente se expandiu por seu peito ao pensar que ele estava preocupado por ela.

Recreou-se naquele sentimento por muito parvo que fora e apesar de que ele tivesse tentado lhe dar ordens. Era todo um detalhe.

Passou o trajeto até o Hempton perguntando-se por que se pôs nesse estado. Solo era uma casa vazia e um roubo era unicamente um inconveniente caro e molesto, mas nada mais.

Lucia já não estava na casa. Quão pior podia ocorrer já tinha passado.

por que então tinha ainda tanto medo?

Liam se meteu em seu caminhão e viu como policiais e forenses entravam na casa D'Onofrio. Encontrar a casa em tal estado tinha sido um shock. Era estranho que tivessem assaltado a casa pela segunda vez e só uma semana depois de que morrera Lucia. Tinha-lhe doído muito: tinha um sentimento de desassossego, como se houvesse algo diante de seus narizes que não fora capaz de ver. Algo latente que aparecia e se ocultava bem a tempo para passar desapercebido.

Certamente não tinha dormido o suficiente. Esteve tentando conciliar o sonho toda a noite e às duas e meia da manhã se rendeu e se levantou. Pensou que trabalhar na ensambladura da madeira, sem cola ou pregos, ajudaria-o a acalmar-se e a pensar. Era uma de suas atividades favoritas e sempre exercia esse efeito sobre ele. Era o melhor que podia fazer além de dormir.

Naquele momento estava trabalhando em uma mesa enorme e, às vezes, sonhava acordado imaginando-se a sua mulher e filhos sentados a seu redor. Essa fantasia o ajudava a centrar-se na vida que tinha planejado e a acreditar no futuro. Assim pensou que trabalhar nesse projeto o devolveria à realidade. A seus valores mais arraigados.

Mas não foi assim. Não havia maneira de imaginar-se a sua futura mulher. A figura do Nancy D'Onofrio prevalecia, totalmente nítida, sobre qualquer imagem que tentasse inventar-se. Cada detalhe gravado a fogo em sua retina, seus suaves e frios dedos… Em um momento dado, sua mente, já incontrolável, começou a imaginar-se ao Nancy sentada no bordo, com as pernas bem abertas, e a ele, de joelhos, com a cara entre suas pernas e a língua dentro dela. As mãos do Nancy estavam enredadas em seu cabelo; retorcia-se e gemia. Teve que esperar a que lhe passasse. Buff, trabalhar naquela mesa nunca voltaria a ser o mesmo.

Saiu da casa antes de que Eoin despertasse e o primeiro que fez foi conduzir até a casa D'Onofrio. Sabia que ela nem sequer teria chegado ainda, mas lhe bastava com que tivesse estado no dia anterior e fora a voltar hoje.

Joder, parecia um pirralho de quinze anos e agora estava pagando por sua imaturidade. Ele tinha sido o que tinha entrado primeiro na casa e o que lhe tinha dado as más notícias. Isso passa quando um tio começa a colocar os narizes na caótica vida de uma mulher.

Mesmo assim, era melhor que tivesse sido ele quem tinha visto primeiro o que tinha passado. Se Nancy se assustou para ouvi-lo por telefone, não se queria nem imaginar o que teria passado de havê-lo visto em pessoa e sozinha, sem estar preparada. A verdade é que não lhe surpreendia, acabava de encontrar a sua mãe morta no mesmo lugar fazia solo uma semana.

Nancy estacionou sua pequeno Volkswagen Jetta negro atrás do caminhão e sentiu como o coração lhe começava a pulsar com mais força quando a viu sair do carro. A muito cabezota tinha vindo conduzindo.

Passou por seu lado quase sem olhá-lo e ele observou seu corpo grácil, firme e perfeito enquanto ficava quieta, olhando a casa. O vento agitava sua camisa branca sem perturbar seu cabelo suave. Estava muito pálida, como a ponto de derrubar-se.

Saiu do caminhão e cruzou os braços sobre seu peito, tentando ocultar os fortes batimentos do coração. Como se ela não tivesse outras coisas na cabeça mais que fixar-se nele, um saído de mierda. Nancy se voltou com o queixo levantado o ouvir como fechava a porta.

Liam se aproximou para falar com ela.

—Assim vieste conduzindo —lhe recriminou.

—É obvio —respondeu ela com frieza—, não posso me permitir um táxi.

Censurou-a com seu silêncio e a raiva avermelhou as bochechas do Nancy.

—chamaste a suas irmãs?

—Não é que seja teu assunto, mas não, ainda não. Nell está em classe e de todas formas não tem móvel e Vivi está em uma feira de artesanato ao norte do estado. O contarei depois, quando souber o que aconteceu exatamente.

—Já… Me pergunto por que é você a que sempre se tem que encarregar dos trapos sujos.

—Não é culpa sua —lhe cortou—. Querem ajudar, mas estão muito ocupadas. Além disso, solo tinha meu número.

Tinha a cabeça bem alta e os olhos muito abertos. Estava contente porque isso indicava que se recuperou. Não havia nada como pôr a um homem em seu lugar para espabilar a uma mulher.

—Claro —murmurou condescendente.

Nancy trotou pelas escadas com mais rapidez que nunca mas a pôde alcançar. Ao aproximarse fixou nas olheiras que apareciam por debaixo da maquiagem. Queria lhe oferecer o braço ou lhe dar a mão, mas ela já tinha as suas ocupadas abraçando-se a si mesmo com força, tanta que os nódulos estavam brancos.

Seguiu-a ao interior. Ela olhou a seu redor. Todos os móveis estavam quebrados, os sofás e almofadas rachadas e algo que se pudesse romper parecia pedaços. Os ladrilhos que Eoin e ele tinham deixado ali no dia anterior estavam repartidas por toda a casa. Havia lascas de madeira pelo chão, como fósforos gigantes, e buracos nas paredes. Tinham atirado todos os quadros e a fotografia da Lucia e suas três filhas os olhava do chão, coberta por partes de cristal. Nancy se agachou e ficou a recolhê-los. As mãos lhe tremiam.

—Senhora, não toque nada, por favor —disse um policial de média idade—. Seria melhor que esperassem fora até que terminemos.

—OH, me deixe jogar uma olhada. Serei rápida —respondeu Nancy enquanto avançava outro passo. Deixou escapar um suspiro de angústia quando viu o que jazia a seus pés. Era uma massa impossível de identificar, formada por um matagal de arame, cristal e pedra.

—OH, não —sussurrou com voz ferida—. Esta escultura se chamava As três irmãs e era uma das posses mais apreciadas da Lucia; Vivi a fez para ela. —deu-se a volta e foi correndo à mesa lavrada, levando-as mãos à cabeça—. minha Mãe.

Tinham tirado a toalha que tinha comprado e a mesa estava partida em duas metades que agora se apoiavam uma contra a outra. A barra de metal com a que tinham quebrado a mesa estava tiragem a um lado e a planta de jade destroçada entre terra e folhas pulverizadas por todo o chão.

Ignorando seu sentido comum, Liam se aproximou dela e lhe agarrou a mão. Nancy apertou a sua, agradecida, e sentiu como a energia fluía entre seus corpos, agora conectados. Era sólido, como um carvalho que nunca se dobraria ou quebraria. Essa metáfora quase a fez sorrir. Provinha de uma balada que Enid acabava de gravar para o disco que Nancy a tinha ajudado a terminar fazia um par de dias. É obvio, o carvalho da canção se quebrava e a garota ficava sozinha e descalça sobre a neve, com um menino ilegítimo em seus braços. O qual lhe dava que pensar…

ficou olhando a mesa destroçada, pensando em toda a história que tinha presenciado. Tanto à linhagem da Lucia como a aquela mesa tinha chegado um final abrupto e violento. Na mesma habitação, com uma semana de diferença.

Como se a mesa não pudesse existir sem a Lucia.

Um pensamento lhe rondava a cabeça sem trégua. Abriu a boca e o expressou em voz alta:

—Não ficou satisfeito a primeira vez. Segue zangado.

Liam a olhou com cautela e perguntou:

—Crie que é a mesma pessoa? Por isso há dito a polícia, são delitos muito diferentes.

Negou com a cabeça. Não se tomariam a sério nada do que dissesse nesse momento.

tampou-se a boca com a mão, com força, enquanto olhava a mesa. Um artesão a tinha lavrado meticulosamente fazia centenas de anos para que um valentão sem cérebro a destroçasse. sentia-se como se alguém tivesse profanado a tumba da Lucia. Alguém feio, mesquinho e com algo muito pessoal em seu contrário. Esse pensamento a fez estremecer.

Notou como Liam apertava sua mão com mais força.

—Quer sair a tomar ar?

Forçou-se em concentrar-se e negou com a cabeça.

—Sinto-o muito —acrescentou ele—. Era uma preciosidade.

Tragou com força antes de falar:

—Sei, mas não sei muito bem o que sentir. Por um lado, era uma lembrança de família muito valioso, mas, por outro, solo é algo material. Madeira de carvalho antiga e lavrada, isso é tudo.

—Não tem que escolher seus sentimentos; ambos são válidos.

A compreensão que lia nos olhos do Liam a surpreendeu e a comoveu de uma vez. Olhou para outro lado, mas se deu conta de que nessa habitação não havia um lugar onde pudesse fixar a vista sem que lhe doesse.

—Eu… —disse dúbio.

—O que? —perguntou-lhe.

—Poderia tentar lhe arrumá-la assegurou, devagar—. restaurei muitos móveis, a minha mãe adorava as antiguidades. Não faz falta que me pague nada. Seria um privilégio poder trabalhar nesta mesa, mas entenderia que preferisse falar com um especialista.

ficou olhando-o um momento.

—De acordo —disse.

—Não vá tão rápido —a avisou—. Seguro que não vai ficar igual a estava antes e nem sequer posso garantir que vá sair bem. Está muito danificada e me vai levar muito tempo. Irei arrumando lasca por lasca se fizer falta. Acredito que deveria consultá-lo com suas irmãs.

—Quero que o você faça —sentenciou pondo fim à conversação.

Ele estudou sua cara.

—Bom, não tomarei a palavra até que fale com suas irmãs.

—Pois eu sim que lhe «tomo».

ficou olhando-o, desafiando-o a que rompesse o trato.

—Né…, de acordo —aceitou ele—. O que você diga.

Nancy se ruborizou ao dar-se conta de que lhe estava apertando a mão. Retirou a sua enquanto se desculpava e se dirigiu para a cozinha. Escutou seus passos detrás dela. A cozinha também parecia pó. Tinham arrancado as portas dos armários e tudo o que havia em seu interior tinha acabado no chão. Tinham usado uma força tal que com o impacto tinham quebrado algumas ladrilhos. A mesa e as cadeiras estavam derrubadas e todos os pratos feitos migalhas. Tinham arrebentado a bolsa de lixo que Nancy se esqueceu de tirar a noite anterior e seu conteúdo estava por todos lados.

—Bom, pelo menos não vou ter que ir a por caixas —disse Nancy com um fio de voz. Miúda tolice acabava de dizer. ficou a mão sobre a boca e ficou olhando ao chão.

Foi então quando distinguiu entre o lixo uma bola de papel onde pôde ler a caligrafia da Lucia. Agarrou-a, com o coração a cem por hora. Alguém tinha ajudado a recolher todo o do funeral e tinha atirado esta folha também.

—Nancy, se supõe que não pode…

—Sim, já sei.

Retirou uns grãos de café que tinha o papel pegos. O escrito estava cheio de tachones e correções:

Sei que estas palavras lhes doerão e me pergunto o que pensarão da complicado adivinhação que lhes exponho. Talvez que é maquiavélico ou que é uma tolice, mas depois do que aconteceu com meu pai, depois do que esta coisa fez a meu matrimônio, acredito que devo ter muito cuidado. Queria lhes dizer que não planejei isto porque não confie em vocês, mas sim porque lhes quero e pelo amor que sei que lhes professam. Com os anos me dei conta de que o amor é algo precioso que terá que proteger por todos os meios possíveis, pode que quão único mereça a pena.

A seguir havia umas frases tachadas. Tinha-as tachado Lucia que, frustrada, parecia não ter encontrado as palavras corretas:

Os pendentes são a chave para
Devem usá-los juntos para descobrir o segredo de

E continuava em um novo parágrafo:

Cada uma de vocês amam a beleza em diferentes forma: música, literatura e escultura, por isso desenhei…

E a página terminava. A voz doce e de marcado acento da Lucia seguia ressonando na cabeça do Nancy.

—O que é isso? —disse Liam enquanto saltava a montanha de lixo e os escombros.

—É uma carta… —a voz lhe falhou um segundo— para nós. Da Lucia.

A ensinou. Ele a olhou, olhou ao Nancy e franziu os lábios.

—Vá. Que carta mais estranha.

—Acredito que é o rascunho de uma carta que nos estava escrevendo.

—Já —disse pausadamente—. Mas se este for o rascunho…

—Onde demônios está a carta?

Olharam-se. Estava enjoada, como se o chão que a sustentava estivesse formado por uma fina capa de normalidade com um abismo de escuridão debaixo. Lhe teria gostado de apoiar-se no Liam.

—por que não encontramos a carta acabada? por que? —perguntou Nancy.

Liam refletiu um momento.

—Ao melhor já lhes tinha mandado isso por correio.

—Já aconteceram oito dias e uma carta demora para chegar entre dois e quatro como muito. nota-se que era importante, assim não se pôde esquecer de mandá-la e tampouco se perdeu.

—Então, crie que alguém a tem? —concluiu Liam.

—«depois do que aconteceu com meu matrimônio» —repetiu brandamente—. O que aconteceu? Do que está falando?

—Ao melhor por isso pôs uma caixa forte —disse Liam.

—Uma caixa forte? —perguntou-lhe aniquilada.

Ele também pôs cara de surpresa.

—Não sabia? —A cara do Nancy lhe deu a resposta—. Faz um par de semanas me chamou para instalar uma caixa forte no armário de acima. Foi então quando nos conhecemos. Sinto não lhe haver isso dito antes mas pensava que sabia.

A agente de antes entrou na cozinha e, com o cenho franzido, voltou-lhe a advertir que não

tocasse nada.

—encontrei algo —disse Nancy lhe ensinando a carta—. Acredito que o chefe da investigação precisa ver isto e que deveriam procurar a carta terminada.

A mulher lhe agarrou a carta das mãos.

—A levarei. Mas já que vejo que não podem seguir minhas instruções…, rogo-lhes que esperem fora até que terminemos.

Acompanhou-os até o alpendre e eles a seguiram, como se os tivessem castigado por haver-se comportado mau.

—Quero ver a caixa forte —disse Nancy com impaciência—, mas não a vou poder abrir porque não sei a combinação. Você não saberá como…?

Liam negou.

—Lucia escolheu a combinação ela mesma.

Nancy se mordeu o lábio.

—Oxalá tivesse uma cópia da carta para acostumar-lhe ao Nell e ao Vivi. Ou seja quando me devolverão isso.

—Um momento.

Liam foi a seu caminhão e arrancou uma folha de uma caderneta. Agarrou o lápis que levava no bolso da camisa e ficou a escrever. Quando terminou deu o papel ao Nancy. Era o conteúdo da carta da Lucia, escrito em itálico, com letras claras e angulares.

—Pode que não seja exatamente igual mas servirá para que pilhem o sentido.

—É incrível! —exclamou Nancy—. Tem memória fotográfica?

—A verdade é que não. Em uma hora não me lembrarei de quase nada; fui capaz de recordá-lo com tanta facilidade porque me interessa muito.

Nancy desviou o olhar e se concentrou em dobrar o papel.

—Bom, então deveria te agradecer seu interesse.

—Algo relativa a Lucia e me importa. Não me agradeça algo involuntário.

—Involuntário? —Nancy soprou sem querer—. Como espirrar?

—Mas bem como respirar.

Agora era a ela a que não lhe chegava a respiração. meteu-se o papel no bolso.

—Hum, genial, obrigado. Já que não me vão deixar entrar, talvez poderia…

—A chefa da investigação vai querer falar contigo. Perguntou-me por ti antes de que chegasse. Deve estar ao cair e não tomaste o café da manhã, verdade?

—Eu…, né…, uh? —balbuciou ela.

—Café da manhã? —perguntou-lhe Liam sonriendo—. A primeira comida do dia? Soa-te?

—Ah, tomei café.

—Então já tomaste algo mais que eu. Há uma cafeteria aqui ao lado. Poderíamos comer enquanto espera para falar com a polícia.

Começou a pensar em desculpas. te tranqüilize, cérebro de mosquito. A gente normal está acostumado a comer a estas horas. Não tem por que significar nada, por muito que seu estômago lhe dissesse outra coisa…

—Estaria bem comer algo —disse fracamente.

## Capítulo 4

_

Nancy se fixou nos espelhos que ocupavam todas e cada uma das paredes rosas da cafeteria

Luigi's enquanto se arrependia de ter aceito o convite assim que se sentou com o Liam em uma das mesas. Teria que haver-se arrumado um pouco melhor. Umas lentes de contato, o cabelo solto e um bom decote não lhe tivessem vindo mau, embora tampouco é que tivesse muito peito que ensinar.

Ele ficou ali sentado, bebendo o chá durante um par de minutos, até que Nancy não o pôde suportar mais.

—O que acontece? A que esperas? O que está olhando?

Ele desviou o olhar discretamente.

—Olhava a ti. Está…

—Como estou? —espetou-lhe—. Feia, distante?

—Para nada —respondeu ele.

—Então? —perguntou-lhe quase gritando.

—Está bonita, Nancy —respondeu com voz reconfortante, de veludo puro.

Nancy se cruzou de braços.

—Sinto muito, mas estes largos silêncios teus me põem nervosa. Agradeço-te que seja tão amável comigo mas reconhece que levo uma pinta horrorosa.

Ele entrecerró os olhos.

—Nota-se que está nervosa e assustada mas segue estando bonita. Sinto o de meus silêncios, não sou muito falador.

—Não passa nada. —ficou olhando seu café e se tirou a cópia da carta da Lucia do bolso—. Tenho medo. Tenho medo de que a versão dos fatos que nos deu a polícia não seja a correta. Lucia escreveu uma carta da que solo encontramos um rascunho. Um ladrão qualquer teria roubado a televisão ou as jóias para poder comprar droga mas não se teria levado uma carta. Não lhe teria importado uma mierda a carta.

Liam assentiu.

—Tem razão.

Que Liam lhe desse a razão a pôs ainda mais nervosa. Inconscientemente, esperava que tentasse convencer a de que se equivocava.

—Mas quem agarrou a carta? A que narizes se refere? O que têm que ver estes pendentes? Se existia um grande segredo familiar, por que Lucia não nos disse nada antes?

Liam se esclareceu garganta.

—Possivelmente fora…

—O que lhe pôde passar a seu pai? por que não sabíamos que estava casada? Maldita seja, como podia estar casada? Que classe de mãe esquece contaralgo assim a suas filhas, embora sejam adotadas?

Liam esperou pacientemente a que se acalmasse. Enquanto, a gente estava começando a olhá-los. Nancy se deu conta de que tinha levantado a voz e ficou calada com os olhos cravados na taça.

—Sinto-o —se desculpou—. Não deveria montar uma cena em público. Miúdo momento te estou fazendo passar.

—É um café da manhã fantástico —disse Liam— e muito entretido. Certamente, contigo não me vou aborrecer nunca. Uma surpresa detrás de outra. Não posso esperar à cena da perseguição em carro.

Nancy soltou uma gargalhada, atirou o café e se manchou a blusa. Quando levantou a vista detrás limpar o pescoço da camisa, viu que Liam sorria, satisfeito por havê-la feito rir.

—Sabe o que mais medo me dá? —perguntou-lhe em voz baixa—. A responsabilidade. Como posso ajudar à polícia se solo tiver algumas pistas sobre esse segredo e sobre essa «coisa» misteriosa e sinistra que Lucia menciona em sua carta e da que nunca ouvi falar. Não sei o que é nem onde está, solo que alguém a busca e que esse alguém talvez… matou a minha mãe.

Já está, havia-o dito, sem poder controlar-se. Tinha solto o que não se atreveu a pensar e Liam tinha recebido suas palavras com calma, sem as afirmar nem as negar. levou-se a cara as mãos

trementes.

—Se alguém tiver feito mal a Lucia, tenho que fazer algo a respeito. Não posso ficar de braços cruzados, mas não sei a quem procurar nem o que posso fazer.

Esteve um momento calado.

—E os pendentes? Sabe a que se referia?

Nancy lhe ensino o pendente que levava a pescoço.

—Imagino que se refere a este. Chegaram antes de ontem, uma entrega especial da joalheria, assim que os deveu encarregar antes de que… tudo passasse. O meu tem uma N do Nancy, o do Nell leva uma A da Antonella e o do Vivi uma V.

Liam se inclinou para diante para olhar o pendente mais de perto. Ela o desabotoou para dar-lhe Examinou-o exaustivamente e o devolveu.

—Muito bonito.

—Obrigado —lhe respondeu ao tempo que o voltava a pôr—. Isso é o que pensei eu, que era um pendente bonito, mas não imaginava que guardava uma chave secreta. Suponho que é caro mas não extremamente valioso. Custaria-lhe uns mil dólares.

Liam tamborilou os dedos na mesa.

—Talvez merece a pena falar com o joalheiro.

—Sim, irei falar com ele hoje mesmo.

—Levo-te.

—Não, não se preocupe —lhe respondeu rapidamente—. Tenho meu carro e seguro que está muito ocupado.

—Não tenho nada que fazer, ia trabalhar em sua casa e a verdade é que tampouco gosta de ficar de braços cruzados sem saber o que há dito o joalheiro. Melhor que nesta ocasião não me leve a contrária, porque leva as de perder.

E dessa maneira, o macho alfa tinha feito sua aparição e a tinha desafiado sem dissimulação. Ela pestanejou enquanto observava sua forte mandíbula e seus olhos entrecerrados. Normalmente, este era o momento no que o fazia entender que não lhe podia dar ordens e que estava diante de uma mulher forte que tomava suas próprias decisões. Muito obrigado e até mais tarde.

Mas as palavras não lhe saíram da boca e em seu lugar apareceu um silêncio afogado. A verdade é que estava encantada de que alguém a acompanhasse em um dia como aquele. Em especial, alguém grande, musculoso e protetor como ele.

Assim ao melhor…, e só ao melhor, esta vez lhe deixaria sair-se com a sua. Daria-lhe o que queria, mas aquilo não voltaria a passar.

—Humm… Falemos de outra coisa —lhe pediu ela.

Liam levantou a taça enquanto lhe sorria com os olhos, contente consigo mesmo.

—Pelo que queira —disse magnánimamente—. Você decide.

Sua expressão a fez remover-se incômoda sobre a almofada de plástico.

—Então, do que falamos? —perguntou Nancy.

Ele torceu a boca.

—Pelo que queira. É você a que quer trocar de tema. Eu estava bem com a conversação anterior.

—Não comece —lhe advertiu.

—Vale, mas tenta te relaxar.

Ele estendeu o braço, duvidou um momento ao ver como ela se encolhia, e lhe tocou a frente com a ponta do dedo, massageando a ruga de ansiedade que tinha entre as sobrancelhas, tentando apagá-la.

—Essa ruga sempre esteve aí, é parte de minha cara —disse com uma risita. Seu descaramento a fazia sentir… nua. Era estranho, nunca tinha pensado na parte positiva desse sentimento.

—Assim, Liam —lhe soltou de sopetón—, me fale de ti. Já que sabe tanto de mim, estou em

desvantagem.

O sorriso do Liam se desvaneceu e Nancy sentiu uma onda de remorso por ter arruinado o momento. ficou séria, tinha que ter cuidado.

—O que quer saber?

—Algo sobre ti que seja importante. Sei que não está casado, comprometido ou em uma relação séria. Se fosse assim Lucia não teria tentado nos atar.

—Isso é certo.

—Então, qual é seu defeito?

—O que quer dizer? —perguntou com curiosidade, sem zangar-se.

Nancy se encolheu de ombros.

—Não entendo como um tio como você não está com ninguém. Deve ter trinta e sete ou trinta e oito anos, não?

—Trinta e sete.

—Trinta e sete —repetiu—. Como é que nenhuma mulher te pôs a soga ao pescoço ainda?

—Será que ainda não conheci à mulher ideal.

O móvel soou justo quando a garçonete lhes trazia a comida. O representante da sala de concertos do Indianápolis, onde Peter tocava em três semanas, tinha chamado para pospor o concerto. Nancy tomou nota e lhe prometeu que falaria com o artista para ver como tinha a agenda e que o voltaria a chamar. Pendurou e com um sorriso lhe perguntou como era sua mulher ideal.

—De verdade o quer saber?

—Pois claro —lhe assegurou—. Me tem em brasas.

Liam jogou uma boa parte de omelete à boca e o acompanhou com um gole de chá.

—Está bem, a ver… Minha mulher ideal adora cozinhar e assar seu próprio pão; quer ter muitos filhos e não lhe importaria ficar em casa para cuidá-los; é uma pessoa relaxada a que gosta das flores, caminhar pela montanha e cuidar o jardim.

Nancy sentiu uma pontada no coração mas se disse a si mesmo que se deixasse de tolices. Se não tinha nenhum interesse nesse tio que mais dava se ela era o oposto a sua mulher ideal. Como ia cozinhar e assar pão se não podia distinguir uma abobrinha de um pepino? Não tinha descartado a idéia de ter um filho algum dia, mas família numerosa? Nem de coña.

Liam seguiu:

—Para ela a família é o primeiro, não necessita grandes costure, é sincera e genuína.

Nancy adotou um tom despreocupado.

—Acredito que o pilhei. Está procurando a mãe perfeita, uma companheira atada à terra que seja manhosa e auto-suficiente: que prepare sabão e velas, que esculpa palitos…

Liam franziu os lábios.

—Bom, suponho que essa é a idéia principal.

Ela deixou escapar uma risita.

—Pois boa sorte, não sabia que ainda fabricassem esse tipo de mulheres. Talvez teria mais oportunidades se procurasse um modelo de segunda mão.

Nesse momento voltou a soar o telefone: apontou na agenda os dados do organizador de uma série de concertos no Portland, Oregón, para lhe mandar o pacote promocional do Mandrake.

—Sabe que essa coisa se pode apagar, não? —informou-a Liam.

Nancy o olhou sem compreender.

—O que quer dizer?

Liam suspirou.

—Nada. Ainda nem provaste o sándwich.

Nancy ficou olhando o prato.

—Não tenho muita fome.

Liam franziu o cenho.

—Trata de te relaxar um pouco e tenta te comer pelo menos a metade.

—Não quero discutir sobre meu sándwich, quero saber mais desta mulher…

—Não penso te contar nada mais se seguir com essa atitude.

Deixou a taça de café na mesa, atônita.

—Não queria te ofender.

—Não estou ofendido. Estou cheio o saco, que não é o mesmo.

ficou com o olhar fixo na mesa enquanto Liam devorava o que ficava de omelete. Voltou a olhá-lo.

—Não sei o que acaba de passar mas acredito que foi minha culpa.

—Quão único sei é isto: um minuto estou falando contigo e ao seguinte estou falando com outra mulher que tem sua cara mas que é maliciosa e estirada.

—Sinto-o —disse, enquanto começava a chorar.

—Não passa nada. Vamos, te coma uma parte do sándwich por mim, faz o favor.

Vai, não perdia nada por lhe agradar um pouco. O levou a boca, mordeu-o e pôde ver as covinhas que formavam ao Liam ao sorrir. Decidiram tirar outro tema, um mais neutro, e se mantiveram educados e cuidadosos durante toda a conversação. Conseguiu comer-se quase três quartos do sándwich e ele, satisfeito, tirou-lhe a conta das mãos e a olhou ofendido quando se ofereceu a pagar. Vá, nunca tinha conhecido a um tio assim, embora tinha ouvido falar de que existiam.

Ao sair, Liam lhe abriu a porta do caminhão para que subisse e arrancou o motor.

—Bom, onde está o joalheiro?

O recibo dos pendentes estava enterrado entre o lixo da casa da Lucia mas o nome da joalheria, Baruchin, lhe tinha ficado gravado a fogo no cérebro. Nancy ficou a procurar em seu BlackBerry a direção da joalheria, que estava em outro povo. Liam lhe falava para acalmá-la durante o caminho mas não funcionou e sua angústia aumentava quanto mais se aproximavam.

Estacionaram diante da loja e viram que tinha a persiana arremesso. Que estranho. Como podia estar fechada um sábado pela manhã quando havia tanta gente comprando e pela rua? Nancy começou a arranhar o pescoço com nervosismo assim que desceu do caminhão. Entrou em um pequeno restaurante que havia ao lado e que se chamava Tony’s Diner seguida pelo Liam, e se sentou em um tamborete da barra.

Uma mulher de média idade que levava uma rede para cabelo vermelha no cabelo se aproximou para lhes servir café. Nancy lhe sorriu e lhe aproximou sua taça.

—Sim, por favor. Queria-lhe perguntar se souber quando abrirá a joalheria. Tenho que falar com o joalheiro sobre uma entrega. Estão de férias?

Uma parte do café aterrissou no polegar do Nancy, que o apartou com uma careta de dor. A garçonete ficou branca, deixou a jarra de café na mesa e se foi correndo à cozinha. Nancy e Liam se olharam, preocupados, enquanto Nancy se chupava o dedo que se queimou com o café.

—Não é bom sinal —disse Liam.

—Não o parece —corroborou.

depois de um minuto, saiu da cozinha um velho de sobrancelhas povoadas e cara de poucos amigos. Levava um gorro de papel e andava dobrado. Lhes aproximou enquanto se secava as mãos com o avental.

—Perguntaram a Donna por Sol Baruchin?

Nancy assentiu.

—Não o conheço pessoalmente —disse um pouco nervosa—, mas preciso falar com ele.

—morreu —disse o velho com dificuldade—. O assassinaram.

Um silêncio frio e pesado pareceu alagar a habitação. Todo mundo permanecia quieto para escutar. Não se ouvia nem o ruído de uma colher.

—Como? —perguntou Nancy em voz quase inaudível.

—Quando? —perguntou Liam.

—Ontem à noite mataram a toda a família: a sua sogra, a sua mulher e a ele. Os que o fizeram não tinham coração, a sogra tinha noventa anos e não se podia nem mover da cama. Tenho um amigo polícia que toma o café da manhã no restaurante e me há dito que foi um açougue.

Nancy se tampou a boca com as mãos e tentou processar a informação mas estava totalmente bloqueada.

—Conhecíamos sol há trinta e cinco anos, devia tomar o café da manhã e a comer todos os dias —disse o velho com pena—. Donna está destroçada. Jesus, a minha idade já é duro que meus amigos morram de um ataque ao coração ou uma embolia, mas que os assassine um filho de puta… —Apertou os lábios e sacudiu a cabeça como se tentasse desfazer-se desse pensamento—. Assim, senhora, como compreenderá, a loja não vai abrir de momento.

Nancy tentou lhe responder com amabilidade mas não pôde dizer nada. Foi Liam o que falou.

—Obrigado pela informação, senhor. Acompanho-lhe no sentimento.

—Sim, sim, obrigado.

O velho se deu a volta e voltou para a cozinha arrastando os pés, decaído.

Nancy saiu correndo do restaurante, estava-se afogando ali dentro. Entretanto, a coisa não melhorou ao sair. ficou parada diante da loja do Baruchin, que lhe devolvia o olhar através daquelas persianas metálicas, como pálpebras pesadas e cinzas, que lhe arrepiavam a pele.

—Vamos daqui —murmurou.

—Onde?

Liam abriu a porta e a ajudou a subir.

—A qualquer sítio.

Ele também estava nervoso depois de ouvir o que Tony lhes tinha contado e conduzia sem pensar aonde se dirigiam, assim que se surpreendeu quando tirou o chapéu estacionando diante de sua casa. Não sabia se era boa idéia, tendo em conta o estado no que se encontrava Nancy, que olhou a seu redor como se despertasse de um pesadelo.

—Onde estamos?

—Em minha casa.

Ela apartou o olhar da sua.

—Nem sequer me fixei por onde íamos. —retorceu-se as mãos e ficou olhando a água que se ficou acumulada no pára-brisa—. Esse pobre homem —sussurrou—. E sua família. meu deus, que horror. —Olhou-o com olhos atormentados—. Não é uma coincidência.

Esteve duvidando um momento, não queria assustá-la mais do que já estava mas foi sincero.

—Não acredito que o seja. Lucia morreu, sua casa está destroçada, os pendentes, a carta e agora mataram ao joalheiro. Não sei o que está passando, nem sou ninguém para opinar, mas aqui há algo que cheira muito mal.

ficaram sentados no caminhão, vendo como chovia, rodeados de vegetação frondosa e verde. Liam lhe agarrou a mão e tentou esquentar-lhe.

—Entra —lhe rogou—. Te prepararei uma taça de chá.

Nancy ficou olhando suas mãos entrelaçadas sem retirar a sua.

—Sou o oposto à mulher ideal que está procurando —lhe soltou.

Liam apertou a mandíbula.

—Sei.

—Então, o que fazemos?

Levantou a vista para a taça das árvores e as nuvens negras.

—De momento, estamos sentados em meu caminhão, sob a chuva.

Ela se ruborizou.

—Quer que entre contigo?

—Solo se você quer —mentiu. Desejava que entrasse mais que nada no mundo.

—Mas quase não te conheço —murmurou.

—Isso se pode arrumar. Entra em tomar um chá e falaremos do que queira.

—Muito amável por sua parte mas não é boa idéia que nossa primeira entrevista seja em sua casa —disse com remilgo.

Liam fez uma careta.

—Como que primeira entrevista? E o café da manhã não conta?

Estava confusa.

—Não sei. Então seria a segunda entrevista, não?

Tamborilou os dedos contra o volante.

—Eu o chamaria «tomar uma taça de chá».

Nancy cruzou os braços.

—Não acredito que o café da manhã conte como primeira entrevista porque não era premeditado e uma primeira entrevista ou qualquer primeiro encontro deveria acontecer em um território neutro com o que os dois estivéssemos de acordo. Um bar ou um restaurante onde tomar algo e ver como vai a coisa.

—isso OH é o que se está acostumado a fazer? —Beijou-lhe os dedos—. O chá é uma bebida, não? E acredito que deveríamos considerar o café da manhã como primeira entrevista.

—Não —disse quase sem fôlego—. Disso nada. Ainda não ficamos nem uma vez. A intenção o é tudo.

—Essa é a verdade e toda a verdade.

Acariciou-lhe a bochecha, era tão suave como imaginava. Nancy respondeu com um som grave e inarticulado. Estava enfeitiçado por seu calidez, sua suavidade e sua delicadeza.

Foi aproximando-se dela pouco a pouco até quase roçar sua pele. aproximava-se e retirava lentamente, sentindo seu fôlego na bochecha. Seguiu a delicada linha de seu maçã do rosto com os dedos. Sentia como ela se debatia entre a cautela e o desejo e esperou a que encontrasse o equilíbrio entre os dois para…

Ela fechou os olhos quando a começou a beijar com suavidade e muito cuidado. Liam deixou escapar um pequeno ofego; seu sabor era incrível, eletrizante. Os lábios do Nancy se mostravam suaves e tímidos sob os seus. Explorou sua cara com as pontas dos dedos, que percorreram a mandíbula e a pálida garganta. Passou-lhe a mão pelas costas até chegar a seu quadril enquanto ela respirava com força. Pôde notar seus mamilos, rígidos debaixo da blusa. Seus dedos desejavam tocá-los. Desabotoou-lhe o primeiro botão da camisa, deixando ao descoberto a base do pescoço. Chegou-lhe um aroma exótico, com um toque de madeira. Queria bebê-lo, lambê-lo.

Pegou o corpo dela ao dele e lhe beijou a mandíbula e o pescoço, roçando o pendente que Lucia lhe tinha agradável com os lábios. Sua mão desceu pelo pescoço até chegar ao peito e roçar o mamilo com a palma, duro e firme sob seu tato.

Um segundo depois de que começasse a apalpá-lo sentiu como um muro se interpunha entre os dois. Fazia um momento a tinha derretendo-se em seus braços, tentando lhe tirar a camisa. Mas agora estava tensa e rígida como um pau. Estavam tão conectados que ouviu soar os alarmes que se dispararam na cabeça dela como se fosse a sua.

Custou-lhe muitíssimo, mas se obrigou a soltá-la. tornou-se para trás, com os punhos apertados, para lhe dar o espaço que necessitava. Era o pior dos momentos para ter que apartar-se dela outra vez, mas tinha que entender que era uma mulher complicada que estava afligida e nervosa. sentia-se como um casulo por ter forçado a situação, estava louco de atar. esforçou-se por não ofegar, respirava devagar, sem olhá-la, e deixou acontecer uns minutos, durante os quais tentou concentrar-se na chuva que dava em sua janela e sossegar sua respiração, trabalhosa e irregular. Ouviu como ela se grampeava a blusa e se arrumava o cabelo e a roupa.

Tossiu esclarecendo-a garganta.

—Né… Liam? foi…

—Incrível, mas te bloqueaste.

ficou olhando o abrigo e o patrão que seguia a madeira da chaminé.

Ela olhou a um lado.

—Sinto te haver provocado mas preciso voltar. Tenho que falar com a polícia sobre a carta e o joalheiro. Preciso chamar a minhas irmãs. Levaste-te muito bem comigo e agradeço sua companhia, mas eu…, né…

—Está assustada.

Nancy assentiu.

—Não de ti —disse com voz apagada—. É muito bom tipo, sei. É…, bom, todo o resto.

—Ah!, sim? —replicou, tentando reprimir a raiva que o começava a invadir—. Aqui solo estamos você e eu, Nancy, ninguém mais. —Ela o observava com esses olhos enormes e suplicantes mas lhe manteve o olhar, implacável—. Solo é uma taça de chá. Não o fim do mundo.

Nancy soprou.

—Venha, já sabe o que acontecerá entro em sua casa.

—De verdade? Pois acredito que sim —refletiu—. Posso imaginar como saco uma cadeira para ti, ponho a água a ferver, procuro a caixa de bolachas que tenho na despensa e te pergunto se quiser leite ou limão. Faço-te perguntas sobre sua infância e elogio seus olhos, seu cabelo e seus pendentes. Intento ser engenhoso e encantador.

—Sério? Isso é o que aconteceria?

Lhe desenhou um sorriso na cara.

Liam assentiu, esperando que fora verdade.

—Eu gosto de —disse ela timidamente—, mas… OH, deixemo-lo.

Não fazia falta que o mencionasse. Ao Liam também lhe tinha passado uma imagem muito diferente: a cena em que lhe arrancava a roupa, punha esse corpo magro e sensual contra a parede e a colocava, dura e profunda, até que explorassem os dois.

O coração lhe começou a pulsar com força e sentia um ruído surdo nos ouvidos. te tranqüilize, saído de mierda. Tinha que estar centrado em um momento tão delicado e incerto. Ela estava tão sensível que tinha que cuidar algo que dissesse ou que inclusive pensasse.

Liam viu como lhe olhava a entrepierna e apartava a vista com rapidez. Tinha a ereção do ano, que ia crescendo por momentos, e desejava sentir a suavidade de sua mão fria sobre ela. Envergonhado, encolheu-se de ombros. O que podia fazer? Queria que soubesse que não podia controlar sua resposta fisiológica mas sim podia controlar seu comportamento. Mas não encontrava as palavras adequadas para falar de um tema tão delicado, assim decidiu calar-se.

—Solo necessito que tudo esteja… sob controle —lhe sussurrou—. Já tenho muitos coisas das que estar assustada agora mesmo. Não quero acrescentar nada mais.

Ele se passou a mão pela cara, procurando uma maneira de sair daquele embrulho, mas não queria voltar atrás. Isso não era uma opção. Abriu a porta; a chuva caía com força, seu aroma sobre a terra era forte, doce e picante. Rodeou o caminhão até que chegou à porta do co-piloto e ficou olhando através do cristal aos enormes olhos do Nancy esfumados pelas gotas de chuva. Fez-lhe um gesto para que baixasse a janela. Ela o fez, perplexa.

—Mas que narizes faz?

—Seguir com nossa conversação. Necessita controle? Aqui o tem. A porta do caminhão é o limite e não o vou transpassar. Prometo-te que não vou tocar te nem um cabelo que esteja ao outro lado da porta.

Olhou para outro lado, envergonhada.

—Por favor, Liam, não faz falta que joguemos a isto. Está-te empapando.

Não lhe importava uma mierda.

—Esse é meu problema, não o teu.

—Mas me sinto culpado —protestou.

Via que progrediam.

—A culpa é seu problema —lhe informou—. Não posso te ajudar com isso, sinto muito.

Se Rio dele. Ao Liam invadiu uma alegria incontrolável: seu truque estava funcionando e ela tinha começado a soltar-se, menos mal.

—Assim prefere ficar aí fora e te impregnar até os ossos? —Os olhos lhe brilhavam—. Vá tolice.

—É uma estratégia para te conquistar com meu cavalheirismo. Funciona?

Enrugou o nariz e se aproximou um pouco à janela.

—Acredito que está louco perdido.

Sorriu de brinca a orelha.

—Isso é um sim. Além disso, transpassaste o limite. Recorda que posso tocar qualquer parte que esteja fora da janela? A ponta do nariz e a frente correm sério perigo. Advirto-lhe isso.

—Sem dúvida, cavalheiresco por sua parte —apontou com recato.

—Estou-me esforçando —disse com toda sinceridade.

Mas ela não se apartou, de fato se aproximou um pouco mais e agarrou a janela com os dedos. Liam os assinalou com o queixo.

—Esses também estão fora do limite.

Ela tentou dizer algo mas as palavras lhe entupiram na garganta. Tragou saliva e o tentou outra vez.

—…Sei.

O coração lhe voltou a desbocar. A chuva caía com mais força, agora lhes molhando as caras aos dois. Ela sabia que estava fora do limite e isso significava que queria que a tocasse. Ele se aproximou lentamente, como se se aproximasse de um pássaro que pudesse pôr-se a voar em qualquer momento, e lhe acariciou os dedos finos, que estavam gelados e úmidos pela chuva. Nancy o surpreendeu quando girou as Palmas para cima, como flores que se abriam sob suas mãos, oferecendo-se. Sentiu que a alegria lhe transbordava o peito. Tinha conseguido saltar o muro. aproximou-se um pouco mais. O murmúrio da chuva contra as folhas os rodeava. As bochechas do Nancy brilhavam como pérolas, com um sutil toque rosado. Olhava-o com esses olhos enormes e luminosos. Eram marrons com toques de verde, da cor das folhas na água. Tinha as pupilas dilatadas pelo prazer, tão profundas que pareciam não ter fim. Tinha-a tão perto que pôde comprovar que algumas peca lhe salpicavam o nariz. Um tolo detalhe que fazia sua beleza mais real, mais próxima, mais fácil de beijar.

Estudou cada gota que lhe caía pela frente seguindo seu percurso pelas sobrancelhas e os maçãs do rosto. Sua perfeição era radiante e ele estava deslumbrado, perdido, louco por ela como nunca antes tinha estado por ninguém.

Nancy estendeu a mão e acariciou a linha de sua mandíbula com os dedos, deixando uma esteira luminosa, como a luz da lua refletida na água. A água lhe penetrava pelo pescoço da camisa, lhe empapando os ombros. Era a chuva a que definia o contorno desse outro mundo, líquido e maravilhoso. Por fora era frio e brilhante, de cor cinza pérola, verde e prateado, mas por dentro escondia um calor secreto. O rubor de suas bochechas, a calidez de seus lábios. A água a molhava e dava doçura a seu aroma, que, escorregadio e atraente, lhe escapava cada vez que tentava inalá-lo. Voltava-o louco. aproximou-se outro centímetro e seus lábios se roçaram.

O beijo o atravessou e algo se rompeu em seu interior. Liam começou a tremer e se teve que agarrar à porta. Tal foi o impacto daquele beijo tímido e precavido que sentiu como as lágrimas começavam a cair pela cara; menos mal que as gotas as dissimulavam. Fechou os olhos, saboreando-a, sentindo-a. bebeu-se a delicada textura de sua boca e de sua tímida língua. Era um presente incrivelmente doce.

Não sabia quanto tempo tinha estado soando o móvel. Não queria voltar para a realidade e, mentalmente, suplicou-lhe que o apagasse e ficasse com ele. Que deixasse que a magia continuasse. Mas ela se apartou, agarrou-o de sua bolsa e respondeu, evitando seu olhar.

Ao outro lado do telefone, alguém lhe falava atropeladamente.

—Espera um momento, Eugene. Liam, vou necessitar um ratito, será melhor que suba ao

caminhão.

Mierda, terminou-se. ficou de pé, com os punhos apertados sem que lhe emprestasse nenhuma atenção. Estava concentrada na chamada, assim que subiu ao caminhão. sentia-se estúpido e frustrado. Como podia ter pensado que aquilo era mais importante que uma maldita chamada de telefone.

—Menos mal que o agarraste. Isto é um desastre.

Eugene era o violinista do Mandrake, seu grupo de fusão afrocelta. Nancy evitou o olhar do Liam quando se sentou a seu lado.

—O que acontece?

—O gilipollas do Denis, que se foi. Será bode!

—te tranqüilize, conta-me o passo a passo.

—Vai de gira com o Riverdance e passa de nós. A uma semana de que comecemos a excursão! Os contratos dos concertos de Boston, Albany e Atlanta especificam que querem gaitas de fole Uilleann. Não podemos nos apresentar sem gaiteiro!

—Tranqüilo —repetiu Nancy—. É uma putada mas o arrumaremos.

—Como? Não há nenhum gaiteiro disponível em semanas, já chamei a sete. Estamos bem jodidos.

—Arrumará-se —insistiu—. Voltarei esta noite. Chamo-te quando chegar a casa, já nos ocorrerá algo. Não fique nervoso.

Escutava o incessante bate-papo do Eugene ao outro lado da linha sem lhe emprestar muita atenção. Ainda lhe tremia todo o corpo, que a tinha traído. Havia incumplido por completo a promessa de manter-se firme. Ali estava, atando-se com aquele estranho em seu caminhão. Deixando-se levar para não sabia onde: casa, sofá, tapete ou cama. Não se tinha despenteado assim desde…, bom, nunca. Essa palavra não estava em seu dicionário.

Nunca tinha conhecido a um homem que lhe tivesse feito sentir dessa maneira. Solo com um beijo, sem logo que tocá-la, tinha conseguido que estivesse espectador, desejando chegar até o final. perguntava-se como podia ter essa influencia sobre ela.

Tentou concentrar-se no Eugene, que seguia queixando, antes de perder o fio da conversação por completo.

—Tudo o que trabalhamos para nada. Não posso suportá-lo, vou voltar a estudar contabilidade, como queria minha mãe.

—Não vais acabar de contável —lhe respondeu com quietude—. É muito tarde para isso. Está feito para ser violinista, assim tome algo quente e tenta te acalmar.

—De todas formas, onde coño está? —perguntou-lhe.

Liam tinha cara de poucos amigos.

—Até mais tarde —disse antes de pendurar, voltar a colocar o telefone na bolsa e fechar o guichê para evitar que seguisse entrando a chuva.

—Deixarei-te em seu carro.

A calidez da voz do Liam tinha desaparecido e já a sentia falta de.

Não cruzaram uma palavra nos vinte minutos que demoraram para chegar a casa da Lucia. Cada minuto que passava, Nancy sentia como se ia fazendo mais e mais pequena a seu lado. Estava claro que lhe reprovava seu comportamento.

Estacionou detrás de seu carro. Era incrível que tivessem acontecido tantas coisas desde que o tinha deixado ali, duas horas antes. Um torvelinho de emoções a atravessava, deixando-a virtualmente vazia.

ficou olhando a velha casa, enclausurada com a cinta que usa a polícia para isolar a cena de um crime, e começou a procurar as chaves do carro.

—Obrigado por me trazer e por me acompanhar à joalheria.

E por me haver posto mais brincalhona que em toda minha vida. Depois do momento tão íntimo que tinham compartilhado, lhe teria gostado de dizer outra coisa, mas parecia que ele não estava disposto a escutar nada mais e ela não encontrava as palavras.

Abriu a porta e quando baixou notou que tinha as pernas frouxas. agarrou-se ao guichê um momento e correu até seu carro. Quando tentou abrir a porta lhe caíram as chaves a um atoleiro.

Ele apareceu a seu lado, de repente, pescou as chaves e as secou nas calças. Abriu-lhe a porta e a ajudou a subir. Quando se sentou no assento do condutor, sentiu-se aliviada por não ter que seguir de pé.

—Necessita que alguém te proteja as vinte e quatro horas do dia.

Nancy soltou um ruidito zombador para ocultar seu nervosismo.

—Isso estaria muito bem. O mau é que não vivemos em um mundo perfeito a não ser em um no que vivo só e tenho que trabalhar.

—Poderia ficar em minha casa.

ficou olhando-o, sem palavras.

—O que?

Liam se encolheu de ombros, um pouco envergonhado.

—É uma solução.

—Mas… e o que faria quando tivesse que trabalhar?

—vou estar livre as próximas três semanas e não me viriam mal umas férias. Solo tem que me pedir isso —Liam. No estamos en una relación en la que pudiera mudarme contigo ni nada parecido.

—E Eoin?

—Posso lhe encontrar trabalho em outra equipe rapidamente. Não se preocupe por ele.

Não podia pensar em mais desculpa para rechaçar aquela proposição inaudita, assim optou pela verdade.

—Liam. Não estamos em uma relação em que pudesse me mudar contigo nem nada parecido.

—Necessita amparo contra o que seja que está passando.

Lhe puseram os cabelos de ponta.

—Já, ao melhor, mas uma coisa não tem nada que ver com a outra. Conheci-te ontem e o que há… Bom, nem sequer sei o que há entre nós.

—Há um café da manhã.

—Não te ria de mim. Isto não é uma brincadeira.

Não lhe ocorreu nada mais que dizer e ficaram em silêncio. podia-se apalpar a tensão.

—Tampouco é tão precipitado.

—O que quer dizer? —perguntou-lhe ansiosa.

—Porque tampouco é tão estranho que te ofereça ficar em minha casa. Entre onde estamos agora e viver juntos solo há um passado.

Sentiu mariposas por todo o corpo.

—Mas se solo te conheço há um dia.

—O tempo é uma invenção do homem.

—Pois te pondo filosófico solo conseguirá que me encha o saco.

—Vale. Solo te expor os fatos.

Nancy resmungou. Não ia se deixar enrolar.

—Então, o que quer em troca de me deixar viver contigo?

—O que quer dizer? Acaso te pareço um porco oportunista?

Agora que Liam se zangou já tinha a desculpa para poder iniciar uma briga.

—Perdoa. Talvez sou quão única notou a atração sexual que sente por mim.

Liam se secou a cara, carrancudo.

—Sinto muito, foi um dia muito estranho.

—Sem dúvida —corroborou ela.

Liam se cruzou os braços sobre o peito. Vá braços e vá peito. Ainda nem o havia meio doido. Ele tinha tanto cuidado com ela, como se se fora a romper. sentia-se exatamente assim, frágil e ao bordo do abismo. Não era o momento de tomar decisões apressadas.

—Não é o melhor momento para…

—Momentos como estes são os que requerem gestos assim. Correr riscos.

Soprou.

—Não sou tão valente.

—E uma mierda. É tão dura como Lucia.

Para ouvir o nome de sua mãe ficou a procurar a caixa de lenços. Ele esperou um momento.

—Olhe, não sou polícia, por isso não te posso assegurar que vamos resolver esta confusão juntas, mas sim que te posso prometer que ninguém te fará mal enquanto esteja comigo.

Ela baixou o olhar enquanto se ruborizava.

—Me deixe te ajudar. Ou pelo menos lhe pense isso.

Que ia pensar nele continuamente o podia assegurar.

—Obrigado. Pensarei-me isso.

Ele se agachou para ficar frente a frente.

—E vete com suas irmãs, não fique sozinha em seu piso.

—Liam, não te pode imaginar quão minúsculas são nossas casas.

—Por favor, Nancy. Faz-o por mim.

A intensidade de sua voz a comoveu. Estava preocupado de verdade.

—De acordo —se ouviu dizer.

—Jura-me isso por sua mãe.

—Por Deus, Liam!

—Lucia teria querido que estivesse a salvo.

Assentiu.

—Juro-te por minha mãe que me vou ficar em casa de minhas irmãs esta noite —disse entre dentes.

—Indefinidamente. Até que saibamos que demônios passa.

—Não te dá medo tirar toda a artilharia pesada, não?

—Para nada. Se for por algo importante.

—Vale —lhe respondeu, enquanto fechava a porta do carro. Era um manipulador.

Deu-lhe uns golpecitos ao guichê para que a baixasse.

—E agora o que?

—Um pub irlandês te parece o suficientemente neutro?

Nancy pestanejou surpreendida.

—O que?

—Disse que uma entrevista só contava se íamos a algum sítio público. Amanhã de noite vou estar no Malloy’s, no Queen’s Alameda. estiveste em uma seisiún alguma vez? —Esperou a que ela assentira para continuar—. O Malloy’s está muito bem: boa Guinness, boa música e boa comida. Sua especialidade são os hambúrgueres e o guisado irlandês. A seisiún é de dez a dois. Eu gostaria que fosse.

—Primeiro me convida a viver contigo e logo me propõe uma entrevista. Vamos para trás como os caranguejos.

Encolheu-se de ombros.

—Intento ser original. —Pôs um joelho no chão para ficar a sua altura—. ultrapassaste o limite.

Ela assentiu, como uma boba. Ele sorriu e lhe deu um beijo delicioso que fez que seu corpo se esticasse e vibrasse.

—Nunca havia sentido algo assim —sussurrou ela.

—Eu tampouco. —Acariciou-lhe a bochecha com o polegar—. Está geada; acende o carro e

ponha a calefação. vais esperar à chefa da investigação?

—Certamente. De todas formas, não posso fazer nada até que terminem de recolher provas.

—De acordo. Vemo-nos amanhã.

Sorriu-lhe enquanto se separava do guichê. subiu ao caminhão e se foi. Nancy se passou a ponta da língua pelos lábios, que ainda sabiam a ele.

## Capítulo 5

–

Lê-o outra vez, desde o começo. —Vivi se estirou no velho sofá do Nell, apoiando-se sobre suas magras pernas. As unhas de seus pés emitiam brilhos dourados à luz das velas. voltou-se a concentrar em ler a transcrição da carta da Lucia—. Assim que algo aconteceu com seu matrimônio e a seu pai, mas o que? Lembram-lhes da data em que emigrou a América?

Nancy tentou fazer memória enquanto acariciava ao Moxie, que descansava em seu regaço e não parava de ronronar.

—Acredito que em 1965, ou antes. Foi professora de arte no Beardsley durante trinta e cinco anos e se retirou faz uns oito.

—Como se chamava a cidade de onde veio? —perguntou Vivi.

—Castiglione Sant'Angelo —respondeu Nell—. Está na Toscana. —ficou olhando a fotografia do pai da Lucia, emoldurada no Fabergé—. Ao melhor se trocou o sobrenome de Luza» a «D'Onofrio» pelo que aconteceu com seu pai —refletiu—. Uma vez lhe perguntei por que o tinha trocado mas não quis falar do tema e quando, antes de entrar na universidade, propu-lhe vir de viagem comigo a Itália para fazer um tour artístico e arquitetônico, respondeu-me tão mal que não me atrevi a voltar a mencionar-lhe nem a ela nem a ninguém.

—vamos fazer repasse das coisas que não sabíamos e das que ainda não sabemos nada —propôs Vivi, e ficou a contar com os dedos das mãos—: seu pai, seu matrimônio, um objeto misterioso e um sistema de controle e balanços que criou para nos proteger. Tampouco temos nem idéia de que servem exatamente os pendentes e, para lhe dar um pouco mais de emoção ao assunto, temos a carta desaparecida, o joalheiro assassinado e o ladrão cheio o saco. Tantas coisas por descobrir me dão fome.

Estirou o braço para agarrar uma parte de pizza da mesita.

—Oxalá pudéssemos jogar uma olhada às cartas e às fotos que tinha Lucia —disse Nell com preocupação.

—Já, mas também deixaram imprestáveis os papéis que havia em seu escritório —lhe recordou Vivi.

—Ao melhor se deixou algum —lhe respondeu Nell, com obstinação.

Nancy estendeu a mão para que Nell lhe acontecesse a foto e ficou observando a cara sombria com nariz aquilino do último conte de Luza. Seus olhos, intensos e profundos, pareciam-se tanto aos da Lucia que sentiu uma pontada no coração.

—Pergunto-me quando morreu. Nesta foto devia ter uns cinqüenta anos. Talvez põe a data por detrás.

ficou a toquetear o delicado marco, de prata e ouro, até que conseguiu soltar a pestana que fixava a parte traseira e tirar o que tinha em seu interior.

Tomou ar, surpreendida, e todas ficaram imóveis e em silêncio quando viram que algo caía em sua mão. O marco guardava por detrás outra fotografia e uma parte de papel, amarelado pelo

tempo.

Nancy se tirou ao Moxie do regaço com delicadeza e se aproximou do abajur. Nell e Vivi se aproximaram também enquanto Moxie se afastava, ofendida e com a cauda levantada.

—Olhem! —Vivi suspirou devagar, enquanto observavam Esta fotografia é Lucia. Miúdo bombom.

Viram uma Lucia jovem e formosa que levava o cabelo solto sobre os ombros, negro e encaracolado, coroado por um chapéu muito elegante, com os lábios pintados em um estilo muito atrevido, dos anos cinqüenta. Estava olhando ao homem, alto, atrativo e jovem, que a tinha arranca-rabo pela cintura e a contemplava como se se a fora a comer. Nancy, ao girar a fotografia, viu que tinham escrito uma data: Venezia, Carnevale, 1957.

—Quem é esse? —murmurou Nell.

—Talvez é o marido desaparecido —sugeriu Vivi—. O que põe no papel?

Nancy o desdobrou, estava estragado e era muito fino. As letras estavam médio apagadas, assim que o aproximou da luz. Tinha data de abril de 1964.

—Está em italiano —disse acontecendo-lhe ao Nell, que ficou os óculos para traduzi-lo.

Querida Lucia:

Não sei por que sigo te escrevendo se continuar sem me responder, mas não posso evitá-lo. Suplico-te que volte e possamos seguir com nossa vida juntos.

Compreendo que o que passou a seu Babbo deveu que ser horrível para ti, mas deve me acreditar quando te digo que para mim também foi como uma punhalada. Daria o que fora por poder voltar atrás e trocar tudo o que aconteceu mas não é possível.

De todas maneiras, isto não é desculpa para que tenha abandonado seu lar, sua família e seu país. Em outro lugar nunca poderá te recuperar. Meu amor, não pode fugir da dor, seguirá-te lá onde vá. Disso estou seguro.

Sempre foste obstinada, é uma parte de seu caráter que amo e admiro, mas deve ser capaz de ceder um pouco e transigir.

Não sei para que gasto tinta. Sua decisão é inamovible e intento aceitá-la, mas não posso. Mando-te esta fotografia para te recordar tempos melhores.

Sigo tentando decifrar o mapa de seu pai. tornei a escavar os jardins do palácio e inclusive drenei o lago. Já sei que pensa que não vou conseguir nada, assim que imagino que te agradará saber que meus esforços foram totalmente em vão.

Perdoa o tom de minha carta, jogo-te tanto de menos… Por favor, Lucia, volta pelos filhos que ainda poderíamos ter juntos. Volta para casa.

Sigo acreditando em ti,

Marco

As irmãs intercambiaram olhadas surpreendidas quando Nell deixou de ler.

—Vá, esse tio sim que sabia de chantagem emocional —sussurrou Vivi.

—Seguro que Lucia nunca se voltou a casar por ele. Acredito que teve pretendentes até os setenta anos, mas os rechaçou a todos. Ainda queria ao tal Marco. Que romântico.

—Mas que trágico que tivessem que estar separados toda a vida. —Nancy ficou olhando ao casal da foto, que irradiava uma felicidade autêntica e inocente, e se sentiu fatal por eles—. E tudo isto por algo terrível que lhe passou ao conde entre 1957 e 1964.

—E criem que aquilo poderia estar conectado com o que está acontecendo agora? —perguntou Vivi em um fio de voz.

Nancy voltou a pregar a carta.

—Bom, este tal Marco tinha um mapa —disse devagar— e procurava com empenho um

objeto oculto. A carta da Lucia menciona este «objeto», além do que aconteceu com seu pai e as conseqüências que teve para seu matrimônio, assim acredito que de alguma forma sim que estão conectados. O como já é outra história.

—Estas não são boas notícias porque não temos nem idéia do que pode ser esse algo —afirmou Nell.

—Pelo menos, a carta que encontrei no lixo deixa claro que não são os pendentes que nos deu de presente. Estes são sozinho a chave, assim ao melhor essa coisa está guardada na caixa forte que instalaram na casa —declarou Nancy.

—Claro, essa para a que não temos combinação. —Nell levantou seu pendente, que começou a dar voltas, os pequenos rubis e diamantes cintilavam à luz das velas de seu pequeno estudo no SoHo—. Poderíamos tentar contar as pedras e provar as diferentes combinações que nos ocorram —disse pensativa—. Mas isso não tem nada que ver com nosso amor pela música, a literatura e a arte. Muito óbvio para a Lucia.

Nancy voltou a guardar com cuidado a fotografia e a carta dentro do marco.

—Estava-se preparando para nos dizer algo mais sobre isto quando a assassinaram.

—Como que a assassinaram? —Vivi deixou a parte de pizza no prato enquanto tentava tragar com dificuldade o que tinha na boca—. Nance, de verdade crie…?

—É obvio. carregaram-se ao joalheiro e a sua família a noite que destroçaram a casa, antes de que pudesse falar com ele.

Nell voltou a ficar o pendente ao pescoço, podia-se ver o medo em seus olhos negros.

—Nunca te tinha visto assim, Nance. É a pessoa mais inteira que conheço. Fiquei-me flipada quando me perguntaste se podia dormir em minha casa, embora já sabe que estou encantada de que fique. Eu também estou assustada, menos mal que estão aqui.

—OH, solo o tenho feito porque o tinha prometido. Sei que estaria bem em casa —disse Nancy, nervosa.

—Ah!, sim? E a quem o tinha prometido? —perguntou Vivi ficando direita e abrindo bem os olhos.

—Ao Liam —respondeu Nancy enquanto jogava com a malha de seu jeans e se arrependia de havê-lo solto sem pensar—. O carpinteiro que ia arrumar a casa da Lucia.

Nell e Vivi se olharam.

—Fez-te lhe prometer que não ficaria sozinha? É o mesmo que memorizou a carta da Lucia? —perguntou Nell—. minha Mãe… Está mostrando muito interesse, não?

Se elas soubessem.

—Suponho que sim.

—Nos fale dele —inquiriu Nell—. Imagino a um barrigão com barba, o nariz vermelho e olhar alegre, como um Papai Noel, mas mais jovem. Dos que vão ensinando a fatia do culo quando se agacham. acertei?

—O que vai, nem de longe —admitiu Nancy e soprou.

—Conta, conta. Nada de barrigão nem de culo peludo? —disse Vivi enquanto ela e Nell intercambiavam sorrisos cúmplices.

—Nada disso —assegurou—. Ventre plano e não vi se tiver cabelos mas tenho que dizer que tem um culo bastante proporcionado.

—Proporcionado, né? —ronronou Vivi—. Quanto mede?

—Um e oitenta, mais ou menos.

—Um e oitenta? De que cor tem os olhos? Azuis, verdade?

—Não, são verde muito pálido.

Nell e Vivi chocaram os cinco.

—Lembra-se da cor de seus olhos —se gabou Isto Vivi vai a sério.

—Venha já —grunhiu Nancy.

—Terá que celebrá-lo —gritou Nell enquanto abria outra cerveja—. Pelo menos não é

músico. Já é algo.

—Convidou a uma seisiún amanhã de noite, toca em Queens, assim que um pouco de músico tem. Não obstante, não tenho nem idéia da que nível nem que instrumento.

—Convidou a uma seisiún??? —bramou Nell.

Nancy se retorceu em seu assento.

—Não é uma entrevista. Solo vou ver o tocar e a tomar uma cerveja com ele em um pub irlandês. Uma entrevista é outra coisa: jantar, bebidas, dançar, ir ao teatro…

—Falou a perita. Como se chama o bar?

—Nem lhes ocorra aparecer por ali —disse Nancy olhando as de marco em marco.

—Como se chama? —perguntaram de uma vez.

—Não lhes penso dizer isso —Pues dínoslo.

—Vale, então vou chamar ao Eugene e lhe diremos que ficaste com um tio amanhã em Queens, pedirei-lhe uma lista dos pubs que tenham concertos pela zona e não pararemos até dar contigo.

—Não serão capazes —começou a protestar Nancy.

—E quando lhe encontrarmos nos colocaremos contigo sem piedade.

Nancy fechou os olhos, tinha a cara tinta.

—Não digam nada ao Eugene —suplicou—. É muito fofoqueiro e ficará muito pesado com o tema.

—Pois nos diga isso.

Não havia rastro de piedade na voz do Vivi.

—O pub se chama Malloy’s e o concerto é de dez a dois. Mas ainda não sei se irei —disse entre dentes.

—Como? Um e oitenta, olhos verdes, bom culo… Vai a esse pub como que me chamo Vivi.

—Se for ou não é meu problema. Já veremos como reagem quando me presente em sua próxima entrevista para rir de vocês.

—Já pode esperar sentada —disse Nell.

Algo em sua voz chamou a atenção do Vivi e Nancy. Vivi se enhebró em seu braço.

—por que? É preciosa, lista e doce. Quem se negaria a sair contigo?

Nell se encolheu de ombros e olhou para outro lado.

—Não sei. Solo eu gosto dos homens impossíveis de conseguir. Suponho que para tentar me proteger. Assim me asseguro de que nunca terei que me enfrentar a uma relação real…

—De quem está falando? —perguntou Nancy com voz dura—. Como é de impossível?

—Que mais dá. Não o conhece.

—Está casado? —perguntou Vivi.

—Não… Bom, a verdade é que não tenho nem idéia porque não falei com ele mas me fixei e não leva anel. Assim suponho que… Bom, melhor passemos do tema, não tem importância.

Mas já não havia forma de voltar atrás. Nancy seguiu perguntando:

—nos diga quem é.

Nell levantou as mãos.

—Ninguém. Um tio que deve comer ao Sunset Grill todos os dias. Estou pendurada por um tio ao que não conheço de nada. Assim sou de patética.

—Passaste-lhe seu número com a conta? —perguntou Vivi, maliciosa.

Nell pôs os olhos em branco.

—Se me tivesse cuidadoso alguma vez ao melhor mas não levanta a vista do ordenador. Não pára de escrever algo que parece um código.

Vivi se deixou cair sobre o sofá e se cobriu a cara com uma almofada.

—Por favor, não pode ser que esteja penetrada por um friki. Pobrecita.

—E você o que, Viv? Não tem nada que nos contar?

Vivi parecia incômoda.

—O que vai. Estou fazendo toda uma arte do celibato. Ainda não me recuperei que o do Brian.

—Venha já! Mas se já faz seis anos —saltou Nancy—. O tem que superar de uma vez.

Vivi franziu os lábios ante o tom mordaz de sua irmã.

—me acredite, o tentei.

Nancy ficou olhando sua expressão tensa e algo em seu tom lhe disse que devia parar de perguntar. Vivi fez um gesto com a mão, como apagando a conversação.

—vamos esquecer nos do Brian, é um gilipollas. Quero seguir falando do carpinteiro de culo proporcionado do Nancy; estou desejando vê-lo.

—Eu também —disse Nell.

Moxie se aproximou do Nancy e começou a esfregar-se contra suas pernas. Ela abriu outra cerveja.

—Meu deus, me tire desta.

Nell lhe deu uma cotovelada.

—Venha, tampouco queremos te torturar… Bom, um pouco sim. Mas date conta de que por fim temos algo parvo pelo que nos rir, depois do que passamos estes dias. Assim que nos tem que dar um pouco mais de corda, não crie?

Nancy lhe apertou a mão sem lhe dizer nada. Nell tinha razão. Por fim voltavam a rir, fofocar sobre homens, dizer tolices e falar de coisas superficiais. Embora aquele beijo sob a chuva não tinha sido nem tolo nem superficial. OH não. Tinha sido transcendental, e com essa definição ficava curta.

Sabia que não apareceria mas desde que tinha entrado no Malloy’s e tinha começado a tirar os instrumentos de seus estojos não parava de olhar o relógio cada meio minuto, como um idiota. Pegou-lhe um bom gole a Guinness e se perguntou por que se torturava a si mesmo. Ao fim e ao cabo, solo com seu móvel soando sem parar já o voltaria louco.

Como podia ser tão idiota, oferecer-se para ser seu guarda-costas. Ele não era nenhum cavalheiro andante. Claro que a manteria a salvo, enquanto estivesse em sua cama, sob seu corpo.

Não podia deixar de estar pendente da porta. Tinha tantas vontades de vê-la outra vez e de escutar sua voz… adorava sua maneira de pensar, sua maneira de franzir o cenho quando se concentrava em algo, a cor de seus olhos e como enrugava o nariz quando estava molesto, que era muito freqüentemente. E quando a beijou, OH, a chuva que lhe caía podia haver-se evaporado facilmente.

—Liam! Terra chamando o Liiiam! —zurrou Mickey, o violonista—. Começa com a série de reels que fez a semana passada, a que acaba com o The Tinker’s Bride, vale? Quero provar um novo acompanhamento.

—Claro.

Pegou-lhe outro gole à cerveja. Eram as onze passadas. Tinha que fazer o possível para esquecer-se dela e concentrar-se em tocar, assim que ficou a afinar o violino.

Entrou justo quando acabavam de começar a tocar The Tinker’s Bride. Sentiu-a antes de que se aproximasse entre a gente e começou a sorrir imediatamente. Um sorriso que ia crescendo por momentos. Começou a acelerar sem dar-se conta enquanto o resto dos músicos o olhavam com pânico nos olhos até que solo ficou Eoin para acompanhá-lo. Terminaram com uma floritura que o público aplaudiu.

O estilo do Nancy era mais depravado que o que tinha visto os dias anteriores. O cabelo solto e brilhante era comprido e ondulado. Levava uns jeans e uma camiseta vermelha e ajustada que contrastava com a palidez de sua pele e marcava a forma perfeita de seus peitos firmes.

Seus olhos mostravam cautela debaixo de seus óculos. Liam deixou o violino e se aproximou onde ela estava enquanto soava The Redhaired Boy. Ela ficou com os olhos como pratos

quando Liam se inclinou para beijá-la. Como se tivesse todo o direito do mundo. Nancy cheirava genial e seus lábios eram muito suaves.

Ela se tornou para trás.

—Vá —disse com uma risada nervosa—. Não perde o tempo.

—Claro que não.

Rodeou-a com os braços e a voltou a beijar.

Começou a sentir quão mesmo no dia anterior. O mundo deixou de existir a seu redor, solo podia ver o Nancy e notar seu próprio coração. Logo que podia escutar a música. Não obstante, obrigou-se a separar-se e olhar a seu redor. Um coro de risitas e cotoveladas os rodeava. Eoin, que levantou o copo em sua honra, olhava-o com curiosidade.

Nancy se ruborizou.

—Fiz algo mau? —perguntou Liam.

—Não estou acostumada a que me entrem assim.

—Vá, sinto —lhe respondeu, sem parar de pensar em beijá-la outra vez—. Seus outros noivos lhe pediam permissão antes de te beijar?

—Acredito que não —disse duvidosa—. A verdade é que não me lembro e tampouco acredito que nenhum o tentasse.

Olhou-a desconcertado.

—Miúdos frouxos. No que estariam pensando?

A recompensa a seu comentário foi uma gargalhada que o fez rir a sua vez, agradado consigo mesmo.

—O que quer tomar?

—Disse-me que a Guinness estava boa, não?

—A melhor deste lado do Atlântico.

Aproximou-se da barra e lhe pediu uma pinta. Depois de um traguito lhe deu a razão.

—Não sabia se apareceria —admitiu Liam.

Tirou-se a espuma do lábio com a língua e respondeu:

—Não sei se tiver sido boa idéia.

—Eu tampouco, mas me dá igual —afirmou sem pensar-lhe duas vezes. Pôs uma cadeira a seu lado para que se sentasse, agarrou-a da mão e entrelaçou os dedos com os seus para esquentar-lhe Entre o bulício que se formou ao terminar a série, Nancy se teve que aproximar de seu ouvido para lhe dizer que queria escutá-lo tocar.

Sentir o fôlego do Nancy no pescoço o pôs eufórico. Agarrou o violino e se uniu ao grupo quando Mickey lhes marcou o início de uma nova série. Eram bons: violão, violinos, bodhran, acordeão e, é obvio, as gaitas de fole do Eoin, ensimismado em sua felicidade e tocando tão depressa que nem sequer lhe viam os dedos.

Nancy aplaudiu com alegria quando terminaram a série.

—São fantásticos! —disse-lhe enquanto lhe iluminavam os olhos—. O bordaste com o violino. Onde aprendeu a tocar?

—Meu padrasto o tocava, ensinou-me quando era um menino, e comecei com a flauta e o flautim faz uns anos, por diversão. Prefiro me entreter com isso que com a televisão.

—Te dá muito bem. pensaste alguma vez em te fazer profissional?

Liam utilizou o ruído como desculpa para lhe falar com ouvido, aproveitando para lhe beijar a pele suave de detrás da orelha e aspirar o aroma de seu xampu.

—Me passou pela mente —admitiu—. Mas logo pensei que lhe tiraria toda a graça.

—Bom, pode que tenha razão. Como se chama o gaiteiro?

—Esse é Eoin. É minha segundo primo e acaba de sair da Irlanda. Trabalha para mim e vive no porão de minha casa. É um bom menino.

—É fabuloso.

—Verdade que sim?

É o único que lhes deu tempo a dizer antes de que começassem outra série de reels. Ao acabar, Nancy voltou a inclinar-se para ele para lhe perguntar se Eoin estaria interessado em ir gira com um grupo profissional.

Liam ficou atônito.

—Não quero te pôr em um apuro, mas é muito bom.

Brilhavam-lhe os olhos.

Estava tão a gosto que se sentiu generoso:

—Lhe pergunte. Seguro que lhe entusiasma a idéia. Vive para tocar essas gaitas de fole.

Tocaram uma série de slip jigs enquanto ela chamava por telefone com um sorriso de orelha a orelha, como um menino com um brinquedo novo. Parecia satisfeita quando se voltou a sentar a seu lado.

—Salvaste-me a vida. Acredito que solucionei o problema, se Eoin está interessado, claro. Matt e Eugene estão de caminho.

—É rápida —disse Liam com ironia.

Nancy lhe expressou sua preocupação.

—Seguro que não te importa que lhe roubemos isso?

Encolheu-se de ombros.

—Acabava-lhe de encontrar um trabajillo, nada importante.

Ela se relaxou.

—eu adoro quando das coisas funcionam bem.

—A mim também —aceitou, e se aproximou mais a ela para cheirar sua fragrância e afundar a cara em seu brilhante cabelo.

Meia hora depois viram entrar em um ruivo baixinho que levava um violão e ao que acompanhava outro menino magricela com um violino. Em seguida localizaram ao Eoin e ficaram observando-o; tocava com os olhos fechados e os foles a batente. Fizeram-lhe um gesto de aprovação ao Nancy e o ruivo ficou olhando com curiosidade ao Liam, que seguia lhe cheirando o cabelo.

—o do violão é Matt e o do violino é Eugene —lhe disse ao ouvido—. Lhe apresentarei isso depois da sessão.

Matt e Eugene tiraram seus instrumentos e se uniram ao grupo. Nancy deu uns tapinhas ao Liam e retirou a mão.

—Tenho que ir falar com o Eoin. Volto em seguida.

Observou-a fascinado enquanto passava entre a gente. Ela se aproximou do Eoin ao final da série e começou a lhe dizer algo ao ouvido. Eoin lançou um olhar de desconcerto ao Liam, que levantou o polegar para que soubesse que estava à corrente. Nancy voltou a dizer algo ao menino que lhe fez ficar vermelho como um tomate e se sentou de novo junto ao Liam.

—Bom, agora toca ao Matt e Eugene. É muito tímido, assim que o terão que convencer — lhe gritou enquanto tocavam The Abbey Reel com entusiasmo.

um pouco depois, Liam se deu conta de que alguém o saudava da barra. Era Charlie Witt, um policial do Latham que foi companheiro de seu padrasto quando este ainda estava no corpo. Era um bom homem que seguia trabalhando apesar de ter idade para aposentar-se.

Uma idéia lhe passou pela cabeça e aproximou seus lábios à orelha do Nancy aspirando com ânsia esse aroma seu doce e morno que lhe dava vontade de lhe lamber todo o corpo.

—Pode-me acompanhar a falar com esse tio?

Assentiu, olhando-o surpreendida, e ambos se levantaram de suas cadeiras. Liam a agarrou da mão para guiá-la para o outro lado do bar enquanto o grupo seguia ao Eoin e se embarcavam em um reel estridente.

Os dedos do Nancy se entrelaçaram com os seus. Sua mão era muito pequeno. Queria beijar-lhe tirá-la dali e levar-lhe a algum lugar privado.

Estreitou a mão do Charlie, que lhe deu uma palmada de aprovação nas costas quando

conheceu o Nancy.

—Vá pibón —lhe disse o homem—. Trata-a bem ou lhe roubarei isso.

Dois bodhrans acompanhavam ao reel que tocaram a seguir, por isso Liam teve que aproximar-se mais para falar com o Charlie.

—Necessito seu conselho.

—Claro, já sabe o que apreciava ao Eddie, faria o que fora por seu filho.

—Soa-te o caso de uma mulher maior italoamericana que morreu faz dez dias no Hempton quando entraram em roubar em sua casa? D'Onofrio?

Esta pergunta apagou o sorriso da cara do Charlie.

—Sim, algo ouvi. Uma puta vergonha. Dizem que tornaram a entrar na casa e a deixaram pior que a última vez.

—Fui eu o que chamou à polícia. Nancy é a filha da senhora D'Onofrio.

Charlie olhou ao Nancy com seriedade e apontou ao fundo do bar com o queixo.

—Vamos detrás, poderemos falar mais tranqüilos.

Seguiram-no até uma sala menos ruidosa onde havia uma mesa de bilhar e um telefone. Charlie se sentou em uma das poltronas e lhe pegou um gole a sua cerveja.

—Não sei muito do caso —os avisou—. Não o tenho atribuído e nem sequer está dentro de minha jurisdição. O pouco que saiba me contou isso Henry, um companheiro que está saindo com uma das investigadoras.

—Solo queria saber sua opinião.

Contou ao Charlie os detalhes importantes e Nancy fez um par de incisos. Deram-lhe a carta da Lucia para que a lesse. Ele se tirou os óculos e se tornou para trás, mordendo o lábio.

Olhou ao Nancy.

—O chefe da investigação sabe algo desta carta? Sabe que pode estar relacionada com o assassinato dos Baruchin?

—É chefa, a detetive Lanaghan, e sim, ontem a ensinei e lhe comentei o do Baruchin. De fato, a carta original a tem a equipe forense. Talvez encontraram algo mais a estas alturas. Espero que sim, essa é a única maneira de que possamos ter mais informação.

Charlie meneou a cabeça.

—Nem os anciões estão já a salvo. Nestas últimas duas semanas morreram a senhora D'Onofrio, o manequim e a família Baruchin.

—O manequim? —perguntou Liam.

—Faz uma semana, uns meninos se encontraram o corpo de um homem de uns oitenta anos ao que lhe tinham quebrado o pescoço em um solar do bairro jamaicano. Ninguém o pôde identificar, mas o mais estranho é que a roupa que levava posta devia custar uns dez mil dólares. Steffi esteve procurando preços em internet e só os sapatos custam uns dois mil. Se era rico, como é possível que ninguém o esteja procurando? E se era um ladrão, como pode ser que não estivesse fichado? —encolheu-se de ombros—. Não encontramos nada, é como se o tio nunca tivesse existido. O caso é que alguém o carregou e agora mataram ao Baruchin, a sua mulher e a sua sogra a mesma noite em que alguém volta para a casa da senhora D'Onofrio e a destroça, provavelmente procurando algo. Isto me cheira muito mal —disse olhando ao Nancy—. Está segura de que não sabe o que podem estar procurando, verdade?

Nancy apertou os lábios.

—Não tenho nem idéia. O único que me ocorre é que pudessem procurar estes pendentes, mas segundo a carta da Lucia parece ser que não. Os pendentes são quão único conectava a minha mãe com o Baruchin. Se soubesse algo mais o teria contado à chefa da investigação imediatamente.

—Suas irmãs e você deveriam lhes desfazer desses pendentes se houver gente capaz de matar por eles —disse Charlie sem rodeios.

Nancy ficou calada e agarrou o pendente, como se alguém tentasse tirar-lhe.

—São… o último presente que nos fez Lucia.

—Já, mas pode que seja o último que recebam —replicou Charlie muito sério. Toda a frescura e alegria de sua cara avermelhada tinha desaparecido de um colchão.

Nancy ficou olhando-o, amável mas desafiante.

—Tenente Witt…

—Me chame Charlie, carinho.

Nancy lhe ofereceu um sorriso incandescente.

—Charlie, depois de que entrassem pela primeira vez, encontraram rastros em uma das mesas de minha mãe que não eram delas nem nossas. Crie que serviria de algo as comparar com as da casa do senhor Baruchin ou desse senhor misterioso? Assim poderíamos averiguar se estiveram alguma vez em casa da Lucia.

Charlie a olhou, dúbio.

—Não acredito que lhe tenha ocorrido a ninguém, mas por que não? Chamarei a detetive Lanaghan amanhã e falarei com ela, mas recorda que tem que ser paciente.

—claro que sim —murmurou Nancy.

Charlie se voltou para o Liam com o cenho franzido.

—Eu a teria vigiada se fosse você, menino. Não a deixaria sozinha nem um minuto.

Liam assentiu com alívio porque o policial tinha confirmado o que lhe dizia seu instinto e esperava que Nancy lhe fizesse mais caso que a ele.

—Já o tinha pensado —respondeu Liam—, mas ainda estou tentando convencê-la.

—Pois lhe batalhe isso mais —lhe aconselhou Charlie em tom duro e se voltou para olhá-la, notando-se no decote—. Tampouco acredito que seja um grande esforço estar pendente dela, não?

—Não me supõe nenhum problema —coincidiu Liam, embora Nancy lhe dissesse com o olhar que já pagaria pelo que acabava de dizer.

—me custaria lhe tirar os olhos de cima —comentou Charlie.

—Cavalheiros, poderiam deixar de falar de mim como se não estivesse a seu lado? —perguntou Nancy com crispação na voz.

Charlie piscou.

—Perdoa, carinho, não lhe estaremos tratando como um objeto, verdade?

Nancy soprou e Charlie se tomou aquilo como um incentivo.

—Uma vez tive uma noiva que sempre me dizia que a tratava como um objeto quando se zangava.

—Charlie…—o interrompeu Liam—, ponha o freio.

—Nunca soube que coño queria dizer mas miúdo par de…

—Charlie! —Liam estalou os dedos diante de sua cara.

O homem se rendeu.

—Perdão… Bom, acredito que vou a casa. Minha mulher me está esperando. —Olhou ao Nancy enquanto dava o último gole à cerveja e se fixou no copo pela metade que levava Liam na mão—. Se fosse você, tomaria café em vez de cerveja —lhe disse com tranqüilidade.

Voltaram para seus assentos quando Charlie se foi e Liam se pediu um café seguindo seu conselho. Mesmo assim se sentia embriagado, não pelo álcool, era algo totalmente diferente, muito mais poderoso. A música soava com força e a delicada mão do Nancy, agora relaxada e quente, estava entrelaçada com a sua. Quase não falaram mas não importava.

Em um momento dado notou como algo distraía ao grupo. Não é que o ritmo da música baixasse mas se deu conta de que todos seus membros exceto Eoin se tornaram para olhar o que havia detrás dele. girou-se e o mistério ficou resolvido. Duas garotas muito bonitos acabavam de entrar: uma era magra e delicada, com os olhos azuis cinzentos e uma larga cabeleira ruiva, e a outra era uma moréia de olhos negros rutilantes, que tinha umas curvas de vertigem e os lábios grandes. aproximaram-se onde ele estava e lhe sorriram.

Ele olhou ao Nancy, perplexo, enquanto ela punha os olhos em branco. Fez-lhe um gesto para que se aproximasse.

—São minhas irmãs —lhe disse ao ouvido—. Queriam te conhecer e já de passagem chincharme a mim.

Miúdas irmãs. Uma onda de satisfação e energia o alagou infundindo uma velocidade vertiginosa a já rápida canção The Three Wishes. ficou olhando às irmãs como dizendo: «Aqui estou eu, me olhem». Elas se olharam a uma à outra e começaram a rir. Sussurraram- algo ao Nancy ao ouvido que a fez ficar vermelha. Estava encantado.

Deu-lhe pena quando partiram pouco depois; lhe teria gostado de poder falar com elas. Esperava poder voltar às ver logo e poder as enrolar para que ficassem de seu lado. Ao melhor as podia convidar para jantar em sua casa quando Nancy estivesse ali com ele em uns dias. Logo.

Liam olhou o relógio quando os músicos começaram a recolher e se surpreendeu ao ver que eram mais das duas. Eoin já estava procurando a alguém que o levasse a seguinte seisiún, não tinha remédio.

—Acredito que deveria ir a casa —disse Nancy.

—Acompanho-te ao carro —lhe ofereceu.

—Ao final vim em metro. Ontem encontrei um sítio tão bom para estacionar que não fui capaz de movê-lo dali.

ficou olhando-a com má cara.

—Está de brincadeira, não?

Parecia incômoda.

—Né, não. Mas não há perigo, os trens estavam abarrotados quando vim. É impossível que me aconteça algo na linha seis em direção sul quando vai tão enche. E a linha sete, que também levava bastante gente, deixou a duas maçãs daqui. Estou acostumado a ir em metro quando posso, é muito mais eficiente e…

—Não vai em metro esta noite —disse com seriedade—. Te levo eu a casa.

—Não faz falta. Não se preocupe. De todas maneiras, com o que está passando, pensava agarrar um táxi para voltar.

—É que não escutaste nada do que te há dito Charlie? Está louca? Porque parva não é. É uma suicida.

—Não, não o sou —replicou Nancy, envergonhada—. Sozinho intento levá-lo o melhor que posso. Como vai voltar Eoin a casa? Não veio contigo?

—Não se preocupe por ele. Seus amigos o vão levar a uma seisiún no Brooklyn. Estará ali tocando toda a noite e não tenho nem idéia de onde acabará.

Nancy se mordeu o lábio.

—Não te pilha de passagem. De verdade que posso agarrar um táxi.

Aquela mulher vivia em outro mundo. Não estava acostumada a tios aos que lhes importasse se chegava bem a casa nem a que a beijassem. Pois pior para ela, ia se ter que fazer à idéia.

Nancy se agarrou à porta do caminhão. Estavam a sós na escuridão. As dúvidas voltaram a acossá-la e uma corrente de desejo a alagava. Era curioso, sempre tinha pensado que tinha estado apaixonada pelo Freedy, de Rum e do Peter, mas nunca havia sentido algo assim com eles. Era como uma cebola a que lhe tivessem tirado as capas que a protegiam.

Procurou algum tema corriqueiro para falar.

—Não posso acreditar que tenha conseguido encontrar um gaiteiro. Quantos anos tem Eoin?

—Vinte e um, se lembrança bem.

—Que jovencito é. Além disso, parece que se leva bem com o Matt e Eugene e está disponível para ir de excursão, menos mal. Tem visto de trabalho?

Liam duvidou.

—Estamo-lo solucionando.

—Poderíamos lhes ajudar com isso —lhe assegurou ela—. Não há muita gente que saiba

tocar a gaita de fole Uilleann. É uma habilidade muito especial, assim poderíamos mandar uma carta a imigração e lhes dizer que necessitamos ao Eoin para os concertos, embora talvez leva seu tempo. —O olhou de esguelha—. por que sorri? Faço-te graça?

Parou no pedágio do túnel do Midtown e não a deixou pagar.

—É um encanto, Nancy.

As bochechas dela avermelharam.

—Não te cria que o faço desinteresadamente. Estava desesperada por encontrar um gaiteiro.

—E o visto de trabalho?

—Também me convém.

—por que te dá vergonha que te diga que é um encanto?

Pensou-o durante um minuto.

—Faz-me sentir que é condescendente comigo.

—Quer dizer que te faz sentir vulnerável.

—Não me psicoanalices nem me diga como me sinto, por favor. Não estou de humor.

—E já tornou a tia brincadeira. Mas não me engana. É dura mas também é muito doce e não estou sendo condescendente. Para nada. Felicito-te por isso.

ficou sem palavras. Invadia-a um sentimento de nudez que era insuportável. Saíram do túnel e entraram no Midtown. Foi um alívio ter que lhe indicar por onde ir.

—Minha casa está para o sul da Franklin Delano Roosevelt Drive. —Quando viu a cara que lhe pôs acrescentou—: Te juro que me estou ficando em casa do Nell, mas tenho que recolher as coisas de minha gata porque ontem não podia as levar todas. Necessito a comida, os brinquedos e a areia da caixa. Sinto que tenha que dar mais volta mas…

—Não é moléstia, joder.

Aquela resposta acabou com qualquer tipo de conversação.

Solo resmungou «direita» e «esquerda» até que lhe indicou qual era sua porta no Alphabet City. Ele passou de comprimento e estacionou no primeiro sítio livre que viu, três maçãs mais abaixo.

Nancy estava desconcertada. Não pensava que fora a estacionar. Acreditava que a esperaria com o carro diante da porta enquanto agarrava as coisas.

Liam Knightly, em seu apartamento, às três da manhã. imaginou fazendo coisas para as que ainda não estava preparada.

Zangou-se consigo mesma. Ele tinha conduzido quarenta minutos para levá-la a casa, quão mínimo podia fazer era lhe oferecer uma taça de café.

—Quer subir a tomar um café?

—Sim.

Esse «sim», que podia ocultar muitos significados, ressonou em sua cabeça. Lhe afrouxaram as pernas.

—Meu piso não é território neutro.

Seus olhos brilharam.

—Levarei-me bem.

Ja, miúda falácia.

Liam se pendurou o violino e a bolsa com as flautas ao ombro e a agarrou do braço. Passava por diante daquelas casas estreitas de princípios de século como se os cubos de lixo os fossem atacar. Ela tirou as chaves de sua casa à luz tênue e lhe pisquem da lâmpada que iluminava as escadas da entrada. Às três da manhã, parecia o sítio mais cutre do mundo. forçou-se a si mesmo para não desculpar-se pelo estado do lugar procurando desculpas sobre o preço dos pisos em Manhattan enquanto subiam as escadas.

Tentou encontrar algo que dizer para romper o silêncio mas seu cérebro tinha deixado de funcionar. Assim quando uns homens vestidos de negro lhes jogaram em cima ao chegar ao patamar da escada ficou calada, com a boca aberta, incapaz de gritar.

Capítulo 6

–

Mierda! —vaiou Liam enquanto se plantava diante dela e a jogava para a parede. Eram grandes, levavam roupa escura e máscaras. Não pintava bem.

Atacou-os sem ser consciente do que fazia e com o salto da bota golpeou o queixo do primeiro, que caiu para trás, em cima de seu companheiro. Isso deu ao Liam a oportunidade de observar o que acontecia um precioso segundo e dar-se conta de que um deles levava uma faca. Retrocedeu para esquivar as investidas do primeiro oponente, sem perder de vista a folha, mas o patamar era pequeno e tinha que manter a arma longe do Nancy.

O homem atacou com a navalha, Liam subiu o antebraço para parar a estocada e lhe estampou a mão contra a parede para que soltasse a faca. Viu como o segundo corria para o Nancy e elevou a perna para lhe dar um joelhada e poder pará-lo, mas o outro o fez cair ao lhe dar uma patada na perna que tocava o chão. Enquanto recebia uma cotovelada nas costelas pôde ver, com a extremidade do olho, como a caixa do violino voava pelos ares. A seguir escutou uma falência e o primeiro dos homens emitiu um gemido de dor enquanto caía de cabeça pelas escadas. Bem.

que ainda estava no patamar se equilibrou sobre o Nancy sem lhe dar tempo a recolher a caixa do violino para golpear outra vez e a esmagou contra a parede da escada. lhe falharam as pernas, escorregou e ambos caíram a câmara lenta, escada abaixo, fora do campo de visão do Liam.

Liam voou detrás deles enquanto o homem saía correndo com o corpo enfraquecido do Nancy nas costas e o atacou agarrando-o do pescoço por detrás. O primeiro atacante tinha desaparecido.

Conseguiu que soltasse ao Nancy, que caiu inconsciente ao chão. Liam viu como a porta se abria de par em par e as sombras ficavam a girar a seu redor quando o homem o enganchou em uma cambalhota voadora que os fez cair aos duas pelas escadas da entrada do edifício.

O mundo não parava de dar voltas e começaram a cair golpes na cabeça, os ombros e as costas, tão rápidos que não podia distinguir a dor que lhe causava cada um deles. Aterrissaram no chão, um ao lado do outro, e ficaram ali atirados durante segundo meio. deu-se conta de que o fôlego do homem era asqueroso.

Então, aquela costure com máscara girou sobre si mesmo, como uma serpente, e lhe atiçou na orelha com o cotovelo. A briga cobrou movimento de novo: lutavam, grunhiam e ofegavam. Liam lhe deu um tapa no queixo a seu competidor lhe fazendo fechar a boca bruscamente. O tio era descomunal mas Liam, desesperado, tirou força de fraqueza e lhe estampou uma e outra vez a mão em que levava a faca contra a cerca metálica que tinham detrás e que separava os cubos de lixo da entrada do edifício.

A arma caiu ao chão e Liam se separou um pouco do homem. O outro tentou usar suas fortes pernas para impulsionar-se as abrindo, assim Liam o agarrou pelas Pelotas com a mão, apertando com todas suas forças.

O agressor gritou enquanto Liam media o chão em busca da faca, encontrou-o e ficou um pouco agachado, em posição de defesa, esgrimindo-o. O outro se incorporou, ainda dobrado de dor. Vêem por mim, filho de puta.

Teria sido gracioso se lhe tivesse tirado uma pistola. Mas não foi assim, o valentão duvidou um momento, tornou-se para trás, deu-se a volta e começou a correr, podia ouvir o ruído de suas botas contra o chão. Liam saiu correndo detrás mas algo o conteve, como se tivesse uma soga ao

pescoço. Embora seu instinto depredador o animava a perseguir a sua presa, pensou no Nancy, que não se moveu da entrada, onde o homem a tinha solto. Recordou que a porta do edifício estava aberta, que eram as três da manhã, que aquele bairro no Avenue B era perigoso e que não tinha nem idéia de onde estava o primeiro atacante.

O agressor se perdeu detrás da primeira esquina e a rua estava silenciosa e tranqüila. Os dois homens se foram e Liam subiu as escadas da entrada e se sentou ao lado dela, com o coração a cem e a mandíbula apertada pela frustração que sentia.

Apartou-lhe a brilhante juba da cara.

—Nancy? Está bem? —perguntou-lhe com voz tremente e sem fôlego—. me Diga algo.

—Estou bem —disse abrindo os olhos, apoiando-se em pés e mãos para levantar-se—. Acredito. foram-se?

—Sim.

Ajudou-a a incorporar-se e examinou suas feridas. Estava aturdida, desorientada e pálida como um fantasma mas não tinha nada de gravidade. Ela permitiu que a ajudasse a terminar de levantar-se e estiveram abraçados durante um bom momento tentando manter o equilíbrio com a ajuda do outro.

—Mas isto…

—Como te disse —lhe sussurrou ao ouvido—. Um problema detrás de outro.

Nancy soltou uma risada histérica e agitada. Ele a apertou mais contra si, lhe acariciando as costas tremente. deu-se conta de que era a primeira vez que se abraçavam. Era estranho que tivessem esperado tanto tempo. Em realidade, solo fazia dois dias que se conheciam mas parecia uma eternidade.

—Deveríamos chamar à polícia.

—Meu deus.

—Sei —disse ele—. Mas tampouco temos outro plano melhor.

—vamos subir a meu piso —estava exausta—. Preciso me sentar. Minha bolsa e meu móvel estão por aqui atirados.

Recolheram todas as coisas do Nancy e os instrumentos do Liam. Examinou a capa do violino; a robusta fibra de vidro tinha sido muito útil, arrebentando cabeças por fora e preservando o instrumento em seu interior.

Não parecia que tivessem forçado a porta mas agarrou as chaves das mãos rígidas e trêmulas do Nancy e abriu com cautela.

—O interruptor está em cima dos fogos da cozinha —se forçou a dizer Nancy enquanto os dentes lhe tocavam castanholas—. Tira da corda.

Shock, pensou Liam. Ela estava em estado de shock e não lhe surpreendia. Entrou pouco a pouco.

Era um piso bastante normalito, tão pequeno que pôde comprovar que estava vazio de uma simples olhada. Um salão estreito e alargado com uma janela gradeada ao fundo e um pequeno banho detrás de uma cozinha minúscula. Estava claro que ali não havia ninguém escondido. Ajudou-a a entrar e a agasalhou com uma manta que havia em cima do sofá. Ela caiu no sofá como uma pedra enquanto acendia a luz.

—Vá golpe de violino tem.

Com o comentário conseguiu um pequeno sorriso e um olhar que o atravessou através daquelas pestanas largas e negras.

—Fiz o que pude. Mas você… Onde aprendeste a brigar assim?

—Meu padrasto era polícia e veterano do Vietnam, um marinhe, assim que me ensinou o básico e me treinei depois.

—Esteve incrível.

—Me escapou —disse com amargura—. O incrível teria sido deixá-lo inconsciente e havê-lo pacote para entregar-lhe à polícia depois de havê-lo interrogado.

—Crie que isto tem algo que ver com…? —Foi quebrando a voz ao ver que a expressão na cara de lhe dizia que sim. escondeu-se no sofá—. Minhas irmãs! Tenho que as avisar! Onde está o telefone?

Encontrou-o e o deu.

—Aqui; respira fundo e lhe tranqüilize —lhe aconselhou.

Liam pôs a chaleira com água no fogo e procurou as bolsitas de chá enquanto ela falava com suas irmãs. Ao fundo de um armário encontrou uma caixa de chá rançoso e barato, mas estava mais preocupado por que tomasse um pouco de açúcar e cafeína que pelo sabor. Quando pendurou lhe ofereceu uma taça de chá com leite e açúcar e lhe tirou o telefone da mão.

—Troco-lhe isso.

Nancy lhe deu um sorbito enquanto ele chamava à polícia. Doía-lhe todo o corpo mas solo podia culpar-se a si mesmo. Isto era o que passava quando um homem colocava os narizes nos grandes problemas de uma mulher. Tinha-o feito voluntariamente; de fato, tinha insistido em fazê-lo.

Quando terminou lhe retirou a taça e se sentou diante dela. Tinha as mãos frite, apesar de que tinha sujeito o recipiente com força. Sentiu-as suaves e magras enquanto as esfregava com as suas e por sua cabeça só passava um pensamento aterrador: a vida daquela mulher era um autêntico caos e entretanto não havia nenhum outro sitio no mundo onde preferisse estar.

Liam seguiu lhe servindo ao Nancy chá com açúcar enquanto falavam com a polícia. Ela quase não teve que dizer nada, coisa que agradeceu ao Liam. Tinha que lhe agradecer tantas coisas. Se não tivesse sido por ele estaria morta ou pode que lhe tivessem feito algo horrível no que não se atrevia a pensar. Voltava para sua mente cada vez que tentava abstrair-se ou, melhor ainda, não pensar absolutamente: aqueles tipos não queriam lhe roubar ou matá-la, tinham tentado seqüestrá-la.

Estremecia-se de horror cada vez que pensava no perto que tinha estado daquele final aterrador. por que havia meio doido a ela? por que? Se o único que tinha no banco eram os duzentos e setenta e oito dólares que ficavam depois de pagar o aluguel.

depois de um tempo, deixou-se levar, flutuando em uma borbulha longe de seu piso, onde os dois policiais falavam com o Liam. Podia escutar suas vozes ao longe, como o ruído de uma rádio em outra habitação.

Liam era o único que poderia fazê-la voltar para a realidade quando quisesse. De outro modo, não se moveria de sua borbulha.

Negaram-se a ir a um hospital sob o olhar reprobatoria da polícia que os atendia, mas o único que queria Nancy era paz e tranqüilidade, assim depois de um momento os deixaram sozinhos.

Liam se sentou a seu lado e lhe acariciou a bochecha.

—Nancy —lhe disse.

O tom de «não me assuste» de suas palavras a fizeram voltar.

—O que?

—Os homens que nos atacaram. Tentavam…

—me seqüestrar, sim. Já me dei conta eu sozinha.

—Não faz falta ser bordo —lhe respondeu—. Mas acredito que o deveria ter em consideração para os planos que faça.

—Planos? —perguntou dando um gritito—. Que planos? Crie que sou capaz de planejar alguma coisa? mataram a minha mãe, tentaram me seqüestrar e te matar já de passagem! Tampouco me perdi essa parte.

—Te tranqüilize.

Nancy lançou um comprido suspiro.

—Sinto muito. Estou-o pagando contigo e não lhe merece isso. Salvaste-me o culo esta

noite. Não cria que isso me vai esquecer tão facilmente.

—Voltaria-o a fazer —declarou enquanto se tirava um brinquedo de gato de debaixo da perna, uma serpente de madeira articulada—. Como pode ter um gato nesta caixa de sapatos?

Nancy notou sua desaprovação na voz.

—Comigo está melhor que na rua. Encontrei-me isso meio morta e me gastei mil e quinhentos dólares para que a recompor. além de esterilizá-la e vaciná-la, deixo-me uma massa em penso e areia para gatos.

A este comentário o seguiu um incômodo silêncio e quando levantou a vista viu algo nos olhos do Liam, que estava tentando não sorrir.

—O que? —perguntou zangada—. Já me está lançando esse olhar outra vez.

—Imagino que ajudar a um gato também foi uma decisão fria e calculada, de negócios, vamos.

Nancy o olhou com frieza.

—Está-me chateando.

Lhe devolveu o olhar sem pingo de arrependimento.

—Pois te acostume.

Agarrou a escultura do sátiro da Lucia da estantería com cuidado e a observou.

—Crie que este é um bom sítio para ter uma escultura assim?

—Provavelmente não, depois do que aconteceu —disse zangada—. Mas há algum lugar seguro?

—Tem razão, pode que não o haja.

Deixou a escultura no suporte com cuidado.

—Em uma caixa de segurança estaria melhor. sobreviveu à ocupação nazista sem ser expropriada. O conte a enrolou em uma arpillera e a guardou entre as cinzas do fogo da cozinha. Seria curioso se alguém a roubasse agora e a vendesse em troca de crack.

—O conte? —O intenso olhar do Liam a atravessou—. O pai da Lucia escondeu obras de arte aos nazistas?

—Tudo o que pôde, mas se levaram muitas coisas… Hey! Não te hei dito nada da carta, verdade?

Franziu o cenho.

—Que carta?

—Ontem à noite encontramos uma carta e uma foto escondidas na parte traseira do marco Fabergé que guardamos no piso do Nell.

Brevemente lhe resumiu o conteúdo da carta. Liam escutou seu relato com cara de pôquer e, quando ela terminou, girou-se para voltar a olhar a escultura de bronze do Cellini.

—Talvez há algo mais que ocultou dos nazistas, como o sátiro. Mas ainda segue escondido porque o conde morreu antes de poder o contar a ninguém.

Nancy se mordeu o lábio.

—Mas, então, por que me atacam ? —disse com voz tremente—. Eu não sei nada.

—Mas eles pensam que sim.

Começou a ver pontos negros.

—Minha mãe, miúda mierda, é o pior que poderia passar. Se isso for certo, não pararão até conseguir o que querem, mas eu nunca poderei lhes dizer onde está porque não sei.

—Baixa a cabeça.

Liam lhe empurrou a cabeça até que a teve entre os joelhos.

Nancy a manteve aí um momento, concentrando-se na respiração. Quando se atreveu a levantá-la outra vez viu um pouco de inquietação nos olhos do Liam.

—Não o pense mais —lhe aconselhou com suavidade—. Por favor, não te deprima.

Gostaria de lhe haver gritado: «Pois me dê algo mais no que pensar, idiota». Mas se contentou deixando escapar uma risilla histérica.

Ele olhou a seu redor. A habitação estava abarrotada com estanterías que ocupavam do chão ao teto, toca-fitas e CD. Um escritório com um ordenador, um fax e um exploratório dominava a habitação, rodeado por um armário arquivo, uma fotocopiadora e uma bebedouro mineral. Liam deu uns tapinhas no respaldo do sofá onde estavam sentados.

—Esta coisa se converte em cama?

Sentiu a crítica naquelas palavras e começou a encher o saco-se.

—Sim, é um sofá-cama. Tem algo mais que dizer de meu piso, minha vida e minhas eleições? Venha, Liam. Dava o que pensa.

—Assim que este sítio é um escritório com um sofá para os momentos nos que pode dormir.

Sim, claro, e o poderia utilizar contigo. Tentou encontrar uma resposta engenhosa mas lhe aconteceu uma idéia pela mente quando o olhou aos olhos.

—Está tentando me encher o saco a propósito —disse devagar.

Ele não se alterou.

—Não são mais que um par de comentários para espabilarte e subir a tensão. Está muito pálida.

Tampou-se a cara com as mãos.

—Devo estar horrível, mais branca que a parede.

—O que diz? —aproximou-se dela e lhe tirou as mãos da cara—. Está preciosa, Nancy. Brilha como a lua.

Estava emocionada, envergonhada e mortificada. Totalmente encantada.

—É um encanto.

—Um encanto eu?

Nancy deixou escapar uma risilla.

—E agora quem fica à defensiva quando o chamo «encanto»?

—Não me crie —disse Liam sem dar crédito.

Nancy se ruborizou.

—Boa, sua avaliação cumpridas, de verdade. Mas não é questão de se me acredito isso ou não. É que a beleza é algo tão subjetivo, não significa nada.

Olhou-a surpreso.

—E uma mierda subjetivo. O que é o que não entende? Algo belo é belo.

Ela seguiu com seu argumento.

—É que me dizer que sou preciosa serve de algo? Já me haviam isso dito antes outros que logo trocaram de opinião quando lhes cruzou uma garota que era mais bonita. De repente, comparada com ela, não tinha nada que fazer. Quando olha a seu noivo aos olhos e vê que lhe olhe de outra maneira é uma mierda.

—Nancy —disse com suavidade.

—Quem sabe o que o outro vê quando lhe olhe? Pode trocar segundo seu humor, o tempo, o que tenha comido, etcétera. Verá-me igual de bonita depois de um tempo, quando te incomodar que me ranja os nódulos, que dê sorvos a meu pajita ou qualquer outra coisa? Que me diga que sou preciosa não significa nada. Assim não o faça. Teria mais oportunidades de te deitar comigo se não voltasse a tirar o tema.

—De verdade pensa que solo estou tentando te levar a cama?

Tragou-se o nó que tinha na garganta. Estava-o fazendo outra vez, balbuciando tolices. Como uma idiota.

—Para um segundo —disse Liam em uma voz doce como o mel enquanto agarrava um ramalhete de orquídeas em miniatura do vaso que havia sobre a mesa do lado do sofá. Fazia uma semana que as tinha comprado, eram as flores favoritas da Lucia. Tinham um halo de mistério e luminosidade que lhes dava sua cor rosa escuro pintalgado de violeta—. Crie que são bonitas?

—Sim —respondeu sem vacilar.

—por que sabe que o são?

Mordeu-se o lábio. Sabia que tinha cansado na armadilha.

—Não sei, não poderia descrevê-lo porque não sou muito boa com as palavras, mas o são.

Liam voltou a pôr as flores em seu lugar e acariciou uma pétala com a ponta de um dedo.

—Isso é o que intento te explicar. Não precisa ser boa com as palavras. Solo olhe as flores. te cale durante uns segundos e as olhe realmente. Sabe que são bonitas, sente-o justo aqui. —levou-se a mão ao peito—. Simplesmente o são.

Olhou-o hipnotizada enquanto seus dedos acariciavam as curvas brilhantes da flor e provou o que lhe tinha sugerido. Permaneceu em silêncio sossegando todas as preocupações, o medo e os sons que alagavam sua cabeça. Solo o olhava a ele enquanto tocava a flor e lhe devolvia o olhar com esses olhos limpos e claros cheios de paciência e doçura. Esperando a que ela o entendesse. aproximou-se dela para lhe tocar a bochecha com a mesma delicadeza com a que havia meio doido a flor.

E de repente… o compreendeu. Sentiu essa certeza justo no peito, como lhe havia dito. Era belo e brilhava, como a lua. Este pensamento a atravessou e a queimou por dentro, como uma faca através de seu peito.

Ia contra todas suas regras e seu bom julgamento. Já não tinha nenhum controle. Ele era o que a tinha salvado e lhe oferecia um amparo e consolo que ela necessitava desesperadamente. Ele tinha todo o poder já que nem sequer podia lhe garantir que o sexo fora a ser muito bom devido a todos os problemas que tinha na cama. Resultava um vulgar resumo da situação, mas era a verdade.

Preferia ter algo tangível que oferecer a um homem para não perdê-lo depois de que a onda de desejo inicial se dissolvesse de maneira inevitável. E não é que o truque lhe tivesse funcionado muito bem até agora, tendo em conta seu histórico de desenganos amorosos.

Liam não a necessitava, não tinha nada que lhe oferecer além da si mesmo e quando se cansasse disso estaria perdida. Ele notou que seus pensamentos não foram por bom caminho. O viu na cara.

—E agora o que acontece, Nancy?

Pôde escutar o cansaço em sua voz. Certamente estava farto e não o culpava por isso. Não era nada fácil estar com ela, não lhe dava mais que problemas. Tentou encontrar alguma mentira para evitar lhe dizer o insignificante que se sentia, isso solo serviria para envergonhá-los aos dois. Negou com a cabeça.

—Nada.

Ele deixou escapar um suspiro e se tornou para trás para apoiar a cabeça no respaldo do sofá. tampou-se os olhos com as mãos. Foi então quando se deu conta dos arranhões. Tinha os nódulos rasgados e ensangüentados, em carne viva. Nancy não se parou a pensar nem por um momento nas feridas, o trauma e o shock que tinha sofrido ele. dedicou-se a tentar evadir-se, flutuando em sua borbulha enquanto se apoiava nele, como se fora um carvalho.

Mas não era um carvalho, a não ser um homem que tinha lutado como uma fera por ela, arriscando sua vida, e tinha saído ferido gravemente. Era tão egoísta e estava tão assustada que nem sequer se deu conta e isto a aterrou.

—Liam, não te tinha visto a mão. Vou a por desinfetante e… —disse levantando-se, preocupada.

—Não faz falta, não me passa nada.

—Como que não? Está sangrando.

ficou a procurar o que precisava tratando de ocultar sua confusão: gazes, algodão e pomada com antibiótico. Liam a deixou fazer enquanto punha cara de mártir. Quando terminou com a mão, ficou olhando-o à cara cheia de moratones e subindo o pólo lhe perguntou se se tinha feito mal em algum sítio mais.

—Solo um par de cardeais —lhe assegurou.

—Onde? —insistiu lhe levantando a roupa—. Ensina-me.

Apartou-lhe as mãos.

—Se me Quito a roupa agora não for ser para te ensinar meus cardeais.

Nancy piscou e tragou saliva enquanto tentava respirar. Reorganizou seus pensamentos: pois já o havia dito, não havia escapatória.

—depois de tudo o que aconteceu esta noite? —disse com acanhamento—. Ainda quer… Agora?

—Joder, pois claro. —O tom de sua voz era selvagem—. quis desde que te pus os olhos em cima a primeira vez e cada vez o quero mais. O subidón de adrenalina da briga me pôs isso mais dura que uma via de trem, inclusive se não tivesse a uma mulher bonita diante que me voltasse louco. Já sei que não é o momento mas desde que te conheci nunca o é. Vamos de mal em pior.

—Não passa nada —lhe disse lhe pondo uma mão tímida e tremente nas costas. Normalmente era muito tranqüilo e comedido. Desconcertava-a vê-lo tão inquieto.

Parecia não escutá-la.

—E quanto pior ficam as coisas, mais ganha tenho —continuou, sua voz era dura—. O que me faz me sentir como um casulo, um bode e um aproveitado. prometi te proteger…

—E o tem feito —lhe recordou.

—Sim, e te disse que não tem que me dar nada em troca, que não me deve sexo, não me deve nada. E isso me jode a vida, porque nem sequer posso sair desta situação. Assusta-me muito te deixar reveste e me sinto entre a espada e a parede.

Nancy lhe pôs um dedo em cima da boca.

—Vá, não imaginava que pudesse te pôr assim, «Senhor Suavidade», Liam «vamos contemplar a beleza desta flor» Knightly.

Ele não pôde conter a risada e lhe voltou a pôr o dedo nos lábios, desfrutando da sensação.

—Não é um casulo ou um aproveitado. estiveste magnífico. Obrigado outra vez.

Ele olhou para outro lado, envergonhado.

—É muito amável —disse enquanto tentava dobrar a mão—. Mas não tento que me adule.

—Nem me passou pela cabeça que isso fora o que tenta.

Pôs a mão debaixo da do Liam, que a tinha apoiada na coxa. Seus dedos acariciaram o músculo grosso de seu cuádriceps, por cima do vaqueiro sujo e manchado de sangue. Desprendia tanto calor, era tão forte e sólido.

Seguiu subindo, devagar mas segura, para a entrepierna. Ele agüentou a respiração quando seus dedos passaram pelo vulto turgente de seu pênis debaixo do tecido.

ficaram calados.

—Acredito que já entendo o que dizia sobre a espada —lhe sussurrou, percorrendo-o com as pontas dos dedos. Era grande aquele tronco, grosso, largo e duro, e seguia inchando-se.

Tinha a cara tensa e os músculos do pescoço apertados, deixando ver os tendões.

—Não tem que fazer isto —lhe disse com voz afogada.

OH, que doce. A rodeou com os dedos, apertando. Ele gemeu e um calafrio lhe percorreu o corpo.

—Pois parece que não posso parar —lhe respondeu.

—Tome cuidado, Nancy —disse com voz rouca—. Uma vez que comecemos não haverá volta atrás.

Apalpou-o de novo, com mais pressão e profundidade, uma carícia lenta que lhe arrancou um grito afogado da garganta.

—Sei…, sei.

Ele se aproximou, em uma posição um pouco estranha, e lhe rodeou os ombros com seus braços. ficou olhando-a como se fora a pôr-se a correr. Aproximou-a para si envolvendo-a com seu calor, seu poder.

De repente se estavam beijando. Não tinha nem idéia de quem tinha começado aquele beijo desesperado e tremendamente doce. Não era uma luta de poderes, nem tinha nada que ver com o talento ou a habilidade, solo o desejo de estar o mais perto possível de outro ser humano. Ele a

estreitava como se tivesse medo de que se fora a romper em seus braços.

Levantou-lhe a camisa e ele a tirou com rapidez. Quase ficou a ronronar quando o viu semidesnudo. Sua pele era pálida e seus músculos, tonificados e fortes, mostravam-se totalmente definidos sob a tênue luz que vinha da cozinha. Estava tão bom, cheirava a sabão e suor. Agora era o turno do Liam de lhe tirar a camiseta e ficou tão exposta como ele, piscando através de sua juba emaranhada. Tinha a pele de galinha pelo frio que sentia mas suas mãos e seu olhar a queimavam. Seus mamilos se estremeciam cada vez que lhe roçavam o peito.

O acanhamento se apoderou do Nancy, mas não se converteu em um cubito de gelo como fazia normalmente, quando umas portas de aço se fechavam entre ela e seu amante, separando-os e bloqueando qualquer sensação. Não, isto era muito diferente. Não estava paralisada a não ser ao contrário, seu corpo tremia, a ponto de explorar em mil pedaços. Era maravilhoso, insuportável. tampou-se o peito com os braços e fechou os olhos. Perguntou se podiam apagar a luz.

ficou quieto um par de segundos.

—Não te esconda de mim —disse.

—Não, claro que não —lhe assegurou através de uns lábios trementes—. É sozinho que seria mais fácil para mim.

Liam começou a falar mas ela o cortou antes de que o jogasse tudo a perder.

—Prometo-te que não quero parar —enfatizou—. Sozinho apagar a luz.

Ele duvidou, tentando decifrar o que lhe passava pela cabeça.

—É porque o nosso me importa muito e estou tentando não me fechar por todos os meios possíveis —deixou escapar.

Mas que parva era, como o ia excitar se lhe soltava seus problemas antes inclusive de lhe fazer que se corresse. Mas ao Liam pareceu não lhe importar.

—De acordo, mas primeiro me deixe que monte a cama, que isso prefiro fazê-lo com luz.

Claro, lhe tinha passado aquele detalhe mas Liam montou e deixou preparado seu débil futón em um abrir e fechar de olhos. Retirou a capa do sofá e descobriu o colchão com o lençol que o cobria. aproximou-se da cozinha, atirou da corda para apagar a luz e um milhão de sombras cinzas invadiram a habitação.

A escuridão não conseguiu esconder nada. Os cinzas adotaram todo tipo de significados e cadências. Ele era uma rocha cinza em meio do resto, uma presença enorme e solene. Cada cabelo de seu corpo se arrepiava ante sua proximidade e cada sentido estava alerta: seus olhos tentavam ver na escuridão, seus pulmões tratavam de absorver seu aroma, seus ouvidos desejavam discernir o som dos pés descalços contra o chão. Ansiosa por tocar sua pele e provar seu sabor.

Liam se desabotoou o cinturão e se tirou os sapatos para desfazer-se das calças, as cueca e os meias três-quartos em quatro hábeis movimentos que a escuridão carregou de erotismo.

Observou seu corpo, as curvas, os ângulos, os contornos nas sombras e seu pênis grande e ereto. baixou-se os jeans, os tirou e ficou esperando-o enquanto lhe tremiam os joelhos.

Sentiu como se aproximava mas sofreu uma deliciosa convulsão quando a rodeou com os braços. O peito contra o seu, o percurso da mão até o final das costas, seus quadris acoplando-se a ele. Tinha a franga contra sua perna, quase não podia respirar.

Baixou a cabeça e a beijou entre o pescoço e o ombro.

—Não vais fechar lhe —disse isso, entre ordem e afirmação.

—Não —respondeu, surpreendida ao dar-se conta de que era verdade. A pesar do medo que acabavam de passar e de seus problemas. Em ocasiões anteriores, quanto mais queria seu amante penetrar o muro entre os dois, mais alto se levantava, mas com o Liam não havia muro, ou pode que o houvesse, mas não importava porque ele já estava muito dentro, conduzindo-a para as profundidades de seu interior. Nunca tinha chegado tão longe. Cada sensação e cada emoção eram uma revelação. Sentia ao mesmo tempo a excitação de cair ao vazio e o prazer de voltar para um lar que nunca sabia que tinha existido.

Moveu-a para baixo para colocá-la na cama de maneira que se pudesse enganchar a seu

corpo: a suas coxas e os braços ao redor de seus ombros. Tinha o nariz enterrado em seu cabelo bicudo, endurecido pelo suor. O pênis lhe dava na barriga e os braços dele estavam tensos e tremiam.

A ternura que sentia por lhe derreteu o coração. Passou sua mão entre os braços dele e lhe rodeou a verga com os dedos. Acariciou-a, explorando-a com avidez, jogando e masturbando-a.

—Vê mais devagar —lhe sussurrou—. Não quero me correr ainda.

A soltou um poquito.

—Então, quando?

—Você primeiro.

Deslizou a mão para baixo, seguindo a separação de seu traseiro, e a acariciou em lugares molhados e exquisitamente sensíveis com um dedo infalível enquanto a colocava justo…, justo para que seu pênis roçasse seus clitóris enquanto introduzia os dedos lentamente em seu interior. Aquela pressão de seus dedos, aquela carícia suave e envolvente a fez estremecer e a fez vibrar ao chegar ao êxtase. A ponto esteve de deprimir-se.

Liam estava muito atento a seus movimentos, tentava estar depravado e não pressionar muito com os dedos para não lhe deixar marcas em sua pele perfeita e suave. Era uma maravilha da natureza, cada detalhe de seu corpo era elegante e insuperável. Tinha em seus braços à criatura mais extraordinária que tinha visto jamais. Tinha chegado ao clímax, uma pequena supernova, justo em seus braços. Queria ajoelhar-se a seus pés, lhe chupar os dedos e lhe lamber a impigem, lhe beijar os tornozelos. lhe agradecer sua existência e fazer que o mundo inteiro se inclinasse a seu passo.

Empurrou-a brandamente até que ficou de barriga para cima sobre a cama; ainda tinha o dedo em seu coño. Separou-lhe as pernas e ela ficou olhando-o com esses olhos grandes e inescrutáveis, seu cabelo formado redemoinhos sobre os lençóis. Tão sensível, ofegando e sussurrando com cada carícia. Seu dedo seguia extasiado naquele vórtice quente e apertado. Ela elevou o quadril, empurrando contra sua mão, queria mais, mais profundo, mais duro.

Doía-lhe a franga; ela a envolveu com os dedos e atirou.

—Ah, não vou poder agüentar se fizer isso outra vez —lhe advertiu.

Dedicou-lhe um sorriso tão doce que o coração lhe encolheu.

—Quem te há dito que espere?

Ofegou, notava como o sangue lhe enchia o pênis com cada pulsado.

—Queria que te corresse dez vezes antes de que eu o fizesse.

Umas risitas a sacudiram.

—Parece divertido, mas estou muito brincalhona para ficar aqui tombada sem fazer nada. Solo quero a ti.

Menos mal que ambos desejavam o mesmo. Seguindo seus desejos se tornou a um lado da cama para agarrar uma camisinha. Abriu-o, o pôs e se colocou em cima dela, apoiando-se em uma mão enquanto ia metendo-lhe pouco a pouco na molhada abertura.

O que seguiu foram os momentos mais terrivelmente maravilhosos de sua vida. Seu grande pênis encaixava perfeitamente nela, seu coño era pequeno e firme, atia-se a ele. Ela se arqueou, oferecendo-se, movendo-se para acoplar-se perfeitamente. Joder, deveria ter insistido e ter conseguido que chegasse aos dez orgasmos. Teria passado uma hora lhe dando agradar.

Mas com cada empurrão a penetrava mais profundamente e sentia como, relaxada, cravava-lhe as unhas nas costas. Estava enfeitiçado por sua pele de alabastro, seu aroma e suavidade. Seus braços que se aferravam a ele. Aqueles peitos perfeitos que quase não tinha podido desfrutar, com seus pequenos mamilos escuros. Não tinha tido tempo, ficavam tantas coisas por desfrutar com ela que ia necessitar toda a vida para isso.

—Está bem? —perguntou-lhe.

Nancy teve que provar várias vezes até que pôde dizer algo.

—Acredito que me vou derrubar.
Tentou lhe dar calor com seu corpo sem esmagá-la.
—E isso é algo bom ou mau?
—Não sei. —Chiavam-lhe os dentes—. Não me tinha passado nunca.
—Ah, então imagino que é bom. Espero.
—Deixa-a enorme, por certo.
—Sinto muito.
—Não te desculpe.

Percorreu-lhe as costas com as mãos, cravou-lhe as unhas no culo e o empurrou para seu interior. Ele não pôde seguir falando, estava muito ocupado tentando não correr-se enquanto se moviam, procurando seu próprio ritmo.

Encontraram-no e já não houve volta atrás. Era mais rápido e forte do que ele teria querido mas não se podia controlar. Ela se entrelaçava a seu corpo, agüentando e tremendo a cada sacudida. Uma força selvagem o percorria por completo mas ela seguia com ele, mantendo-se na crista da onda, sem deixar-se enrolar.

O orgasmo lhe atravessou todo o corpo, cada espasmo mais profundo, expandindo-se por cada terminação nervosa. Empurrou-o até as estrelas, o vento. Nu e exposto.

Quando se relaxou, era ele o que se sentia enrolado, humilhado e acabado. Invadiu-o um acanhamento que lhe impedia de olhá-la à cara.

Tinha começado a amanhecer sem que se deram conta e ficou olhando pela janela as folhas que rangiam e se moviam sobre um fundo azul. Nancy lhe pôs a mão na cara, voltou-se para observá-la e se agarraram da mão. Seus corpos ainda pegos pelo suor e os fluidos. olhavam-se sem dizer uma palavra.

Mas esta vez era ele o que não podia suportar o comprido silencio pois tinha medo de lhe haver feito mal, de havê-la assustado. levantou-se por um copo de água que bebeu com avidez. Duvidou um momento e agarrou outro para ela. Quando voltou para a cama a encontrou sentada, com as pernas a um lado, parecia uma sereia. Passou-lhe o copo e ela o levou a bochecha. armou-se de valor e lhe perguntou se estava bem.

Ela assentiu, com um doce sorriso nos lábios, mas seguia sem falar e o estava voltando louco.

—O que? Que demônios está passando?
ficou a rir brandamente.

—É gracioso que ponha assim. Solo estou usando seu truque. —Ante o desconcerto que viu em seus olhos lhe explicou—: Estou fazendo o que me explicou. me calar, te olhar e sentir aqui —disse levando-a mão ao coração—. Eu gosto dessa sensação.

—Não é um truque. É a verdade —murmurou.

Ela assentiu com gravidade e se bebeu a água, olhando-o com franco aprovação. Isto o fez avermelhar e sua franga também respondeu, levantando-se com orgulho. Ainda não, dez orgasmos mais e já veriam como ia a coisa. Agarrou o copo de água e o deixou em cima da mesinha junto à cama. Agarrou-a e a deslizou até o bordo do sofá. Ela viu suas intenções, agarrou-o do cabelo.

—Liam…
—Shhh.

Abriu-lhe as pernas expondo seu precioso coño, suculento, carnudo e suave. Coroado por suave pêlo ondulado, molhado. Começou lhe dando beijos pela perna até que chegou à parte interessante e gemeu de prazer quando provou seu sabor: doce, quente, com um gosto a terra e úmido. Era delicioso.

Soou o telefone e ficaram quietos.
—Revistam-lhe chamar a estas horas? —perguntou-lhe Liam.
—Temo-me que sim —murmurou ela.
Saltou a secretária eletrônica. Ouviram uma voz de homem:

—Nance? Agarra o telefone se estiver aí. Tem que vir ao estudo, troquei a ordem das canções do CD, agora está muito melhor mas necessito que venha a escutá-lo. —Nancy agarrou o telefone, que estava ao lado do sofá, e Liam se recostou. A voz do tio seguiu falando—.vou provar com seu móvel.

Nancy desprendeu o telefone.

—me diga, Peter.

—por que demoraste tanto em agarrar o telefone?

—São as cinco da manhã, se por acaso não te tinha dado conta. —sentou-se no bordo do sofá—. O que estava dizendo da ordem?

—Quero trocá-lo, estará muito melhor…

—Já o trocaste três vezes! Se não mandarmos ao Shepard os textos da carranca antes das nove e meia não porá o CD no catálogo.

—Mas tem mais sentido pôr The Road to You ao final.

—Já me contará quando chegar. —Pendurou e olhou a seu redor, despertando de um sonho —. esqueci por completo que tínhamos que terminar a carranca do CD esta manhã. —Olhou ao Liam com cara de culpabilidade—. O sinto mas tenho que ir, tenho um milhão de coisas…

—Não.

Essa resposta a surpreendeu. Entrecerró os olhos.

—Perdoa?

Estava furioso.

—O que tem que acontecer te dê conta de que não pode ir de um sítio para outro? Não vê que não pode seguir fazendo seus putos recados como se não tivesse passado nada?

—Não são «putos recados». Pago minhas faturas e como deles.

—Pois não poderá seguir fazendo-o se morrer. —As palavras saíram a bocajarro, intencionadamente—. Vem ao Latham comigo.

Soltou uma gargalhada de incredulidade.

—Ah!, sim? Muito obrigado por me consultar sua decisão.

—Tem que pôr os pés na terra.

—É você o que tem que pôr os pés na terra. —A voz lhe tremeu—. Não pense que não te agradeço o que fez ontem à noite mas não pode decidir por mim, entende-o? Tenho uma vida, tenho que…

—A vida que estou tentando te ajudar a proteger? Nem seu trabalho, nem sua carreira são tão importantes como sua VIDA. Entende a diferença?

—Esta cidade tem milhões de habitantes.

—Dois dos quais nos atacaram ontem à noite com uma faca.

—Não seja sarcástico. Estarei rodeada de gente todo o dia e me moverei em táxi. Tenho que estar no centro às nove e meia em ponto e…

—Irei contigo.

Tentou encontrar argumentos.

—Liam, irei de um lado para outro e não me posso concentrar contigo a meu…

—Pois te terá que acostumar ou vir comigo ao Latham.

Pela cara que pôs Nancy, pôde discernir que a tinha cagado.

—Claro, e o que faço enquanto meu trabalho se vai a mierda? —perguntou-lhe—. Acontecer os dias em sua cama com as pernas abertas? Estou segura de que estaria muito a gosto, Liam. Mas não é uma solução a longo prazo.

—Nunca hei dito que o fora —disse, cagando-a outra vez. Viu como Nancy apertava os lábios.

—OH, já vejo. Solo é algo temporal. Um pouco de sexo enquanto te entretém jogando a ser guarda-costas.

Mierda.

—Nancy, não queria dizer isso. Solo te estava dizendo que não pode…
—Isso não depende de ti.
Aí se plantou. Levava o cabelo castanho sem arrumar e os olhos cheios de ira, estava tão bonita que lhe doía olhá-la. Liam recolheu sua roupa.
—Estamos falando da maior produtora com a que trabalhei. Se os falha, nunca me voltarão a tomar a sério.
Liam terminou de atá-los sapatos.
—Não tente te justificar ante mim. Não pode. —ficou a jaqueta—. Vístete. Levo-te a estudo.
—Posso ir em táxi —disse Nancy orgulhosa.
Em dois passos se plantou ante ela, uma mão no cabelo para lhe jogar a cabeça para trás e outra procurando o soco de seu culo.
—Não siga —lhe advertiu—, me conceda isto pelo menos. Deve-me muito mais, mas me… vais deixar te levar.
Ou o que? Nancy tragou saliva. Ambos podiam sentir o tom de ameaça sexual. Ele nunca tinha utilizado seu tamanho nem sua força para intimidar a uma mulher, nem sequer pensava que fora capaz de fazê-lo. Mas não sabia aonde podia chegar se ela seguia desafiando-o.
Seu verga, dura como uma rocha, tinha algumas ideia. Ela se apartou e começou a vestir-se. Ele se tirou tal peso de cima que quase cai ao chão. Miúdo farol se atirou e, entretanto, a besta que levava dentro estava muito decepcionada.

## Capítulo 7

–

Não sei para que te deixaste cair por aqui se nem sequer for escutar —disse Peter de mau humor.
Nancy se esfregou os olhos tentando concentrar-se em sua cara.
—Peter, por favor. Ontem à noite quase me seqüestram e não dormi nada. Não me venha com essas —lhe respondeu fatigada.
—Duvido muito que alguém tentasse te seqüestrar —disse olhando-a por cima do ombro—. por que foram fazer o? Lhe está inventando isso para te dar importância. Necessita que te faça um café ou pode manter desperta o tempo suficiente para escutar a nova ordem das canções?
—Insígnia me o levantou-se—. Me será mais fácil estar acordada se ficar de pé.
—Boa idéia. pensei começar com o Glory Road para surpreendê-los desde a primeira canção. Uma vez que tenhamos sua atenção, soará The Slippery Slope. Seguido do Enid cantando a cape-a ao princípio do The Far Shore. Continuando…
Apesar de tentar estar atenta por todos os meios, a voz do Peter começou a diluir-se com o ambiente. Nancy trocou o peso de um pé ao outro enquanto pensava nos olhos do Liam enquanto se despediam. Tinha vontades de chorar, mas não podia jogar pela amurada todo aquilo pelo que tinha lutado tanto e ficar com ele, não podia.
Tirou-se essa lembrança da cabeça para manter o olhar fixo no Peter, tão bonito com esse ar volátil que tanto a atraía quando foram à universidade. conheceram-se o primeiro ano e montaram um grupo: Peter cantava e tocava o violão, ela tocava o baixo, Henry tocava a bateria e Chad o teclado. Tinha trabalhado noite e dia para conseguir concertos e planejar tours durante as férias. Acreditava que estava apaixonada pelo Peter e que ele também a amava. Pelo menos, isso era o que lhe dizia, inclusive o dia no que Henry, Chad e lhe disseram que não queriam que seguisse no grupo

e estavam procurando a alguém com mais ritmo natural.

—Necessitamos um músico de jazz. Alguém que seja capaz de nos proporcionar uma linha de baixo potente —lhe explicou Peter com seriedade.

—OH —respondeu Nancy em um fio de voz, tentando não chorar.

—Queremo-lhe, Nance, solo acreditam que deveria fazer aquilo no que é a melhor —disse Henry para convencê-la.

—Sim, e é a melhor encontrando concertos! —animou-a Peter—. Quer ser a mánager do grupo?

—Como? —perguntou Nancy com um gesto de rechaço.

—Claro, sem ti não saberíamos como fazê-lo —disse Henry com entusiasmo—. Lhe necessitamos. Do contrário, Chad sempre sairia ao cenário com roupa ridícula, não poderíamos encontrar concertos… Há baixistas até debaixo das pedras mas não há ninguém que nos possa ajudar como você.

Peter lhe deu uns golpecitos nas costas.

—Vamos, Nancy, não lhe leve a mal.

—Estou-o tentando, estou-o tentando.

E após tinha tentado não tomar-lhe a mau. Por exemplo, quando Peter se apaixonou pelo Enid uns anos depois e utilizou quase as mesmas palavras que quando a jogou do grupo.

—Eu te quero, Nancy —lhe disse enquanto lhe dava tapinhas nas costas—, mas não da mesma maneira. O que sinto pelo Enid é diferente, ela é a faísca de minha vida, com ela ardo por dentro. Vá, miúda imagem. —Começou a cantarolar e parou quando viu o Nancy chorando—. Não me faça isto, por favor —lhe suplicou—. Vamos, se já tínhamos perdido a paixão. Não lhe leve a mal.

Tragou-se suas lágrimas e tentou não tomar-se a mal o do Peter e Enid. Também procurou não tomar-lhe a mal quando Rum a deixou pela Liz, e vá se fez todo o condenadamente possível para não tomar-lhe a mal quando Freedy a deixou plantada pelo Andrea. Sim, ela era uma sofredora profissional que não se tomava nada a mal para não incomodar a outros.

Era curioso como, depois da morte da Lucia, de que o homem da máscara negra e a navalha automática tivesse tentado matá-la e de fazer o amor com o Liam, a perda que em seu momento lhe pareceu demolidora agora lhe desejava muito insignificante.

Vinha-lhe à mente alguma imagem com Rum, Freedy e Peter muito de vez em quando, como as lembranças imprecisas que conservamos da infância. Pestanejou e se deu conta de que Peter estava gritando seu nome.

—Nance! Joder, está-te dando um ataque epilético?

—Estou bem —disse fracamente.

Ele ficou de focinhos.

—Preciso te ensinar a nova ordem para que me dê sua opinião mas não me escuta!

Nancy se preparou para a explosão de tambores que abria Glory Road mas voltou a perder o fio quando foram pela metade do Devil Bargain. ficou olhando-o. Sua etérea beleza resultava insustancial e efeminada ao lado da do Liam, que era austera e estava impregnada de força. Em comparação, Peter parecia frágil e delicado. De fato, seu primeiro instinto sempre tinha sido o de proteger o da crua realidade e potencializar sua auto-estima. Dirigir sua carreira para que pudesse dedicar-se ao que gostava.

Liam não tinha nada de frágil. Nunca teria que preocupar-se de se levava os meias três-quartos emparelhados e de lhe buscar trabalho. Era estranho, tinha passado todos esses anos tentando ganhar o amor e a atenção de outros e nunca se deu conta do sexy que resultava um homem auto-suficiente.

Entretanto, esta revelação lhe fez sentir-se mau. Liam parecia muito ferido e zangado durante a briga. Provavelmente não queria voltar a vê-la.

Soavam os últimos acordes do The Road to You e Peter a estava olhando com espera.

—Bom, o que te parece?

O cansaço lhe caiu em cima como um cubo de água fria.

—Parece-me bem, Peter.

Olhou-a pesaroso.

—Que te parece bem? Solo me diz isso?

—Preciso dormir.

Tornou-se no sofá e ficou transposta ao momento escutando a regañina do Peter.

Teve um sonho enquanto estava dormida. Liam estava sentado em uma cadeira, um raio de sol o iluminava e tocava uma maravilhosa melodia com seu violino que sabia que era para ela. despertou sonriendo e viu a cara do Enid que estava ajoelhada a seu lado e lhe acontecia uma taça de café por debaixo dos narizes. O sorriso lhe apagou da cara, incorporou-se e agradeceu ao Enid a taça de café.

Peter entrou em momento na habitação.

—Perdoa que despertemos, mas são oito e dez e vais ter que mover o culo se quiser que te dê tempo a refazer os textos do CD antes de que vamos ver o Shepard.

Sentiu uma pressão no peito, como sempre, mas de repente se lembrou do sonho e algo fez clique em sua cabeça.

A dolorosa pressão desapareceu por arte de magia. deu-se conta de que não era uma questão de vida ou morte, que os textos do CD e a reunião não eram mais que nimiedades. imaginava que, depois dos encontros de primeira mão com o sexo e a morte, sua lista de prioridades tinha trocado. Assim disse não enquanto lhe dava um gole ao café.

Peter e Enid se olharam.

—Como que não? O que quer dizer? —perguntou Peter com cautela.

—Quero dizer que são você e Enid os que têm que mover o traseiro para terminar esses textos. Desde este momento, já não são meu problema.

Peter ficou branco.

—Mas o que está dizendo? Precisamos os ter preparados esta manhã, se não…

—Você, Peter, você precisa os ter preparados. Já troquei os textos três vezes. Tenho-os em minha bolsa. —Os deu—. Os pode trocar em seu ordenador e dar-lhe ao Shepard. Hoje não posso ir.

—Como que não pode ir? Está louca? —Peter estava horrorizado—. Nance, eu não sei trocar o formato. Sou um artista, não uma secretária!

—Se estiver tão desesperado também tem a opção de deixar a ordem que tínhamos acordado. Antes também estavam bem —lhe sugeriu.

—Então, não vem? —perguntou Enid, que se sentia traída. Nancy se deu conta mas lhe dava igual—. O que te passa? O que vamos dizer ao Shepard?

—Se não quererem ir sozinhos podem chamar e trocar a data ou lhe dizer que não posso por problemas pessoais —lhes sugeriu.

—Que problemas pessoais poderiam ser mais importantes que…?

—Que me tenham tentado seqüestrar uns homens com máscaras? Que me tenham ameaçado me matando e me desmembrar? E isso para começar.

—Venha, Nance. É que não te importa se o álbum sai no catálogo? —perguntou-lhe Enid, ferida.

—Claro que me importa mas também lhes têm isso que batalhar. Estou farta de me tirar agarra da manga. Tenho-me que ir. Peter, ponha sapatos, tem-me que acompanhar a minha casa.

—Hoje? Para que? —soava indignado—. Não seja ridícula, por…

—Deve-me isso —disse Nancy com voz de aço—. Trabalho muitíssimo para ti e ontem quase me matam. Prometi a um amigo que estaria acompanhada a todas as horas, assim que te toca, olhe que sorte.

Peter pôs os olhos em branco.

—escolheste o pior momento.

—Além disso necessito que me ajude a agarrar meu ordenador e a impressora para as levar a carro. Vou viver ao Latham um tempo.

Olharam-se surpreendidos.

—Latham? —exclamou Peter—. O que te perdeu ali? Esta noite tocamos no Bottom Line com o Brigid McKeon, terá que entregar os textos do CD, vamos gira durante duas semanas e o congresso do FolkWorld está ao cair.

—Não está tão longe —lhe assegurou Nancy, lhe dando tapinhas nas costas—. Estaremos em contato por e-mail e por móvel. Não é para tanto.

Peter a acompanhou de mau leite, mas ela ignorou seu mau humor. Fora fazia uma manhã estupenda e um pouco de vento fazia dançar o lixo na rua. Parou um táxi e foram para sua casa. Peter estava acostumado a reclamar toda sua atenção mas nesta ocasião ficou olhando ensimismado pela janela, lhe deixando espaço para pensar em suas coisas. De todas formas não lhe teria feito conta. sentia-se estranha, frenética. Algo tinha trocado nela da última noite. Não sabia o que, mas gostava. ia recolher todas as peças de sua vida que se pudessem transportar, incluída sua gata, e conduzir até o Latham para atirar-se aos braços do Liam… e a outras partes de seu corpo também.

de repente, a dúvida lhe atendeu o estômago, aquilo não podia funcionar. lhe gostava de viver no campo, a tranqüilidade e um tipo de mulher completamente diferente a ela, que era uma mulher cosmopolita e tinha uma vida ocupada. Além disso, estava muito zangado. Sem contar com os seqüestradores armados e os ladrões cheios o saco. Se acrescentava à mescla um joalheiro morto, uma carta misteriosa e um objeto perigoso escondido obtinha a vida do Nancy D'Onofrio. Todo um negócio estar com ela.

Pelo menos agora sabia que o sexo com ele funcionava. Sabia o que queria lhe fazer a esse corpo enorme e forte. Recordou seu olhar quando lhe ensinou a olhar a flor. Recordou o sentimento que lhe emanou do interior. Tão doce que lhe contraía o peito e lhe tirava a respiração até lhe doer.

Estava decidida a ir ao Latham e se lhe destroçava o coração, pois o que lhe ia fazer. Não seria a primeira vez. Embora sim a pior, sem dúvida.

Eoin entrou na casa do Liam às duas da tarde, arrastando os pés, com os olhos vermelhos e cara de vergonha, como qualquer que tivesse estado bebendo Guinness toda a noite e voltasse sem dormir e sem tomar banho.

Liam ficou olhando-o. Estava cortando madeira em um intento desesperado por queimar adrenalina e acabar com a tristeza que sentia mas não tinha dado muito resultado.

—Olhe quem aparece por aqui —comentou com amargura.

Eoin se ruborizou imediatamente.

—estive tocando em um pub no Sheepshead Bay e me aconteceu o tempo voando. Além disso tive que fazer autoestop para voltar.

Liam emitiu um grunhido.

—ouvi que tem um novo trabalho.

—Pois… sim. Vou gira com o grupo, Mandrake, a semana que vem.

—Parabéns.

—Não cria que não aprecio… tudo o que tem feito por mim…

Liam levantou a mão e Eoin interrompeu o que ia dizer.

—Não há problema. O tua é a música. tomaste a decisão adequada.

A cara pálida do Eoin se iluminou com esperança.

—Então, não está zangado?

—Quer seguir trabalhando com o Matigan até que vá ou não? —perguntou-lhe—. Se não poder o tenho que dizer já.

Eoin se quadrou de ombros.

—Estarei encantado de seguir trabalhando —disse com dignidade—. Os ensaios começam

no domingo, assim posso trabalhar até esse dia.

—vá deitar te. Miúda pinta tem.

Eoin duvidou um instante.

—Né, Liam, então está encalacrado com a filha da senhora D'Onofrio?

Liam lhe lançou um olhar que lhe fez dá-la volta e sair correndo.

Convidá-la a seisiún tinha sido seu primeiro engano. Aproximá-la a sua casa tinha sido o segundo, embora esse já o tinha pago a golpes por parte dos casulos das máscaras. Mas o mais estúpido tinha sido follársela. Agora que o tinha provado, já não podia pensar em nada mais.

Estava-se procurando os mesmos problemas que tiveram sua mãe e seu pai durante os primeiros onze anos de sua vida quando viu como a amargura pôde pouco a pouco com o amor. Estaria programado para repetir a mesma mierda ou é que era parvo de arremate?

Alagaram-lhe a mente vívidos lembranças que lhe punham doente. Por exemplo, a lembrança das férias nas cataratas do Niágara que sua mãe tinha organizado. Seu último esforço por manter à família unida. As malas estavam preparadas e os bilhetes na bolsa de sua mãe, que tinha estado esperando, vestida com seu traje de calça azul. Mas quando Liam viu entrar em seu pai pela porta soube que a viagem ficaria cancelado. havia os tornado a deixar atirados e não lhe surpreendia. Era tão predecible quanto o sol sairia cada dia.

—Já era hora de que chegasse —disse sua mãe agarrando o casaco—. Teremos que nos dar pressa para chegar ao trem.

—surgiu um imprevisto, Fiona —lhe soltou o pai.

Sua mãe voltou a deixar o casaco, cuidando-se de que sua cara expressasse qualquer sentimento.

—O que quer dizer com que surgiu um imprevisto?

—Há um problema com um dos envios e tenho que ir fiscalizá-lo.

—E não podem ir Martin ou Brady?

—Se quiser que saia bem, tenho que fazê-lo eu mesmo.

—Entretanto, parece que essa premissa não a aplica a sua família.

Seu pai apertou os lábios.

—Faço tudo isto para que possam viver bem, Fiona, e tudo o que recebo em compensação são queixam e reprove.

—Alguma vez te pedi que fizesse tantos sacrifícios? Não, Frank. Solo quero poder verte mais de uma vez ao mês. —Tremeu-lhe a voz—. Só te peço que mantenha sua palavra e venha conosco a Niágara.

Seu pai fechou os punhos.

—Por Deus, Fiona, por que não o pode entender? É minha responsabilidade…

—Então, vete. Tem a mala ao lado da porta —disse sua mãe enquanto saía da habitação, com as costas reta mas a cara decomposta.

Seu pai olhou ao Liam, imóvel no sofá.

—Sinto muito, filho, entenderá-o quando tiver que manter a sua própria família.

—Vete a mierda —espetou Liam.

A cara do Frank Knightly se escureceu.

—Não me fale assim. Sou seu pai. me mostre um pouco de respeito.

—Já não é meu pai —disse fria e claramente—. É o pior dos pais e está despedido.

Seu pai ficou olhando-o, agarrou a mala e saiu da casa. Essa foi a última vez que Liam o viu. Já tinham acontecido vinte e seis anos, toda uma vida.

Obrigou-se a retornar à presente, disposto a atacar a montanha de troncos. Que o follen. A mierda todo. Isso não ia passar a ele.

Algo depois, levantou a cabeça ao escutar o som de um carro e viu o Volkswagen Jetta do Nancy. Agarrou a manga da asa com força quando a viu sair do carro; oxalá se tivesse tomado banho.

Ia elegante: levava uns jeans desgastados de cintura baixa que lhe caíam com graça sobre os quadris e um pulôver de pescoço voltado de cor cinza escura que deixava entrever seu barriguita por uma magra linha. Levava o cabelo sujeito em uma trança solta cuja cor refletia o sol e desprendia um halo de fogo. Estava muito belo e muito nervosa.

—Olá —o saudou com um espiono de sorriso.

Ele se cruzou de braços e a apagou.

Abriu o porta-malas e tirou um trasportín de gato. Escutou um «miau» que saía da caixa de plástico. Sua gata? ficou a olhar pelos guichês do carro. A parte traseira estava cheia de coisas até o teto.

Malas. Uma equipe informática. Mas que coño? Ela se estava… OH, joder. estava-se mudando. O coração lhe começou a pulsar desbocado.

—O que faz aqui? —perguntou-lhe.

Ela levantou o queixo, lhe ia custar muito dizê-lo.

—Acreditava que me havia convidado.

—Sim, e mandou a mierda.

O tom sorvete de sua voz a assustou.

—Esta manhã estive pensando e me dei conta de que ir ao estudo foi um engano.

—por que trocaste que opinião? Tornaram-lhe a atacar?

Nancy pôs os olhos em branco.

—Venha, homem. Sinto muito! Caguei-a. É que a gente não tem direito a equivocar-se?

Encolheu-se de ombros.

—A gente se equivoca inclusive se não ter direito.

—Te guarde seus comentários puntillosos para ti, Liam. Estou falando a sério.

ficou calado.

—Já, disso é do que tenho medo, Nancy —disse finalmente—. De que não seja uma boa idéia que vamos a sério.

Nancy lutou por não deixar ver o que sentia. Tinha que comportar-se como uma adulta. Tentar tomar-lhe a bem e, em outra coisa não, mas naquilo tinha muita prática. sabia-se de cor o que vinha depois. Pediria-lhe que esquecesse o que lhe havia dito e prometido e lhe desejaria que fora feliz.

Mas as palavras não lhe saíam da boca. ia se lançar e tentá-lo outra vez. esclareceu-se garganta.

—Bom, terminaste já de me castigar? Porque esta parte me aborrece e me põe de mau leite. Eu gostaria de passar à parte divertida.

A escuridão nos olhos do Liam trocou, como nuvens que não parassem de mover-se em uma tormenta.

—Não te estou castigando. Solo estou sendo claro. —ficou calado um segundo, tentando não perguntar, mas não o pôde evitar—. O que quer dizer exatamente com parte divertida?

ficou olhando seu corpo, grande e maravilhoso, e os marcados peitorais que se mostravam através da camisa aberta.

—Se tiver que perguntá-lo…

Liam começou a falar mas não disse nada e fechou os olhos.

—Não sou do tipo de pessoa que se toma estas coisas à ligeira.

—Sei —lhe sussurrou ela—. Eu tampouco.

Fechou os punhos.

—Sabe que em algum momento nos estrelaremos.

Estava desejando lhe tocar a cara.

—Como está tão seguro?

—Porque apesar de que eu gosto de muito posso ver uma parede na distância contra a que nos vamos estampar.

Nancy se limpou as lágrimas com o reverso da mão.
—Pode que tenha razão. Mas sabe uma coisa? Não me importa.
Um pouco parecido a um sorriso apareceu nos lábios do Liam.
—Não?
—Não. Quero que o tentemos. A todo gás. Quero que choquemos juntos contra esse muro.
—É por esses tios que lhe atacaram?
—Já que o mencionaste, queria te dizer que, embora aprecio que te ofereça para me proteger, não tem nada que ver com o fato de que pense que é uma pessoa muito especial e quero passar tempo contigo.
Já estava, o havia dito sem disfarces.
Esperou a que chegasse o veredicto… e esperou e esperou. Aquilo era uma agonia, chegar ao bordo do precipício e permanecer aí, tentando manter o equilíbrio. ia atacar desesperadamente antes de retirar-se com o rabo entre as pernas. Tomou ar.
—Ah, e há outra coisa mais.
Ele se preparou para o que vinha.
—O que?
Voltou-se a esclarecer garganta.
—Me…, né, lhe eu gostaria de chupar isso
ficou branco. Perguntando-se se a tinha ouvido bem.
—Espero que não te surpreenda muito —acrescentou—. Mas estes últimos dois dias acabaram com meu acanhamento. Não te posso prometer uma técnica muito depurada mas ter sexo oral contigo agora será o melhor que me passe hoje.
Liam piscou e tossiu.
—Ah.
Deu-se a volta e plantou a tocha no bloco de madeira com tanta força que fez saltar ao Nancy. Agarrou-lhe o trasportín das mãos e se dirigiu à casa.
—por aqui —a guiou.

## Capítulo 8

_

Nancy seguiu ao Liam enquanto subia as escadas do alpendre coberto. Estava tão atordoada pelo êxito de seu última e se desesperada estratagema que quase não se fixou na casa. Solo teve uma sensação de amplitude, luminosidade e elegância. Ele se agachou e deixou sair ao Moxie do trasportín. A gata saiu ao momento, cheirou-lhe a mão e foi se explorar a casa com a cauda bem alta.
Nancy queria acabar com aquela tensão mas a maneira em que Liam cruzou o salão lhe dando as costas não ajudava muito. Correu atrás de suas pernadas até o piso de acima. Em nenhum momento se girou para comprovar se ainda estava detrás dele.
Acreditava que ia desfrutar do que tinha devotado de maneira tão impulsiva porque notava como o desejo a esquentava ao pensar nisso. Entretanto, não se tinha imaginado que a chuparia em meio de…, bom, uma briga.
Liam se parou diante de uma porta.
—Estou suado. vou tomar banho me.
—Não.

Olhou-a duvidoso e lhe fez um gesto para que a levasse a habitação. Não podia arriscar-se a que lhe entrasse medo e se tornasse atrás, a perder seu momento. Além disso, estava estupendo tal como ia, seus músculos brilhavam pelo suor e tinha o cabelo molhado e de ponta. Dava-lhe um aspecto muito viril e vigoroso, e um sabor salgado.

Entrou na habitação e a convidou a segui-lo. A decoração da estadia era austera e simples. Pôde ver a cama antiga de forja coberta por uma colcha verde de quadros muito irlandesa, um tapete de estilo navajo cor terra no parqué, instrumentos de diferentes parte do mundo nas paredes brancas, uma cadeira de madeira, uma cômoda antiga e alta e um baú de finais de século. O conjunto era tradicional, sério, simples e singelo.

A luz do sol entrava pela janela, que estava aberta, e dava no tapete. Liam se colocou lenta e deliberadamente no centro da parte iluminada em uma posição agressiva, com as pernas abertas.

Assim seria, nada de bate-papo, de falatório nem de prelúdios. Ainda estava zangado mas queria sua mamada de todas formas. Bom, de acordo. Era estranho, mas Nancy começava a levar bem a raridade nesses dias tão estranhos.

Solo tinha que fazer de femme fatale. Não podia ser tão difícil e o tinha visto nos filmes. Mas respirava com dificuldade, suavam-lhe as mãos e lhe tremiam os joelhos. As coxas lhe esticavam ante o impulso do desejo que lhe criava pensar em meter-lhe na boca.

Um striptease seria o perfeito, poderia ir despindo-se devagar e sensualmente, mas não ia vestida da maneira correta. Necessitava mais roupa, mais lingerie feita de correias, colchetes, laços e encaixes. Tal como ia, solo podia deixar cair a bolsa no chão e tirar o pulôver devagar e da maneira mais sexy que pudesse. Caminhou para ele até que a luz também iluminou seu corpo, por debaixo do pescoço. A brisa que entrava pela janela fez que lhe endurecessem os mamilos, que pareciam dois pequenos nós marrons.

Jogou-se a trança a um lado, atirou do elástico que a sujeitava, desfez o penteado e o cabelo lhe caiu pelos ombros. Uma parte ficou pega às mãos molhadas e acabou lhe cobrindo a cara, carregado de eletricidade, rebelde como as tranças de Medusa.

Baixou-se as calças e as calcinhas de algodão, brancas e horrorosas. ficou totalmente nua, solo levava os pendentes e o pendente de safiras da Lucia. Ele a queimava com o olhar, sem dizer uma palavra.

—Você gostaria de te sentar? —perguntou-lhe com acanhamento.

Ele negou com a cabeça.

Nancy tomou ar e lhe tirou o cinturão com dificuldade mas ele não a ajudou em nenhum momento. Mantinha as mãos apertadas aos lados e seu corpo vibrava agitado, podia senti-lo na pele.

Agora era o turno das calças. Os baixou, junto com as cueca, o justo para lhe liberar a franga, que se ergueu, quente, enorme e dura entre suas mãos. Um pouco de esperma umedecia o glande. Bem. Estava claro que não tinha que preocupar-se de que lhe faltassem vontades.

Umedeceu-se as mãos ao acariciar o líquido denso que cobria a cabeça do pênis, grande e escorregadia. Agarrou-o e percorreu com a mão até sua base em uma apertada e larga carícia. Ele arqueou as costas e deu uma sacudida. Emitiu um gemido curto e repentino, como se tentasse controlar-se.

Nancy, sem pensá-lo, agachou-se até que ficou de joelhos, em parte porque lhe seguiam tremendo as pernas e por esse instinto primitivo que a levava a querer prová-lo, a lhe fazer convulsionar e ofegar.

A franga do Liam se balançava diante de sua cara. ajoelhou-se justo em meio da parte onde dava a deslumbrante luz da manhã e não podia ver. O sol a esquentava mas entrava ar fresco pela janela, uma combinação que lhe proporcionava um milhão de sensações, como se a roçassem delicadamente com plumas ou seda. Acariciava-lhe, pressionava um pouco a pele e lhe começou a percorrer o pênis com toda a língua. Lhe agarrou o cabelo com força. O corpo do Liam convulsionou, rígido. Ela estava tão excitada que ia se deprimir.

Desdobrou todos seus encantos: o chupou e lambeu, acariciava-o e percorria com as mãos,

parando-se na abertura pequena e sensível na ponta do glande e saboreando o líquido denso e salgado que saía dela.

O meteu na boca. Demorou um pouco em acostumar-se ao grande tamanho de seu membro, mas tinha tantas vontades, vibrava-lhe todo o corpo. relaxou-se e o pôde colocar muito mais profundo. Sentia como se sempre o tivesse sabido fazer, como se sempre tivesse querido fazê-lo. O chupou inteiro, pressionando a pele cada vez, torturando-o com os pequenos movimentos de sua língua sobre o pênis.

Liam agarrou com mais força o cabelo do Nancy e a separou de si. Ela se passou a mão pela boca e o olhou; tinha a cara tensa e o olhar duro.

—O que? —perguntou.

—Necessito follarte.

Ela piscou; nunca no mundo se ouviram palavras mais bem-vindas. sentia-se como uma árvore de Natal que estivesse a ponto de soltar faíscas e prender-se fogo. Acariciou-lhe os testículo com a ponta dos dedos para desfrutar de do espasmo de prazer que percorreu o corpo dele.

—Tem uma camisinha? —perguntou ela.

—Na gaveta da mesita de noite, ao lado da parede.

Ajudou-a a levantar-se mas não se moveu. ficou esperando enquanto ela tentava não andar a tropicões. Lhe teria gostado de andar de algum jeito sexy mas lhe custava manter-se de pé. Começou a rodear a cama mas se deteve e ficou olhando a colcha por um momento. Uma femme fatale não desperdiçaria aquela oportunidade e encontraria alguma pose sensual.

Estremeceu-se mas conseguiu subir à cama e engatinhou até o outro lado, com as costas arqueada, sexy e sinuosa. Chegou a mesita e colocou a mão para procurar as camisinhas.

Esta posição teve um efeito instantâneo nele. Notou como a cama chiava e se afundava e o sentiu detrás dela. O calor de seu corpo que lhe cobria as costas e a franga contra a cara interna de sua coxa. Quase perdeu o equilíbrio. Ele alargou o braço e tirou uma tira de camisinhas de um pacote prateado.

Nancy tentou dá-la volta mas não a deixou. Tirou uma camisinha e o pôs. Lhe acelerou a respiração, estava nervosa e tinha a boca aberta. Vá, tinha calculado mau.

Lhe tinha dado as costas, não podia culpá-lo por haver tomado como um convite. Mas esta posição a fazia sentir-se especialmente vulnerável e pequena. Além disso, doía. Muito dentro. Aquela era uma mais da larga lista de coisas que a faziam fechar-se.

Não, não ia danificar esse momento, nem para ele nem para ela. Não ia se acovardar, queria-o dentro mais que nada no mundo e bom…, podia agüentar… aquela posição.

Preparou-se para o empurrão doloroso e invasivo mas este não chegou. Ele se tinha ficado quieto, esquentando-a, esperando. Acariciou-lhe a coluna e a nuca com os lábios e o clitóris com os dedos hábeis; as carícias eram lentas e suaves. Tocou-a até que se retorceu contra sua mão, sem fôlego, desesperada-se.

Quando por fim entrou, ela se tornou para trás para poder senti-la mais. Agarrou-lhe os quadris em um murmúrio apagado, beijou-lhe os omoplatas e lhe lambeu as costas. As paredes de sua vagina se fecharam em torno do enorme mastro. Penetrou-a mais profundamente. Nunca se havia sentido tão enche. Cada parte de seu corpo respondia e reluzia sob seu tato. Apertou-o mais, retorcendo-se…, e ele a colocou até o fundo…

Nancy se desintegrou em um milhão de partículas de luz, felizes e vibrantes. Em seu interior pulsavam sacudidas de prazer, quentes e brilhantes.

Sentiu sua respiração, cálida e rítmica, nas costas. Lhe mordeu o ombro e lhe chupou o suor.

—Deus, me gostou tanto —murmurou Liam com voz rouca—. Faz-o outra vez, por favor. Não pares nunca.

—Sempre que querer —disse ela entre risadas—. Quando me toca não posso parar. É uma loucura.

Um som grave e profundo saiu da garganta do Liam, agarrou-a pelos quadris e começou a

mover-se selvagem, freneticamente. Ela se agarrou às barras da cama e afundou a cabeça no travesseiro para afogar os gritos que saíam da garganta com cada sacudida do grosso canhão. Ele se sentia genial, batendo-a como nata até que a excitação estivesse a ponto de neve. Não o fazia danifico, seu corpo parecia desenhado para receber cada milímetro dele e derreter-se de prazer.

Nancy se correu uma e outra vez até que caiu sobre a cama, exausta e ofegante, como uma boneca de trapo. Não tinha forças nem para pedir clemência. Então Liam se deixou levar e permitiu que seu próprio clímax lhe percorresse o corpo. ficaram tombados durante um par de minutos, flutuando em um sonho que solo interrompiam o canto dos pássaros no exterior e as sombras das nuvens que passavam pelo céu. Ele a esmagava sob seu corpo mas gostava dessa sensação. Quase não podia respirar mas quem precisava respirar depois de um sexo como aquele?

Depois de uns momentos, ele se moveu e se girou para um lado mantendo-a pega a ele, com seu pênis ainda dentro.

Nancy sentiu como o corpo do Liam se esticava quando lhe soou o telefone. agachou-se, agarrou-o de sua bolsa e olhou a tela. Era Peter. Ja, como se lhe importasse agora mesmo. Voltou a colocar o aparelho na bolsa até que deixou de sonar. Girou a cabeça para desfrutar de sua cara de surpresa.

Liam lhe sorriu devagar e cheio de curiosidade.

—Imagino que te há flanco muito.

—Apagaria-o por completo se não fora por minhas irmãs. Necessito que elas me possam localizar em qualquer momento.

—Pode lhes dar meu número fixo —lhe sugeriu.

—Obrigado, muito generoso por sua parte.

Deixou escapar uma risada ante seu sarcasmo e afundou o nariz em sua nuca.

—Que bem cheira. Me dá vontade de te comer.

—É uma mescla de azeites essenciais de baunilha e sândalo —lhe explicou.

—Volta-me louco.

Arqueou as costas como um gato, lambendo-se ante sua resposta.

—Então, segue zangado comigo?

depois de um comprido silencio, girou a cabeça para olhá-lo por cima do ombro. Parecia duvidar.

—Ainda não sei. Estou muito doído. Acredito que necessito muito mais sexo para superá-lo.

—De acordo —lhe disse com alegria.

Liam também se Rio com força, apartou-se, tirou-se a camisinha e se dirigiu à porta.

—vou atirar o.

Lhe iluminaram os olhos ao ver seu maravilhoso corpo nu quando voltava para a habitação. O cabelo negro do peito que se estreitava até as virilhas, os músculos poderosos das pernas e as coxas, e sua pesada excitação, que se levantava orgulhosa entre o pêlo púbico. Vá, não tinha demorado muito em recuperar-se.

—Quer comer? Posso te preparar algo.

—Não tenho fome. De comida, pelo menos.

Aproximou-se até que esteve ao lado da cama, com a franga rígida e dura. Apartou a colcha e ficou olhando o corpo nu do Nancy.

—Minha mãe —disse com suavidade.

Lhe acariciou o membro sentindo como se aumentava, vermelho e inchado; estava quente. Lhe agarrou a mão e se agachou para lhe beijar os nódulos, lhe dando a volta depois para lhe beijar a boneca, a palma e os dedos, um a um. ficou a mão na bochecha com uma ternura reverencial.

Ela se aproximou para atirar dele para a cama. Liam agarrou outra camisinha e o pôs em um momento. Montou-a, metendo-lhe devagar e até dentro, o que provocou que lhe brotassem lágrimas dos olhos. Rodeou-a com os braços e se engancharam em um balanço que poderia ter durado horas, já que Nancy perdeu o sentido do tempo. A habitação iluminada era um espaço mágico e as bolinhas

de pó dançavam alegres a seu redor. A brisa balançava os ramos das árvores as fazendo sonar. A cara do Liam enchia todo seu mundo. Sentia seu peso, deliciosamente sensual entre as pernas, esmagando-a contra a cama em um impulso lento e que a voltava louca. Poderia ficar olhando-o a seus incríveis olhos para sempre.

Moviam-se de uma vez, mais rápido, beijando-se, famintos de uma paixão que lhes enchia o coração. Seu roce era um beijo deliberado e quente. Ela elevou o corpo para assim alcançar a perfeição e o orgasmo lhe chegou sem avisar. Pôde escutar como Liam gritava no mesmo momento e se lançaram juntos para cair em picado, fundidos.

Voltaram pouco a pouco para a realidade e ele saiu de enquanto lhe acariciava as costas.

—Gostou-te? —perguntou-lhe duvidoso.

Ela se pôs-se a rir.

—foi fantástico e sabe.

ficou de barriga para cima e soprou com ironia.

—duvidei em algum momento. Solo estava um pouco preocupado se por acaso nos estávamos passando.

—Nem o pense. —Apoiou a cabeça sobre seu peito, grande e sólido, virtualmente ronronando enquanto ele a rodeava com seus braços, posesivamente—. É incrível. Nunca tinha podido… Bom, é incrível.

Levantou a cabeça para olhá-la com curiosidade.

—Alguma vez tinha podido o que?

Tentou dissimular seu metedura de pata com uma risada.

—Normalmente não me o passo tão bem na cama, isso isto tudo. Estou acostumado a me fechar se as coisas ficarem muito intensas. Mas contigo não me passa.

Passou-lhe os dedos pelo cabelo.

—por que te fecha?

—Que mais dá se não me passa contigo? —disse contente—. Prefiro não me recrear em meus estúpidos, tediosos…

—Quero saber por que te passa, Nancy —lhe perguntou sem lhe dar trégua.

Ela assentiu. Parecia que não ia se liberar de expor-se ante o Liam.

—Bom, tenho uma teoria.

—Me conta.

Fez de tripas coração, esperando não voltar a despertar seus traumas se falava deles.

—Recorda que te contei que tinha estado em uma casa de acolhida, não? Foi o último lugar onde fiquei antes de que Lucia me adotasse. Tinha treze anos e caí em uma família muito boa no Larchmont. Pensei que tinha tido sorte já que era melhor que outros sítios onde tinha estado antes. Até que o filho maior voltou durante as férias, depois de ter terminado o primeiro ano de universidade. Era um menino grande que cheirava fatal.

A cara do Liam se contraiu.

—Joder…

—Não te assuste. Não é para tanto —lhe assegurou—. Nunca chegou… Bom, tive sorte porque sempre havia muita gente ao redor e eu compartilhava habitação com outras meninas. Mas assim que podia me esmagava contra as paredes e os rincões escuros para me esfregar seu pênis ereto. Era o único ao que lhe dava tempo. Menos mal.

Liam esticou as mãos.

—Miúdo filho de puta.

—A coisa ia a mais —continuou—, era sozinho questão de tempo. Mas era minha palavra contra a sua e sua mãe acreditaria em seu pequeñín antes que a mim. Uma pena, porque a queria muito.

ficou olhando o teto, jogando com uma parte de colcha, perdida em lembranças pouco agradáveis. Liam a acariciou com os lábios.

—E o que passou ao final?

—O disse à trabalhadora social —concluiu com um suspiro— e ela o contou à mãe, que, é obvio, ficou de parte do filho e lhe disse que eu era uma puta e uma mentirosa. Então me buscaram outra casa e me tocou a da Lucia. Assim ao final me beneficiou, embora suponha que ainda arrasto alguns traumas de então. Por exemplo, não me revistam gostar dos tios que são muito maiores que eu e ódio que me agarrem ou que me apertem. Paraliso-me ao momento. —apoiou-se em um ombro para observar seu corpo musculoso e lhe acariciar o peito, amplo—. É uma grande exceção. Uma enorme.

ficou olhando o pênis comprido, vermelho e duro e Liam lhe devolveu um olhar envergonhado.

—Sinto muito, sei que não é bom momento, depois de tudo o que me contaste. Mas é o que me passa quando estou a seu lado e se estiver nu não há maneira de evitá-lo ou escondê-lo.

—Não passa nada —murmurou—. Sei que é um dos bons.

Apertou-a contra si e se fundiram em um abraço. Tremia-lhe o corpo de apertá-lo tanto mas desejou que aquele momento não se acabasse nunca. Quando por fim se soltaram, lhe aconteceu a mão pelo cabelo até chegar à bochecha.

—Eu gostaria de encontrar a esse tio e estrangulá-lo —disse.

ficou atônita.

—Não lhe recomendo isso —lhe disse com certo nervosismo—. Já temos muitos problemas.

Passou-lhe o dedo pela sobrancelha.

—É estranho. Eu não estou acostumado a ser assim. Nunca em minha vida procurei briga mas mataria a qualquer que tentasse te tocar.

Nancy abriu e fechou a boca um par de vezes.

—Né…, não sei muito bem o que te dizer.

Encolheu-se de ombros.

—Não tem que me dizer nada. É o que há.

Apartou-se e se levantou para ficá-los calças. O idílio se terminou e ele se tornou a pôr sério. ficou lhe olhando o culo enquanto os subia, abria o armário e rebuscava entre uma pilha de mantas. Tirou uma caixa de fibra de vidro pesada.

—O que é isso?

Abriu a caixa.

—É a pistola velha de meu padrasto.

Ela se estremeceu.

—E o que vais fazer com ela?

Levantou uma sobrancelha.

—Levá-la em cima.

—Crie que é necessário? Sabe usá-la?

Tirou uma caixa com balas, abriu o carregador e carregou a pistola.

—Sim. Não nos teria vindo mal se a tivesse levado ontem e claro que sei como usá-la. Vá pergunta.

A guardou na parte de atrás das calças e ficou a camisa por cima.

Nancy tremeu ao pensar naquela arma fria contra a pele cálida de suas costas.

—Tem licença para levá-la?

Olhou-o aos olhos.

—Encarregarei-me de conseguir uma. Nunca a tinha necessitado antes, assim nunca me preocupei com solicitá-la.

—Mas até que a consiga talvez deveria…

—Pensa-o bem, Nancy. Se a polícia me pilhar me podem deter mas se esses tipos me agarrarem sem ela, matarão-me e lhe seqüestrarão. O que prefere?

Lhe fez um nó frio e duro no estômago que o fez dobrar-se. abraçou-se os joelhos e

escondeu a cara.

Ao pouco tempo, Liam se sentou na cama e lhe pôs o braço ao redor dos ombros.

—Solo é por precaução —lhe disse com suavidade—. Lamento que te incomode mas me sinto melhor levando-a.

Apertou-se contra ele. Nunca se cansava de seus abraços. Levava esperando-os toda sua vida sem sabê-lo.

Também gostava. apertaram-se e afundaram o nariz no aroma do outro. Seus corpos se consolavam mutuamente, com seu calidez, com a força de suas extremidades entrelaçadas. O raio de sol que iluminava o chão já ia pela parede quando Liam levantou a cabeça e lhe sorriu.

—Tem fome? —perguntou-lhe.

—É a segunda vez que me diz isso. Não será uma pergunta com truque? E você, quer comer?

—Estou faminto. Não comi do jantar de ontem à noite, antes da seisiún.

Ela não tinha provado bocado desde no dia anterior pela manhã mas pensou que era melhor não compartilhar essa informação.

—Pobrecito. por que não me há dito nada?

Encolheu-se de ombros.

—Não me acordei até agora.

—Vale. Pois vamos cozinhar algo. Tem comida?

—Arrumei-lhe a escada do alpendre à vizinha faz um mês e me pagou com suficiente guisado congelado para alimentar a um exército. Vamos, vístete.

—por que? eu adoro ir nua. vais ter visita?

—Eoin está por aqui. Estou seguro de que não nos incomodará muito, mas não há cortinas nas janelas da cozinha.

Liam conseguiu lhe pôr seu grande penhoar de cor verde terracota. Baixaram a devorar o saboroso guisado acompanhado de torradas de passas, maçãs rangentes e partes de cheddar branco na grande cozinha do Liam. Nancy comeu muito mais do que estava acostumado a e com apetite. Ter a um homem em frente que a olhasse assim a atordoava. Praticou seu rol de femme fatale ao chupá-los dedos molhados de suco e o seguiu com gosto à habitação onde voltaram a correr-se juntos depois de uma colisão selvagem.

Passaram o dia entre carícias e beijos enquanto a pistola os observava da mesita de noite como um sentinela pequeno e feio que lhe recordava o horror que a perseguia fora daquele círculo mágico.

Quando abriu os olhos já tinha baixado o sol e a luz era dourada e densa. Surpreendeu-o olhando-a assanhado com uma mecha de seu cabelo entre os dedos.

—É uma honra —disse com doçura.

Ela ficou olhando-o, confundida e desorientada.

—Ah!, sim? O que?

—Que Lucia acreditasse que seria o suficientemente bom para ti.

Nancy pôs os olhos como pratos.

—OH, por favor —lhe soltou, para sentir-se culpado imediatamente—. Não me faça conta. Queria-a muitíssimo, mas estou molesta com ela por querer me buscar noivo dessa maneira.

Liam apoiou a cabeça em uma mão.

—por que? O que tem que mau em que tentasse te ajudar? Ela queria que fosse feliz.

Removeu-se incômoda.

—Já sei, mas Lucia não entendia uma das regras básicas do mundo animal. Os homens só desejam o que não podem ter. São caçadores por natureza, assim ir dizendo que estou disponível é me sentenciar ao celibato perpétuo.

Liam girou a cabeça para olhá-la aos olhos.

—Eu não sou um animal.

—Nunca hei dito que fosse, Liam! Não lhe tome como algo pessoal.

Encolheu-se de ombros.

—Não sei tomar as coisas de outra maneira.

Ela ficou de lado e suspirou.

—Imagino que te pergunta como uma mulher razoavelmente atrativa estaria tão se desesperada para que sua mãe lhe tentasse procurar noivo.

Liam lhe sorriu e lhe apartou uma mecha de cabelo dos olhos.

—Suprime o de razoavelmente atrativa e acrescenta incrivelmente formosa.

Ela se tirou uma segunda mecha da boca com um sopro e tentou concentrar-se.

—Sim…, bom —gaguejou—. Para voltar para o que estava dizendo…

—Incrivelmente formosa —lhe repetiu.

—Bom, já passamos pela lição da beleza da flor e o pilhei, vale? Quer escutar o que tenho que dizer ou não? —perguntou-lhe irritada. Liam cruzou os braços detrás de sua cabeça e assentiu desenvolto—. Lucia queria me salvar de mim mesma. Odiava a todos meus prometidos.

Agora sim que tinha captado sua atenção. incorporou-se apoiando-se em um cotovelo.

—Todos seus prometidos? O que quer dizer com «todos seus prometidos»?

Ela se fez um novelo em cima da manta.

—Não te contou nada de minha desastrosa trajetória amorosa? —Liam negou com a cabeça e ela pôs os olhos em branco—. estive comprometida três vezes e meus três prometidos cortaram comigo. Não me deixaram tiragem no altar mas quase. Dois deles também eram meus clientes.

Olhou-a com incredulidade.

—Joder. por que? O que aconteceu?

Deu-lhe um tironcillo à colcha, sentia-se estúpida.

—Apaixonaram-se por outra pessoa no último momento.

Liam pôs uma careta de dor.

—Mierda, vá putada.

—Sim, foi uma putada. Pelo menos fui lista e não comprei um terceiro vestido de noiva antes de que Freedy me deixasse. Assim solo tenho dois vestidos no armário em vez de três. É melhor procurar alívio nestas pequenas coisas.

ficou olhando ao chão, por medo a notar a compaixão no olhar do Liam.

—Fizeram-lhe um favor e a mim também.

—A ti por que?

Agora sim que o olhou e lhe sorriu.

—Se estivesse casada com algum deles não estaria comigo agora. Não seria uma pena?

Um pequeno ataque de risada percorreu o corpo do Nancy.

—Tem razão. Além disso, Lucia não parava de me repetir que se estão aproveitando de mim.

fico calado um momento.

—Como que se estão aproveitando de ti? Ainda segue em contato com eles?

—Claro. Acabo-te de dizer que dois deles são meus clientes. Bom, deveria dizer três se conto ao Enid. Também sou seu mánager.

ficou com a boca aberta.

—Esses gilipollas lhe deixaram por outra e segue trabalhando dezesseis horas ao dia para eles?

—Não comece —disse mal-humorada—. Minhas irmãs já me dão bastante a lata. Todo isso está superado.

—O tio que chamou as cinco da madrugada era um de seus ex?

Nancy duvidou por um segundo.

—Pois a verdade é que sim, era Peter, meu primeiro prometido. Está casado com o Enid, outra cantor da que sou mánager. Para que veja a ironia, apresentei-os eu. Tem muito talento…

—É um manipulador, autocomplaciente e indigno.

Nancy levantou o queixo.
—Não o conhece.
—Nem quero —lhe soltou Liam—. Já sei o que tenho que saber desse tio.
Nancy franziu o cenho.
—É muito crítico. Eu não te julguei nem te hei dito que te equivocaste com as decisões que tomaste na vida.
—Não te estou criticando.
—Não, o que vai. Eu tampouco te estou chamando arrogante e listillo.
Aproximou-se e a agarrou pelos braços para ficar a em cima.
—Estou dizendo coisas que lhe incomodam, assim que o melhor será que deixemos de falar.
Tinha a cara a poucos centímetros daqueles olhos verde prata. envergonhava-se de como seu aborrecimento se evaporou sob a força de sua masculinidade.
—Não pode ganhar uma briga me seduzindo.
ficou uma camisinha; Nancy não se deu conta de que o levava na mão.
—Estávamo-nos brigando? —perguntou-lhe inocentemente ao tempo que lhe abria as pernas. Ela deixou escapar um gemido enquanto o colocava dentro, acariciando-a com todo seu pênis, comprido e quente.
—Listillo. —Foi tudo o que pôde dizer antes de que a paixão os possuísse e não pudessem fazer outra coisa que aferrar o um ao outro até esgotar-se.

O som evocador da gaita de fole Uilleann despertou ao Liam e sentiu como a felicidade o invadia quando notou o peso do Nancy sobre seu ombro.
Com cuidado, girou a cabeça para olhar o relógio e ver que hora era. As 2:17.
Era Eoin, miúdo golfillo sentimentaloide parecia. Nancy despertou com um murmúrio suave e levantou a cabeça. A luz da lua penetrava pela janela, lhe iluminando os olhos. apartou-se o cabelo da cara.
—Que bonito. É a canção The Soldier’s Vow. Uma de meus favoritas.
—Já, Eoin escolheu as canções mais românticas —disse entre dentes.
Voltou-se a abraçar a ele.
—Pois sim é sentimental.
—São as duas da manhã —grunhiu.
Lhe deu um golpe no ombro.
—Vamos, te rendam. Música, luz de lua…, é muito romântico. te deixe levar.
Calou-a com um beijo.
—Já o tenho feito.
Agarrou-lhe a mão e a baixou para lhe ensinar o efeito que tinha sobre seu corpo.
Ela se Rio.
—Não te cansa alguma vez?
—Ainda não. E você? Arde-te?
—Estou bem —respondeu com acanhamento—. Mas preferiria falar um pouco.
—Vale. —girou-se a um lado—. Do que quer falar?
—Pouco a pouco —lhe sugeriu. ficaram olhando-se aos olhos, sob a luz da lua enquanto Liam lhe acariciava o cabelo. Eoin terminou The Soldier’s Vow e passou ao The Women of Ireland.
—Que bom é esse pirralho. Então, aluga-te o porão?
—Não exatamente. Deixo-lhe ficar aí por um tempo.
—Deste-lhe trabalho e um lugar onde ficar? Que amável por sua parte.
—Eu não o vejo assim. Fizeram o mesmo por mim quando era um pirralho, assim acredito que é a melhor maneira de pagar minhas dívidas. Além disso, é da família, o filho da prima de minha mãe.

—O que quer dizer com que fizeram o mesmo por ti? —Passou-lhe a fina mão pelos ombros, explorando os músculos. Estava-o pondo a cem.

Custou-lhe muito voltar a concentrar-se para lhe responder.

—Quando tinha a idade do Eoin me fui percorrer o mundo. Cruzei a América trabalhando em granjas de gado. Formei parte da tripulação de um iate que navegava pelo Pacífico. Na Austrália ajudava com as ovelhas… Conheci muita gente que me deu de comer, um trabalho ou um lugar onde dormir. Aprendi muito daquilo.

—E seus pais como tomaram? —perguntou-lhe fascinada.

Encolheu-se de ombros.

—Estavam preocupados. Meu padrasto queria que me fizesse polícia, como ele. Era um bom homem, ensinou-me a tocar e a trabalhar com a madeira. Eram seus passatempos favoritos.

Estudou a curva de suas bochechas enquanto Eoin tocava outra bonita canção.

—Alguma vez pensou em ir à universidade?

—Não merecia a pena. Tudo se pode aprender indo à biblioteca e estudando.

Nancy lhe rodeou a cintura com o braço.

—Nunca me tinha exposto isso dessa maneira mas suponho que tem razão. E seu pai biológico?

O corpo do Liam se esticou.

—Faz vinte e seis anos que não o vejo.

Nancy queria saber mais.

—E não sabe onde está?

—Acredito que sua direção aparecia no cartão das flores que mandou para o funeral de minha mãe —a cortou—. Mas não me fixei.

Nancy se sentou com lentidão.

—Sinto ter tirado o tema.

—Não passa nada —disse sério.

Acariciou-lhe o ombro.

—Quer falar disso?

—Superei-o —grunhiu. sentiu-se fatal por usar esse tom com ela mas tinha o estômago atendido. Cada coisa que dizia ela os aproximava desse muro e necessitavam uma manobra de distração. Agarrou-a por braço e atirou dela para baixo. Nancy soltou um grito que o deixou gelado.

—Tenho-te feito mal?

—Não, mas…

Afogou o resto das palavras com um beijo. Tentou devolvê-la à presente como pôde. Não saber nada do passado nem do futuro. Solo a música que soava através da janela, a luz da lua, o corpo delicado do Nancy movendo-se sob o seu. Tão generoso, tão doce, tão forte.

Não queria pensar no muro contra o que se estrelariam, no olhar de seu pai quando saiu pela porta para não voltar, na tumba da Lucia, nos seqüestradores da escada do Nancy, na violência que os espreitava em cada esquina ou na pistola que estava ao lado da cama. A incerteza, o perigo e esta relação que tinham, tão delicada, tão preciosa, tão frágil. Sitiada por todos os lados.

Agarrou-o com força e gritou quando lhe chegou o primeiro orgasmo. A satisfação que o enchia o queimava por dentro. Afundou a cara no cabelo dela e deixou que seu próprio clímax explorasse no interior de seu corpo e de sua mente para esquecê-lo tudo. Evitaria o destino enquanto pudesse e a mierda com todo o resto.

## Capítulo 9

_

O céu já estava rosa quando Nancy despertou. O outro lado da cama estava vazio e podia ouvir o ruído da ducha. Voltou a tombar-se e ficou a estudar a habitação. Havia uma foto do Liam quando era jovem debaixo do abajur. Levava o cabelo comprido e sorria à câmara despreocupadamente. Com o braço, rodeava os ombros de uma mulher mais maior, muito bonita, que tinha os mesmos olhos e o mesmo sorriso.

Encontrou o banho, tomou banho e descobriu com prazer que tinha agujetas em músculos que nem sequer sabia que existiam. Quando baixou pôde cheirar o beicon, ouvir o ruído da bule e ver como Liam dava a volta a uma tortita na frigideira. Lhe fez a boca água.

Ele girou a cabeça para olhá-la e lhe sorriu.

—Que chá gosta? —perguntou-lhe—. Tenho Darjeeling e um fantástico que vem do Nepal.

—Não há café?

Olhou-o consternada.

—Não, não tenho café.

Conectou o móvel em uma das tomadas da cozinha.

—Imagino que haverá alguma cafeteria por aqui perto onde façam rápido.

—Não sei —disse sem compaixão—. Quer o beicon muito feito ou mal passado?

—Mal passado, por favor. Posso usar seu telefone? Quero darseu número a minhas irmãs.

—Claro, aí o tem.

Nancy jogou um pouco de comida de uma lata ao bol do Moxie enquanto chamava o Vivi, que respondeu com voz de sonho:

—Sim?

—Agarra um boli e aponta o número de telefone que vou dar.

—Não me diga, não me diga… que é o número desse portento alto e de olhos verdes. Desperta, Nell, deitou-se com ele!

—Viv, agarra um boli —repetiu entre dentes.

Vivi cantarolou com entusiasmo enquanto apontava o número que lhe ditou Nancy.

—Vale, o acabo de pôr no esfrego. Agora me dê todos os detalhes! É tão vigoroso como parece na hora de…? Bom, já sabe.

—Não penso te dizer nada —respondeu Nancy com remilgo.

—Claro, o tem ao lado, verdade?

—Isso é —lhe sussurrou.

—Pois sobe ao piso de acima ou sal da casa e te chamo o móvel —lhe ordenou sua irmã—. Quero sabê-lo tudo.

—Não levo o móvel —admitiu—. Não tem bateria.

Fez-se o silêncio ao outro lado da linha.

—Como que te ficaste sem bateria? Esqueceste-te que carregá-lo? Espera… me Diga quem é e o que tem feito com minha irmã.

—OH, para já —lhe soltou Nancy.

—Bom, já nos contará quando voltar —balbuciou Vivi—. Todos e cada um dos detalhes. Quando volta? Jantamos juntas?

Nancy vacilou um momento.

—Bom… Não sei quando vou voltar exatamente. Pediu-me que…

—Ostras! Nell! —mugiu Vivi—. Não te pode imaginar quão pilhada está.

—Pára de uma vez —lhe suplicou Nancy—. Por favor, não me o azarados.

—Vale, vale. É uma covarde. me chame quando puder, entre queda e queda, e lhe diga olá de nossa parte.

Vivi pendurou. Nancy ficou com o auricular na mão, que lhe tremia. Um tremor de alta

freqüência, como se cada célula de seu corpo estivesse eletrizada.

Liam lhe tocou o ombro, agarrou o auricular e pendurou.

—Uma saudação de minhas irmãs.

—Obrigado. por que está tão preocupada?

—Porque estão flipando com que me tenha vindo a viver contigo e me hei posto nervosa —disse com brutalidade.

Liam apertou os lábios.

—Que está nervosa? O que quer dizer é que as decepcionará quando se inteirarem de que não é nada sério? Que solo foi uma aventura?

Nancy sentiu uma sensação de queimação na garganta e lhe saltaram as lágrimas.

—Você é o que disse que íamos a estelar contra um muro.

—É verdade.

Pô-lhe a mão no peito para sentir o batimento do coração compassado de seu coração.

—Isto não é uma aventura e sim que é algo sério.

Liam pôs a mão em cima da do Nancy.

—Como de sério?

—Tremendamente sério —disse surpreendendo-se a si mesmo por sua honestidade.

Estreitaram-se em um forte abraço. Ela enterrou a cabeça em seu peito e se apertaram um contra o outro, em um pacto silencioso para deixar acontecer o perigo. Um forte aroma os devolveu à realidade.

—Mierda, as tortitas! —exclamou Liam correndo para o fogo.

Incharam-se a tortitas e beicon. Nancy comeu o dobro do que acostumava. Esfregaram e ficaram olhando-se, envergonhados.

—Bom, e agora o que? —perguntou Nancy.

Enrugou os lábios.

—Você me dirá.

O brilho de seus olhos era irresistível mas a crua realidade a reclamava.

—Tenho que fazer algumas costure do trabalho.

Olhou-a com resignação.

—Prepararei-te um escritório na habitação de convidados, embora se quer ter telefone fixo lhe terei isso que montar no salão. Vou ao carro a por suas coisas.

depois de colocar e colocar toda a equipe que necessitava no escritório, deu-lhe um beijo e lhe disse:

—Tentarei não te distrair. Se puder.

Ela tentou não sorrir.

—Não te incomode se acender meu móvel, vale? Preciso carregá-lo e ver as mensagens que tenho.

—Não há problema —disse magnánimamente—. Estarei na oficina.

Tinha a rolha de voz cheio de mensagens agressivas do Peter e Enid, assim decidiu chamar o primeiro Peter.

—Já era hora, joder! —espetou-lhe ele nada mais desprender—. Levo tentando contatar contigo há doze horas.

—Vá drama —lhe respondeu brandamente—. O que acontece?

—Como pode ser tão arrogante? —Parecia ferido—. Ontem à noite teloneamos ao Brigid McKeon e os Beltane Beldames no Bottom Line, lembra-te?

—Claro, com o que me custou conseguir esse concerto.

—Pois como não apareceu por ali pensava que te tinha esquecido. Bom, vamos ao grão. Ao Brigid gostou tão da voz do Enid que quer que se vá gira com os Beldames!

—Vá, isso é genial. Disse-lhe que me chamasse?
—Claro, mas não lhe podíamos localizar pelo que imagino que não terá ouvido sua chamada. O que vamos fazer? Enid não pode lhe dizer que não ao Brigid McKeon.
—Isso é certo.
—Mas tampouco pode deixar de lado sua própria excursão para ser uma Beldame. Enid deveria ser a cantor principal, não parte do coro.
Nancy perdeu o fio da conversação quando viu o Liam apoiado na porta, escutando. ficou detrás dela, fora de seu campo de visão.
—Tranqüilo, Peter. Falarei com o mánager do Brigid para que me diga as datas dos concertos e tentarei as combinar com as dos concertos do Enid. Outra opção seria assinar por solo uma excursão e usá-lo como publicidade para a sua.
Deu um coice, surpreendida, quando Liam a rodeou com os braços e lhe pôs as mãos nos peitos. Para quando começou a lhe beijar o pescoço já tinha perdido toda a concentração.
—Foste-te com algum tio, não? —interrogou-a Peter de repente—. A meu álbum ainda lhe faltam as imagens, estamos a uma semana do congresso do FolkWorld, é um momento crucial para minha carreira e a do Enid, e não pode pensar em outra coisa que em seus hormônios? Estamos falando de muito dinheiro, Nancy.
—Falando de dinheiro, recordo-te que te deixei o dinheiro para pagar os gastos de inscrição do congresso do FolkWorld.
—Mas ainda não nos pagaram os cinco concertos que demos ao norte do estado.
Liam lhe acariciou a barriga e lhe colocou a mão dentro das calças fazendo que seu corpo serpenteasse instintivamente.
—Já, mas eu sigo em números vermelhos e tampouco me hão devolvido o dinheiro dos dois últimos envios de publicidade.
—Não me posso acreditar que me esteja pedindo dinheiro agora que tenho que tomar esta decisão tão importante. Não quero voltar a falar contigo até que não te comporte como uma profissional.
Peter lhe pendurou o telefone e Nancy também pendurou.
—Mierda, agora está furioso.
—Me alegro. —Liam lhe colocou mais a mão—. ouvi o nome do Peter e não pude evitá-lo. lhe deixe que se zangue.
—Claro, para ti é fácil dizê-lo.
—O que tem que perder? —perguntou-lhe—. O muito rato nem sequer te paga o que te deve, não?
—Isto não te concerne, Liam —lhe disse com aspereza—. Te agradeço que queira me ajudar mas por favor não volte a me tocar dessa maneira quando estiver ao telefone. Estou trabalhando.
—De que maneira? —disse com um sorriso—. me Ensine como não quer que te toque.
—Não, agora não —disse com a cabeça alta.
—Pois depois.
Nancy tragou saliva, cativada pela ardente promessa que podia ler em seu olhar.
—Sim, depois.

O dia transcorreu em um abrir e fechar de olhos. Passou-o quase inteiro ao telefone, tentando quadrar as datas dos concertos com a agência do Brigid McKeon. Liam não a voltou a interromper mas era consciente de sua presença. Foram os olhos quando o via passar, grácil e poderoso. Pilhou-a mais de uma vez e respondeu com um sorriso que lhe acelerava o coração.
Obscureceu e quando terminou de imprimir as etiquetas para o envio do folheto promocional da nova excursão do Mandrake saiu da base de dados e fechou o ordenador. Duvidou um segundo e apagou o móvel. Aquilo podia significar jogar pela amurada sua carreira mas nesses momentos lhe

importava uma mierda. aproximou-se da oficina do Liam e através da porta aberta pôde ver uma mesa de comilão grande e preciosa no centro.

Estava agachado e lixava uma peça na mesa de trabalho tão pequena que não pôde reconhecê-la. Ele se deu a volta, embora ela tinha ido descalça tentando não fazer nenhum ruído, e deixou a peça sobre a mesa.

—terminaste?

Ela assentiu.

—Acabo de apagar o ordenador.

Estirou os braços.

— Então, é toda minha?

Ela o abraçou e aspirou com força seu fresco aroma. Cheirava a vento, chuva e madeira recém atalho.

—Totalmente —lhe prometeu—. Até apaguei o móvel.

Sentiu como ele ria por dentro.

—Um grande passo, Nancy.

—Sim, a verdade é que sim —aceitou—. Fazemos o jantar?

—Em um momento. Primeiro quero provar algo contigo. Levo pensando nisso todo o dia. Desde antes inclusive.

Lhe beijou a pele que deixava ver o pescoço da camisa.

—E o que é?

Sem prévio aviso, baixou-lhe os jeans até os joelhos. Os tinha desabotoado sem que se desse conta. Depois lhe baixou as calcinhas e ela o terminou de tirar tudo entre risitas.

—Liam…

—Me deixe que te suba justo… aqui —disse enquanto a sentava ao bordo da mesa que estava fazendo. Ela sentiu a superfície fria e suave contra suas nádegas.

Tratou de afogar mais risitas e lhe começou a custar respirar quando lhe abriu as pernas.

—No que estava pensado exatamente? —perguntou-lhe, sem fôlego.

Ele ficou de joelhos.

—Me deixe que lhe ensine isso.

A semana que seguiu foi estranha e maravilhosa, uma montanha russa de emoções. Passava o dia trabalhando, ou ao menos tentando-o, no escritório improvisado do salão do Liam. De sentir-se feliz e explorar em risadas sem razão aparente trocava a preocupar-se de maneira obsessiva por suas irmãs e estresarse ao pensar nos valentões da escada de sua casa. Também sentia falta da Lucia. Tanto que lhe doía o nó que lhe formava na garganta e que solo os abraços do Liam podiam aliviar.

Sentia-se melhor ao pensar que Lucia o tinha eleito para ela, por isso sabia que tinha sua bênção. A suas irmãs também gostava. Uma noite tinham convidado ao Vivi e ao Nell para jantar a sua casa e Liam as tinha impressionado com uma perna de cordeiro com batatas e especiarias banhada com um bom vinho tinjo. Tinha rematado a tarefa com uns enjoativos profiteroles de chocolate e se ganhou seu apoio incondicional. Isso adorava mas também a estresaba.

Nancy e Liam tomavam o café da manhã, comiam e jantavam juntos. Ela começava a notar onde ia parar a deliciosa e abundante cozinha do Liam. Depois de um par de dias, as calças lhe estavam mais ajustados para seu desgosto e a alegria dele. Comprou uma cafeteira, um máquina de moer e uma bolsa grande de grãos de café. Este detalhe, pequeno mas importante, converteu aquele lugar em um paraíso.

As noites que não chovia se envolviam juntos em uma manta amaciada e se sentavam no balancim do alpendre para escutar a pássaros, grilos, rãs e as campanitas que estavam penduradas do teto e soavam com o vento. Falavam de tudo e nada, a momentos em silêncio. Uma vocecilla em seu interior lhe sussurrava ao ouvido, cínica, que o desfrutasse enquanto pudesse. E vá se o faria.

Liam seguia levando em cima a pistola mas depois de uma semana de tranqüilidade baixou um pouco o guarda. Nancy estava quase lista para falar do tema que os dois tinham estado evitando. O que ocorreria depois.

Não podia ficar para sempre calentita em sua cama e o tempo que ele tinha reservado para trabalhar na casa da Lucia chegava a seu fim. Tinha outros trabalhos dos que encarregar-se. A crua realidade chamava a sua porta.

Fantasiava podendo conjugar ambas as realidades e que ele formasse parte de sua vida, mas em seu interior sabia que isso era muito esperar. Gostava da pessoa que era quando estava com ele, assim merecia a pena tentá-lo. adaptaria-se e seria flexível.

Uma noite que lhe estava ensinando como utilizar refrigerante para fazer pão na cozinha enquanto faziam um guisado que cheirava de maravilha decidiu romper o gelo e lhe dizer que tinha que voltar para Nova Iorque.

Apesar de que Liam não trocou a expressão de sua cara notava que algo tinha trocado. Perguntou-lhe que para que em um tom distante.

—A semana que vem vou a um congresso de música folk que se chama FolkWorld e tenho que deixar ao Moxie com o Andrea, a mulher do Freedy —lhe explicou.

Ele franziu o sobrecenho com desconfiança.

—Um congresso?

—É muito importante. Todos meus artistas vão participar: Freedy, Peter e Enid. Eoin também. Não vou estar sozinha nem um segundo. De fato, estarei rodeada de gente a que conheço.

Deixou escapar um grunhido cético.

—Freedy também é seu ex?

—Sim, mas nos levamos bem —lhe assegurou—. Freedy toca na sexta-feira de noite no FolkWorld, mas Andrea tem que trabalhar, assim que vai se ficar em casa. Prometeu-me que cuidaria do Moxie.

—E por que não me deixa isso ?

ficou olhando sua expressão inescrutável e se armou de valor.

—Obrigado, mas, né, em realidade te queria perguntar algo.

—Pois pergunta.

Mesclou eficientemente o leite com a massa em um par de hábeis golpes de colher.

Tomou ar e o soltou.

—Você gostaria de vir?

ficou quieto, com as mãos na massa.

—Ao congresso?

Apressou-se a lhe responder.

—É em um hotel de Boston. Posso te conseguir um passe e poderia ficar em minha habitação, é obvio. Já sei que tem trabalho a semana que vem mas como é o fim de semana poderia conduzir até ali na sábado.

—Ehh… —Não parecia muito convencido.

—Olhe —continuou—. Eu passei a formar parte de sua vida desde que estou contigo, fico em sua casa, me como sua comida…

—Dorme em minha cama.

—Sim, durmo em sua cama e eu adoro mas também tenho uma vida e quero que forme parte dela. O congresso vai ser uma loucura, tenho que fazer contatos com muitos agentes e representantes pelo que não acredito que durma muito, mas a música é estupenda e a gente também. Além disso estará Eoin, provavelmente emocionado e nervoso. É seu primeiro concerto da excursão do Mandrake.

Fez uma bola com a massa enquanto pensava.

—Que noite toca Eoin?

—na sábado de noite às onze e meia, lhe pode acreditar isso?

Soltou a massa sobre a tabela cheia de farinha sem atrever-se a olhá-la.
—A verdade é que eu gostaria de alargar minhas férias um pouco mais.
—Ah!, sim? —perguntou esperançada.
—Mas tinha pensado que nos podíamos escapar a algum sítio onde não tivesse que te compartilhar com centenas de pessoas. Conheço um tio que aluga seu navio e me pareceu uma grande ideia acontecer cinco dias sem preocupações, sem nos sentir ameaçados e sem cobertura.
Ela soprou.
—Você gosta de tentar sua sorte, né?
—A batente. —Lhe iluminaram os olhos.
Nancy olhou esses dedos manchados de farinha enquanto amassava o pão.
—Sonha genial. Mas esperava… —Se mordeu o lábio.
—O que?
Pôs a massa em um papel de forno com farinha. Levantou a vista esperando sua resposta.
—Quero que nossa relação se faça realidade, Liam. O que temos agora é um conto de fadas que não tem nada que ver com minha vida normal. Quero me beliscar para me assegurar de que isto existe de verdade.
Rodeou-lhe a cintura com o braço com cuidado de não manchar a de farinha.
—Me deixe que te prove que sou real, carinho.
Lhe deu um golpe.
—Deixa de tentar me distrair. Quero que conheça meus amigos. Quero que escute a meus artistas… Quero que isto seja de verdade.
—Quanto dura o congresso? —perguntou com cuidado.
—Quatro dias. De quinta-feira à domingo.
Tamborilou os dedos contra a encimera.
—Posso ir na sábado de noite a ver o concerto do Eoin e estar contigo no domingo. Mas na segunda-feira nos vamos navegar um par de dias. Parece-te bem?
O coração lhe saía do peito.
—Parece-me genial.
—Fantástico. vou chamar para reservar o navio. Deixa que isto meta no forno e me lave as mãos para te agarrar como Deus manda.
Quando se secou as mãos a rodeou com os braços.
—Estou tão contente de que vamos fazer isto. Dá-me a sensação de que há esperança para nós. De que nossa relação tem futuro.
ficou rígido, em silêncio. lhe entrou medo.
—Sinto muito. Esquece o que hei dito —disse entre dentes.
—Não passa nada —replicou ele com cautela—. me passa o mesmo.
Mas não estava segura de que sentisse quão mesmo ela, por como o havia dito. Enterrou a cara em seu suéter e o apertou com todas suas forças como se isso os fora a ajudar a seguir juntos. Seguia sem lhe pilhar o tranquillo e dizia as coisas no pior momento. Como a menina do conto que soltava sapos pela boca. Mas o tentaria até o amargo final, com sapos ou sem eles. Não a foram separar dele nem com água fervendo.

John ajustou o ângulo da câmara de vídeo que tinha colocado entre as ranhuras do ar condicionado para poder ver bem todo aquele apartamentito miserável.
Levava vários dias de mau humor. Do encontro violento com aquele carpinteiro que escoltava ao Nancy D'Onofrio. Era pior que uma dor de dente e tinha sido uma desagradável surpresa. Tinha conseguido que John voltasse a ficar mal com seu chefe e não o podia permitir. As ia pagar. Primeiro tinha que terminar esse encargo de mierda mas antes ou depois o converteria em seu brinquedo pessoal.

Já tinha acabado com o inapresentável ao que tinha contratado para que o ajudasse mas aquilo não tinha satisfeito sua sede de sangue. Era como tirar o lixo antes de que começasse a cheirar mau. Algo que tinha que fazer mas que não lhe proporcionava nenhum prazer.

Voltou para o que tinha entre mãos e revisou o penoso apartamento do Nancy D'Onofrio. Tinha claro que não tinha podido encontrar os esboços mas acreditava que tinha muitos motivos para querer encontrá-los. Pelo menos ele os teria se vivesse assim.

Tinha procurado no apartamento do SoHo da Antonella no dia anterior e, além de que tinha mais livros que CD, era tão patético e pequeno como este. Não deixou um oco nenhuma fresta sem olhar. Tinha lido todas e cada uma das cartas. Tinha oculto câmaras e microfones por todos lados. Uma obra de arte, que solo se podia conseguir com o orçamento de que dispunha.

A casa do carpinteiro era a seguinte pela que tinha que acontecer estava esperando o momento perfeito. A paciência era a chave para que não o pilhassem e para não jogar o pele mas era difícil que seu chefe, que tinha muita pressa, pudesse-o entender.

O carpinteiro nunca a deixava sozinha. Seguro que se passavam quase todo o dia follando e não o culpava. Estava desejando que lhe chegasse seu turno e o teve em mente todo o tempo que esteve sentado no bosque, espiando com os prismáticos e acariciando-a entrepierna.

A busca exaustiva e sistemática que tinha feito nas moradias das irmãs D'Onofrio não tinha dado nenhum resultado, assim era hora de começar às interrogar em pessoa. E o faria com gosto.

Tinha estado meditando por onde começar durante muito tempo. Ao princípio se inclinou por ir a pelas mais jovens, que tomavam menos precauções e estavam mais distraídas porque ainda não se deram conta de que suas vidas estavam ameaçadas.

Entretanto, seu instinto o dirigia para a irmã maior. Se alguma sabia algo, seguro que era ela. Além disso, se o fazia a boca água ao pensar em interrogá-la. Pensar em tê-la entre suas mandíbulas lhe dava uma fome canina. Passava as noites sem poder dormir, imaginando-lhe debaixo dele, suplicando e lutando. Era impossível que Knightly estivesse em cima dela para sempre. Em algum momento se teriam que separar e John estaria preparado para atacar.

O telefone soou e deu um golpe na mesa, molesto porque tivessem interrompido seus ensoñaciones. Saltou a secretária eletrônica.

—Olá, Nancy. —Era a voz de uma mulher—. Sou Andrea. Chamei-te ao móvel um par de vezes mas o tem apagado. Espero que comprove as mensagens. Chamo-te para te dizer que o sinto muito mas não me vou poder ficar com o Moxie. decidi agarrar um dia de férias para ir a Boston na quinta-feira de noite para o concerto do Freedy. Sei que te prometi que a cuidaria, mas já sabe que nos vemos muito pouco. Bom, vejo-te no congresso, não? Até mais tarde.

Um congresso em Boston? John voltou para escritório abarrotado do Nancy e mergulhou com as luvas postas entre os papéis, procurando algo que lhe soava de antes.

Encontrou-o. Um programa de um congresso chamado FolkWorld. De quinta-feira à domingo no hotel Amory Lodge. O hotel estaria cheio e ela baixaria o guarda disposto a conhecer gente nova. meteu-se o programa no bolso. Nancy D'Onofrio ia passar o melhor congresso de sua vida.

## Capítulo 10

_

Nancy se apoiou no mostrador da recepção do Amory Lodge para perguntar se tinham deixado alguma mensagem para ela.

O recepcionista a olhou.
—Não nos últimos quinze minutos.
Liam lhe havia dito que chegaria por volta das oito e eram as nove menos quarto. O concerto do Peter e Enid começava às nove e meia.
Observou ao Enid enquanto baixava ao vestíbulo preparada para o concerto: minissaia de veludo, colete negro de pele com muito decote e uma exuberante juba frisada.
—Peter se esqueceu de trazer meu microfone novo! —lamentou-se—. Me acabo de gastar mil dólares nele para nada!
—Compraste-te um micro de mil dólares e não me há devolvido o dinheiro da inscrição?
Enid se levou as mãos à cabeça.
—Não posso cantar The Far Shore com a mierda de micro que tinha! Parece que estou cantando em um banheiro!
Nancy assentiu.
—Este hotel está repleto de músicos com microfones bons. Seguro que algum te deve um favor. —Os olhos lhe foram ao decote do Enid—. Não acredito que seja muito difícil encontrar um.
—Olá. —A profunda voz do Liam vinha desde detrás dela.
Nancy se girou ao momento para olhá-lo. Estava tão bonito com sua camisa branca, seu jeans e seu elegante casaco negro. Incrivelmente atrativo.
Desenhou-se um sorriso bobo na cara do Enid.
—Não me vais apresentar isso, Nance?
Nancy controlou o impulso de lhe dar uma bofetada.
—este Enid é Liam Knightly, um amigo. Liam, esta é Enid Morrow, uma de meus clientas.
—Encantada —disse Enid com voz lhe sugiram, estendendo a mão.
Liam a estreitou com amabilidade.
—Você deve ser a mulher do Peter.
Enid lhe respondeu com um sorriso brilhante.
—Nancy deve te haver falado muito de nós!
—Claro —disse ele, e se girou para falar com o Nancy—. Sinto ter chegado tarde mas havia muito tráfico. —Deu-lhe um beijo duro e possessivo diante dos narizes do Enid.
Um sorriso incontrolável se desenhou na cara do Nancy.
—Não passa nada. Estou muito contente de que tenha chegado.
Toda ela era um sorriso. Cada célula, cada átomo e cada fóton de seu corpo estava feliz de vê-lo. Era, com muito, o homem mais bonito da habitação e provavelmente de todo o hotel.
—chegaste justo para ver nosso concerto —anunciou Enid.
—Não me queria perder —disse isso com cortesia.
—Procura o Eugene e lhe pergunte se pode usar um dos micros do Mandrake —sugeriu Nancy—. Acredito que o acabo de ver no restaurante faz dez minutos.
Uma careta afeó a cara em forma de coração do Enid.
—Não pode te encarregar você? Tenho que me retocar a maquiagem e me assegurar de que Peter está preparado.
—Vale, o farei eu.
Enid saiu correndo em direção aos elevadores e lhe marcaram as covinhas quando sorriu ao Liam. Nancy lhe agarrou a mão e o levou a restaurante.
—Perdoa que te arraste até aqui mas tenho que pilhar ao Eugene.
Liam lhe apertou a mão.
—De verdade te deixou por ela? —perguntou-lhe em voz baixa.
Nancy tentou apagar o sorriso tolo de satisfação que lhe tinha aparecido na cara. Assim que a aparência de gatita do Enid não tinha nenhum efeito sobre ele. sentiu-se muito melhor.
—Temos que ir mais rápido. Solo tenho dez minutos para salvar o mundo.
Encurralou-a contra uma esquina que estava cheia de máquinas vendedoras.

—Se tiver dez minutos pode gastar um em me beijar. Isso te dá nove para salvar o mundo. Tempo de sobra.

Beijou-a a consciência, até que ficou enfraquecida e radiante entre seus braços.

—O que queria fazer? —perguntou-lhe, enfeitiçada.

Ele apóio a frente na sua e lhe beijou a ponta do nariz.

—O micro do Eugene para o Enid.

—Ah, sim.

Acompanhou-a sem queixar-se enquanto ia de um lado a outro até que se puderam sentar ao final da sala com as mãos entrelaçadas. Peter e Enid estiveram geniais e a banda que os acompanhava tocou com energia e precisão. Os aplausos soaram durante comprido momento depois das últimas rabadas da triste The Road to You. Nancy deu uma cotovelada ao Liam enquanto aplaudia.

—O que te pareceu?

Sem pôr uma cara muito expressiva disse que eram melhores do que se esperava.

Nancy o agarrou da mão.

—Vêem comigo a felicitá-los.

Enid viu o primeiro Liam e se aproximou deles, radiante e sem apartar o olhar do Liam.

—Me gostou de muito —disse ele amavelmente.

Enid o agarrou do braço e o levou onde estava sentado Peter, que ainda tinha o violão entre as mãos. Nancy os seguiu, incômoda. Tinha perdido o controle da situação e isso a punha nervosa.

—Olhe, Petey. Apresento ao Liam, o novo «amigo» do Nancy.

Peter girou a cabeça com os olhos entrecerrados.

—Ah, assim que você é o que seqüestrou a nossa mánager a semana mais importante do ano.

Liam tirou seu braço com suavidade das garras do Enid.

—E você é o que a deixou plantada no altar e lhe vive à custa alheia.

Peter ficou com a boca aberta e olhou ao Nancy zangado e ferido ao mesmo tempo.

—Mas quem se crie este cretino que é?

Nancy se aproximou, horrorizada.

—Peter, o sinto, né…

—Não quero saber nada. —Agarrou ao Enid do braço—. Vamos, carinho, temos que fazer contatos.

Enid olhou para trás desconcertada enquanto a levava.

Nancy estava pasmada.

—Joder, Liam. Não sabe o que tem feito.

Não viu o mais mínimo arrependimento em seus olhos.

Deu-lhe as costas e o deixou ali plantado mas Liam foi detrás dela. quanto mais depressa ia, mais alargava ele seus passos.

Fez como que não o conhecia no elevador. Sabia que era obstinado mas este comportamento a assustava, era inclusive destrutivo. Quando saíram do elevador a seguiu silencioso como um gato até a porta da habitação e esperou até que tirou a chave. Ela abriu e entrou em tropicões. A porta se fechou com força detrás deles.

Liam acendeu a luz.

—Vale —disse com voz lúgubre e tensa—. Já pode me jogar a bronca.

—Não me posso acreditar isso! —explorou—. Quando te convidei não sabia que vinha com a idéia de sabotar minha carreira.

Ele enrugou a frente.

—Solo hei dito a verdade. Já era hora.

—Já era hora do que? De me deixar sem trabalho?

Soprou.

—Não, é a hora de que te dê conta de que Peter e Enid são como vampiros que tiram tudo o

que podem de ti e você não reage. Não põe limites.

—Mas não era o momento. Justo depois de um concerto tão importante, rodeados de organizadores de concertos, não é o melhor…

—Nunca é o momento, Nancy.

Ela continuou com o tema.

—Sutileza, saber te colocar em seus assuntos. Isso é maturidade.

—Vale, sou um imaturo.

A etiqueta pareceu não lhe importar muito.

—Liam, se não te conhecesse pensaria que estava ciumento.

—Direi-te quem está ciumento —disse com brutalidade—. Peter é o que está ciumento de mim e tem medo de te perder ou pelo menos perder o controle que tem sobre ti.

Nancy se aproximou.

—Mas Peter está com o Enid e…

—Impregnei-o assim que o vi. «Você é o que seqüestrou a nossa mánager».

Imitou-o com uma vocecilla que se parecia tanto a do Peter que quase a fez rir. Mas não o conseguiu.

—Peter e eu somos amigos há anos, é normal que a situação seja um pouco estranha…

—Estranha? —Sua voz transbordava sarcasmo—. Está zangado porque pela primeira vez em sua vida não tem o que quer. aproveitou-se de ti quando estiveram juntos. Logo conheceu o Enid e também queria tê-la a ela, assim encontrou a maneira de lhes ter às dois. Para ele é perfeito. Você lhe busca concertos e Enid lhe chupa a franga e lhe sobe o ego. Tem que ganhar o respeito que te merece, Nancy. Deve exigi-lo e para isso é necessário te plantar e pôr limites.

Nancy abriu a boca para negá-lo tudo, sem pensar, mas a acabou fechando. A dor que lhe retorcia o estômago lhe dizia que Liam tinha razão. Embora não podia negá-la, aquela era uma verdade difícil de digerir: feia, perigosa, inoportuna e inconveniente.

—Pode que tenha razão —disse devagar—. Mas isso não quer dizer que tivesse direito a dizer o que soltaste aí fora.

Liam se encolheu de ombros. Estivesse bem ou não, não lhe importava o mais mínimo.

ficaram em um silêncio incômodo. Nancy, frustrada, queria gritar.

—E o que quer que faça?

—Que eles aconteça —lhe sugeriu como se tivesse a verdade suprema nas mãos—. Joga-os.

Ela soltou uma gargalhada.

—Não é tão fácil. São meus clientes, Liam, não meus empregados, e além também são meus…

—Amigos, já.

Notava-se perfeitamente a ironia em sua voz.

—Sim. As amizades são complicadas. Tem que lhes dar tempo para arrumar coisas.

—Chupam-lhe o sangue e nem sequer lhe dão as obrigado nem lhe pagam o que lhe devem. São uns meninos mimados. Libra lhe deles.

Nancy levantou as mãos.

—Liam, não posso se despedir de meus amigos de qualquer jeito. Tenho que encontrar uma solução, um equilíbrio.

—Me deixe te dar uma surpresa, Nancy: não tem que fazê-lo.

—Você não gosta de muito te comprometer, não?

ficou olhando-a e seu silêncio disse tudo o que terei que dizer.

Nancy fechou os punhos.

—Agora não posso perder o tempo nisto. Já tenho muitos preocupações. Assim, por favor, mantén a boca fechada quando estivermos com meus colegas ou vete, vale?

Liam foi falar mas se calou e assentiu.

Nancy ficou alerta.

—Isso quer dizer que fica?

Ele voltou a assentir e ela lançou um suspiro de alívio. Ainda não se encontraram o muro, mas possivelmente solo o estivessem postergando. tirou-se a chave do bolso e a deu.

—Toma, fica esta chave que vou pedir outra em recepção. Coloca suas coisas. O concerto do Mandrake começa em uma hora —disse olhando o relógio—. É no mesmo sítio que o do Peter e Enid. Vemo-nos ali. —Abriu a porta e se girou para ele—. Liam?

—Sim? —Estava chateado.

Tentou expressar com palavras o desejo que sentia no peito. Estava tão contente de vê-lo, tinha-o sentido falta de e o desejava. Inclusive pode que o amasse.

—Nada —sussurrou e fechou a porta.

Liam sentiu um sabor amargo na boca. dava-se asco a si mesmo. Já era bastante mau lhe haver falado assim a seu ex mas soltar aquilo ao Nancy tinha sido pior. lhe dizer como levar seu negócio como se tivesse direito. Um joder se formou em seus lábios mas não chegou a dizê-lo. Apertou com força o botão do elevador. Uma senhora maior, com o cabelo azul, olhou-o nervosa e se foi. Fazia bem em seguir seus instintos e evitar ao animal que era. Essa noite carecia de habilidades sociais por completo. Não cumpria nenhuma das amostras de maturidade: sutileza, bom tato e saber meter-se em seus assuntos.

Não haveria mais cenas. Se conseguia superar o congresso sem cagá-la outra vez sua recompensa seria passar quatro dias a sós com o Nancy. Tinha chegado à planta baixa e era quase a hora do concerto do Mandrake, assim que se dirigiu à sala principal.

—Hey, Liam!

Liam se deu a volta e se encontrou ao Eoin apoiado na parede. Tinha a cara cheia de sardas. Liam lhe deu a mão, o jovem tinha a sua fria como o gelo.

—Nancy me disse que íeis tocar. Tenho muitas vontades de ver o concerto. Como está? —perguntou-lhe.

Eoin se encolheu de ombros.

—Não sei. Solo ensaiamos três vezes.

Liam lhe deu uma palmada nas costas.

—Seguro que o vais fazer de maravilha. Não se preocupe.

Eugene e outro menino, negro, alto e magro, passaram pelo vestíbulo; pareciam entusiasmados e tinham certo ar de prepotência.

—Vamos, a por eles! —disse Eugene ao Eoin; engancharam-no e atiraram dele.

—Muita mierda —lhe desejou Liam.

Eoin lhe lançou um olhar de agonia. Liam levantou o polegar.

Entrou na sala; estava enche e não ficavam cadeiras. Nancy estava ao outro lado e falava com o Matt, o ruivo grande ao que tinha conhecido na seisiún do Malloy'S. Quando o viu lhe sorriu.

Quando lhe devolveu o sorriso, a dela se fez maior e brilhante. Que bonita estava, tinha posto um de seus trajes ajustados, com o cabelo estirado para trás e recolhido em um coque e uns pendentes compridos até a mandíbula. Tinha um ar exótico e elegante. apoiou-se na parede e a observou. Eclipsava a beleza das demais mulheres da sala. Inclusive a cabeça oca do Enid parecia insípida a seu lado.

Baixaram as luzes e Mandrake saiu ao cenário entre acalorados aplausos. O negro larguirucho começou com um ritmo complicado e primitivo e Eoin logo o seguiu com um fogoso reel irlandês. Acompanhavam-no Matt e Eugene ao violão e ao violino. Uma garota flacucha e loira que tocava todo tipo de instrumentos de vento completava o conjunto.

Eram muito bons e ao Liam doíam as mãos de tanto aplaudir. A energia e o ritmo da música desataram seu instinto selvagem. Estava muito contente de que Eoin tivesse encontrado aquele

grupo. Manteriam-no ocupado e feliz até que se adaptasse ao país. Quando terminaram, abriu-se passo entre a multidão e abraçou ao Eoin com força.

—Tem-no feito muito bem. Colocaste-lhe isso no bolso.

Eoin lhe sorriu.

—Obrigado.

Foi o único que lhe deu tempo a dizer antes de que o rodeassem para felicitá-lo e falar com ele.

Liam sentiu que alguém lhe atirava da camisa; deu-se a volta e descobriu que era Nancy.

—Gostaram-lhe tanto como a mim?

—Encantou-me. —Agarrou-a entre seus braços—. me Perdoe —lhe sussurrou.

Benzeu sua sorte quando notou como o corpo do Nancy cedia entre seus braços. Tinha sorteado o furacão e ainda não tinham chegado a tocar o muro. Ainda ficava tempo juntos. Apertou-a com avidez.

—Fica algo mais por fazer esta noite?

Olhou-o atrás daquelas largas pestanas.

—Em teoria, poderia ficar horas tentando fazer contatos mas não tenho nenhuma entrevista até manhã.

Viu o Peter, que o observava com o cenho franzido do outro lado da sala. Sorriu-lhe lhe ensinando todos os dentes e deu uma dentada ao Nancy na orelha.

—Quando foi a última vez que comeu? —perguntou-lhe.

Olhou-o com cara de culpabilidade.

—Né…

Ele pôs os olhos em branco.

—Nancy, por favor…

—Vale, vale, não me jogue a bronca. Me esqueceu comer, me denuncie. Vamos a por algo. vou perguntar lhe ao Eoin e a outros se…

—Não. Quero estar a sós contigo. Te senti falta de. —agachou-se para aspirar seu perfume —. Que bem cheira.

Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou nos lábios.

—Eu também te senti falta de.

Não tinham muitas opções para jantar a aquela hora mas encontraram um sítio que repartia pizzas a domicílio toda a noite. Demorou pouco em chegar e Liam olhou agradado como Nancy devorava com entusiasmo.

—Vá —disse chupando-os dedos—. Não me tinha dado conta de quão faminta estava.

—Não me surpreende que a gente se aproveite de ti. Não come nada e fazer-se respeitar requer energia.

Nancy soprou e se levou outra parte de pizza à boca. Liam tentou trocar o tema de conversação.

—Então, está indo bem o congresso?

—Genial —assegurou enquanto agarrava um guardanapo—. reparti um montão de pacotes promocionais. vamos receber um montão de chamadas e todos os concertos foram que maravilha.

—Me alegro.

Deu-lhe um sorvo a seu refresco.

—estive pensando no que falamos antes e acredito que tem razão em algumas costure mas em outras…

—Deixa-o. Passei-me três povos.

Nancy ficou olhando-o com seus olhos grandes, brilhantes e cor folha.

—Bom, solo um povo.

Tirou o móvel da bolsa, fez um gesto exagerado para apagá-lo e se levantou.

—vou limpar me a graxa das mãos. —Desapareceu no banheiro.

Ele desconectou o cabo do telefone fixo. Era um momento delicado e não queria que ninguém os interrompesse e o estragasse. tirou-se a camisa para economizar tempo e a seguiu ao banho. Ela estava secando-se detrás haver-se lavado as mãos e a cara. Olhou-o através do espelho, cheia de desejo.

Ele também o sentia. Apanhou-a contra seu corpo, tirou-lhe os óculos e as forquilhas para lhe soltar o cabelo e lhe acariciou as ondas que lhe caíam sobre os ombros.

Tirou-se o cinturão e o resto da roupa. Nancy lhe lançou um desses sorrisos de brujilla que o voltavam louco e baixou a vista para observar sua ereção, grande e descontrolada. Acariciou-lhe o pênis.

—Está preparado a todas as horas —murmurou—. Em um abrir e fechar de olhos.

—É obvio, para ti sempre.

Levantou-lhe o pulôver e o tirou pela cabeça. Levava um prendedor verde prateado de encaixe transparente.

—Vá —disse com admiração—. Olhe que roupa interior mais bonita.

—Pensei que talvez tinha sorte.

Desabotoou-lhe o prendedor e o atirou para lhe passar as mãos pelos músculos suaves e sinuosos das costas. Maravilhado ante a perfeição translúcida desses peitos pequenos e firmes.

—Sou eu o que teve sorte. Por favor, te olhe. É preciosa.

Ela sorriu e quando seus olhos se encontraram através do espelho riram juntos.

—Vê? Estou progredindo. Já não fico rígida e assustada quando me diz essas coisas.

—Isso está muito bem. Mas quero que lhe aprenda isso de cor.

Apartou o olhar e se ruborizou, embora não se deu conta. Gostava de escutá-lo mas não acreditava que fora verdade. Ele o podia ver em seus olhos e isso lhe doía porque não conseguia atravessar essa barreira invisível que tinha tão profundamente oculta em seu interior.

Não podia fazer nada mais que ter paciência e esperar. Passou-lhe uma mão pela barriga até que chegou ao fofo monte de cabelo púbico que cobria a abertura suave onde deixou repousar os dedos.

—Oxalá pudesse verte com meus olhos. Volta-me louco.

Nancy girou a cabeça para olhá-lo aos olhos. Agora o olhava com mais profundidade.

—Então solo temos que seguir tentando-o, não? Estas coisas levam tempo.

Olharam-se, atendidos pela tensão.

—Sim —respondeu ele bruscamente.

Fez-lhe dar a volta e ficou de joelhos. Afundou a cara entre os cachos encrespados e quentes que rodeavam seu coño. Ela abriu as pernas um pouco mais, o suficiente para que lhe pudesse colocar a língua, que revoava e acariciava o clitóris, entrando cada vez mais para provar seu sabor, delicioso e quente.

Pensou em possui-la com avidez mas ficou entre suas pernas até que notou como tremia, arqueava-se e gritava. Seu corpo se sacudia em seus braços.

Levantou-a e a levou a cama. Tocou-a, beijou-a e lhe abriu as pernas chupando-a uma e outra vez com os lábios e a língua. Até que ela não pôde mais e suplicou.

Quando ficou a camisinha e se colocou em cima, entrou nela por completo, sentindo como chamas de puro prazer o consumiam; cada aposta era uma doce agonia, ainda mais perfeito que o anterior. aferrou-se a ela; o sangue lhe amontoava nas orelhas.

Tomaram seu tempo. Joder que se tomaram. Todo o tempo que ela quisesse, quanto mais melhor. Estaria toda a vida assim se por ele fora. Essa idéia incrível o lançou até o espaço exterior.

Alguém estava golpeando a porta e certamente já levava um momento chamando porque

Nancy tinha estado escutando esse som enquanto sonhava. Liam se removeu quando notou que saía da cama. Ela encontrou sua camisola e o pôs enquanto ia abrir a porta.

Os golpes se fizeram mais fortes. Abriu a porta para ver o Peter e Enid que a olhavam eletrizados.

—Joder, Nancy. Nem sequer está vestida! —disse Enid consternada. Jogou um olhar à habitação e abriu os olhos quando encontrou ao Liam, que solo levava os jeans postos, sentado na cama.

—Lembra-te de ontem quando falou com o promotor do Jericho Arts Center de Washington D. C. no vestíbulo? Onde toca Bonnie Blair a semana que vem?

—Sim, claro. Dava-lhe um pacote promocional e parecia interessado em que tocassem algum dia —disse Nancy esfregando-os olhos.

—Esse mesmo. Resulta que Sammy Phillips e a Phelps Bay Blues Band foram ser teloneros do Bonnie mas ele teve um acidente de carro ontem e…

—OH, não! —disse com tristeza. Essa notícia a devolveu à realidade.

—Não se preocupe, não lhe aconteceu nada grave —lhe comunicou Peter impaciente—. Mas se quebrado a clavícula e o promotor nos aproximou enquanto tomávamos café e nos perguntou se estávamos livres na quarta-feira. Hei-lhe dito que sempre que quisesse!

Nancy se tinha terminado de despertar.

—Teloneros do Bonnie Blair? No Jericho? Esta quarta-feira?

Enid e Peter assentiram com enormes sorrisos nas caras.

—Não é uma passada? —alardeou Peter.

—É incrível. vou chamar ao promotor agora mesmo e a todas as salas de concertos de Washington, Maryland e Virginia. Tenho que mandar fotos à imprensa, tenho que…

—E isso não é todo —a interrompeu Enid—. Há mais. Resulta que há um chefe dos MGM Studios de Hollywood no hotel e lhe encantou nosso concerto.

—Hollywood? —Nancy se esfregou os olhos outra vez—. Como?

—Chama-se Maitland Sills e vai se encarregar de que seu departamento de produção fique em contato conosco. Há-nos dito que The Far Shore seria perfeita para o final da banda sonora de uma superprodução que estão gravando agora mesmo e que protagoniza Brad Pitt. Deve falar com ele agora mesmo, Nance, porque em uma hora tem que sair para o aeroporto do Logan. Tem uma reunião em Los Anjos esta tarde.

—Maldita seja —disse Nancy devagar—. por que não me chamastes?

Enid e Peter intercambiaram olhares de sofrimento.

—Seu móvel estava apagado —responderam ao uníssono.

—Ia apresentar ao Sills ontem à noite depois do concerto mas desapareceu —lhe recriminou Peter.

—E por que não chamou à habitação? —soltou-lhe—. Tem o número.

—Porque não dava sinal —respondeu Enid com voz triunfal.

Nancy olhou ao telefone para comprová-lo e viu que não estava conectado. Liam a olhou e encolheu os ombros, grandes e musculados. Ela sentiu como lhe crescia a tensão no pescoço.

—te centre, Nance. Não pode voltar a lhe distrair —lhe ordenou Peter enquanto olhava ao Liam—. vais vir ao concerto no Jericho, não?

—Sim, deveria.

—Quase o temos, Nance! —gorjeou Enid—. vamos triunfar!

Nancy ouviu o Liam que se movia pela habitação e se lembrou da saída em navio. O estômago caiu aos pés.

—Bom…, tínhamos planos para nos próximos dias —lhes explicou, duvidosa. Liam lhe dava as costas nua. Escutou como trasteaba com sua mala.

—Não fica mais remedeio que pospô-lo-la ameaçou Peter—. Esta oportunidade passa uma vez na vida e temos que agarrá-la bem.

—Bom…, já. —Olhou nervosa detrás dela.

Peter seguiu seu olhar e pôs cara de zangado.

—Nem te lhe ocorra trazer isso.

—Não se preocupe —disse Liam de longe—. Não me tinha passado pela cabeça.

Peter soltou um sopro impaciente.

—Enid vai entreter ao Maitland Sills enquanto veste. Date pressa. Vemo-nos agora mesmo.

Nancy fechou a porta e se voltou para o Liam, que tinha a cara séria.

—Podemo-nos esquecer dos planos, não? —perguntou-lhe.

Apoiou-se o punho na boca. Mierda, mierda, mierda.

—Sinto muito, Liam, mas este concerto não pode esperar —se desculpou—. Necessito estes dias para fazer a promoção…

—Entendo-o muito bem.

—Sim? —perguntou esperançada.

—Claro. Não teria que ter pago o depósito. foi uma tolice. Sempre haverá algo mais importante. Sempre.

A esperança se murchou e morreu. ficou olhando-o enquanto procurava os sapatos debaixo da cama.

—Liam, eu adoraria ir ao navio contigo. Poderemos ir quando voltar.

—Seguro que surge outra coisa e algo mais depois disso. Me sei de cor.

Sacudiu a cabeça com desespero.

—Acredito que não estamos na mesma onda, Liam —disse com tristeza—. Além não pode me vigiar eternamente. Agradeço-te sua intenção mas ambos temos que ganhá-la vida e esta é a maior…

Liam fez um gesto com a mão.

—Pára de falar. Está-o piorando.

Ao Nancy tremeram os joelhos.

—chegamos ao muro, não?

Liam se ficou a camisa e a colocou por dentro das calças em um par de movimentos.

—Estampamo-nos contra ele.

Nancy se aproximou dele e lhe pôs a mão no peito.

—Liam, não podemos deixá-lo solo por isso. É uma tolice. Quão único passa é que não é o melhor momento. —Liam deu um passo atrás e a mão do Nancy caiu, ao não ter onde apoiar-se. Tremia-lhe a mandíbula—. Começava a pensar que o podíamos conseguir…

—Vêem comigo —a desafiou—. A que não pode? Claro que não. Já tomaste uma decisão. Não se preocupe. Não tem importância.

—Liam, levo anos trabalhando para chegar até aqui.

—Boa sorte então. —tirou-se a pistola da parte de atrás da calça, abriu o carregador e tirou as balas. Colocou a pistola descarregada na bolsa—. Será melhor que ponha mãos à obra.

—Vá. É a pessoa mais inflexível que conheci.

—Lembra-te do que te disse ontem à noite sobre fazer-se respeitar? Isso é o que estou fazendo.

—E não te importa se fizer mal às pessoas com isso?

—A conversação terminou.

Nancy o agarrou por braço.

—Não pode me deixar assim!

Ele se apartou.

—Olhe como o faço.

A porta se fechou detrás dele.

Nancy se atirou em cima da cama. O silêncio era ensurdecedor.

Capítulo 11

_

John a buscou entre a gente; o hall estava cheio e fazia calor. A cavanhaque postiça lhe picava e estava suando enquanto escutava sem emprestar muita atenção a cantor loira, que era uma porca e uma presunçosa.

Começou a fantasiar com como a faria calar para sempre. Seguro que não ficariam vontades de falar depois de lhe proporcionar os serviços que ia anunciando com essas tetas grandes e o olhar provocador. asseguraria-se de que tivesse aquela boca rosa e brilhante muito ocupada para falar.

Onde coño estava Nancy? Não queria ter que falar com aqueles estúpidos músicos mais do estritamente necessário. Era bom improvisando mas aquela mutreta do produtor cinematográfico de Hollywood não ia dar para muito mais. Qualquer que lhe fizesse as perguntas adequadas o pilharia ao momento.

Felizmente, Enid Morrow estava muito centrada em si mesmo para as expor e Nancy nunca teria a oportunidade. Apalpou a pequena cápsula de líquido transparente que se guardava no bolso. Uma droga desenhada para sua talha e seu peso exatos. Mas onde cojones se colocou?

Estava ansioso por terminar com o plano. Seu instinto lhe dizia que era o momento adequado, quanto antes melhor. Embora estivessem rodeados de tanta gente, se a drogava e a levava através da gente com passo firme e decidido, estavam tão absortos por seus próprios assuntos que não se dariam nem conta do que estava passando. Quão único notariam seria um pequeno alvoroço e um pouco de ruído até que tudo voltasse para a normalidade.

—Sinto que esteja demorando tanto esta manhã. É a primeira vez que faz algo assim —se desculpou a muito puta.

Sorriu e lhe olhou as tetas enquanto ela arqueava as costas para que as visse melhor.

—Solo espero poder falar com ela antes de ir. Queria apresentar a idéia a minha equipe de Los Anjos na reunião desta tarde para não deixar acontecer esta oportunidade.

—Claro. foi coisa do destino que estivesse você neste hotel e nos tenha ouvido tocar.

—Sim.

Voltou a revisar a habitação com sua vista periférica através dos cachos da loira.

Por fim aparecia. Estava pálida e despenteada, com ar de perrillo abandonado. Levava o cabelo solto e ficavam restos de maquiagem nos olhos enormes. Seguro que nem sequer se tomou banho e ainda levava o asqueroso sêmen do Liam dentro de seu corpo. Miúda zorra.

Lhe acelerou o coração e lhe fez a boca água. Lhe pôs dura e lhe afinaram os sentidos. adorava esta parte: ela era um coelhinho suculento e ele era o ave de presa, preparada para lançar-se sobre ele e apanhá-lo.

Enid estirou o pescoço e tirou mais o peito.

—Aí está! Maitland, lhe vou apresentar isso. Posso-te tutear, verdade?

—É obvio.

Agarrou-o do braço e cruzaram juntos a sala. Que bonito, seu nova melhor amiga.

—Nancy, apresento ao Maitland! O produtor do MGM Studios do que te falei —gritou Enid.

Nancy a olhou, tinha a cara pálida e tensa.

—Né, olá, Enid. Viu ao Liam?

Enid ficou com a boca aberta.

—Né, pois não —lhe respondeu em tom de advertência—. te Centre, por favor. Ouviste-me? Maitland Sills? O tio do MGM Studios? Hollywood? Olá? Terra chamando o Nancy?

Mas Nancy seguia ficando nas pontas dos pés e varrendo a sala com o olhar.

—Hollywood? Que bem. Poderiam me desculpar um momento, por favor?
—Nancy —disse Enid entre dentes—. Não seja idiota.
—Será sozinho um momento. Preciso ir a por uma coisa ao vestíbulo —disse, perdendo-se entre a gente.
O depredador que levava dentro lançou um alarido e apertou os dentes. Enid se deu conta e o olhou nervosa.
—Né, bom, por onde íamos. Seguro que volta em um momento. por que não nos reunimos com o Peter enquanto volta? Não nos faz falta a mánager para tomar decisões importantes que afetem a nossas carreiras. Vêem comigo —disse enganchando-o do braço.
Nancy tinha desaparecido e ao melhor não a voltava a encontrar enquanto aquela putilla seguia lhe atirando do braço. Queria lhe apagar o sorriso de sua cara de boneca de um murro. Quando atirou dele com mais força, acabou com sua paciência. Apartou o braço com tanta brutalidade que Enid esteve a ponto de cair e teve que fazer esforços por manter o equilíbrio com aqueles sapatos de salto instáveis.
—Que problema há? —grasnou.
ficou olhando-a.
—Te aparte de meu caminho.
Cada palavra era um dardo carregado de veneno. Enid se apartou; gaguejava. Mas se esqueceu dela imediatamente de lhe haver dado as costas para sair correndo detrás de sua presa. O sangue lhe corria depressa pelas veias: quente e faminta.

Liam passou pelo vestíbulo do hotel tentando evitar o olhar hostil do imbecil do Peter Morrow. sentia-se como se uma máquina gigante e cruel o tivesse engolido e o fora a despedaçar e convertê-lo em mingau.
Não queria deixá-la só e arriscar-se a que a atacassem os bodes das máscaras. Mas lhe tinha deixado claro que esse já não era seu problema nem o tinha sido nunca. Não estavam casados, nem prometidos. Nem sequer era sua noiva nem o seria. Porque as relações não se apóiam em momentos bons e fugazes a não ser em valores sólidos e firmes: respeito, compatibilidade, interesses comuns… Era estranho o gasto que lhe parecia esse pensamento. Como se lhe tivesse passado pela cabeça mil vezes antes e se foi deteriorando.
—Liam! —Eoin se aproximou dando saltos pelo vestíbulo, qual coelhinho posto de crack. Os olhos iluminados pareciam faróis de um carro em seu carita magra. Levava toda a noite de festa mas ainda ia acelerado—. Tudo bem? —ficou olhando a bolsa do Liam—. Acreditava que ficava até manhã.
—Não posso. —Notava a boca seca, como se a tivesse cheia de areia—. Me tenho que ir.
—Nesse caso, me alegro de me haver encontrado contigo. Pode me fazer um favor antes de ir ?Falei ao Eugene da série de reels que escreveu. Lembro-me do The Dusty Shoon e Traveler's Joy mas poderia me recordar as partes B e C do The Old Man's Beard.
Sentiu um nó no estômago.
—Outro dia, vale? Tenho-me que ir.
—Venha, homem, por favor —insistiu Eoin—. Se forem cinco minutos e Eugene leva seu grabadora para registrá-lo. Encantou-lhes o acerto que consegui tirar.
Ao Liam doía a mandíbula de tanto apertá-la.
—Não levo meu violino.
—Eugene te pode deixar o seu. —Suplicou-lhe com os olhos—. Cinco minutos.
Jesus, María e José. Cinco minutos mais de agonia. Mas não queria lhe contar ao Eoin o que tinha passado, que o mundo se acabou para ele, assim que se deixou levar a pequena sala de conferências, ficou o violino do Eugene sob o queixo e tentou concentrar-se.
O menino estava em seu melhor momento, terei que deixá-lo voar onde o vento o levasse.

Com um que parecesse pó já tinham suficiente.

Nancy não encontrava ao Liam por nenhum sítio. Buscou-o por todo o hotel: o vestíbulo, o estacionamento, as salas de conferências, apartado-los, a parte das máquinas vendedoras, o lounge, a loja de presentes e o restaurante. foi-se e tudo tinha terminado.

A tristeza se apoderou dela e a asfixiava. Tinha chegado a depender tanto dele para poder sentir-se bem… O mundo lhe pareceu vazio e miserável, sujo sem sua presença. Estava muito zangada, queria romper as janelas e arrebentar os móveis.

Não podia ceder a sua petição. Teriam que ter chegado a um compromisso por parte dos dois. Se deixava escapar uma oportunidade como esta nunca se respeitaria a si mesmo e Liam tampouco o faria.

—Senhorita D'Onofrio, encontra-se bem?

Nancy se secou as lágrimas e olhou por cima do ombro.

—Como?

—Posso lhe trazer algo?

Era o executivo de Hollywood que lhe tinha apresentado Enid. Um homem grande e corpulento, atirando a gordo. Levava a cavanhaque e o cabelo negros e lisos. Parecia preocupado.

Tentou centrar-se e se lembrou com vaguedad de que aquele senhor tinha um papel importante em algo e se supunha que tinha que lhe fazer a bola.

—Não —sussurrou—. Obrigado. Estou bem. —Procurou um lenço no bolso enquanto fazia memória: o estudo de Hollywood, quase não havia tempo, o avião que se ia aos Anjos—. Perdoe, supunha-se que tínhamos uma reunião, verdade?

—Não se preocupe por isso. Já vejo que não se encontra bem.

ficou rígida; estava envergonhada.

—Estou bem, de verdade, e você tem que agarrar um avião. Se gosta de podemos ir ao bar e tomar um café enquanto falamos.

Entretanto, Sills se encaminhou para o restaurante e se sentou no pior lugar. Era uma mesa, não havia sofás como no resto e estava bem ao fundo. O suficientemente longe do resto de mesas mas muito perto da cozinha, que não parava de abrir-se e fechar-se em resposta aos golpes que com quadris e cotovelos lhes davam as garçonetes, que não deixavam de entrar e sair com as bandejas enche.

Uma delas lhes deixou uma jarra com café sobre a mesa e Maitland Sills o serve e lhe aconteceu uma taça.

—Parece cansada.

Estava no certo. Sorriu-lhe e deu um comprido trago ao café, desejando despertar. Notou que algo ia mal nos três segundos que seguiram ao gole. Sentia a paralisia que se estendia das pontas dos dedos para seu interior e o coração lhe acelerou. Não podia mover-se, estava como congelada e fazia tudo o que podia por seguir respirando enquanto a escuridão o invadia tudo.

O que lhe estava passando? Seria um ataque de pânico? ficou olhando aos olhos do executivo do estudo do MGM e o medo se apoderou de suas vísceras. Aqueles olhos negros e frios que se cravavam como adagas. Esse ire a réptil. A boca muito úmida. Piscou várias vezes e pôde ver o monstro que escondia debaixo daquela máscara humana como em minifotogramas. Um ser de presas afiadas. Faminto e repugnante. O fôlego cheirava a podre e a morte.

Inclinou-se e se dirigiu a ela em voz baixa, como se se tratasse do vaio de uma serpente.

—Quer saber as últimas palavras de sua mãe enquanto morria no chão, Nancy? —cantarolou-lhe brandamente—. Quer que lhe diga isso?

Tentou abrir a boca para poder gritar e pedir ajuda mas foi incapaz.

Uma garçonete saiu depressa da cozinha e passou por seu lado sem olhá-los. A porta aberta deixou entrar um forte estrépito que se silenciou ao fechar-se.

Ele agarrou o pendente que Lucia lhe tinha agradável e começou a fazê-lo girar. A queimação que lhe produzia a cadeia do pendente ao redor de seu pescoço a salvou de não ficar inconsciente. A cadeia se rompeu com um ruído surdo e o homem a meteu no bolso. levantou-se, rodeou a mesa e a levantou.

—Nos deixem passar! —gritava John—. Apartem-se! vai vomitar.

Conseguiu passar através dos alvoroçados empregados da cozinha do restaurante. Levava ao Nancy, que avançava a tropicões, pendurando de um braço. Sujeitava a mão do Nancy para que se cobrisse a boca com ela, a fim de afogar qualquer som que pudesse tentar fazer. O cabelo lhe tampava a cara e, quando passava uma garçonete com a bandeja enche, chocou-a contra ela para que lhe caísse.

Os pratos de ovos Benedict voaram pelos ares e se estamparam por toda parte. Escutaram gritos de aborrecimento. Aumentaram o passo e ele gritava que ia vomitar cada vez que alguém tentava intervir. Ao final saíram pela porta de atrás e passaram os contêineres de lixo. dirigiam-se para a esquina do hotel onde estava o estacionamento.

Arrastou-a até os arbustos, levantou-a e a deixou cair ao lado da enorme capa de contrabaixo que tinha deixado ali às quatro da manhã do dia anterior e que era o suficientemente grande para levar a uma mulher magra em posição fetal.

Fez ruídos para que os empregados da cozinha que tivessem saído a ver o que passava pensassem que estava vomitando. Certamente não faria falta depois do caos que tinha criado na cozinha. Estariam muito ocupados em limpar com rapidez e voltar a tirar os pedidos para fixar-se neles.

Abriu a caixa com um anseia febril e seguiu a coreografia que tinha planejado ao detalhe. tirou-se a cavanhaque e a peruca e as meteu na caixa enquanto se soltava seu próprio cabelo, negro e desgrenhado. tirou-se a jaqueta que levava e ficou outra de pele amarela e óculos de espelho modelo aviador.

Levantou a mulher do chão e deixou cair o ligeiro e brando corpo na parte larga da caixa para depois pregar os braços e as pernas. Parecia um pintinho no ovo. Uma presa doce e indefesa.

Grampeou os fechamentos, saiu dos arbustos e atirou da capa com rodas até o asfalto. Caminhou com ar despreocupado até o carro e olhou o relógio. Tinha demorado pouco mais de três minutos em chegar da mesa do restaurante até o estacionamento. forçou-se a deixar de sorrir, satisfeito de quão bem o tinha feito. Não o ajudaria se se despistava por culpa da impaciência ou por relaxar-se. Já teria tempo de excitar-se depois. Quando chegasse o momento de deixar-se levar.

Uma das atuações principais estava a ponto de começar e Liam ficou apanhado entre a multidão. fez-se caminho entre a gente quando pôde escapar das garras do Mandrake. Tinha um nó tal no estômago que lhe doía com ferocidade. Não sabia o que passaria quando esse nó explorasse. Quão único sabia é que não queria que lhe ocorresse em público.

Havia muito alvoroço na sala; tentou rodear ao público mas a gente estava pega à parede e não havia espaço para mover-se. Viu a cantor loira, a mulher do ex do Nancy. Estava histérica e, em que pese a que não estava interessado em conhecer os detalhes, teve que escutar a conversação quando lhe bloquearam o passo com um piano que estavam transladando.

—… esse tio é incrível! Vá um bode! Pode-te acreditar o que me há dito? —deu-se conta de que Liam a estava olhando e se girou para ele para lhe contar quão indignada estava antes de que pudesse largar-se sem que ninguém se desse conta—. Me empurrou! —gritou—. Como se atreve?

—Tranqüila, carinho. Não fique histérica. Há promotores por todos lados —dizia o guaperas em voz baixa com cara de desespero.

—Como que me acalme? Que lhe jodan, Petey! Atacou-me em público e o único que me diz

é que me acalme? —girou-se para olhar ao Liam com olhos azuis e acovardados—. Me empurrou! —repetiu—. Quase me caio!

—Quem te empurrou? —perguntou-lhe Liam.

—Esse produtor filho de puta. Mas sabe o que? Arrumado o que seja a que nem sequer é produtor. Era muito distinto aos que tinha visto antes, não tinha esse glamur de Hollywood. Era grande e gordo e o fôlego lhe cheirava fatal. Não há ninguém assim em Hollywood. Não entendo por que queria falar com o Nancy e não comigo. Quero dizer, eu sou a cantor e ela é sozinho… —Enid demorou um momento em encontrar uma palavra o suficientemente depreciativa— uma administrativa.

Ao Liam lhe arrepiou o cabelo da nuca e umas garras geladas lhe retorceram as tripas. Grande e gordo, mau fôlego, queria ver o Nancy. Mierda!

Agarrou ao Enid do braço com tanta força que a fez chiar.

—Encontrou-a? Onde foram?

ficou olhando-o e ele a sacudiu com impaciência.

—Importa-te? —disse com petulância enquanto apartava o braço—. Saiu detrás dela, para o restaurante. Ela ficou a falar com ele. Vá um mal educado mamão.

—Que aspecto tem?

—Né! —vociferou o parvo do Peter—. Não toque a minha mulher.

—Vete a mierda —respondeu Liam sem olhá-lo à cara—. Que aspecto tem? Que cor de cabelo, de olhos? diga-me isso joder.

Enid começava a assustar-se.

—Né… cabelo negro? —saiu-lhe uma vocecilla desconfiada—. Levava cavanhaque… e uma jaqueta de couro negra.

Perdeu-se o resto da descrição quando saiu correndo entre os insultos e gritos de protesto da gente com a que chocava. O medo o impulsionou para o restaurante e o inspecionou mesa por mesa. Teria perdido muito tempo se se tivesse parado a carregar a pistola. Não havia nem rastro do Nancy.

Pensa, idiota, pensa. A porta da cozinha se abriu de repente e uma garçonete saiu com pressas dali. Pôde ver que detrás dela o caos reinava na cozinha e a gente gritava zangada. Parecia que tinha passado algo, assim que se abriu passo através das portas batentes. Uma mulher o viu e foi correndo para ele com as mãos estendidas para lhe impedir o passo.

—Né, você! Aqui não podem entrar os clientes! —gritou-lhe—. Volta para restaurante!

—O que aconteceu aqui? —perguntou-lhe.

—foi asqueroso —lhe confessou a garota de cara redonda que estava ao lado da entrada—. Uma senhora ia vomitar e ao que ia com ela não lhe ocorreu uma idéia melhor que tirá-la pela cozinha. Que asco! Sanidade poderia nos haver fechado… Né! Onde vai?

Liam saiu disparado. A ponto esteve de escorregar com um molho amarelado que se cansado ao chão mas elevou os braços e se agarrou às cozinhas que havia aos lados.

Saiu derrapando pela porta traseira. Via uma plataforma de carga e descarga e os cubos de lixo mas não havia nenhum movimento, assim que se dirigiu para o estacionamento com o coração em um punho.

Uma mãe empurrava um carrinho com pressa. Havia um casal jovem. Um senhor e sua mulher de cabelo azul discutiam enquanto se desciam de um sedan; podia escutar suas vozes ao longe. Um tipo grande que levava um casaco de franjas amarela atirava de uma capa de contrabaixo. Não via nenhum homem com o cabelo negro nem a jaqueta que lhe havia dito Enid e tampouco podia ver o Nancy.

Voltou a olhar mas não viu nada mais mover-se. Passou por diante do casal de anciões sem emprestar atenção ao que diziam. ficou olhando ao estacionamento com todos seus sentidos alerta e começaram a lhe entrar dúvidas. Talvez Nancy estivesse no vestíbulo, sã e salva, fazendo negócios. Talvez solo estivesse perseguindo a alguém que não existia e que se inventou sua mente sobresaturada.

Ou talvez não. Grande e gordo. Mau fôlego.

Olhou pela segunda vez ao homem do casaco amarelo. O tipo se parou e olhou a seu redor. O sol se refletia nos espelhos dos óculos. Notou como o olhava um segundo e se dava a volta. Seguiu movendo-se mas esta vez ia um pouco mais depressa. Arrastando o grande instrumento que repicava e me chocava contra o chão.

A capa, a puta funda. meu deus de minha vida. Começou a correr quando o homem abria o porta-malas de um todoterreno e levantava o baixo para colocá-lo. O tipo fechou a porta do porta-malas e, quando viu o Liam que corria para ele, lançou-se ao assento do condutor.

O motor rugiu e os faróis do carro se iluminaram. Liam gritava e chiava. Por sorte o todoterreno, que tinha começado a mover-se, teve que parar e redireccionarse. Nesse momento Liam saltou à parte de atrás e atirou da fechadura da porta traseira. abriu-se e se meteu dentro, ao lado da capa que estava ali atirada como um ataúde em um carro fúnebre. O tipo ficou a lhe gritar e a olhar para trás.

Liam saltou da parte traseira levando-a capa consigo, que caiu, rodou e repicou no chão. Ouviu um bum; o bode lhe tinha disparado. Liam se tornou a um lado para esquivar a bala e ouviu como outra ricocheteava contra o asfalto.

Explorou uma das janelas do carro. O cristal se fez pedacinhos. A capa do contrabaixo ainda estava tiragem detrás das rodas do veículo. O todoterreno tinha deixado de mover-se. Liam adivinhou as intenções desse porco e se deu a volta para pô-la a salvo justo antes de que desse marcha atrás e a esmagasse. Acabaram entre dois carros na fila de em frente. equilibrou-se sobre a capa se por acaso ao outro lhe dava de disparar de novo e se deu um golpe muito forte. Escutou gritos e chiados. A gente do estacionamento tinha ouvido o ruído dos disparos.

O veículo saiu fugindo, chiaram-lhe as rodas. afastou-se do estacionamento, dobrou a esquina e se esfumou. Liam estava tremendo. deslizou-se de em cima da capa e se tocou a cara. Saía-lhe sangue pelo nariz. Deu-lhe a volta ao estojo com delicadeza e soltou os fechamentos. Quase não podia controlar as mãos e o coração lhe saía pela boca.

Nancy estava acurrucada no interior, entre o acolchoado. O cabelo lhe cobria a cara. Pô-lhe os dedos no pescoço para tomar o pulso e se sentiu muito aliviado quando constatou que seguia com vida. Tirou-a e a embalou entre seus braços. Tirou-lhe o cabelo de diante da cara e lhe sussurrou seu nome uma e outra vez. Estava viva. Não tinha recebido nenhum disparo nem se quebrado nada. Tampouco a tinham levado. Graças a Deus.

Liam estava chorando e não podia parar. sentou-se no chão e deixou que a comoção o percorresse enquanto a balançava e abraçava. Até que a tiraram de seus braços e a separaram dele.

## Capítulo 12

–

Nancy estava sentada no sofá, olhando pela janela de seu piso. A escuridão invadia a habitação, mas lhe dava preguiça levantar-se para acender a luz. Também estava muito cansada para brigar com ele e convertê-lo em cama.

Teria devido estar na catedral do norte da cidade, onde Novum Canticum, seu coro de canto gregoriano, dava seu primeiro concerto em Nova Iorque. Era uma atuação importante para eles, a primeira de uma série de concertos clássicos de renome e teria devido estar ali para apoiá-los. Mas não podia separar o culo de onde estava. Claro que o entenderiam. Todo mundo era muito pormenorizado nesses momentos. Tratavam-na como se fora de cristal.

Tinha tentado manter-se ocupada para esquecer-se da tristeza. Não teria tempo de autocompadecerse se não parava de lhe soar o telefone e tinha mais de vinte e-mais na rolha de entrada de sua conta de correio eletrônico. Estava rodeada de gente que necessitava sua ajuda. Era o centro de uma atividade frenética.

O concerto no Jericho tinha sido a bomba. Ao Peter e ao Enid choveram adulações por todos os lados e as companhias discográficas que antes os tinham rechaçado lhes faziam suculentas ofertas. Nancy aumentou o preço das entradas em um sensato cinqüenta por cento e repartiu pacotes promocionais a destro e sinistro. perguntava-se por que não estava mais contente. Por fim estava recolhendo os frutos de tanto trabalho e isso era importante, não?

Não. Não o era. Os terríveis sucessos de Boston tinham aniquilado seus patéticas estratagemas emocionais. Tinha estado procurando o amor todos aqueles anos e só o tinha sabido quando recebeu o suficiente para saber como era, mas agora o tinha perdido. Estaria melhor se não o tivesse provado nunca e não soubesse nada dele.

Não. Todos seus heróicos esforços não lhe tinham servido para ganhar o amor já que este não se podia ganhar. Se fosse assim, teria mais. Por fim entendeu o impulso da Lucia por emparelhá-la. Sua mãe queria encontrar para ela a alguém sólido, o ombro no que apoiar-se, e Liam era sólido como o aço, inamovible. O destino lhes tinha gasto uma boa brincadeira, mas ela não ria.

ficou de lado, dobrando-se ao redor do vazio que sentia em seu interior. Liam a tinha salvado do tio de olhos de réptil. Tinha ido a seu resgate, tão heróico como sempre, e detrás havê-la resgatado das garras da morte tinha decidido que já tinha completo com sua obrigação. desprendeu-se de suas ataduras e tinha seguido seu caminho. Não havia lhe tornado a falar, nem a chamá-la. Nada de nada.

Ainda tinha pesadelos e ataques de pranto cada noite. ficou-se com suas irmãs quase todo o tempo mas essa noite tinha conseguido escapar de todo o mundo por uma vez. Precisava estar sozinha embora estivesse assustada.

O doutor lhe havia dito que a ansiedade demoraria um tempo em remeter. As pastilhas que lhe tinha prescrito soaram dentro da bolsa. Não as tinha tomado. O único que ficava eram seus sentimentos e não queria desfazer-se deles. Além disso queria permanecer alerta se por acaso voltava Olhos de réptil.

Pensava todo o tempo em chamar o Liam mas sempre havia algo que a freava. Havia-lhe dito que o amava, assim que a bola estava em seu lado. Mas aquilo não era um jogo, estava muito ferida e triste para jogos. Solo queria falar com ele para lhe dizer com o coração na mão: «Aqui o tem. De todas maneiras é teu, idiota, assim leve-lhe o de uma vez».

Soou o telefonillo e se levantou com o coração a mil por hora. Suas duas irmãs tinham chave e não acreditava que Olhos de réptil se parasse a anunciar sua chegada. Imaginava convertendo-se em uma baba fétida para passar por debaixo da porta e reconverter-se em si mesmo. Como o mau do Terminator III.

Não queria falar com ninguém e tinha deixado a luz apagada, assim que se fez um novelo e lhe dedicou um corte de mangas ao aparelho.

Voltou a soar durante um bom momento, deixando-a surda. Era persistente o bode. Passaram três minutos e começou a soar outra vez. A curiosidade e o medo a fizeram levantar do sofá e aproximar-se da janela para jogar uma olhada à rua.

Liam estava diante da entrada do edifício. O coração lhe deu um salto e ficou a pulsar a mil por hora. Tremiam-lhe as pernas quando ele voltou a tocar o timbre. Olhou para cima e levantou os braços com as Palmas para cima, um gesto de súplica silenciosa. Ela se arrastou como um zombi para lhe abrir a porta. Abriu, uma por uma, todas as fechaduras. Tinha acrescentado três desde que Olhos de réptil tinha passado por sua vida.

Abriu-lhe a porta. Estava mais magro além de pálido, gasto e muito sério. Sob a luz da escada, pôde ver o que ficava dos hematomas que lhe tinham saído debaixo de ambos os olhos. Eoin lhe havia dito que tinha o nariz e algumas costelas rotas. Estar com ela não era bom para sua

saúde.

Enterrou a preocupação e a culpa que sentia. Também o desejo de tocá-lo. O coração lhe pulsava com tanta velocidade que estava enjoada. Não podia falar, assim voltou a entrar e lhe fez um gesto para que a seguisse.

Ele fechou a porta detrás de si. A casa seguia às escuras e Nancy agradeceu que deixasse a luz sem acender até que se lembrou da última vez que tinham estado nessa habitação, às escuras, fazendo o amor.

Liam se esclareceu garganta com nervosismo e lhe perguntou como estava.

Não pensava balbuciar alguma das respostas de cortesia como «Bem, e você?». Não tinha nada que perder nem razões para mentir.

—Estou mal —disse sem contemplações—. Me sinto como uma mierda.

Liam se aproximou dela.

—Sinto muito.

Nancy se afogou com sua própria risada.

—De verdade? Não posso dormir, não posso comer e não me posso centrar em nada. Assusta-me minha própria sombra. Pareço um desastre, Liam. Estou destroçada, assim não me pergunte tolices e não me diga que o sente porque não quero escutá-lo.

—Pois vais ter que fazê-lo. Porque não vou parar de lhe dizer isso.

—Ah!, sim? —tornou-se para trás e se deu com as coxas no sofá. Tremia tanto que se sentou de repente sem nada de elegância—. Deixa de me dizer o que tenho que fazer. Estou cansada de seus dictámenes arrogantes e de seus ultimatos de mierda.

—Quero-te —lhe disse.

Essa afirmação interrompeu bruscamente seu alegação por escrito e a deixou sem respiração. ficou aí, sem se mover e tampando-a boca com as mãos.

Liam ficou de joelhos, agarrou-lhe uma mão, a aproximou e a beijou. Com uma lentidão reverencial, como em uma cerimônia sagrada.

—Sinto-o —repetiu.

Nancy não sabia por onde começar. O que havia entre eles era um labirinto, infestado de curvas, de becos sem saída e minas. Seu coração deu um salto de alegria quando se deu conta de que talvez tinham encontrado a maneira de resolver o labirinto. Se pudesse encontrar esse caminho, por muito estreito que fora. Se pudessem encontrá-lo juntos.

—por que não me chamaste? —soltou-lhe. Pergunta-a que se jurou que não sairia de seus lábios tinha surto à superfície sem sua permissão.

Ele duvidou um momento, olhando para outro lado.

—Ao princípio não podia, estava bloqueado. Depois me entrou medo e a seguir vergonha. Estava apanhado e me levou tempo poder me largar de minhas ataduras. Mas me arrependerei do tempo que perdi o resto de minha vida.

Aquela confissão arrancou ao Nancy um sorriso.

—Não seja melodramático. O resto de sua vida é muito tempo. Ou isso espero.

—Isso crie? —Rodeou-lhe a cintura com os braços e apoiou a cabeça em seu regaço—. Não importa o que dure, seria muito larga sem ti.

Vá. Sabia como usar bem suas cartas. aproveitava-se de que a tinha pilhado em um momento de debilidade e estava esperando a que caísse rendida a seus pés. Ela o desejava com todas suas forças.

Nancy lhe pôs as mãos nos ombros com a vaga intenção de apartá-lo mas, logo que estabeleceu contato visual, os dedos o agarraram com força. Lhe marcavam os músculos mais que antes. Estava tremendo.

Não pôde apartá-lo, não tinha a força suficiente para fazê-lo. Em seu lugar, encontrou-se dobrando-se como uma flor murcha. Rodeou-o e suas mãos passaram às costelas; sentia como se estendiam e contraíam com sua respiração.

—Que tal está seu nariz?
—Está-se curando. Não é para tanto.
—Para mim sim é para tanto. Salvaste-me a vida outra vez. Queria-te dar as obrigado.
Levantou a cabeça e franziu o cenho.
—Por certo, você não deveria estar sozinha aqui. Não está a salvo.
Ela suspirou.
—Por favor, não comece. Se te servir de consolo, minhas irmãs estiveram cuidando de mim mas precisava estar sozinha.
Olhou-a duvidoso mas o deixou passar. Depois de uma pausa, tentou-o de novo com cautela.
—Que tal foi tudo?
—Que tal foi o que?
—A atuação do Peter e Enid. Já são umas megaestrellas?
—Como escuto um espiono de sarcasmo em sua voz te larga.
Liam levantou as mãos em sinal de rendição.
—Perdoa.
Aquilo não a aplacou.
—Foi bem —disse com frieza—. foi um grande impulso para suas carreiras e para a minha de passagem.
—Muito bem. Me alegro por eles e por ti.
Surpreendeu-se quando se deu conta de que estava tentando não sorrir para lhe ouvir falar com tanto cuidado, como se falasse com uma menina.
—É um gesto muito bonito por sua parte, Liam.
—Espero que agora saibam te apreciar. —O deixe de sarcasmo tinha aparecido de novo em sua voz.
—Pois acredito que começaram a fazê-lo. Inclusive me pagaram o dinheiro que me deviam.
—De verdade? —Parecia impressionado—. Como o conseguiste?
—Deixei claros os limites e tenho que dizer que essa maneira de levá-lo dá resultado.
Liam olhou para outro lado e, embora Nancy não lhe podia ver a cara, notou como estava tentando dissimular um sorriso.
—É curioso que diga isso. Eu estive trabalhando em meu conceito de compromisso.
—Ah!, sim? —O coração lhe voltou a acelerar—. E o que sente a respeito?
Encolheu-se de ombros.
—Poderia ser pior.
Olharam-se aos olhos. Lhe acariciou os moratones de debaixo dos olhos com as gemas dos dedos. Tomou a mão e a acariciou.
—chamei a meu pai —anunciou.
Ela piscou surpreendida.
—Vá. E? Como foi?
—Foi estranho falar com ele —admitiu—. Mas o superamos.
—O que lhe disse? O que te disse ele? me diga! —Liam lhe voltou a beijar a mão uma e outra vez mantendo-a à espera.
—Perguntei-lhe se gostaria de vir a nossas bodas.
ficou boquiaberta. Isso era muito. Tremia-lhe a garganta.
—Mierda —resmungou Liam—. O sinto, não lhe queria dizer isso assim. Sei que tenho que me prostrar de joelhos e te suplicar. E não queria que soasse como se o desse é obvio. Era… uma pergunta hipotética.
—Hi…, hipotética? —sussurrou.
—Sim, bom, já sabe. Se por acaso tinha sorte.
Ela se escondeu a cara entre as mãos e ele esperou vários minutos a que o assimilasse.
—Então, quer ser minha princesa? É o melhor que há em minha vida e a passarei tentando te

merecer. Tentarei não voltar a cagá-la. Por favor, me diga que sim. Sei minha mulher —a persuadiu.

—Eu…, eu também te quero —estalou.

Na cara do Liam começou a formar um largo sorriso.

—É isso um sim? vou ser o afortunado?

—Isso significa que te quero. Mas já tenho dois vestidos de noiva no armário e não sei se poderei suportar outro compromisso.

—Vale. vamos saltar nos a parte do compromisso e vamos diretamente à parte de casados. entrei em internet antes de vir e há um vôo a Las Vegas que sai esta madrugada.

Nancy começou a rir, sem poder conter-se, com lágrimas nos olhos.

—Minha mãe.

—Poderia nos casar um imitador do Elvis e nos passar três dias em uma cama vibratória depois. Talvez alugar um conversível e atravessar o deserto.

Não podia ser verdade. Era uma idéia maravilhosa.

—E seu pai? Havia-o convidado, não?

Encolheu-se de ombros.

—Já, isso. Bom, podemos voltar a celebrá-lo quando voltarmos. Para suas irmãs e amigos. Esta é sozinho para nós.

Esperou um pouco e voltou para a carga em que pese a que lhe notava certa insegurança na voz.

—Se a agenda o permitir, claro. Ainda não comprei os bilhetes. Não queria parecer muito galo de briga. Posso esperar se tiver outros compromissos.

—Vá, Liam. Parece que tenha ensaiado esse discurso.

—Resulta tão óbvio? —perguntou com tristeza—. Pelo menos tenha em conta que o estou tentando.

Nancy lhe pôs as mãos na cintura.

—comeste?

—Né, não me roube minhas frases.

—Tenho que te fazer engordar. Há um pequeno restaurante vietnamita duas esquinas mais abaixo que tem uns talharins fantásticos.

—Não tem massa aqui? Espaguetes ou talharins?

—Está de brincadeira? —burlou-se—. Com um sobrenome como D'Onofrio?

—Se cozinharmos aqui, poderemos nos despir e nos pôr mãos à obra enquanto ferve a água.

Ela se Rio, com lágrimas nos olhos.

—Né, vale.

—Genial. Mas ainda não respondeste a minha pergunta.

Mordeu-se o lábio.

—Liam, te quero. Você me quer . Não é o bastante? Não podemos estar agradecidos por isso? Não tentemos à sorte.

Olhou-a desafiante.

—Quero-o tudo. Cada noite. Em minha cama.

—Eeeh… Acreditava que te estava trabalhando o conceito de compromisso.

—Sim, mas não exageremos. —Pô-lhe a mão na cara com cuidado, como se fora uma das orquídeas da Lucia—. Quase te perco para sempre e isso me teria destroçado o coração. Quero-te, Nancy, e nunca deixarei de te querer. Pode tentar à sorte tudo o que queira. Não tem limites. O amor que sinto por ti é mais profundo que o oceano.

Nancy sentiu que algo crescia em seu peito, algo que a ponto esteve de fazer estalar seu coração e ocupou até a última curva; já não havia espaço para o medo.

—Sim —disse, e o abraçou com força.

Pede mais

_

Capítulo 1

_

Ali estava outra vez. Tão pontual como sempre.

Nell se escondeu detrás da vitrine das sobremesas e o olhou com anseia através dos brownies de caramelo e nozes. Voltou esse formigamento que lhe atravessava o corpo sempre que o via. Era o único o suficientemente forte para aliviar a dor crônica e intensa que sentia em seu interior aqueles dias de modo que passava as horas pensando naquele momento.

Ele percorreu a sala com o olhar para comprovar se a mesa onde se estava acostumado a sentar, ao lado da janela, estava livre. Assim era, a hora ponta quase tinha acabado quando ele chegou às três e quinze, pontual como um prego.

Tirou-se a jaqueta, deixou-a na cadeira e se sentou. Tirou um ordenador portátil, abriu-o e ficou a trabalhar com cara de concentração. Exatamente a mesma rotina que Nell tinha contemplado desde que dava o serviço de comidas do Sunset Grill.

Ele levava semanas vindo na hora de comer e Nell tinha começado a agarrar todos os turnos de meio-dia que podia, apesar de que ganhasse muitas mais gorjetas durante o serviço de jantares. Embora não tinha um duro, aquela descarga de adrenalina fugaz e passageira lhe merecia mais a pena que o dinheiro extra. Tinha-lhe dado forte, sobre tudo se tinha em conta que ele ignorava sua existência por completo.

Limpou-se os óculos, as voltou a pôr e recordou o pedido que tinha registrado em sua memória a curto prazo. Emplató a fritada para as mulheres da mesa de diante do aquário. Olhava-o com a extremidade do olho enquanto acrescentava o vinagrete, a beterraba ralada e as pipas de girassol às saladas. Colocou-as na bandeja e escolheu um caminho até a mesa das senhoras que passasse por ao lado da dele. O suficientemente perto para poder cheirar o detergente com o que tinha lavado a camisa à ida e absorver o aroma de sua colônia à volta. Que bem cheirava… E tinha uns ombros tão largos e fortes… Parecia sólido, mas não era tão bonito para tirar o soluço porque tinha a cara fina e angular. sabia-se cada detalhe de sua cara muito bem e os repassava dia e noite, mas cada vez que o via em vivo e em direto sentia uma nova onda de emoção. Gostava da severidade de suas facções: aquele nariz afiado um pouco torcida; as sobrancelhas negras de ângulo pronunciado; as bochechas magras e as rugas que lhe rodeavam a boca e os olhos, como se tivesse passado muito tempo entrecerrándolos pelo sol; seu sorriso; o cabelo negro, curto e de ponta. Não acreditava que fora produto da gomina nem que levasse esse estilo despenteado a propósito. Seguro que lhe dava igual o aspecto de sua cabeleira.

Colocou-se detrás de suas costas, musculosa e grande, para ler o que parecia um código incompreensível na tela de seu ordenador. obrigou-se a afastar-se sem voltar-se para olhar. Hoje se comportaria como uma pessoa adulta e realista, e tentaria ignorá-lo. depois de uma última olhada.

Sua chefa, Norma, que estava situada depois da barra da cozinha preparando uns cogumelos, ficou olhando-o.

—Né, Nelly, já está aqui outra vez. Já vejo que não se cansa de nosso lombo. Bonita, necessito que me faça um favor antes de que fique atordoada olhando-o outra vez.

Mierda. Era tão óbvio que estava pendurada por esse tio? Nell agarrou uma faca e começou a cortar pão.

—Me diga.

—Tome cuidado, carinho. Essa faca está muita afiada. Não pude evitar me dar conta de que não lhe tira os olhos de cima. Não é que sinta saudades. Se fosse vinte e cinco anos mais jovem… Que demônios, ao melhor com quinze poderia valer… —Se perdeu em seus pensamentos e os olhos lhe faziam faíscas enquanto esperava a que Nell se acalmasse um pouco. Mas Nell seguia apertando os dentes e cortando mais pão—. O único problema é que acredito que é um pouco viciado no trabalho. Está tão ensimismado com seu ordenador que não tem tempo para fixar-se na bonita garçonete que lhe traz a comida todos os dias. A experiência me diz que é melhor que o deixe.

—Obrigado pelo conselho, mas não era necessário —lhe respondeu Nell enquanto colocava o pão em suas respectivas cestas—. Não me vou aproximar dele.

—O que você diga. Por certo, pode cobrir a Kendra esta noite? Acaba de chamar dizendo que está doente. Esta garota me está voltando louca. Sempre está ao bordo da morte.

—Sinto muito, Norma, mas esta noite tenho que dar classe de debate no curso do verão sobre poesia norte-americana.

—Me imaginava. Bom, faltará-nos uma mas sobreviveremos. lhe leve um café a esse homem tão trabalhador antes de que se pense que nos esquecemos que ele. Carinho, tem que ir com esses óculos postos?

Nell se tirou os óculos e as limpou; ficou à defensiva.

—Não me posso tirar isso. A não ser que queira que vá me dando porradas com todas as mesas. O que têm de mau?

—Nada. É sozinho que lhe dão um ar tão… intelectual.

—Norma, tenho notícias para ti: sou uma intelectual!

—Não te chateie. Solo quero que todo mundo veja esses olhos tão bonitos que tem. —Norma lhe colocou uma mecha de cabelo castanho e encaracolado detrás da orelha, deu-lhe um tironcillo de queixo com afeto e lhe estirou do avental para baixo para que lhe visse mais o peito—. Pelo amor de Deus, Nelly. te faça ver um pouco. Já está. A por ele. Tome nota.

Nell serve uma taça de café e saiu a toda pressa com sua caderneta. Coibida, voltou-se a subir o avental laranja para tampar o decote. Não sabia por que, mas cada vez que tomava nota se sentia nervosa e agitada. Ele nunca tinha levantado a vista da tela. Poderia apresentar-se a seu lado completamente nua e nem o notaria.

Deixou a taça de café sobre a mesa e ele, sem apartar o olhar do ordenador, agarrou-a e lhe pegou um gole.

—Obrigado —lhe disse com uma voz distante e grave que a fez estremecer—. o de sempre, por favor.

—Vale —lhe respondeu—. Hoje pode escolher entre três sopas: de verduras, de cebola à francesa e de legumes. Qual prefere?

Enrugou a frente mas não a olhou.

—Dá-me igual. A que seja.

—Um bol da que seja em marcha —murmurou Nell enquanto lhe olhava os redemoinhos da cabeça. Uma barba incipiente aparecia em sua mandíbula tensa. Levava os punhos da camisa levantados e pôde ver os músculos, fortes e duros, e o pêlo, negro e sedoso, que contrastava com a pele dourada.

—Há algum problema? —perguntou enquanto pulsava as teclas do ordenador.

—Né, não, claro que não.

Nell saiu correndo, atordoada, e se deu com o pico da mesa. mordeu-se a língua para não soltar um taco. Seguro que lhe sairia um cardeal. Um aviso do que passava quando se deixava levar

por esse atordoamento de adolescente. O fato de que Norma se deu conta era a prova de que aquilo lhe tinha ido das mãos. Passou o pedido à cozinha e começou a tirar a comida. Norma lhe perguntou se tinha pedido o de sempre em tom profissional.

Nell assentiu, colocando uma fatia de pão na torradeira. Pôs uma colherada enorme de salada de couve em um prato pequeno.

—Se segue servindo essas porções me vais arruinar, coração. Não merece a pena.

—Curta o cilindro, Norma —lhe soltou enquanto preparava a guarnição consistente em rodelas grosas de tomate, rabanetes e tiras de cenoura. Acrescentou-lhe um bom punhado de brotos de alfafa e, depois de um momento de dúvida, pulverizou por cima um pouco de cebolinha dizendo-se que seu fôlego não era nem responsabilidade nem problema dele. O pão saltou da torradeira e o tirou evitando o olhar de Norma.

—Que sopa te pediu? —perguntou-lhe.

—Dá-lhe igual. Lhe vou pôr a de legumes.

—Essa? Não sei, carinho. a de verduras é menos arriscada.

Nell encheu o bol até acima de sopa.

—Já me dirá algo se não gosta de —disse com voz entrecortada. Quando agarrou a bandeja, a sopa se aproximou perigosamente aos borde do bol.

—Tome cuidado, Nelly —lhe disse Norma para picá-la—. Não se vai a nenhum sitio antes de ter comido.

Nell a fulminou com o olhar e saiu apitando com a cabeça bem alta.

Quando lhe levou o resto da comida, o único lugar onde cabia o prato era em uma esquina da mesa. Parecia que ia se cair. Ele nem sequer havia meio doido a sopa ainda. Seguia escrevendo sem cessar no ordenador com essas mãos largas e elegantes.

—Obrigado, não necessito nada mais —resmungou sem apartar a vista do ordenador. Nell voltou para a cozinha repassando mentalmente os temas que queria tocar no compartimento de debate sobre a poesia do Emily Dickinson essa noite. Uma larga lista dos problemas que acossavam às mulheres na América do século XIX: pobreza, falta de poder, árido celibato, amores secretos, contenção e espartilhos. Uma vida imaginária. Como a sua mas sem os espartilhos.

—foi tudo bem? —perguntou-lhe Norma como se nada.

—Sim —respondeu Nell enquanto enchia um copo de água geada, passava por diante de Normatiza com o queixo levantado e se tropeçava com a catapora de plástico.

Ouviu-se como se rompia o copo e os clientes giraram as cabeças para ver a água esparramada e os cubitos de gelo que rodavam pelo chão. Nell agarrou a vassoura e começou a recolher as partes de cristal com a mandíbula apertada.

—Está muito tensa, Nelly. —Norma pôs as mãos em jarra e se balançou preocupada—. Precisa sair mais.

—Norma, por favor! Minha vida é uma loucura nestes momentos —estalou—. A minha irmã a perseguiu e atacou um maníaco baboso faz nada. Não tenho quase dinheiro pelos dias que me tive que agarrar para cuidar do Nancy depois de que esse Demônio fora a por ela, minha diretora de tese me acossa dia e noite, não posso dormir pelas noites e Lucia… Ai, Deus, não se preocupe, mas por favor me deixe em paz, vale?

ficou sem voz e começaram a cair lágrimas pela cara. Estava envergonhada, mas Norma a levantou do chão e lhe deu um bom abraço.

—OH, carinho. Sinto muito o da Lucia, não queria estresarte. Sei que ainda está afligida. O que aconteceu com Nancy é terrorífico mas ao final todo saiu bem, não? As águas estão voltando para seu leito e a Lucia teria gostado que saísse e te divertisse. Já sabe.

Nell se limpou as lágrimas dos óculos.

—Agradeço-te que se preocupe por mim, mas não tenho vontades de me divertir e não é o momento para este sermão —disse com voz trêmula—. Necessito a sobremesa para a mesa seis, a conta para a mesa oito e Monica saiu a fumar.

—Esquece tudo o que hei dito. Entretanto, tenho que admitir que me alegro de que te interesse por um menino bonito. Isso é bom sinal.

Nell atirou os cristais quebrados ao lixo. Tinha os olhos vermelhos e inchados. Mas que mais dava? O homem de cabelo negro não se ia dar conta. Quando foi preencher lhe a taça de café lhe perguntou se queria sobremesa.

—o de sempre —lhe respondeu com frieza.

Nell duvidou um instante e se decidiu a agarrar o touro pelos chifres.

—Seguro que não quer provar nada novo? Temos bolo de morangos e os brownies de caramelo e nozes estão muito bons.

Ele parou de teclar para processar a informação.

—Seguro que está tudo delicioso —disse em um tom displicente—, mas quero o de sempre.

Nell assentiu e foi a pelo bolo de maçã com sorvete de baunilha. Como fazia sempre, quando terminou de comer, o homem de cabelo negro fechou o ordenador, deixou o dinheiro da conta mais uma gorjeta entre moderada e generosa e se foi. Tinha a mesma imaginação que uma pedra e os maneiras de uma serpente hibernando. De todas formas se podia ir a mierda.

O resto do turno resultou monótono. depois de ajudar a Normatiza a preparar o jantar foi ao banho para refrescar-se um pouco antes da classe de debate. tirou-se os óculos e se aproximou do espelho, observando-se atentamente.

Norma estava no certo. Os óculos que levava, grandes e redondas, eram de empollona e o arbusto de cabelo comprido, castanho e encaracolado não tinha nenhuma forma e era muito juvenil.

Recolheu-se o cabelo em um coque deixando que alguns cachos de cabelo escapassem e lhe rodeassem as orelhas e a mandíbula. um pouco melhor. Seus olhos eram seu ponto forte: escuros e com umas pestanas largas e umas sobrancelhas que se tinha que depilar freqüentemente para que não se impor em seu rosto. Tinha uma boca bonita, admitiu, pode que um pouco grande para sua mandíbula. Talvez deveria provar a levar lentes de contato.

De todas formas, por que se preocupava com seu aspecto? Ninguém se fixava e tinha coisas mais importantes nas que pensar. lavou-se a cara com água, jogou-se a bolsa ao ombro e saiu correndo para chegar a tempo ao ônibus.

Não ocorreu nada digno de menção no grupo de debate. Dois terços dos alunos tinham assistido e, destes, solo lhe pareceu ver três dormitando. Estatisticamente falando estava bastante bem. Tiveram uma discussão bastante acalorada sobre a poesia romântica do Emily Dickinson. Um menino de cabelo espaçado expressou com veemência:

—Isto…, como sabe que Emily Dickinson alguma vez teve, já sabe, sexo? Ao melhor, isto…, tinha algum amante secreto! Alguns desses poemas são incendiários. Não me posso acreditar que pudesse sentir-se assim se nunca, já sabe, fazia nada.

—Pois acredite lhe soltou isso Nell sem pensar. Quinze caras a olharam com curiosidade. deu-se conta de que o jovem loiro e ela levavam o mesmo tipo de óculos e sentiu uma urgência repentina e se desesperada por trocar de estilo—. vamos deixar o por hoje. Para na quarta-feira que vem quero que me entreguem um trabalho de entre cinco e dez páginas.

—Mas tenho que estudar para um exame de física —se queixou um estudante.

—E eu tenho que entregar um trabalho de filosofia na segunda-feira —se lamentou outro—. Nos poderia dar até na sexta-feira?

—Quarta-feira.

Plantou-se ante o coro de gemidos.

Nell atravessou fatigada o campus, animado e repleto de estudantes, até que chegou aos escritórios do departamento de literatura. A porta se abriu quando se aproximava e viu a Maria, uma colega de doutorado, que levava um fax na mão.

—Olá, Nell. Olhe, estava a ponto de pendurá-lo. Ao melhor interessa.

Nell o leu:

NECESSITA-se
Escritor-editor-revisor
para um videojuego interativo de fantasia
PERITO EM POESIA
Salário competitivo Horário flexível
Telefone: 555-439-8218 Perguntar pelo Duncan

—Que estranho, não? —comentou Maria.

Nell a olhou.

—Parece interessante.

—Isso pensei. boa noite, Nell.

Nell se despediu também, ausente. Que narizes tinha que ver uma empresa de software com a poesia? Rabiscou o número perguntando-o que esse Duncan quereria dizer com «Salário competitivo». Freqüentemente agarrava trabalhos temporários de secretária para cobrir o turno de noite, quando não ficava dinheiro. Estavam bem remunerados mas acabava feita pó. Sempre andava à caça de um trabalho no que lhe pagassem o suficiente para poder deixar de trabalhar no Sunset e levar uma vida normal. Se é que isso existia, já que tinha sérias dúvidas depois de tudo o que lhes tinha passado da morte da Lucia.

Melhor tentar não pensar nela de novo ou voltaria a chorar. levou-se a mão ao pendente que lhe tinha agradável. O retângulo dourado rodeado de ouro branco lavrado em forma de encaixe estava temperado pelo calor de seu corpo. Era um talismã de amor mas a sombra do medo se aferrava a ele. Apertou-o em um reflexo inconsciente. O Demônio lhe tinha tirado ao Nancy o seu e resultava estúpido que ela o seguisse levando. Inclusive era uma provocação descarada, mas se sentia nua e indefesa sem ele, assim tinha decidido alargar a cadeia para poder manter o pendente por dentro do vestido onde estava acostumado a permanecer esmagado entre as tetas. Levava um espray de pimenta na bolsa e ia se apontar a classes de autodefesa. Ao melhor até aprendia a usar uma pistola.

Tremeu ao pensar nisso. O mais provável era que não o fizesse. Saber como utilizar uma arma não ia servir de muito se não estava disposta a apontar a alguém e apertar o gatilho. Esse pensamento tão alegre a fez ir ao armário ao que chamava despacho e chamar o Vivi em busca de consolo.

Do que lhe tinha passado ao Nancy, estava considerando secretamente comprar um telefone móvel, mas ainda não estava segura depois da que tinha encalacrado todos estes anos lhes dizendo a suas irmãs o muito que os odiava e os alegações por escrito pomposos sobre tumores cerebrais, falta de privacidade, o que a incomodava ter que estar sempre disponível, etcétera, etcétera. sentiria-se estúpida se tivesse que ir com o rabo entre as pernas a comprar um agora.

Mas o orgulho e a privacidade tinham perdido todo seu encanto nos últimos dias. Quando havia uns loucos as acossando, parecer uma idiota não era tão importante. Em um momento assim, no que não sabia muito bem o que estava passando, consolava-a estar a uma freqüência eletromagnética da gente que lhe importava.

Vivi agarrou o telefone com rapidez.

—Olá, bonita, vai tudo bem?

—Ultimamente não me seqüestrou ninguém. Que tal está você?

—Ainda estou trabalhando. estive ocupadísima todo o dia, mas terei terminado em uma hora. Descansarei um momento, comerei algo e de noite conduzirei até o Wilmington. Sinto-me estranha ao estar muito tempo em um lugar. Prefiro me mover a ficar esperando em um sítio. Crie

que é uma tolice?

—Para nada, mas conduz com cuidado. falaste com o Nancy?

—Sim, segue em Denver com o Liam, visitando seu pai. Acredito que vão voltar amanhã. Menos mal que pelo menos não nos temos que preocupar com ela. Esse noivo que se jogou é uma fera. Carinho, deixo-te que acaba de chegar um cliente.

—Vale, até mais tarde.

Nell pendurou, leu o cartão que tinha pego no campus e marcou o telefone que aparecia.

—Burke Solutions, Inc. No que posso lhe ajudar?

—Olá, queria falar com…, né… —consultou o nome no cartão— Duncan, por favor.

—Qual é o motivo de sua chamada?

—A oferta de trabalho de redator.

—De acordo, um segundo. A passo.

Nell tamborilou os dedos na mesa e se inquietou até que uma voz grave e profunda que lhe resultava extrañamente familiar apareceu ao outro lado da linha.

—Olá, sou Duncan.

—Olá. Meu nome é Nell D'Onofrio, sou uma estudante de doutorado da Universidade de Nova Iorque. Estou interessada em colaborar com vocês como escritora.

—Tem experiência prévia como escritora e editora? Sabe um pouco de poesia?

O tom brusco tomou despreparada.

—É obvio, o tema de minha tese é a poesia feminina do século XIX. Levo um grupo de debate do curso do verão de poesia e fiz meu tesina sobre a Christina Rossetti.

—Já vejo —disse ele depois de uma larga pausa—. Estou fiscalizando a criação de um videojuego. É uma busca cujas pistas aparecem em mapas, livros, poemas, etcétera, e necessito a um escritor para redigir os textos.

—Sonha bem. No anúncio punha que o horário é flexível. É certo?

—Pois não tenho nem idéia. —Parecia zangado—. Nunca levei este tipo de projeto no passado. Em realidade, é de meu irmão. Tenho reuniões amanhã durante toda a tarde mas se vier às seis farei uma entrevista.

Ao Nell não gostou de nada aquele tom autoritário.

—Posso ir às sete e meia —disse secamente. Certamente poderia ter estado às seis se trocava os turnos mas não lhe dava a vontade.

—De acordo. Até manhã então. O recepcionista lhe indicará como chegar.

Nell se apontou a direção. Parecia-lhe estranho mas também interessante, embora o tal Duncan fora arrogante e presunçoso. Além disso ao dia seguinte era sexta-feira e depois de trabalhar não tinha nada melhor que fazer que voltar para casa e ficar aí escondida. Colocou um bom punhado de trabalhos que tinha que corrigir na mochila. Isso a manteria tão ocupada que não teria tempo de assustar-se por qualquer ruído ou subir pelas paredes pensando no homem de cabelo negro. O que era quase pior. Não, muito pior.

Nell ativou o alarme de infravermelhos logo que entrou em seu piso. Se alguém tentasse abrir a porta ou alguma janela chegaria um aviso à polícia. Assim se sentia mais segura. Reaqueceu algumas sobra de comida para jantar. Teria cozinhado se Vivi tivesse estado ali, mas para ela sozinha lhe dava preguiça.

Encontrava-se lhe dando mordisquitos a uma Arejamento que tinha encontrado na caixa das bolachas e que estava muito duro quando o ruído do telefone lhe fez pegar um bote. Teve que controlar-se para baixar o ritmo de sua respiração e evitar que lhe tremesse a voz ao agarrar o telefone.

—Sim?

—Sou eu —respondeu sua irmã Nancy.

Nell se deixou cair no futón; os joelhos lhe tremiam.

—OH, que bem. Que tal vai tudo? Viv me acaba de dizer que estão em Denver.

—Sim, aqui estamos com o pai do Liam e seu amiga. Tenho notícias. Lembra-te do que Charlie Witt, o amigo do Liam, contou-me sobre aquele senhor de oitenta anos que levava roupa de desenho? que encontraram no bairro jamaicano com o pescoço partido?

—Esse ao que apelidaram o manequim? Passou justo depois de que Lucia morrera, não?

—Sim. A polícia determinou que morreu mais ou menos à mesma hora que Lucia.

Nell se dobrou, pressionando-se com uma mão o nó que tinha no estômago.

—E? O que acontece ele?

—Bom, depois do que me aconteceu em Boston, a detetive Lanaghan decidiu tomar o caso um pouco mais a sério. —Pôde notar a crispação do Nancy em sua voz—. Comparou os rastros do homem com as que encontraram na taça de café que havia na casa da Lucia. Como lhes tinha sugerido fazia semanas.

—E concordam? —perguntou Nell.

—Sim. Acaba-me de chamar.

As irmãs ficaram em silêncio e Nell assentiu tremendo.

—Era Marco —disse com absoluta convicção—. O marido ao que Lucia abandonou.

—Acredito que sim. Deve ser ele. Veio para vê-la e o matou a mesma pessoa que a ela, a mesma noite.

Nell fechou os olhos com força e ficou a mão na frente fria e úmida.

—Pobre homem, que horror.

—Pelo menos agora já estão juntos —assinalou Nancy com voz doce—. Acredito que ela o quis toda a vida.

—É uma maneira de vê-lo —conveio Nell—. Se crie no amor, a eternidade e todas essas coisas bonitas nas que solo pensam os sonhadores.

—E você não?

—Agora mesmo não —admitiu—. Nance, está tão apaixonada que vive em um sonho dia e noite, mas no mundo real isso é algo pouco comum.

Nancy fez uma pausa durante um momento comprido e doloroso.

—Sinto-o —sussurrou—. Sozinho tratava de te animar.

Nell se sentiu culpado. Tinha sido mesquinha com sua própria irmã, cujo único pecado tinha sido ter sorte no amor.

—Não o sinta. Me alegro muito por ti, de verdade. Contou a detetive Lanaghan o da carta no marco?

—Sim, e me há dito que é uma pista fabulosa, mas como solo temos o nome de pilha e da cidade vai levar um tempo encontrá-lo. Tem que contatar com a polícia na Itália, encontrar um intérprete, etcétera. Assim pensei que, enquanto isso…, como falas italiana…

—Quer que chame à polícia dali?

—Faria-o? —perguntou-lhe Nancy com ansiedade—. Para ir adiantando.

Nell jogou uma olhada ao relógio, calculando a diferença horaria.

—Posso-os chamar amanhã pela manhã antes de ir ao trabalho.

Depois dessa confirmação, passaram à rotina obsessiva de advertir-se que tomassem cuidado. Quando penduraram, Nell ficou olhando à parede durante um bom momento, tampando-a boca com a mão.

Estava contente porque podia ajudar com algo do que talvez tirariam respostas, embora era possível que estas não fossem tranqüilizadoras. A situação cada vez dava mais medo e desfrutar-se nesse fato não serviria de nada. Não havia outra coisa que fazer, além de manter-se muito ocupada.

depois de ter dado conta de um bom número de ensaios, esfregou-se os olhos, estirou-se e se equilibrou sobre a cama, que estava coberta com livros, deixando um pequeno espaço justo para que coubesse seu corpo. Esboçou um sorriso forçado. Aquilo era o reflexo perfeito de sua vida. Se tinha

algum amante, onde ia pôr o? Entre as obras completas do Riverside Shakespeare e os vinte quilogramas que pesava sua edição cotada da Divina comédia de lhe Dêem?

O homem de cabelo negro emergiu de entre as sombras de seu cérebro, como cabia esperar. Sempre que queria evitar algum pensamento molesto aparecia ele. ficou a refletir sobre o porquê de sua patética obsessão por esse homem. Era estranho porque aquele comportamento não resultava algo habitual nela.

Pode que fora porque era tão avoado e tão inacessível emocionalmente que parecia autista. Quem poderia apresentar menos perigo para uma covarde como ela? Não sabia nada dele, além de que tinha uma capacidade de concentração surpreendente e que gostava de muito o lombo de vitela. Além disso, pensar nele era muito mais divertido que recordar a aquele pobre homem que ainda estava no necrotério do bairro jamaicano. Sem nome, sem que ninguém soubesse quem era nem lhe chorasse. A solidão fria e aguda que a invadiu fez que se girasse para ficar de barriga para baixo e afundasse a cara no travesseiro.

Ao melhor ao dia seguinte seria capaz de pôr nomeie a aquele senhor maior que poderia ser o marido da Lucia e assim fazer que recuperasse a dignidade de ter uma identidade. Era o único ao que podia aspirar.

Lhe começaram a fechar os olhos e um momento depois despertou de um sonho no que aparecia o homem de cabelo negro. Nele, por estranho que fora, sorria-lhe. Tinha um sorriso precioso que lhe iluminava a cara. Nunca o tinha visto assim na vida real, mas enquanto voltava a cair dormida se perguntou se ele saberia sorrir.

—O que está fazendo agora?

O tom incisivo e tenso que implicava certa crítica fez que John Esposito apertasse os punhos até que lhe marcaram os nódulos. Passaram-lhe pela mente fantasias úmidas e manchadas de sangue.

ficou olhando o monitor e manteve o tom neutro a propósito.

—Parece que está lendo papéis.

—Lendo? Que classe de papéis? —Ulf Haupt se aproximou mancando; sua fortificação fazia ruído ao dar no chão. inclinou-se para olhar por cima do ombro do John e este fantasiou lhe incrustando o cotovelo na garganta a aquele velho decrépito. O suficientemente forte para lhe causar uma hemorragia interna.

—Trabalhos de seus estudantes —respondeu com paciência, resignado—. É professora.

—Trabalhos…

Haupt se inclinou mais ainda pegando sua cabeça a do John, que se apartou para poder guardar certa distância.

—Segue vigiando-a —ordenou—. Ao melhor a voltam a chamar e não te pode escapar o mais mínimo detalhe. Nada de nada. Amanhã vai telefonar a Itália para identificar o corpo do Barbieri. Vá desastre, John. Miúdo embrulho.

O tom agudo e acusador do velho fez que John tirasse os dentes.

—por que? —perguntou—. Não vão descobrir nada de nada. vou mijar, esta puta não se moveu há quatro horas. Vigiá-la é tão interessante como olhar a uma parede.

—Não te pago para que esteja entretido —lhe soltou Haupt—. Não a perca de vista. Já perdeste às outras dois.

—Não as perdi! —disse John, picado—. Sei exatamente onde estão em todo momento. A mais jovem está na Pensilvania, trabalhando em uma feira de artesanato, e a maior está em Denver, com seu prometido. Se quiser que seqüestre à pequena posso agarrar o carro e conduzir até…

—Não. Fique aqui onde possa te ordenar o que fazer, passo a passo. Quão resultados conseguiste você sozinho não foram nada satisfatórios.

John se tragou o que queria lhe dizer. Odiava ter a alguém que o controlasse. Quando tudo

terminasse, ao melhor cortava a garganta a aquele velho filho de puta e quejica e castigava às irmãs D'Onofrio sem que ninguém lhe pagasse por isso. Solo por lhe haver dado tantos quebraderos de cabeça.

ficou observando a Antonella enquanto ela deixava a um lado uma pilha de ensaios e agarrava outra. A câmara que estava oculta atrás do detector de incêndios a enfocava virtualmente de acima da cabeça para baixo. Um ângulo fantástico para lhe ver o decote, bastante proeminente. Estava mais rellenita que suas irmãs e tinha mais tetas e mais culo. Aquilo gostava, carne que agarrar e fazer tremer.

O pendente que se supunha que lhe tinha que tirar reluzia no oco que havia entre aqueles peitos gordinhos que se sobressaíam de sua camiseta cinza. trocou-se de roupa para estar mais cômoda em casa. Levava uns shorts de algodão cinzas ajustados aos quadris e os mamilos firmes se notavam através da camiseta.

Pensou na irmã maior, a que lhe tinha escapado duas vezes, e a raiva lhe encolheu o estômago. Olhou ao Haupt aos olhos.

—Posso ir a por ela agora mesmo se quer —ofereceu—. Está sozinha no piso e tenho o código para desconectar o alarme. Assim já não terá tempo para fazer essa chamada a Itália.

Nesse momento teria dado o que fora por um pouco de ação.

—Não —o cortou Haupt com frieza—. Melhor esperar. De todas formas, vão identificar ao Barbieri de um momento a outro. Solo é questão de tempo. Necessita disciplina, John. Por fim está voltando a fazer sua vida normal e se tornou a ficar em seu piso. Uma vez que a seqüestre, teremos que ser rápidos para apanhar também à outra irmã.

—Já tenho gente que nos pode ajudar com isso e com o seqüestro da Antonella de amanhã.

—Espero que sejam mais competentes que os idiotas aos que contratou a última vez. Nesta ocasião não quero enganos nem que apareça nada nas notícias da noite —o brigou o velho—. perdemos semanas esperando a que se acalmasse a tempestade. Manten alerta.

Saiu coxeando da habitação.

John ficou olhando à tela. Antonella se estava estirando com a cabeça para trás. Tinha um corpo forte, flexível, com curvas… Se juntou e seu rabo se movia desesperado. lambeu-se os lábios. Ela se massageou as têmporas e enrugou um pouco a frente. Doía-lhe a cabeça. Pobrecita, trabalhava tanto. Necessitava que o grande John lhe desse uma massagem no pescoço. Depois lhe arrancaria aquelas calcinhas que o punham tão brincalhão e as meteria na boca para que se esquecesse por completo da dor de cabeça. Era o mínimo que ele se merecia, depois de todos aqueles inconvenientes.

## Capítulo 2

_

Grazie por sua chamada, signorina D'Onofrio —disse o ispettore Osvaldo Tucci, a pessoa do commissariato que atendeu sua chamada ao final—. Não temos perseverança de que tenha desaparecido nenhuma pessoa do Castiglione Sant'Angelo e, para lhe ser justifico, se não nos pode dar o sobrenome nos vai levar muito tempo…

—A isso referia —lhe discutiu Nell, cabezota—. Se viajou a Nova Iorque faz semanas, por que ninguém foi à polícia para notificar que desapareceu? Ao melhor o poderiam comprovar. Sei que vivia no Palazzo de Luza e que esteve casado com a Lucia de Luza entre 1957 e 1964. Isso não ajuda?

—Não conheço os habitantes de todos os palazzi das famílias nobres do Castiglione Sant'Angelo —disse o ispettore Tucci, com a paciente voz de um profissional—. Há muitos e eu sou de fora. Transferiram-me da Calabria. Mas lhe asseguro que o investigaremos e contatarei com a detetive Lanaghan logo que me seja possível.

Despediram-se amavelmente e Nell pendurou, frustrada e insatisfeita. Já se tinha imaginado que não ia ser fácil, mas teria estado bem conseguir algo.

Esteve entretida com o serviço de comidas do Sunset, o qual agradeceu porque assim pôde evitar lembrar do triste final do pobre e velho Marco e aumentar sua inquietação ao perguntar-se se teriam forçado a Lucia a presenciar a morte de seu marido. Aquele pensamento lhe gelava o sangue.

Às três e quinze, Nell sentiu que lhe arrepiava o pêlo da nuca, como sempre. Levantou a vista da vitamina de plátano e kiwi que estava preparando e o viu.

A verdade é que se alegrava ao sentir aquela emoção. Era sua droga favorita. Aquela analogia lhe dava medo mas, bom, tampouco tinha muitas coisas pelas que emocionar-se aqueles dias, assim que se conformaria com o que fora chegando.

Ele olhava zangado a sua mesa de sempre, que estava ocupada. sentou-se em outro sítio e tirou o ordenador. Monica levantou o queixo e o assinalou lhe indicando a ela que se aproximasse. Em realidade estava em sua seção, não na do Nell. Joder, até a Monica sabia.

Norma lhe tocou o ombro.

—Lhe sirva o lombo rápido, Nelly. Parece que tem fome.

—Não quero lhe levar o mesmo outra vez —disse Nell rebelde—. Pede o mesmo todos os dias. Isso não pode ser bom para sua saúde. além de que está cheio de graxas saturadas e não é nada nutritivo. Todo mundo precisa provar algo novo de vez em quando e trocar um pouco. Renovar-se ou morrer!

—Em vez de nos dizer isso , coração, tenho uma sugestão. Vê e lhe diga que necessita uma mudança. lhe ofereça o wok de tofu e cajus, o curry de grãos-de-bico ou um jantar contigo.

—Está louca? —disse Nell, espantada—. Se nem sequer sabe que existo!

—E de quem é a culpa? Estaria irresistível se te cuidasse um poquito! vá levar lhe o café, anda.

Nell saiu como um bólido ao comilão, cansada de tanto sermão e curvada. Pôs a jarra de café na mesa de atrás do homem de cabelo negro com mais força do normal, deixou o menu em meio da mesa e se dispôs a apontar na caderneta.

—O que gostaria de tomar? o de sempre? —inquiriu. Monica passou com uma bandeja de sorvetes e deu uns beijos ao ar. Nell ficou olhando-a.

O homem de cabelo negro fez uma careta diante do ordenador.

—por que me pergunta o que quero? Já sabe.

Parecia irritado.

Nell agarrou ar.

—Boa pergunta. Possivelmente lhe tenha dedicado mais tempo do que se merecia, mas estou preparada para respondê-la.

Começou a escrever no ordenador com mais lentidão e ao final parou. Alargou a mão devagar para agarrar a taça de café.

—Adiante.

O coração do Nell deu um tombo.

—Já sei que quer o lombo mas seguro que o dia que não lhe pergunte será o dia em que, por puro capricho, decidirá que quer o frango com batatas.

Tentou soar despreocupada.

—Não acredito —respondeu olhando para cima. Pela primeira vez, concentrou toda sua atenção nela. ficou atordoada. Olhou-a à cara com os olhos entrecerrados. Eram escuros, penetrantes, preciosos. Tinham umas pestanas larguísimas.

—Então —continuou ela—, ao dizer «o de sempre» estou matando dois pássaros de um tiro.

Sou consciente de que tem uma relação com este estabelecimento e que lhe servirei o que prefira. Mas o fato de que pergunte confirma que a vida está cheia de surpresas e que a gente troca. —Pôs a caneta sobre o bloco de papel de notas—. Seu pedido, por favor?

ficou olhando-a durante um bom momento; piscou. Ela ficou esperando. Sentia a barriga cheia de mariposas.

—o de sempre.

Nell o apontou e se foi correndo.

Quando chegou à barra, Norma lhe beliscou a bochecha com aprovação.

—Muito bem! Não é o que te aconselhei que dissesse mas pelo menos se fixou em ti. Não te volte agora porque ele segue te olhando. Não te tira o olho de cima. Venha, que pareça que está tranqüila e ocupada.

—Sim, te faça a interessante —interveio Monica.

—Me deixem em paz. Estão-me envergonhando. Monica, poderia te encarregar você de sua mesa? Não posso voltar ali —lhe suplicou.

—Nem o sonhe —disse Monica sem compaixão—. Todo teu, carinho.

—vou servir a salada de couve —comentou Norma muito profissional—. Ponha o pão na torradeira e te coloque o cabelo detrás das orelhas. Monica, vá a por um bol de sopa e passa me essas verduras.

Norma e Monica montaram os pratos de comida e os colocaram na bandeja que levava Nell, que não parava de tremer. O homem de cabelo negro deslizou o ordenador até um rincão da mesa e a observou enquanto deixava os pratos na mesa. Um formigamento lhe percorreu a pele quando sentiu que a olhava.

Nell ficou direita e se obrigou a olhá-lo aos olhos.

—Necessita algo mais? —envergonhou-se ao notar que lhe tremia a voz.

Ele a olhou de cima abaixo. Devagar, frio, avaliador. arrependeu-se do momento no que se decidiu a chamar sua atenção. Se seguia olhando-a assim, ia se derreter por dentro. queimaria-se e estalaria em um milhão de pedacinhos.

—Nada, por agora —lhe disse simplesmente.

Nell voltou o mais rápido que pôde detrás da barra, onde Monica e Norma a esperavam para rir e felicitá-la entre cochichos.

—Você olhe como se te queria comer. Não te dê a volta! Agarra a cafeteira e vê pelas mesas servindo café —lhe ordenou Norma.

—Bom trabalho, garota. Amanhã te ponha algo mais sexy. Por exemplo, um pulôver ajustado de pescoço voltado. Que não leve mangas para que possa ensinar esses braços tão bonitos que tem. Se não ter te posso deixar um meu —lhe ofereceu Monica.

—Senhoras, se não lhes importa —disse Nell enquanto agarrava a cafeteira. Fez o que Norma lhe tinha ordenado e foi servindo café para acalmá-los nervos.

A verdade é que não tinha muita experiência com os homens. Fazia seus pinitos durante os primeiros anos de universidade mas este tio era outra coisa. Não tinha nada que ver com os meninos imberbes e inofensivos com os que falava de poesia ou de filosofia.

Vá vergonha. Solo tinham falado um momento de tolices e estava desenquadrada, ia dar um ataque.

Do mesmo momento no que ele se fixou nela, invadiu-lhe uma emoção irracional, em parte entusiasmo e em parte medo puro e duro. Não sabia se esse sentimento gostava ou não. Nunca na vida se havia sentido tão vulnerável nem tão feminina e tudo o que ele tinha feito tinha sido despi-la com o olhar.

Não, disso nada. Aquela situação a superava de tal maneira que se estava jogando atrás. Como a galinha que era.

Voltou para a barra depois de preencher as taças de todas as mesas, carregou a cafeteira de novo e aproveitou para olhar de esguelha comprovando que sim, ainda a estava observando. Tinha o

olhar fixo nela, como se estivesse faminto. Seus olhos escuros eram abrasadores. Lhe ia sair o coração do peito.

Norma lhe aconteceu um prato de bolo de maçã com sorvete de baunilha.

—vá levar se o lhe ordenou com firmeza.

—Norma, não posso. De verdade que não posso.

—Pois ou o faz ou te jogo à rua —a ameaçou.

—Venha. A ver se for capaz —lhe respondeu Nell deixando a cafeteira e levando-as mãos às bochechas para cobrir seu rubor—. Me dá igual.

—Garota, se não o faz, começarei a falar em voz muito alta sobre quão pendurada está pelo tio que está sentado ao lado da janela. Juro-lhe isso e não estou de brincadeira —disse Monica enquanto ia elevando a voz.

Nell a olhou como se a fora a assassinar e agarrou o prato. aproximou-se da mesa e o deixou ao lado do ordenador, com cuidado.

—Não me perguntou se queria a sobremesa de sempre.

Aquela voz grave a fez tremer de emoção.

—Já tomei muitos riscos por hoje. —Recolheu os pratos—. Embora ainda não perdi a esperança de que o possa convencer para provar os brownies de caramelo e nozes. —afastou-se da mesa sentindo seu olhar penetrante nas costas.

Ele se levantou, deixou um bilhete em cima da mesa e se foi. Quando se fechou a porta detrás dele, respirou aliviada e se deixou cair em uma cadeira.

Monica lhe deu um golpecito no ombro.

—Bem feito, garota. Isso é ligoteo do bom.

—Não estava ligando! —Nell ficou a cara entre as mãos—. tentei convencê-lo para que provasse algo novo e falhei.

—Vale, mas se não ter sido para tanto por que está hiperventilando? —perguntou-lhe Monica.

—Porque sou imbecil, vale? —gritou-lhe Nell—. Estão de acordo ou necessitam que lhes esclareça alguma coisa mais?

—te tranqüilize, Nelly. —Norma lhe aproximou correndo e lhe beliscou a bochecha—. Monica tem razão. Nem sequer eu o poderia ter feito melhor. Tem-no em brasas. Vêem amanhã cedo e te arrumarei o cabelo.

—Norma, por favor.

—Vamos, princesa, o que te custa fazer feliz a uma velha como eu?

—Trarei-te o pulôver que te hei dito antes e te vou maquiar —disse Monica, que a olhou de cima abaixo—. Necessita um novo look. Que número de pé leva? Tem algum sapato com salto de agulha?

—Para servir as mesas? —perguntou-lhe Nell espantada—. Está pirada.

—Para presumir terá que sofrer —entoou Monica.

Nell ficou de pé.

—vou tomar me um descanso para fumar.

Monica a olhou perplexa.

—Mas se você não fuma.

—Se o fizesse, agora tomaria uma pausa para um charuto.

Saiu pela porta traseira sem tirar o avental e caminhou ao longo da rua ensurdecida pelo ruidoso tráfico e com a cara quente, como se tivesse febre.

Como era possível que fora tão suscetível e se alterasse tanto? Tinha quase trinta anos. Quão único tinha feito era lhe levar a comida, não queria nem pensar o que aconteceria ele e ela… Não, melhor não lhe dar rédea solta a sua imaginação. Já sentia que ia se deprimir.

Tinham passado anos desde sua última relação, e, quanto mais tempo passava, mais lhe custava fazer-se à idéia de ter uma nova. Sua irmã Nancy pelo menos o tinha tentado. ficou-se feita

pó com seus três noivados anteriores mas por fim tinha encontrado ao Liam. Sua determinação e persistência tinham dado bons resultados.

Entretanto ao Nell se o fazia custa acima pensar em tomar tais riscos. Não estava disposta a enfrentar-se ao frio e a tristeza que lhe aguardavam se dava um passo em falso. Acostumar-se a alguém para que logo lhe partisse o coração. Não, obrigado.

A mãe biológica do Nell nunca se assustou dos homens. Elena Pisani era uma mulher formosa que usava sua beleza como moeda de mudança para exercer a profissão mais antiga do mundo. Sempre ia perfeita, em qualquer circunstância. Levava roupa sexy, maquiagem e o cabelo arrumado. Aquelas eram as ferramentas e armas com as que se vendia. Estava quase segura de que essa era a razão pela que ela nunca levava maquiagem e se vestia com vestidos largos e gafotas. Dessa maneira se parecia menos a sua mãe.

Nell tinha sido uma surpresa ingrata para a Elena, um embaraço com o que inexplicavelmente tinha decidido continuar. Durante os primeiros dez anos de sua vida tinha visto como diferentes homens ricos mantinham a sua mãe em pisos esplêndidos por todo o país. Quando lhes parecia bem, Elena levava a sua filha consigo; se não, ficava em algum internado.

Nell já era o suficientemente major para dar-se conta da natureza da relação de sua mãe com estes supostos «tios» quando Elena morreu repentinamente de um tumor cerebral que ninguém tinha detectado. Passaram dez dias do começo de enxaquecas muito dolorosas até que morreu em um sala de cirurgia. Não tinha parentes, nem seguro de vida. Tampouco tinha amigos e seu amante tinha abandonado sutilmente a cena. Assim Nell entrou no sistema de adoção quando tinha dez anos.

Passou três anos terríveis depois de que morrera Elena; havia-lhe flanco muito esquecê-los. Até que a acolheu Lucia. Esse tempo e ter sido testemunha de como sua mãe ganhava o pão eram motivos suficientes para que fora reticente aos romances.

Sabia que não tinha desculpa mas preferia não analisar-se muito. Ler livros era muito mais interessante que estudar-se a si mesmo. Pelo que sim estava segura era de que o trauma de sua infância a tinha convertido em uma romântica empedernida. Era uma viciada nos livros e à poesia. Tinha tido que tomar uma decisão muito simples: escapar através do romantismo ou enfrentar-se ao cinismo brutal. O romantismo era melhor. consolava-se desfrutando-se nos sentimentos mais puros e nobres que o coração humano era capaz de albergar. Que mais dava se eram tolices e frescuras? Eram tolices e frescuras bonitas e dedicaria sua vida às ler, as estudar e as ensinar. A mierda com o mundo!

Solo havia um problema com aquele plano. Um homem de carne e osso, com todos seus defeitos, nunca poderia estar à altura dos ideais românticos. Em especial um homem sem maneiras, sem imaginação e com uns olhos negros que encarnavam a luxúria.

Negava-se a que todo se apoiasse nisso. Talvez era parva mas já tinha visto o que era o sexo sem amor e lhe tinha gelado o sangue. Não obstante, embora era estranho, o olhar lascivo daquele homem não tinha tido o mesmo efeito sobre ela. Nesses momentos não podia dirigir aquela voltagem emocional. Tinha uma carreira profissional que construir, um aluguel que pagar e um Demônio de que cuidar-se. Mas no que estava pensando, ia andando pela rua sem nem sequer dar-se conta do que a rodeava. Tinha que estar mais atenta ou se veria no porta-malas de um carro.

depois de seu turno ficou um traje e um pouco de pintalabios. olhou-se no espelho duvidosa e se recolheu o cabelo em um coque que apertou o mais que pôde tendo em conta o volume e os cachos de sua juba. Não podia fazer nada mais.

Seguiu as instruções que lhe tinha dado o recepcionista e encontrou o sítio da entrevista com facilidade. Atravessou o Midtown e demorou para chegar uns vinte minutos. Entrou em um grande edifício de escritórios, agarrou o elevador que havia na entrada, subiu ao piso dezesseis e encontrou um pôster na porta de um escritório que rezava: «Burke Solutions, Inc.».

Era um espaço grande e bem decorado. O recepcionista, um jovem com olhos saltados e

passarinha, sorriu-lhe enquanto se aproximava.
—Posso te ajudar? —perguntou-lhe enquanto pendurava o telefone.
—Tenho uma entrevista com o Duncan Burke.
—Outra poeta?
Olhou-a como se fora um inseto estranho.
—Né, sim. por que perguntas?
—Não te pode imaginar a gente tão estranha que leva vindo todo o dia. Você parece mais ou menos normal mas nunca se sabe. Direi ao Duncan que chegaste. —Apertou um botão—. Duncan, veio outra poeta. —ficou escutando e pendurou—. Acompanharei a seu escritório, me siga.
Nell o seguiu e esperou enquanto batia na porta.
—Entra —disse uma voz grave.
O recepcionista lhe fez um gesto para que passasse ela primeiro. O sorriso lhe apagou da cara quando viu o homem que se levantava para lhe dar a mão.
Era o homem de cabelo negro.

## Capítulo 3

_

Lhe secou a boca enquanto ele ficava olhando-a, com os olhos entrecerrados. Ela baixou o braço que tinha estendido para saudá-lo. O estômago começou a dar cambalhotas e ficou a mão em cima para acalmá-lo, mas finalmente a retirou em um gesto nervoso.
—Eu a conheço —disse ele devagar.
Nell reuniu um pouco de coragem.
—Lombo, ensopa do dia, bolo de maçã com sorvete de baunilha e um montão de café —lhe respondeu.
—É você a garçonete. —Seu tom era acusador. Era mais alto do que lhe tinha parecido no restaurante, mas, claro, ali sempre estava sentado—. Está diferente.
—Não levo o avental.
resistiu ao impulso de grampeá-la jaqueta. Não era necessário que mostrasse quão tímida era. Além disso, levava a camisa abotoada até acima, não? Nem te ocorra te olhar para comprová-lo, pensou.
—Conhecem-lhes? —perguntou-lhes o recepcionista com os olhos mais saltados, se cabia.
—Isso é tudo, Derek.
Derek pestanejou com inocência.
—Posso-lhes trazer um café?
—Vete, Derek.
O empregado saiu sem fazer ruído e eles ficaram olhando uns compridos e nervosos segundos.
—Disse-me que era uma perita em poesia e que está fazendo o doutorado na Universidade de Nova Iorque.
—E assim é.
—Perdoe que o duvide, mas parece muito jovem.
Definitivamente, tinha que trocar de estilo.
—Farei trinta em outubro. Quer que lhe ensine meu documento de identidade?
—Olhe, senhorita…

—D'Onofrio, sou a senhorita D'Onofrio.

—Senhorita D'Onofrio. Entendo que queira deixar seu trabalho de garçonete por outra coisa, mas não contrato garotas jovens para adornar o escritório. Se não ter os conhecimentos suficientes não me faça perder o tempo. Não seria cômodo para nenhum dos dois.

Nell ficou sem palavras. Vá descarado. Além disso, tinha-lhe dado a entender que era bonita. Um galanteio escondido detrás de um insulto incluso se não se distinguiam muito.

—Tudo o que lhe disse era certo. Se precisa comprová-lo, adiante. Estou mais que qualificada para o posto e me interessa o do horário flexível. É difícil encontrar trabalhos para reunir com o doutorado e dar classes.

—Se for você professora, por que está trabalhando de garçonete? —inquiriu.

—Porque é impossível pagar o aluguel com o que me pagam dando classes —argumentou—. Sou uma pessoa muito ocupada, mas sou quão melhor pode encontrar para este trabalho. Se quer me fazer a entrevista, bem. Se pretende seguir me insultando, irei.

Olhou-o aos olhos e ele ficou observando-a enquanto dava golpecitos com a caneta no teclado durante um momento que lhe fez interminável.

—De acordo. vamos começar.

Ela rebuscou na bolsa e lhe tendeu seu currículum. Ele o leu, assentiu e disse:

—Bem, aproxime uma cadeira.

Nell olhou a seu redor e viu que em todas as cadeiras se acumulavam montões de papéis. O homem, que levava as mangas levantadas, ficou em pé e começou a mover as pilhas ao chão. Lhe marcavam os músculos dos braços.

—Supõe-se que Derek tinha que baixar isto à reciclagem a semana passada —resmungou—. Já se pode sentar.

Nell se sentou no bordo da cadeira com cuidado.

—Estamos criando um videojuego de alta tecnologia. Mais astúcia mental e menos sangre e vísceras. Em várias partes do jogo, para passar ao seguinte nível, o jogador tem que decifrar um mapa, romper um malefício ou vencer a alguma criatura mágica. As instruções para o que têm que fazer estão codificadas em textos cujo estilo deve concordar com o do jogo. Quero que estes textos tenham algum valor artístico, que sejam bons. Expliquei-me bem?

—Sim.

—Levamos semanas entrevistando gente mas não me convenceu nenhum candidato, assim decidi passar a oferta a faculdades e universidades. Pensei que se queria uma escritura de qualidade, teria que ir à origem.

—Tem lógica —comentou Nell—. Ontem à noite me disse que nunca tinha feito algo assim.

—Assim é. Eu não trabalho com jogos mas sim desenho programa com aplicações práticas. O do jogo foi idéia de meu irmão Bruce. Meu papel é me assegurar de que não faz nenhuma estupidez. Gastei-me uma fortuna em desenhistas gráficos e programadores. Não me posso permitir que vá mau.

—Entendo.

—Voltemos para o que necessito de você.

—Claro.

A intensidade de seu olhar lhe deu um toque sensual a suas palavras. Nell apertou as mãos e se obrigou a concentrar-se.

—Por exemplo, para passar ao segundo nível, o jogador encontra um manuscrito que lhe dá três pistas: uma vasilha de prata, um caldeirão encantado e uma adaga com jóias. Terá que jogar o conteúdo da vasilha no caldeirão para saber onde está a adaga, que te conduz ao seguinte nível, onde há um labirinto. Entende-o?

—Né, sim.

—Necessito que escriba algo que lhes dê as pistas mas que deixe margem ao jogador para que encontre os detalhes. Também deve mencionar o objetivo final de todo o jogo.

—Que é…
Moveu-se inquieto na cadeira.
—O resgate de uma princesa encantada. —Nell levantou uma sobrancelha—. Já sei que não é nada original —murmurou incômodo—. Ao melhor nos ocorre algo mais inovador.
—A princesa está bem. Isso sempre vende. Assim que… um videojuego para românticos empedernidos. Que bonito. Justo o que eu gosto.
Duncan deu uns golpecitos com o boli, impaciente.
—Não há nada de romântico nisto. É para frikis da magia e a fantasia.
—E não acredita que resgatar a uma princesa seja romântico?
—Isso dá igual —replicou bruscamente—. O que pode fazer com as pistas?
Recostou-se na cadeira, disposto a esperar. Ela piscou.
—Quer que escriba algo aqui mesmo?
Ele assentiu. Nell se tirou os óculos e as limpou. Era mais fácil olhá-lo agora que o via impreciso.
—Que tipo de poesia gostaria que utilizasse? —perguntou-lhe adotando o tom mais profissional que pôde—. Da temprana ou alta Idade Média? Renascentista? Da antigüidade clássica? Homero, Catulo? Chaucer? Spenser? Sidney? Emparelhado heróico, ao estilo do Pope? Ou algo mais parecido ao Milton?
Voltou-se a pôr os óculos e pestanejou enquanto voltava a concentrar-se em sua cara de falcão feroz. Vá, era potente. Ele se encolheu de ombros.
—Pois não sei o que lhe dizer. Não tenho nem idéia de poesia. Para isso está você aqui.
—Não tem por que saber nada —disse Nell—. Quantas mais pistas me dê, antes poderei lhe dar estrutura ao poema. por agora, vou escolher um estilo arbitrariamente. Um soneto ao estilo do Shakespeare, por exemplo.
Assentiu.
—De acordo. Faça o que cria melhor.
Passou-lhe um caderno e uma caneta. Nell escreveu a lista de elementos: a vasilha, o caldeirão, a adaga, o labirinto e a princesa encantada. Girou a cadeira onde estava sentada para não o ter à vista e deixar que surgisse a magia. O mundo e Duncan Burke desapareceram enquanto ela se isolava deles para concentrar-se em seu cosmos interior.
depois de vinte minutos lhe devolveu o caderno.
—Lhe jogue uma olhada.
Recolheu o caderno.
—Já terminou? Tão rápido?
—É um exercício que estou acostumado a fazer habitualmente e meus alunos também o fazem freqüentemente. A melhor maneira de estudar o estilo de um poeta é de dentro para fora.
Leu o que tinha escrito, olhou-a durante um momento e o voltou a ler sem parar de dar golpes ao teclado com a caneta.
—Segue interessada no trabalho?

A maneira em que regateava aquela bonita garçonete teria sido a inveja de qualquer vendedor de um bazar árabe. Duncan a acompanhou até a porta depois de alcançar um acordo no salário que lhe pagaria, que era major do que tinha previsto. Ela sabia o muito que valiam seu tempo e suas habilidades e ele admirava isso em uma pessoa, sempre que essas capacidades fossem certas, o que ocorria em seu caso. Era boa. O que tinha escrito, sob pressão e enquanto ele a observava, estava muito bem. Esse era o tipo de concentração e de energia explosiva que gostava de lhe dar a seus projetos. Saía caro mas valia a pena.
Solo havia um pequeno problema. Da comida, tinha pensado lhe pedir à bonita garçonete do Sunset Grill que saísse com ele e a fantasia calenturienta tinha alegrado sua tarde como fazia tempo

que não lhe passava. Mas agora aquela suculenta garçonete se transformou em uma empregada chave e o que se imaginou já não seria possível. Miúda mierda.

Derek teve o péssimo critério de aproximar-se dele nesse momento, com os olhos espectadores.

—Assim, Duncan, contrataste a essa garota?

—Derek —lhe disse Duncan tentando aparentar calma—. Recorda que te pedi que levasse todas as fotocópias que há em meu escritório a reciclar?

—Uy —balbuciou incômodo.

—Ativa a secretária eletrônica nos telefones e te ponha com isso, Derek. Agora.

O recepcionista se escabulló sem fazer ruído e Duncan se aproximou carrancudo até a janela. Como coño se converteu aquela garçonete de olhos amendoados em professora de poesia? Quais eram as probabilidades de que isso passasse? Ela o tinha ignorado enquanto escrevia o que lhe tinha pedido lhe dando a oportunidade de estudar a forma sensual de seus lábios grandes. Tinha querido estirar um de seus saca-rolhas e observá-lo enquanto voltava para sua forma original. Suas curvas de garota pin-up só lhe deixavam pensar em como agarrá-la.

Fazia muito tempo da última vez que se deitou com alguém. tornou-se um perito em agüentar a falta de sexo. Lutar com mulheres era muito para ele. As exigências constantes, quão cagadas fazia sem nem sequer saber por que ou os compromissos que não recordava. A necessidade constante de expressar sentimentos que nem sequer tinha. Falar do amor sempre lhe tinha dado acidez. A necessidade perene de saber «para onde ia a relação», que normalmente era direta ao fracasso.

Não tinha o estômago suficiente para lhes mentir. Não era capaz de fingir. É obvio que sentia a necessidade de ter sexo como qualquer tio mas tinha aprendido a escondê-la debaixo do tapete. Exercício, trabalhar muito, duchas frite e, como última opção, sua mão direita. Mas de vez em quando essa necessidade se revelava, saía do tapete e lhe mordia o culo com força.

Esse era o problema, pensou. Hoje no restaurante, quando o tinha provocado, aquela ânsia tinha ressurgido. Como uma besta enjaulada tentando forçar as grades de seu cárcere. Não tinha deixado de juntar-se em toda a tarde.

Agarrou a jaqueta e foi em busca de um pouco de ar fresco. Tinha muitas coisas das que ocupar-se, o trabalho não terminava nunca. Podia estar trabalhando até a meia-noite ou mais tarde, e geralmente o fazia. Mas não essa noite.

Igual estaria bem ir ao ginásio para tirá-la tensão. Já tinha passado ali duas horas pela manhã, de cinco a sete, mas precisava descarregar o excesso de energia antes de fazer algo realmente estúpido.

Chiavam-lhe os dentes enquanto descia no elevador. Seguia suas próprias regras e uma das mais importantes era a de não follar com empregados. antes de cair em algo assim, tiraria-se os miolos. economizaria-se muito tempo e quebraderos de cabeça.

Imaginou-se o cenário perfeito antes de que ela chamasse a sua porta com seu puto currículum de quatro páginas. Uma relação secreta com uma mulher que era muito jovem para estar procurando marido. Uma garota atrativa que se contentasse com noites loucas de sexo, sem muita conversação, solo algum presente caro de vez em quando. Alguém que não tivesse conexão alguma com sua vida familiar, profissional ou social. Não a apresentaria a ninguém e ninguém saberia de sua existência. Seria sozinho dela.

Um par de vezes por semana, um carro passaria a por ela e a recolheria para levá-la a seu piso, onde poderia lhe arrancar a roupa e a faria gritar de prazer até que se esquecesse de seu próprio nome. depois de um café e uns cruasanes, o carro a voltaria a levar a sua casa. Ele tomaria banho e voltaria para trabalho, fresco e recuperado.

adorava ter relações sexuais, mas em condições que controlasse totalmente, sem repercussões nem arrependimentos, e isso era difícil de encontrar.

Infelizmente para esse cenário perfeito, ela não era a garota adequada. A seus vinte e nove

anos era o bastante major para estar procurando marido e estava claro que era complicada, exigente e muito lista para seu próprio bem.

A esta não bastaria com um cilindro. Quereria falar e insistiria em conectar com ele a níveis que ele nem sequer sabia que existiam. Solo pensar nisso lhe dava dor de cabeça. Se não gostava das surpresas com a comida, menos na hora de estar com alguém.

Essa tarde o ar era fresco e o estou acostumado a estava molhado pela chuva. O tráfico não cessava em quão advindas chegavam do centro. Não pensou para onde ia, estava muito concentrado em seu monólogo interno. Tampouco haveria muito problema porque ela estaria trabalhando com seu irmão pequeno muito mais que com ele. Bruce era encantador e o voltavam louco as mulheres. Tinham consertado uma reunião com ele para a tarde do dia seguinte e assim poder falar do projeto. Estava seguro de que se lamberia os dedos quando a visse aparecer e aquele pensamento, inexplicavelmente, irritava-o sobremaneira.

Girou a esquina que dava à Oitava Avenida, deteve-se e se ocultou atrás do toldo de um restaurante. Nell estava no bordo da calçada e levantava o braço para tentar parar um táxi sem muito êxito. Todos os que passavam estavam ocupados. Não obstante, ela seguia tentando-o e olhava a seu redor e a todo mundo que acontecia seu lado continuamente.

Lhe dava muito bem ler a linguagem corporal das pessoas. Tinha estado trabalhando para a NSA como agente no estrangeiro, recolhendo informação, durante muitos anos. Podia reconhecer todos os signos de estresse que mostrava seu corpo.

Tinha medo de algo e isso lhe fez sentir uma curiosidade tremenda. Do que podia ter medo uma garota como ela? De um exnovio ciumento? Isso seria muito típico. Podia lhe arrancar a garganta a aquele imbecil se ela o pedisse.

Esse pensamento também o pilhou despreparado. Lhe tinha coado enquanto se fixava naquele botão à altura do peito que estava a ponto de soltar-se. Que pestanas mais escuras e largas. dobravam-se para cima, para as sobrancelhas, como por arte de magia. Não era o tipo de beleza que se vê nas revistas e isso resultava genial. Não gostava das modelos de bochechas afundadas e palitos por pernas. Gostava das garotas com um bom culo e curvas na cintura e quadris onde poder agarrar-se. Beleza mediterránea: pele suave, bochechas rosadas, peito abundante e covinhas nos joelhos.

Olhou-lhe os joelhos mas a saia desgracioso que levava posta era o suficientemente larga para que não pudesse comprovar como ia de covinhas.

Ao final o pilhou olhando-a. encolheu-se e se fechou a jaqueta. Tinha visto o animal enjaulado, depois de ter tentado por todos os meios mostrar indiferença.

—Está procurando um táxi? —perguntou-lhe ele.

—Sim, mas não há nenhum livre —murmurou Nell, procurando a seu redor com acanhamento—. É difícil quando chove.

ficou olhando-a, sem poder evitá-lo. Mierda, já tinha passado por algo assim. repetiu-se uma ordem: não pense com a franga.

Mas ela tinha medo, era tarde e estava chovendo. Além disso a curiosidade sobre o motivo de que estivesse assustada o corroía por dentro. E, já de passagem, queria saber se tinha covinhas nos joelhos.

—Levo-te a casa.

—OH, não. Obrigado, mas não posso aceitar sua oferta. Não passa nada, de verdade —balbuciou Nell. deu-se a volta e levantou os braços para parar o táxi que vinha, dava igual a estivesse ocupado—. vou caminhar… até que encontre um.

Ou te encontre o Demônio, pensou. Ela e suas irmãs se prometeram que se moveriam em táxi. Coisa que tampouco é que lhe tivesse servido de muito ao Nancy, a que tentaram seqüestrar tirando a de um hotel cheio de gente e enquanto estava rodeada de conhecidos.

—Não. Não vais caminhar. É tarde e está chovendo.

Abriu a boca para voltar a rechaçar sua oferta educadamente. Quem se acreditava que era

para lhe dizer o que podia ou não podia fazer?

Olhou-o aos olhos e lhe esqueceu o que ia dizer. Era de noite e não havia forma de voltar para casa, sentia ferroadas no pescoço e aquela parte do centro da cidade era sombria e estava deserta a essas horas, uma vez que a gente já tinha saído do trabalho.

Aquele homem lhe dava medo mas não era o Demônio. Ela não era uma niñata sem cérebro por muito que ele o tivesse pensado, conforme pôde deduzir de seu comentário sobre não contratar garotas bonitas como adorno. Podia mantê-lo a raia.

Passou-se a língua pelos lábios secos sem pensá-lo e se arrependeu assim que viu que a atenção dele trocava de objetivo e se centrava neles.

—Né, de acordo.

Sentiu a garganta seca, picava-lhe.

Isso foi quão último pôde dizer. Caminharam em silêncio enquanto o acanhamento a afogava. Pelo amor de Deus, acabava de aceitar um posto de trabalho deste homem. Tinham um montão de coisas das que falar mas a voz lhe tinha ficado apanhada na garganta, como se lhe tivessem posto um plugue. Levou-a até uma garagem subterrânea que estava perto do edifício onde tinha o escritório. Nell se tropeçou na rampa que baixava à garagem e apertou a pasta em que levava a descrição do jogo que se supunha que tinha que ler essa noite. Ele a agarrou pelo cotovelo para que não caísse e não a soltou até que não estiveram diante do elegante Mercedes cinza que respondeu ao mando que levava na mão ao iluminar seus focos.

Ajudou-a a subir ao carro e fechou sua porta. Continuava sem poder falar, inclusive depois de ter comentado qual era a melhor rota para chegar a sua casa no SoHo.

depois de um par de minutos no carro foi ele quem iniciou a conversação.

—Do que tem medo?

Havia muitas respostas para essa pergunta; sentiu que algo se removia por dentro. Não sabia o que dizer.

—Do que está falando?

—Pareceu-me que estava assustada enquanto procurava um táxi.

Precaveu-se de que era muito sagaz e se sentiu ao descoberto.

—OH, vá… Não pensei… Bom, surpreende-me que te tenha dado conta.

Lhe lançou um rápido olhar de reojo.

—Sim? por que?

Mierda. Agora se pensaria que o estava julgando ou criticando, só trinta minutos depois de que a tivesse contratado.

—É estranho —disse evasiva—. É muito intuitivo e não pensava que fosse assim.

Enrugou a frente enquanto olhava ao pára-brisa.

—E por que pensava que não o era?

—Não sei. No restaurante, não se inteira de nada do que te rodeia. Nunca estabeleceste contato visual com ninguém e sempre pede o mesmo. É muito fechado e a intuição requer…, bom, ser aberto.

—Ser aberto? —se Rio—. Assim crie que sou fechado. Minha família pensa o mesmo. Assim é Duncan, curto de miras.

—Não queria dizer isso —lhe respondeu com ingenuidade.

—Já sei que há poucas coisas que chamam minha atenção. Mas há uma contrapartida. Quando algo consegue me captá-la fixo em cada pequeno detalhe.

Ela se ruborizou.

—Bom, te agradeço o interesse, mas…

—Ainda não respondeste a minha pergunta. Do que tem medo?

Entrou-lhe a risada nervosa.

—Vá, é como um cão com um osso.

—Minha família me apelida pitbull —aceitou.

Dirigiu-lhe um olhar rápido e nervoso.

—Família? Então está…

—Casado? Não. Falo de minha mãe, meu irmão e minha irmã. Então?

Nell voltou a ruborizar-se ante sua própria pergunta, que era tão intencionada, e a resposta cortante dele. Não havia razão pela que não podia contar-lhe Não tinha nada do que envergonhar-se. Mas, mesmo assim, sua história dava medo, punha a pele de galinha, e aquele tio era o que a acabava de contratar. Além disso, tampouco era de sua incumbência.

Ele ficou esperando e pôde sentir a insistência no silêncio profundo que se instaurou entre os dois. ficaram sentados dentro do carro, com o motor aceso, esperando.

—É uma história larga e complicada —lhe disse com cuidado.

—Temos que esperar a que passe o entupo. Assim estaremos entretidos.

Era certo. O tráfico estava totalmente paralisado.

—Tudo começou faz um par de semanas —começou a relatar Nell—. Quando morreu minha mãe.

Ele a olhou surpreso.

—Sinto muito.

Ela assentiu, aceitando suas condolências, e continuou de maneira simples e seqüencial com sua história de loucos. O ladrão, os pendentes e as cartas misteriosas. O manequim, o joalheiro e sua família, que tinham sido assassinados, e o ataque nas escadas. O intento de seqüestro que tinha sofrido Nancy em Boston. Levou-lhe todo o caminho até sua casa lhe contar aquela tortuosa sucessão de acontecimentos.

Ele estacionou em segunda fila enquanto a escutava sem mostrar reação alguma. quanto mais lhe contava, mais coibida se sentia. Seguro que pensava que era uma louca paranóica ou, pior ainda, uma pirada que necessitava atenção urgente.

—Assim que esta é a razão pela que estou assim —concluiu—. Todas estamos nervosas, assustadas e confundidas. Me vais despedir?

Franziu o cenho.

—E por que ia despedir te?

Encolheu-se de ombros, sentia-se tola, mas antes devia encontrar alguma resposta coerente. Um homem abriu uma caminhonete em frente deles, subiu e se largou, lhes deixando um bom sítio para estacionar, algo inaudito.

Burke ocupou o espaço.

—Melhor te acompanho até a porta.

Vá, que cavalheiresco por sua parte. Estaria bem que o coração deixasse de lhe pulsar como se o fora a explorar.

—Não se preocupe —lhe disse com uma risada surda—. São quatro pisos e não tenho elevador.

—Não passa nada. Estou em forma.

Olhou seu corpo e afogou outra risada com uma tosse seca. dirigiram-se ao edifício e subiram, subiram, subiram. As escadas eram muito levantadas. parou-se em frente de sua porta, contente de ter uma desculpa para estar vermelha e sem fôlego.

—Muito obrigado por me acompanhar a casa. —Ele assentiu e ficou ali de pé, como uma estátua—. Não vou deixar te entrar —lhe soltou sem pensar—. Nem para um café, nem para tomar algo, nem para nada mais.

—Claro. Quase não me conhece. —Mas seguia ali plantado.

—Então? por que segue aí parado? O que é o que quer?

—Algo que não posso ter, imagino —disse em voz baixa. Aproximou uma mão para tocar um dos saca-rolhas que se soltou do coque—. Hoje tive uma sensação muito estranha no restaurante.

—Sim?

Tremeram-lhe os lábios e os apertou com força.
—Pareceu-me que estava tentando chamar minha atenção.
Que preparado, Einstein.
—Bom, imagino que em certo modo sim —disse agitada.
Estirou o cacho e o olhou enquanto voltava para seu estado normal.
—Pois já tem toda minha atenção.
—Já —se Rio, nervosa—, mas agora que a tenho não sei o que fazer com ela.
—Há muitas coisas que pode fazer. É multiusos.
—Ah —sussurrou—. De verdade?
—Sim, de verdade. Surpreenderia-te. —enroscou-se o cacho ao redor do dedo—. Uma vez que a tem, não poderá te liberar dela.
—Já me dei conta. Pelo modo em que olhava esse ordenador, poderia ter passado a seu lado uma manada de elefantes e não te teria dado conta. Mas não vou fazer nada com sua atenção esta noite. Obrigado outra vez por me haver trazido em seu carro. —Duvidou—. boa noite.
—Está sua irmã?
Nell considerou lhe dizer que sim, para apaziguar a tensão, mas não podia mentir a uns olhos tão penetrantes.
—Está de caminho a Delaware. Desenha jóias e as vende em feiras de artesanato.
—Você e suas irmãs têm muita coragem. Passeiam-lhes por aí enquanto têm a um perseguidor detrás de vocês.
Ela se enfureceu.
—Não temos outra opção! Temos que seguir trabalhando!
—Imagino que pelo menos terá um alarme?
—Sim. A melhor do mercado —disse imediatamente.
Apoiou-se na parede.
—Talvez pode investir em um cão.
Colocou-se de maneira que estava encurralada contra a esquina.
—OH, por favor. Nem de brincadeira. Não sabe quão pequeno é meu piso.
—Não, não sei e imagino que não vou ou seja.
—Não —sussurrou, umedecendo-se com a língua os lábios secos—. Esta noite não.
Aquelas palavras lhe saíram de maneira que deixava ver que talvez poderia ter sorte em outra ocasião. Ele sorriu e seu olhar fez que lhe estalassem foguetes na mente, o peito e as coxas. Sentiu como lhe ardia a cara.
Duncan se tirou um móvel do bolso.
—Vamos nos dar os números de móvel. Se tiver algum problema, me chame. A qualquer hora do dia ou da noite.
—Obrigado. É muito amável —sussurrou.
Procurou uma caderneta e uma caneta na bolsa.
Ele enrugou a frente.
—Não é melhor que lhe aponte isso no telefone? Acredito que não terá tempo de rebuscar na bolsa para encontrar o número se for urgente.
—Não tenho móvel —admitiu.
ficou olhando-a, com cara de surpresa, como se lhe houvesse dito que era uma alienígena do espaço exterior.
—Como? Mas está louca?
Nell levantou o queixo.
—Obrigado por compartilhar seus pensamentos.
—Fica este. —Tendeu-lhe o telefone que se tirou do bolso—. Agarra-o, Por Deus! Tenho quatro mais em casa!
—Não, obrigado —lhe respondeu da maneira mais brusca que pôde.

Meteu-se o móvel no bolso e estudou sua cara com uma intensidade que a hipnotizava.

—Solo preciso saber uma coisa antes de ir. Se não, não vou poder dormir esta noite.

Nell elevou o queixo, tentando agarrar ar.

—O que quer saber?

Ele se agachou até que apoiou um joelho no chão.

—Não te assuste —disparou enquanto lhe vinham inumeráveis possibilidades eróticas à mente. Ela se tornou para trás, surpreendida, enquanto lhe levantava a saia. Não podia retroceder, estava pega à parede.

—O que está fazendo? —gritou—. me Solte a saia!

Levantou o olhar com um sorriso de triunfo.

—Covinhas.

Queria que a tragasse a terra. Em vez de ter as pernas largas e magras como Nancy e Vivi, ela tinha os joelhos gordinhos. E que aquele tio, de todos os tios, devesse recordar o era mais do que podia suportar.

—Não me posso acreditar isso. te largue daqui!

—Não, não. São perfeitas, de verdade. Tinha a esperança de que tivesse covinhas.

Ela meneou a cabeça.

—Agora mesmo não posso com isto. boa noite. te perca —disse pondo tudo o mau leite que pôde detrás de cada palavra.

Ele se levantou, devagar. Vamos, acima e mais acima. minha mãe, que alto era. E grande. E cheirava de maravilha, um aroma que lhe enchia os sentidos e a atordoava.

—Não…, né…, move-te —lhe fez notar.

—Não —coincidiu.

Tentou parecer dura. Algo que lhe ia resultar difícil enquanto lhe tremesse o lábio.

—por que não? —perguntou-lhe.

Ele se encolheu de ombros.

—Porque em realidade não quer que o faça.

Miúdas guelra tinha.

—De verdade? Agora também pode ler a mente?

Ele negou com a cabeça, impassível.

—Não, leio a cara, o corpo.

Custou-lhe assimilar essa informação. Além disso, estava vermelha como um tomate, o que não ajudava muito.

—Impressionante —disse com candura—. Mas minha cara e meu corpo não são os que tomam aqui decisões.

Ele se aproximou.

—É obvio que não. —Sua voz era de veludo, acariciava-a—. Têm melhores costure que fazer.

Enquanto estava pensando no que podia lhe responder, sentiu como lhe posava os lábios em cima dos seus.

Respirou com força ante a corrente de energia que a percorreu nesse momento. Um calor intenso a surpreendeu e se expandiu por todo seu corpo. Sentiu como lhe chegava até os dedos, como as ondas de um caudal de água. Muito delicioso para poder resistir.

Levantou-se até ficar nas pontas dos pés e se descontrolou. antes de dar-se conta, tinha as costas pega à parede e o estava beijando locamente. esqueceu-se de tudo e só podia pensar no doce e bem que sabia. Queria mais e o queria já. Lhe agarrou o joelho com uma mão, levantou-lhe a perna, fazendo que rodeasse sua coxa musculosa, e se pegou ainda mais a ela para que o vulto de suas genitálias roçasse contra suas partes íntimas. movia-se com lentidão deliberada que a fazia perder-se em desejo, retorcer-se e gemer.

Colocou-lhe a língua na boca e notou que era ele o que dirigia maravilhosamente aquele

beijo enquanto com uma de suas mãos lhe acariciava o culo.

Nell começou a tremer; estava assustada e desorientada. Tinha perdido o controle. O calor, a luz e o desejo começaram a fundir-se, fizeram-se mais agudos e começaram a crescer para converter-se em algo grande e selvagem… que explorou. Seu grito ficou afogado sob a boca faminta dele. Apertou-a entre seus braços enquanto ondas de um prazer incrível circulavam por seu corpo.

Abriu os olhos; o olhar do Duncan lhe queimava a cara. Tinha os olhos úmidos e não podia parar de tremer. Não podia acreditar. O tinha montado com um desconhecido? Na escada de sua casa? Fechou os olhos. Assim que isso era um orgasmo dos que lhe fazem gritar. Sempre se tinha perguntado como seriam.

Lhe acariciou o queixo com delicadeza, esperando.

—Está preparando alguma decisão mais? —perguntou-lhe com ternura.

Quão único queria fazer era colocá-lo dentro de seu piso. Se podia conseguir todo aquilo estando vestidos por completo e na escada… minha Mãe, era muito. Não, era desmedido. Sacudiu a cabeça. Não. Articulou a palavra com os lábios porque não tinha fôlego para dizê-la em voz alta. Ele deu um passo atrás e a soltou.

—Perdoa se tiver chegado muito longe. —deu-se a volta e, devagar, começou a baixar as escadas—. boa noite.

Nell ficou ali quieta, imóvel. Até que escutou o ruído da porta ao fechar-se escada abaixo. Tirou as chaves da bolsa com estupidez. Tremiam-lhe tanto as mãos que a ponto estiveram de escorrer-se.

Quando conseguiu entrar no apartamento e ativar o alarme, deixou-se cair no chão, como se tivesse as pernas de borracha, e se balançou, com as mãos sobre a boca. Os sons agudos que lhe saíam pela garganta lhe provocavam dor e queimação. Como se fora um instrumento de música e a estivessem afinando. A pressão ia aumentando sem descanso, até deixá-la bem apertada e esticada.

Estava furiosa consigo mesma por ser tão covarde.

Duncan ficou olhando a edição digital que tinha na tela do The Golden Thread Poetry Journal e a enviou a imprimir. voltou-se a ler a série de poemas curtos e líricos que lhe tinha mandado Antonella D'Onofrio enquanto a impressora cuspia páginas sem descanso. Já os tinha repassado dez vezes. Tinham-no desconcertado ou, melhor dizendo, o que o tinha perturbado era sua reação a eles. É obvio, não entendia uma palavra do que diziam e não conseguia adivinhar que demônios tinha querido ela expressar, mas gostava da maneira em que as palavras encadeadas o faziam sentir. Não podia parar de lê-los, uma e outra vez, para tentar manter aquela sensação que lhe escapava das mãos. Era estranho.

E o efeito que tinham sobre sua franga tampouco era muito conveniente. ficou olhando sua ereção, que não baixava. Já tinha tentado ocupar-se dela na ducha. Fantasias selvagens sob a água quente: Nell, nua, molhada e ensaboada, com as costas contra a parede e as pernas colocadas sobre seus braços. Gemendo com cada investida, profunda e úmida. Tinha tido um orgasmo tão forte que a ponto esteve de escorregar, por isso não entendia como podia manter aquela enorme ereção sob as calças. disse-se que tinha que ser a poesia.

Pôs-se ante o ordenador nada mais chegar a casa. Estava muito acordado e brincalhão para ir-se dormir, assim utilizou esse tempo para procurar toda a informação disponível em internet a respeito da saga D'Onofrio. Estava ansioso por chamar a seu contato no departamento de polícia de Nova Iorque e conhecer o caso com mais detalhe, mas era muito cedo.

Decidiu ampliar o alcance da busca para passar o tempo. Esteve lendo alguns dos artigos que Nell tinha publicado em várias revistas literárias sobre a Sara Teasdale, Emily Dickinson, Edna St. Vincent Millay e Safo. Um artigo para o seminário que repartia na universidade. Também encontrou poesia que tinha escrito e publicado ela mesma. Os posts que tinha pendurado em blogs dedicados a

poetas e investigadores. Oficinas online de poesia que tinha avaliado. Movimentos de outro planeta. E a gente diz que os frikis da informática são estranhos e fechados? Os informáticos não têm nada que invejar aos poetas. Parecia que aquilo vinha do espaço exterior.

Olhou que hora era. Quase as cinco da manhã. Já podia chamar. Seu amigo e excompañero do exército era agora detetive para a polícia. Gant lhe devia a vida desde que passaram por vários incidentes sangrentos no Afeganistão. Se ainda não estava levantado, significava que se estava abrandando.

Marcou o número de telefone, que deu doze tons antes de que o agarrasse.

—Quem coño é? —perguntou Gant médio dormido.

—Necessito que me ajude a procurar uma informação.

—Joder. É você. Não podia esperar a que se fizesse de dia?

—Está amanhecendo —respondeu Duncan, depois de jogar uma olhada pela janela para contemplar as espetaculares vista que tinha sobre Nova Iorque, cuja silhueta se esfumava com a chegada do dia—. Necessito os detalhes de uma investigação policial que há no Hempton sobre uma senhora maior que se chamava Lucia D’Onofrio. Morreu de um ataque ao coração enquanto estavam roubando em sua casa faz um par de semanas.

—Ah!, sim? E por que os necessita?

Apoiou a frente quente sobre o frio cristal da janela e duvidou.

—Pois porque me interessa —respondeu evasivamente.

—Como? Desperta a esta hora de mierda só porque está interessado? —Gant deixou de falar um momento—. É por uma mulher, não?

—Isso não é teu assunto —disse Duncan entre dentes.

—Sabia que isto ocorreria. Estranho que é, vivendo tantos anos como se fosse um monge. Sabia que em algum momento teria que cair. Isso é o que passou, não? Está obcecado? Porque se estiver acordado a estas horas é que aconteceste a noite procurando no Google tudo o que pudesse encontrar. Pobre garota, não tem nem idéia do berenjenal no que se está colocando. E o que tem que ver ela com a morte da velha a que lhe deu o ataque ao coração?

—É filha da mulher. Pára de me tocar os ovos e me dê a informação que te pedi —lhe grunhiu Duncan.

—Teremos que esperar. Não vou chamar os até que seja uma hora decente. Por sentido comum, soa-te de algo? Agora vete à cama, Dunc. Ou melhor, vá fazer te uma palha e logo te deita. Até mais tarde.

Seu amigo pendurou o telefone e Duncan deixou cair o seu e lhe deu a volta à cadeira para poder voltar a ler os poemas.

Estava fascinado. Como se uma espécie de janela lhe tivesse aberto na mente, com umas vistas que nunca antes tinha tido. Que mais dava se seguia sem entender uma mierda do que ela dizia? Gostava da maneira em que ressonavam aquelas palavras em seu interior, como um sino grande e potente. Nunca antes se havia sentido assim; tudo por dentro retumbava e vibrava. Era estranho, mas perigosamente bom.

## Capítulo 4

_

Pare aqui —lhe ordenou Nell ao condutor do carro.

O tipo se deteve de um frenazo e agarrou o dinheiro, inexpressivo. estava-se gastando uma

fortuna em táxis mas não podia fazer outra coisa. Agora pelo menos havia tanta gente na rua que se sentiu a salvo ao caminhar o resto do caminho até chegar ao Sunset Grill.

ficou olhando à barbearia enquanto o carro desaparecia. Tinha estado lhe dando voltas toda a manhã, desde que se tinha pego o cabelo na trança grosa e rígida que se fazia todos os dias e a tinha retorcido para criar um coque. Olhou seu reflexo na cristaleira, subiu os óculos e se entreteve observando-se durante um momento.

Escondia-se detrás dos óculos, os vestidos largos e o cabelo encrespado e desgracioso. escondeu-se sob a covarde afirmação de que arrumar-se não ia com ela porque não era uma pessoa vaidosa. Que seu nível intelectual era muito alto e estava por cima dessas coisas.

Vá tolice. depois de menos de dez minutos de dar rédea solta a seu desejo na escada com o Duncan Burke já sentia por ele uma paixão desenfreada. Necessitava todas as armas das que pudesse dispor para as ver-se com ele.

Esse pensamento isolado a fez envergonhar-se. Usar a beleza como arma. Tinha a associação programada sempre. Tinha eleito ocultar seu atrativo porque queria estar fora do campo de batalha.

Mas o combate tinha vindo a seu encontro e já não podia fazer outra coisa que não fora lutar.

Entrou, nervosa, na barbearia, que cheirava a xampu, perfume e produtos químicos. Um homem miúdo que parecia hispano e levava um pendente de pérola lhe ensinou os dentes ao sorrir.

—No que posso te ajudar? —perguntou-lhe.

Nell o olhou com expressão necessitada.

—Queria saber se me poderia cortar o cabelo. Não tenho entrevista.

—Pois vejamos… O que te quer fazer?

—Né, ainda não sei —confessou Nell.

O homem se esfregou as mãos.

—Tem sorte porque uma clienta acaba de chamar dizendo que não podia vir. Por certo, meu nome é Riccardo. vamos pôr nos mãos à obra.

Sem dar-se conta, tinham-na sentado em uma cadeira e a tinham envolto em uma capa de plástico. Os dedos peritos do Riccardo lhe tiraram as forquilhas e lhe soltaram o cabelo que agora lhe caía sobre os ombros. O cabeleireiro fez uns ruiditos de aprovação.

—Posso? —A barbearia se voltou um pouco imprecisa quando lhe tirou os óculos—. Tem potencial, deveria provar a levar lentes de contato —lhe aconselhou.

Nell pigarreou incômoda.

—Pode me fazer algum corte que seja fácil de pentear?

—Claro. Solo vou lhe dar um pouco de forma por aqui, lhe tirar peso e cortar algumas capa para aliviá-lo, assim ficará mais esponjoso. Vê-o?

É obvio, Nell não via nada sem os óculos mas aquela era a barbearia que o destino lhe tinha posto diante, por isso assentiu e se deixou levar.

depois de um momento, pôde voltar a ficá-las óculos e respirar a gosto. Riccardo lhe tinha talhado capas convertendo aquela manta de cabelo frisada que lhe chegava até o culo em uma juba ligeira e brilhante de cachos negros que lhe emoldurava e favorecia a cara e que ainda caía até a metade das costas. Nell não parava de tocar o cabelo com a mão, estava surpreendida com a textura suave e elástica dos cachos, a maneira em que se cavavam por acima. Cheirava muito bem, à máscara, o suavizante e a cera com que lhe tinha massageado a cabeça. Custou-lhe um olho da cara mas pagou com o cartão de crédito sem pigarrear. Agora solo ficava o problema dos óculos. Com seu novo penteado pareciam mais ridículas ainda que antes. Vou passo a passo, disse-se a si mesmo.

Seu novo corte de cabelo causou uma grande sensação assim que entrou pela porta do restaurante. Monica uivou como um lobo e Norma lhe deu voltas para observá-la desde todos os ângulos.

—Carinho, está tão bonita! Sabia que te sentaria genial —exclamou—. Eu gostaria que sua mãe estivesse aqui para verte!

Ao Nell lhe umedeceram os olhos e a abraçou com força.

—Bom, já nos pusemos o suficientemente sentimentais —disse Monica com brutalidade—. Nell, vêem aqui que te pinte.

—Não teríamos que estar preparando a comida? —queixou-se Nell enquanto Monica a sentava em uma das cadeiras.

—Não passa nada, bonita. Podemos abrir cinco minutos mais tarde —lhe respondeu Norma, indulgente—. Que tal foi a entrevista de trabalho?

—Ah. A entrevista de trabalho. —Nell se preparou, enquanto Monica lhe elevava a cara para lhe pintar a raia negra nos olhos—. Foi muito interessante.

—Ah!, sim? E como é isso? —perguntou Norma enquanto baixava as cadeiras de em cima das mesas.

—Não me acreditariam, nem em um milhão de anos, se lhes dissesse quem me fez a entrevista.

Norma e Monica ficaram quietas um momento.

—Não pode ser, garota…

—Não refere a… Me está tentando penetrar isso, Nelly. Não me posso acreditar isso.

—Acredite-lhe isso —Lamentablemente, sin ellas estoy más ciega que un topo.

Houve um silêncio e quando Nell se deu a volta pôde ver como Norma e Monica se sorriam como loucas, incrédulas.

—Perguntou-te se queria sair com ele? —Monica lhe jogou a cara para trás para aplicar a máscara de pestanas—. Te entrou? Beijaste-lhes?

As seqüências sensuais da noite anterior na escada lhe passaram pela cabeça durante um instante atemporal e ficou vermelha como um tomate.

—Sim, claro —mentiu—, mas se quase não o conheço.

—E? Tem que agarrar o touro pelos chifres, bonita!

—Oxalá fora tão singelo. Mas agora é meu chefe e vou reunir me com ele quando terminar meu turno para falar de…

—Sério? Quer dizer que te contratou? minha mãe! Este mundo vai muito depressa para uma velha como eu. E justo agora Kendra me há dito que tem o síndrome do Epstein-Barr. Mas bom, imagino que tudo vale no amor e na guerra.

—Norma, não o entende. —Nell se moveu quando Monica lhe aconteceu a broxa com a maquiagem em pó pela cara—. Monica, faz-me cócegas.

—Estate quieta, garota. Me vou manchar por sua culpa. me deixe que ponha o pintalabios e já te pode olhar ao espelho.

Nell se dirigiu ao banho assim que terminou e seu reflexo a sobressaltou. Seus olhos pareciam maiores, mais luminosos. O tom da barra de lábios era um vermelho profundo e sexy. O cabelo lhe caía com graça, uma bonita juba de saca-rolhas negros. Estava… justo como sua mãe. voltou-se a olhar ao espelho e tragou saliva.

—O que me diz, garota? Está incrível ou está incrível?

Nell se forçou para sorrir a sua colega de trabalho.

—Sim, é uma artista, Monica. Obrigado —disse enquanto se tirava os óculos do bolso do avental.

—Tem que as levar? —queixou-se Monica—. Estragam o efeito!

—Infelizmente, sem elas estou mais cega que uma toupeira.

—Bom. De todas maneiras, inclusive com elas postas está melhor. Ao senhor Lombo vai dar algo quando te vir.

—Chama-se Duncan Burke e não vou fazer nada com ele —resolveu Nell—. É meu chefe e não vou comprometer meu trabalho.

—isso OH é fantástico —disse Norma aparecendo a cabeça pela porta do banho—. O morbo do proibido. te olhe, é um caramelito. Lombo vai se ficar com a boca aberta. Te vais pôr lentes de contato, Nelly?

Nell passou a seu lado, com a cabeça bem alta, e ficaram a rir como bobas.

Chegaram as três e meia e não havia nem rastro do Duncan Burke. A tarde perdeu todo seu atrativo. Tinha pendurado na bilheteria o vestido de algodão cor nata que se comprou para a festa de compromisso do Nancy. Era o mais bonito que tinha no armário de casa. imaginou a si mesmo entrando no escritório com aquele vestido ligeiramente ajustado e lhe deu um calafrio.

Vá. Estava claro que a situação era um problema. Ele, acima de tudo, era seu chefe, além de um grosseiro, arrogante e presunçoso. Também sofria de uma enorme falta de imaginação, se se atia aos hábitos que tinha observado nele, e não podia passar por cima a obsessão fetichista por seus joelhos gordos. O melhor seria que se estivesse quietecita.

Já. Então, por que se tinha gasto todo o dinheiro que tinha na barbearia? por que se tinha maquiado? por que havia se trazido um vestido ajustado? por que se tinha arrumado? Devia ser sincera consigo mesma.

Tentou induzir-se tranqüilidade ao recitar as primeiras dezesseis linhas do prólogo dos Contos do Canterbury do Chaucer uma e outra vez enquanto trabalhava as intermináveis horas do turno daquela tarde.

Quando o terminou, meteu-se às escondidas na parte traseira do restaurante para trocar-se, embora não tinha que haver-se incomodado já que tanto Norma como Monica estavam esperando-a na porta quando saiu. Monica a agarrou do queixo e lhe repassou a barra de lábios à força.

—Boa sorte, garota.

—Tome cuidado, carinho —disse Norma com os olhos chorosos.

—E não se esqueça de levar destes. —Monica tirou um pacote com três camisinhas e os meteu na bolsa—. Lhe comprei isso durante uma de minhas pausas. Sempre terá que ir com cuidado. Ouve-me?

Nell sentia muita vergonha.

—Como são! É sozinho uma reunião de trabalho!

Agarrou um táxi pensando no que tinha prometido a suas irmãs apesar de que fazia uma tarde muito agradável para passear e subiu no elevador até a planta dezesseis. ficou de pé diante do despacho, agarrando forças, e abriu a porta.

Quando entrou, fixou a vista nos olhos do Duncan. Lhe percorreu o corpo com o olhar, enquanto sentia como lhe contraía a garganta.

—É você.

—Tínhamos ficado a esta hora, não?

—Sim, claro, passa.

Arrependeu-se de levar esse vestido. Não se atia de maneira provocadora mas a forma em que ele a olhava a fazia sentir como se estivesse tombada nua e envolta em seda, como uma Betsabé em um quadro antigo. Vêem por mim, é você o que corre o risco. Ou talvez era ela…

—Tem-te feito algo no cabelo.

O tom era desaprobador.

—Sim, por que? —disse, confusa.

Ele estudou seu novo penteado com os olhos entrecerrados e estava a ponto de falar quando um jovem muito atrativo irrompeu na estadia e lhe lançou um sorriso deslumbrante e lhe apertou a mão durante um bom momento.

—Vá, Duncan me havia dito que é uma escritora excelente mas não me tinha comentado que fosse tão bonita. Posso tutearte, verdade?

—Não, não pode —o cortou Duncan—, e lhe solte a mão. Senhorita D’Onofrio, apresento a meu irmão pequeno, Bruce. Desculpe seu pouca profesionalidad. —deu-se a volta e passou ao lado dos olhos saltados do Derek, para a sala de conferências—. vamos começar.

Sentaram-se ao redor da mesa e Bruce começou a falar.

—Senhorita D'Onofrio…
—Não há problema em que me tutees —disse ela para romper o gelo.
—Prefiro que sigamos nos tratando de você —disse Duncan.
Houve uma pausa incômoda.
—Ah —murmurou Bruce—. Como ia dizendo, senhorita D'Onofrio, Duncan me ensinou a prova que fez por escrito e fiquei muito impressionado. Imagino que lhe terá jogado um olho ao resumo do argumento que lhe passamos.
—É obvio —disse. A noite anterior, depois do incidente da escada, foi impossível concentrar-se. Mas essa mesma manhã lhe tinha jogado uma olhada enquanto se bebia o café do café da manhã e a tinha surpreso gratamente.
—O que opina? —perguntou Duncan com impaciência.
Nell passou as folhas da pasta com a mão.
—Acredito que é muito bom. A história é absorvente e os gráficos são preciosos. Não obstante, acredito que as eleições que tem que fazer o jogador são muito… —duvidou, reacia a fazer uma crítica.
—Muito o que? —perguntou-lhe Duncan com brutalidade.
—Lógicas —respondeu nervosa.
Os dois homens a olharam; pareciam perdidos.
—Se querem atrair a gente que está interessada na literatura e a mensagem, deveriam usar elementos mais românticos e mágicos —continuou.
Duncan grunhiu. Sua cadeira chiou como protesto quando se separou da mesa. Nell prosseguiu com sua explicação.
—Seria interessante desenvolver algum giro na trama apoiado em um ato de fé, para que o sentimento de mistério seja mais intenso e fomentar mais a imaginação. Tomemos o título, por exemplo. A adaga e o espinho soa um pouco…
—Bicudo? —sorriu Bruce—. Fálico?
—Né, não, sonha muito a jogo de guerra —disse Nell com pausado acanhamento—. Muito masculino. Eu lhes recomendaria usar algo mais evocador, mais mágico. Enquanto lia a seqüência seis do bosque com o lago e os cisnes mágicos pensei no ovo de ouro.
—O ovo de ouro —meditou Bruce em voz alta—. Tem possibilidades.
—Eu gosto de —anunciou Duncan.
Bruce o olhou incrédulo.
—Você gosta? De verdade? Mas se nunca em sua vida te gostou de nada imaginativo ou evocativo!
—Não, isso não —disse Duncan com impaciência—. Me referia ao cabelo.
Os três ficaram em silêncio. Não sabiam o que dizer.
Duncan enrugou a frente.
—por que põem essas caras? Ao princípio não me gostou mas agora troquei que opinião. É tão difícil de entender?
Bruce falou com amabilidade depois de outra pausa silenciosa.
—Né, senhorita D'Onofrio, não tive o prazer de saber como levava o cabelo com antecedência pelo que não posso fazer comparações, mas posso assegurar que o estilo que leva agora fica muito bem.
—Uh, obrigado —respondeu Nell, que sentia como lhe ardia a cara.
—E se tiver recebido a aprovação de alguém tão reticente à mudança como meu irmão, me crie, é uma adulação.
—te cale, Bruce —lhe ordenou Duncan.
—Sua conduta é muito pouco profissional, Dunc —murmurou Bruce.
Nell entrelaçou as mãos com força.
—Me alegro de que goste de meu cabelo, senhor Burke, mas preferiria falar do que pensa

sobre minhas idéias.

—Eu não gosto de —lhe respondeu Duncan sem pensar-lhe duas vezes.

Nell tragou saliva.

—Ah, já vejo —disse em voz baixa.

—Não quero um conto de fadas interativa. Quero uma busca e fantasia. Com o que expõe seria impossível ir passando de nível a nível —explicou Duncan.

—Mas essa é a idéia! A razão não é a única ferramenta que tem a gente para resolver os problemas —lhe discutiu Nell—. Há uma princesa encantada por resgatar. Deveria ser romântico e surpreendente.

—O problema é que odeia as surpresas —disse Bruce entre dentes.

—Fecha o pico, Bruce —repetiu Duncan.

—Baixa as garras, Dunc, está-a assustando —o acautelou Bruce.

—Para nada —mentiu Nell—. Não me assusto tão facilmente.

Duncan se levantou com tal veemência que a cadeira se chocou contra a parede e soou um forte ruído. Saiu a pernadas da habitação.

Nell observou como se fechava a porta detrás dele com preocupação.

—Hei dito algo mau?

—Não, não se preocupe —lhe assegurou Bruce—. Duncan é assim. Eu estaria tranqüila. Gosta. Suas idéias são fascinantes e tudo vai bem.

—Obrigado —disse ela, confusa.

—Não lhe faça muito caso. Duncan está muito nervoso porque houve muitas mudanças na empresa desde que começamos a trabalhar em meu videojuego e todo seu mundo está algo revolto. Acalmará-se.

—Mas odeia meu…

—Não, não odeia nada. Solo se está levando como um casulo por pura diversão. Não empreste atenção ao que diga. Não pode evitá-lo. Simplesmente está programado assim. Sabe que antes era um espião?

Nell estava surpreendida.

—Não. Não sabia.

—Sim, era parte da equipe de inteligência e análise da Agência Nacional de Segurança. Passou muito tempo no Afeganistão e outros lugares com conflitos armados candentes e desagradáveis. Me consolo pensando que o ter sido um espião influiu em que se converteu em um bode suscetível, mas a verdade é que foi assim desde que fomos meninos. Assim não espere que troque.

—Não me havia nem passado pela cabeça —murmurou ela.

—É um gênio quando se trata de algoritmos para o desenho de base de dados —continuou Bruce—. Seu maior cliente é o governo dos Estados Unidos. Tudo é sempre de uma seriedade entristecedora: segurança nacional, ameaça terroristas, tripas e sangue…, assim que um pouco tão frívolo como um videojuego o volta louco. —Bruce pôs os olhos em branco—. Se sentirá melhor quando começar a nos chover pasta de todas partes. Gosta do dinheiro, você siga contribuindo com idéias e se fará de ouro.

—De acordo, e de verdade que pode tutearme.

Bruce sorriu.

—Fará-o bem. —levantou-se, rodeou a mesa e se sentou a seu lado—. Acredito que deveria começar por aqui.

Continuaram intensamente concentrados meia hora mais durante a que os dois estiveram planejando como priorizar as entregas de quão contidos eram mais urgentes. Era divertido e se estava começando a entusiasmar com aquele trabalho, apesar de que, com toda probabilidade, teria que lutar com alguns problemillas como, por exemplo, dormir, para seguir o calendário que lhe tinha marcado Bruce. Os textos que necessitava Bruce para a tarde do dia seguinte suportavam doze

horas de trabalho e tinha um comprido turno que cobrir no restaurante entre meias. Mas bom, não era a primeira vez que fazia algo assim.

Solo havia uma coisa que a deixava perplexa.

—O que acontece seu irmão? Detesta minhas idéias.

—Lhe ignore aconselhou Bruce—. De verdade, faz o que melhor te pareça mas faz-o rápido, faça o que faça, porque tenho aos programadores e aos desenhistas gráficos trabalhando no nível seis e precisamos nos pôr ao dia com os conteúdos. —Olhou a seu redor com uma cautela exagerada e lhe beijou a mão com galanteria—. Nosso segredo profissional —lhe sussurrou.

Nell se estava rendo quando se abriu a porta. Duncan ficou parado em meio da sala, com o cenho franzido.

—Que coño está passando?

Bruce tinha cara de culpado.

—Né, nada. —ficou olhando-os aos duas e sua cara deixava adivinhar que estava pensando, calculando—. Ao melhor tem feito uma idéia incorreta —lhe disse—. Eu não… Olhe, Duncan, não te falei que a garota nova com a que estou?

—Não —disse Duncan, frio como o gelo—. Mas tampouco tem importância.

—Chama-se Melissa —seguiu Bruce, impertérrito—. É um bombom e estou coado até os ossos. Tenho-lhe isso que apresentar. adora a poesia e é superromántica. Por certo, Nell, necessito sua ajuda com uma poesia pessoal. —Bruce lançou um sorriso de soslaio a seu irmão e piscou os olhos o olho a ela.

Nell ficou desconcertada.

—O que necessita?

—A Melissa adora a poesia e quero impressioná-la. Poderia-me sugerir algum poema que esteja bem para que o possa memorizar? Para, já sabe, derretê-la.

—Isso depende de seus gostos. Mas antes de que te recomende um, preciso saber uma coisa. Que intenções tem?

—Não resulta óbvio? —disse Bruce com olhar pícaro.

Nell enrugou a frente.

—Não necessariamente. Se quer dizer que realmente te interessa essa mulher, aconselho-te que não tente fingir algo que não é. Assim solo conseguirá decepcioná-la quando descobrir a verdade, coisa que fará, não te engane.

—Não sou um neandertal —exclamou Bruce indignado.

—Por outro lado, se não ir a sério e quão único pretende é usar a essa mulher para…, né…

—Saciar seu apetite? —ajudou Duncan.

—Para saciar seu apetite e depois deixá-la destroçada e amargurada, é um porco e não te merece minha ajuda. Em ambos os casos, não me interessa, assim esquece-o. vá ler um pouco de poesia de verdade. Expande seus horizontes. te aponte a um curso. Vá à biblioteca pública. Boa sorte.

Cruzou-se de pernas e ficou olhando-o com dureza por cima dos cristais de seus óculos. Bruce lhe devolveu o olhar também durante um momento, perplexo, e começou a rir.

—Serve para este trabalho. É perfeita.

—Obrigado por compartilhar sua opinião, Bruce —disse Duncan—. terminamos por hoje.

A voz do Duncan cortou as gargalhadas.

Bruce afogou sua risada e afirmou com rapidez:

—Né, sim, já vou. Vos sotaque que solucionem… suas coisas. Até mais tarde.

Saiu da habitação, ainda fazendo esforços por não soltar uma gargalhada. A porta se fechou e um silêncio profundo os envolveu de novo. Nell ficou olhando as silhuetas da cidade sem as ver, com a língua seca e muito nervosa. Bruce era agradável e seu entusiasmo conquistava a qualquer, mas Duncan era um problema. Ela não contava com uma auto-estima descarada que lhe permitisse simplesmente ignorar sua desaprovação. Para isso necessitava a valentia e a falta de vergonha que

nesses momentos, com o Demônio nos talões, faltavam-lhe. Necessitava toda essa bravura para poder sair à rua todos os dias e não ficava mais para gastar em brigas com homem sexis e difíceis. Pelo amor de Deus. Não tinha valor nem para falar com ele.

Bom. Que mais dava. Suspirou. Se não funcionava, não estaria pior do que estava antes. Era hora de ir-se a casa, jantar algo diante da televisão e ficar a trabalhar em poesia épica sobre duendes, demônios e buscas sagradas. Havia trabalhos de noite muito piores que aquele. Pelo menos não era telemarketing.

Levantou-se e se esclareceu garganta.

—Bom, hum, vou…

—Não, não vá ainda. Temos que falar.

O coração lhe acelerou.

—Vale —alcançou a dizer—. Do que?

—Perdoa o grosseiro que fui antes. Meu irmão não parava de chincharme.

—Já o vi.

—Não deveria havê-lo pago contigo —acrescentou.

—Aí tem razão, não deveria ter feito isso —esteve de acordo Nell.

Um sorriso apareceu e desapareceu por sua cara durante um instante tão breve que se perguntou se o tinha imaginado.

—Esta situação me volta louco —declarou com outra breve sorriso.

Nell se esclareceu garganta com delicadeza.

—Que situação?

Duncan se encolheu de ombros.

—Este projeto. Eu desenho programas especializados em armazenar dados e analisá-los, e o faço muito bem. Entendo para o que servem, a quem vender-lhe e o que estão dispostos a pagar, mas Bruce apareceu por aqui com sua idéia sobre o videojuego e não pude convencer o de que não era boa idéia. Ou seja a quem lhe teria pedido o dinheiro se eu me tivesse negado a participar, assim agora…

Parou de repente, girou-se e olhou através da janela. Ela observou a linha nítida de sua silhueta. As sombras da luz tênue da habitação lhe acentuavam as duras facções da cara.

—Agora? —animou-lhe Nell a seguir.

—Não sei nada sobre jogos. Nada de nada e isso eu não gosto. —Sua voz soava entrecortada —. Eu gosto de conhecer todos os fatores que intervêm em um projeto e ódio as surpresas.

—Como com o lombo —aventurou Nell.

ficou um momento pensando-o, girou-se e a olhou.

—Sim, imagino que sim.

Nell se inclinou sobre a mesa, entrelaçando as mãos.

—Bom, a sopa troca todos os dias e foste valente para provar uma nova cada vez.

—Estão todas bastante boas. —aproximou-se dela—. Hoje não fui ao Sunset Grill a comer.

—Lhe sentimos falta de —disse Nell com a pouca voz que lhe saía do corpo—. Havia um guisado de lentilhas que poderia ter tomado.

Quando deu um passo mais para ela a sombra lhe cobriu o rosto por completo, desenhando sua silhueta em contraste com os edifícios iluminados ao fundo.

—Não odeio suas idéias. É sozinho que contradigo tudo o que diz meu irmão. É um ato reflito.

—Não deveria chincharte. Todo homem que leva seu próprio negócio sabe o que significa arriscar. O que é o que está arriscando Bruce? Está desenvolvendo seu projeto usando seu negócio como trampolim. O que tem que perder? Já o está financiando você. É você o que assume todos os riscos!

Surpreendeu-se por seu próprio ímpeto. Não podia lhe ver a cara mas lhe pareceu que estava sonriendo.

—Obrigado por dizer isso. Agradeço-te sua compreensão.

Lhe pôs a pele de galinha enquanto ele se aproximava outro poquito mais. Tanto que pôde cheirar o aroma fresco e lhe vigorizem de sua camisa.

—De nada —sussurrou enquanto observava sua silhueta inescrutável.

—Hoje falei com a detetive Lanaghan —anunciou de repente.

Denise Lanaghan era a detetive chefe da investigação sobre o caso da Lucia. Escutar seu nome naquele contexto a desorientou.

—Que tem feito o que? Mas por que?

—Solo queria saber como estão progredindo com o caso.

Da surpresa passou à raiva em segundos.

—OH, já o entendo. Queria comprovar se a história que te contei era verdade ou era minha paranóia, não?

Duvidou um momento.

—A verdade é que não. Para nada. Um par de minutos de busca em internet serviram para corroborar sua história.

Isso a incomodou ainda mais.

—OH, assim é certo. investigaste sobre mim. Espiaste-me em internet.

—Eu não o chamaria espiar. Não me meti em nenhuma conta privada. Solo consultei o que está à vista de todo o mundo.

—Mas por que? Para bisbilhotar sobre minha vida?

Encolheu-se de ombros; não parecia arrependido.

—Estava-me interessando por ti.

—Bom, quero que saiba que este nível de interesse me altera e nestes momentos quão último preciso é que alguém me ponha mais nervosa do que estou. Entende-o?

Assentiu, mas não se desculpou.

—Contigo é tudo ou nada —afirmou Nell com aspereza—. Ou me ignora por completo ou me põe debaixo de seu microscópio. Bom, é igual. O que te há dito Lanaghan?

—Mais ou menos o que me contou você ontem à noite. Não progrediram muito mais.

—Não. Esse tio é bom, não deixou nenhuma pista: nem rastros, nem DNA, nada. Até o todoterreno que utilizou em Boston era roubado. —Aquela idéia lhe gelou o sangue, assim tentou apartá-la e pensar em outra coisa—. Que mais costure encontrou sobre mim em internet? —tratou de lhe surrupiar—. Imagino que tem lido o trabalho sobre a Christina Rossetti do curso que ensinava o trimestre passado? Ou te centrou nas transcrições arquivadas das mensagens do foro de poesia online?

—Sim, encontrei os dois. Mas meus favoritos são os poemas curtos que publicou para o The Golden Thread Poetry Journal em janeiro.

ficou de uma peça. Abriu e fechou a boca.

—Ah, a verdade, é que solo estava brincando. Sobre o fato de que as… todo isso.

—Pois eu não.

O silêncio irrompeu entre os dois, pesado como uma pedra. Duncan fez um gesto com a mão.

—Não me interprete mal. Não é que possa manter uma conversação inteligente sobre estes temas. Sou incapaz. Se te for sincero, não tenho nem a mais remota idéia do que tentava dizer com nenhum desses poemas.

Ela ficou a quadros.

—E como sabe se lhe gostaram?

Deu-se conta de que não se sentia cômodo ao ver como se movia nervoso e olhava pela janela.

—Não sei. Mas eu gosto. Eu gosto do que me fazem sentir.

Essa estranha confissão a assombrou ao tempo que a comovia.

—É uma das coisas mais bonitas que ninguém haja dito jamais sobre minha obra. Obrigado.

Foi aproximando como uma sombra até que ficou justo diante dela. Tão perto que sua aura lhe interferia com as ondas do cérebro.

—De nada —disse em voz baixa e aveludada—. É a primeira vez em minha vida que acerto com algo assim e foi por acidente. Sorte pura e dura.

—Não diga isso —o brigou, sem fôlego—. Não é algo que acerte ou falta. É questão de emprestar atenção e dizer a verdade.

Ele tocou um de seus cachos de cabelo, estirando-o e deixando que voltasse para sua forma original.

—Não tenho nenhum problema emprestando atenção ou dizer a verdade.

—Né, não, seguro que não —gaguejou.

Enrolou-se outro cacho ao redor do dedo, acariciando sua textura.

— Me diga qual é o prêmio por acertar, Nell. —A vibração profunda de sua voz fez que a pele lhe arrepiasse. Seu fôlego era tão quente, cheirava a café e a hortelã—. ganhei algum ponto?

—Já estamos outra vez —protestou em um murmúrio—. Isto não vai de pontos e prêmios.

Posou os lábios sobre sua têmpora.

—Ah, não? —Passou à bochecha. Sua voz era um delicado pincel que brincava com suas terminações nervosas—. Pois do que vai, Nell? Insígnia me. me ilumine. Compartilha sua sabedoria.

Jogou a cabeça para atrás. A mão dele, forte e cálida, estava preparada para sujeitá-la, para embalá-la.

—Não te ria de mim —sussurrou Nell.

—Por nada do mundo —prometeu ele em um murmúrio enquanto a beijava.

Era como se uma luz a iluminasse de dentro. Sentia que um calor delicioso invadia cada esquina de seu corpo, como um animal sinuoso e poderoso que estivesse em seu interior e acabasse de despertar. Um ser que não lhe tinha medo algum, OH, não, nem um poquito. Aquela parte elegante e animal sabia exatamente o que queria dele e sabia que tinha muito para dar. Quantidades enormes.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços e o pediu. Ele, surpreso e satisfeito de uma vez, deixou escapar um ruído de sua garganta e se colocou entre as pernas dela, que estava sentada sobre a mesa. Tinha uma mão estalagem em sua cabeça e a outra em seu culo.

Tinha beijado a homens antes e a tinham beijado. Também tinha tido sexo, embora não muito. Inclusive o tinha passado bem, mais ou menos, mas nunca tinha sido como com ele. Antes, sempre tinha existido uma parte dela que permanecia alerta, era crítica e inquisitorial. Tinha tentado deixar-se levar e experimentar a magia, a paixão enlevada da que falavam os poetas, mas uma parte dela sempre tinha permanecido fria e impassível.

Com o Duncan não teve problema algum em deixar-se levar. Ao contrário, o problema era tentar conter-se. Queria comer-lhe despi-lo e montá-lo sem piedade. Seu sabor era incrível. Lhe abriu a boca, ela enredou os dedos em seu cabelo, grosso e liso, e começou a roçar-se contra ele, incapaz de parar. Ele a dobrou sobre a mesa até que lhe soltou o cabelo e ficou apoiada sobre os cotovelos. Agarrou-lhe os tornozelos e lhe levantou bem altas as pernas, até que a saia lhe deslizou para baixo e mostrou as meias e o liguero. Essas que se pôs essa mesma manhã quando se enganava a si mesmo dizendo-se que não lhe jogaria em cima para lhe fazer coisas selvagens e lascivas. Por favor, a quem tinha estado tentando enganar? Era muito bonito, um bufei livre de prazeres sexuais. Tão grande e tão quente. Gemia e se apertava mais contra ele cada vez que a roçava com sua ereção. Ele começou a fazer movimentos circulares contra esse ponto louco, quente, delicioso, retorcido e doce e OH…, minha mãe.

Percorreram-na ondas de prazer e perdeu a cabeça. Quando abriu os olhos, notou que lhe tinha abafado a boca com a mão. Estava sonriendo, encantado consigo mesmo.

—Vá —sussurrou enquanto levantava a mão devagar.

—OH, Deus —disse com um gemido, mortificada—. Tenho feito… muito ruído?

—Bastante. Espera um momento. —separou-se e abriu a porta. Nell juntou as pernas logo que um raio de luz fria entrou na habitação, cegando-a. Duncan tirou a cabeça e olhou para ver se havia alguém. Logo a fechou e voltaram a estar às escuras—. Se foram —assegurou, e Nell ouviu como jogava o ferrolho—. Não se ouça nada, mas, no caso de, já que é das que gritam…

Uma sensação fria lhe invadiu a barriga. desceu-se da mesa, arrumou-se a saia e o viu diante dela.

—OH, não. Agora não te assuste de mim.

Havia um pequeno matiz de súplica em sua voz.

—Eu sozinho… jogaste o ferrolho… Ah…

—Abrirei-o se o prefere. É que não quero que ninguém nos pilhe por surpresa. —Colocou-lhe as mãos por debaixo da saia e lhe agarrou a parte superior das calcinhas para as deslizar com lentidão para baixo—. Fazer que te corra não é um esporte para ver em público.

—Uh, não. Claro que não. Mas eu…

—Shhh —a mandou calar, agarrando-a de novo, e voltaram a desatar-se, a beijar-se grosseiramente outra vez. agarrou-se a seus braços e se deixou levar. Suas bocas se acoplavam com a segurança sensual dos casais de baile que são totalmente compatíveis. Era como se tivessem sabido como beijar-se até deixar-se sem sentido desde o começo dos tempos. Com o entusiasmo da novidade, mas com toda a elegância e simplicidade da familiaridade. Queria lhe arrancar a camisa para descobrir cada detalhe daquele torso grande e sólido. Queria absorver o aroma de seu suor, sentir a textura do cabelo de seu peito, a forma de seus mamilos e o contorno de seus músculos.

E seu rabo. Queria agarrá-lo e prová-lo, acariciá-lo. Baixou o braço, pô-lhe a mão sobre o estômago plano e a baixou até chegar mais à frente do cinturão. Lhe cobriu a mão com a sua e a apertou contra o vulto que tinha na entrepierna. Acariciou-lhe a parte dianteira das calcinhas e lhe escapou um murmúrio de satisfação quando notou quão molhada estava. Muito molhada.

Voltou-a a beijar, a língua se aventurou em sua boca para enroscar-se com lentidão e ambos gemeram quando ele ficou a explorar as suaves dobras entre suas pernas com um dedo dócil, que fazia círculos, pressionava e penetrava dentro de seu buraco escorregadio. Ela o apertou com força, ofegando de prazer.

—OH, acredito que minha mão vai se correr —lhe sussurrou ele ao ouvido.

—E você crie que tem problemas —respondeu ela entre sacudidas.

A partir desse momento não voltaram a falar. Solo havia beijos profundos e vorazes enquanto o dedo dele aprofundava nela e a mão dela acariciava aquele vulto quente e enorme. Rodeou-lhe as coxas com as pernas para poder manter o equilíbrio. Vibraram e respiraram juntos, suas línguas se entrelaçavam em um nó de desejo apertado e tremente. A tensão subiu até que aquele desejo doce e afiado se rompeu em mil pedaços.

Sentiu impulsos de quente prazer por todo seu corpo.

Afundou-se contra ele, fumegante e enfraquecida. Era feita de fluido, que reluzia à luz da lua. Duncan tinha solto as calcinhas do liguero sem que ela se deu conta e as estava deslizando pelas pernas até tirar-lhe Estava muito frouxa para reagir. Agarrou-o da parte de diante da camisa e tentou lhe dizer algo:

—O que…, o que vai a…?

—Não tenho camisinhas. Assim vou fazer isto.

ficou de joelhos e aproximou a boca a seu coño. A ponto esteve de ficar a gritar de quão intensa era a sensação. Ele notou como se estremecia e lhe murmurou palavras incompreensíveis para acalmá-la; tinha a boca sobre sua virilha e lhe acariciava suas partes com a bochecha. Seu fôlego era muito suave, como um pincel de fina seda, seus dedos eram muito hábeis quando a percorriam e sua língua, cálida e delicada, revoava e fazia espirais sobre sua pele. O prazer era muito intenso para poder diferenciar as sensações.

Explorou com as costas pega à mesa e uma ínfima parte de seu cérebro se manteve

consciente durante um segundo, surpreendida do que tinha melhorado sua vida em tão pouco tempo. A noite anterior estava sozinha e apaixonada por um homem inalcançável, mas hoje estava tombada, com as pernas abertas e sem calcinhas, no escritório daquele mesmo homem, que a chupava maravilhosamente.

Sim, e se não o parava a tempo ia voltar a explorar e converter-se em um buraco negro humano e gritalhão. O desejo a mordeu em profundidade e com força. Apartou-o e ele ficou olhando-a enquanto se limpava os lábios. Percebeu seu sorriso na escuridão.

—Mmm —murmurou—. Que rico. Quer mais?

—E você, o que?

Sua risada suave lhe fez cócegas no púbis.

—Sobreviverei. —Fez uma breve pausa—. De algum jeito.

Pressionou com os lábios e lhe rodeou o clitóris com a língua de uma maneira que a fez sentir-se como se dançasse ao bordo de um abismo. Esse homem era incrível e seu corpo parecia um foguete que se escapou de uma fábrica de foguetes. Voltou a lhe apartar a cara e se apóio sobre os cotovelos.

—Por favor —murmurou—. me Faça o amor.

Ele ficou olhando-a e ela se arrependeu de ter utilizado aquele romântico eufemismo. Deixava expostos seus pontos vulneráveis de uma maneira muito óbvia. Deveria haver dito «Fóllame». A mensagem teria sido mais claro, mais honesto. Ambos teriam sabido qual era seu lugar.

Mas não podia. Uma frase tão crua e direta como aquela não podia sair de sua boca. Era muito idiota, romântica e chapada à antiga.

Agarrou-a pelos quadris e lhe voltou a colocar os dedos.

—Não há camisinha —repetiu.

Ela tragou um pouco de ar e se expôs ainda mais.

—Eu tenho.

ficou estupefato.

—Não me posso acreditar isso.

—Pois sim, de verdade. Estão em minha bolsa. Minha companheira do restaurante me comprou isso hoje para me gastar uma brincadeira. Para meter-se comigo. Nunca pensei…

—Onde está sua bolsa?

—Em cima da cadeira, acredito, ao outro lado de…

A essas alturas já o tinha aberto e tinha atirado o que levava dentro sobre a mesa. Encontrou a caixa e voltou em questão de segundos, desabotoou-se o cinturão e abriu o pacote com uma amostra de destreza manual que a teria maravilhado, se tivesse estado em condições de apreciá-lo. Nell pôde ver seu falo grande e grosso quando o desenvainó, antes de que lhe pegasse as costas contra a mesa e lhe levantasse as pernas.

A cabeça de seu pênis parecia de um tamanho inimaginável quando a notou contra ela. Lhe acariciou os lábios com ela, acima e abaixo, brandamente, até que ficou úmida e começou a esfregar-se contra ele, lhe suplicando em silêncio. Nesse momento a penetrou lentamente.

Duncan contou para trás desde dez, sem respirar. Por favor, Senhor, não deixe que me corra ainda. Respirou para acalmar-se e poder esperar um pouco mais para chegar ao clímax, mas no momento em que voltou a abrir os olhos para olhá-la, aberta debaixo dele, soube que seus problemas não tinham terminado.

Tão bela, mierda. O corpo lhe tremeu excitado. A maneira em que sua vulva o apertava, ciumenta e impaciente, era um tortura. Cada investida era como a mordida de um látego.

Estava contente de ter conseguido que estivesse tão molhada e ofegante; se não, nunca teria podido entrar. Empurrava com lentidão contra a resistência quente e suave de seu corpo, que o

rodeava, palpitando com cada pulsado de seu coração.

Continuaram uma e outra vez, até que as apostas, ajustados e cuidadosos, relaxaram-se e encontraram seu próprio ritmo: profundo, revolto, balançando-se ao penetrá-la. O som de seus fluidos ao chocar, a respiração laboriosa dele e os gemidos afogados dela, que ia de caminho a outro orgasmo enquanto que o seu próprio o esmagava como um meteorito que lhe caísse do céu em chamas. Mas esperaria… até que ela separasse.

Chegaram juntos, fundidos através de um nada. Ele se deixou cair em cima dela, tentando respirar, com a mente em branco. Nunca tinha imaginado que pudesse estar tão unido a alguém. Sentia sua essência, no coração e naquele brilho abrasador e tortuoso. Tão bonito.

Abriu os olhos. deu-se conta de que estava esmagando aquele corpo brando contra a mesa dura com o torso e se levantou de repente.

Nell tinha a cara para um lado e ele sentiu como o invadiam o acanhamento e a humildade. Não sabia se ela havia sentido quão mesmo ele e o choque poscoital lhe encheu a cabeça de dúvidas. Saiu da maravilhosa prisão que era seu corpo.

A camisinha era um problema. Por nada do mundo o deixaria no cesto de papéis da sala de conferências, assim rebuscou na mesa até encontrar a bolsa da farmácia de onde tinha tirado a caixa. O tirou, fez-lhe um nó e o meteu na bolsa. Não lhe saíam as palavras, como se fora um adolescente de treze anos que acabava de ter sua primeira experiência sexual. apressou-se a guardá-la franga, que ainda estava dura, nas calças e a grampear o cinturão com dificuldade, apertando o vulto antes sequer de atrever-se a olhá-la.

Ela também tinha tido tempo de estirá-la roupa, voltar a subi-las calcinhas, as médias, as enganchar ao liguero e baixá-la saia. Esperava a que ele falasse primeiro.

Mierda, mas se sempre eram as mulheres as que queriam falar. Era a primeira vez em sua vida que desejava de verdade que uma delas rompesse o silêncio.

—Está bem? —aventurou. Ela assentiu. odiou-se por sua falta de inspiração. Miúda frase estelar—. foi sensacional.

—Sim, estou de acordo.

Isso lhe infundiu valor.

—Não pretendia que as coisas fossem tão rápido entre nós.

Ela reprimiu uma risada suave e muda.

—Eu tampouco —murmurou.

Parecia que era mais racional do que teria esperado e estava agradecido por isso.

—Bom, já não há volta atrás.

Nell cruzou os braços sobre o peito.

—O que quer dizer?

—Quero dizer que está claro que há algo entre nós. Será complicado mas acredito que merece a pena. Vamos jantar e podemos concretizar os detalhes.

—Detalhe? O que detalhe? —repetiu devagar.

—Sim. Um acordo mútuo que beneficie aos dois. Terá que ser secreto, por razões óbvias, mas seguro que poderemos levá-lo a cabo. lhe vejam meu piso, pediremos algo a domicílio e te mostrarei quão benéfico pode ser para os dois.

Ela pressionou o interruptor e acendeu a luz, sem que ele o esperasse. Duncan piscou para espionar a fúria abrasadora que desprendia o rosto do Nell, que o deixou de uma peça.

—Não. —Agarrou a bolsa e começou a colocar tudo o que ele tinha atirado sobre a mesa.

Estava perplexo.

—Nell…

—Senhorita D'Onofrio para ti, Burke —disse, varrendo com o braço o que ficava e deixando-o cair na bolsa—. Pode agarrar seu acordo e lhe colocar isso pelo culo.

Jogou-se a bolsa ao ombro e saiu depressa. A cabeleira de cachos negros ricocheteava com cada passo irado e zangado.

Foi detrás dela e a enganchou do ombro para que se desse a volta.

—Não me toque —disse apartando-se.

—Quando te estava tocando faz dez minutos não te queixava. Está jogando comigo? Porque os dois sabemos que foi mútuo.

—Não estou jogando contigo —cuspiu cada palavra—. Pode que estivéssemos jogando o um com o outro faz um momento mas isso se acabou. De maneira definitiva.

Ele meneou a cabeça.

—Não o entendo. Solo me diga se preciso chamar a meu advogado.

Deixou escapar um sopro.

—Não, Burke. Não tenho feito isto para te denunciar. Não sou uma mulher a que goste de extorquir ou extorquir a ninguém. Se quiser que firme ante notário uma parte de papel que diga que me corri seis vezes…

—Oito —especificou.

—Não tente a sorte. —Notou a raiva em cada palavra—. O sexo foi fantástico. É incrível na cama. Ou melhor dizendo, seguro que é incrível no chão, na ducha, contra a parede… Mas no momento em que te sobe a cremalheira das calças e abre a boca é um imbecil grosseiro, vulgar e torpe. Assim te aparte de meu caminho.

Abriu a porta do escritório de um golpe e se equilibrou para a saída.

Duncan ficou olhando ao chão, no lugar onde lhe tinha dado com a porta nos narizes, e repassou, uma por uma, todas as coisas que lhe havia dito e feito sem poder encontrar nada que fora mau ou insulto terrível. Que narizes lhe havia dito? sentiu-se como se o tivessem deixado desarmado para lhe dar um golpe baixo depois. Aquilo não tinha terminado. Abriu a porta com força e viu como se fechava um dos elevadores. Correu para alcançá-lo sem êxito e viu que o outro estava parado no piso cinqüenta, assim que se dispôs a baixar as escadas, como alma que leva o diabo.

Já estava bem de estar confuso, das adivinhações, de bombas que lhe exploravam na cara. Estava farto de tudo. Não a ia deixar escapar até saber com exatidão o que tinha feito para que se zangou com ele. A mierda com estas confusões tão estressantes.

## Capítulo 5

_

Nell saiu à rua a tropicões. Sentia que os joelhos lhe falhavam, como se fossem de chiclete, pela raiva que a percorria e tudo o que a tinha precedido.

Começou a chorar, limpava-se as lágrimas com o reverso da mão enquanto a máscara de pestanas lhe deixava sulcos negros pela cara. Seguro que parecia que tinha saído de uma festa do Halloween.

Um acordo em mútuo benefício, e uma mierda. Lembrar os detalhes? Já que estava podia lhe pedir qual era o preço de cada serviço. Como a carta quando vais pedir sushi: um prato com quatro peças de sashimi, um maki roll e sopa de miso. Qual seria o preço de um beijo que faz estalar o cérebro ou de um pó que acelera o coração? Qual o de um cunnilingus incrível e eterno ou o de um pó comprido e contínuo em cima da mesa da sala de conferências? Deveria ter algum desconto por número de orgasmos?

Vá um gilipollas. Era um arrogante e um grosseiro. Reduzir tudo a isso depois de ter feito que se expusera dessa maneira. Tinha-o deixado tudo ao descoberto para ele: seu coração, seus medos e esperanças, seu eu interior. Era uma arma carregada e letal. Como ele tinha descoberto, por

muito caro que lhe houvesse flanco. Talvez tinha reagido de maneira exagerada, mas era quão único tinha podido fazer para não ficar a gritar como uma louca e lhe dar com a bolsa na cabeça.

Pode que sua maneira de atuar ante o ocorrido fora obra da última fresta de sentido comum que ficava. Solo tinha que olhá-lo para saber que não sairia bem parada depois de qualquer tipo de confrontação física com ele.

Tremeram-lhe as pernas quando pisou na calçada. Tinha a entrepierna úmida, quente e reluzente pelo prazer. Como se tivessem aceso todas as luzes e as tivessem deixado funcionar durante muito tempo. Com cada passo, cada vez que os músculos das coxas se contraíam e estendiam, sentia-se… bem.

Maldito fora. Tinha atuado de maneira tão fria, tão dura e tão desnecessária. Deveria tratar com prostitutas profissionais, não com parvas românticas como ela, preparadas e programadas para apaixonar-se sem olhares, envergonhando-se a si mesmos e a qualquer a seu redor.

Chocou-se com um grupo que se cruzou na rua e saiu disparada para outro lado enquanto lhes pedia desculpas sem muito entusiasmo. Via luzes que formavam uma mancha imprecisa, esfumadas pelas lágrimas. parou-se em uma esquina para limpá-los restos do pranto e a maquiagem dos olhos com a manga. Estava claro, teria que lavar aquele vestido. Ou pode que não o voltasse a pôr.

Fixou-se no sinal que havia na rua e que tinha Broadway escrito». Bem, aquela rua sempre estava cheia de gente. Ainda não lhe tinha esquecido a promessa que lhes tinha feito ao Nancy e ao Vivi. Devia lembrar-se de que com o Demônio rondando não estava segura.

Mas tinha a carteira virtualmente vazia, não podia permitir-se pagar um táxi até casa e sua conta bancária não estava em muito melhor estado. gastou-se todo o dinheiro das gorjetas do dia anterior naquele estúpido corte de cabelo que se feito pela manhã e com o das gorjetas desse mesmo dia tinha tido que ir ao banco para cobrir a considerável dívida que tinha pelo cartão de crédito. Além disso do carro que a tinha levado até o edifício do Burke.

Mas do que se preocupava? A salvação estava a seu alcance. Tinha estado a ponto de converter-se em uma garota de companhia de alto nível e elas podiam tirar mil dólares por hora ou inclusive mais, dependendo dos serviços que estivessem dispostas a oferecer e do nível de depravação. Tampouco é que pudesse presumir de suas técnicas sexuais, já que não tinha muita prática, mas poderia improvisar e fingir. por que não. Levava-o no sangue, depois de tudo.

Tudo o que tinha que fazer era inventar um menu de tarifas o suficientemente caro para aquele bode sem coração e teria o dinheiro que necessitava, para táxis, cortes de cabelo, vestidos, aluguel e, por que não, a matrícula da universidade. Se é que se decidia a passar o tempo tombada de barriga para cima ou de joelhos.

Quão único tinha que fazer era matar algo que tinha em seu interior. Algo brilhante, precioso e delicado. Algo que nem sequer sabia que tinha até o momento no que, por surpresa, conectou com ele: a esperança.

Estava enojada por sua própria estupidez. Em realidade esperava que a amasse. Que ele a quisesse de verdade. Mas não o tinha reconhecido a si mesmo.

Levava um bom momento caminhando. Doíam-lhe os pés, e a cidade, cheia de agitação e gente que não emprestava atenção a outros, girava em torno dela. O vento soprava frio contra sua cara, ainda cheia de lágrimas. Nesse momento reconheceu algo que lhe era familiar: a loja de uma grande cadeia de livrarias onde adorava passar o momento, quando tinha tempo. Perdia as horas entre os corredores, procurando livros que não tinha dinheiro para comprar. Se havia algum sítio no mundo onde pudesse sentir-se melhor, era aquele.

Talvez podia entrar e comprar algo extravagante. Como as obras completas do E. E. Cummings. Carregaria-o a seu cartão de crédito e poderia resguardar do mundo exterior naquele sítio até que fechassem.

Duncan se parou um par de metros detrás dela; mantinha a cor pálida de seu vestido no campo de visão. Tinha saído muito zangado do edifício, com a intenção de enfrentar-se a ela ali, em meio da rua, e lhe exigir uma explicação rigorosa e detalhada sobre qual era seu maldito problema. Mas quando se aproximou o suficiente viu que estava chorando.

Mierda. Tinha perdido os nervos. Deveria ter sabido que lhe tocaria pagar com sangre por um pouco tão bom. Por este motivo, passou ao modo de vigilância: pôs a mente em branco, esqueceu-se de suas emoções e se centrou em seu objetivo. Projetou um halo de não me vê para camuflar-se. Não chamava a atenção, era um traje mais em muito gravatas. Não obstante, a aquela hora já não era exatamente uma maré, os trabalhadores que a outras horas enchiam as ruas agora estavam vegetando diante da televisão ou confinados em bares onde conseguiam rebaixar seu nível de estresse a apóie de consumir quantidades enormes de álcool. De todas formas, não havia problema. Nell não se deu conta de sua presença. Ia dando tropeções pela rua, com uma mão sobre a boca e outra sobre a bolsa. Uma mulher atrativa que chorava pela rua chamava muito a atenção.

O vê-la acabou com seu bloqueio sentimental, primeiro sentiu culpa e logo raiva. Que coño? por que? Ele não pretendia que passasse algo assim. Quão último queria era ferir seus sentimentos. Quão único tinha feito era lhe proporcionar vários orgasmos. Solo lhe podia culpar disso. Mas claro, seduzi-la não tinha ajudado a rebaixar o nível de estresse que Nell tinha nesses momentos. Não obstante, não tinha sido capaz de conter-se. Tinha… ocorrido, sem mais.

Sim, e agora estava melhorando a situação ao acossá-la. Muito bem, tinha sido um movimento muito inteligente por sua parte. Era um lince, vamos.

Entretanto, os pés se obstinaban em segui-la e não lhe faziam caso ao sarcasmo nem à mensagem. Eles seguiam andando e mantinham uma distância de segurança de uns trinta metros mais ou menos por detrás do Nell. Podia ver como os saca-rolhas de sua juba negros e elásticos se balançavam e formavam redemoinhos com cada rajada de vento.

Então notou algo. Como se o leve som de uma aranha tecendo seu tecido lhe irrompesse na mente. O instinto lhe disse que havia algum elemento que desafinava no que podia ver diante dele.

Emprestou mais atenção ao que tinha ao redor. Ao ter trocado ao modo de vigilância, não só se esteve fixando nela a não ser em tudo o que havia perto e aquela sudadera cinza levava com eles um bom momento. Muito tempo. Guardava a distância mas não estava longe. Sudadera cinza e calças jeans. Corto comprido e loiro. Sapatilhas de esporte brancas e sujas. Nell se parou ante um semáforo e o tio se deteve e ficou a olhar a cristaleira de uma loja de cosméticos. Já, claro. Como se com essas pintas se fora a interessar muito em sai de banho aromáticas ou manteiga de flor-de-laranja para o corpo.

Duncan ficou na cauda de uma caixa automática e vigiou com a extremidade do olho como o homem caminhava tranqüilo e continuava seu caminho, na mesma direção que Nell. Em paralelo a ela.

Duncan ficou a analisar a informação visual que recordava desde que tinham saído do escritório, embora solo era confiável desde que tinha abandonado a idéia de enfrentar-se a ela. Aquele tio tinha estado em seu campo de visão desde o começo e certamente já estava aí desde que saíram do edifício. Esperando-a fora.

Tinha caminhado trinta e cinco maçãs. Muito longe para passear por vontade própria e não agarrar um táxi ou o metro se não tinha nada que fazer durante o caminho nem algo pelo que desviar-se. Nell voltou a cruzar a rua e se dirigiu para a parada de metro do Astor Agrada. Sudadera cinza lhe pisava nos talões.

Ela desapareceu em uma livraria grande e iluminada. O homem se freou e murmurou algo para o pescoço de sua camisa. Depois a seguiu ao interior.

Mierda. Um calafrio lhe percorreu o espinho dorsal. Aquele homem tinha um pinganillo. Estava conectado com alguém mais, em tempo real. Não se tratava de um psicopata qualquer que estivesse obcecado com as tetas da garota. tratava-se de uma equipe deles e uma equipe significava organização, financiamento e um plano. Mas que cojones estava passando?

Atrasou-se para voltar para final da cauda da caixa e esperou. Como um gato simplório que aguardava a que o camundongo saísse de sua guarida. Analisando dados, especulando e expondo e descartando hipótese.

O tempo passava, a gente ia e vinha a seu redor, como um filme passado de revoluções. Ele permanecia, quieto, em meio de todo aquilo, com o olhar enfocado em um ponto, como um raio laser.

Os clientes da livraria começaram a sair em massa e jogou um olho a seu relógio. A loja estava a ponto de fechar. A adrenalina começou a lhe pegar com força quando viu o Nell sair dela, com uma bolsa de plástico na mão. Ela olhou ao redor, como se estivesse decidindo em que direção ir, e se encaminhou para o hotel Astor Agrada.

Três segundos depois, Sudadera cinza saiu e foi detrás dela.

Duncan se esforçou por caminhar de maneira natural. Sem correr e sem deixar escapar o rugido primitivo de raiva que tinha na garganta. O coração lhe pulsava com força e o sangue lhe amontoava na cabeça. Teve que conter-se com todas suas forças para não saltar em cima daquele filho de puta e arrebentá-lo.

Nell girou para o Lafayette e Sudadera cinza voltou a lhe falar com pescoço da camisa. Um sentimento de urgência começou a lhe percorrer o corpo. Estavam planejando algo e ele era o único que podia fazer algo para detê-los. Mas estava sozinho.

De momento. tirou-se o telefone móvel do bolso e chamou o Gant.

—O que acontece? —respondeu Gant com seu mau humor habitual—. Você outra vez? Alguma outra petição descabelada que me fazer?

—Sim. Lembra-te da tia que me tem obcecado?

—Sim. A filha da Lucia D'Onofrio. O que lhe passa?

—Estou-a seguindo. Bom, você o definiria como perseguição.

Gant vaiou algo tremendamente obsceno em pastún.

—E por que me chama para me contar um pouco tão vergonhoso, desagradável e pessoal sobre ti?

—Porque não sou o único que vai detrás dela.

Gant ficou sem falar por um glorioso momento.

—Como?

—Estão-a vigiando —lhe explicou com paciência—. Uma equipe de duas pessoas pelo menos. Estou a meia maçã do tio que a persegue. Estamos no Lafayette. Justo depois do teatro.

—Joder —resmungou Gant—. Mandarei a alguém.

—Date pressa. Estão preparando algo.

—Dunc. Não te ocorra te colocar. Ouve-me?

—Ouço-te —respondeu sem comprometer-se.

Gant soltou outro palavrão em pastún.

—Vai armado?

—Não, mas tomarei cuidado.

Gant pendurou sem despedir-se e Duncan se apressou para alcançar ao Nell já que se teve que atrasar para chamar. Não gostava do bairro do Lafayette. Era mais escuro que Broadway e havia menos gente e menos tenda, além de estar todas fechadas. Oxalá se tivesse ficado na Broadway, onde havia muitos mais viandantes e poderia aproximar-se mais a ela. Era um milagre que Sudadera cinza não se deu conta de sua presença ainda. Suspeitava que aquele tipo não era muito competente, embora isso não o fazia menos perigoso para o Nell.

O pequeno alarme instalado no tecido de aranha que se criou o voltou a avisar. Sudadera cinza tinha trocado seu comportamento e parecia mais centrado. Caminhava mais depressa, como se lhe tivessem dado mais liberdade ou uma nova ordem. Pôde ver que havia outra figura que caminhava em direção oposta ao Nell. Um homem alto, magricela e negro com a cabeça rapada. Tinham-na apanhada. Ao momento viu como se aproximava um carro que conduzia devagar, muito

devagar. Passou ao lado do Duncan.

Fez um sinal com os faróis, acendeu-os e apagou, sem razão aparente. Começou a aumentar a velocidade, ao igual a Sudadera cinza e o outro homem que vinha de frente.

Duncan não se lembrava de ter começado a correr. As pernas começaram a funcionar a uma velocidade frenética quando se deu conta de que lhe custava cobrir a distância entre eles. A porta do carro se abriu e os homens agarraram ao Nell para colocá-la no carro de cabeça. Ela se defendia e gritava. Duncan se equilibrou sobre o que tinha mais perto, o homem alto e negro, e fez que se golpeasse contra um lado do carro soltando um grunhido de surpresa. Sudadera cinza se girou.

—Mas que cojones…

Duncan lhe deu um murro no nariz e o fez ricochetear contra o carro. Naquele segundo de trégua, Duncan agarrou ao Nell pela cintura e a lançou longe do carro, em direção à calçada. Ela caiu ao chão e rodou até uma boca-de-lobo.

Voltou a preparar-se para proteger-se quando notou que uma bota quase lhe tinha roçado o nariz, bloqueou o golpe da Sudadera cinza com o antebraço e lhe deu uma cotovelada no pescoço ao outro homem. Parou um murro que ia direto ao estômago e se deu a volta para receber com a coxa o joelhada da Sudadera cinza que apontava a entrepierna. Um gancho dirigido ao queixo do negro o fez se chocar com grande estrondo contra o carro e se moveu bem a tempo para esquivar um novo ataque da Sudadera cinza.

A gente se começou a aproximar, gritavam. Podia escutar como se desgañitaba uma mulher que estava perto deles mas não era Nell. Bloquear, esquivar, golpear, retirar-se. Enganchou a Sudadera cinza pelo punho e o retorceu até que o pôde lançar por cima do capô do carro. O homem negro tentou atacá-lo outra vez com um tubos. Atirou o golpe com todas suas forças, de cima abaixo, e Duncan se tornou a um lado para esquivá-la. Escutou o som do tubos ao cortar o ar muito perto de sua orelha. Deu contra a janela do passageiro do carro e a fez pedacinhos. Voaram trocitos de cristal por toda parte.

Duncan se lançou e agarrou o outro extremo do tubos antes de que o outro pudesse agarrar impulso para tentar golpeá-lo outra vez, então lhe deu a volta enganchando o braço do homem e mandando-o a voar por cima do capô. O carro arrancou e atirou ao chão ao homem que estava em cima e que rodou enquanto uivava.

Escutou um ruído de pneumáticos quando o veículo acelerou para desaparecer detrás da primeira esquina. O homem negro se levantou como pôde e se foi coxeando, podia escutar o ruído da sola de plástico de seu sapato contra o chão enquanto se afastava.

Sudadera cinza o atacou com uma patada voadora e quando tentou esquivá-lo, Duncan perdeu o equilíbrio, cambaleou-se para trás e caiu sobre os joelhos. Mierda. O tio ia para ele, com os olhos injetados em sangue.

Falência. Nell levantou a bolsa de plástico que levava na mão e o que fora que houvesse dentro golpeou a cara do atacante. Ele deixou escapar um grito surdo, tornou-se para trás e se tampou o nariz com a mão, que tinha começado a sangrar a fervuras. Duncan se apoiou para ficar de pé e assim poder enfrentar-se…

Pistola. parou-se em seco, vacilando e lutando por manter-se em pé, com as mãos em alto.

Sudadera cinza lhes apontou com a arma, que sujeitava com as duas mãos, trementes, como em um filme da televisão. Um disparo assim, a quemarropa, inclusive se não soubesse disparar, acabaria com eles. Aquela Glock de nove milímetros deixaria um bom buraco.

Duncan empurrou ao Nell com o braço para que se colocasse detrás dele e disse:

—Tranqüilo. Tranqüilo.

—Que lhe follen, filho de puta! —Ao homem lhe tremia a vocecilla gritã e alta. Estava congestionado e o sangue lhe corria pela garganta—. te Jogue para atrás ou te disparo como a um cão e depois matarei a essa puta.

Recuou, com a arma ainda na mão e ficou a olhar a seu redor, apontando a todos os que se aproximaram. A gente começou a gritar e a dispersar-se presa do pânico. Como um montão de

pombas assustadas.

—Não díspares —lhe disse Duncan tranqüilamente—. Quem te manda? Quem te contratou?

—Um gilipollas. te cale. Não me fale. —O homem se tornou mais para atrás—. Que se torne todo mundo para trás.

Deu-se a volta e, de repente, ficou a correr como um macaco, tão rápido que não lhe viam as pernas.

Nell se precipitou para o chão e Duncan se atirou de joelhos para sustentá-la e atenuar o golpe. tirou-se o móvel do bolso da calça e se deu conta, envergonhado, de que o dedo lhe tremia tanto que não podia pulsar o botão. Mierda. estava-se abrandando, parecia um simples civil.

Tentou-o um par de vezes e por fim conseguiu marcar o número do Gant. Nesse momento, um carro se deteve seu lado e este saiu, comprido como um espaguete, enquanto o telefone lhe soava na mão. Duncan pendurou e se voltou a guardar o móvel no bolso. Apesar de que o filho de puta que os tinha atacado se largou fazia um momento, explicou os detalhes com precisão.

—Eram três. Um deles saiu correndo para o Great Jones Street. É loiro, mede um e oitenta, leva jeans, uma sudadera cinza e cavanhaque. Vai armado com uma Glock de nove milímetros e é perigoso. Os outros dois faz muito que escaparam. A gente era negro, alto e magro. Também se foi correndo. O carro era um Jipe Cherokee prateado que tem o cristal do guichê do co-piloto arrebentado. Não pude ficar com os números de matrícula nem com a descrição do condutor.

Gant passou esta informação por rádio. Era um homem de mandíbula quadrada, olhos azuis, frios, e o cabelo cor areia, curto e alvoroçado. ficou olhando ao Nell, que ainda estava tiragem no chão, e perguntou:

—É ela?

Duncan a levantou do chão.

—este Nell é o tenente John Gant, do departamento de polícia de Nova Iorque.

Tragou e tossiu.

—Né, olá.

—Está bem, senhorita?

—tive dias melhores —grasnou—. Mas estarei bem, acredito.

—Tem algum golpe? Têm-lhe feito mal?

—Lhe tem quebrado o nariz —anunciou Duncan com voz gritã—. Lhe tem quebrado o nariz a esse porco bode.

Gant piscou ante o orgulho que pôde distinguir na voz do Duncan.

—OH, vá. Como o conseguiu, senhorita?

Nell levantou a bolsa de plástico e tirou um enorme livro que nem sequer podia agüentar com uma mão.

—A obra completa do E. E. Cummings. Recém comprada com um desconto de dez por cento. —Começou a rir—. Não tinha nem idéia da boa compra que tinha feito.

Lhe contraíram as facções e se tampou a cara com as mãos. Duncan ficou olhando-a sem saber o que fazer. Mierda, já estava chorando outra vez. Gant o olhou, apontou ao Nell com a mão e estalou os dedos.

—Abraça-a, idiota —murmurou.

Duncan o olhou contrariado e rodeou ao Nell com seus braços. Ela ficou rígida mas não se apartou. Pouco a pouco foi cedendo e se sentiu reconfortada ao deixar o corpo brando entre os braços dele, que seguia respirando com dificuldade pela adrenalina do combate que ainda ocupava seu corpo. Estava cheio de moratones, golpes e arranhões, jodido em geral, mas se sentia muito bem abraçando-a.

Apertou-a mais e inalou o aroma de seu cabelo. Depois se fixou no sangue e o cascalho que lhe tinha encravado nos nódulos sujos. Ela tremeu em seus braços. Uma vibração de alta freqüência.

Não te excite, parvo do culo. Está traumatizada.

Gant pigarreou.

—Vá um cretino que parece. Tenho-lhe isso que dizer tudo.

Duncan lhe ensinou o dedo do meio a seu amigo a costas do Nell e afundou ainda mais o nariz em seus cachos perfumados, inalando seu aroma.

As duas horas seguintes foram bastante duras. Passaram-nas na delegacia de polícia. Nell esteve um bom momento ao telefone, chorando enquanto falava com cada uma de suas irmãs. Voltar a reviver tudo o que tinha passado e plasmá-lo no relatório lhes levou muitíssimo tempo. depois de um momento, Duncan começou a preocupar-se com a palidez do Nell. Tinha a cara rígida e o olhar perdido. perguntava-se se se tinha equivocado ao não insistir em que lhe fizessem um exame médico. Havia dito que se encontrava bem e que, além de um cardeal ou dois, não tinha nada, mas não tinha tido em conta os danos psicológicos. Ele era um tipo duro e estava acostumado a esse tipo de enfrentamentos, mas tinha esquecido o que supunha enfrentar-se a aquela violência para os seres humanos normais.

Tinha as mãos geladas, assim que as pôs entre as suas e as esfregou para que entrasse em calor.

—Precisa comer e beber algo —disse ao Gant—. Podemos deixá-lo para outro dia?

Gant estudou a cara do Nell com olhos entreabridos.

—Senhorita D'Onofrio, tem a alguém com quem se possa ficar esta noite? —Lançou um agudo olhar ao Duncan—. Um membro de sua família talvez?

Parecia perdida, mordia-se o lábio inferior, suave e volumoso.

—Ah…

—ficará comigo —soltou Duncan.

Nell pestanejou, surpreendida. Lhe devolveu o olhar, desejoso de que não lhe levasse a contrária. Parecia-lhe uma solução tão óbvia, tão inevitável. Era o correto.

Ela deixou escapar uma respiração larga e entrecortada e assentiu.

—Vou com —murmurou ao Gant.

Uma sensação de triunfo e de urgência se apoderou do Duncan. De repente, solo podia pensar em levar-lhe a casa e tê-la em seu lar, antes de que trocasse de opinião.

Assegurou-se de que os esperava um carro antes de deixá-la sair do edifício. Com o pouco que sabia poderia haver franco-atiradores esperando-a. Colocou-a com pressas no carro e lhe deu sua direção ao condutor.

—Espera —disse Nell—. Preciso ir a minha primeiro casa.

Duncan se dispôs a lhe responder, preparado para brigar, mas lhe pôs um dedo sobre os lábios.

—Shhh. Não comece. Preciso voltar para minha casa e agarrar roupa.

—Comprarei-te o que necessite.

—Não acredito que possa comprar nada à uma da manhã. Também preciso olhar se me deixaram alguma mensagem na secretária eletrônica e recolher meu ordenador.

—Esses tios sabem onde vive —grunhiu—. Não quero que pareça que não os deixo bem postos, mas não me importaria me evitar outra briga a vida ou morte esta noite. Se não ser pedir muito.

Ela voltou a lhe pôr o dedo sobre os lábios.

—Não seja sarcástico. Sou muito consciente de que os tem muito bem postos. Mas duvido muito de que estejam me esperando em minha casa esta noite. Estacionaremos na porta e nos asseguraremos de que não haja ninguém. Serão sozinho um par de minutos. Por favor, Duncan.

Tornou-se para trás no assento; talvez tivesse perdido essa briga mas seguia sem dar sua aprovação. Tinha-lhe retirado o dedo de em cima da boca e já jogava tanto de menos esse contato que esteve tentado de provocá-la de novo para que o voltasse a calar.

Lhe passou pela cabeça outra possibilidade. Baixou o braço e lhe agarrou a mão. depois de um minuto comprido e delicado, ela entrelaçou os dedos com os seus. A cidade se movia a seu redor mas eles estavam congelados nesse momento. Aquele era o núcleo, o centro do universo. O resto do

mundo passava dando voltas em torno deles. Nell era tão cálida, tão suave, tão real.

—Obrigado —disse Nell depois de um momento—. Por me salvar a vida.

—De nada. Estou aqui para o que necessite. —Remarcou aquela afirmação ao passar o polegar pelas cálidas cavidades de sua mão. lembrou-se da mesa que havia na sala de reuniões de seu escritório e lhe amontoou o sangue nas orelhas. Tentou Me acalmar-se…, né…, perguntava uma coisa.

Lhe apertou mais a mão com os dedos.

—Sim? O que?

—Se com isto consegui os pontos suficientes para cancelar o que for que tenho feito antes para que te zangasse tanto.

Preparou-se para a resposta mas ela se comportou. Solo fez um gesto impaciente com a mão que ficava livre.

—Esse é exatamente o problema que temos, Duncan. Essa idéia que tem de que tudo pode reduzir-se a um intercâmbio econômico. Não existe um sistema de pontos para medir as emoções humanas.

Ele assentiu com a cabeça.

—É uma maneira de falar, Nell.

—Não, contigo não o é —replicou ela em voz suave mas firme.

Joder, pensou. Mas lhe deu segurança que ela ainda seguisse agarrando o da mão.

—foi uma noite muito difícil —disse Duncan com cansaço— e esta mierda é complicada. Poderia me dar um descanso, por favor?

Ela o agarrou e lhe deu um abraço rápido e estranho.

—OK —sussurrou—. Te outorgo pontos. Muitos pontos. Está contente?

—Muito.

Estava-o de verdade. Também lhe havia posto muito duro, como o diamante. Queria tombá-la em cima dos amaciados assentos de pele e fazê-lo ali mesmo.

—Uma pergunta: como é possível que estivesse aí justo no momento no que me atacaram? Estava-me seguindo?

A tensão se apoderou de seu corpo. Sabia que aquele era terreno instável.

—É verdade que te estava seguindo porque, bom, né, queria te pedir desculpas, mas não me dão muito bem essas coisas. Vi que estava chorando e não soube o que te dizer, nem sequer sabia por que tinha que te pedir perdão, assim não me atrevi a me aproximar de ti.

—Até que me atacaram.

—Tem que admitir que foi uma tática infalível. Funciona como a terapia de electroshock. A mulher esquece o motivo pelo que estava zangada.

Nell ficou a rir.

—Sim, claro.

—É verdade. Se não fora por esses tios ainda seguiria cheia o saco comigo e eu continuaria tão perdido como sempre. —Fez uma pausa—. Ainda estou confundido e provavelmente você siga zangada, mas pelo menos me está falando. Assim progredimos.

Nell pigarreou.

—Isso se chama ver as coisas pelo lado bom.

—Claro, eu também posso ser otimista.

O carro se parou diante da porta do edifício onde vivia Nell. Duncan lhe pediu ao condutor que esperasse e saiu do veículo para comprovar que a rua estava vazia antes de deixá-la que saísse. Cobriu-a com seu corpo enquanto abria a porta principal do edifício e comprovou cada esquina da escada antes de deixá-la subir.

Seu apartamento estava cheio de livros, quase não havia espaço pelo que mover-se. Havia uma banheira na cozinha coberta com uma tampa de madeira. Uma pequena ducha ocupava uma esquina da habitação e tinham encravado um frigorífico diminuto debaixo da pia. Também pôde ver

uma cozinha com dois fogos de gás e um forno com grill. Nunca tinha estado em um sítio tão minúsculo.

ficou olhando as fotos da parede enquanto ela recolhia o que necessitava e tirava uma mala do armário. Na maioria apareciam duas mulheres jovens e uma senhora de aspecto distinto em diferentes detrás e cenários.

—Estas são sua mãe e suas irmãs?

Ela o olhou do chão onde estava ajoelhada diante de uma pequena cômoda.

—Sim.

ficou as estudando. Eram bonitas, como Nell, mas tinham uma beleza muito diferente.

—Não lhe parecem em nada —observou.

—Somos adotadas. Lucia nos acolheu quando fomos adolescentes.

Sentiu curiosidade depois daquela pequena informação. Sobre os quais seriam seus pais biológicos, como se tinha criado. Como tinha chegado a ser aquela mulher inteligente, bonita e difícil. Mas já indagaria outro dia. Essa noite não lhe tiraria o tema. Já haveria outras oportunidades. Ou isso esperava.

Parecia muito cansada, enquanto olhava as duas camisetas que tinha nas mãos sem poder decidir-se por qual agarrar.

—Joga as duas —lhe aconselhou—. Não vamos voltar em algum tempo.

Ele se aproximou dela, ajoelhou-se a seu lado e abriu a primeira gaveta de sua cômoda. Ela passou de olhá-lo com os olhos entrecerrados a tornar-se para trás e abrir os olhos como pratos, receosa. Agarrou um punhado de coisas sedosas, de tudas as cores. Meias e pantis. Coisas feitas de encaixe, laços e seda. Deixou cair tudo na mala.

—Te leve uns quantos —lhe repetiu com suavidade.

Nell baixou o olhar e se ruborizou. Tinha os mamilos duros e se marcavam por debaixo do tecido ajustado do vestido manchado e enrugado.

Aquela cena calenturienta da sala de reuniões se interpunha entre eles em silêncio, não podiam esquecer cada detalhe erótico que os fazia subir de pulsações. Nell se lambeu o lábio inferior até que o fez brilhar, incitando-o. Seu olhar era precavido mas escondia um sorriso detrás dela.

Repassou a habitação com sua vista periférica. A cama parecia incômoda e estava cheia de livros mas o puf tinha possibilidades. Poderia tombá-la em cima e cravá-la com seu peso, balançando-se juntos em um suculento balanço. Pensou em como sua vagina se estremeceria ao redor de seu verga cada vez que se corresse.

Aproximou-se e lhe acariciou a bochecha e o pescoço com as pontas dos dedos. Depois passou ao esterno para logo abrir a mão e notar os batimentos do coração fortes e rápidos do coração. Com a outra mão lhe percorreu a coxa, até o final das meias e a deixou aí onde começava a pele cálida e suave. A energia aumentou e se converteu em algo enorme e inevitável. Ela se mordeu o lábio. Custava-lhe respirar.

Mas nesse momento lhe voltou a acontecer, como na rua. Sentiu como o invadia o sentimento de que a telaraña crescia, logo que baixava o guarda.

ficou quieto enquanto lhe apertava a coxa com força e voltou a observar aquele pequeno apartamento. Nada se tinha movido nem tinha trocado. Tudo estava em silêncio e só se podiam escutar os ruídos da rua.

—O que acontece? —perguntou Nell.

—Shhh —a sossegou enquanto agudizaba os sentidos.

Em dois passos se aproximou de uma janela gradeada que dava a um pátio interior cheio de cubos de lixo. Estava vazio e só pôde ver um par de ratos que rebuscavam entre os refugos. Tentava encontrar o motivo pelo que tinha aquela sensação. Sempre havia uma razão e a estas alturas confiava nesse instinto cegamente. Girou o pescoço e se fixou em um detector de fumaça que havia no teto. ficou nas pontas dos pés e o desenganchou.

—Duncan, o que está…?

—Shhh. —Não queria falar ou explicar-se. Não diante dos olhos e os ouvidos do inimigo. Era muito óbvio. Uma câmara de videovigilancia diminuta estava enganchada a um lado do detector de fumaças, que era negro, por isso não se podia ver. Tinham-no estripado e tinham ocupado o espaço em seu interior para guardar os cabos, a bateria e o transmissor de freqüência da câmara dentro. ficou olhando-o; oxalá não o houvesse meio doido. Tinha poluído qualquer rastro que pudessem ter deixado. Gant o ia brigar. Seu amigo nunca perderia uma oportunidade como aquela para meter-se com ele.

—Que coño é isso? —perguntou Nell em um tom agudo e alto.

—Uma câmara de videovigilancia. Alguém esteve te espiando.

Nell deixou escapar um som afogado e ficou a mão sobre a boca.

Eram uns bodes comemierda, tinham violado o espaço privado que tanto lhe havia flanco conseguir. Tinham-na estado olhando enquanto se despia, tomava banho, comia e dormia. Certamente estivessem observando-a agora, que estava ferida e assustada. Esse fato o enfurecia.

Deixou aquela coisa em cima da mesa.

—Não o toque. Poderia ter rastros.

Voltou a olhar ao redor da habitação, tratando de pensar onde poria ele um aparelho de espionagem se fosse um deles.

Nell tinha um telefone antigo. Duncan agarrou o auricular, desenroscou um dos extremos e bingo. Sacudiu-o em cima da mesa sem tocá-lo e respondeu sem palavras à pergunta que ela tinha desenhada nos olhos.

—Um microfone de botão. estiveram escutando suas conversações telefônicas.

Abriu ainda mais os olhos.

—Mas eu… falei com o Vivi esta mesma manhã.

—Falaremos disto mais tarde —a cortou—. Não aqui. nos larguemos quanto antes. Me põe a pele de galinha.

—Ah, s-s-fui —acordou, confundida. Olhou a seu redor, com frenesi—. O que estava…

—Portátil e roupa —lhe recordou—. Rápido.

ficou a ajudá-la, tirando roupa das gavetas sem olhar; aquilo a fez reagir. Jogou-o com um ruidito de indignação e terminou de colocar a roupa na mala. Mas logo vieram os sapatos; e os cosméticos: expulse, tubos e frascos; pacotes de todo tipo e os livros, joder, pelo menos colocou oito em uma mala gigante. Miúdos mamotretos. As rodas não foram dar de si ao carregar tanto peso.

Arrastou-a até a porta. Comprovou que o patamar da escada estava espaçoso e voltou a aparecer a cabeça pela porta do apartamento. Dedicou-lhe um gesto obsceno às câmaras que pudessem ficar escondidas.

—Não lhe vais levar isso —lhe disse ao microfone que jazia em cima da mesa—. Jódete e morre, filho de puta.

Depois fechou a porta de uma portada, para lhe dar mais ênfase.

No carro, Nell estava muito calada, olhava à frente e a garganta lhe movia de cima abaixo. Compreendia o que sentia. Estava tentando tragar-lhe mas não podia. O silêncio era tão pesado que o crispava.

Utilizou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça para rompê-lo.

—Tem uma cópia da carta que encontrou sua irmã? —perguntou-lhe.

—Tenho-a escaneada em meu ordenador. por que?

Encolheu-se de ombros.

—Solo estou…

—Interessado. Sim, já o tinha notado.

O toque ácido que pôde escutar em sua voz fez que se voltasse a calar. ficou olhando pela

janela, perguntando-se o que devia fazer a seguir, quando viu um montão de flores de cores na entrada de uma loja coreana que havia na seguinte esquina.

—Pare o carro um momento —lhe ordenou ao condutor.

Nell o olhou surpreendida, o carro se parou e abriu a porta.

—Não se preocupe —a tranqüilizou—. Será sozinho um segundo.

Tentou distinguir as flores mas estava um pouco perdido, assim que se decidiu por umas quantas rosas de um ramo que parecia conter as que estavam em melhor estado e tinham o caule comprido. Agarrou-as e lhe deu quarenta dólares ao menino que estava sentado ao lado das flores. Voltou a meter-se no carro.

—Toma —disse ao Nell enquanto dava as flores. Nesse momento se deu conta de que os caules, compridos e cheios de espinhos, ainda gotejavam. Nem sequer tinha esperado a que limpassem, arrumassem e envolvessem as flores, mas ela o olhava encantada. Cheirou-as e lhe sorriu. Tinha funcionado, menos mal.

depois de um momento lhe agarrou a mão.

—Sinto muito. Estou agradecida por seu interesse. Certamente esteja viva graças a ele. É sozinho que não consigo entendê-lo. por que me está acontecendo isto? Não tem sentido.

—Por dinheiro —respondeu Duncan.

Olhou-o sem compreender.

—Como?

—Isto está passando por culpa do dinheiro —repetiu.

Olhou-o duvidosa.

—Pode que não te tenha dado conta mas não é que me saia pelas orelhas, a verdade. De fato não tenho virtualmente nada.

Ele negou com a cabeça.

—Não há muitos motivos pelos que uma pessoa cometeria um crime assim: loucura, vingança ou dinheiro. Não acredito que nenhuma de vocês haja puteado tanto a alguém…

—Não o temos feito —o cortou—. Não lhe faríamos mal nem a uma mosca.

—Também terá que pensar no joalheiro ao que assassinaram com toda sua família, por isso me inclinaria a considerar a vingança pessoal como motivo. Poderia ser contra sua mãe, mas não tem muito sentido, já que há falecido. Também cabe a possibilidade da loucura, mas nessas cartas há referências sobre mapas, buscas, crave e secretos. Quem quer que seja esse mamão, investiu tempo e dinheiro em te vigiar a ti e certamente a suas irmãs. Seja o que seja o que Lucia queria que encontrassem deve valer bastante dinheiro. Muito. E não vão parar até que o tenham.

Nell fechou os olhos e se massageou as têmporas.

—Que irônico —murmurou—. Se isso é certo, não necessitamos o dinheiro, venha de onde venha. me importa uma mierda e a minhas irmãs também. Solo queremos que nos deixem viver nossa vida em paz. Joder, há tantas coisas que me assustam. Estou ao bordo do colapso.

—Não pense em nada —lhe sugeriu.

—Vá solução. Um truque infalível. —Pôde notar um sorriso em sua voz—. E como sugere que faça isso exatamente?

Tinha sido uma noite tão estranha que Duncan decidiu que arriscar-se a fazer outra loucura não trocaria muito o resultado. Agarrou-lhe a mão e a beijou durante um bom momento.

—Tenho um par de idéias interessantes.

Ela começou a rir e esteve movendo os ombros durante tanto tempo que duvidou se podia estar chorando outra vez.

—Quem haveria dito que te ia fazer tanta graça?

Os ombros lhe tremeram com mais força. Jogou a cabeça para trás e se secou os olhos.

—Não é você. É que não posso acreditá-lo. Sentia-me segura, em minha casa, depois de pôr o alarme, que me custou uma fortuna, e durante todo este tempo estiveram me observando. Que asco. Como conseguiram entrar?

—Estou quase seguro de que já tinham instalado os microfones e as câmaras antes de que pusesse o alarme. —Passou-lhe o móvel—. Chama a sua irmã. Disse-te onde ia enquanto falava com o telefone cravado, assim terá que trocar de planos.

—Joder, é verdade —sussurrou—. Vivi.

Chamou e ele ficou escutando a conversação, que tinha pouco sentido sem escutar ao outro interlocutor, até que chegaram a sua casa no Upper West Sede. O chofer estacionou em frente da entrada do edifício. Ela seguia falando quando lhe pagou.

—… não te pode voltar a ficar comigo, Viv. Não ouviste o que te hei dito? Estiveram-nos vigiando todo este tempo! Não podemos nos aproximar ali até que arrumemos esta confusão. Pode ficar com o Liam e Nancy. Sim, já sei, mas já somos todos adultos. É melhor ir de aguantavelas que no porta-malas de um carro… Né, não, não se preocupe por mim. Fico em casa de um amigo. —Olhou ao Duncan e ficou à defensiva—. Não, não o conhece… Sim, é um amigo, vale? E se o fora? O que aconteceria?

Duncan escutou uma pequena explosão de verborréia feminina, uma voz aguda ao outro lado da linha. Nell pôs os olhos em branco e soltou uma gargalhada.

—Se por acaso te interessa, é o que me salvou que os seqüestradores… Claro que o conhecia de antes! É meu novo chefe. —Outra explosão veemente ao outro lado do telefone—. Olhe, Viv, sei que é uma loucura, mas não podemos lhe dar voltas a isto em outro momento? por que não vamos a seisiún do Malloy’s manhã de noite com o Nancy e Liam e o discutimos tudo ali?… Claro. Tome cuidado você também.

Terminou a chamada e lhe devolveu o aparelho.

—ficará com um velho amigo da escola de arte que se encontrou na feira por acaso. Nunca o tínhamos falado pelo telefone do micro. Menos mal que o Demônio não sabe onde está.

—Poderiam seguir a conversação na rua, por favor? —perguntou o chofer com voz lastimera —. recebi outra chamada e me tenho que ir.

Duncan a guio até seu edifício, arrastando a gigantesca mala até o elevador. Subiram os trinta e cinco pisos e fechou a porta detrás dela. Jogou a cadeia, fechou com chave todas as fechaduras e ativou os alarmes. Deixou escapar um comprido suspiro de alívio. Por fim a tinha justo onde ele queria.

## Capítulo 6

_

Nell olhou a seu redor, impressionada. O piso era imenso e diáfano. Tanta austeridade gelava o sangue. O amplo estou acostumado a era de madeira dourada e brilhante. Havia três sofás cinzas agrupados em uma esquina ao redor de uma mesa baixa e em frente de uma televisão de plasma enorme e uma videoconsola. Pôde ver a cozinha, grande e em penumbra, em outra esquina longínqua. Dois quadros com paisagens urbanas espetaculares e brilhantes penduravam das paredes. Havia uma grande terraço e algumas fotografa em branco e negro preenchiam o resto das paredes.

—Vá —murmurou—. Este sítio é teu?

Ele assentiu.

Aquela casa respondia a qualquer pergunta que pudesse fazer-se sobre quão lucrativo resultava o negócio do desenho de programas para a análise de informação da inteligência. Certamente ganhava de longe a escrever poesia e trabalhar para a universidade. Tampouco é que lhe importasse muito. Não tinha eleito ser uma investigadora pelo dinheiro.

Duncan desapareceu em direção à cozinha. Tinha aceso as luzes; logo Nell pôde ouvir como corria a água e o ruído dos utensílios de cozinha que repicavam e tilintavam. Quando Duncan

voltou a sair, levava uma grande monopoliza de vinho na mão, tão denso que quase era negro.

—Este veio te fulminará se lhe bebe isso com o estômago vazio, assim bebe sorbitos pequenos. pus um pouco de água a ferver para cozinhar raviolis de alcachofra em molho de tomate. Vai bem?

Nell deixou as flores sobre a mesa e agarrou a taça agradecida.

—Sonha delicioso.

Saboreou o vinho complexo e aromático enquanto olhava as fotografias. Eram duras, dinâmicas e cheias de fortes contrastes. Em uma delas aparecia um homem jovem que saltava de uma colina a um lago. Ainda estava em vertical mas seu corpo começava a dobrar-se, podia-se observar a concentração em sua cara. aproximou-se mais e se deu conta de que era Bruce, o irmão do Duncan.

Ao aproximar-se para fixar-se nos detalhes, pôde ver uma jovencita que dormia feita um novelo, com a boca aberta. A mesma garota aparecia em outra foto, era mais maior e ria enquanto se balançava em um balanço com o cabelo voando para trás ao ter o vento de contra. Era bonita, tinha a cara magra e as sobrancelhas do Duncan. Depois viu uma fotografia de uma atrativa mulher mais entrada em idade que posava de perfil de um alpendre enquanto se fumava um charuto. parecia-se com o Bruce. Devia ser sua mãe. Sua família.

Também havia paisagens. Desertos e montanhas, áridas e inóspitas. O jogo entre a luz e a sombra era tal que os fazia parecer paisagens lunares. Essas fotografias refletiam a solidão, a raridade e a dor. Eram muito pessoais.

Elevou a voz para lhe perguntar, já que seguia na cozinha.

—Estas fotos são tuas?

—Sim.

—São preciosas. Há alguma de seu pai?

Duncan saiu da cozinha e ficou apoiado no gonzo da porta enquanto lhe pegava um gole ao vinho.

—Não. Faz muito que se foi. passaram anos da última vez que o vi. Vive em Califórnia, onde se casou com sua quinta mulher. Muito próprio dele.

—OH. —Nell ficou olhando a taça de vinho cor sangre—. Acredito que neste tema ganho. Parece-me que meu pai nem sequer sabe que existo.

—Não? Sua mãe alguma vez lhe falou de ti?

—Poderia-se dizer que não. Estas paisagens são do Afeganistão?

Franziu o cenho.

—O que sabe do Afeganistão?

—Bruce me disse que tinha estado destinado ali. Que foi um espião.

Grunhiu.

—Bruce fala de coisas das que não tem nem idéia.

—Assim tomou ali estas fotos? —insistiu enquanto olhava a uma que mostrava uma montanha bicuda que tinha o sol detrás.

—Sim, a maioria.

—E foi ali onde aprendeu a lutar dessa maneira?

Duvidou.

—Mais ou menos.

—eu adoro as fotos. Nunca me teria imaginado que tinha um lado artístico.

Removeu-se incômodo.

—Tampouco é para tanto.

—Deus te libere de te colocar em um pouco tão frívolo como a arte.

Cruzou-se de braços.

—Está tentando me picar?

—Não. Solo digo que eu gosto de suas fotos. Eu gosto do que dizem sobre ti.

Parecia assustado.

—O que quer dizer? O que dizem?

—Te relaxe. Não saberia descrevê-lo com palavras porque não tenho os suficientes conhecimentos para descrever a arte visual, mas eu gosto de… como me fazem sentir.

Deixou aparecer um sorriso precavido em seu olhar.

—Obrigado.

Duncan levantou a taça devagar e ela elevou a sua. Brindavam pelos momentos pontuais e delicados nos que conectavam, uma conexão que o fazia a ela criar-se expectativas e esperar coisas que não podia ter. As taças ao chocar soaram como uma campainha, como um beijo doce e ligeiro da distância. Era o som de um pacto tácito, selado com delicadeza. Para, D'Onofrio. Tinha que deixar de projetar suas fantasias em cada pequena interação. Era uma tolice.

Tinha duvidado sobre o fato de comer massa às duas da manhã depois de uma noite como aquela, mas quando Duncan pôs o prato cheio de raviolis cheios em molho de tomate e com um toque generoso de queijo pecorino por cima, algo em seu interior se levantou cheio de alegria. Cheirava de maravilha.

Comeram em silêncio e se acabaram até o último bocado. Depois, ele a observou enquanto se terminava o vinho. Seu olhar fixo fez que lhe subissem os calores à cabeça.

—Imagino que quererá tomar banho.

Ela assentiu sem dizer uma palavra.

—A melhor ducha está ao lado de minha habitação. Vêem por aqui.

Bom, não o podia culpar por assumir certas coisas, pensou para si enquanto os seguia a ele e à mala pelo corredor. perguntava-se se era isto o que queria. E se não o era, o que aconteceria? Volta para a realidade e te tranqüilize.

Não a acompanhou na ducha. Uma parte dela estava decepcionada. Permaneceu debaixo da água quente, refletindo.

Duncan Burke não lhe convinha. Sabia desde que o viu no restaurante. Sua mente funcionava de uma maneira que não alcançava a entender. Apostaria algo a que a zangaria, insultaria e desiludiria. Já o tinha feito e o faria de novo. Disso estava segura.

Isto não queria dizer que não a excitasse até a loucura, era um amante incrível e lhe tinha salvado a vida essa mesma noite. colocou-se entre ela e seu agressor quando lhe apontava com uma pistola. Era um bom homem, debaixo de seu aspecto duro. Valente, audaz e disposto a sacrificar-se por outros. Por muito incompatível ou insensível que fora. E o desejava, muito.

Quando saiu da ducha sua decisão já era irrevogável. tirou-se a toalha e a pinça que levava na cabeça e se cavou o cabelo.

Voltou a deixar a toalha em seu lugar com cuidado e se olhou ao espelho. Ia nua, exceto pelo pequeno pendente com a em rubis que Lucia lhe tinha agradável e que pendia entre seus dois peitos, o bastante grandes para envergonhá-la. Desde que tinha doze anos se havia sentido como se seu corpo voluptuoso queria mostrar-se ante o mundo contra sua vontade, reclamando uma atenção que ela não desejava.

Entretanto, parecia que ao Duncan gostava. Ao final aquelas tetas serviriam para algo. As tocou com cuidado já que estavam mais sensíveis do normal pela espera ante o que viria depois. Os mamilos lhe puseram duros.

Saiu assim do banho e entrou em sua habitação. Ele também se tomou banho em outro banho e levava um penhoar de algodão cor terra. Olhou-a uma vez e teve que voltar a fazê-lo.

—Minha mãe… É… te Olhe.

—Dei-te as obrigado por me salvar a vida? —perguntou-lhe.

Parecia alarmado.

—Sim, mas não tem que agradecer-me o desta…

—te cale, Burke, e me faça o amor agora mesmo, antes de que me jogue atrás.

Ele piscou.

—Ah, vale —disse em voz rouca e começou a caminhar para ela.

—Sei que isto é um engano —anunciou Nell.

Parou-se; parecia perplexo.

—É-o?

—Sim, mas me dá igual. Nota promissória o preço que tenha que pagar. A vida é muito curta. Dava-me conta quando esses homens tentaram me colocar no carro. Tudo pode trocar da noite para o dia e não quero me privar de viver esta experiência.

Lhe pôs o dedo em cima dos lábios com suavidade.

—Shhh. Não lhe dê mais voltas —a tranqüilizou—. Quanto veio bebeste?

—Isto não tem nada que ver com o vinho! —gritou-lhe—. Sei exatamente o que estou fazendo, Duncan Burke! Não te atreva a ser condescendente comigo!

—Como poderia sê-lo? —perguntou com secura—. Me dá medo!

—Ah!, sim? Intimido-te?

ficou as mãos nos quadris.

—A uma parte de mim, sim. —Nesse momento se tirou o penhoar e lhe mostrou o corpo nu e sua enorme ereção—. Mas a outras não.

Observou-o. Era perfeito: alto, largo, com uns músculos definidos e fortes, a quantidade perfeita de cabelo, umas coxas preciosas, pés largos e magros e o pênis… minha Mãe.

Queria lhe passar os dedos como se estivesse lendo braile. Queria chupá-lo como um caramelo.

Duncan jogou a colcha para trás e a empurrou até que caiu de costas sobre os lençóis chapeados. Estavam fritem em contraste com sua pele molhada. Ela subiu à cama e dobrou os joelhos.

Ele ficou de pé, sua ereção apontando para ela. Começou a falar mas se freou. Estava sério.

—O que? —perguntou-lhe Nell—. O que passa? Há algo que está mau?

Moveu a garganta.

—Não quero voltar a cagá-la.

O tom perdido e duro de sua voz a surpreendeu e a enterneceu. Tinha estado tão concentrada no que sentia por ele que não lhe tinha ocorrido pensar que ele também podia sentir-se vulnerável. Essa reflexão lhe proporcionou um sentimento de poder que não queria ter. Recordava a sua mãe. Elena o tinha utilizado com os homens em qualquer momento ou situação que o permitisse. Mesmo assim, morreu sozinha e solo Nell foi a seu funeral. Descartou aquele pensamento.

—Não a vais cagar. Fez-o bem na sala de reuniões. Quase me dá um ataque ao coração.

—Enquanto esteja calladito —disse com amargura—. A adrenalina me pôs isso tão dura que a poderia utilizar como martelo. Ainda me tremem as mãos e perdi o controle, o qual eu não gosto de nada.

Ela ocultou um sorriso ao dar-se conta de que não lhe faria nenhuma graça. Em seu lugar, passou-lhe o dedo pela ponta torcida da franga.

—Que estranho —refletiu—. A besta esfomeada e que aúlla à lua em que te converteste conseguiu me trazer para sua bonita morada, me fazer um jantar fantástico, me servir uma taça de vinho e falar de arte. Tanto selvageria gela o sangue. Além disso, pensava que o sexo consistia em perder o controle.

Ele negou com a cabeça.

—Não quando é tão grande como eu e posso te fazer danifico —disse com voz áspera—. Não posso me permitir nenhum passo em falso contigo. É como um campo de minas, Nell D'Onofrio.

A agarrou com toda a mão e notou como os tendões da garganta lhe esticavam.

—Sinto ser tão difícil —murmurou.

Duncan subiu à cama e atirou dela até que seus corpos se tocaram. O calor que emitia foi uma doce surpresa. O peso de seu corpo, a energia faiscante e seu aroma próprio e varonil,

misturado com os aromas do sabão e o xampu, provocaram que lhe fizesse a boca água. molhou-se a mão com as gotas de sêmen que havia na ponta do pênis e começou a ordenhar aquele caule largo e comprido.

—Acredito que me excitaria muito te fazer perder o controle —lhe disse.

—Ainda não chegamos a esse ponto. —Passou-lhe uma mão entre as pernas para lhe acariciar as suaves dobras que tinha no centro e abri-los. Suspirou ao dar-se conta de que já estava molhada e escorregadia.

—Está seguro? —Acariciou-o com as duas mãos, em passadas largas e apertadas enquanto os dedos dele aprofundavam em seu interior. olharam-se aos olhos, lutando por encontrar o fôlego. Ela se retorceu sob o contato de seus dedos—. Não te tenho medo —lhe disse, sem entender muito bem por que e quase sem respiração.

Era verdade, tinha trocado. Essa era a razão de que o sexo fora tão bom. Além do talento do Duncan, é obvio. Ele apanhou a mão que tinha sobre seu rabo com a sua, mantendo-a quieta.

—Não me provoque, já estou ao limite.

Recolheu as gotitas de sêmen que lhe caíam do pênis com o dedo e lhe deu um empurrãozinho no peito.

—O que faz? —perguntou-lhe—. Me está tentando afastar?

Sorriu-lhe, misteriosa, enquanto o olhava através das pestanas.

—Não —murmurou—. Te estou provocando para que ultrapasse o limite.

Empurrou-a até que esteve de barriga para cima na cama.

—Você lhe procuraste isso.

—É obvio. Não me lhe faça pedir isso duas vezes.

Nell rebolou debaixo daquele corpo grande enquanto ele ficava uma camisinha. Duncan não podia nem respirar de quão excitado estava. esfregou-se contra ela até que todas as resistências de seu corpo cederam e ofegava com cada pequena pressão do enorme glande, que acariciava a pele sensível da vulva. Tentou mover-se debaixo dele mas logo que podia. Nesse momento a penetrou profundamente.

Estava tão preparada que se correu quase imediatamente, com um grito de prazer. ficou quieto enquanto ela convulsionava a seu redor, contendo a respiração. Quando o clímax se reduziu a pequenos restos de prazer residual, subiu-lhe as pernas por cima de seus ombros e continuou.

Montou-a com força e lhe encantava. Agarrou-a pelos braços para receber cada sacudida. Era uma massa incandescente que se derretia para ele. Os espasmos de prazer eram largos e a faziam quase chorar, percorriam-na e alagavam cada milímetro de seu ser.

Saiu da cama muito depois para tirar a camisinha. Logo se voltou a colocar entre os lençóis e a abraçou contra seu peito grande e quente. Nell se acurrucó junto a ele, envolta por um sonho líquido, e só uma muito pequeno parte dela ainda consciente se perguntava quanto duraria esse sonho.

Duncan despertou desorientado. treinou-se para levantar-se todos os dias às cinco menos quarto da manhã, assim estava acostumado a abrir os olhos enquanto ainda era de noite, com a mente clara e preparada para elucubrar um plano de ataque para o dia de trabalho.

O céu não estava escuro e a habitação estava alagada de luz. Tampouco tinha a mente clara, mas sim estava narcotizada por uma intensa sensação de bem-estar. embebedou-se com o aroma desses saca-rolhas negros que lhe faziam cócegas no nariz. Uma onda de surpreendente alegria lhe tinha feito perder o equilíbrio.

Nell estava em sua cama e não podia deixar de admirar seu corpo. A pele que tocava era tão suave como a de um bebê. Estava dormida de costas a ele e tinha o culo redondo e rosado contra seus quadris. Com suas correspondentes conseqüências.

Teve que usar toda sua força mental para lutar contra o impulso de pô-la de barriga para

baixo e montá-la. Meter-lhe na fenda quente daquele corpo delicioso. Era muito perigoso já que não tinha nem idéia de como se sentiria ela quando despertasse. Melhor que não o fizesse com a franga dele em seu interior.

Em lugar disso, passou-lhe os lábios pelo pescoço: pelo elegante ângulo dos ossos e os tendões debaixo da delicada pele; o pequeno lunar marrom, a maneira em que as raízes do cabelo nasciam selvagens na nuca; a pele sensível dessa parte, perfumada e decorada de pêlo fino e a cadeia de ouro branco.

Com cuidado, moveu-a um pouco, para pô-la de barriga para cima e assim poder lhe admirar as tetas. minha mãe, eram perfeitas, grandes e suaves, como pudins. adorava a maneira em que cresciam e os mamilos marrons lhe punham duros. O pendente reluzia sobre a clavícula como um ponto de luz brilhante.

Falhou-lhe o autocontrol. Cobriu-lhe as tetas com as mãos, afundou a cara entre tanta abundância e se voltou louco e começou a lamber e a chupar. Ela despertou sobressaltada, ficou rígida e deixou escapar um gritito que logo se converteu em gemidos. Rodeou-o com os braços e arqueou as costas, lhe oferecendo seus peitos.

Colocou-se entre as pernas que ela acabava de abrir de par em par, convidando-o instintivamente, e seu corpo não pôde resistir; agarrou-se a verga, dura, e a manteve arranca-rabo até que encontrou o ângulo correto para meter-lhe dentro e empurrar. Era tão bom, tão excitante. deslizava-se devagar, pele contra pele, e a pressão era insuportável.

—Joder —ofegou. Vá eloqüência, quanta poesia.

Nell abriu os olhos e os dois ficaram quietos. Não fazia falta que dissessem nada. lembraram-se da camisinha ao mesmo tempo, mas era muito bom para resistir. Voltou a empurrar e deslizar-se em seu interior. Estava tão úmida e quente.

—Não me vou correr dentro de ti —lhe assegurou com voz irregular.

—Mas eu…, nem sequer falamos que isto.

—Eu não tenho nada —lhe prometeu—. Dava negativo em tudo durante as últimas provas que me fiz e nunca o faço sem camisinha. Nunca. Solo contigo. Sei que é uma tolice mas não posso… parar. Volta-me louco.

Apertou-o em seu interior e o olhou com seus grandes olhos, aturdidos pelo desejo.

—Eu tampouco tenho nenhuma enfermidade, mas não me estou tomando a pílula nem nada.

A colocou mais dentro, devagar, até que pôde acomodar toda sua longitude no interior e a ponta do glande pressionava a boca do útero.

—Tomarei cuidado —lhe suplicou—. Não me correrei. Serei bom. Juro-lhe isso.

Ela ficou a rir bobamente.

—Sempre é bom. Esse não é o problema.

—Não há nenhum problema. Não me correrei. Por favor, Nell.

Ela levantou os quadris em resposta e a montou duro e forte. deixava-se levar por seu corpo e queria explorar com cada investida. O líquido do lubrificante da vagina, a inmediatez da pele contra a sua. Nunca tinha sonhado com algo assim. Nunca tinha conhecido nada assim. Abria-lhe portas da mente que não sabia que estavam aí. O sexo nunca o tinha transportado a outros planos da realidade, por muito que lhe tivesse gostado.

Era Nell quem o tinha levado até ali. Ela era poesia e música. Era a perfeição, cálida e doce. levantou-se para poder observar cada detalhe de seu acoplamento. A base de sua franga brilhava com os fluidos, os lábios suaves e rosas de seu coño se abriam para acomodá-lo, beijavam-no e o acariciavam cada vez que a colocava e a tirava. Os corpos estavam enganchados nesse movimento. Tinha as coxas brancas e suaves abertas para ele, as curvas eram exuberantes e os peitos se moviam acima e abaixo com cada investida. O olhar desses enormes olhos fez que algo se abrisse em seu peito, mas não teve tempo suficiente para sentir medo do que acabava de descobrir porque seu corpo seguia a lide do orgasmo que se abria passo através dela. Chegaram ao limite…

Tirou a verga bem a tempo e o derramou tudo sobre a barriga e os peitos. Caiu exausto a seu

lado, ofegando, tímido. Escondeu a cara detrás de seu pescoço e notou a cadeia de ouro do pendente contra os lábios.

—foi… uma loucura —lhe sussurrou ao ouvido Nell depois de um par de minutos.

Levantou a cabeça.

—Não. foi fantástico —lhe respondeu ele com contundência.

Separou-se dele e se levantou da cama enquanto murmurava algo sobre a ducha que não chegou a entender.

—Farei-te o café da manhã —disse ele quando já tinha desaparecido e antes de que fechasse a porta do banho.

Era incapaz de desanimar-se depois daquele sexo explosivo, assim que ficou as calças de estar por casa e se levantou. Jogou um olho ao pequeno relógio digital prateado que tinha em cima da cômoda.

Eram as nove e trinta e sete. ficou com a boca aberta. Normalmente se levantava às quatro e meia e às cinco estava saindo pela porta. Ia ao ginásio até as seis e meia e chegava ao escritório entre as sete e as sete e dez. Estava claro que a noite anterior tinha sido diferente e sua manhã o estava sendo também, de momento.

Bom, que demônios. Ser o chefe tinha que servir para algo. Quem sabe, talvez tinha sorte outra vez. Aquele pensamento feliz o fez flutuar até que ficou de pé e foi à cozinha a preparar algo para tomar o café da manhã. O telefone começou a soar enquanto estava rebuscando na geladeira. Ninguém o chamava o fixo. Todo mundo o chamava o móvel. Exceto sua mãe. Vá momento tinha eleito, joder. Desprendeu o telefone.

—Sim?

—Duncan, carinho! Menos mal. chamei a seu escritório mas não estava. Como é possível? —Fez uma pausa significativa—. Está doente? passou algo? Nunca antes te tinha ficado em casa.

—Estou bem —respondeu com brutalidade—. Só me agarrei a manhã e vou trabalhar de casa. O que acontece?

—É Elinor. Não te vais acreditar o que tem feito.

Duncan respondeu à frase como devia.

—O que acontece com ela?

Elinor era sua irmã, uma estudante de segundo curso da Universidade de Nova Iorque.

—deixou a carreira de economia para fazer teatro! Em vez de cursar o que fica vai fazer história do teatro e da dança. Quer ser atriz!

Podia notar quão horrorizada estava sua mãe porque lhe quebrava a voz.

ficou olhando-os nódulos, que estavam cheios de marcas, e os dobrou para comprovar que não se haviam posto rígidos.

—E o que passa? É sua decisão, não?

—É uma loucura dedicar-se ao teatro! Fala com ela para que entre em razão.

Dirigiu a vista para o corredor de onde emergiria sua sereia problemática e sexy. Olha-o agora. Já não era o menino bom que sempre tomava a decisão inteligente. Mesmo assim, não gostava de contrariar a sua mãe nesse momento.

—Falarei com ela se quiser.

—OH, muito obrigado, carinho. te escutará. Ainda pode trocar a matrícula.

Notou alívio na voz de sua mãe.

—Vale, mamãe.

Pendurou e voltou a abrir o frigorífico.

Nell apareceu no gonzo da porta justo quando estava servindo as torradas nos pratos. Também tinha tirado presunto cozido e suco de laranja. Ela ainda levava o cabelo molhado, tinha as bochechas rosadas e cheirava bem. ficou olhando a comida que havia em cima da mesa com os olhos bem abertos.

—Espero que tenha fome.

Sentou-se balbuciando obrigado e engoliu uma boa porção de tudo o que tinha preparado. depois de tomar o café da manhã ficaram olhando-se enquanto terminavam o café. Nenhum podia manter o olhar do outro durante mais de um par de segundos sem ter que apartar a vista ou rir. Joder, quem o conhecesse não acreditaria: não podia deixar de sorrir, estava fazendo piececitos por debaixo da mesa e se comportava como um quinceañero. Mas eram quase as dez e meia e tinha que recolocar-se.

—Tenho que ir ao escritório —disse a contra gosto.

Nell olhou a hora no relógio.

—Eu também me tenho que ir trabalhar. De fato, vou chegar tarde para preparar o serviço de comidas.

Deixou escapar um suspiro quando a mão dele a agarrou pela boneca. ficou olhando-o. Não a soltava.

—Onde crie que vai?

Nell abriu os olhos como pratos, receosa.

—Duncan, me solte o braço.

—Solo tem que me responder.

—Não é óbvio? vou trabalhar. No restaurante Sunset Grill. Lembra-te? —Voltou a atirar da boneca—. Olá? Trabalho ali seis dias à semana.

—depois do que passou ontem à noite crie que te vou deixar passear pela rua? Como se não tivesse passado nada?

—Me deixar? —ficou direita—. Não me «vais deixar» fazer nada. Não tenho que te pedir permissão. Farei o que eu queira.

—Está equivocada.

ficou olhando-o, ofendida.

—Perdoa?

—Se não tivesse estado ontem à noite, estaria morta ou Deus sabe o que. Troquei o rumo do destino e isso me faz responsável por ti e partícipe de suas decisões. Terá que lutar comigo, Nell. Não tem alternativa.

Ela seguia com os olhos muito abertos.

—Me solte o braço. Está-me assustando.

—Vale. Embora deveria estar assustada. Já é hora.

Soltou-lhe a boneca com lentidão. Ela a esfregou enquanto evitava seu olhar.

—Não o entende. Não tenho nem um duro. Este problema com o Demônio me deixou rígida. Já devo um mês de aluguel e não tenho dinheiro nem para o táxi se não sair daqui e vou trabalhar.

—Posso-te dar dinheiro se o necessitar.

ficou tensa.

—Essa não é a solução, Duncan.

—Ah!, não? E te ter andando pela rua é uma solução muito melhor? Tentaram te seqüestrar em uma rua concorrida, Nell. Na parte sul de Manhattan. diante de um montão de testemunhas. Já devem saber quem sou e onde vivo. Vão a por ti. Conta com isso.

Fechou os olhos. Parecia muito cansada e perdida.

—Duncan, não tenho mais opção que trabalhar. Tenho que pagar o aluguel e…

—Claro. Refere-te ao aluguel do sítio que tem o telefone cravado, está infestado de câmaras e microfones e cujo alarme não serve para nada?

—Ainda tenho que pagá-lo e encontrar outro sítio para…

—Aqui —a cortou com brutalidade—. Fique aqui comigo.

Olhou-o durante um momento, sem compreender.

—Há um montão de espaço —a apressou—, e a segurança é excelente.

Nell levantou as mãos em sinal de rendição.

—Duncan —disse se desesperada—, é um amor mas é um pouco precipitado e, de todas formas, tenho que trabalhar.

—Não, não tem que trabalhar e não é precipitado, depois do que passou ontem à noite. Pode te dedicar a redigir os textos do videojuego, se tiver que fazer algo. —Devolveu-lhe o olhar—. Não necessito que me ajude a pagar o aluguel ou a comida, Nell.

—Já me dei conta —disse em tom ácido—. Isto o que significa?

Encolheu-se de ombros.

—O que crie que significa?

Girou a cabeça e o esfaqueou com o olhar.

—Para mim significa que estarei seqüestrada.

—Para mim significa que estará a salvo.

—a salvo e disponível para me deitar contigo as vinte e quatro horas do dia?

Essa pergunta a fez zangar.

—E isso seria tão terrível? —perguntou-lhe.

Rechaçou suas palavras com um gesto raivoso da mão.

—O sexo não é o problema.

—Vale. Então, qual é seu puto problema, Nell? É o dinheiro? Sim, tenho um montão. E o que? Ganhei-me isso. Agora quer me castigar por isso? Pois a mierda. Não é justo.

—Não —lhe respondeu—. Não é isso.

—Pois por que tem tantos problemas para aceitar minha ajuda? —perguntou irado—. Porque este tema está começando a me aborrecer até não poder mais.

Nell ficou a mão sobre a boca durante um momento e se esclareceu garganta.

—Minha mãe era prostituta.

De tudo o que podia haver dito, essa declaração era quão último esperava ouvir.

—Como? —perguntou atropeladamente—. Não quer dizer…, a mulher que…

—Não. Essa era Lucia, minha mãe adotiva. —A voz do Nell deixou de ter cadência—. Estou falando de minha mãe biológica. chamava-se Elena Pisani e não era uma prostituta que fazia a rua, era uma puta de luxo a que seus amantes mantinham muito bem. Apartamentos bonitos, roupa bonita, jóias, salões de beleza, etcétera. Mas, no fundo, todas essas coisas só eram parte de um cenário.

O silêncio se fez pesado atrás daquelas palavras e Duncan não encontrava nada inteligente que lhe dizer.

—por que me está contando isto?

Lançou-lhe seu olhar abrasador. Aquela que o assustava, tirava-lhe o fôlego e o excitava ao mesmo tempo.

—Lembrança que ela fixava todos os detalhes de cada novo acordo mútuo e, uma vez que o tinha feito, mandava a um internato distinto até que o homem de volta se aborrecia ou ela encontrava a um cliente mais rico.

Duncan procurou um lugar onde classificar e guardar aquela informação que era extremamente perigosa, mas não pôde encontrá-lo.

—OH, vá. Entendo.

—Ah!, sim? Entende-o? —Olhou para outro lado—. Imagino que tudo parecia perfeito desde fora. Ela escolhia a seus amantes, que sempre eram ricos, e vivia em sítios preciosos. Mas toda sua vida girava em torno de seu mecenas do momento e aos dictámenes de seu ego, sua comodidade e seu estado de ânimo. Não lhe sobrava energia para mim. Manter-se sempre bonita, encantadora, sexy e divertida era um trabalho duro que não deixava muito tempo para um filho.

—Eu… Ah…

Duncan tentou sem sorte encontrar algo que dizer que não soasse estúpido ou ofensivo.

—Eu não quero isso. Não quero que um homem seja o centro de minha vida e ter que fazer malabares impossíveis com ela para encaixá-la na sua. Nada disso. Tenho planos e ambições

próprias.

—Nunca quis dizer isso —disse ele desesperado.

—Sinto que isto te envergonhe. Também me passa, mas necessito que entenda por que não posso ceder nisto. Não estou à venda, para ninguém, por nenhum motivo. Nem sequer em troca de amparo do Demônio. Nem agora nem nunca. Porque o acordo de mútuo benefício de que falava ontem… não me parece um bom trato, embora pareça o contrário. Nem sequer tendo em conta que o sexo é genial. Não me beneficiaria. Ao contrário, em algum momento começaria a me sentir uns centímetros mais baixa.

ficou pensando no que havia dito durante vários minutos; depois se aproximou até ela, devagar, separou-lhe as mãos e as agarrou com força.

—Me interpretaste mal. Solo era uma forma de falar.

Nell olhou aos olhos, tentando decifrar o que lhe passava pela cabeça.

—Era-o?

—Nunca teria pensado que estava em venda.

Nesse momento se lembrou da fantasia que tinha tido sobre a garçonete jovem e se sentiu um pouco culpado, mas aquilo era intrascendente, já que Nell não era essa garota.

Nell era muito mais. Mais complicada, mais fascinante e mais problemática e não tinha por que saber nada de seu desvario politicamente incorreto de pervertido. levou-se suas mãos aos lábios.

—O que passou entre nós não se pode comprar. Não haveria dinheiro no mundo para pagá-lo.

Escutou suas palavras sinceras e transparentes e se ruborizou.

—Obrigado por dizer isso.

Voltou-lhe a beijar as mãos como resposta, não podia parar. Os dedos largos e finos, aquelas unhas ovaladas e rosadas. Era gracioso. Nunca antes se fixou nas mãos de uma mulher.

—Mas ainda tenho que ir trabalhar —insistiu—. Talvez poderia me deixar dinheiro para agarrar o táxi esta manhã e lhe devolvo isso com o que me dêem de gorjeta.

Ele tentou acalmar sua frustração.

—Já te levo eu. Com uma condição. Não pode sair do restaurante até que passe a te recolher para te levar ao escritório. Nem recados, nem descansos, nem compras, nem caixas, nem café do Starbucks. Nada de nada. Está claro?

Nell suspirou com força. Ele se apressou a continuar para que ela não pudesse pôr mais objeções.

—Explicarei-lhe isso melhor. Faz-o como um favor que te peço porque me importa e estou assustado por ti. Acredito que isso me ganhei isso.

—Duncan…

—Uy. Perdoa, retiro o último, o de ganhar. Nada que tenha que ver ganhando. Nem de coña. Nenhuma metáfora econômica mais. Não, senhor.

Nell tratou de não sorrir.

—Não te ria de mim. Isto é muito sério.

—Vá que se o for. É o que estive tentando te dizer.

—Mas também tenho que ir a seisiún no Malloy'S. Prometi a minhas irmãs que nos veríamos ali esta noite —lhe informou—. Tenho que ir.

—Pois te levarei também e depois voltaremos para casa. —Olhou-a aos olhos e acrescentou a propósito—: A minha casa.

Pô-lhe a cabeça no ombro.

—Seguro que tem melhores costure que fazer que me passear por toda a cidade e escutar música irlandesa em um pub.

—Não. Não tenho nenhum plano melhor. Além de, já sabe, ganhar dinheiro. Mas acredito que já tenho suficiente para te incomodar, assim ao melhor me deveria tomar isso com mais calma, não?

Os olhos lhe cintilaram.
—Não te ria de mim.
—Sinto-o —disse submisso—. eu adoraria conhecer suas irmãs.
Nell se apaziguou.
—Vale, mas isso é jogo sujo, sabe?
Pestanejou fingindo toda a inocência que era capaz.
—Jogo? Que jogo?
—Primeiro me abranda e logo troca ao modo de supercontrolador.
—O que faça falta, enquanto funcione… —resmungou.
Olharam-se aos olhos e, como sempre, o oxigênio do ar entre eles começou a arder. Mas ela se tornou para trás quando ele tratou de abraçá-la.
—Nem te aproxime. Já chegamos tarde. Lembra-te?
Dirigiu-se à ducha enquanto tentava controlar a ereção que lhe tinha crescido entre as pernas. Tinha-a dura como uma pedra, assim tentou concentrar-se no que tinha que fazer. Primeiro, tirar sua velha SIG Sauer 229 do armário e munição, procurar a cartucheira que ia ao ombro entre as gavetas e encontrar os trajes no armário que estavam adaptados para levá-la. Tomar banho e vestir-se. Acalmar-se. Notava os batimentos do coração incontrolados de seu coração e lhe suavam as Palmas das mãos.
Solo se podia consolar ao pensar que a teria outra vez em sua cama essa mesma noite.

## Capítulo 7

–

Nell se sentiu culpado ao escutar o som da água correndo através da porta do banho. ficou a pensar em seu corpo nu, poderoso e irresistível sob a pressão da ducha, nas gotas e o sabão que lhe escorregariam pelos músculos torneados. A ponto esteve de sucumbir à tentação de tirá-la roupa e…
Não. Ele sempre se tomava seu tempo. Seria largo, úmido, entre vapor e borbulhas. Tão maravilhoso que se esqueceriam de coisas práticas como ganhar dinheiro, proteger sua integridade e cumprir com suas obrigações profissionais. Já chegava tarde à preparação da comida. Estava claro que a tinha desarmado totalmente e a tinha comendo de sua mão. Estava enganchadísima a ele.
ficou olhando o traje que tinha estirado em cima da cama. Não sabia muito de moda, sempre se tinha mantido ignorante a propósito, mas podia reconhecer o corte e o acabamento da indumentária masculina de qualidade quando o via. Havia milhares de dólares em roupa aí atirada na cama desfeita, sobre os lençóis suaves e chapeados. Estava tão bonito com esse traje…
Voltou para salão e viu as rosas que seguiam em cima da mesita do telefone, onde as tinha esquecido. Entre umas coisas e outras, não as tinha posto em água e se começaram a murchar.
Era uma pena. Colheu-as com a intenção de procurar um vaso na cozinha. Era todo um detalhe que tivesse pensado em parar para lhe dar de presente rosas. Algumas se desintegraram e as pétalas ficaram pulverizados pelo chão de madeira brilhante. Recolheu-os, duvidou um momento e arrancou outros poucas pétalas sedosas daquele ramo que adoecia.
Levou-os a habitação e colocou uns poucos no bolso da jaqueta do traje.
Quando saiu do banho de sopetón, barbeado e perfumado, e entrou na habitação, estava concentrado em tudo o que tinha que fazer. A trégua entre os dois durou até que chegaram ao Sunset Grill, mas, quando ia sair do carro, agarrou-a para lhe dar um beijo duro e ardoroso.
—Uma coisa mais, Nell.

—Sempre há algo mais —se queixou—. Já vale.

—Isso o dito eu —lhe disse com sua arrogância habitual. tirou-se um telefone móvel do bolso. Um telefone ostentosamente caro, dos que custavam oitocentos dólares—. Agarra-o e fique o Sem objeções.

Ela pôs os olhos em branco.

—ia comprar um hoje de todas formas.

—Não pode. Fez o juramento de sangue de que não foste sair do restaurante até que venha a te buscar. Lembra-te?

Entrou-lhe um ataque de risada.

—Um juramento de sangue?

—Joder, claro. Agarra-o. Não me leve a contrária nisto. Fique o até que tenhamos a oportunidade de ir comprar um. Tem meu número gravado.

Olhou-a aos olhos e lhe rodeou a boneca com os dedos. Nell se deu conta de que essa batalha estava perdida. Não a deixaria ir-se até que não cedesse e por que não ia fazê-lo? brigava sozinho por inércia, por lhe levar a contrária. Não podia permitir-se tolices assim. guardou-se o telefone na bolsa.

—Obrigado.

—Quando estiver no restaurante, guarda-lhe isso no bolso do avental. Chamarei-te para me certificar de que está bem e vou dar a lata se não responder. me acredite.

Ao Nell lhe escapou uma gargalhada.

—Olhe como tremo.

Aquele tio atuava depressa. Já a estava atirando. John se mordeu o interior da bochecha até que se fez sangue.

Antonella desapareceu no Sunset Grill. Sorria e tinha a cara tinta, provavelmente ardida de ter estado follando toda a noite. A muito puta.

O Mercedes prateado do Burke ficou parado entre o tráfico da Oitava Avenida.

Estava zangado e o encho o saco se tornou crônico ao ter que lutar com o Haupt dia e noite. estava-se começando a expor o assassinato por prazer, solo para descarregar a tensão. Se não, começariam a lhe dar ataques de pânico.

Era incrível que aquele tio já a estivesse follando. comportou-se como uma dissimulada durante as semanas que John a tinha estado vigiando. Uma menina boa que dormia sozinha, entre montanhas de livros. Uma monjita sexy e suculenta. Mas isso se acabou. converteu-se em uma puta suja que o tinha jogado tudo a perder. Pagaria por isso.

Não é que não fora a desfrutar quando tocasse a ele, coisa que era inevitável, mas teria que castigá-la com severidade por haver-se aberto de pernas, manchando sua virtude por esse rico filho de puta. Igual a sua irmã, que o tinha estado enganando com o carpinteiro saído. Esse já estava destinado a sofrer uma morte lenta e dolorosa. logo que viesse bem ao John.

Ao melhor Burke também podia entrar na lista especial do John. perguntava-se se a irmã pequena seria tão zorra como as outras. Pode que inclusive mais, a julgar pelas tatuagens, o aro que levava no nariz e a caminhonete que conduzia. A mierda, as beneficiaria a todas e as castigaria sem descanso. Solo de pensar nisso lhe punha dura.

Mas chamar o Haupt fez perder todo o entusiasmo. Chiavam-lhe os dentes ao pensar na bronca que lhe ia cair em breves momentos.

O velho fedorento desprendeu o telefone e nem o saudou. Esperou a que o informasse do que tinha passado e se encarregou de lhe transmitir sua repulsão mediante seu silêncio.

—Acaba de voltar para restaurante —o informou John—. Burke a trouxe em seu próprio carro. Parece que a está follando.

—E por que deduziste isso?

John enrugou o lábio ante a eleição de palavras do velho.

—A maneira em que lhe colocou a língua até a garganta foi minha primeira pista.

—Me conte o que sabe do Burke —o desafiou o avô.

John olhou os papéis que tinha passado toda aquela larga noite recolhendo.

—Tenho más notícias —admitiu—. É um exagente secreto da NSA reconvertido em homem de negócios de êxito. Desenha programas para a NSA, a CIA e o Departamento de Segurança, entre outros clientes. Tem conexão direta com vários corpos policiais. Há-me flanco muito solicitar informação sobre ele. Quase toda é de acesso restringido.

—Vá. Deve estar contente, John. Agora tem uma justificação plausível para sua incompetência, não?

John tamborilou no salpicadero com as unhas da mão e pensou nas diferentes opções que tinha para matar a aquele velho saco de mierda. depois de que lhe pagasse, claro. De fato, estava pensando em lhe tirar ao velho sua parte do bolo. Era o único que faria que aquela humilhação constante merecesse a pena.

—Isto complica as coisas —respondeu com cuidado.

—Sim, e o carpinteiro idiota com seu violino também te complicou as coisas, não? Esse não é nenhum agente secreto. Turturro pôde encontrar à irmã pequena?

—Não —disse depois de uma pausa dolorosa—. A buscou naquela feira de artesanato durante horas mas nunca apareceu.

—Claro que não. Não é tão gilipollas como outros que me passam pela cabeça. Fica vigiando a Antonella, John. Não delegue em ninguém e não a volte a perder. Os secuaces que contrataste até agora não deixaram que nos falhar. levou-se alguma coisa que tivesse um micro a casa do Burke?

—O ordenador portátil, mas unicamente se pode escutar a curta distância.

—Já não me interessam suas desculpas. Encontra um sítio de onde possa receber o sinal, dá-me igual onde esteja. Não pode voltar a falhar.

Haupt lhe pendurou e John apertou os dentes até que lhe doeu a mandíbula.

ia ter que matar algo logo e tinha o pressentimento de que ia ser o casulo que se estava deitando com a Antonella. Sim, isso estaria muito bem. Ainda tinha as palavras cravadas com as que lhe tinha desafiado: «Não lhe vais levar isso. Jódete e morre, filho de puta».

Sim, claro, e uma mierda.

Burke ia morrer por aquilo e Antonella pagaria uma e outra vez.

Duncan se deu conta de que sentia algo estranho enquanto conduzia ao escritório, estacionava e lhe dava uma gorjeta ao surpreso menino da garagem. Como se tivesse um globo de hélio no estômago. O otimismo o fazia flutuar e a gente o olhava de forma estranha. deu-se conta de que não podia parar de sorrir como um idiota.

Joder, tampouco era tão estranho que estivesse de bom humor, não? A mulher de média idade que se encarregava da cafeteria na entrada do edifício o olhou sentida saudades quando lhe disse que estava bonita de ruiva. Era verdade. O cabelo loiro ficava fatal. Era estranho, como se ninguém o tivesse visto antes de bom humor.

Assobiava enquanto se dirigia ao escritório. O advogado matrimonial da planta de acima, que era um quejica, olhou-o mal enquanto subiam no elevador. Duncan lhe sorriu e o homem pigarreou. Talvez ter que levar divórcios todo o dia lhe dava gastrite.

Em um par de pernadas chegou à entrada. Derek estava ali. Ordenava uns papéis com rapidez. Ia vestido de sábado, com jeans e camiseta.

—bom dia, Derek.

O recepcionista o olhou como se lhe tivessem crescida asas.

—Né, olá, chefe.

—Obrigado por trabalhar os sábados.
Os olhos do Derek se sobressaíram mais do normal.
—Né, não há problema.
Duncan lhe deu um tapinha nas costas quando passou ao lado de sua mesa.
—Recebe um pagamento extra pelos sábados, verdade?
—Me compensam com o equivalente em férias mais a metade.
Viu o medo em seus olhos.
—Bem, farei que se reflita também em sua bonificação. Merece-lhe isso. Segue com o bom trabalho, Derek.
Estranho, refletiu Duncan enquanto saudava e sorria aos irredutíveis que se encontravam ali na sábado pela manhã.
Derek nem pestanejava quando lhe falava com brutalidade ou lhe ladrava, mas um simples completo o assustava de verdade.
Agora que o pensava, todos seus empregados o olhavam nervosos. Duncan se olhou para comprovar que seus sapatos não estavam desemparelhados nem levava a braguilha aberta. Não. Tudo estava sob controle.
Encolheu-se de ombros. A mierda. O estava passando muito bem flutuando em seu globo de hélio pessoal para preocupar-se.
Começou a soar o telefone assim que pôs um pé em seu escritório. Era a linha privada. Talvez era Nell, para lhe dizer que estava de tão bom humor como ele. Mas aquela ensoñación diurna se acabou assim que se lembrou de que Nell não tinha seu número privado do escritório. Solo o de seu móvel.
De repente, lhe tiraram as vontades de responder.
Suspirou e desprendeu.
—Burke ao aparelho.
—Bom, por fim chegaste ao escritório! —Era sua mãe—. Que narizes está passando? —Pergunta a que seguiu uma pausa espectador.
—Nada. Negócios como sempre.
—Claro, o que você diga. Se não me contar isso, vou ter que me inteirar por outros meios… Enfim, falaste com o Elinor?
O bom humor do Duncan começou a decair.
—Ainda não tive tempo.
—Duncan, é muito importante que troque de opinião. Está empenhada em rebelar-se. Por favor, necessito seu apoio nisto.
—Chamarei-a —lhe prometeu—. logo que pendure.
Livrou-se de sua mãe e marcou o número do Elinor. Sua companheira de piso, Mimi, agarrou o telefone. Podia escutar música alta e incoerente de fundo.
—Quem é? —gritou Mimi ao outro lado do telefone.
—Sou o irmão do Elinor. Posso falar com ela?
—O irmão do Elinor? Qual deles? que está incrivelmente bom ou o estirado?
—O estirado —especificou com paciência.
—Né, Ellie! —chiou Mimi. Duncan fez uma careta e se afastou o auricular do telefone da orelha—. É seu irmão, o estirado. —Mimi ficou escutando a resposta e disse—: Já vem. Espera um momento.
Escutou um golpe surdo, recostou-se na cadeira e começou a tirá-la jaqueta, mas parou ao lembrar-se da pistola.
Mierda. Tinha que deixar-lhe posta, por muito que suasse. Colocou a mão no bolso e suspirou ao notar a textura suave e sedosa que sentia na mão.
Pétalas. Tirou a mão, surpreso, e pétalas de rosa caíram pelo escritório, a cadeira, seu regaço e o chão.

Começou a rir com força, o que deu motivo a um dos desenhistas gráficos e a um dos contáveis para olhar através da porta de seu escritório, que estava aberta. Era provável que pensassem que se estava voltando louco. Talvez era assim, pensou, pela felicidade delirante que sentia.

—Olá? me diga?

Voltou a emprestar atenção ao telefone.

—Olá, sou Duncan.

—Olá —disse Elinor com precaução—. Te pediu mamãe que chamasse?

Duncan esperou um segundo.

—Bom…

—Encarregou-te que me convença para que me volte a trocar a econômicas. Que pense sobre meu plano de pensões, sobre a casa que me comprarei na periferia, sobre o todoterreno que poderei ter, sobre meu nicho no cemitério, não? Pois esquece-o. Penso seguir meus sonhos!

—Acredito que faz muito bem —disse Duncan.

Houve uma pausa depois da qual Elinor continuou:

—Não pode me fazer trocar de opinião. Tenho o que faz falta para…

—Claro que tem o que faz falta.

Outro silêncio confuso do Elinor.

—Como?

—Seguro que o faz muito bem. A por isso. Faz-o o melhor que possa.

Elinor estava estupefata.

—Não está sendo sarcástico, verdade?

Duncan tocou as pétalas com as gemas dos dedos.

—Tão ogro sou normalmente?

—Solo me perguntava se te tinha abduzido um extraterrestre ou algo assim.

—Vá.

Enterrou o nariz nas pétalas, cheiravam à pele do Nell.

—Mamãe te vai matar —predisse Elinor com alegria.

—Não o duvido.

Despediu-se e pendurou enquanto olhava à montanha de pétalas vermelhas. O balão de hélio voltou a inflar-se, elevando o da cadeira. Estava cansado de ser o desmancha-prazeres oficial da família. Teclou o número do telefone que lhe tinha dado ao Nell e acariciou uma das pétalas enquanto soava, degustando a agonia da espera.

—Olá? —perguntou a voz doce e musical do outro lado da linha.

—encontrei as pétalas —lhe anunciou.

Durante o silêncio que houve a seguir, pôde sentir seu sorriso, esse pequeno sorriso secreto que o voltava louco.

—E? Espero que não lhe tenham posto em evidência.

—Nada poderia me envergonhar hoje.

Houve outro silêncio, tímido.

—Né, Duncan? Estamos até acima de clientes, poderíamos deixá-lo para…?

—As pétalas de rosa apodrecem, como a verdura, ou se secam?

—Secam-se —respondeu Nell—. Crie que te encheria os bolsos com algo que se apodrecesse?

Ignorou aquele comentário e sorriu.

—Estou desejando que cheguem as seis.

—Eu também —sussurrou Nell—. Até mais tarde.

Nell pendurou e Duncan deixou o telefone sobre a mesa.

Tentou concentrar-se. De verdade que o tentou, mas os assuntos urgentes, importantes e sérios que outros dias lhe amarguravam a existência hoje pareciam muito menos relevantes. Muito

menos interessantes. O único no que pôde centrar-se foi na conversação com o Gant e seu amigo Braxton, outro exagente que agora se dedicava à segurança. Acordou que passariam pelo piso do Nell para desmantelar todos os aparelhos de vigilância.

Chamou tantas vezes ao Nell que ela começou a lhe dar cortes e a lhe pendurar mas sempre entre risadas. Nunca tinha sido o tipo de homem que fazia rir às mulheres. Por fim podia entender por que havia homens que o batalhavam tanto. Era irresistível. Faria algo para lhe arrancar uma dessas risadas delas.

Os segundos transcorriam lentos entre reuniões e conferências telefônicas. Seus empregados se comportavam de maneira estranha. Pilhava-os falando entre sussurros que se sossegavam quando passava por seu lado. Também havia estalos de risadas que se continham. Bruce levou um sorriso de orelha a orelha estampada na cara durante todo o dia.

Às cinco menos dez já não podia mais. Era uma hora antes do lembrado mas era incapaz de fazer nada, assim decidiu ir ao Sunset e ficar ali até que terminasse o turno para assegurar-se de que não saía sozinha.

Tinha planejado trabalhar durante três horas nos textos do videojuego com o Bruce. Das seis às nove. Era muito, levava a suas costas um comprido turno servindo mesas. exigia-se muito. Insistiria em que terminassem antes. Assim teriam tempo de ir jantar antes de reunir-se com suas irmãs no pub.

Encontrou um bom sítio onde estacionar que não estava longe do restaurante e entrou, com o coração desbocado. Ali estava, envolta no avental laranja, com o cabelo recolhido caindo sobre a cara. Parecia cansada e curvada.

E arrebatadoramente bonita.

Elevou a vista, viu-o e se chocou com uma mesa. Com grande rapidez estava a seu lado para ajudá-la a sustentar a bandeja. Ela se tornou para trás e derramou a metade da sopa de cebola que levava.

—Obrigado. Já me encarrego eu. O que faz aqui?

—É um restaurante, não? Não posso entrar?

—Sim, claro. Perdoa —disse enquanto se mordia o lábio inferior—. Todas as mesas estão ocupadas. Pode esperar durante quinze minutos ou pode te sentar na barra.

Duncan se sentou na barra. O sítio estava abarrotado entre gente que comia tarde e outra que jantava logo. Nell e a garota ruiva eram as únicas garçonetes e corriam como loucas de um lado para outro. Observou-a enquanto atendia as mesas e iluminava a sala com seu sorriso. Conduzia bandejas que pesavam muito para ela. de vez em quando o olhava de esguelha. depois de um momento se aproximou com uma jarra de café na mão.

—Deixa de me olhar. Põe-me nervosa —lhe sussurrou ao ouvido enquanto lhe servia o café.

—O que te passa? Está tensa.

—OH, nada. Isto está até a bandeira. Tenho problemas de dinheiro. A dívida de meu cartão de crédito cresce por momentos. Não posso ir a minha casa porque há microfones e câmaras por toda parte. Ontem à noite uns seqüestradores armados tentaram me colocar em um carro. Passei a noite follando como uma coelha com um homem ao que logo que conheço. Quando devo trabalhar descubro que Kendra tem outra de suas enfermidades estranhas e que Lê se quebrado um dedo, assim falta pessoal, e agora vem você e não pára de me olhar como se tivesse duas cabeças. Além disso, estou bem. me diga o que quer. Imagino que lombo.

—A verdade é que já comi.

Ela levantou uma sobrancelha.

—Então, o que faz aqui?

—Queria verte —disse simplesmente—. Não podia esperar mais.

Ela tragou e lhe coloriram as bochechas.

—De noite há uma consumação mínima de três dólares.

—Pois me ponha mais café e minha sobremesa de sempre.

Lançou-lhe um olhar de desaprovação.
—Deveria provar algo novo —disse, enquanto se afastava com a cabeça bem alta.
—Então, é você, não? —Escutou uma voz feminina e cavernosa.
Olhou ao outro lado da barra e se topou com os olhos cinza claro de uma senhora de mandíbula quadrada e quadris largos que teria uns sessenta anos.
—Perdoe?
A mulher enfeitou com destreza uma bandeja de saladas e a passou à garçonete ruiva por cima da barra. A garçonete ficou detrás do Duncan e lhe explorou um globo de chiclete de morango na orelha enquanto o estudava como se fora uma espécie estranha de mofo em uma placa de microscópio.
—Não está mal —comentou com voz judiciosa.
—Eu sou Norma —disse a mulher maior, examinando-o por cima dos cristais dos óculos—. Sou a proprietária do restaurante. E você é Lombo.
Que o chamassem razão da comida que pedia todos os dias era uma experiência nova para ele.
—Meu nome é Duncan Burke, a seu serviço.
—Assim é você —voltou a repetir Norma enquanto enrolava os talheres nos guardanapos e os colocava em uma bandeja com a eficiência de um robô.
Deu-lhe um sorvo ao café.
—Sou o que? —perguntou com cautela.
—que vai tirar a minha mão direita.
—Sinto muito, senhora, mas na natureza o tubarão se come ao peixe pequeno.
—Já sei —respondeu Norma. Seus olhos cinzas eram frios como o aço—. De fato, queria aproveitar esta oportunidade para te dizer a sorte que tiveste ao encontrar ao Nell.
A taça de café do Duncan ficou a meio caminho para sua boca.
Norma seguiu:
—Contou-me o que passou ontem à noite e que a salvaste que aqueles tios que a atacaram na rua. Isso está muito bem. Parabéns. Me alegro de que possa te defender em uma situação assim. Isso é uma boa qualidade em um homem, muito prático. Mas não é suficiente.
Duncan pestanejou.
—Não o é?
—Não. Não para o Nell. Ela é especial, muito sensível e romântica. Tem muito para dar, muito mais do que te possa imaginar.
Começou a sentir-se acossado.
—E como sabe o que eu imagino?
—Qualquer homem que pede o mesmo para comer durante seis semanas tem problemas com a imaginação —sentenciou Norma, não sem certa piedade.
A garçonete ruiva se voltou a aproximar e se inclinou sobre seu ombro.
—Mas não perca a esperança —lhe disse, e voltou a explorar o chiclete em sua orelha—. Pode compensar na cama o ser curto de imaginação mas tem que tratá-la muito bem, pequeno.
—A isso queria chegar —acrescentou Norma—. Se não o tráficos como a uma rainha, terá que responder ante mim.
Duncan se obrigou a fechar a boca, que tinha totalmente aberto desde fazia um momento. Tossiu para esclarecê-la garganta.
—O que quer dizer, senhora?
—Isso depende de ti —lhe respondeu Norma com secura—. Olhe, infelizmente, nossa Nell é órfã. Não tem pais que possam te vigiar e te partir a cara se fosse necessário. —destacou-se ao peito —. Mas aqui estou eu, senhor Lombo, para tomar a substituição. Sou pior que a pior sogra que possa imaginar. Para que saiba.
—E também estou eu, e Monica, e não se esqueça de suas irmãs —acrescentou a ruiva

conforme passava por detrás—. Faz machuco ao Nell, e Nancy e Vivi lhe despedaçarão em trocitos muito pequenos.

—Agora o entendo. —Reteve aquela magnífica imagem na cabeça durante uns momentos —. Vocês gostariam que declarasse que minhas intenções são honestas, não?

Norma lhe dirigiu um sorriso de aprovação.

—Isso me parece uma idéia excelente.

Nell apareceu com um prato na mão.

—Aqui tem a sobremesa. Carla, pode lhe servir uma parte de Selva Negra e outro de bolo de lima à mesa cinco? Têm pressa, vale?

Carla explorou o último e sonoro globo de chiclete e se afastou pavoneando-se; o culo ia acima e abaixo. Nell deixou o prato em cima da barra. Não era bolo de maçã com baunilha. Era algo esponjoso com um montão de nata por cima.

—decidi que necessita uma mudança —lhe disse com uma nota de desafio nesta voz é a especialidade da casa. Bolo de plátano.

ficou olhando-a com os lábios apertados; Normatiza a sua vez o observou desde detrás da barra com os braços cruzados por diante de seu peito generoso enquanto passavam os segundos.

Não gostava que o manipulassem, mas era sozinho uma parte de bolo e aquilo era uma espécie de exame que não podia permitir-se suspender.

Bom, a mierda. Ao fim e ao cabo só era um bolo. Agarrou o garfo e se levou uma parte à boca.

—Está boa —comentou automaticamente. Então se levou outra parte à boca e se deu conta de que era certo. Estava muito boa. De fato, estava deliciosa.

Nell relaxou a cara e Norma levantou uma sobrancelha, pigarreou e se largou para atender a um cliente que estava ao outro lado da barra. Nell se aproximou dele.

—O que lhe hão dito? —perguntou-lhe ao ouvido.

Duncan sentiu como um sorriso inesperado se abria passo em sua boca, seguida de umas vontades inexplicáveis de rir.

—Acabam-me de informar que deveria fazer uma declaração de intenções e de que se não te tratar como a uma rainha amassarão, cortarão em trocitos e pulverizarão os restos pela rua.

—Meu deus. —Nell se ruborizou delicadamente—. As vou matar.

—Não faz falta.

De repente Duncan estava rendo, sem prévio aviso. Alto e forte, em público. A gente o olhava mas lhe dava igual. sentia-se genial.

## Capítulo 8

_

Seguia sem poder evitar olhá-lo e, cada vez que a pilhava, sorria-lhe de tal maneira que a removia por dentro. Esse sorriso com covinhas que lhe desenhava umas linhas tão sexis nas bochechas. Tinha-lhe sorrido no restaurante e tinha conseguido que colocasse a pata com os pedidos. Tinha-lhe sorrido no carro quando foram por volta do escritório e seguia sonriéndole agora, da mesa do despacho. Cruzou as pernas e tentou voltar a respirar com normalidade. Que bode. Não era justo, mas nada justo.

—Nell. Chamando o Nell? terminaste algum?

Passou a olhar ao Bruce.

—Né? Se tenho terminado o que?

Bruce pôs os olhos em branco.

—Os manuscritos para as covas dos duendes! Terminaste-os? Necessito-os para poder acontecer-lhe aos que se encarregam dos gráficos.

—Ah, né… —Estava envergonhada. Entre o ataque da noite anterior e as largas sessões de sexo incrível não tinha podido lhe dedicar nem um segundo ao videojuego. De fato, esqueceu-se de sua existência—. O sinto, Bruce, mas…

—esteve ocupada —rematou Duncan desde detrás de sua mesa.

Bruce entrecerró os olhos e alternou o olhar entre o Duncan e Nell.

—Ocupada?

Nell começou a ruborizar-se.

—Levo uns dias de loucos. Se quiser, posso me pôr agora mesmo.

—De acordo, vale, mas hoje queria que intercambiássemos idéias sobre a torre octagonal e os espelhos mágicos. O que acontece as profecias das tumbas malditas dos reis perdidos? Tampouco tem feito nada com elas?

Suprimiu seu primeiro impulso de desculpar-se por não ter trabalhado o suficiente.

—Ainda não, mas tenho algumas ideia. Necessitamos encriptarlas.

—Ontem comecei a escrever uma nova pedra da Rosetta. Parece que se queremos conseguir algum resultado vamos ter que ficar até meia-noite…

—Não —interrompeu Duncan—. Leva todo o dia servindo mesas. Precisa jantar e descansar. Além disso tem que estar em Queens às nove.

Bruce ficou olhando-os e começou a sorrir.

—Já vejo. Precisa dormir para estar bela pela manhã? Assim é como vão as coisas.

—te cale, Bruce —lhe grunhiu Duncan.

—Esteja cansada ou não, necessitamos algo para poder começar na segunda-feira —se inquietou Bruce—. Não sei o que esperas que…

—Façam amanhã.

Bruce o olhou de esguelha.

—Amanhã é domingo, Dunc.

—E? Que mais dá o dia que seja?

—Amanhã estou disponível —disse Nell com rapidez.

Duncan olhou a seu irmão.

—Vê? Problema solucionado. Agora te perca.

Bruce se levantou e se dirigiu para a porta.

—Me vou casa a me matar trabalhando em minha pedra da Rosetta enquanto os apaixonados…

—Fora, Bruce! —A voz do Duncan soou como uma chicotada.

—Me deixem que jogue o fecho da porta por vós.

Sonriendo, subiu o batente da fechadura e o encaixou. Depois fechou a porta detrás de si.

—Isso não era necessário! —acusou-o Nell—. Lhe tinha prometido que teria os manuscritos para as covas dos duendes. OH! —gritou quando a levantou e a levou a outro lado da mesa para ficar a no regaço de maneira que estava escarranchado em cima dele—. Está louco?

Afogou seus protestos com um beijo quente e persuasivo. Lhe agarrou as bonecas para não cair. Vá. Mas aquele era seu escritório, pelo amor de Deus.

—Solo um beijo —lhe disse ele, enquanto lhe acariciava a garganta com o nariz—. Cada vez que acontecia a sala de reuniões me punha dura. Não se preocupe, o fecho está jogado.

—Isso solo piora a situação! —protestou—. Todo mundo tirará suas conclusões!

—Quem é todo mundo? foram-se todos menos Bruce, que já se feito uma idéia. —Agarrou-a dos quadris e a aproximou—. Hoje tenho feito uma loucura —lhe disse, entre dois beijos apaixonados.

—Sim? De verdade? —ficou a rir até perder o fôlego—. mais do normal?

—Sim. supunha-se que tinha que convencer a minha irmã Ellie de que voltasse a fazer econômicas em vez de teatro.

Abraçou-a com mais força e lhe esfregou a ereção contra seu ponto quente, que se derretia por momentos. Nell quase não podia nem respirar.

—Assim que a chamei —continuou com voz sedosa— e, quando estava a ponto de lhe soltar meu discurso, encontrei as pétalas que me tinha metido nos bolsos.

—De verdade? —disse Nell. Suas calcinhas eram uma muito magro barreira entre o calor abrasador que sentia e a ereção do Duncan—. E?

—E lhe disse que seguisse com o teatro.

Parecia surpreso consigo mesmo. A surpresa devolveu ao Nell a lucidez.

—Assim, sem mais?

—Estava talher de pétalas de rosa. Não podia descorazonarla.

O coração do Nell se encheu de alegria. Pôs a cara do Duncan entre suas mãos e o beijou.

—Parabéns —sussurrou—. Tem feito algo fantástico.

Ele a agarrou com suavidade pela nuca e a beijou com mais intensidade.

Levava a larga saia de ponto enrugada por cima das coxas, sobre o mesmo liguero beis que tinha no dia anterior, e ele oprimia o pacote contra o reforço de suas calcinhas, depois do que se ia expandindo o desejo abrasador. apartou-se para recuperar o fôlego.

—vou molhar te a calça —o acautelou.

—Solo há uma coisa que posso fazer a respeito.

Levantou-a para pôr a de pé agarrando-a do traseiro de forma que não pudesse mover-se. desabotoou-se o cinturão e se baixou as calças e as cueca. Seu verga se abriu caminho, vermelha e gigantesca. Colocou-lhe o dedo dentro da roupa interior e tocou aquele poço de líquido quente; começou-o a acariciar em círculos. Arrancou-lhe as calcinhas com um puxão no quadril e a voltou a baixar, acoplando-a a seu corpo.

Colocou-lhe o grosso membro, sem pressa mas sem pausa. Lhe pôs as mãos no peito para pará-lo.

—Né! Espera! Deixei-te te sair com a tua esta manhã, mas não te pense que pode seguir com estes jogos perigosos comigo desprotegido sempre que querer.

A colocou um pouco mais.

—Contigo solo gosta de assim.

—Não vais ser você o que pague o preço se houver um acidente.

Parou de mover-se e lhe pôs a mão na bochecha enquanto a olhava aos olhos com uma intensidade feroz.

—Isso não é verdade. Sempre aceito minha responsabilidade por tudo o que faço. Nunca te deixaria tiragem, Nell.

Hum. Essa promessa soava bem mas Nell não estava segura das implicações práticas e lhe dava medo perguntar. Além disso, seu corpo não deixava de trai-la. Quase não podia falar e não parava de mover-se em cima dele, apertando ao redor de sua franga, comprimindo-a convulsivamente em seu interior. Tentou aplacar sua voz tremente.

—Como pode aceitar a responsabilidade de um ato irresponsável? Miúda contradição!

Agarrou-lhe os quadris com as mãos e a aproximou ainda mais.

—Isso é muito profundo para um tio como eu. Sobre tudo quando tudo o sangue de meu corpo está concentrada em um único ponto.

—Vá desculpa troca —resolveu ela enquanto se estremecia sem remédio.

—Faço o que posso. Seu amiga a garçonete me disse que podia compensar meus defeitos no plano intelectual se era bom na cama.

Nell abriu muito os olhos.

—Noooo… A sério?

—Sim, lhe prometo —afirmou isso Duncan com solenidade.

—Meu deus! —tampou-se a cara com as mãos e começou a rir—. Não posso acreditá-lo, de verdade que não!

—Tenho que admitir que me hei sentido um pouco aliviado —brincou—. Agora sei que tenho alguma oportunidade, embora seja um cabeça oca.

—Ora, te cale já.

—Menos mal que você gosta de grandes e estúpidos, não?

Deu-lhe um golpe no ombro.

—Para. Está-o piorando.

—OH, não. Piorando não. Estou-o melhorando —disse—. Não vou parar, a sensação é maravilhosa. Esses tremores ao redor de minha franga cada vez que te ri. Ri tudo o que queira. Farei-te rir todo o tempo que possa.

Pô-lhe a mão em cima da boca, seu peito se movia acima e abaixo e tinha lágrimas nos olhos por aquelas risitas que a faziam vibrar.

—Shhh. De verdade, Duncan, por favor. Joder, não estou brincando. Para.

—Nem de coña.

Agarrou-lhe a mão e a baixou enquanto sorria.

—Há um tio que entra em um bar…

—Shhh. —Olhou-o aos olhos—. Só tenta não me deixar prenhe. Não o faça, vale? Já há muitas coisas que me assustam agora mesmo. Está claro?

Ele assentiu e lhe beijou a palma da mão.

—Não me vou correr dentro de ti —lhe prometeu—. Nem sequer me moverei. Ficarei aqui como uma estátua. Sou seu brinquedo sexual pessoal, um vivo. Você me aperte, me monte e faz o que queira para te correr. Parece-te bem?

Que se soava bem… Tão bem que ficou sem fôlego e sem voz. Fez o que lhe tinha pedido, apertou-o dentro dela até que suas partes baixas se alagaram de prazer e ficaram a tremer com sacudidas que exploravam em seu interior.

Ele manteve sua promessa, mas ela sabia que lhe estava custando muito. tomou seu tempo para chegar, já que ele não se movia. Duncan se estremeceu e a sujeitou pelos braços com força. Olhava-a à cara enquanto ela se retorcia e gemia. Sentia muito prazer para estar envergonhada. O topo estava longe mas o final era inevitável. Ele a sujeitou enquanto se arqueava para trás e se lançava sem pára-quedas; um grito de satisfação a atravessou e vibrou através dela.

Caiu rendida sobre seu ombro; sentia o corpo frouxo e respirava com dificuldade. Tinha as bochechas rosadas, estava molhada de suor e os espasmos se abriam passo através de seu corpo. Pôde sentir os batimentos do coração do coração do Duncan através do contato com sua glande, que chocava contra as portas do útero, assim de dentro dela o tinha. Podia sentir o ritmo, profundo e regular, ofegante. Tão perto. Nell levantou a cabeça e a sobressaltou seu olhar. Duncan já não levava essa máscara tensa de autocontrol que tinha tido enquanto a deixava chegar ao êxtase usando seu corpo. Agora sua expressão era suave, quase nostálgica.

—No que está pensando? —perguntou-lhe.

Lhe tocou a sobrancelha, logo o maçã do rosto e os lábios.

—Perguntava-me que aspecto teria nosso filho.

O sentimento que a invadiu era indefinível. Uma mescla de alegria, medo e ira. Que casulo. Como se atrevia a jogar assim com seus sentimentos.

—Bode. Não me diga essas coisas —se forçou a dizer através dos lábios trementes—. Não é justo. É um… irresponsável.

Encolheu-se de ombros.

—É você a que perguntou.

Tinha razão. Tremeram-lhe as mãos e ficaram olhando o um ao outro. Foram vestidos por completo mas nunca se havia sentido tão nua.

Desenroscou as pernas e pôs os pés no chão para elevar-se. Tragaram ar de uma vez quando ele se deslizou brandamente fora dela em uma fricção deliciosa em que sua franga lhe acariciava a pele da vagina, tão sensível agora. O ar frio os pilhou despreparados quando se separaram.

Baixou o olhar para lhe ver o membro, que agora se apoiava, alto e iludido, contra sua barriga. Cada pulsado de seu coração a mantinha rígida. Brilhava com os fluidos dos dois.

Não tinha planejado ficar de joelhos mas é o que aconteceu. ficou a verga entre as mãos e começou a acariciar a pele suave e quente. A chupou e provou o sabor de seus próprios líquidos. Era a cena típica de uma prostituta de luxo, follándose ao chefe sobre a cadeira giratória em uma das novelo do edifício de escritórios. Estava de joelhos, sob o escritório, lhe fazendo uma mamada. Qualquer que os visse pensaria que era uma cena sórdida, suja e inclusive pornográfica.

Mas ela não o estava percebendo do exterior. Estava tão metida no papel que tinha passado a formar parte de um novo universo onde as regras do jogo tinham trocado. Ela mesma se via diferente: mais relaxada, mais feliz e mais sensual. Não tinha medo de nada e não sentia vergonha alguma. Solo sentia o desejo desesperado de lhe dar tudo o que lhe saía de dentro, do peito, da cara, da garganta, de entre as pernas. Transbordava-lhe por todos os poros de sua pele.

É obvio, estava muito apaixonada por ele. Não obstante, deixou que esse pensamento se afastasse, sem atrever-se a deter-se nisso, já que precisava concentrar-se em lhe fazer uma felación a um homem tão bem dotado como Duncan Burke. Tinha-a do tamanho de um cavalo e ela não era nenhuma perita, mas a motivação o era tudo.

Acariciou-a uma e outra vez, lambeu-a com a língua que girava sem parar ao redor do glande e tentou meter-lhe na boca até dentro. Gostava dos ruídos que fazia ele, como lhe agarrava o cabelo com as mãos trementes e quão sacudidas o atravessavam. Acabava de lhe pilhar o truque e de encontrar o ritmo correto quando sentiu que seus dedos se esticavam e deixava escapar um grito afogado e desesperado.

Correu-se em sua boca com jorros fortes e regulares.

Voltou-se a pôr de pé tiritando depois de um par de minutos em silêncio agarrando-se à mesa para não perder o equilíbrio. limpou-se a boca. O acanhamento lhe impedia de olhá-lo à cara.

Ele a agarrou e a sentou entre suas pernas para abraçá-la com força pela cintura e afundar a cabeça entre seus peitos.

Ela sentiu que se derretia por dentro e a vergonha se evaporou, deixando sozinho ternura. Ele também se sentia vulnerável e, de algum modo, isso o arrumou tudo.

Balançaram-se entregues a aquele abraço durante muito tempo. Até que Duncan levantou a cabeça e disse:

—Em meu escritório há um banho com ducha.

Ela abriu os olhos surpreendida.

—Vá, Burke. Como você gosta do luxo. Não pode suportar fazer pipí com a plebe?

Seus dentes reluziram com a luz do ocaso.

—de vez em quando me arrumo no escritório —admitiu—. Eu gosto de vir correndo e preciso cheirar bem, assim tenho uma muda aqui. Podemo-nos tomar banho, se quiser.

—Destroçaste-me as calcinhas —lhe reprovou—. Animal.

Olhou-a exagerando sua cara de inocência.

—Se tivesse parado para lhe baixar isso até os pés te teria jogado atrás. —Acariciou-lhe o culo através da saia—. Te dou de presente umas novas. Se nos dermos pressa nos dará tempo para jantar antes de nos reunir com suas irmãs em Queens.

—E o que passa com os conteúdos que tenho que escrever para o videojuego? Tenho que lhe entregar um pouco terminado ao Bruce amanhã.

Encolheu-se de ombros.

—Precisa comer. Vamos.

Agarrou-a da mão, atravessaram uma porta e entraram em um banheiro pequeno mas luxuoso.

—Né! Espera —disse rendo-se—. Acreditava que tínhamos pressa.

Lançou-lhe seu sorriso pícaro por resposta, agarrou uma das amaciadas toalhas do montão que havia na estantería e a deu.

—Tudo é relativo.

Quando se tirou a jaqueta do traje e ela viu a pistola que levava a ombro ficou geada.

—Né, Duncan —lhe pergunto em voz baixa—. por que narizes leva isso?

Lhe devolveu um olhar que queria dizer: «Está de brincadeira, não?».

—Estou sendo precavido. Os homens de ontem foram armados e eu não. Tivemos muita sorte de que não me matassem e lhe seqüestrassem porque não teria sido capaz de pará-los se tivessem estado melhor organizados. Não esperavam que ninguém lhes opor resistência, mas já saberão a que atenerse a próxima vez que vão a por ti. Não se preocupe. Posso me dirigir com isto.

Desabotoou-lhe a blusa e lhe tirou a ajustada camiseta interior por cima da cabeça.

Nell ficou olhando-o desde detrás do matagal de cachos que lhe tampavam a cara.

—Não se preocupe —murmurou—. Não duvidei nem por um segundo de sua capacidade para dirigir… algo.

Ele procedeu a provar que tinha acertado ao confiar nele. Até que não ficou uma fresta de dúvida.

Duncan penteou o Malloy's com o olhar. Muita gente junta. Aquele lugar não era seguro. Menos mal que tinha uns jeans e um pólo no escritório para poder trocar-se porque se haveria sentido como um palhaço se tivesse levado o traje.

Nunca tinha estado em um pub irlandês e aquela melodia alta e improvisada das canções irlandesas que provinham da mesa dos músicos lhe estava amassando o cérebro.

Bom, de todas formas, teria seguido ao Nell D'Onofrio às portas do inferno se tivesse feito falta, provavelmente queixando todo o caminho até chegar ali, mas não se teria separado de seu lado.

Era capaz de compartimentar sua atenção em unidades de funcionamento independentes: uma delas não se perdia detalhe da cena global em busca de alguém que os pudesse atacar; outra estava ansiosa por conhecer as irmãs do Nell, que ao melhor o destroçavam e cortavam em trocitos se não se comportava como devia, e a última não podia deixar de pensar em que Nell não levava calcinhas. Parecia toda uma dama, tão recatada com aquela blusa limpa que lhe rodeava ligeiramente sobre o peito e com a saia de ponto que lhe chegava pelos tornozelos.

Mas, paradoxalmente, aquilo o fazia ainda pior. Era seu sensual secreto. Se lhe acontecia a mão por debaixo da saia e a subia até acima solo encontraria pele de veludo entre suas pernas. Penugem cálida e cachos molhados. As rugas suaves e úmidas dos lábios de seu coño. Um poço quente, apertado e escorregadio.

Falando de distrações.

Chegaram os últimos já que ele tinha insistido em parar para jantar em um bar onde a especialidade eram os bifes e os hambúrgueres perto do Midtown Tunnel, para que Nell se metesse um pouco de proteínas no corpo. Quando entraram no pub, duas mulheres se levantaram de repente e foram diretas para ela, lhe lançando olhadas de curiosidade.

Estava contente de que a música soasse muito forte para não ter que inteirar-se do que sussurravam já que, fora o que fora, havia-se posto vermelha como um tomate.

—Duncan, apresento a minha irmã Vivi —disse Nell ao ouvido elevando a voz e assinalando a mais pequena das duas, uma garota com pinta de menina desamparada, magra, ruiva e de grandes olhos cinzas—, e esta é Nancy. —Tocou-lhe o ombro à outra mulher, que era uma beleza pálida, de olhos amendoados e cabelo mogno e encaracolado que lhe chegava até o culo—. Lhes apresento ao Duncan, meu…, né, amigo —lhes disse a sua vez—. E esse tio alto que está tocando o violino com os músicos é Liam, o prometido do Nancy.

A canção terminou com uma floritura seguida de aplausos e gritos de aprovação. O homem que Nell tinha mencionado os olhou, deixou o violino que tinha estado tocando sobre a mesa e se desculpou entre unânimes gritos de protesto que provinham do público. dirigiu-se para eles estudando ao Duncan com seus agudos olhos verdes. Deu-lhe a mão com força e pôde ver que tinha um olhar limpa e clara. Nell lhe tinha contado a história de como Liam tinha salvado a sua irmã do Demônio.

Lhe dava bem julgar às pessoas, depois de ser um agente durante tantos anos, e Liam lhe deu boa impressão. Parecia um homem no que se podia confiar e isso o tranqüilizou.

Os músicos começaram a tocar outra canção, ainda mais alto que a anterior.

—vamos sentar nos na parte de atrás —lhes gritou Liam por cima daquele barulho.

A habitação do fundo estava deserta. sentaram-se ao redor de uma mesa e Duncan suportou em silêncio e estoicamente o escrutínio coletivo ao que o submeteram.

—Bom, Duncan —começou a que se chamava Vivi para romper o silêncio—. Começarei por te dar as obrigado por manter o culo do Nell a salvo.

—Não há de que —respondeu.

—Sim, eu também lhe agradeço —disse isso Nancy—. Mas isso nos leva a um problema muito importante. Nell, Vivi e você não podem voltar a viver sozinhas em Nova Iorque. Ambas deveriam partir da cidade e lhes esconder. Sei que isto sonha muito dramático mas também o é que lhe ataquem três homens no Lafayette.

Embora era uma idéia inteligente, Duncan não estava nada contente com a idéia de que Nell tivesse que abandonar a cidade. Entretanto, deu-se conta de que não tinha que preocupar-se, Nell já estava negando com a cabeça, como caberia esperar. Gostava de lhe levar a contrária a suas irmãs igual à ele.

—Não fica nada para terminar o doutorado —afirmou com rebeldia na voz—. Me há flanco muito tempo ao ter tido que trabalhar de uma vez, mas já quase o tenho. Não vou deixar que esse bode acabe com minha carreira.

—Mas onde vais viver? Poderia ficar com o Liam e comigo mas estaria a sua mercê cada vez que te movesse da casa.

—ficará comigo —a cortou Duncan.

Todos os olhos se posaram nele e houve uma quebra de onda de sinais silenciosos e olhados carregadas de significado. Nell lhe aproximou.

—Duncan, por favor —lhe comentou pelo baixo—. Isto não é um tema para compartilhar contudo…

—Ao contrário. Agora é o momento, carinho —insistiu Vivi—. É minha irmã e não quero que ninguém te separe de meu lado. Seu edifício é seguro, Duncan?

—Sim —lhe respondeu—, e está ainda mais segura quando estou com ela, que intento que seja a maior parte do tempo e, se não me fora possível, por isso seja, encarregarei-me de que a acompanhe um guarda-costas profissional.

Nell fico olhando-o e lhe devolveu o olhar sem indício de arrependimento. Suas irmãs e seu futuro cunhado intercambiaram sinais de aprovação com cautela.

—Eu gostaria de poder opinar —lhe soltou Nell—. Quem vai pagar pelo guarda-costas? São muito caros!

—Bom, o do Nell está solucionado —seguiu Liam, ignorando-a—. Mas ainda fica você, Viv. Pode ficar conosco. Não deveria voltar a sair à estrada. Não até que não troque o nome do negócio pelo menos.

Vivi parecia triste.

—É um amor, Liam, mas ficar com vós seria sozinho uma medida temporária. Sou a única que não tem algo que a ate a Nova Iorque, mas não posso voltar para circuito de feiras de artesanato se não ter permitido usar meu nome. Seria como voltar a começar de zero e agora mesmo não me posso permitir isso, depois de ter estado trabalhando como uma mula os últimos seis anos para

conseguir que a gente conhecesse minha marca.

Nancy a olhou preocupada.

—Acreditava que queria deixar o circuito!

A irmã pequena parecia afligida.

—Claro, quando tiver economizado o dinheiro suficiente para comprar uma casa pequena em algum povo bonito. Um sítio onde haja árvores e minha cadela possa brincar de correr a gosto. Quero montar um estudo para voltar a começar com a escultura e, talvez, abrir minha própria loja. Mas, de momento, isso solo é um sonho. gastei milhares de dólares em pagar a inscrição antes de vir ao funeral da Lucia e voltei a perder um montão de dinheiro depois do que aconteceu Boston. Agora estou jogando esconderijo com meu cartão de crédito.

Duncan entreabriu os olhos para olhá-la e ficou a pensar. Árvores, flores, um estudo de arte grande e longe de Nova Iorque. Lhe ocorreu uma idéia. Uma idéia de puta mãe.

—Conheço um sítio ao que poderia ir.

Todos se voltaram para ele.

—E que sítio é esse? —perguntou-lhe Vivi devagar.

—Tenho um amigo. Conhecemo-nos no Afeganistão, onde trabalhávamos como espiões. Ele se retirou faz um par de anos e comprou um terreno no Oregón. dedica-se à jardinagem e a horticultura orgânicas e esse tipo de coisas. Acredito que cultiva e vende flores. Comprou-lhe o terreno onde vive a um artista que tinha convertido um celeiro em um estudo, com um pequeno apartamento na planta de acima.

Liam e Nancy se olharam enquanto especulavam.

—E por que ia querer esse tio me ter em sua casa? —perguntou-lhe Vivi.

Duncan se encolheu de ombros.

—Ele não se dedica à arte nem utiliza o estudo. Tampouco cultiva trigo nem cria animais, assim não necessita o celeiro. construiu-se sua própria casa, por isso o apartamento também está livre. Gosta dos cães e ao melhor se lhe pensaria alugar isso Quer que lhe pergunte?

Ao mesmo tempo pensava em como ia fazer que Jack aceitasse sua proposição. Tentaria-lhe fazer sentir culpado e o acossaria. Devia a vida ao Duncan, igual a Gant. Em realidade, todos se tinham salvado os uns aos outros, mas Duncan empregaria toda sua artilharia pesada para ajudar à irmã do Nell. O melhor de tudo era que Jack poderia enfrentar-se a qualquer que fora a pelo Vivi, encarregaria-se dele sem problema.

Isso daria confiança a todos e lhe faria conseguir muitos pontos. Tinha que aproveitar qualquer ocasião para ganhar os dava-lhe igual a quem tivesse que importunar.

Vivi se encolheu de ombros sem mostrar-se nervosa mas ele podia ler os signos de estresse que se refletiam em sua cara, nas mãos que lhe tremiam e na boca. A sombra que cobria seu olhar. Estava muito tensa, como Nell fazia um par de dias, embora ele já se encarregou de que tivesse melhor aspecto. Melhor cor e brilho nos olhos.

Jesus, era tão bonita que o deixava sem palavras. De fato, agora que o estava olhando tão contente com o que havia dito se sentia desorientado.

Quando lhe agarrou a mão por debaixo da mesa se o cortocircuitó o cérebro com o contato. Entrelaçaram os dedos e, por um momento, perdeu o fio da conversação por completo.

—… tinha-nos falado da gaveta secreta —estava dizendo Nancy quando se reengajou à conversação—. Uma das muitas coisas das que Lucia não nos tinha falado.

—Uma gaveta secreta? —perguntou Duncan—. Onde?

Nancy olhou ao Nell, que lhe respondeu com um eloqüente assentimento.

—Lucia possuía uma mesa lavrada do Renascimento de valor incalculável. Tinha pertencido a sua família desde fazia quatrocentos anos. Destroçaram-na a segunda vez que entraram em sua casa. Está a par de nossa mãe, Lucia? Sabe o que lhe passou? Os roubos e todo o resto? —sondou com delicadeza.

—Sim, Nell me contou a história. O que acontece a mesa?

—Liam a está restaurando e encontrou uma gaveta secreta. Se apuras uma das flores da parte traseira sai uma gaveta que tinha uma carta em seu interior.

Duncan esperou espectador.

—E? O que diz a carta?

Nancy sorriu ante sua impaciência.

—Não sabemos. Está em italiano e Nell é a única de nós que o fala.

Olhou ao Nell.

—Falas italiana?

—E espanhol, francês, latim e grego antigo —saltou Vivi, com orgulho na voz—. Nossa Nell tem dom de línguas.

Nell parecia envergonhada.

—Minha mãe biológica era italiana —explicou—. Ela me ensinou isso, e estive uma temporada em uma casa de acolhida onde havia duas meninas da Venezuela. Aprendi espanhol antes de que elas pudessem aprender inglês e o francês não supôs muito esforço depois desses dois idiomas. Não é para tanto.

Duncan grunhiu.

—Claro, e latim e grego antigo tampouco são para tanto, verdade?

—Podem-me acontecer a carta, por favor? —perguntou ela com recato.

Nancy se tirou da bolsa uma magra folha de papel de carta por avião e a passou ao Nell, que a olhou com rapidez.

—Tem data de faz três meses —disse e começou a traduzir.

Querida Lucia:

Pode que inclusive te negue a ler esta carta. Que o fizesse seria mais do que me mereço. Quero que entenda que meu silêncio não foi porque já não sinta nada por ti, mas sim mas bem ao contrário.

Queria que soubesse que abandonei a busca e aceitei que nunca encontrarei o que tanto tempo desejei, mas possuir o mapa supõe um tortura para mim. Não tenho direito a destrui-lo já que não é meu e seu pai pagou um preço muito alto para manter o esconderijo em segredo. Agora só desejo me desfazer dele posto que não me deixa descansar em paz e, depois de cinqüenta anos de dedicação em vão, o único ao que posso aspirar é a isso, a encontrar a paz. Pode que inclusive esse desejo seja inalcançável para mim.

Eu gostaria de te devolver o mapa. É a proprietária por direito e pode fazer o que quiser com ele. Suplico-te que me libere deste peso. Seu coração puro e sua falta de cobiça lhe convertem na depositária perfeita.

Se desejas me receber, reservei um vôo para ir ao aeroporto John Fitzgerald Kennedy de Nova Iorque em 16 de maio. Se esse não for o caso ou não quer ficar com o mapa, respeitarei sua vontade e não voltará ou seja de mim. Fico à espera de sua notícias.

Marco Barbieri

Nell se tampou a boca com a mão.

—Dezesseis de maio. O dia que morreu Lucia.

ficaram olhando a carta, sobressaltados.

—Assim que esse dia lhe trouxe o mapa —disse Liam devagar— e os conduziu diretos até a Lucia. Entretanto, não encontraram o que procuravam.

—Mas Marco não lhe trouxe para a Lucia o tesouro, solo um mapa —acrescentou Nell—. O tesouro segue oculto. Marco não o pôde encontrar e pelo que diz o buscou com muito afinco. Depois veio até aqui e o mataram sem que tivesse encontrado uma resposta. Pobre homem.

Duncan olhou ao Liam.

—examinaste a mesa?

—Palmo a palmo —respondeu—. Não pude encontrar mais gavetas secretas, embora ainda fica o mistério da caixa forte. Os que assaltaram a casa ainda não a viram já que em nenhum dos aplainamentos chegaram a ela nem a tentaram forçar. Eu a tirei dali e me levei isso a casa.

Nancy se levou uma mão à garganta.

—Mas, segundo a carta da Lucia, não podemos abri-la sem os três pendentes e o bode do Demônio se levou o meu.

—Não se pode forçar? —perguntou Duncan.

Nancy e Liam negaram com a cabeça.

—O desenho tem truque —disse Nancy—. Leva um pôster pego na parte de acima que diz que se se tenta abrir de qualquer maneira que não seja mediante a combinação numérica, uma pequena bomba explorará e destruirá o que seja que haja em seu interior. Miúda maneira melhor de assegurar-se de que todo mundo tem que seguir as regras. Ou seja onde a encontrou Lucia.

—Bom, então o faremos de outra maneira —comentou Nell em seguida—. vamos procurar mais informação sobre Marco Barbieri e o que esteve procurando durante os últimos cinqüenta anos. Ao melhor alguém no Castiglione Sant'Angelo nos pode dizer isso.

—Proponho que vamos a Itália para lhes perguntar —soltou Duncan sem pensar.

Todo mundo o olhou com a boca aberta.

—Né, Duncan? —começou Nell—. Acredito que te passaste.

—Pois eu acredito que não.

Aquela idéia fantástica começou a agarrar forma em sua mente e ocupou todo o espaço. Castelos, frescos, campos de girassóis, massa deliciosa, um bom filete à florentina, litros de excelente vinho tinjo… Se imaginou caminhando com o Nell do braço por sinuosas ruas de pedra. Ela levava um muito curto vestido do verão com muito decote. Tomariam o sol, comeriam gelado e se relaxariam. O passariam em grande. Nell, nua entre os lençóis enrugados da habitação do hotel de onde lhe dedicaria aquele olhar abrasador e saciado tão dela. Isso sim que era vida.

Nell soprou.

—Por favor, sejamos razoáveis. O que acontece o videojuego? E meus alunos do curso do verão? E seu negócio?

—O videojuego pode esperar. Os estudantes sobreviverão e eu não me agarrei umas férias desde que fundei a empresa. É difícil tomar as quando é seu próprio chefe.

—Diga-me isso —comentou Vivi com voz cansada.

—Não posso me permitir uma viagem a Itália —disse Nell, cuja voz se ia fazendo cada vez mais aguda.

Ele se encolheu de ombros.

—Pois nos dividiremos o trabalho —ofereceu—. Você te encarrega de pedir nos restaurantes e eu usarei o cartão de crédito a destro e sinistro. Parece-me que é o mais justo.

Vivi se Rio encantada.

—Perfeito. Eu gosto de seu estilo, Duncan.

Ele se encolheu de ombros.

—É a melhor maneira de que nos percam a pista.

—Temo-me que não —replicou Liam em voz baixa—. Esse seria o primeiro sítio onde a buscariam. Estou seguro de que chamariam a atenção e ficariam a vigiar os movimentos que fizessem ali.

Duncan se desmoralizou um pouco porque a observação perspicaz lhe abriu os olhos respeito a sua fantasia mas, inclusive assim, não podia deixar de pensar nisso. Uma parte de seu cérebro seguia a conversação enquanto falavam da carta, da caixa forte, de Marco, dos agressores e do mapa, enquanto o resto seguia jogando com a ensoñación da Itália, como um cão com seu osso. Mordiscava-o, lambia-o, adorava.

Nell começou a esfregá-los olhos ao redor da uma e meia da madrugada e Duncan a agarrou da mão.

—Deveríamos voltar e dormir um pouco. Prometemos ao Bruce que manhã iria ao escritório.

Ela deixou escapar um bocejo e lhe sorriu; estava de acordo.

—Lhes dê seu novo número de telefone —lhe recordou Duncan.

Nancy e Vivi se olharam e abriram a boca teatralmente.

—Refere a um telefone móvel? Nell? Traem-nos nossos ouvidos? —Vivi tragou ar—. Não pode ser!

—OH, te cale, Viv! —queixou-se Nell—. Me obrigou a levá-lo.

—Levamos anos tentando-o —disse Nancy, ofendida.

Nell rabiscou seu número duas vezes em um guardanapo, rompeu-a pela metade e repartiu ambas as partes entre suas irmãs. Depois houve abraços, risitas, brincadeiras e conselhos pícaros entre as três enquanto Duncan e Liam se olhavam o um ao outro. Liam franzia o cenho.

—Não baixe o guarda —disse—. Esses bodes estão motivados.

Duncan assentiu.

—Estou nisso.

—Bom. —Liam parecia um pouco aliviado—. nos Avise do que diz seu amigo no Oregón. Enquanto Vivi esteja na estrada não poderemos pegar olho pelas noites.

—Cotado.

Deram-se um apertão de mãos e saíram.

Duncan e Nell guardaram silêncio durante o caminho de volta a casa. Estava tão metido na fantasia de suas férias na Itália que o pilhou por surpresa escutar sua voz.

—Gostaste-lhes.

Duncan se sentiu agradado.

—Como sabe?

—Porque me hão isso dito, mas, inclusive se não tivesse sido assim, o teria adivinhado pela maneira em que falavam de nossos assuntos privados. Como se se desse por feito que forma parte da família. Não o teriam feito nunca se não lhes tivesse cansado bem.

—Assim não devo ter medo de que me estripem?

Nell afogou uma risada.

—por agora não. É obvio, deixaste bem claro quem foi e o estado de suas contas no banco.

A olhou de esguelha.

—Perdoa se isso te ofendeu.

—Parecia como se tentasse lhes demonstrar que tem dinheiro. Há-o dito alto e claro. Acredito que pilharam a mensagem.

Duncan se tomou uns segundos para respirar e assim dominar a raiva e a frustração que sentia.

—Está obcecada com o tema do dinheiro, Nell. O que tentava lhes demonstrar é que quero e posso te proteger. O dinheiro também significa amparo, você goste ou não, e eles sabem. Não ouvi que ninguém se queixasse exceto você.

ficou calada por um momento.

—Perdoa se for muito sensível com o tema —disse finalmente cedendo— e obrigado por oferecer essa possibilidade ao Vivi, o de seu amigo no Oregón. Espero que funcione. Necessita um descanso.

—Sim, eu também acredito. Porei-me com isso manhã.

O silêncio que seguiu a sua conversação se impôs como uma parede invisível entre eles. Ela estava perdida em seus próprios pensamentos e se escondia dele ao outro lado desse muro e ele não

podia evitar sentir ansiedade e solidão ante essa situação. Queria rompê-lo e passar ao outro lado.

Necessitava mais informação. Conhecê-la melhor. Era uma pessoa tão complexa e tinha tantas coisas na cabeça. Lhe teria gostado de dispor de um manual de instruções do sistema operacional do Nell. Queria estudá-la, absorvê-la e converter-se em um perito. Como se se tratasse de um problema de matemática ou uma adivinhação complicadísimo. Seguro que o esfolaria vivo se lhe dissesse o que estava pensando. Devia tomar cuidado com as metáforas que utilizava com ela.

—Me fale —lhe soltou.

Olhou-o surpreendida, como saindo de seus ensoñaciones.

—Sobre o que?

—Sobre ti. Quero saber mais. É incrível. É única.

Nell pigarreou.

—Bom, sou tão única que estou em perigo de extinção.

Ele ignorou o que acabava de dizer.

—Me fale de sua infância, de sua mãe e de suas irmãs —lhe insistiu—. Conta me o tudo. Não me importa o que seja.

Pôde ver preocupação nos grandes olhos do Nell. Ela podia sentir a necessidade que emanava dele, mas não podia fazer nada por ocultar aquelas vibrações.

—Duncan…

—Faz-me sentir tão vivo. Solo… Por favor, Nell. Solo me conte como se vive dentro de sua pele.

Sua solicitude a emocionou e como resposta lhe deu de presente um sorriso que, apesar de ser tremente, fez que algo dentro dele se relaxasse. Excelente. Tinha sido pura sorte que o que lhe havia dito a tivesse acalmado. lhe dar um pouco de pena e um espiono mínimo, sempre com bom gosto, sobre seu desespero tinha conseguido que se derretesse. Além disso, aquilo não tinha sido fruto de nenhuma estratégia. Tinha-lhe saído assim, por instinto.

Ao melhor toda essa complicada mierda emocional se podia chegar a aprender.

## Capítulo 9

–

Seu olhar e sua voz tinham conseguido abrir as comportas. Nell falou tanto que se envergonhava de si mesmo. Contou-lhe coisas que nem lhe tinham passado pela cabeça durante anos e que tinha tentado esquecer. A solidão dos internatos e a precariedad das casas de acolhida. A morte de sua mãe e aquela tarde que passou sozinha na funerária ao lado do ataúde e que, interminável e terrível, perseguiria-a sempre.

Não tinha nem idéia de que tivesse tanto que contar sobre sua infância, mas as palavras saíam a fervuras, carregadas de sentimentos crudos. Contou-lhe como Lucia a tinha encontrado. Falou sobre o Nancy e Vivi e de quando descobriu que ao final podia ter uma família. Falou-lhe de histórias e de poesia, que era seu refúgio mágico.

Duncan a escutou com atenção. Seu encantamento era adulador mas o relógio do carro marcava as três da madrugada e quando Nell se fixou nos números das casas se deu conta de que tinha estado conduzindo em círculos pelo bairro, sem rumo fixo, durante quase uma hora.

—por que não vamos a casa?

—Queria te escutar.

—Acima também podemos falar —lhe recalcou.

—Nell, o que quero fazer quando subirmos não tem nada que ver falando.

Cruzou-se de pernas quando sentiu um calafrio ante a promessa sensual que denotava sua voz.

—Bom. Como quer, mas acredito que por agora terminei.

Ele girou na seguinte esquina e começou a conduzir para o piso.

—Esta manhã me há dito que tinha planos de futuro. Esses sonhos incluem um homem ou espaço para um?

Ela duvidou. Pôde apreciar um tom peculiar em sua voz quando lhe fez aquela pergunta tão intencionada. Havia algo que a pôs um pouco nervosa.

—Sabe, Duncan? Não parei que falar durante uma hora mas você não contribuíste nem um só detalhe sobre sua própria vida.

—Está tentando evitar minha pergunta.

—Ah!, sim? Que casualidade! Porque você está evitando a minha.

—perguntei primeiro —disse cabezota—. Assim que te toca responder primeiro.

Retorceu-se as mãos.

—Bom, meu plano é terminar a tese e me tirar o doutorado para encontrar um trabalho de professora. Depois tentarei ter uma vida normal. Se o Demônio e todo o resto o permitem.

—Me deixe que replantee a pergunta —disse com suavidade—. Quando falas de vida normal, refere-te a te casar e ter filhos?

Nell ficou olhando-o. O coração tinha começado a lhe pulsar a mil por hora e lhe começaram a suar as Palmas das mãos enquanto ele ficou esperando com tranqüilidade.

Nell observou as luzes das luzes que passavam a seu lado.

—Claro que sonho encontrando o amor. Como poderia ser de outra maneira depois de todas essas novelas e poesias? Mas não quero dar nada é obvio. Não há garantias, assim que o farei o melhor que possa. Tentarei me desfazer de meu lastro e espero ter sorte.

Contigo, disse-se a si mesmo. Assim deveria ter acabado a frase, mas os lábios e a garganta lhe tremiam muito para dizê-lo.

ficou calado enquanto entrava na garagem e baixava as duas rampas que o conduziam a sua praça. Estacionou, apagou o motor e ficou olhando à parede de cimento de em frente.

—É especial, Nell. Deveria pedir mais.

Sentiu que a calidez daquelas palavras invadia seu peito. Pô-lhe a palma da mão sobre a cara e lhe acariciou a bochecha com cuidado.

—Você também, Duncan —lhe sussurrou—. Você também.

Era o momento. que podia uni-los ou separá-los para sempre, se ele dizia o correto. Lhe pôs a mão em cima da sua. Estava preparada para ouvi-lo. ficou ali, imóvel, sem respirar.

Passaram uns segundos que se converteram em um minuto ou mais, mas não o disse.

Ela ficou a olhar para outro lado, vermelha como um tomate; sentia-se como uma idiota. Aqui estava outra vez, projetando suas tolas fantasias românticas em um homem que não sabia nada delas, que fazia o que podia mas que não dava pé com bola.

Tentou ocultar o envergonhada que se sentia.

—Bom. Já respondi a sua pergunta. Agora toca a ti me contar isso tudo. Tem-me em brasas.

Olhou-a com cara de susto.

—Não sei como se faz isso.

—Acaba de ver como o fazia eu. Observa e aprende, Duncan.

—Isso é diferente —disse à defensiva—. Você é… você.

—Já, e você é Duncan, e me interessa o que tenha que me contar. por que não começa por seus pais? Os pais revistam ser a causa de muitos traumas.

Deixou escapar um suspiro, impaciente, como quando lhe segue a corrente a um menino.

—Minha mãe é genial. foi professora de primário durante trinta e cinco anos e agora está aposentada. Crio-nos ela sozinha. É muito autoritária, gosta de controlar nossas vidas, e, embora a

maioria do tempo não o consegue, normalmente o leva bem.

—O que pensava do fato de que fosse um espião?

Grunhiu.

—Odiava-o. Fez tudo o que pôde para que o deixasse.

—E por isso o deixou?

Deixou escapar um leve sorriso.

—Não. Eu já sei como pôr limites e me ocupar de meus assuntos.

—Já me tinha dado conta —murmurou Nell—. E seu pai?

Trocou-lhe a cara e sentiu que lhe acabava de fechar uma porta nos narizes.

—Não tenho nada que te contar sobre ele.

Removeu-se, tomou ar e o voltou a tentar.

—Me diga o que não sabe sobre ele em vez do que sabe.

Olhou-a sem entender nada.

—Que demônios quer dizer?

—O silêncio transmite tanto como as palavras. Mas isso já sabe. Pude vê-lo em suas fotos.

—Não comece com a poesia, Nell —lhe advertiu—. Ou lhe farei pagar isso. Começarei a grunhir, a ofegar e a me arranhar como um macaco.

—Não seja tolo, solo quero que me dele fale. Não pode ser pior que a história de meu pai. Pelo menos sabe como se chama.

Parecia um pouco arrasado, enrugava a frente enquanto olhava ao volante. Ao final começou a falar mas sua voz não transmitia nada.

—Apaixonou-se por uma mulher que trabalhava para ele. Uma gerente de contas que se chamava Silvia. Era mais jovem que ele e que minha mãe. Eu tinha treze anos, Bruce tinha nove e Ellie acabava de nascer. De fato, Ellie foi a última manobra de minha mãe para manter a meu pai a seu lado. Mas foi uma idéia nefasta que, obviamente, não funcionou.

Sacudiu a mão como se queria espantar aquela lembrança.

—Sinto muito, Duncan.

—Me tentou explicar isso antes de ir-se. Que o amor era uma força irrefreável a que um não se podia resistir. Mas era sozinho sua franga a que não se podia resistir e foi sua família a que pagou o preço. —Duncan meneou a cabeça—. depois de sete anos se divorciou da Silvia e a trocou por uma modelo mais jovem. Aí o tem. Isso é o amor.

ficou geada ante a amargura que havia em sua voz.

—Isso não é amor —lhe disse com calma—. Não sei o que é mas não é amor.

Ele negou com um som duro e gutural.

—Seja o que seja, não quero falar mais disso. Deprime-me. Vamos acima.

Saiu do carro e ela abriu a porta antes de que ele pudesse aproximar-se para fazê-lo. Seguiu-o ao interior do edifício. sentiu-se mal por ter conseguido que saíssem daquele sítio maravilhoso no que se encontravam antes, onde se sentiam tão unidos. Havia-o posto tenso e estava à defensiva. Era uma parva.

Bom, que demônios. Havia muitas maneiras com as que melhorar o humor de um homem e ela era uma mulher de recursos.

Duncan se tornou a um lado para deixá-la passar e pressionou o interruptor de uma fila pequena de lamparitas que estava ao lado da entrada. Deixou o resto do piso às escuras, iluminado somente pelas luzes da cidade. lhe custava respirar ante a iminência deliciosa do sexo. dirigiu-se aos sofás. Eram grandes, mas bem enormes, cinzas, de tato aveludado e de boa qualidade. Não se teria imaginado que gostaria desse tipo. Mas bem o via escolhendo sofás de pele negra e brilhante, aço inoxidável e cristal. sentou-se em um deles com um suspiro e observou sua silhueta, perfeitamente proporcionada. dele emanava uma energia sexual abrasadora, ainda mais potente por seu silêncio e pela ferocidade com a que a controlava.

Subiram-lhe os calores e ficou a tremer. Desestabilizava-a. Não podia esperar mais.

—Levo toda a noite pensando em seu culo nu debaixo dessa saia.

Ela agarrou o tecido e, reunindo todo o valor que tinha, disse-lhe:

—Né, quer vê-lo?

—Sim, me ensina.

Tomou seu tempo para subi-la saia. Prolongou a manobra pregando o tecido palmo a palmo até que a teve quase toda pega à barriga e o liguero começava a aparecer. Também se podia ver uma parte da pele pálida da coxa e o cabelo do púbis, escuro e encaracolado.

Mas ainda tinha as pernas fechadas.

Duncan se ajoelhou diante dela e lhe pôs as mãos quentes nos joelhos para as abrir. Ela fechou os olhos. A cara lhe ardia como se estivesse a mil graus de temperatura.

Duncan suspirou.

—Minha mãe. eu adoro o liguero. É preciosa, Nell.

Nesse momento se sentiu mais nua que quando tinha estado sem levar nada em cima diante dele. Duncan lhe agarrou a mão e a colocou entre as pernas de maneira que o clitóris ficou entre o «v» que formavam os dedos indicadores e coração.

—Te toque. Quero ver como o faz. Observar e aprender.

Se Rio em silêncio, abriu os lábios para ele, excitada por sua intensa atenção, e começou a desfrutar do sentir-se tão exposta. relaxou-se pouco a pouco, como um gato que se estira sob o sol.

—Não necessita que te ensine nada nesta matéria.

—Alegra-me saber que pelo menos controlo uma das peças do quebra-cabeças.

Ignorou aquele sarcasmo e lhe acariciou o maçã do rosto com o dedo. Tinha uma pele tão quente e fina.

—tive fantasias contigo do primeiro dia que deveste comeu ao Grill —lhe confessou.

Deu-lhe um beijo quente e comprido na parte superior da coxa.

—Ah!, sim? E que fazia nessas fantasias?

—Coisas maravilhosas —admitiu.

Lhe desenhou um sorriso na cara e começou a lhe acariciar as dobras que tinha entre as pernas.

—Como o que? —Esperava uma resposta, mas ela não podia falar. Os lábios lhe tremiam muito—. Me faz a boca água —disse enquanto lhe separava os lábios com cuidado e começava a lhe colocar os dedos—. E nessas fantasias te chupava?

—É obvio —respondeu ela com estupidez.

—E você gostava? O fazia bem?

—Era incrível. Era… extraordinário.

Dobrou-se e lhe percorreu seus voluptuosos lábios com a língua.

—E como o estou fazendo se me compara com o de suas fantasias?

—É muito melhor —admitiu—. Na realidade é maior. Há muito mais de ti. Mais sentimentos, mais orgasmos e mais problemas.

Se Rio em silêncio enquanto lhe sujeitava o clitóris delicadamente com os lábios enquanto sua língua perita se movia e intercalava círculos e vibrações.

—Não se preocupe pelos problemas —lhe sugeriu—. Fica com os orgasmos e te recreie.

—De acordo —acordou.

—para sempre —lhe sussurrou.

Foram estas palavras as que a fizeram separar. para sempre. Provocaram que uma onda de prazer aumentasse e se dissolvesse em ondas de espuma através de um oceano de sensações. Aquele fluxo doce e quente de… esperança.

Desde esse momento o sexo se voltou simplesmente selvagem. Adquiriu um ritmo febril e frenético. Perderam o controle, não o necessitavam. Ele se tirou a roupa e lhe abriu a blusa de um puxão. Desabotoou-lhe o prendedor e se tirou uma camisinha de não se sabe onde. Penetrou-a em seguida, lhe levantando as pernas, e a começou a cravar contra o sofá. Ele mandava e a possuiu com

força, exigente e maravilhoso. Lutaram, enroscavam-se e se retorciam, até chegar juntos ao orgasmo, violento e explosivo.

Verteu sua energia vital nela. Nell se enganchou a ele e sentiu seu calor maravilhoso, que a transformava. Um pensamento único e profundo se formou em sua mente. Quando ele levantou a cara lhe saiu sem pensar.

—Quero-te.

Ele apertou as pálpebras e perdeu a expressão facial.

O medo a atravessou como uma cuchilla feita de gelo. Tinha-a cagado. Agora já lhe tinha dado uma desculpa para perder aquela atenção apaixonada e intensa que sentia por ela. Dava igual a não fosse amor, ela se tinha encarregado de matar esse sentimento e enterrá-lo.

Invadiu-a a raiva. Era humilhante sentir terror de lhe dizer a um homem que o queria. Não tinha nada do que envergonhar-se e deveria estar agradecido. Não deveria ter que suplicar pelo amor de nenhum homem.

—Nell —disse ele incômodo.

—Não. Esquece o que te hei dito.

Nell tentou liberar-se mas o tinha em cima, esmagando-a contra as almofadas brandas do sofá.

Ele se tornou a um lado e se sentou no chão.

—Nell, sinto se eu…

—Fecha o pico, Duncan. Quão pior pode fazer agora mesmo é te desculpar. É o único pelo que não te poderia perdoar.

—E o que quer que te diga?

—Nada —sussurrou Nell.

O peito lhe ardia, quase não podia respirar, e sentiu que a cabeça lhe ia estalar. Recolheu a roupa do chão e se foi à habitação. Ele a seguiu em silêncio, descalço. encerrou-se no banheiro um momento para tirar a camisinha e voltou a aparecer.

—Nell, não…—Tinha a voz áspera—. Não me faça isto.

Ela tentou não chorar.

—Por favor, Duncan. Necessito um pouco de espaço. De momento estou muito envergonhada para falar contigo.

—Não se sinta assim, por favor. —Rodeou-a com os braços de detrás e a apertou contra si —. Obrigado por dizê-lo. Obrigado por te entregar como o tem feito. É preciosa e especial, faz que me sinta acordado e vivo como ninguém o tinha feito até agora. Por favor, não te envergonhe.

Nell se tampou a cara.

—Volta-me louca quando me diz essas coisas —sussurrou—. Está socasse, Duncan. Deixa de me confundir.

—Solo te estou dizendo como me sinto. Sou sincero. Não é isso o que as mulheres querem de um homem?

—O que eu quero e o que as mulheres em geral querem são duas coisas muito diferentes —respondeu ela com arrogância—. Não generalize quando falar de mim.

—Nunca —disse com diplomacia e a beijou no pescoço.

Nell suspirou.

—É estranho. Tudo o que me diz. Sobre como se sente respeito a mim. Eu sinto exatamente o mesmo, mas sei que esses sentimentos querem dizer que estou apaixonada por ti.

Os braços do Duncan se esticaram e enterrou a cara em seu cabelo.

—Está claro que definimos os mesmos sentimentos de maneira diferente —concluiu— e isso não deveria ser tão importante, mas o é.

Fechou os olhos com força e lhe saltaram as lágrimas, que começaram a lhe correr pelas bochechas.

Ele se sobressaltou quando uma lhe caiu no braço. Nell o acariciou e secou a lágrima.

—Estou bem. Agradeço-te que me diga a verdade. Em realidade, é melhor que seja sincero a que me minta.

—Estou-te dando tudo o que tenho.

Nell se girou entre seus braços até que ficou de frente e lhe apoiou a cabeça no peito.

—Sim, e me está dando muito —admitiu—. Te estou pedindo algo que não me pode dar, isso é tudo. eu adoro acontecer tempo contigo, não se preocupe.

Tudo era confuso, uma loucura, mas ao melhor solo tinha que tentar relaxar-se e deixar de enquadrar aquela experiência. A fim de contas, os sentimentos que lhe havia descrito eram muito mais intensos que aqueles dos que alardeavam muitos apaixonados.

Ao Duncan lhe instalou o medo na boca do estômago. Sentia que havia algo precioso que lhe estava escapando das mãos e não sabia como retê-lo. Deu-lhe uma massagem nos músculos dos ombros e as costas, mas ela seguia sem relaxar-se e não a culpava.

Levantou-a e a levou a cama, tirou-lhe a roupa que ficava e apagou a luz. Colocou-a pega a ele e ocultou a cara contra seu peito enquanto a abraçava. Começou a acariciá-la, passava-lhe a mão por todas as costas, do pescoço até as nádegas, sentindo a textura de sua pele, fina e perfeita. voltou-se a juntar; tinha a franga quente e dura contra a coxa do Nell, mas apertou os dentes e ignorou seu impulso, insistente e agudo.

Paciência, disse-se. Esse momento era para ela.

Baixou a mão até lhe tocar a fenda do culo. Ela não se apartou nem ficou tensa. Solo esfregou o nariz contra seu peito com um murmúrio e abriu as coxas para permitir que sua mão fora baixando e indagasse mais.

Desculpou-se devagar e sem descanso por aquilo que não podia lhe dar. Queria lhe mostrar o que sim podia lhe oferecer. A outra mão também ficou em ação e começou a lhe acariciar o clitóris por diante enquanto lhe colocava dois largos dedos; notou que seu interior estava quente e escorregadio. Acariciava-a uma e outra vez como sabia que lhe gostava. Devagar e com passadas largas, sem pressa. Pô-la a cem, até que começou a retorcer-se, ofegar, apertar as coxas e arranhá-lo.

Ao final notou um pequeno grito e a vagina se contraiu ansiosa, com avidez, ao redor de sua mão. ficou de barriga para cima, como uma boneca de trapo.

Duncan ficou o preservativo que tinha deixado em cima da mesita de noite e se colocou em cima dela para enchê-la com suas investidas, potentes e incansáveis. Queria acabar com a dor e o desconforto da última conversação e aquela era a única maneira que conhecia, perder-se naquele ritmo pesado com o que seu corpo se unia ao dela, os gemidos do Nell e sua respiração pesada. Sem saber muito bem como, conseguiu esperar até que ela se voltasse a correr e seu orgasmo chegou um segundo depois. Os espasmos dela prolongaram seu prazer.

Nesse momento Nell rompeu a chorar.

Duncan ficou paralisado. Ela se desenganchou dele e se fez um novelo. lhe dando as costas e chorando. Rodeou-a com seus braços por detrás até que se acalmou e caiu em um profundo sonho, exausta.

ficou convexo a seu lado durante o que lhe pareceram horas, até que a pressão que sentia em seu interior se fez insuportável. Saiu da cama e a cobriu com o edredom. tirou-se a camisinha, ficou umas calças de estar por casa e se dirigiu ao salão. Estava assustado, confundido e a dor de barriga seguia crescendo. Saiu a terraço e ficou a olhar a interminável paisagem de arranha-céu. O frio fez que lhe arrepiasse o cabelo de todo o corpo. Estava a ponto de amanhecer. A cidade que tinha aos pés despertaria em pouco tempo. Mas com frio ou sem ele, ficou ali de pé. Contemplando, pensando, sentindo.

Estava-a perdendo, podia senti-lo. levou-se as mãos à cabeça e tentou refletir sobre isso. Tudo tinha começado a rarefazer-se quando lhe tinha feito aquela pergunta estúpida sobre o matrimônio e os filhos.

Matrimônio. Examinou aquele conceito. Era isso o que ela queria? É obvio que sim. quanto mais pensava nisso, mais se dava conta de que tampouco era uma idéia tão descabelada nem tão aterradora.

ficou a enumerar os aspectos positivos. Amparo. Como recém casados, Deus lhe daria permissão para pegar-se a ela e não deixá-la nunca. Isso gostava. Logo estava o trabalho. Se se casassem, cessariam os rumores e já não seria um escândalo no escritório. Ninguém poderia julgá-los ou criticá-los. Poderia lhe reclamar que dedicasse toda sua atenção e experiência à empresa e podia lhe pagar o suficiente como para que não tivesse que trabalhar em outra coisa e gozasse de mais tempo livre. Tinha muito dinheiro e o que lhe pagasse tampouco importaria muito uma vez que estivessem casados.

Era tão inteligente e tinha tanta imaginação que nunca se aborreceria com ela como lhe tinha passado com outras mulheres com as que tinha saído no passado. O sexo também era uma peça fundamental para o bom funcionamento de um matrimônio e não ficava dúvida de que não tinham problemas a respeito. Não teria problemas para lhe ser fiel, estava convencido.

Quando se levantasse todas as manhãs a encontraria na cama, a seu lado, e esse pensamento lhe dava uma sensação de bem-estar maravilhosa.

Em conclusão, casar-se era a culminação lógica de uma relação que funcionava. Era uma situação em que todo mundo ganhava. Era tão lógico que não se podia acreditar que não o tivesse pensado antes. Quase não podia esperar a que Nell despertasse para lhe explicar quão fantástica era sua idéia. Esperava que pudesse fazê-la sentir-se melhor. Com isso poderia ver que queria encontrar-se com ela a meio caminho, que estava disposto a chegar o mais longe que pudesse.

Matrimônio, joder. podia-se chegar mais longe?

Esse pensamento tinha feito desaparecer por completo a dor fria que sentia antes, assim retornou ao interior com a intenção de voltar para a habitação e tombar-se a seu lado para olhá-la enquanto dormia, mas quando passou pelo salão se fixou em um brilho azul que provinha do monitor de um ordenador que estava em cima do sofá.

Nell estava sentada com as pernas cruzadas envolta em um de seus penhoares e escrevia sem cessar no teclado de seu portátil. Seguro que tinha notado o ar fresco ao abrir a porta mas não levantou o olhar. Seguia trabalhando, absorta por completo.

Devia levar olhando-a dez minutos quando por fim se deu conta de que estava ali. Dirigiu-lhe um lânguido sorriso.

—Olá. Despertei-me e não podia voltar a dormir.

Aproximou-se dela.

—O que faz?

—Me acaba de ocorrer uma idéia para o último nível do videojuego.

Aquele videojuego estúpido era a última coisa da que queria falar com ela, mas não estava seguro de como podia trocar de tema e passar de uma coisa a outra. Uma proposta de matrimônio tinha que ir como a seda.

Tragou, fechou a porta e atravessou a habitação até ficar a seu lado.

—Qual é essa idéia?

Tinha trocado a um tom extrañamente profissional.

—Tal como está agora, o jogador resgata à princesa se tiver conseguido os pontos suficientes para obter as armas mágicas que lhe permitam derrotar ao Mago. Se o jogador for inteligente, implacável e recorda tudo resgatará à princesa. Parece-me um intercâmbio muito simples, banal e mercantilista. É frio.

A tensão voltou para estômago do Duncan. Esta era uma dessas conversações perigosas com trasfondo onde um «me passe a manteiga» podia lhe estalar na cara e matá-lo.

—Tampouco é tão simples —murmurou—. Tem que suar sangue para superar todos esses níveis.

—Eu tenho uma proposta diferente —continuou—. Estes truques deveriam ajudar ao

jogador a derrotar as defesas do Mago e chegar até a porta da torre encantada, mas não mais longe. Proponho uma última prova. Para ganhar o jogo, o jogador deverá ter uma fé cega. Terá que ir contra tudo o que seu sentido comum e experiência lhe aconselhem. Para romper o feitiço, terá que deixar suas armas e encantamentos atrás e fazer uma loucura. Atirar-se de cabeça em um poço de serpentes. Saltar à boca de um dragão. Caminhar entre chamas. Terá que sacrificar-se por amor.

Duncan beliscou o tecido do sofá. Ainda estava zangada e o estava atacando, sem piedade. Tentou acalmar a raiva que sentia.

—estive jogando com um texto curto que se pudesse inserir —continuou—. Algo como «solo alguém com as mãos vazias e o coração cheio passará intacto através das chamas». Desta maneira, não só ganhará a inteligência mas também a fé, o valor e o amor.

—Isso faria impossível poder ganhar o jogo —disse Duncan.

—Não para todo mundo —lhe respondeu Nell—. Solo para ti.

Lhe esticou um músculo da mandíbula.

—Tem algo que me dizer, Nell? Não quero metáforas nem tolices. me poderia explicar isso em meu idioma por esta vez?

Nell cruzou os braços; tremia.

—Acredito que nos entendemos à perfeição —disse com calma.

Rodeou o sofá e se sentou a seu lado. Seus esforços seriam provavelmente inúteis, se tinha em sua conta estado de ânimo, que a fazia inacessível, mas tinha que soltar-lhe.

—Está gelada —lhe disse, enquanto lhe jogava a manta do sofá por cima—. Não quero seguir falando do jogo. Quero que falemos sobre nós. estive pensando.

—Eu também —lhe disse ela.

—decidi que o melhor seria que nos casássemos.

Nell acolheu aquela declaração com um silêncio absoluto. Abriu os olhos pela surpresa.

—O que? —perguntou com voz aguda.

Duncan, incômodo, rangeu-se os nódulos.

—Estive pensando em nossa situação quando te foste dormir e decidi que…

—decidiste»? —voltou a perguntar agora com aparente calma.

Duncan fez uma pausa para não cair na armadilha.

—Bom, seu consentimento é crucial para o plano, é obvio —respondeu com cautela.

—Isso espero —murmurou Nell.

—depois de que te explique o que pensei também considerará que é o melhor para os dois.

—Ah!, sim? De verdade?

A voz do Nell soava estranha, quase afogada.

—Sim, deixa que te explique.

Detalhou-lhe sua análise enquanto Nell guardava silêncio, o que o inquietava. O frio que sentia no estômago era um témpano de gelo para quando conseguiu terminar com seus argumentos, que eram equilibrados, inegáveis e infalíveis.

Nell se abrigou com a manta e o olhou aos olhos.

—Você me quer, Duncan?

Ele fechou os olhos e suspirou. Joder. Era necessário que lhe voltasse a perguntar? Tinha que seguir insistindo?

—Joder, Nell —lhe soltou—. Essa não é a questão.

Ela meneou a cabeça.

—Acredito que essa é exatamente a questão. De fato, é a única questão que faz falta perguntar-se.

—O matrimônio é uma união apoiada na confiança. Terá que pensar a longo prazo, não em um montão de tópicos que não significam nada. Se te tivesse em palmilha a tempo completo, poderíamos…

—Duncan, levo anos estudando. Quero ser professora de literatura —disse Nell com

tranqüilidade—. É o que sempre quis.

Duncan levantou as mãos indignado.

—Me está pondo isso muito difícil a propósito. me diga quanto esperas ganhar sendo professora e te pagarei mais.

—Se fosse pelo dinheiro teria estudado econômicas.

—Estamo-nos afastando do tema. Estamos bem juntos. Se se esquecesse de suas idéias do que é ideal e romântico…

—O matrimônio não é uma fusão empresarial. O amor não é um tópico tolo. Se fosse tão fria e calculadora como você poderia funcionar, mas não o sou. —A voz lhe falhou por um momento—. Eu estou apaixonada por ti. —Terminou em voz baixa.

Amor. Santo céu. Ele sozinho queria ser sincero e justo com ela. Não queria lhe mentir ou manipulá-la com falsidades e isso era o que podia lhe oferecer. Sentiu que tinha uma máquina rolo compressor no peito que lhe esmagava e lhe amassava o coração até que se fazia cada vez mais pequeno e ficava tão frio e duro como um diamante.

Nell se envolveu de novo com a manta.

—O pior de tudo é que acredito que me quer também, mas não é capaz de vê-lo.

—Não me diga como me sinto. Não estou falando de sentimentos. Estou falando de coisas tangíveis e concretas: compromisso, fidelidade, amparo, tudo o que tenho. Filhos também, se os quiser. Pensei que se te importava o mais mínimo estaria contente.

Levou-lhe um momento lhe responder.

—Não é que me importe, Duncan —disse ela em voz baixa—. É que te quero. Sou ambiciosa e sempre peço mais. Além disso, os sentimentos são tangíveis, pelo menos meus. O que te custa admitir que me quer? É um problema de controle? Sempre tem que ser o que manda? Não pode te deixar levar por um sentimento assim?

—Não o precisamos —replicou—. Não necessitamos todo este drama.

—Seu pai tem a culpa, não? Odiava-o por chamar amor ao que fez. Tem que fazer o contrário. Sem importar como o faça.

ficou paralisado.

—Não fale de meu pai.

O tom na voz do Duncan fez que Nell se apartasse, estupefata.

—Perdoa —sussurrou—. Não posso me casar contigo. Não assim.

—Já me tinha imaginado isso, tendo em conta o que me há dito e a maneira. Não sou um fogaréus mas tampouco tão simples e tolo como cria.

—Não seja sarcástico —replicou Nell enquanto se limpava as lágrimas—. Uma coisa é ficar esperando a que um amante te diga que te quer e outra muito diferente é perder o tempo esperando que lhe diga isso seu marido.

Duncan ficou olhando-a.

—Pois teria estado esperando durante muito tempo. Ofereci-te mais do que nunca pensei que poderia lhe oferecer a ninguém. Se não ser suficiente, não temos nada mais de que falar.

Nell ficou muito direita e digna.

—Entendo-o.

Começou a soar o telefone e Duncan reconheceu a melodia do telefone que lhe tinha dado no dia anterior. Estava na bolsa, que tinha deixado ao lado do sofá a noite anterior.

Não se moveu para agarrá-lo, assim que o fez ele e olhou a tela.

—O prefixo é do norte do estado —lhe disse enquanto o passava—. Pode que seja uma de suas irmãs.

Ela olhou para baixo, ao telefone que soava em suas mãos, perplexa, com uma ruga entre as sobrancelhas, como se não soubesse o que fazer com ele.

Era a gota que enchia o copo e que o empurrou a abandonar o salão. Voltou a sair a terraço e pegou uma portada com a porta trilho ao fechá-la detrás dele. Deixou-lhe ter a conversação em

privado.

Seus assuntos já não lhe incumbiam.

## Capítulo 10

_

Levou-lhe uma eternidade atinar com o puto botão porque tinha os olhos alagados de lágrimas. Ao final o pôde encontrar e se levou o telefone ao ouvido.

—Nell? Por fim! Sou Nancy. Perdoa por chamar tão cedo mas não podia esperar. Espero não estar interrompendo nada…, já sabe, delicioso.

—Não —se obrigou a dizer depois de uma pequena pausa—. Não se preocupe.

Nancy ficou calada um momento.

—Uy… Vai tudo bem?

—Sim, tudo vai bem. —Forçou um pouco de alegria na voz—. O que passa?

—Acaba-me de chamar Elsie.

Elsie era a vizinha da Lucia. Levava vivendo na casa do lado desde muito antes de que chegassem as irmãs. Era doce, amável e um pouco fofoqueiro. Nell se surpreendeu para ouvir seu nome.

—Mas pensava que Elsie se foi a viver com sua filha em Pulôver Shore depois dos roubos.

—Fez-o. Acaba de passar meia hora me contando o que supõe compartilhar banho com suas netas adolescentes. Alison a aproximou de casa ontem à noite. Elsie tem uma chave de nossa casa que Lucia lhe deu faz anos e esta manhã decidiu acontecer-se para comprovar que tudo ia bem.

Nell aspirou uma baforada de ar.

—Vá. O tinha pedido você?

—Claro que não! E lhe hei dito que não o volte a fazer porque poderia ser perigoso, mas já sabe como é. Bom, o caso é que encontrou uma carta na rolha em nome da Elisabetta Barbieri, do Castiglione Sant'Angelo, e quando tem aberto a carta…

—Joder com o Elsie —murmurou.

—Sim, já sei, mas não queria brigá-la e além disso dá igual porque a carta está escrita em italiano e Elsie é polonesa. Por isso me chamou.

—Aproximarei-me agora mesmo para recolher a carta.

Nancy fez um ruído suspeito.

—Com o Duncan, não?

Nell se retorceu no assento e ficou a mão em cima da dor que sentia no peito.

—Já veremos —respondeu com uma evasiva.

—Deve ter a cuidado arreganhou—. Seguro que está bem?

—Sim, estou bem —mentiu. despediu-se tentando imprimir um pouco de alegria a sua voz e ficou olhando-o através das portas de cristal; estava apoiado no corrimão.

Tinha-lhe pedido que se casasse com ele e lhe havia dito que não. Estava louca.

Podia correr esse risco? Sabia o que sentia por ela, inclusive se não o podia admitir nem nomear. Podia aceitar uma «união» fria e prática? Oferecia-lhe amparo, dinheiro e sexo muito bom e abundante. Podia ficar esperando a que um dia se desse conta de que os sentimentos que tinha eram amor?

Não. Ela não funcionava assim. Pode que ficasse sozinha para sempre. Que não fora realista ou que fora parva de arremate. Talvez estava deixando acontecer a única oportunidade que tinha de

desfrutar de um amor e uma paixão verdadeiros por culpa das estúpidas palavras.

Mas ela queria que o homem que estivesse a seu lado a amasse, de todo coração. Tampouco era tanto pedir.

Abriu a porta e saiu a terraço. Uma rajada de vento lhe abriu o penhoar cor terra mostrando suas pernas mas o fechou com rapidez. Ia nua debaixo. Uma nudez que de repente se converteu em inapropriada. De fato, converteu-se em um motivo de vergonha.

—Eu…, né, tenho-me que ir —disse com voz trêmula a suas costas, musculada e rígida.

—por que não me surpreende —respondeu ele sem dá-la volta. Lhe contou a história do Elsie e a carta. Duncan dirigia o olhar à cidade—. Te levarei até ali —lhe disse com uma voz glacial.

—Não —sussurrou.

—Como que não? —girou-se e a ira que pôde ver em seus olhos a golpeou, como se lhe tivesse dado um murro—. Que cojones se supõe que tenho que fazer? Nada trocou. Esses valentões ainda estão por aí, esperando a que baixe o guarda. supõe-se que tenho que deixar ir? Deixar que lhe façam algo?

Ela sacudiu a cabeça com impotência.

—Já não é tua responsabilidade, Duncan. Em realidade nunca foi.

—Vá gilipollez me acaba de soltar —rugiu—. O pilhei, Nell. Não pode suportar estar comigo.

—Não é isso!

—Bem. Chamarei um guarda-costas profissional que vá armado e a um carro para que lhe levem. Quando recuperar a carta, pede uma habitação no Hilton. Irá escoltada as vinte e quatro horas do dia e não voltará a trabalhar no Sunset Grill. Solo dedicará ao que tenha que fazer para a universidade.

ficou com a boca aberta. Não podia parar de negar com a cabeça.

—Mas Duncan…, isso é uma loucura.

—Ajudarei-te economicamente até que tenha terminado sua puta tese e tenha conseguido o prezado doutorado. Nesse momento voltaremos a nos reunir para avaliar a situação.

—Mas eu…

—Ponha em meu lugar, Nell. Por muito frio e distante que pense que sou, não quero que morra. Por muito que me dê cabaças e não voltemos para follar. Não quero que te passe nada mau. Se te passar algo ou morre não poderia me olhar ao espelho. Ficou-te claro? Estamos de acordo?

Esfregou-se os olhos com o reverso da mão e assentiu.

—Bem. Pois deixa de discutir. Cansa-me e já não me tenho que preocupar de se te zangar ou não comigo. Miúdo peso me tirei de cima.

Frio. Ali de pé lhe parecia de tudo menos frio. Parecia-lhe um deus pagão que tivesse estalado em cólera e lançasse seus trovões entre o vento fresco da manhã e com a cidade de fundo. Tinha a cara tensa pela ira.

Fez-lhe um gesto brusco para lhe indicar que entrasse.

—vou fazer umas chamadas. Venha, vamos acabar o antes possível com isto. Esta mierda me está matando. vá vestir te e a fazer a mala. Rápido.

Fez-o o mais rápido que pôde, tirou a mala do dormitório e a deixou no salão. Escutou alguma parte da conversação Telefónica que Duncan manteve com um tal Braxton para conseguir um guarda-costas. deu-se a volta, irritado.

—Qual é a direção da vizinha?

—Cale Fairham Lane 2131, no Hempton.

Repetiu- a direção ao Braxton.

—Faz o cargo a minha conta pessoal, não a da empresa —lhe disse por telefone.

Sua conta pessoal? Estaria endividada com aquele tio para o resto de sua vida. Bom, que demônios. Em realidade já o estava. Tinha-lhe salvado a vida.

Duncan a escoltou até a garagem, onde a esperava o carro, e esperou a que se metesse nele. Lecionou ao guarda-costas, um homem corpulento de braços largos e frente pequena e pronunciada, do perigo de morte que corria Nell durante quinze minutos, antes de deixar que entrasse no carro pondo os olhos em branco. Miúdo gilipollas.

Observou ao carro sair da garagem, dar a volta à esquina e desaparecer.

O que tinha passado não estava bem. Lhe teria gostado de sair correndo atrás do carro, gritando e movendo os braços. Algo em seu interior se aberto em canal e tinha deixado um buraco que não parava de sangrar.

Subiu as escadas como um zombi e se atirou em cima do sofá.

O sol se elevou e começou a soar o telefone fixo. Seguro que era sua mãe que o chamava para lhe jogar a bronca pelo do Ellie. Saltou a secretária eletrônica e, efetivamente, a voz gritã de sua mãe deixou uma mensagem de cinco minutos naquela máquina, mas não pilhou nenhuma palavra. O emplastro de sol no estou acostumado a ia crescendo.

Soou o telefone móvel e olhou a tela. Era Bruce, que com toda certeza o chamava para lhe perguntar que narizes passava. Nell lhe tinha dado plantão. Deixou aquela costure a seu lado, no sofá, enquanto seguia soando. Já teria tempo para o Bruce.

A única razão pela que não o apagou era porque Nell estava por aí fora sem ele, com solo um palhaço estúpido como guarda-costas para protegê-la. Aquele telefone era o único que lhes seguia unindo.

depois de um momento voltou a soar. Esta vez era Braxton. Desprendeu.

—O que acontece? —ladrou—. Está bem?

Braxton estava desconcertado.

—Né, sim. Por isso eu sei —disse com cuidado—. Não tornei ou seja do Wesley, assim assumo que a coisa vai bem.

Os pulmões do Duncan se relaxaram e pôde respirar. sentiu-se como um parvo histérico.

—Ah, vale. Então, o que acontece?

—Solo te queria dizer que Teiko e Sam me acabam de entregar o relatório sobre o apartamento que tiveram que registrar ontem para procurar microfones e câmaras de vigilância.

—Vale. O que lhe hão dito?

—Estava infestado. Os aparelhos eram de boa qualidade, feitos no estrangeiro. Um trabalho do leite. Havia câmaras detrás das duas saídas de ar condicionado e microfones e dispositivos de rastreamento por toda parte. Teiko está convencido de que não puderam encontrar todos os que havia.

—Há-lhes dito que mandem o material ao Gant para que o examinem?

—Sim, como te prometi. Uma pergunta. levou-se algo a sua casa quando foi se viver contigo? Alguma mala ou algum aparelho eletrônico?

—Quem te há dito que estava aqui comigo? —perguntou-lhe com brutalidade.

—A gente fala —disse Braxton com paciência—. Então, levou-se algo?

—Trouxe uma mala mas a há volta a levar. Vai no carro com ela e Wesley. —Uma sensação de frio começou a subir pelas costas—. Joder, mierda.

—Pois com toda probabilidade está cravada. Assim sabem onde está.

Baixou a vista para o ordenador portátil, que seguia em cima do sofá onde o tinha esquecido, e aquele frio se transformou em um retortijón gelado que lhe agarrava as tripas.

—Joder —sussurrou com a voz em um fio—. Ainda tem aqui o portátil.

—Registra-o —disse Braxton.

Agarrou-o. Era grande e pesado, uma relíquia que pelo menos tinha oito anos. Encontrou o chave de fenda e o abriu.

Ali estava, um aparelho de escuta que ia carregado com sua própria bateria e um potente

microfone. Pôde observar que transmitia a tempo real. Tinham estado escutando tudo o que haviam dito, alto e claro. Incluída a direção a que Nell se dirigia nesses momentos.

A que podia ter chegado já. Tinha passado quase uma hora desde que saiu.

Atirou daquela coisa e lhe arrancou a bateria de um forte puxão.

—Tem razão. Sabem onde foi.

—Acabo de chamar o Wesley —disse Braxton com a voz séria— e não me agarrou o telefone.

—Mierda. Chama à polícia agora mesmo. À polícia local, e que vão ao sítio. Eu vou para lá.

—Espera! Dunc, não vá sozinho. vou organizar um…

Pendurou. Não havia tempo. meteu-se o telefone no bolso e saiu correndo para a habitação. ficou uma camiseta, uma calça do exército e uns sapatos. meteu-se a pistola na parte de atrás das calças e se grampeou ao tornozelo uma capa com uma faca. Procurou as estrelas tratadas com drogas tranqüilizadores da caixa das armas e se encheu os bolsos.

Agarrou o portátil que tinha o programa para detectar o sinal do GPS que havia no telefone que lhe tinha dado ao Nell e saiu correndo como alma que leva o diabo escada abaixo.

Nell desviou a vista enquanto foram no carro para evitar os olhares de compaixão do Wesley, o guarda-costas. Suas reservas de dignidade se esgotaram depois da última cena em casa do Duncan. Agora o único que queria era que a tragasse a terra e ficar aí escondida.

Era gracioso. Isso era precisamente o que faria uma vez que tivesse recolhido a carta e se aceitava a ajuda do Duncan. ficaria acurrucada em seu buraco, encerrada na suíte do hotel com as cortinas fechadas. Também poderia fazê-la dura e a valente e rechaçar sua oferta com altivez mas aquilo significaria partir de Nova Iorque e começar desde zero outra vez. Abandonar todo aquilo pelo que tinha trabalhado tanto durante a última década.

Não obstante, o que poderia fazer uma vez que conseguisse o título se o Demônio ia detrás dela? Embora se trocasse de nome e fugisse, seguiria sem poder ensinar literatura. A universidade seria o primeiro lugar onde qualquer parvo a buscaria e o Demônio não era nenhum estúpido.

Não, o destino lhe proporcionava seguir sendo garçonete, com um novo número da segurança social, ou ser cajera ou administrativa temporal. Sobreviveria, é obvio, como o tinha feito até agora, mas quando pensava em todos aqueles anos que tinha perdido estudando e em todo o trabalho investido…

Tragou-se as lágrimas. Tinha que ser prática. Isolar cada parte do problema e resolver uma a uma. Não podia controlar o futuro mas sim podia fazer o que estivesse em sua mão no presente.

Agora podia terminar a tese. Isso sim era factível. Ao melhor este desastre serviria de inspiração. Ao fim e ao cabo, todos os poetas aos que tinha estudado sofriam de mal de amores. O desespero desolador era a essência da criatividade. Solo terei que fixar-se no Emily Dickinson ou as irmãs Brontë. Existia uma tradição literária apoiada na necessidade de amor e sexo que se glorificou até transformar-se em arte atemporal.

Ao melhor, como elas, poderia salvar algo do naufrágio. Converter a dor em algo útil. Não tinha trabalho, nem casa. Ia à deriva. Estava muito assustada para caminhar pela rua ela sozinha. Os dias lhe desejariam muito compridos, silenciosos e aborrecidos. Não teria desculpa para não sentar-se e escrever uma tese excelente.

Agarrou a bolsa grande e negra que estava acostumado a levar a ombro e abriu a cremalheira do compartimento onde guardava o portátil, mas não estava ali. O tinha deixado no apartamento do Duncan.

Mierda, mierda, mierda. Deixou escapar um sopro através dos lábios que lhe começaram a tremer ante a idéia de voltar a enfrentar-se com a cara rígida, o olhar intenso e os comentários hirientes do Duncan quando tivesse que voltar para recuperá-lo.

Talvez podia fazer que lhe chegasse por mensajería mas com que dinheiro. O que custasse o

mensageiro o carregariam diretamente à conta pessoal do Duncan e a dívida que tinha com ele já a esmagava.

Ficou-se sem ordenador mas ainda levava o telefone que lhe tinha dado. Agarrou-o e o apagou. Não é que a fora a chamar mas o meteu no bolso da calça se por acaso as moscas.

Tinha que seguir adiante. Tirou a pasta onde guardava seu amálgama de notas, rascunhos e idéias. Arrancou uma folha poda da caderneta e agarrou um boli. Teria que escrever à mão, como nos velhos tempos.

Quando pararam diante da casa do Elsie, já tinha um título bastante bom para sua tese: «Sexo, desespero, tristeza e morte entre as poetas do século XIX». Já se sentia um pouco melhor depois de ter feito algo útil. Se tinha que sofrer de coração quebrado, pelo menos que servisse para algo.

Wesley saiu do carro e lhe abriu a porta. Repassou com o olhar a rua deserta. Não havia nada que se movesse a seu redor. Subiram as escadas que davam ao alpendre do Elsie, idênticas às da casa da Lucia. Chamou o timbre e esperou. ficou ali um momento comprido, depois do qual voltou a chamar.

—Elsie? —gritou—. Está aí? Sou eu, Nell.

Não respondeu ninguém e Wesley a colocou a suas costas enquanto tirava uma pistola grande de profissional.

—Nell? —Era Elsie. Estava bem embora a voz, amortecida detrás da porta, soava mais aguda e fraco do normal.

—Elsie? —Nell voltou a chamar—. Está bem?

—Né… sim, carinho. —Tremeu-lhe a voz—. Vamos…, entra. A porta está aberta.

Nell alcançou o pomo mas Wesley lhe apartou a mão com delicadeza e abriu a porta ele mesmo. Ela ficou nas pontas dos pés para poder ver o que tinha diante por cima de seus ombros grandes enquanto ele se certificava de que o interior estivesse espaçoso.

Elsie estava quieta, ao outro lado da habitação, diante da porta da cozinha. Wesley deu um passo para o interior quando Nell se fixou na cara da senhora maior. Estava pálida, imóvel e rígida. Olhava-a fixamente.

Conhecia aquele olhar e aquela sensação. Joder, OH, não.

—Espera!

foi agarrar ao Wesley do casaco para atirar dele para trás quando escutou o som do disparo de uma pistola com silenciador e o guarda-costas lançou um gemido, girou e caiu ao chão com todo seu peso.

A habitação estava cheia de homens com máscaras negras que foram a por ela. Puseram-lhe um saco na cabeça. Começou a sacudir braços e pernas e a gritar quando se fez a escuridão. Custava-lhe respirar aquele ar que cheirava a mofo e podridão.

Depois notou uma espetada como uma picada de mosquito no braço e uma debilidade doentia se apoderou de seu corpo com uma rapidez entristecedora…

Nesse momento todo desapareceu.

## Capítulo 11

_

Duncan manteve a velocidade entre 150 e 170 quilômetros por hora, dependendo de quão fechadas fossem as curvas. alegrou-se ao ver que a estrada para sair da cidade estava limpa. Era o

sulco contrário o que estava até a bandeira. Tinha o ordenador apoiado no assento do co-piloto com o programa do GPS aberto. De momento, o sinal não se moveu da casa do Elsie no Hempton. Estava desejando chamá-la por telefone mas o fato de que Wesley não respondesse desde fazia momento o tinha acojonado. Pode que já tivessem descoberto que levava o móvel e o tivessem deixado em algum sítio para que ninguém pudesse lhes seguir a pista, mas ao melhor ainda não o tinham feito, assim não queria chamar e que se dessem conta de que o levava em cima. O sinal do móvel era sua única esperança.

Nesse momento o ponto que lhe indicava a localização do Nell começou a mover-se.

Entrou-lhe tanto medo que teve vontades de vomitar. O sinal percorreu a estrada principal do Hempton e trocou à auto-estrada que conduzia para o nordeste. Tinha que modificar sua rota se queria interceptá-los.

Era como caminhar sobre a corda frouxa, conduzir a aquela velocidade, controlar o ordenador e calcular os atalhos para pilhá-los. O móvel começou a soar um minuto depois e acrescentou outra bola ao jogo de malabares.

Felizmente, tinha um dispositivo de mãos livres no carro.

—Sim —ladrou.

—cheguei com a polícia. Isto pinta mau. A anciã está tiragem no chão, ataram-na. dispararam ao Wesley e não há signo de seu amiga.

Lhe encolheu o estômago.

—Segundo o sinal se dirigem para o nordeste. Manten informado. Adeus.

—Espera, Dunc. Sinto muito te haver defraudado.

—Não é culpa tua —o cortou—. Me equivoquei. Teria que havê-la posto sob o amparo de uma equipe ou não havê-la deixado sair absolutamente. Tenho-te que deixar. Adeus.

—Entendido.

Braxton pendurou.

Pisou no acelerador com mais força enquanto comprovava o mapa da tela. Tinha que aproximar-se, ir mais depressa. Deixou que o motor se abrisse e fechasse para aproveitar toda sua força, ronronando a quase 190 quilômetros por hora.

Te acalme e deixa a mente fria. Em realidade, certamente não lhe fariam mal enquanto se estivesse movendo, mas quando o sinal se voltasse a parar, joder, já podia esquecer-se de manter-se tranqüilo. ia ser um inferno.

As pontadas de dor que sentia na cabeça despertaram. Estava confusa e aterrorizada. Tudo estava escuro e lhe faltava o ar. Tinham-na enterrado viva, podia cheirar a sujeira e a podre. Ar. Joder. Necessitava ar.

Começou a lhe doer todo o corpo. Tinha as mãos atadas à costas pelas bonecas e a tinham deixado em posição fetal. Não podia mover-se. Seu próprio peso fazia que seus ombros hiperextendidos lhe queimassem e pulsassem. A vibração a confundia e um buraco da estrada fez que se desse um golpe contra o chão.

Ah. Tinham-na metido no porta-malas de um carro. Sabia que deixar-se invadir pelo pânico não a ajudaria em nada. Tentou tranqüilizar-se e começou a respirar devagar e de maneira superficial. A falta de oxigênio explicava a dor de cabeça. Ou talvez era o monóxido de carbono. Ou os dois.

O carro começou a estralar e passar por buracos. Tinham deixado a estrada de asfalto para entrar em um caminho de terra. Pararam e escutou um murmúrio de vozes masculinas. Abriram as portas do carro e o veículo se elevou assim que os homens saíram dele. Tentou lembrar-se de quantos tinha visto em casa do Elsie.

Elsie. Transpassou-a um sentimento de tristeza. Mierda, pobre Elsie. E Wesley também. Tinham disparado ao Wesley.

O porta-malas se abriu com um ruído surdo e a luz do sol se infiltrou entre os ocos do saco sujo no que a tinham envolto. Uns braços fortes a agarraram por debaixo dos sovacos e uma dor muito aguda lhe atravessou os ombros. Quando a levantaram as pernas lhe chocaram contra o bordo do porta-malas. ficou sem forças depois de cair ao chão.

—Coloquem dentro —ordenou uma voz dura e cascata com acento alemão— e atem a uma cadeira.

Voltaram-na a levantar e a levavam sujeita pelos braços enquanto arrastava os pés pela dura terra até um edifício fechado onde a luz que tinha captado fora já não entrava. Ali dentro podia sentir umidade e frio, como se estivessem em uma cova.

O homem que a tinha levado até ali a sentou em uma cadeira de respaldo reto. Estiraram-lhe mais os braços e os ataram aos tornozelos. Parecia um donut agônico ao redor do respaldo da cadeira.

—Outros, quero-lhes fora. ides vigiar —voltou a ordenar o que tinha um ligeiro acento alemão.

Escutou aos homens falar entre dentes e arrastar os pés. abriu-se e fechou uma porta grande e a luz que entrava através do tecido do saco diminuiu bruscamente.

Fecharam o fecho.

Silêncio. Repicavam-lhe os dentes e tremia, atravessavam-na uns calafrios enormes, como se se fora a morrer congelada. Tiritava tanto que a cadeira começou a vibrar contra o chão. Os dois homens que se ficaram a olhavam sem mover-se. Pôde sentir que estavam desfrutando, como sorriam.

—Lhe tire o saco, John.

A voz do homem que parecia alemão estava cheia de satisfação.

Para lhe tirar o saco, atiraram-lhe da cabeça para diante fazendo que os braços se estendessem mais ainda. ficou a tossir e a dar baforadas de ar.

O cabelo lhe cobria os olhos e tentou tornar-lhe para trás mas parecia que a cabeça lhe ia explorar com o mais mínimo movimento. Olhou-os através do véu de cabelo emaranhado, como uma cavernícola da pré-história. Tinha a cara suja, a boca aberta e o olhar selvagem.

Quase não havia luz na estadia mas tomou um tempo poder reajustar a vista. Era um milagre que ainda levasse os óculos pendurando do nariz.

Havia dois homens. Um deles era velho e estava curvado. Tinha papada e a cara fofa. Seus olhos azuis a observavam por cima das bolsas negras de doente que tinha nas olheiras. Tinha os lábios morados e a olhava de forma lasciva.

Igual ao outro homem, que quadrava com a descrição que Nancy fazia do Demônio. Era grande, com olhos de porco que brilhavam naquela cara vermelha e cheia de graxa. Tinha os lábios úmidos e os lambia de forma compulsiva.

Ambos eram asquerosos e parecia que a nenhum preocupava que lhes visse a cara. Sabiam que não ia ter ocasião de identificá-los.

Tirou-se aquele pensamento desagradável da cabeça.

O velho chegou coxeando até onde estava ela e lhe levantou o queixo.

—Antonella —cantarolou—. Em carne e osso, e miúda carne mais bonita.

Baixou-lhe a mão pelo decote e lhe manuseou o peito. Procurou o mamilo e o beliscou.

Controlou-se para não deixar escapar um grito.

—Quem é?

—Meu nome é Ulf, meu amor. Ulf Haupt. Este é meu ajudante, John. Mas sou eu o que vai fazer as perguntas hoje. Não você.

—Q…, o que quer de mim?

A luz que lhe acendeu nos olhos deixava ver sua maldade e sua loucura.

—Informação, é obvio.

Lhe caiu a alma aos pés. Não havia quase nada que pudesse lhes dizer. O outro homem, ao

que Ulf Haupt tinha chamado John, colocou-lhe a mão dentro da blusa e o toqueteó as tetas para encontrar o pendente.

Fechou o punho a seu redor e atirou dele até que se rompeu a cadeia.

—Bom, já podemos acrescentar este a nossa coleção —disse.

—John tem muitas vontades de lhe interrogar —a informou Haupt.

—Sim, desde esta manhã —afirmou John—. Quando rompeu com esse casulo. —Esperou a que Nell reagisse e ficou a rir de sua cara de surpresa—. O escutamos todo —se burlou—. Te pus um microfone no ordenador, cadela estúpida. Queria que te declarasse seu amor, né? Queria que se ajoelhasse a seus pés? Esse pobre tio até me daria pena se não tivesse tido que ouvir como lhe follaba durante os últimos dois dias.

Ela se tornou para trás e ele se aproximou mais, até que teve a cara a um par de centímetros da sua.

—Ouvi-o tudo. É uma porca. Ouvi-te gritar, suplicar e te correr. —Deu-lhe uma bofetada tão forte que a cadeira ficou suspensa sobre duas Isto patas você adora, verdade, zorra?

—Basta, John! —A voz do homem maior era cortante—. Não te deixe levar. Deve permanecer consciente até que nos dê a informação que necessitamos. Já jogará depois.

John obedeceu enquanto murmurava algo grosseiro entre dentes sobre putas e zorras. Tinha os punhos apertados e a boca aberta e úmida. Respirava rápido. Um ódio irracional apareceu a seus olhos. Que Deus a ajudasse. Estava atada a uma cadeira diante de dois loucos raivosos.

Haupt lhe deu uns tapinhas na bochecha em que John lhe tinha pego. Como se fora uma menina pequena e ele fora uma paródia absurda do avô benevolente.

—Bom, carinho. Conta-me o tudo sobre os esboços.

Esboços? balançou-se freneticamente, perguntando-se o que poderia matá-la mais rápido: admitir que não sabia nada ou aparentar que sabia algo. Qualquer opção era desalentadora.

—Não sei nada sobre esboços.

Os olhos do Haupt se voltaram mais duros e lhe apertou a bochecha com os dedos até que a beliscou.

—Não me minta. Temos lido a carta da contessa, menina estúpida. Dizia que entre as três poderiam resolver a adivinhação, assim que algo tem que saber!

—Mas estou sozinha. Não com elas. —Nell sacudiu a cabeça para esclarecê-la mente e soprou para apartar o cabelo de diante dos olhos—. Lhes levaram a carta, assim nunca tivemos a oportunidade de lê-la e Lucia tampouco pôde…

Recebeu outra bofetada com sanha que fez que lhe zumbissem os ouvidos. Os olhos lhe encheram de lágrimas.

—Assim que a contessa alguma vez lhes disse como tinha morrido seu pai?

Nell voltou a sacudir a cabeça e tragou saliva.

—Não —sussurrou.

—Quer que te conte a história? —Parecia que Haupt tinha vontades de falar—. Meu pai conheceu velho conte de Luza quando eram jovens. Corriam os anos trinta, antes da guerra. Durante algum tempo foram juntos à escola de arte em Roma. fizeram-se amigos, tão amigos que o conte chegou a convidar a meu pai a sua casa centenária para pavonear-se dos tesouros artísticos da família.

—Ah. Entendo —disse Nell, mas não o entendia.

—E depois, chegaram a guerra e o Reich —continuou Haupt—. Meu pai era um alto cargo das SS e conseguiu que instalassem seu quartel geral no Palazzo De Luza durante a ocupação. Uma de suas obrigações era apropriar-se das melhores peças de arte para a glória do Reich. Mas o conte de Luza era muito avaro e escondeu os tesouros mais importantes. Ocultou-os e deixou um mapa para poder encontrá-los.

Nell conteve a respiração, hipnotizada pelos olhos claros e perturbados daquele homem acabado. A saliva lhe salpicava na cara enquanto falava. Suplicou-lhe em silêncio que seguisse

falando tudo o que quisesse. Podia seguir falando todo o dia e toda a noite porque quanto mais falasse mais demorariam para destroçá-la.

—A guerra terminou, meu pai teve que fugir-se a Argentina e nunca o esqueceu. Quinze anos depois visitou de Luza, mas os esboços continuavam ocultos. Você gostaria de saber o que lhe fez meu pai ao conte para conseguir que lhe dissesse onde os tinha escondido?

—N-n-não —disse Nell com voz tremente—. Não, obrigado.

—Não seja insolente! —chiou Haupt—. Ao melhor se te dissesse que vais correr a mesma sorte que ele te picaria a curiosidade, não? —Passou-lhe a mão fria e torcida pelo braço e os peitos —. Toda esta pele suave e sem marcas. Tão pálida, branda e perfeita. Uma verdadeira pena.

Pensa em como pode fazer que siga falando.

—E, né, o que aconteceu com M-m-marco?

—Então, sim que sabe algo do parta Barbieri? Era um velho que não servia para nada. Tinha o mapa em seu poder e não conseguiu nada. Primeiro meu pai e mais tarde eu mesmo colocamos espiões entre o serviço do Palazzo de Luza que seguiram suas buscas durante décadas mas nunca encontrou os esboços. Entretanto, um bom dia, sobe a um avião e voa até a América! Que curioso, não? —esfregou-se as mãos—. E ali estava John para receber ao velho parta. Assim foi como pudemos localizar a contessa à fuga. Mas John tem problemas para controlar seus impulsos. Eu o chamo «arbusto agora e pergunta depois». —Haupt lhe lançou um olhar envenenado ao John—. O parta e a contessa morreram antes de que pudéssemos saber o que havia lhe trazido e onde o esconderam. Assim te comporte como uma garota boa, Antonella, e ao melhor John não se comportará tão mal contigo, né?

Tragou saliva.

—vou cooperar em tudo o que possa.

Não sabia muito e logo se dariam conta.

Haupt levantou os pendentes que se balançavam e brilhavam sob a luz pálida que se filtrava através das janelas sujas e cheias de telarañas. As safiras da N e os rubis da A.

—Me conte o segredo dos pendentes —lhe ordenou.

Ela fez uma careta de dor.

—Não o conheço. Solo vi um rascunho incompleto da carta que lhes levaram que dizia que solo se estávamos as três juntas e utilizávamos nosso amor pela arte poderíamos encontrar uma chave, mas não sabemos para que. Estou segura de que pensava nos contar algo mais antes de…

Outra bofetada atravessou o ar assobiando até sua bochecha e lhe começou a sangrar o nariz.

—Não minta! —gritou Haupt—. Sei que sabe algo mais! estivemos investigando sobre ti, Antonella. A puta da contessa te pôs a estudar italiano e latim. Educou-te para que a relevasse na busca! Admite-o! por que se não te ia pôr a estudar uma língua morta? Viu o mapa? Tem-no lido? O que diz?

—Não. N-n-não hei o Falava com dificuldade e gaguejava. Começava-lhe a falhar a imaginação, por completo. Como poderia lhes explicar a aqueles monstros sua paixão pelas línguas e a literatura? Não o entenderiam. Nem sequer sabiam o que era a beleza.

John deu um passo adiante, com ar de homem de negócios. O seguinte golpe fez que a cadeira perdesse o equilíbrio. ficou dançando sobre uma pata e se inclinou. A habitação se moveu a seu redor à medida que Nell caía para trás. Sobre as mãos que tinha atadas. A madeira se rompeu debaixo dela e, ah, mierda, joder, suas mãos, como doía…

Uma lasca larga da madeira daquele móvel sujo lhe cravou na base do polegar. Mediu com os outros dedos para liberar o dedo da lasca. Sentia como corria o sangue, escorregadia e quente. Logo mediu para encontrar a lasca. Aí estava. Fechou a mão a seu redor e atirou.

Rompeu a ponta; era pequena, mas era dela, e a escondeu entre os dedos.

John agarrou o respaldo da cadeira e a voltou a levantar.

—vamos tentar o outra vez, Antonella.

Voltou-se a aproximar; podia ver o branco dos olhos ao redor de sua íris. Colocou-lhe a

ponta da faca por debaixo da blusa. Com um par de puxões, o tecido cedeu e se abriu. Os botões saltaram pelos ares e soaram contra o chão.

Afundou a ponta da faca por debaixo do laço de seda que unia as duas taças do prendedor e o girou. Esta vez, também lhe cortou a pele e começou a sair sangue que lhe caía sobre a barriga. Agora tinha sangue na mão e no ventre. Tentou apertar a lasca com a força suficiente para que lhe doesse e assim acabar com as náuseas que foram crescendo em seu interior e as ondas de inconsciência.

A faca brilhava diante de seus olhos, grandes e hipnotizados.

—Venha, Antonella —disse com companheirismo—. vamos falar de arte.

—Terá que entrar na Connemara Drive, no quilômetro sete. Girar à esquerda, acessar a uma estrada sem asfaltar e seguir durante um quilômetro desde que cruzamentos um arroio. Tenho o sinal a trezentos metros diante de mim, em perpendicular à estrada principal, dez graus à direita. vou sair do carro. lhe diga à cavalaria que se dêem toda a puta pressa que possam.

—Dunc! Espera! Não entre…

Pendurou o telefone e começou a correr, contente porque o instinto lhe tinha feito ficar roupa marrom e verde sem pensar. O sinal levava vinte minutos parada no mesmo sítio. Tempo suficiente para que lhe tivessem feito mal, se era isso o que queriam.

Sentia frio e tentava acalmar suas emoções passando a ser um personagem em um videojuego que tinha a missão de ganhar pontos, vencer a duendes, gárgulas, alfavacas e matar ao mago maligno se tinha conseguido pontos suficientes e não tinha cometido enganos. Entretanto, no jogo real não lhe descontariam uma vida se a cagava. Não apareceria game over na tela. Não poderia voltar a provar sorte.

Tinha uma oportunidade. Solo uma.

Seguiu correndo para diante e se escondeu detrás de árvores e arbustos até que viu aparecer o edifício e o carro. Esperava que não houvesse alarmes de infravermelhos. Duvidava-o. Aquele lugar era um esconderijo improvisado que tinham encontrado a última hora. Este sítio não era sua guarida, ou isso esperava.

O edifício parecia um celeiro abandonado e ao meio ruir. Viu o primeiro guarda e se escondeu nos matagais. Era o negro com o que se brigou no Lafayette. Duncan se tombou no chão e se deslizou ao redor do homem enquanto o mantinha em seu campo de visão. Quando se tinha aproximado o suficiente, deu-se conta de que estava de costas e mijava contra uma árvore. Bem.

Duncan ficou detrás dele. O homem se deu a volta, com a boca aberta e o rabo ainda na mão. Agarrou ar para gritar mas Duncan o golpeou com a ponta da bota por debaixo do queixo.

Caiu contra a árvore com os olhos em branco, e se desabou dando com o culo no chão. O membro ainda lhe pendurava por fora das calças abertas.

Escutou vozes e as seguiu. Continuou arrastando-se para o murmúrio que provinha do claro que havia diante do celeiro. Era o loiro gilipollas do Lafayette, que se estava fumando um charuto enquanto falava com outro tio, mais baixo e compacto. Tinha cardeais debaixo dos olhos. Duncan reptó até estar mais perto e reconheceu o tom agudo e quejicoso de sua voz antes de que pudesse dizer nada. tirou-se do bolso um par de estrelas impregnadas em droga.

—… o que terá que agüentar! Não merece a pena o dinheiro de mierda que nos pagam para que nos tratem como a um lixo —se queixou—. Mais os vale que me deixem um momento com essa puta quando John tenha terminado com ela porque vou ensinar a essa zorra que não se joga com o Curtis, tio… Ai!

Seu monólogo terminou com um espasmo. tocou-se o culo e se tirou a estrela com a que Duncan o tinha cravado.

—Que coño?

O segundo homem soltou um alarido e lhe apareceu uma estrela no ombro.

Curtis se deu a volta e mandou uma rajada de balas em direção ao bosque com seu Uzi.

—Quem cojones é, filho de puta? Te vou arrebentar!

Não foram muito sigilosos. Curtis começou a cambalear-se e caiu ao chão. O outro já estava ali atirado. As pontas das estrelas continham um sedativo muito potente que atuava rápido. Esperou a que alguém de dentro do celeiro reagisse. É obvio, a porta se abriu e um homem tirou a cabeça.

—Que mierda está passando? —grunhiu. Viu os homens inconscientes atirados pelo chão e fez uma careta de asco—. Putos gilipollas —murmurou, e levantou a pistola automática.

Disparou aos dois corpos uma rajada de tiros curta com sua pistola e os corpos esparramados saltaram no chão e ficaram quietos.

Duncan o observava da folhagem. Tinha arrebentado os corpos e permaneciam atirados sobre atoleiros de sangue. O Demônio levantou a pistola e dirigiu uma descarga de tiros em forma de arco largo para o bosque. As balas atravessaram folhas e erva por cima da cabeça do Duncan. Saltaram lascas dos ramos e a terra se levantou quando os projéteis se chocaram com o chão.

O Demônio ficou a rir, histérico.

—Jódete e morre, filho de puta! Agora toca a ti! Tenho-a eu! Assim vete a tomar por culo!

Outra rajada de balas cruzou o bosque.

Voltou para interior e, na distância, Duncan pôde ouvir as sereias dos carros de polícia. Saiu disparado como uma flecha, passou junto ao açougue do claro e se equilibrou contra a porta.

—Nell! —bramou.

—Duncan? —gritou ela do interior, de onde começaram a disparar contra a porta.

Uma bala lhe roçou o quadril como se fora a chama de uma fogueira. Outra lhe rasgou o tecido do bolso da calça que estava justo debaixo do joelho. Ela ficou a chiar, um grito dilacerador que lhe gelou o sangue.

Começou a correr ao redor do edifício.

—Estão-se aproximando —disse John ao Haupt—. Temos que nos largar. Curtis e Turturro estão mortos e não vi ao Gerard, mas seguro que também a há palmado.

—Como que vêm? Quem vem? Como souberam onde estávamos? Como é possível? —A voz do homem se elevou a um grasnido agudo e lastimero—. É um gilipollas, um incompetente…

—Quer seguir me brigando de caminho ao cárcere ou lhe guardar isso para depois? —soltou-lhe John—. te Mova!

Cortou as cordas que atavam ao Nell e os braços da jovem caíram livres e intumescidos. Sentiu um formigamento. John lhe agarrou uma mecha do cabelo e atirou até que soltou um grito.

—Te leve bem, puta —lhe disse entre dentes—, ou lhe degola como a um corderito.

Levantou-a e a jogou ao ombro. Os braços e a cabeça do Nell penduraram inermes sobre suas costas.

Algo soou contra a porta.

—Nell!

Duncan. OH, Meu deus, Meu deus.

—Duncan! —gritou.

—Hei-te dito que te cale, puta!

John levantou a pistola e disparou para a porta. Alguns raios de sol entraram pelos buracos das balas. Nell voltou a chiar de medo e desespero, mas John tinha começado a correr e a voz lhe entupia na garganta enquanto seu torso ricocheteava contra as costas de seu captor.

Tiraram-na do celeiro mas não podia ver aonde foram, só folhas verdes e a terra detrás dos talões do John. Também pôde ver que levava o cinturão solto e a camiseta levantada. Apareciam grãos de acne dos michelines que se sobressaíam por cima da cinturilla das calças.

O som dos passos trocou. Agora faziam um ruído surdo sobre pranchas de madeira. Haupt também ia correndo a seu lado; ofegava e soprava.

Era uma ponte. Podia escutar o som surdo dos degraus de madeira e viu pranchas molhadas debaixo das botas do John. ouvia-se o murmúrio da água que passava por debaixo. John se deu a volta e começou a disparar uma descarga de balas ensurdecedoras. Todo o corpo do Nell tremia e se sacudia com aquelas explosões que o martilleaban o cérebro.

A mão que lhe sangrava apertou a lasca e a colocou de maneira que a parte bicuda me sobressaísse uns centímetros enquanto apertava bem o lado romo. Reuniu todas as forças que ficavam para atirar o golpe: a paixão pelo Duncan, o amor por suas irmãs e pela Lucia. Até o amor que tinha sentido pela Elena. A adoração que sentia para a beleza, a elegância, o amor. O respeito pelo esforço e o trabalho honesto. Pelas coisas que não se podiam comprar nem com todo o ouro do mundo.

John se girou e levantou a pistola. Não. Não tinha direito a lhe fazer danifico, nem a ela, nem ao Duncan nem a ninguém.

Não tinha… nenhum… direito!

Apunhalou-o com a lasca transpassando a carne e a graxa que lhe cobriam o rim. Ele soltou um chiado e os disparos voaram inverificado.

Com um bam a bala do Duncan estalou contra a pistola que John empunhava; saiu voando enquanto girava pelo ar. John se lançou a agarrá-la com uma mão mas lhe dançou entre os dedos e caiu, depois do que pareceu uma eternidade, no rio.

—Baixa a.

A voz do Duncan estava incrivelmente acalmada e fria. John lhe devolveu o olhar enquanto tentava recuperar o fôlego. ficou a rir.

—Claro, mamonazo.

Atirou ao Nell por cima do corrimão da ponte.

Ela voava, caindo para baixo, dando voltas, girando. Sentiu o impacto de sua cabeça contra a água verde.

Duncan saiu correndo para a metade da ponte e se atirou detrás dela. A corrente era forte quando subiu à superfície para respirar; o rio levava muito caudal pelas últimas chuvas.

Nell flutuou na superfície, com a cara coberta de cabelo, tratando de agarrar ar. lançou-se para ela e a apertou com força contra seu corpo.

Quando por fim conseguiu levar a à borda a rodeou com os braços. Tinha a bochecha torcida e o lábio partido. Havia sangre seca nos buracos do nariz. Tinham-lhe estado pegando. A raiva se apoderou dele mas os bodes se foram fazia tempo. Não tinha a ninguém a quem apanhar e castigar. Ainda não.

Nell abriu os olhos e o olhou. Os lábios lhe tremiam tanto que lhe levou um tempo poder falar.

—Haaaaas vuuuuelto a por mim… —disse.

Apoiou a cabeça contra seu peito e se deprimiu. Estava em shock. Tinha a cara muito pálida. Ao Duncan custou subir o íngreme banco do rio. Quando o conseguiu, ficou a correr com passos pesados e inseguros. Suplicou a Deus que quem fora que estivesse nos carros de polícia também tivesse pensado em chamar uma ambulância.

## Capítulo 12

_

Duncan se contemplou no espelho do hospital. Emprestava ao aroma amargo do sabão anti-

séptico que havia no dispensador do lavabo com o que tinha tentado lavar-se. Pensava que ia conseguir tirá-la capa de barro do rio, mas aquela massa era bastante difícil de limpar.

Nancy e Liam lhe levaram uma muda para que se trocasse. A roupa do Liam ia bastante bem embora a camisa lhe apertava um pouco nos ombros. A sua parecia um gurruño, úmido, pegajoso e cheio de limo e barro no chão do banho. voltou-se a colocar a pistola na parte traseira da calça e a tampou com a camisa. Estava a ponto do colapso. Sentia frio por dentro e as mãos não paravam de tremer. Sua cara era uma máscara rígida e fixa.

O médico e as enfermeiras o tinham obrigado a sair da habitação do Nell para valorá-la e enganchá-la a vários tubos, agulhas e máquinas. ficou esperando na porta como um perrillo molhado e paciente que tremia na entrada de casa até que alguém tivesse piedade dele e o voltasse a deixar entrar.

Parecia tão frágil, estava tão pálida. Quão único gotejava vitalidade era seu cabelo; havia cachos negros por tudo o travesseiro.

Tinha tanto medo que quase não podia respirar. perguntava-se se teria ganho os pontos suficientes como para que lhe desse outra oportunidade.

Tinha podido imaginar o mundo sem ela. Tinha contemplado essa realidade como verdadeira durante sua carreira infernal contra o tempo. A angústia lhe tinha agarrado à boca do estômago e não o soltava. Sentia a dor da perda. Vazio, silêncio e arrependimento doentio.

Era incapaz de enfrentar-se a aquilo. Diria-lhe algo que ela desejasse ouvir. Importava-lhe uma mierda se era certa ou não, realista ou não. Já lhe dava igual a sinceridade, ser direto, todas essas tolices sem sentido. Nell poderia lhe escrever um guion, se quisesse, e ele recitaria cada palavra como um louro; assinaria-o diante de testemunhas e de um notário se fizesse falta. Nem sequer se envergonharia disso. Não ficavam energias para sentir vergonha. Sabia quando estava coado por alguém.

A única razão pela que se apartou de seu lado era porque Liam e suas irmãs estavam ali. Falavam pelo baixo e o olhavam com preocupação. Vivi havia lhe trazido um café e um sanduíche da cafeteria que havia na entrada do hospital, mas não tinha sido capaz de provar bocado. Sentia como se o ventre lhe tivesse transformado em pedra.

Empurrou suas coisas com o pé para o rincão e saiu para enfrentar-se aos olhares de compaixão. Vivi se levantou da cadeira em que estava sentada, ao lado do travesseiro do Nell. Lhe fez um signo com o queixo que indicava que se podia sentar outra vez.

—E uma mierda. Vêem aqui. —Vivi o agarrou dos ombros e o sentou na cadeira—. É você o que esteve fazendo o herói por aí.

Ele se deixou cair em cima e lhe voltou a agarrar a mão ao Nell. A que não estava destroçada e convertida em uma bola branca e branda pelas vendagens. Tinha a mão tão fria. Mas a sua também o estava. Úmida pelo medo, não podia lhe dar calor.

Vivi lhe pôs a mão no ombro e se apoiou para lhe dar um beijo na cabeça.

—Né, Duncan —disse com delicadeza—. O tem feito bem. vai se recuperar. Tenta te relaxar, vale? Está-nos assustando.

Moveu a cabeça e se dobrou sobre a mão do Nell.

um pouco depois, notou como os dedos dela começavam a mover-se sob os seus e quase lhe sai o coração do peito. Nell abriu os olhos, aturdida.

Nancy e Vivi se levantaram e se aproximaram do outro lado da cama.

—Olá, bonita —disse Nancy enquanto lhe tremia a voz de emoção, a ponto de chorar.

Nell lhe dedicou um leve sorriso, como se lhe custasse muito levantar as comissuras da boca. Enfocou o olhar para o Duncan e ele ficou olhando-a sem dizer uma palavra. O silêncio invadiu a habitação. Houve uma descarga elétrica que crescia e crescia.

—Ao melhor nós três poderíamos ir tomar nos um café —sugeriu Vivi com vigor na voz—. Vamos. vamos sair.

Saíram pela porta e por fim os deixaram sozinhos.

Nell levantou a vista. Estava tão contente de que estivesse ali. Que estivessem os dois, vivos. Era tão improvável e maravilhoso!

O coração lhe encheu de alegria, tão suave e plena que sentia como se uma supernova lhe crescesse dentro do peito. Estava exausta e frouxa. sentia-se ligeira, como um raio de luz que flutuava em cima da cama. Deviam ser os remédios que lhe tinham subministrado. Gostava dessa sensação.

Duncan lhe levantou a mão e se tornou para diante, com os cotovelos apoiados na cama. passou-se os nódulos pela bochecha. A barba lhe arranhava como uma língua de gato contra a pele; era muito agradável.

Não tinha bom aspecto. Notou-lhe o olhar escuro e a careta na boca.

Tentou falar com ele mas os músculos não lhe respondiam.

—Não fale —lhe ordenou com o cenho franzido—. Descansa.

Por fim conseguiu dizer algo, com tanto esforço que ficou sem fôlego.

—Dei-te as obrigado por me salvar a vida?

Um sorriso substituiu a careta que escurecia a cara ao Duncan.

—Ultimamente não —admitiu—. Pelo menos nas últimas trinta e seis horas.

—OH, bom. —Apertou-lhe a mão—. Só lhe queria recordar isso —Me he llevado un susto de muerte —dejó escapar.

Tinha tantas coisas que lhe dizer que sentia que as palavras se amontoavam em seu interior criando um plugue. Então, começou a lembrar-se de tudo e com isso começou a invadi-la uma sensação de pânico.

—Elsie? —perguntou—. E Wesley?

—Estão bem —lhe assegurou—. Pelo que me contaram suas irmãs, Elsie passou pelo hospital porque tinha algumas contunda e tinha entrado em estado de shock, mas já está entretendo-se sendo famosa. Está encantada concedendo entrevistas à imprensa local da cama do hospital. Wesley o tem um pouco pior, mas por agora está estável. Tinha perdido muito sangue pela bala que lhe deu no ombro, mas se recuperará.

—Graças a Deus —murmurou. Voltou a fechar os olhos. sentia-se como uma rádio que tinha que voltar-se para sintonizar à freqüência da consciencia, mas Duncan sempre estava aí, como uma rocha que se escondia e voltava a aparecer de entre a bruma. Dava-lhe segurança. Outra idéia lhe passou pela mente.

—Estão procurando uns esboços.

Duncan franziu o cenho.

—Como? Quem está procurando o que?

—John e Haupt. Os maus. O tesouro da Lucia, são uns esboços. Haupt me desvelou seu nome e muitas coisas mais, por pura diversão, para burlar-se de mim. Vá, que graça, não?

Enrugou a frente.

—Não sei se a palavra «graça» é a correta.

—O conte de Luza, o pai da Lucia, escondeu esses esboços para que não os pudessem encontrar os nazistas durante a Segunda guerra mundial —continuou—. Ainda estão ocultos em alguma parte. É de loucos. Como sabia que viriam a por mim?

—Encontrei um micro dentro de seu ordenador e segui o sinal do GPS que havia em seu telefone.

—Não pode ser —sussurrou—. Me salvou um telefone móvel. Vá ironia.

Duncan lhe apertou a mão contra sua cara.

—Não podia deixar que lhe fizessem mal.

Lhe acariciou a mandíbula.

—Está gelado —disse preocupada—. por que está tão frio? Normalmente desprende muito

calor.

—Levei-me um susto de morte —deixou escapar.

Ela abriu os olhos, surpreendida.

—Como? Você? por que?

—Acreditei que te tinha perdido. —As palavras se amontoavam ao sair como se tivessem contidas muito tempo—. A vida não merece a pena sem ti, Nell. Se te tivesse passado algo, o mundo se teria acabado para mim. Terminado. Morto. Seria carne para os vermes.

Acariciou-lhe a bochecha, tentando acalmá-lo.

—Duncan, não…

—Tenho que te ter em minha vida. Tenho que te ter. Importa-me uma mierda pelo que nos estávamos brigando antes. Se quiser que faça uma declaração de amor a sério, de acordo. Farei-o. Se quiser que me aprenda poesias de cor e as recite nu e fazendo o pinheiro, farei-o também. Ou que canto e baile.

—Não.

As palavras deixaram de fluir de sua boca; alarmou-se.

—Né, não? Em que sentido?

—Não no sentido de que não faz falta. Não tem que te pôr de barriga para baixo nem dançar nada. Nem sequer tem que me dizer que me quer porque já o tem feito.

Piscou.

—Tenho-o feito? Como sabe? Quando?

—Justo agora —lhe disse com um sorriso—, e não só isso. Também ganhaste muitos pontos por havê-lo feito de uma maneira tão poética e original. Pôs cara de tolo e a olhou perplexo.

—Genial —disse duvidoso—. Espera, pontos? ouvi falar de pontos? Pensava que o dos pontos te tirava de gonzo.

Nell ficou a rir enquanto voltava a lhe acariciar a bochecha. Não podia parar.

—Há algo no fato de enfrentar-se com a morte que ajuda a uma garota a lhe tirar importância a coisas que antes a incomodavam.

—OH, vá. Joder, nem sequer sabia que estava sendo poético. Para isso não te tenho que dizer que seus olhos são como estrelas e sua pele como pétalas de flores? E que tem o culo como um pêssego doce e amadurecido?

Ela negou com a cabeça.

—As estrelas, as flores e os pêssegos estão muito debulhados já. Que um tio lhe salve de uma morte horrível à mãos de uns sádicos psicopatas… Isso sim que é poesia.

Apoiou a cabeça sobre o peito do Nell. Tremiam-lhe os ombros enquanto ela os acariciava e lhe acontecia os dedos pelo cabelo, uma e outra vez. Não queria romper esse contato físico nem por um segundo. Solo permanecer unidos para sempre.

—Assim que nos casamos? —A voz amortecida tinha um tom de desafio—. Logo? Agora?

Ela olhou ao teto, eufórica. Deu-lhe a sensação de que ia flutuar e ficar enganchada nele.

—logo que queira.

Duncan levantou a cara e ficou olhando-a com os olhos entrecerrados como se a estivesse desafiando a que o contradissera.

—E passaremos a lua de mel na Itália?

—Sonha de maravilha.

Abraçou-a com força.

—É preciosa —murmurou—, e, por certo, é verdade que tem o culo como um pêssego doce e delicioso.

—Obrigado —lhe disse com suavidade—. Que bonito.

—Sei que sou muito teimoso —continuou—, que me custa assumir as mudanças e que sempre peço o mesmo nos restaurantes, mas a parte positiva é que sei o que quero e uma vez que algo eu gosto já não há volta atrás. Eu gosto até o final dos dias, Nell.

—Isso é maravilhoso —sussurrou—. Até os limites do ser e da graça ideal. Encantador. Derreto-me. Segue.

Olhou-a preocupado.

—Como que siga? minha mãe. Esta é a parte difícil, não? Tenho que seguir sendo poético? Para o resto de minha vida? Joder.

Voltou-se a rir.

—Assim que o de antes te parecia a parte fácil? Os tiroteios, as perseguições e as brigas a vida ou morte?

—Bom, para todo isso não faz falta pensar muito —afirmou com brutalidade—. Ou lhe matam ou não. Mas o amor, joder, isso sim que é complicado. Não entendo por que funciona agora e não funcionava antes.

Passou-lhe um dedo pela boca, encantada.

—Porque encontramos a metade do caminho. É tão bonito, Duncan.

—Né, obrigado. Assim que isto é o ponto médio, não?

Baixou a cabeça e o beijou.

—Sim. Não está nada mal, não?

—eu adoro nosso ponto médio. —Posou-lhe os lábios sobre os sua com tal suavidade que parecia que era uma flor a ponto de abrir-se—. vamos ficar nos nele para sempre.

—Parece-me estupendo —lhe respondeu Nell.

# Preparado ou não

_

## Capítulo 1

_

A caminhonete se ficou entupida no barro. Não serviria de nada que o negasse por mais tempo. Tinha que assimilá-lo e fazer-se carrego da situação.

Vivi D’Onofrio apagou o motor, apartou-se o cabelo detrás das orelhas e lhe deu um golpe ao volante. O mundo mais à frente do pára-brisa era uma mancha verde e imprecisa. Viu a luz de uns faróis que se dirigiam para onde estava e se preparou para a colisão. Edna saltou e lhe pôs no regaço. Vivi acariciou à cadela, que parecia inquieta.

—Tranqüila, garota —ruminou—. Acabaremos dentro de pouco.

Continuar conduzindo sob a chuva lhe tinha parecido boa idéia a noite anterior.

A verdade era que estava muito assustada para parar depois de todas as coisas que tinham ocorrido ultimamente. Era difícil dialogar com um estômago atendido pelo medo quando estava a sós, sem público ante o que fazê-la dura. Não se tinha atrevido a passar a noite em uma habitação de porta débil de um motel, quão único poderia haver-se permitido. Era a única das D’Onofrio que não tinha um homem a seu lado que, grande e protetor, mantivera-se alerta e olhasse com cara de poucos amigos a tudo o que se aproximasse de sua nova garota, assim que se converteu no objetivo

mais fácil.

O que vai. Vivi estava sozinha, como de costume. Não é que não estivesse contente porque suas irmãs tivessem tido boa sorte. As duas se mereciam a um tio buenorro que as tivesse sobre um pedestal. De fato, nenhum dos dois homens sabia ainda quão afortunados eram. Não obstante, ficava o resto de suas vidas para ir descobrindo-o.

Menos mal que suas irmãs estavam tão seguras com o Duncan e Liam como o permitia a situação na época estranha que lhes havia meio doido viver. Entretanto, ela se sentia muito pouco valiosa esses dias. O certo era que já tinha essa sensação muito antes de que Ulf Haupt e John o Demônio começassem a atacar às mulheres D'Onofrio.

Tanto suas irmãs como seus respectivos casais tinham tentado convencer a de que ficasse com eles, mas essa idéia lhe parecia muito pouco produtiva e algo embaraçosa. Durante quanto tempo podia uma pessoa permanecer sentada em casa de outra como um parasita, aborrecida, sem poder trabalhar, sem branca e ainda por cima conviver com um casal todo o dia? Além disso, jogava muitíssimo de menos a sua cadela.

Não, teria que seguir com sua embrulhada vida. Demônio incluído.

Vivi arranhou a Edna as orelhas grandes e brandas e tentou evitar o fôlego quente do animal. ficou olhando para cima, ao céu cinza e encapotado. Igual poderia chamar o proprietário de sua nova casa, mas lhe dava muita vergonha. Olhou o telefone. De todas maneiras não havia cobertura. Estava no culo do mundo. Essa era a idéia: esconder-se onde o Demônio nunca pudesse encontrá-la.

Tinha saído da pequena cidade do Silverfish ao redor das duas da tarde, se é que se podia dizer que era uma cidade. Chovia a mares e tudo o que pôde distinguir entre a água que caía foram um loja de comestíveis, um posto de gasolina e um restaurante de comida rápida que estava murado. Tinha ido seguindo as indicações e metendo-se em estradas cada vez mais estreitas até que foi parar a um caminho de terra com um sinal grafite à mão que rezava MOFFAT'S WAY. A última indicação que aparecia no sobre com ganchos de ferro que lhe tinha dado Duncan.

Moffat's Way não era uma estrada, era um caminho florestal íngreme e cheio de sulcos. Para quando se deu conta de quão impraticável resultava o terreno, os sulcos se converteram em riachos e não havia espaço suficiente para dar a volta. Tinha tentado girar em um atoleiro mas a caminhonete se ficou apanhada no barro e até aí tinha chegado.

Vivi apoiou a bochecha quente contra o cristal do guichê. Edna lhe pôs o nariz na mão e lhe deu um lengüetazo para animá-la. Não tinha nem idéia de quanto lance de caminho ficava até chegar aos domínios do Jack Kendrick. Não se tinha incomodado em informar-se desses pequenos detalhes.

Girou os pneumáticos mas solo conseguiu torturar-se um pouco, assim que ficou a ponderar as opções que tinha. Era o momento de atuar. A Vivi D'Onofrio que é proactiva e auto-suficiente sempre aparece nestas ocasiões, disse-se a si mesmo para dar-se ânimos. Que há uns bodes psicopatas que a querem seqüestrar? Porque os tragam, que já verão como se as gasta.

Esse pensamento lhe produziu um calafrio que lhe percorreu o corpo. Bom, melhor não, pensou arrependendo-se de suas palavras.

Abriu a porta da caminhonete e procurou, em vão, um sítio que não estivesse encharcado para pôr os pés. Edna saltou de seu regaço e Vivi agarrou o colar para ficar.

—Né, não! O que me faltava. Volta agora mesmo!

Edna se parou e a olhou com recriminação. Vivi subiu as calças por cima dos joelhos, olhou com pena as botas altas de alegre cor verde clara que levava postas e saiu da caminhonete.

Os pés ficaram apanhados no barro frio e pastoso. abriu-se aconteço ao redor do veículo. As rodas estavam meio coveiras. A chuva fria lhe esmagava o cabelo à cabeça e a camiseta verde ao corpo. desafogou-se deixando escapar um reguero de palavrões das que tinha aprendido quando vivia no Bronx de pequena e as rematou lhe pegando uma patada a uma das rodas. A dor lhe subiu pela perna.

Isso. Acojonante, Viv. Muito amadurecido.

Se desfazia algo do caminho por onde tinha vindo poderia chegar a uma cabana ao meio ruir que tinha visto. Poderia tentar arrancar umas pranchas da cabana para pôr debaixo das rodas e assim tirar a caminhonete do barro. O caminho parecia transitável uma vez passado aquele atoleiro.

Tinha que sopesar toda possibilidade antes de arrastar-se até a casa do Jack Kendrick como um gato molhado. Miúda primeira impressão lhe daria. Estava que trilava. Não sabia muito do tipo. Por isso Duncan lhe havia dito, Kendrick era um militar que tinha trabalhado como espião e que fazia uns anos formava parte de alguma espécie de força da inteligência supersecreta a que ele também pertencia. Agora, inexplicavelmente, cultivava flores. Duncan não se espraiou muito em lhe explicar o porquê da mudança de profissão. Estava tão louco de amor pelo Nell que não podia nem pensar.

Assim que o misterioso Kendrick vivia no bosque, tinha um apartamento na granja e estava disposto a deixar que Vivi se acurrucara debaixo de seus leitos de flores e se escondesse como um coelhinho indefeso e nervoso até que soubessem que coño foram fazer com os psicopatas que queriam lhes roubar os esboços de sua mãe. Era muito amável por sua parte.

Não, sério. Ainda estava esperando que a coisa se torcesse em qualquer momento. Duncan lhe tinha assegurado que Kendrick estava ao tanto do problema e tinha aceito formar parte do plano. Tinha-lhe parecido a solução perfeita, ali em Nova Iorque. Muito perfeita inclusive.

Por fim. Ali estava, uma cabana feita de madeira cinza que agora estava molhada; pregos oxidados se sobressaíam das pranchas formando ângulos desatinados. Esteve atirando de várias pranchas e brigando com elas até que conseguiu arrancar umas poucas, além de conseguir uns cortes preciosos. Arrastou-as através dos abetos e os matagais embora lhe escorriam a três por quatro. Chegou à caminhonete e voltou a soltar uma enxurrada de insultos. Estava empapada, ofegava e tinha arranhões por toda parte. Tirou sua caixa de ferramentas, esmagou as pontas dos pregos e se agachou para as colocar em seu sítio. As pranchas soltavam barro pelos buracos dos pregos. Ia coberta de lama dos pés à cabeça quando escutou uma voz grave detrás dela.

—Não acredito que isso funcione.

Levantou a cabeça de repente e se deu com o pára-choque.

—Quem é? —cambaleou-se para conseguir ficar de pé. Não podia ver ninguém. Vivi registrou as árvores com o olhar e estirou o braço para agarrar a chave de rodas que estava debaixo do assento, apertando o metal frio e duro com a mão—. Onde está? —gritou. Começava a sentir medo.

—Aqui acima.

Girou-se com a chave na mão e pôde ver um homem alto que estava de pé médio escondo entre as árvores. cobria-se com um poncho para a chuva de cor verde escura que estava jorrando. Nunca o teria visto se não tivesse falado. A adrenalina lhe atravessou o corpo. Levantou a chave para sopesar quanto pesava.

—O que acredita que está fazendo? por que me vigia?

Ele deu um passo adiante e ela esgrimiu a chave. parou-se e Edna começou a ladrar.

—Edna, aqui —lhe ordenou Vivi—. Quem é você?

—Não te vou fazer nada —disse o homem enquanto se jogava o capuz para trás.

Tinha uns olhos indecifráveis e brilhantes, de cor cinza prateada. Sua cara era moréia e magra, com os maçãs do rosto elevados e o nariz algo comprida e magra. Uma cicatriz lhe atravessava a têmpora em uma linha branca que chegava até a sobrancelha reta e escura. Levava a barba curta ou pode que a tivesse descuidado vários dias. Tinha o cabelo comprido, escuro e desgrenhado. Olhou-a com atenção. As gotas de chuva lhe caíam pela cara. Não se parecia com o Demônio, conforme o haviam descrito Nancy e Nell. Este tio não era asqueroso, não tinha olhos de porco nem cheirava mau.

Para nada. Este tio estava de muito bom ver. Deu uma baforada de ar. O terror que sentia se ia transformando em vergonha absoluta.

—Baixa isso.

Uma sonrisita fez que lhe enrugasse ligeiramente a pele que tinha ao redor dos olhos.
—O que?
Deu-se conta de que se ficou com a boca aberta.
—A chave.
ficou olhando-o à mão, que tinha os nódulos brancos.
—OH.
Sentiu-se estúpida e se deu conta de que tinha sentido pânico bobamente. De repente se lembrou do barro que levava por toda a roupa, o cabelo que tinha aderido à cabeça e da maneira em que a camiseta, molhada e manchada, lhe tinha pego às tetas. fixou-se em quão alto era ele. Embora não fora o Demônio, era um estranho e não havia ninguém mais em quilômetros à redonda. Solo ela e Edna, a cadela mais carinhosa do mundo. olhou-se a mão que sujeitava a chave e que não podia controlar.
—Esses madeiros não vão servir para nada —disse o homem com amabilidade—. É uma boa idéia mas o estou acostumado a está muito molhado e o barro é muito profundo.
Deu um passo adiante e ela um para trás. O homem assentiu em silêncio, agarrou um ramo e se afastou dela para a parte traseira da caminhonete enquanto afundava o pau no barro.
Ao não estar sob o feitiço de seus olhos, pôde exalar ar. Supera-o. Não ia lançar se em cima dela como um cão raivoso e não tinha pinta de assassino. Tenta te comportar. Sentiu que lhe subiam os calores, tanto que as gotas de chuva que lhe caíam pela cara deveriam estar em plena ebulição. Era de loucos. Nunca se ruborizava.
—Perguntei-lhe o que faz aqui —lhe disse, tentando soar autoritária.
—Está em minhas terras.
—OH. —Tratou de baixar a vista antes de que seus olhos brilhantes a apanhassem e a voltassem a vencer—. Sempre se dá passeios durante as tormentas?
—Eu gosto da chuva. Eu gosto dos aromas, e eu gostaria que baixasse essa coisa.
—Baixarei-a quando estiver preparada para fazê-lo—disse com voz entrecortada.
Ele atirou o pau a um lado.
—Como quer, mas não me golpeie com isso.
—Não se não me provoca.
Torceu a boca.
—Pode te tranqüilizar de uma puta vez?
Sentiu-se ridícula e arrojou a chave dentro da caminhonete.
—Viaja sozinha?
—Não. Viajo com minha cadela.
Edna saiu para ouvir que a memoravam e fez ruído ao cair no barro. O sacudiu e trotou para onde estava o homem. O olisqueó a mão, larga e moréia, e deu um latido de aprovação, depois do que lhe saltou em cima.
—Edna, abaixo —lhe ordenou Vivi, que estava surpreendida. Edna nunca se sentou cômoda com os estranhos. sentiu-se um pouco traída—. Volta aqui!
A cadela correu para ela e lhe jogou o fôlego na cara.
—Perdoe.
—Não passa nada. —Uma sonrisilla lhe iluminou a cara—. É uma cadela simpática.
—Pode que muito —murmurou. Começou a tornar-se para atrás o cabelo que lhe tampava a cara mas se deteve. Tinha as mãos cheias de barro.
Olhou-a com uma calma sobrenatural. Talvez passar muito tempo em contato com a natureza tinha esse efeito nos homens. Olha-o, sai a caminhar quando está chovendo muito porque gosta do aroma. Necessitava uma pausa.
A fazia sentir-se frenética, estresada, como uma urbanita. Um pequeno hámster dando voltas em uma roda dentro de sua caixa enquanto os gatinhos de presas afiadas se lambem à espera de sua comida.

Vá, o que de verdade precisava eram umas férias. Poder dormir de um puxão uma noite. Algo assim.

—Está apanhada.

Calou-se um comentário sarcástico sobre quão inteligente era lhe dizer o que já sabia e se concentrou em limpá-las mãos na camiseta molhada. Por favor, via-se tudo através do tecido e não levava prendedor nem jaqueta. Começou a ruborizar-se. Outra vez.

—Já me tinha dado conta. Sabe onde poderia encontrar a alguém que me rebocasse por aqui?

O homem voltou a cravar o barro com o pau e levantou a vista para as nuvens baixas.

—Não. Como pode ver, a colina é bastante levantada, assim que ninguém poderá acontecer por aqui até que tenha parado de chover e o estou acostumado a esteja seco. —Acariciou- a cabeça a Edna—. por que decidiste conduzir com esta sucata pelo pior caminho do condado em meio de uma tormenta?

—É uma caminhonete, não sucata —lhe replicou Vivi—. foi meu lar durante anos e funciona à perfeição. O problema é o caminho, não minha caminhonete!

Olhou-a incrédulo.

—Vive nesta coisa?

—Sou artesã —informou—, assim preciso me mover para ir de uma feira a outra. Pelo menos até agora.

—Interessante, mas isso não explica o que faz em minhas terras.

Vá, miúdo idiota arrogante.

—Não é problema seu —lhe soltou.

—Agora sim o é. Já que está bloqueando meu caminho.

Vivi levantou o queixo.

—Não me acaba de dizer que não pode acontecer ninguém por aqui até que se seque?

O olhar dele se cruzou com a sua e a apanhou.

—É verdade. Mas segue sendo meu caminho.

Observou-a com atenção, não como se se a fora a comer com os olhos mas sim com a suficiente intensidade para fazer que lhe tremelicasse todo o corpo, como se o estivesse repassando centímetro a centímetro.

Reprimiu as vontades que tinha de cruzar os braços por cima do peito. Devia parecer despreocupada ou morrer no intento.

—Além, não pretendia entrar em nenhuma propriedade privada, solo me dirigia para minha nova casa. Poderia-me dizer se a casa do Kendrick está muito longe?

A cara do homem ficou imutável durante um segundo. Então enrugou a frente e a olhou fixamente a ela e ao desenho que tinha pintado em um lado da caminhonete e que agora estava talher de barro.

—Não me diga que você é Vivien D'Onofrio.

A tensão começou a esconder-se em seu estômago e pescoço.

—por que?

—Não imaginava assim. Tenho que falar com o Duncan.

—OH, joder. Quer dizer que você é Jack Kendrick?

ficou olhando-o, sem palavras. imaginou-se que Jack era mais velho, mais grosso, de cabelo grisalho e que ia rapado.

Nunca teria pensado que ia ser um semental de olhos chapeados ao que gostava de falar sob a chuva.

—chegaste antes do que esperava. —Notou um tom acusador em sua voz—. Duncan me mandou um e-mail ontem à noite e me disse que ontem ainda foi por Idaho. Esperava-te esta noite ou amanhã. conduziste toda a noite?

—Né, sim.

Não fazia falta que lhe explicasse o galinha que era, assim não lhe comentou nada enquanto repassava toda a conversação que tinham mantido para tentar elucidar quão grosseira tinha sido.

Caiu na conta de que o tinha sido o bastante. Não mais do que se merecia, mas, vamos, tinha que ser mais simpática. depois de tudo, esse homem lhe estava fazendo um grande favor.

—Né, parece que começamos com o pé equivocado —lhe disse tentando soar conciliadora.

—Sim, isso parece.

O homem zen e aprazível se evaporou. Agora parecia zangado.

—O que quer dizer com que não imaginava assim? —perguntou-lhe Vivi com cuidado—. A quem esperava?

—Duncan me disse que foi desenhista e que havia um homem que te acossava, por isso tinha que desaparecer durante um tempo. Não me disse que foi um bombom adolescente neohippie com tatuagens que vai de um lado a outro.

A mandíbula lhe caiu até o chão. Adolescente? Neohippie? Bombom? Pelo amor de Deus. Qualquer pensamento conciliador que lhe tivesse passado pela cabeça se esfumou.

—É você um casulo e um puto grosseiro. Claro que sou desenhista e muito profissional. Deve-me uma desculpa!

—Já veremos. —A cara do Jack não tinha nada de arrependida, mas bem ao contrário.

Bombom? Seu cérebro ficou ancorado nessa palavra. Não entendia por que. Certamente não com essas pintas: ia coberta de barro, parecia um molho de nervos, não tinha dormido e parecia um animalillo empapado. Joder. Quem se acreditava que era?

O tipo de pessoa insofrível que julgava a partir de um pendente no nariz e uma camiseta desbotada. A verdade é que tinha pensado em tirar o aro do nariz antes de conhecê-lo para que não tirasse conclusões equivocadas. Lhe teria gostado de ter parado em algum sitio com banho, haver ficado roupa decente, haver-se penteado e até haver-se maquiado um pouco.

Mas aquele plano maravilhoso se foi a mierda. Outro engano que acrescentar à lista.

Levantou o braço, mostrando a tatuagem que consistia em um arame de espinheiros que lhe rodeava a boneca.

—Tem algum problema, Kendrick?

—Sim —disse Jack sem disfarces.

Vivi voltou a ruborizar-se. Estava doída por como a tinha julgado. mordeu-se o lábio para não soltar uma enxurrada de explicações que não lhe incumbiam. Explicações que não devia a ninguém. A verdade era que essa tatuagem não o tinha eleito ela. O noivo de sua mãe a tinha levado a oficina de tatuagens de má morte de um amigo aos dez anos sem dizer-lhe a sua progenitora. Miúda forma de tentar chamar a atenção. A mãe do Vivi estava muito preocupada com conseguir o seguinte chute de heroína para dar-se conta. alegrava-se de ter tido sorte e que não lhe tivesse dado de lhe tatuar a cara. Isso sim que teria sido um look alternativo.

Não gostava de fazê-la vítima, assim que lhe mostrou a tatuagem sem cortar-se. Era certo que ninguém a tinha obrigado a fazer o do manda-a que levava em cima do culo ou a lua crescente e a estrela tatuados na impigem do pé. Tampouco o sol gótico que sorria do omoplata nem a flor que levava em cima do peito esquerdo. Mas Kendrick não podia vê-los.

Nunca antes se envergonhou do aspecto alternativo e moderno que tinha. Normalmente gostava de enfrentar-se às pessoas estirada. Era bom para sua saúde que alguém desafiasse suas idéias preconcebidas, mas por alguma razão a tarefa não lhe parecia nada divertida nesses momentos. Não tinha a energia para fazê-lo. Não com esse tio.

—Importaria-lhe responder a meu primeira pergunta? A quanto está sua casa?

—Se seguir por este caminho, a uns quatro quilômetros, mas campo através está a pouco mais de dois quilômetros. por que não te colocaste pelo outro caminho?

—O que outro caminho?

—Acabo de arrumar outro caminho que dá ao outro lado da propriedade. É muito mais curto e está em melhor estado. Mandei- um e-mail ao Duncan com as indicações de como chegar. Lhe

deveria ter passado isso.

Vivi se jogou o cabelo para trás e se perguntou, incômoda, se teria barro na bochecha.

—Estas são as indicações que me deu a semana passada, antes de que me fora. Lhe deve ter esquecido, coisa que não me surpreende. Está muito distraído ultimamente. O amor e essas coisas.

—Entendo.

—De todas formas queria lhe informar de que não sou uma adolescente. dentro de nada faço vinte e oito anos. Tampouco sou uma neohippie nem excêntrica em nenhum sentido.

Cruzou-se os braços diante do peito e o olhou. Não podia negar que tivesse tatuagens nem que tivesse vivido em uma caminhonete. Tampouco estava segura de se queria negar a parte de bombom. Tudo dependia do contexto, das vontades que tivesse e de sua disposição. Ele levantou uma sobrancelha e ela se propôs lhe manter o olhar. Uma gota de chuva percorreu o contorno da mandíbula do Jack. Ela o observou agüentando a respiração.

—Não aparenta vinte e oito —comentou.

Lutou por sair do estado de hipnose no que se encontrava e se armou de valor para comportar-se como uma adulta digna.

—Bom, pois os tenho. Se tiver decidido tirar suas conclusões sobre o que equivalho a pessoa depois de dois minutos de conversação, não tenho nada mais que lhe dizer. Farei autoestop até o seguinte povo e encontrarei um motel e a alguém que me possa ajudar a tirar a furgo deste caminho.

Ele franziu o cenho.

—Não seja tola. Já o falaremos depois. Tira o que necessite da caminhonete de momento. Não pode ir andando até o povo.

Estirou-se tudo o que pôde para parecer mais alta mas, infelizmente, não passava do um e sessenta.

—Posso fazer o que me dê a vontade. Não necessito que me ajude e não necessito essa atitude. vou colocar minhas coisas na mochila e, se não lhe importar, Edna e eu iremos daqui.

—Não pode… —Deixou de falar, parecia irritado—. Não vai parar de chover e são quase dez quilômetros até o povo. Hoje não vais encontrar a ninguém que te possa ajudar com sua caminhonete. Agarra suas coisas. —ficou olhando-o à cara tensa, de poucos amigos, e assentiu—. Vale. Perdoa. me deixe que volte a lhe dizer isso Por favor, tira suas coisas.

Vivi se apaziguou, embora não as tinha todas consigo. Subiu à caminhonete e colocou um pouco de roupa em sua bolsa de viagem, muito nervosa para ser metódica. Guardou algumas pulse com comida de cão na mochila, atou-lhe o saco de dormir e saiu com as duas nas costas. Jack examinou o mural de fantasia gritão que tinha pintado a um lado do veículo enquanto esperava.

—O que é isto? Um dragão?

—Não, é uma serpente —respondeu à defensiva, de maneira ridícula.

Jack pigarreou.

—E o tem feito você?

Vivi soprou pelo nariz. E o que se assim era?

—Não —disse com frieza—. Não é meu estilo, e além não sou pintora, sou escultora. Um velho amigo, Rafael, foi quem a pintou. Comprei-lhe a caminhonete faz uns anos.

—Ahhh. Bom, vamos se já estiver preparada.

Agarrou-lhe a bolsa mais pesada do ombro e a pôs à costas enquanto se dirigia à parte do bosque que parecia mais frondosa.

Se o fazia difícil segui-lo com a mochila nas costas enquanto ziguezagueava e esquivava com uma graça e uma facilidade sobrenaturais os ramos das árvores, as sarças, a folhagem que caía das árvores e as lianas de líquen. A cada passo se sentia mais desajeitada e pesada, levantava as botas enlameadas do estou acostumado a molhado com um chapinho. Os ramos das árvores lhe davam na cara e lhe enredavam no cabelo.

Kendrick olhou para trás para assegurar-se de que ia detrás dele e começou a subir uma costa inclinada. O barro escorregava muito. Vivi escalou a montanha a quatro patas. agarrava-se aos

troncos dos abetos pequenos para manter o equilíbrio. Começou a escorregar-se para baixo e tentou estabilizar-se agarrando-se a um montão de novelo de folhas grandes e aspecto inocente, mas cujos caules, duros e flexíveis, estavam talheres de espinhos. escorregou-se e caiu no barro. Doía-lhe.

—Necessita ajuda?

Jack Kendrick apareceu gravitando por cima dela embora a verdade é que não era culpa dela. Estava de pé na parte elevada da costa e, para começar, era muito alto. Aqueles olhos chapeados a examinavam de perto, com muita atenção.

—Tem-te feito mal?

Assinalou a planta enquanto tentava levantar-se balançando a mão em que se cravou. Ele a agarrou por cotovelo para ajudá-la a levantar-se.

—Me deixe ver.

Girou-lhe a mão com a palma para cima e a examinou. Começou a lhe tirar os espinhos que lhe tinham parecido.

Vivi deixou de respirar. Todos os sentidos lhe encheram dos atributos que pôde receber o estar mais perto. Ele aproximou a cabeça à sua e Vivi chegou a ver as gotas que desciam por seu cabelo escuro e desalinhado. Lhe gravou cada detalhe no cérebro. A maneira em que o cabelo lhe crescia do nascimento da frente, a linha branca que lhe atravessava a têmpora e a maneira em que a cicatriz desaparecia entre o cabelo. A sensualidade de sua boca, muito sexy quando a relaxava. O lábio inferior era gordinho e rosado. Tinha pinta de ser muito suave e quente. Perfeito para beijá-lo.

Estava tão perto que podia aspirar seu aroma. Cheirava a sabão, a pinheiros e a fumaça. A café. Queria lhe tocar a cara e alisar as mechas de cabelo molhados que lhe caíam da frente.

Retirou-se, alarmada ante esse impulso instintivo.

—Sigamos.

—Me dê isto —disse ele, enquanto lhe tirava a mochila que levava das costas.

Irritou-a que a frase implicasse que não era capaz de levá-la. Era baixa, sim, mas não era débil.

—Estou bem! —respondeu-lhe, enquanto recuperava a mochila.

Ele a tirou das mãos com um puxão impaciente e a jogou ao ombro, junto com a outra bolsa. Começou a subir a colina e ela se cambaleou detrás dele; falhavam-lhe os joelhos.

—um pouco mais e teremos passado a parte mais difícil —lhe disse por cima do ombro.

—Não sou uma inútil. Ia bem —lhe gritou.

Foi como se suas palavras lhe ricocheteassem contra as costas; ao não receber resposta se sentiu tola e inútil. Odiava essa maneira de atuar. Era um truque sujo.

Quando chegaram ao topo da colina, o bosque se abriu a um amplo terreno pouco inclinado que descendia. As árvores eram mais altas e havia mais espaço entre eles. Edna corria a seu redor e olisqueaba os troncos que havia no chão. A chuva tinha afrouxado e o ar se tornou luminoso e pesado pela névoa.

A grandiosidade silenciosa do bosque atuou sobre os nervos crispados do Vivi enquanto o atravessavam. A beleza a acalmou e lhe fez recuperar a sobriedade. Luminoso, mágico. A chuva que caía, a delicadeza dos ramos dos pinheiros que se assemelhavam a plumas, o verde pálido das grinaldas de musgo e as florecitas brancas em forma de estrela que flutuavam etéreas em montoncitos de coberta vegetal verde brilhante. Era tão bonito que lhe esqueceu a mão cheia de espinhos, os sapatos enlameados e o sentimento de indignação que antes a possuía.

Passada uma meia hora, Jack a conduziu através de um matagal de rosas selvagens recém florescidas que lhe chegavam pela cintura. E foi então quando viu a casa.

Ele observou ao Vivi enquanto via a casa pela primeira vez e se sentiu ridiculamente agradecido pelo sorriso que lhe iluminou a cara. Sim, é obvio que gosta, Kendrick. Como podia não lhe gostar de? Tinha trabalhado muitíssimo para conseguir aquele resultado.

Mesmo assim, estava contente de que soubesse apreciar a elegância da casa de estilo antigo debaixo de enormes pinheiros. Seu cômodo alpendre. O grande jardim de flores e novelo que tinha desenhado meticulosamente e de que estava orgulhoso. Já podia lhe gostar de depois de todo o trabalho que tinha posto nele.

Isso, entretanto, não significava que fora a deixar a uma menina desencaminhada e selvagem, com um corpo de escândalo, estacionar seu horripilante traste no caminho de entrada e interromper sua tranqüilidade. Não estava disposto a isso.

Quando tinha falado com o Duncan, teve o pressentimento de que lhe estava ocultando alguma coisa. O tom de sua voz, a risita que lhe escapava. Já conhecia muito bode. esqueceu-se» de lhe dizer algo e ali o tinha, em carne e osso. Sua tarefa era fazer de canguru de um minibombón de camiseta molhada e olhos de gazela e mantê-la a salvo. Tinha-o merecido por ter deixado que o mamão do Duncan pudesse pedir o primeiro que lhe passasse pela cabeça. Era verdade que o devia, mas… joder. Não precisava meter-se nesse tipo de problemas.

Tinha-lhe contado que a garota corria perigo. Uma história bastante confusa e inverossímil sobre nazistas malignos, mapas do tesouro e peças de arte. Jesus. Já não estava para essas histórias. Solo queria paz e tranqüilidade. Coisas singelas.

Apesar disso, a idéia de que Vivi D'Onofrio corresse perigo não gostava de nada. Era tão pequena e delicada. Com a pele palidísima em contraste com o cabelo vermelho. perguntava-se se se teria tingido, o brilho parecia muito exagerado.

A bote logo, solo lhe ocorria uma maneira rápida e segura de averiguá-lo. Tentou apartar esse pensamento de sua cabeça, antes de que sua franga voltasse a juntar-se por completo. Menos mal que levava o poncho para a chuva. Podia ver cada detalhe de seu corpo através da camiseta hippie molhada. As tetas altas e perfeitas, da classe que caberia em uma taça de champanha. Das que te podia colocar inteiras na boca. Amaldiçoou pelo baixo.

—Há dito algo? —perguntou-lhe ela.

Negou com a cabeça sem atrever-se a falar.

—construiu tudo isto você mesmo? —persistiu e esperou a que voltasse a assentir—. Vá. —Tinha um tom de reconhecimento na voz. Atravessaram uma seleção desordenada de flores primaveris, matagais de lilás em flor, canteiros exuberantes de ervas aromáticas e flores de muitos tipos e cores—. Tem a algum jardineiro na família? —perguntou-lhe com delicadeza.

—Vivo aqui eu sozinho. O celeiro está detrás.

Conduziu-a ao redor do edifício, atrás do qual apareceu um celeiro grande recém remodelado. O apartamento estava na parte de acima.

Tinha vivido ali enquanto construía a casa. Agora usava o piso de abaixo como garagem e guardava coisas no apartamento de acima, mas, desde que Duncan o tinha chamado com insistência na semana anterior, tinha transladado as caixas ao desvão para deixar espaço a sua futura cunhada. imaginou-se a uma artista estirada de Nova Iorque, das que vestiam inteiras de negro. Mas vá surpresa se levou. Nunca tinha visto ninguém tão colorido como Vivi D'Onofrio, que brilhava como o néon. Lhe foram fazer falta umas putas óculos de sol.

Dirigiram-se para as escadas que estavam fora do edifício e subiram à plataforma. Jack abriu as portas trilhos de cristal e se tornou para trás para que ela passasse primeiro. O sítio estava quase vazio mas o acabava de pintar e os acabamentos eram impecáveis. Vivi jogou uma olhada ao salão que se abria à plataforma, com vistas ao rio e à casa.

Logo caminhou devagar até uma grande habitação que dava ao jardim. Desde aí passou ao banho e examinou o lavabo profundo e a banheira de pé vitoriana que Jack tinha encontrado fazia anos em um leilão. Tinha uma cortina de banho transparente com desenhos de flores ao estilo dos livros de botânica antigos e os nomes em latim aqui e lá.

Saiu do banho de lado, com cuidado para não tocá-lo, e entrou na espaçosa cozinha, abriu o congelador e assentiu ao ver que dispensava cubitos de gelo. Pulsou a alavanca e agarrou um punhado que se apoiou na bochecha rosada.

—É perfeito —anunciou. cruzou-se os braços por diante do peito e esperou a que a contradissera. Preparada para a batalha. Tinha uma mancha de barro em cima da bochecha—. Bem? —perguntou impaciente—. Já o pode ir soltando, Kendrick.

—Bem, o que? —replicou ele—. O que tenho que soltar?

Lhe estava secando o cabelo e lhe esponjava em uma juba de fogo.

—Suas condições. Há trato? Antes parecia que não o deixava muito claro, que as tatuagens e o pendente do nariz o assustavam. Após, conseguiu recuperar o valor que se deixou por aí perdido?

Jack se negou a picar no anzol.

—Tenho que falar com o Duncan —disse para tentar ganhar tempo—. Com o que me disse, deu-me uma impressão que não era certa.

—Ao melhor você tirou suas próprias e estúpidas conclusões e pode que siga fazendo o mesmo. —Sorriu com alegria—. Se me perdoar, tenho frio e eu gostaria de tomar banho. Obrigado por me ajudar a trazer as coisas. Até mais tarde.

Fez-lhe um gesto lhe indicando a porta.

Quando já estava em sua própria cozinha, Jack tentou não imaginar o corpo do Vivi nu na banheira, a água quente que lhe caía pelas pernas e os peitos. Tentou-o sem consegui-lo. ficou nervoso e começou a suar. sentia-se como um idiota. Não tinha estado tão inseguro da adolescência.

Normalmente era bastante bom quando terei que lutar com contratempos, flexível, e isso lhe dava vantagem quando acontecia algo inesperado. O truque estava em permanecer tranqüilo em seu interior. Tinha-lhe sido de muita ajuda durante os anos que passou no destacamento do Afeganistão com o Duncan, e, antes disso, quando esteve no Iraque e na África com o exército. Tinha-o ajudado a aceitar sua infância, aos personagens que tinham passado por ela, e durante os escuros meses nos que tinha vagabundeado pelo norte do Portland quando era um adolescente.

Sabia que nada durava para sempre. Que algumas pessoas não podiam permanecer no mesmo sítio durante muito tempo. Não é que os julgasse nem culpasse, mas era um fato. Incomodar-se ou tomar-lhe a mal era como culpar a uma folha por ser verde.

Pôs a cafeteira no fogo, solo para ter algo que fazer com as mãos. A gente como Vivi D'Onofrio era capaz de subir a sua caminhonete, moto ou caminhonete e desaparecer detrás de uma nuvem de pó sem olhar atrás. Sem nenhum tipo de remorso.

Esse não era o tipo de mulher para a que queria sentir-se atraído. Sabia como acabaria o conto antes de que começasse e não ia se fazer isso a si mesmo. Não estaria tão cego nem seria tão estúpido. Nem pensar.

Era incapaz de sentir calma interior quando a olhava. Não podia manter-se frio e desapegado. ataria-se sem remédio e se faria a vida impossível. Sabia. Não lhe cabia dúvida.

Mesmo assim, imaginou a água lhe percorrendo o corpo e não pôde evitar perguntar-se se teria o pêlo púbico encaracolado ou liso, se seria escuro ou ruivo. Se os lábios de seu sexo seriam rosa pálido, escondidos e secretos, ou se seriam vermelhos e brilhantes, dos que exploram orgulhosos por fora da abertura como uma flor exótica. Iria barbeada? Talvez levava algum piercing. Como sabê-lo?

Vá. Lhe subiu o sangue à cabeça e teve que baixá-la até colocá-la entre os joelhos, tentando não imaginar-se seu sabor.

## Capítulo 2

–

Vivi tentou relaxar-se sob a ducha. Estava enfadadísima consigo mesma por não ter parado a lavar-se e arrumar-se antes de encontrar-se com o Kendrick. Como podia ser tão irresponsável? A primeira impressão era difícil de trocar. Além disso se tinha comportado como uma mucosa. Que inseto lhe tinha picado? Era uma idiota. Sempre tinha sido impulsiva e irascível. Lucia a havia renhido por esse motivo e a tinha tentado trocar durante anos, tratando de transformá-la em uma senhorita.

Não com muito êxito, mas tinha feito um grande esforço.

Fechou o grifo e agarrou uma das toalhas esponjosas que estava colocada na estantería. Também tinha podido encontrar sabão e xampu ao lado da banheira, menos mal, já que lhe tinha esquecido colocá-los na bolsa.

Rebuscou em seu interior, com o cabelo jorrando, para repassar o que tinha pego e o que não. A inquietante presencia do Kendrick a tinha deixado tão confusa que se tinha acordado de levá-la comida da cadela, por exemplo, mas se tinha deixado o abridor de latas. Em sua dia a dia era muito organizada, uma maníaca da ordem, indispensável para viver em uma caminhonete.

Tirou tudo o que levava nos bolsos da mochila e da bolsa. Fósforos, uma navalha pequena, uma lanterna. Vá tio mais estranho. Parecia tão tranqüilo e aprazível, delicado ao falar, de repente converter-se em alguém provocador e grosseiro. Extraiu um punhado de velas e um pacote de seu incenso favorito. Não havia nem caçarolas, nem frigideiras nem comida. Teria que voltar para a caminhonete se queria comer.

Era uma opção que lhe desejava muito desalentadora e exaustiva, mas o estômago lhe rugia faminto.

O primeiro era o primeiro. Edna esperava com paciência e a olhava da plataforma através da porta de cristal com a recriminação desenhada na cara. A navalha não serviria para abrir a lata de comida, assim teria que voltar a vê-lo e lhe suplicar que lhe deixasse um abridor. Era necessário.

Depois de uns minutos que dedicou a polir-se com cuidado, nervosa, baixou as escadas. Oxalá tivesse tido um secador. Tinha que lhe dar volume a sua juba. Com o cabelo molhado parecia ainda mais pequena e insignificante do que já era. Como um gato persa molhado.

Também se tinha zangado consigo mesma por estar tão agitada. Esse homem não tinha nenhum poder sobre ela. Não era nada dele. Solo resultava que era bonito e carismático, sem mais. Não era para tanto. Ela era uma mulher heterossexual normal e se fixou em um homem atrativo que tinha entrado em seu campo de visão.

O certo era que não tinha tentado ligar com ninguém do desastre do Brian Wilder. depois de seis anos ainda sentia o sabor amargo que lhe tinha deixado a relação. Seis anos de celibato. Quase não acreditava, mas assim era.

Era absurdo que lhe falhassem os joelhos e sentisse desmaio. Que lhe desse medo o que Kendrick pudesse pensar dela. Desejar sua aprovação. Vá mierda.

Não podia permitir-se sentir-se tão vulnerável.

Tinha gasto muita energia enfrentando-se às opiniões da gente e seus intentos por controlá-la. É o que lhe tinha passado com o Brian. Solo pensar em lhe dava raiva. sentia-se cansada e doente.

Tinha investido muito esforço e tinha sacrificado muitas coisas para poder ser livre de fazer o que quisesse. Tinha arruinado uma brilhante carreira como escultora em troca de sua preciosa liberdade e independência. Por isso levava tanto tempo na estrada, tentando tirar o máximo partido para as decisões que tanto lhe havia flanco tomar, e trabalhando muito duro, já de passagem, algo do que não havia por que envergonhar-se. Não ia deixar que um musculitos cabeça de parafuso lhe fizesse sentir-se pequena, dava-lhe igual quão bom estivesse.

Havia-lhe flanco suor e sangue ganhá-la confiança em si mesmo.

Caminhou através da grama exuberante e subiu as escadas do alpendre. Assombrava-a a

quantidade de flores que rodeavam a casa e o caminho de paralelepípedos. O jardim era uma preciosidade.

Levantou a mão para bater na porta principal mas se deteve metade de caminho ao sentir uma pressão no peito. Vai, venha. Já vale com esta mierda. obrigou-se a ser valente e chamar. Toc, toc, aqui estou.

A porta se abriu pouco depois e ele estava detrás. Parecia ainda maior que antes, se o comparava com a porta. Já não levava o poncho e por fim pôde apreciar todas suas qualidades. E vá se tinha.

Estava tão contente ao haver ficado o vestido verde de raiom. Até se tinha exposto tirar o aro do nariz mas se deu conta de que o dano já parecia. Se o tirava revelaria mais de seus medos e inseguranças que se o deixava posto e, como se isso não fora suficiente para sentir-se coibida, o vestido que tinha metido na bolsa era um que tinha um amplo decote por diante e por detrás, que deixava entrever a pequena flor que tinha tatuada em cima do peito e o sol do ombro.

Pois bom. Assim o ensinava tudo de uma vez, sem disfarces. Teria que acostumar-se a ela, embora fora um bombom itinerante e tatuado. Ja.

Além disso, o vestido era bastante recatado, feminino e bonito. Chegava-lhe pelos tornozelos e só lhe marcava um pouco as curvas. Ficava muito bem com o pendente de ouro e esmeraldas que Lucia lhe tinha agradável. Solo lhe faltava haver-se podido secar o cabelo; ao ficar mais largo e volumoso lhe teria abafado as duas tatuagens.

Sentiu-se ainda mais incômoda quando ele a repassou com os olhos. Tampouco se tinha jogado um prendedor à bolsa e tinha as largas postas, não só pelo frio. maquiou-se um poquito, solo porque sim, e ele se deu conta. Talvez pensava que estava tentando impressioná-lo. Atrai-lo. Deus a liberasse.

Jack ainda levava os jeans cheios de barro e sem o poncho podia adivinhar o tablete de chocolate sob a camiseta, que também revelava a amplitude dos músculos dos ombros. Os jeans desgastados se apertavam com afeto ao redor das coxas. lhe fale, Viv —lhe rogou seu cérebro—. lhe Diga algo, o que seja. Não fique aí olhando-o como um pasmarote.

—Perdoe que o incomode —lhe disse enquanto se reprovava o tom doce e afogado. Não podia permitir-se nenhuma paquera. Tinha que comportar-se como uma amazona. Como uma camionera.

—Não se preocupe. Passa, acabo de fazer café.

Seguiu-o até uma habitação grande com uma cozinha americana em um lado; havia janelas em cada parede, emolduradas em madeira de cedro rosácea e fragrante. Havia uma estufa de madeira antiga rodeada por um par de sofás desgastados e uma pilha de troncos em um oco escavado em uma das paredes. Sobre o chão de madeira descansava um tapete antigo tecido em cores brilhantes. As novelo invadiam cada rincão: samambaias, jades, cintas, begônias e outras muitas que não pôde identificar. Sobre os amplos batentes das janelas se apoiavam vasos de argila que continham brotos pálidos e focos jovens. O ambiente da habitação era quente, alegre e acolhedor. Precioso.

Jack lhe assinalou uma velha mesa de cavaletes da zona da cozinha.

—Sente-se. Quer um pouco de café?

—Com leite e açúcar se tiver, por favor.

Verteu o café em uma taça grande de cerâmica, abriu o frigorífico e agarrou um cartão de leite semidesnatada.

—Esta vai bem?

—Claro, vá luxo. Não conheço ninguém que siga usando leite semidesnatada. Todo mundo usa desnatada ou dessa que não é leite de verdade e está asqueroso.

Grunhiu.

—Eu como o que eu gosto.

De repente lhe passou pela cabeça uma imagem do Brian na cozinha, com a balança de

precisão milimétrica onde pesava cada grama de graxa que tomava. agüentou-se o impulso tolo de ficar a rir e se concentrou em lhe dar voltas à colherinha de açúcar moreno pegajoso e brilhante que tinha acrescentado ao café. Tentou não emprestar atenção à maneira em que as mangas curtas da camiseta lhe marcavam os bíceps.

Lhe sentou em frente. Lhe deu um sorbito ao café, que estava delicioso.

—Está muito bom —concedeu, embora se sentia como uma parva.

Ele assentiu e Vivi tentou relaxar-se enquanto olhava as novelo; então se deu conta de que Jack não parava de lhe olhar o decote do vestido. Olhou para baixo, horrorizada se por acaso lhe baixava tanto que ensinava o mamilo ou algo assim, mas não. Não passava nada fora do normal.

—Perdoa —lhe disse, enquanto baixava o olhar—. Sozinho, né, olhava seu Eranthis hyemalis.

Piscou.

—Meu…, né, o que?

Olhou-a envergonhado.

—A flor que leva no peito. Ao princípio pensava que era uma Ranunculus acris, mas logo…

—Uma o que?

Deixou escapar um suspiro de impaciência.

—Pensava que era um ranúnculo mas depois vi as folhas e me dei conta de que seguro que era uma Eranthis hyemalis. Um acónito de inverno, quero dizer.

Olhou-se a tatuagem.

—Ah, sim. Eu gosto de muito esta flor. Uma vez vi no jardim de uns amigos como florescia entre a neve e me deixou impressionada. É a combinação perfeita entre força e boa atitude.

—Sim, é uma flor magnífica.

Nesse momento, Jack apartou a vista de seu corpo e ficou olhando a taça de café como se esta tivesse algo muito interessante no fundo.

Vivi se meteu o cabelo molhado detrás das orelhas.

—baixei para lhe pedir um favor. —Deu-lhe outro sorvo ao café—. Me esqueci que trazer algumas costure importantes da caminhonete. Posso sobreviver sem elas, mas necessito um abridor de latas para poder dar de comer a Edna.

Estirou o braço, abriu uma gaveta e tirou um para ela.

—E se tivesse algo que pudesse lhe servir de manjedoura… Também me esqueceu —admitiu.

Rebuscou em um dos armários para tirar um prato de plástico.

—Algo mais?

—Se pudesse lhe agarrar emprestada a vassoura para varrer o barro do chão…

Assinalou detrás de si; em uma esquina tinha uma vassoura guardados e um recolhedor.

—Agarra-os você mesma.

—Obrigado. Edna também o agradecerá como solo sabe fazê-lo um lavrador. —terminou-se o que ficava de café e agarrou o abridor de latas e o bol da mesa—. Pois vou voltar para apartamento. —Foi a pela vassoura e o recolhedor e se dirigiu para a porta. Tinha conseguido não soltar nenhuma risita tola. Se conseguia não tropeçar-se com o tapete, podia ir-se a casa tranqüila.

—Espera. Tem algo para jantar? —perguntou-lhe.

—Não, mas Edna e eu pensávamos voltar para a caminhonete para agarrar utensílios que tenho ali para cozinhar. Não se preocupe.

—Aproximo-te do povo para comprar o que necessitar.

—Não se preocupe, de verdade —disse com rapidez—. Já o incomodamos o bastante.

—Não é nenhuma moléstia. De todas maneiras ia eu também. Aqui no Silverfish só há uma tiendecita, assim que te levarei a supermercado no Pebble River.

Vivi seguia meneando a cabeça.

—Não quero que…

—Olhe —disse ele com impaciência—. Não vou ser capaz de jantar se souber que não tem nada para comer no celeiro.

—Bom. Isso é… muito amável por sua parte —se confundiu.

—Não. Solo estou sendo prático. Se você jejumas me toca jejuar e jejuar me põe de muito mau humor.

Era a primeira vez que ouvia algo assim em sua vida e não sabia como tomar-lhe Ele entendeu seu silêncio como uma afirmação; recolheu as taças de café e as deixou na pia.

—Passarei a te recolher em meia hora.

Abriu a boca para lhe levar a contrária mas se deteve quando começou a lhe soar o estômago de maneira tão escandalosa que ele se voltou e lhe lançou um sorriso que a deixou deslumbrada.

Joder. Vale, iria.

—Obrigado —lhe respondeu reunindo toda a dignidade da que era capaz.

É obvio, tropeçou-se com o tapete.

Barbear-se ou não barbear-se. Levou-lhe dez minutos dar resposta a uma pergunta tão filosófica. deixou-se crescer a barba sem lhe importar como ficava mas depois de olhar-se no espelho do banho decidiu que lhe dava um aspecto desalinhado. Não podia levá-la ao povo com as pintas que tinha. Não se ela levava posta essa coisa verde.

Deveria sair com ela para jantar, pensou, enquanto se ensaboava a cara. Aquele pensamento o pôs nervoso. Como se fora um adolescente que tivesse que convidar à garota ao baile. Que coño ia fazer com ela?

Seu verga lhe sugeriu algumas ideia muito interessantes, embora nada práticas.

Tinha-o surpreso como lhe tinha falado da flor que tinha observado no jardim durante o inverno. A maneira em que tinha podido apreciar a combinação de força e boa atitude no acónito de inverno. Era uma estranha qualidade, já que a maioria da gente via as novelo como uma mercadoria, como decoração, um meio para chegar a um fim. Isso se chegavam a fixar-se. Não muitas pessoas se davam conta de que tinham uma identidade própria.

Já, e seguro que era das que podiam viver em uma comuna, ir nua e falar com os espíritos da natureza ou algo desse pau. Joder. Teve que parar de barbear um momento para processar essa imagem se não queria cortar uma artéria. Miúdo saído patético parecia.

Levava tanto tempo a duas velas que não queria nem fazer o cálculo.

Igual poderia sair dessa situação se conseguia que se zangasse tanto que se fora correndo. Era orgulhosa e agastadiça, assim não seria muito difícil.

Tirou-se os restos de nata de barbear da cara enquanto sopesava esta opção. Talvez poderia lhe fazer insinuações sexuais grosseiras e pô-la furiosa até que decidisse partir. Duncan lhe daria uma patada no culo, mas, ouça, um homem tem seus limites.

Excitou-se ao pensar em tocá-la. A franga lhe levantou, a cara lhe avermelhou e começou a lhe pulsar o coração com força. agarrou-se ao lavabo com ambas as mãos e voltou a refletir.

Era má idéia. Não o tinha pensado o suficiente. Poderia apresentar cargos contra ele por perseguição sexual, o que seria vergonhoso e estúpido.

Ou ainda pior, como sabia que não lhe seguiria a corrente? Que Deus o ajudasse se era assim. Também estava o fator do perigo. Além dos nazistas malvados loucos pela arte, era uma imprudência para uma mulher tão pequena como ela ir por aí em uma jodida caminhonete, passeando esse cuerpito sexy por todos lados. Qualquer paletó desgraçado que visse as tatuagens e o pendente no nariz tiraria suas conclusões e tentaria ligar-lhe.

Repete comigo —se disse a si mesmo—. Esse. Não. É. Você. Problema.

Teria-se que recitar aquele mantra durante todo o dia.

Vivi abriu a porta e viu que se barbeou e penteado de forma que lhe via a cara, mais chamativa agora que podia apreciar os ângulos pronunciados e magros da mandíbula e o queixo.

Perguntou-se de repente quanto tempo levava olhando-o.

Na caixa da loja do Pebble River examinaram a compra do outro com curiosidade. Ela tinha eleito fruta, verdura e outros produtos da seção biológica. Ele era bastante clássico e definitivamente carnívoro, mas quase tudo o que tinha comprado era comida de verdade, não costure precocinadas nem lixo, o qual não lhe surpreendeu se se fixava no corpo que tinha.

Fixou-se e muito, cada vez que teve a oportunidade. Parecia tirado de outro mundo. Estava muito bom.

No estacionamento se dirigiu a ela enquanto arrancava o carro.

—Vamos a por algo de comer —lhe disse.

—Mas se for o que acabamos de fazer.

—Quero dizer a um restaurante. Você gosta da comida mexicana?

—Né, sim —admitiu. A idéia de um prato de apimentadas quentes cheias de queijo a pilhou despreparada.

O jantar transcorreu sem sobressaltos, ao princípio. Começou por lhe pedir que lhe descrevesse a situação em que se encontrava para saber como protegê-la, assim degustou os nachos com um molho fresca estupenda e lhe deu de presente os ouvidos com a história larga e horripilante sobre a morte da Lucia, os pendentes, os intentos de seqüestro de suas duas irmãs e os malvados Ulf Haupt e seu ajudante, John, o homem asqueroso com aspecto de porco. Contou-lhe que os dois estavam convencidos de que as irmãs D'Onofrio conheciam o paradeiro de uns esboços misteriosos e que o desvelariam se as aterrorizavam e as torturavam o suficiente. Ensinou-lhe o pendente com a V de esmeraldas, o único que ficava dos três que Lucia lhes tinha agradável. Ele o observou com os olhos entrecerrados desde todos os ângulos e o devolveu enquanto meneava a cabeça.

—Miúda história —foi seu lacônico comentário.

—Diga-me isso —confirmou ela com ardor.

Continuando, começou a lhe fazer perguntas sobre sua vida. Contou-lhe que tinha estudada arte em Nova Iorque e que tinha tido um breve mas intenso período de êxito quando assinou o contrato para trabalhar para a galeria do Brian. Não mencionou que tinha mantido uma relação com ele nem por que tinha quebrado o contrato e tinha fugido. De fato, começou a passar por cima cada vez mais detalhe e foi o olhar frio e incriminatoria do Jack a que fez que se calasse. Incomodava-a, era como se já a conhecesse ou, melhor dizendo, como se por muito que ela dissesse ele já tivesse tirado suas conclusões.

—Assim deixou tudo o que tinha conseguido quando ia bem e te largou para te encontrar a ti mesma?

Essa pergunta a zangou.

—Suponho que se poderia dizer assim, se o que quer é me fazer danifico. Eu não gostava de como tentava me dirigir o gerente da galeria, por isso decidi que iria melhor se me dedicava ao circuito de feiras de artesanato e desenvolvia meus próprios desenhos. Sem ter a ninguém em cima de mim dia e noite.

—Imagino que deve odiar isso.

Franziu o cenho, nervosa.

—Odiar o que?

—Ter a alguém em cima.

ficou pensando a resposta.

—Depende da pessoa —disse devagar—, e depende do que queiram de mim.

—Claro. E não rompeu nenhum coração quando te partiu?

Entrecerró os olhos. Podia ver os chifres e as presas da besta, disposta a atacá-la.

—Parece-me que isso é uma pergunta com truque. Também muito pessoal.

—Pura curiosidade.

Vivi baixou a vista para as apimentadas ao meio comer. Lhe estava tirando o apetite. Apertou os dentes.

—Assim deixou a alguém no caminho… —continuou ele.

—Rompi com o homem com o que estava saindo antes de ir mas tinha razões de sobra.

—Ah, sim? Como qual?

Em realidade, dava-me conta de que era muito má pessoa. Queria lhe dizer justo isso, mas não o fez, não era de sua incumbência.

—Não tem direito a me julgar.

A partir daí, a conversação caiu em picado. Ela também contribuiu, mas as respostas dele consistiam em simples monossílabos e seu olhar hermético e deslumbrante a estava pondo nervosa.

Deu-lhe um gole a sua margarida e o olhou aos olhos.

—Olhe, senhor Kendrick…

—Tutéame.

—Vale, Jack. Solo me diga o que é o que está pensando.

Levantou uma sobrancelha.

—O que quer dizer?

Vivi se jogou o cabelo para trás.

—Quero dizer que me julga quando não sabe nada de mim. Quero dizer que se sente incômodo quando estou contigo.

—Isso é tudo?

Vivi sacudiu a cabeça.

—Que mais você gostaria que te dissesse?

—Acreditava que foste falar do fato de que me atrai. Acreditava que o tinha notado. É difícil não dar-se conta.

Ao Vivi lhe caiu o garfo com estrondo em cima do prato.

—Ah…

—Mas já que o mencionaste —continuou ele—, serei-te sincero. Tem razão, sinto-me incômodo quando estou contigo por duas razões: a primeira é que me atrai e a segunda, perdoa se ferir seus sentimentos, é que não é o tipo de mulher pelo que quero me sentir assim. Isto me cria um problema.

Ela ficou com a boca aberta.

—O tipo de mulher? —repetiu—. E se pode saber qual é? É um desses gilipollas que acreditam que as garotas que levam tatuagens e um pendente no nariz têm que ser promíscuas?

Ele fez um gesto para descartar essa hipótese.

—Não, não é esse o problema. Refiro-me ao feito de que vive em uma caminhonete, que vai de um sítio a outro, que te aborrece logo dos sítios e que te deixa as coisas ao meio fazer. Não quero ter uma relação com alguém que está de passagem. Seria perder o tempo.

Sentiu a raiva no estômago.

—Espera um momento. Dei-te a entender que queria ter relações sexuais contigo sem me dar conta ou assumiste que o tipo de mulher ao que pertenço está disponível para qualquer?

Jack lhe deu um gole a sua cerveja.

—Não. Não o tem feito e eu tampouco.

—Me deixe que o entenda. Quer follar comigo mas crie que sou lixo e não quer que esteja ao redor de ti desvalorizando sua propriedade.

Enrugou a frente.

—Não fale por mim. Nunca hei dito que fosse lixo.

—Digo o que vejo —lhe respondeu—. Quer que me zangue, que faça as malas e vá, não? É esse seu plano?

Ele cravou uma parte de seu fajita de carne e ficou olhando-o.

—Esse seria meu plano se não fora porque está em perigo —lhe disse, resistente—. Parece

que tem problemas para te manter segura, mas eu…

—Deixa que te exponha uma idéia revolucionária —lhe anunciou Vivi—. A ver se o safadas, Kendrick. Já sei que pode que te deixe de uma pedra, mas que tal se não nos deitarmos juntos?

Jack suprimiu a risada ao cobri-la boca com o guardanapo; olhou para outro lado.

—Né…

—É a solução perfeita —continuou ela com aparente alegria na voz—. É incrível de quão simples é. Não tem que follar comigo se isso for causar tantos problemas. Não se sente melhor agora? Não te acaba de tirar um peso enorme de cima? Solo te peço que me ignore, vale? Será mais fácil para os dois. Separarei-me de seu caminho e irei ao meu.

Olhou-a alarmado.

—E o que quer dizer exatamente indo ao teu?

Vivi se encolheu de ombros.

—Farei minhas coisas, dedicarei-me a criar. Duncan mencionou que tinha um estudo no celeiro mas entenderei que não queira que use esse espaço. O apartamento me servirá de momento.

Jack se levantou e atirou a garrafa de cerveja quando lhe deu um golpe à mesa. O garfo caiu ao chão. O restaurante inteiro ficou em silêncio e a garçonete ficou quieta com a comida das mesas nas mãos. Jack amaldiçoou pelo baixo.

—Vamos daqui.

—De acordo.

Vivi se levantou e começou a rebuscar em sua bolsa.

—Já pago eu.

Vivi se adiantou e lhe deu com o cotovelo ao passar por seu lado para chegar à caixa.

—Antes morro que te deixar que me convide para jantar.

Na caminhonete, Vivi se sentou o mais longe que pôde do Jack. Quando estacionou na entrada da casa, baixou-se sem dizer uma palavra, fechou a porta e agarrou as bolsas da compra.

Jack tentou agarrar-lhe mas rechaçou sua ajuda com um gesto.

Ele voltou a insistir.

—Não seja parva —lhe grunhiu.

Seguiu o ruído de suas botas sobre o cascalho do caminho na escuridão e depois pelas escadas, ainda zangada.

Jack abriu a porta do apartamento com sua chave, acendeu a luz e deixou as bolsas sobre a encimera da cozinha. olharam-se o um ao outro enquanto Edna saltava, dançava e movia o rabo para recebê-los com entusiasmo.

—boa noite —disse Vivi deliberadamente.

—Onde vais dormir? —perguntou-lhe ele.

Abriu e fechou a boca.

—Q…, o que? —balbuciou.

—Aqui não há cama. Onde vais dormir?

—Ah… —murmurou ruborizada.

Pôde intuir um espiono de sorriso em seus olhos.

—Não ia sugerir minha cama.

—Não me tinha passado pela cabeça que o fizesse —mentiu enquanto seu rubor ia em aumento—. Utilizarei meu saco de dormir. Trouxe-o maço à mochila, vê?

—Solo vais utilizar um saco de dormir? Sobre o chão nu?

Parecia surpreso.

—Estou acostumada a sítios assim —disse com frieza.

Jack enrugou a frente enquanto acariciava as orelhas a Edna.

—Em minha casa, ninguém dorme no chão. Não importa ao que esteja acostumada.

—Bom, te agradeço seu interesse, mas, em teoria, esta não é sua casa. Te vou pagar o aluguel. Assim não me trate como um hóspede.

Deu-se a volta, saiu pela porta e se perdeu na escuridão. Vivi fechou a porta e soltou um suspiro de alívio.

A tensão do combate desapareceu, deixando-a feita pó. Abriu as portas trilhos para deixar entrar a fragrante brisa noturna na habitação. Depois, devagar e de maneira sistemática, colocou o que tinha comprado nos armários da cozinha grande e poda. Havia tanto espaço que cabia tudo. Era uma sensação estranha, depois de passar um tempo tão prolongado entre a caminhonete e os apartamentos microscópicos de suas irmãs.

Acendeu umas velas aromáticas e um pouco do incenso de sândalo, apagou a luz principal e se sentou com as pernas cruzadas em cima do saco de dormir. A estadia elegante e pouco mobiliada iluminada pelas velas a acalmou. O ter a porta aberta lhe produzia uma sensação fabulosa e estranha. Agudizar os sentidos para escutar os ruídos das rãs e quão insetos cantavam suas doces canções noturnas. Tinha estado tão paranóica e encerrada as últimas duas semanas. Era estranho, mas ali se sentia… segura.

Pelo menos do Demônio, embora não de sua própria estupidez, que a levava a seguir querendo deitar-se com o Jack.

Seu sistema nervoso se ativou, alerta, ao sentir sua presença apesar de que não tinha ouvido nenhum ruído. ficou de pé de um salto quando Jack empurrou a mosquiteira com a bota e entrou através das portas trilhos de cristal. debaixo de um de seus musculosos braços levava um futón enrolado como se nada e no outro um travesseiro de plumas.

—Agradeceria-te que batesse na porta a próxima vez.

Olhou-a por cima do futón com cara de ofendido.

—Não ficavam mãos para chamar.

Desdobrou-o no chão e deixou o travesseiro em cima.

—Para o futuro —insistiu—, eu gostaria que não entrasse como Pedro por sua casa, embora tenha as mãos ocupadas.

O movimento condescendente e depreciativo que fez a seguir com os ombros a pôs tensa.

—Não toma a sério —disse com tensão.

—Não se preocupe, ouvi-te. —Percorreu a habitação com a vista até que encontrou o saco de dormir—. Estará o suficientemente quente nesse saco?

—Nunca tive problemas antes. Não fazia falta que me trouxesse o futón, mas obrigado de todas formas.

—O incenso cheira bem.

Seguiu com os olhos o hilillo de fumaça que saía do pires de bronze e ondulava de maneira sinuosa.

—Sei. É meu favorito.

Instalou-se um molesto silêncio entre os dois.

—Né…, obrigado pelo futón.

Pretendia que suas palavras lhe dessem a entender que o estava jogando mas lhe saiu uma voz rouca, baixa e vacilante que fez que soassem como um convite.

Vivi tratou de pensar em qualquer comentário que fazer, mas, depois de um par de minutos devanándose os miolos, deixou de tentá-lo. Estava muito cansada, soava hipócrita e esse tio não estava interessado em conversar. ficou quieto, como uma montanha em meio da habitação. Tão denso como o granito. De seus olhos escurecidos surgia uma emoção abrasadora que não podia identificar. Não se ia até que estivesse preparado.

Vivi ficou esperando. Suportou sem queixar o peso do silêncio que ia crescendo e crescendo na escuridão vacilante até que se converteu em algo mais: uma tensa espera carregada com as palavras que estavam desejando dizer. Esperava. Uma corrente de ar apagou uma das velas e sumiu a habitação em mais negrume.

Vivi agarrou a caixa de fósforos de seu bolso e se girou para reacender a.

Começou a girar e ficou imóvel. Ele estava justo detrás dela.

—Solo estava olhando isto. —Apartou-lhe o cabelo que lhe cobria as costas com um dedo, logo que roçando a tatuagem do sol—. Me dei conta de que levava algo enquanto pagava o jantar mas não sabia o que era porque o cabelo lhe tampava isso. —Repassou as linhas do círculo do sol e os raios com os dedos—. Este sol também tem um significado especial? Como a flor?

—Sim —disse sem elevar a voz—. Me fiz isso em lembrança de um amigo que perdi.

Apartou a mão.

—Sinto muito.

Ela assentiu e se voltou a girar para ficar frente a ele. Teve que juntar todas suas forças para poder olhá-lo aos olhos, e, quando o conseguiu, a ardente avidez de seu olhar a deixou sem fôlego.

—Tem alguma tatuagem mais? —perguntou-lhe por fim.

Levantou o queixo e estirou a coluna. Não tinha direito a lhe fazer isto enquanto estava sozinha na escuridão. lhe lançar aquelas vibrações sexuais e intensas, quando se sentia tão vulnerável.

—Solo eu sei e você te vais ficar com a dúvida.

Sua intenção era dizê-lo com o tom mais cortante e desdenhoso que lhe permitisse o pouco ar que era capaz de reter.

Mas ao estar sem ar soou como se queria incitá-lo. Estava apanhada.

É obvio, ele não se sentiu despeitado. Parecia que estava refletindo sobre isso, como acabava de convidá-lo a fazer. Quem podia lhe culpar?

Pensava nisso com tal força que Vivi podia senti-lo na pele.

Se ele dava algum passo nesse momento, não teria a força de vontade para rechaçá-lo. sentia-se pegajosa e totalmente úmida para ele. Faltava um pequeno empurrãozinho para que caísse. Tome.

depois de suas palavras arrogantes e do que se brigaram.

—boa noite.

Deu-se a volta e se dirigiu para a porta.

Vivi ficou ali plantada um momento, olhando ao escuro retângulo que se abria para a noite fragrante e ruidosa. A habitação à luz das velas se ficou vazia de repente.

## Capítulo 3

_

Jack ia de um lado a outro do salão de sua casa, com as mãos juntas, como uma besta enjaulada.

Tinha passado horas em internet, investigando sobre o Vivi D'Onofrio. Tinha navegado pela página Web onde vendia as jóias que desenhava. Colares, anéis, broches, pendentes, piercings para o nariz, garrafas de perfume, adornos de Natal, móveis para bebês e joalheiros. Tudo feito de vidro, contas, metal, madeira, papel feito a mão e material reciclado. As peças que tinha visto eram de uma beleza estranha e incomum. Não saberia dizer por que mas gostava.

Perguntou-se como fazia com os pedidos que lhe encarregavam por internet. Se ele fosse um dos que a buscavam, o primeiro que faria seria ordenar um par de pendentes, ir à direção da que os tinham mandado e interrogar à pessoa a que encontrasse ali. Podia ser perigoso para todos os envoltos.

Também encontrou muitas referências sobre uma importante galeria de arte de Nova Iorque que dirigia um tipo chamado Brian Wilder. Pôde ver uma foto dela onde aparecia tudo estirado e com a cabeça alta; tentava parecer inteligente ao apoiar um dedo no queixo, como se tratasse de tampar uma tíbia. Ao ver a foto sentiu automaticamente animadversión para esse tio. Seu detector de casulos se disparou.

ficou a olhar fotos da obra do Vivi em catálogos arquivados de fazia cinco ou seis anos. Essas esculturas lhe produziram a mesma sensação que as peças da página Web, mas eram maiores, mais atrevidas e mais ambiciosas. Os preços, e vá preços, deixaram-no atônito. Embora a galeria ficasse com uma ampla percentagem, teria se feito rica se tivesse seguido com eles.

Mas para alguma gente a liberdade era mais importante que a riqueza.

Foi aquele pensamento o que o tinha arrojado a percorrer o salão sem parar.

A situação era jodida. Quase não podia nem respirar de quão tenso estava. Furioso e brincalhão ao mesmo tempo. Tal como foram as coisas não poderia conter-se de atirá-la em uma cama e follársela, como um animal em zelo, e seu instinto lhe dizia que, por muito orgulhosa e zangada que parecesse, ela não o deteria.

Ia sem freio. Não havia nada que o pudesse salvar além do autocontrol que não parava de perder com rapidez. Tudo nela o atraía. Estava enganchado ao aroma doce e frutífero de seu cabelo e a sua escandalosa cor. Não podia deixar de pensar em seus olhos grandes, brilhantes e exóticos; o queixo em ponta tão delicada e a boca rosa e carnuda.

Perguntou-se incômodo quem era o amigo que tinha perdido e pelo que se tatuou o sol. perguntou-se se seria um amante que tinha morrido e se ainda o sentia falta de ou seguia triste por ele.

Não queria abrir essa porta. Além disso, tampouco era de sua incumbência.

Lembrou-se de seu ombro, tão magro e delicado, adornado com a imagem do pequeno e estilizado sol. A pele era muito suave e lhe marcavam os músculos, sinuosos e fortes, apesar do pequena que era. Pequena e perfeita.

Olhou o relógio e fez seus cálculos. Eram as seis e meia da manhã na Itália, onde Duncan se achava, navegando em muito romantismo, em algum hotelito pitoresco da Toscana. Não lhe faria nenhuma graça que o desenroscassem de entre as pernas de seda de sua dama, mas o merecia por lhe haver metido em semelhante confusão. O telefone do Duncan soou e soou.

Oito vezes, nove, dez, onze. Jack esperou com determinação.

Ao final, Duncan agarrou o telefone.

—Jack? Olá? Que demônios?

Por sua voz pôde saber que o acabava de despertar.

—É justo o que eu ia dizer te.

—Viv está bem? —perguntou seu amigo.

—Sim, está bem.

—Então, o que passa?

—Deixo-te um minuto para que reflexões sobre isso. A ver o que te ocorre.

Escutou uma voz feminina na distância que formulava uma pergunta.

—Nada, solo é Jack —respondeu Duncan. Outra pergunta de fundo—. Diz que Viv está bem. Vou à outra habitação para falar. Volta a dormir.

Jack escutou o som de uma porta que se fechava e Duncan se dirigiu a ele em um tom mais duro.

—despertaste ao Nell, idiota. Precisa dormir. Acaba de passar por um inferno. Tem idéia da hora que é?

—Quando você o necessitaste nunca te cortaste que me chamar a altas horas da noite. Além disso, ali já deve ter amanhecido. por que não me advertiu sobre o Vivi?

Duncan ficou em silêncio, perplexo.

—Fiz-o. Contei-te tudo o que sabia sobre esses sádicos filhos de puta que andam detrás de

minha prometida e de minhas futuras cunhadas. Que mais quer saber sobre…?

—Sobre eles não, refiro a ela.

—Ah… —A voz do Duncan se foi apaziguando—. Vale, já entendo. Quer dizer que por que não te disse quão bonita era? Está zangado comigo porque não te falei de detalhes como a juba larga e ruiva, os olhos grandes e cinzas, as largas pernas e os lábios rosados?

—Joder, Dunc.

—É um pouco triste que te tenha que acautelar de algo assim, não? Seguro que te deixou flipando. Já imaginei que o faria.

—Não me disse que mandava a uma niñata com tatuagens e um puto dragão pintado em sua caminhonete.

Jack se sentiu frustrado e estúpido. Não sabia como expressar o enganado e manipulado que se sentia.

—Assim são as tatuagens o que te incomoda? —Duncan estalou a língua—. Viu o que tem em cima do culo?

Jack ficou direito sobre a cadeira, como se lhe tivesse picado uma vespa.

—Como cojones viu esse?

—Uma vez que levava as calças baixas e uma blusa decotada por detrás —lhe contou Duncan, lacônico—. Miúdo bombom.

—É um porco e um porco. Não se supõe que está apaixonado pela irmã?

—Vá, como a defende, não? —murmurou Duncan—. Claro que estou apaixonado pela irmã. Me vou casar com ela e vamos ter quinze filhos pelo menos. Passado as vinte e quatro horas do dia com ela, somos como unha e carne. Mas ainda sou capaz de me dar conta de um culo com forma de bandolim quando o vejo. Pode-me culpar por lhe haver isso mandado, mas está claro que necessitava algo para despertar por fim e Vivi te dará esse empurrãozinho. A garota é como a dinamite.

—Assim admite que o tem feito a propósito? —perguntou-lhe.

Duncan ficou em silêncio um momento.

—Crie que tudo isto gira em torno de ti e a seu assume congelada, verdade? —disse devagar —. Pois não, senhor. Contou-te o que fizeram ao Nell quando a seqüestraram?

Jack se esfregou a frente dolorida.

—Dunc, isso não é o que…

—Drogaram-na e a meteram no porta-malas de um carro. Ataram-na a uma cadeira e a golpearam. A teriam talhado, violado e matado se não tivesse chegado a tempo. Esse é o tipo de gente que vai detrás do Viv e isso é o que lhe farão se a encontram. Para lhe um momento a pensar nisso, idiota. Está-me emprestando atenção?

Jack deixou escapar um breve som de afirmação entre os dentes apertados.

—Sim.

—A única razão pela que te estou tocando as Pelotas é porque, para mantê-la sã e salva, dentro do que cabe, solo me ocorria atá-la, amordaçá-la e encerrá-la em um puto armário. Não é a mulher mais razoável do mundo. De fato, é uma pessoa com uma visão muito particular do mundo.

—Já me dei conta —comentou com amargura.

—É uma característica da família —lhe confessou Duncan com alegria—. Te voltará louco, guri.

—Tem que resolver tudo isto antes de que isso passe —disse Jack com firmeza—. Tem alguma pista?

—Não muito. Nell e eu vamos alugar um carro amanhã e vamos conduzir até o Castiglione Sant'Angelo para falar com a gente do lugar. Nell fala italiano com soltura.

O orgulho que pôde ouvir na voz de seu amigo lhe fez chiar os dentes.

—Pois muito bem, me alegro por ti —lhe respondeu com renovada amargura—. te Pegue uma comemoração de pizza a minha saúde. Miúda desculpa mais malote para sair correndo e me

deixar aqui com a mierda até o pescoço.

—Olhe, tio. —A voz do Duncan se converteu em gélida—. Não tem a mierda até o pescoço. O que tem ali é à preciosa irmã do Nell. Nada que ver com mierda.

Jack apertou os dentes.

—Não queria dizer que fora…

—Deixa essa atitude quejica e absurda. Mandei a uma ruiva pequena, sexy e que está muito bom para dar cor a sua aborrecida existência e não pára de te queixar. Joder, Jack! Supera o de uma vez.

—Lhe cale —lhe grunhiu Jack.

—Perdoa? foste você o que despertaste às seis e meia da manhã. Solo tem que manter os pés na terra, porque esses bodes a estão procurando sem parar e, se a encontrarem, está morta. E se ao Vivi acontecesse algo eu também o estarei, por certo. Assim faz que permaneça oculta.

—Sim, claro —disse zombador—. Como se pudesse «fazer» que faça algo que ela não queira.

—Pois apazigua-a —disse Duncan com impaciência—. te Deite com ela. De todas formas, sofre de envenenamento por testosterona, homem. Descarga um pouco dessa energia antes de que te faça mal. Utiliza a franga e a língua. Deixa-a como uma balsa de azeite. Faz o que tenha que fazer. Encontra a maneira de que esteja segura como é.

Jack lhe pendurou o telefone. deixou-se cair na cadeira e ficou a cabeça, que lhe doía a rabiar, entre as mãos. removeu-se incômodo; a ereção lhe ia arrebentar as costuras da calça se seguia assim.

Apazigua-a. te deite com ela. Utiliza a língua. Deixa-a como uma balsa de azeite.

Já, todas as sugestões que Duncan lhe tinha feito para ajudá-lo tinham um pequeno problema.

que se estava convertendo em uma balsa de azeite era Jack.

John conduziu até a direção de Pulôver que aparecia na parte superior do pacote que continha a caixa com as jóias desenhadas pelo Vivi D'Onofrio. Por fim tinha dado com uma nova pista, depois das semanas que levava esperando e escutando as broncas do Haupt. Fazia dois que tinha feito um pedido através da página Web do Vivi D'Onofrio pelo módico preço de 115 dólares e acabava de chegar. Finalmente, poderia contentar a esse velho bode e tinha trabalho que fazer.

Suas perspectivas sexuais o faziam excitar-se. Vivien era muito mais pequena e magra que suas irmãs maiores, não tinha muitas tetas, mas sim um traseiro bonito e redondo, e gostava do cabelo vermelho e os lábios carnudos de cor rosa.

Estava seguro de que a chupava de maravilha e lhe daria a oportunidade de que o demonstrasse. As garotas faziam tudo o que podiam por lhe satisfazer quando as motivava corretamente e o mau do Johnny sabia tudo o que tinha que fazer para que assim fora. Joder que se sabia.

Nem sequer se expor já por que seguia ali tragando-os insultos do Haupt. John era um profissional muito qualificado, um dos melhores, e estava muito valorado em alguns círculos seletos. Não necessitava o dinheiro. Poderia retirar-se nesse momento se o desejava.

Mas não o faria. Poderia matar em troca de nada, solo pelo prazer que lhe dava, mas não gostava que outros soubessem. Não era bom para o negócio e, além disso, apreciava ter dinheiro. Não obstante, aquele encargo lhe tinha ido das mãos desde fazia tempo. Era como se estivesse gafado. obcecou-se com ele e se envolveu de tal maneira que já não podia manter a frieza que o estava acostumado a caracterizar. Isso era perigoso; deveria ser capaz de deixá-lo quando tinha chegado ao ponto no que a recompensa não lhe merecesse a pena.

A recompensa tinha ido diminuindo com o tempo mas aí seguia. Deixando que lhe dessem por culo, dia detrás dia.

Não podia evitá-lo. Tinham-no insultado, disparado e lhe tinham frustrado os planos. Joder, até o tinham esfaqueado. A puta da Antonella quase lhe tinha cravado o rim. Tinham-lhe tido que dar pontos por dentro e por fora para lhe fechar a ferida. Tinha que tomar antibióticos e os moratones ainda estavam visíveis. Além disso, seguia lhe doendo.

Essas garotas eram delas. As três. Queria sentir seu sangue correndo por suas mãos, como se retorciam se desesperadas entre seus braços. Queria as ouvir gritar e suplicar.

Vivien era o objetivo mais óbvio. por agora, as outras duas estavam muito protegidas para as atacar. Quando matasse quais cães raivosos a esses dois gilipollas que se follaban ao Nell e ao Nancy, a situação seria diferente. O caminho ficaria espaçoso e muito mais tranqüilo.

Mas Vivien não se ajustou ao plano e tinha desaparecido. Não pôde voltar a encontrá-la no circuito de feiras de artesanato e ninguém havia a tornado a ver, nem por câmara nem em vivo, em nenhuma das casas de suas irmãs.

Ao melhor se ocultava naquela direção. Fora quem fora o que vivesse ali, ia receber uma visita larga do John e lhe diria tudo sobre o negócio dos pedidos por internet e onde podia encontrar a sua proprietária.

Um carro se parou fora. John se tornou para baixo para observar a cena. Quatro homens altos e fornidos que foram vestidos com trajes escuros saíram do carro e subiram os degraus que davam à casa.

Entraram sem chamar. O vulto sutil que levavam todos debaixo das jaquetas se podia reconhecer com facilidade se estava treinado para isso. Mierda.

Os dentes lhe chiaram e abriu o ordenador portátil que levava no carro. Introduziu a direção no buscador e leu por cima os resultados.

Joder. Braxton Security? Soava-lhe o nome. Era o da companhia de segurança com o que esse rico filho de puta, o brinquedo da Antonella, estava relacionado. A direção da que mandava os pacotes dos pedidos online era seu mierda de sede, repleta de antigos militares, mercenários, espiões e técnicos.

John não ia ter nenhum bate-papo excitante com eles.

Estava seguro de que esses frikis desumanos analisavam todos os correios eletrônicos que lhes chegavam à página Web e as direções às que se entregavam os pedidos. Acelerou para sair da rua e largar-se dali quanto antes, furioso.

Felizmente, era mais preparado que eles e as direções que tinha utilizado não se podiam rastrear. A direção a que tinha chegado o pacote era uma agência de correios lotada de gente em Queens. Estava seguro de que não o tinham visto.

Mesmo assim. Como se atrevia a desafiar o dessa maneira? Acabava-lhe de fazer um corte de mangas. Conduziu durante comprido momento, até que chegou a um estacionamento grande de um centro comercial. O ordenador seguia aberto, assim que o pôs no regaço e abriu o arquivo com a lista das coisas que tinha sobre o Vivi D'Onofrio.

Uma delas era a galeria de arte do Brian Wilder. Suas obras levavam anos sem aparecer no catálogo do Wilder mas confiava em que se lembrasse dela. Qualquer que vendesse esculturas por doze mil, quinze mil e inclusive dezoito mil dólares se lembraria do artista que as tinha produzido.

Abriu a página Web do Vivi D'Onofrio e clicó nas fotos de sua biografia. Em uma delas aparecia sonriendo sob a luz do sol, com o cabelo solto ao vento, e levava uma blusa branca diáfana. Em outra, ia adornada com seus próprios desenhos, como uma noiva pagã da idade do bronze: colares, braceletes, pendentes, braceletes, gargantilhas e tocados.

Sorria à câmara como um anjo revoltoso. acariciou-se a franga enquanto fixava a vista em seus olhos cinzas.

Porca. estava-se rendo dele, da tela do ordenador. Com a boca carnuda e rosa cheia de júbilo. É um idiota, dizia-lhe com os olhos. É um gilipollas de mierda. Não pode nos apanhar. Não pode te aproximar o suficiente. Somos mais listas que você.

Pôde escutar suas gargalhadas estridentes e burlonas.

Tinha deixado a caixa que lhe tinha chegado no assento do co-piloto. Abriu-a de um puxão e tirou o estojo. imaginou suas mãos ao tocá-lo, esfregá-lo e acariciá-lo. Lhe pôs tão dura que quase lhe doía.

O estojo estava feito com partes de vidro marrons e verdes de diferentes tamanhos aos que tinha dado forma a base de areia. Borde-os estavam recubiertos de finas lâminas de cobre e os unia um fio de prata. O cartão do Vivi estava sujeita à parte inferior.

Agarrou o estojo com a mão e a apertou com força, esmagando-o até que se fechou em um punho trêmulo. As partes que eram feitas de cristal se romperam com um ruído surdo e a dor lhe atravessou o braço. Tinha sangue nos dedos e se obrigou a abri-los.

O estojo jazia, esmagado e disforme, sobre sua garra tremente e cheia de sangue. O cartão estava enrugado e manchada. Gostou do efeito do sangue sobre o fundo branco.

Olhou esse lixo e começou a rir.

Zorra arrogante. Acreditava que lhe tinha ganho e que era mais preparada, mas ao final se daria conta de quem mandava. Vá se se daria conta.

Vivi despertou pouco a pouco ao notar os raios de sol que penetravam pela janela sem cortinas e lhe davam nos olhos.

Deu-se a volta e se encontrou com a Edna lhe respirando na cara. Acariciou-lhe as orelhas, que pareciam de veludo ao tato. Estava tão a gosto. O futón era muito mais cômodo que o colchão pequeno que levava na caminhonete.

Tinha que buscar-se outra cama e rápido. Não podia estar em dívida com o Kendrick por um pouco tão íntimo como uma cama.

Vestiu-se, deu-lhe de tomar o café da manhã a Edna e se comeu um copo de iogurte com muesli. Fazia muito bom tempo, um dia perfeito para caminhar até a caminhonete, encontrar a alguém que tivesse um trator e manter-se afastada do Kendrick. Mas primeiro tinha que falar com suas irmãs e olhar seu correio eletrônico.

Seu móvel não tinha cobertura e procurou uma conexão Telefónica por todos os rincões do apartamento. Encontrou uma ao lado da porta traseira da cozinha mas não havia telefone. Necessitava um veículo para ir comprar um. Certamente era a mesma linha que a da casa, o que significava que teria que pedir permissão para poder utilizá-la.

Os joelhos lhe fizeram chiclete quando pensou nisso, espectador.

Saiu fora e a dúvida foi freando a cada passo. Talvez deveria se haver cuidadoso no espelho do banho para tirá-las remelas antes de sair. Voltou dentro e se lavou a cara como fazia cada manhã. aplicou-se o tônico e a nata hidratante. Tampouco iria mal escovar o cabelo, e a camiseta que levava, a que tinha as mangas cortadas, estava muito desgastada. Rebuscou na bolsa. Ao melhor se podia pôr a camiseta verde sem mangas. Não, tinha muito decote. O pulôver vermelho iria melhor. Com o cinturão de fivela larga. um pouco de máscara de pestanas e algo de brilho nos lábios, quase nada.

Voltou-se a olhar no espelho e se lembrou de quão pendentes levava na bolsa. os de prata com uma pequena pedra de cornalina. Posou para a Edna, que moveu o rabo em sinal de aprovação, e voltaram a sair a respirar o ar da manhã fresca.

A fragrância era irresistível: cheirava a terra, a flores, a pinheiro, a rocio e a chuva. Parecia que o ar faiscava quando lhe entrava nos pulmões. Os pássaros trilavam nas árvores e pálidos raios de sol penetravam entre os ramos dos pinheiros e desenhavam formas no chão que se agitavam e foram trocando. Olhou a sua redor boquiaberta.

Duvidou um instante antes de bater na porta. Eram sozinho as sete e meia e ao melhor lhe gostava de dormir até tarde. Tinha decidido que voltaria mais tarde quando uma voz que não conhecia a chamou do outro lado do jardim.

—Senhorita, olá!

Vivi se deu a volta para ver uma senhora pequena e bastante major de cabelo azulado que levava um vestido com rosas e uma bolsa de papel na mão. A senhora se dirigia à casa pelo caminho e se apoiava em um fortificação.

—bom dia —lhe respondeu Vivi enquanto sorria ante seu olhar amável e o sorriso que se abria passo entre as rugas.

—Como te chama, jovencita?

—Vivi D'Onofrio. Encantada de conhecê-la.

Tendeu-lhe a mão. A senhora deixou a bolsa de papel no chão e a apertou com suavidade.

—Meu nome é Margaret Moffat Ou'Keefe mas me chame Margaret. Assim que meu Jack se esteve levando mau, né?

Vivi a olhou desconcertada durante um momento, até que entendeu o que implicava essa afirmação.

—OH, não! Ou, pelo menos, não comigo. Quase não o conheço. Sou a amiga de um amigo dele e me vou ficar durante um tempo. Ali acima. —Assinalou para o celeiro—. Só vinha para lhe perguntar uma coisa mas não quero despertá-lo, assim não…

—OH, o que vai. Ao Jack não gosta de ficar vadiando entre os lençóis.

Os olhos estragados da Margaret brilhavam interrogantes enquanto subia as escadas do alpendre. Tocou à porta elegantemente, com a cabeça de sua fortificação.

—Jack, carinho? Está em casa?

Não respondia ninguém.

—Bom, o caminhão está aqui, assim deve ter baixado a trabalhar nas flores. Viu-as? —Vivi negou com a cabeça e Margaret cacarejou sua desaprovação—. O pequeno Jack tem que te ensinar suas flores. São uma maravilha.

—Não refere a estas, verdade?

Vivi assinalou às que tinha plantadas no jardim.

—OH, não. Refiro às que tem ao lado do rio. Acredito que agora estão crescendo as compridas e magras, as orelhas de lebre e os cravos do Japão. Ah, e acianos também, claro, mas ou seja que mais terá plantado aí abaixo.

Vivi lhe devolveu um sorriso à risonha mulher.

—Sonha espetacular.

—Acompanharia-te eu mesma mas esta artrite não me deixa caminhar como quisesse. Sente-se no alpendre comigo e te coma uma bolacha, já verá como Jack aparece. Trago-lhe uns de melaço que acabo de assar. adora.

—São parentes?

—Em teoria não, mas é meu neto honorário, já que deveu viver comigo faz uns vinte e cinco anos. De fato, comprou-me este terreno faz já tempo. Meu menino querido.

Vivi teve que conter-se para não rir quando pensou no hombretón ao que chamava «menino querido».

—Bom, acredito que me vou partir. Vêem tomar uma taça de chá comigo alguma manhã quando já estiver instalada e aviso ao Jack de minha parte. —Passou-lhe a pesada bolsa que cheirava de maravilha—. E lhe diga também que te ensine as termas —acrescentou Margaret com certo brilho nos olhos.

—Termas? —Vivi estava intrigada.

—Sim, sim, querida. Há umas poças naturais de água quente a uns três quilômetros de ascensão pelo rio. Não está acostumado a haver ninguém e são preciosas. Algo me diz que lhe vão gostar, dá-me essa sensação —lhe disse, enquanto lhe dava uns tapinhas no ombro.

—Pois está no certo —replicou Vivi com deleite. Vá, bolachas, flores, poças de água quente… Tinha dado com um filão de ouro. Esse lugar era um paraíso.

Vivi contemplou à anciã enquanto desfazia o caminho pelo que tinha vindo com lentidão e cuidado. Que mulher mais agradável. O aroma doce a manteiga subiu da bolsa e lhe alagou as

fossas nasais. Jogou-lhe uma olhada. Bolachas de melaço recém feitos e quentes. sentou-se nos degraus do alpendre e agarrou outra.

Como era de prever, acabava de colocar a mão na bolsa quando Jack apareceu pela esquina da casa com um ramo do que pareciam aquilinas, embora eram maiores que qualquer que tivesse visto antes. Tirou a mão com rapidez, como se estivesse fazendo algo mau, e se chupou os dedos um pouco envergonhada. Ele se parou diante dela e fez um gesto com a cabeça para saudá-la.

—Né, olá. Acabo de conhecer a Margaret. —Fechou a bolsa e pregou a abertura superior—. Te trouxe bolachas.

—Já o vejo.

—Deu-me permissão para agarrar —lhe explicou Vivi antes de poder frear-se. ficou tinta quando ele começou a sorrir. As linhas que lhe marcavam ao redor dos olhos brilhantes provocaram uma sensação de calidez junto ao umbigo do Vivi que ia baixando.

—Te coma as que queira. De que tipo são esta vez?

—De melaço —respondeu. Apartou o olhar do sorriso que agora lhe ocupava toda a cara, e que deixava ver seus dentes brancos e perfeitos, e a centrou nas mãos, largas e duras, que sujeitavam as flores com cuidado. Miúdo sorriso. Este tio tinha todo um arsenal de armas secretas. Todas elas destinadas a fazê-la sucumbir.

Custou-lhe recordar o que tinha ido perguntar lhe.

—Ah, preciso fazer algumas chamadas de telefone e utilizar internet para comprovar os pedidos que me chegaram, mas meu telefone móvel não tem cobertura, assim que me perguntava…

—Claro. Há uma saída em sua cozinha, mas é minha linha de telefone. Imaginei que com seu problema não foste querer pedir um número ainda. Se não te importa podemos compartilhar a minha. Eu quase não a utilizo.

—Eu tampouco e me parece bem se você estiver de acordo.

—Se quer usar seu móvel pode subir essa costa. Vê o montículo de abetos? Aí há cobertura, mas por agora pode utilizar meu telefone e trazer o ordenador à cozinha.

—Obrigado —murmurou.

—Queria te haver comprado um telefone mas como chegaste tão logo…

Lançou-lhe um olhar acusatório por cima das flores.

—Já, claro. Não quer entrar e deixar essas flores em algum sítio?

—Sim, e vou fazer café. Entra e tome um.

Olhou-o, fascinada, enquanto cruzava o jardim para chegar a outro pequeno edifício. Joder, a vista de seu traseiro era igual de bonita que a dianteira. ficou a cabeça entre as mãos e exalou pouco a pouco.

Já estavam dentro de sua acolhedora cozinha outra vez. Estava observando as bandejas de brotos enquanto ele fazia o café quando notou sua presença, grande e silenciosa, que lhe aproximava. Cedeu ante a curiosidade que sentia.

—Margaret e Duncan me hão dito que te dedica a cultivar flores —aventurou.

Jack acariciou a parte de debaixo de uma folha delicada de um dos brotos das bandejas, que vibrou sob o bosque de caules magros, delicados e pálidos como se flutuasse.

—Sim, agora estou cultivando Aquilegia flavescens, Delphinium exaltatum e Dianthus barbatus. Hoje vou ao Portland a fazer uma entrega.

—Como se chamam em cristão?

—Aquilinas, esporas de cavalheiro e cravos do Japão.

Olhou de esguelha o perfil sombrio do Jack.

—por que usa os nomes em latim?

—Eu gosto quão específicos som. Há centenas de subgrupos para os nomes comuns das flores e cada um tem uma personalidade totalmente diferente.

—Vá —murmurou surpreendida.

Olhou-a coibido.

—Não tento parecer um friki. Comecei a estudar sobre flores quando estava no exército. Não havia nada como as olhar enquanto passava os dias suando no deserto, com a areia me arranhando a pele quando me penetrava por qualquer oco do uniforme. —calou-se e lhe olhou o peito—. É como sonhar com água quando te está morrendo de sede —terminou.

Estava tão perto que lhe chegava seu aroma úmido a novelo e a terra embora as mãos lhe cheiravam à lava-louça com aroma a limão.

—Me…, né, está olhando a Eranthis hylematis, Jack, e me está pondo nervosa.

—Sinto muito, e se diz Eranthis hyemalis, não hylematis.

Minha mãe. Havia uma energia cálida e perigosa que começava a instalar-se e enredar-se entre os dois. Era forte e imprevisível.

Tinha que fazer algo para que se distraíram, antes de que a situação se rarefizesse.

—Como entrou no negócio?

—Eu gosto das novelo. Meu tio Freddie tinha um horta orgânico quando eu era um menino. Estudei biologia vegetal a distância enquanto estava de serviço, e depois, quando trabalhava no estrangeiro.

—No Afeganistão, no grupo do Duncan, verdade?

—Sim. Também trabalhei como paisagista para o departamento de parques e jardins do Portland e de Vancouver. Horticultura ornamental e coisas assim, mas prefiro viver aqui. converteu-se em um bom negócio. A terra que há ao lado do rio funciona muito bem para flores estranhas e conheço algumas floriculturas que preferem comprar frescas a produtores locais antes que recorrer às que vêm em avião da Holanda. Tenho um caminhão refrigerado e uma geladeira portátil de três por três. As cultivo e as entrego eu mesmo. Simples e direto. É o melhor para todos.

—Que maneira tão estupenda de ganhar o pão.

—Terá que trabalhar muito, mas eu gosto das flores.

Olhou-a com seus olhos cinza prateado e caiu no que era aquilo ao que lhe recordavam. Tinham a mesma profundidade que tinha visto nos do lobo cinza.

—dormiste bem no futón?

—Sim, de maravilha. Obrigado.

Começou a sair o café e ele se aproximou do fogo. Nesse tempo ela tentou recuperar o fôlego e o controle sobre si mesmo. O café estava delicioso com as bolachas da Margaret. Jack se acabou o seu, levantou-se e lavou a taça.

—Tenho-me que ir indo. Estará bem aqui sem carro?

—Sim. Tenho a Edna, assim que fico em boa companhia.

—Agarra o que necessite dos armários ou do frigorífico. Aí tem o telefone. Ah, e falei com o Dwayne Pritchett para lhe pedir que te ajudasse com a caminhonete. Virá com o trator assim que se seque o chão, mas quer esperar um par de dias para não arriscar-se.

—De acordo, muito obrigado. Outra coisa, poderia-me dizer como posso encontrar as poças de águas termais? Ao melhor Edna e eu subimos e lhes jogamos uma olhada.

Deu-se a volta.

—Águas termais?

Seu olhar se tornou glacial. Ela se encolheu com ansiedade.

—Né, Margaret me há dito que havia umas termas naturais acima do rio. Passa algo mau?

Voltou a apoiar-se na pia e resmungou:

—Mierda.

—O que acontece? Zangaste-te comigo?

—Contigo não. Estou molesto com a Margaret. ficamos de que íamos manter as poças em segredo. Não queremos que comecem a chegar hordas de senderistas que passem por nossas terras, e agora Margaret decidiu contar-lhe a uma estranha.

—Eu não sou uma senderista que lhes vá invadir —remarcou Vivi. sentia-se insultada.

—Não, mas tampouco é que te vás ficar vivendo aqui.

—Isso significa que me jogará dentro de pouco? —levantou-se da cadeira—. Por favor, sei honesto com isso, Kendrick. antes de que comece a comprar móveis.

—Não lhe tome como algo pessoal. Margaret deveria ter falado comigo antes, isso é tudo. E não me chame Kendrick. Faz-me sentir como se tivesse voltado para acampamento do exército. Levarei-te às poças quando voltar do Portland.

Vivi contou até dez com os lábios apertados.

—Não te incomode, por favor.

Oxalá não lhe tivesse perguntado. Provavelmente as poderia ter encontrado ela mesma seguindo rio acima durante uns três quilômetros. Não podia ser tão difícil.

Jack soube o que estava pensando e lhe cravou o olhar.

—Não vá sem mim —disse com contundência—. Os precipícios são perigosos e não se vê bem o caminho.

—Vale.

Vivi deixou a taça de café na pia.

—Voltarei por volta das quatro, se quer te aproximar então —acrescentou Jack.

—Como te hei dito, não quero te entreter.

—Não o faz. E de verdade que não quero que vá sozinha.

—Ouvi-te a primeira vez.

Saiu pegando uma portada.

Joder. Já havia tornado a fazê-lo. Assim que baixava o guarda aí o tinha insultando-a outra vez. No mesmo momento em que ouviu como o caminhão do Jack se afastava, baixou as escadas e entrou na cozinha. Marcou o telefone do Nell.

Sua irmã desprendeu ao momento.

—Olá, bonita. Vai tudo bem?

—Olá —lhe respondeu—, que tal pela Itália?

—Muito bem. começamos a comer bastante tarde e estamos acabando. A comida é incrível, é obvio. Que tal na granja de flores?

—Bom… —Vivi lhe contou o desastre da chuva e o barro e Nell lhe expressou a compreensão apropriada.

—Em qualquer caso —concluiu—, aqui estou sem poder me mover, como um camundongo em sua armadilha, mas esse, sem dúvida, é o problema que menos me preocupa.

—Ah!, sim? O que acontece? —açulou-a Nell.

Vivi fez uma pausa; suspeitava da alegre curiosidade que detectava na voz de sua irmã.

—Jack Kendrick é o problema, como me parece que já sabe.

—Vá, em que sentido? —perguntou Nell fazendo-a inocente.

—Nell, o que é o que sabe deste tio?

Nell vacilou.

—Bom, o mesmo que Duncan contou a ti. Em uma das paredes da casa do Duncan há uma foto pendurada em que aparece Jack enquanto escala a cara vertical de uma rocha. Assim sabia que é grande e moreno e que tem nervos de aço e músculos fibrosos e bem marcados. Mas isso é tudo.

—Odeia-me —anunciou—. Pensa que sou uma piedrecilla de nada que se encontrou no caminho. Uma niñata desarraigada e sem cérebro, com tatuagens, incapaz de comprometer-se ou de terminar nada, e também detesta minha caminhonete.

—Joder. —Nell parecia impressionada—. Isso é bastante forte. Medo a te comprometer e te conheceu ontem à noite?

—Não é minha culpa! —lamentou-se.

—Não hei dito que o fora, carinho. —Tratou de acalmá-la—. Como é o lugar?

—Não me teria imaginado isso assim nem em meus melhores sonhos —admitiu Vivi enquanto olhava pela janela—. Há flores por toda parte e Edna o está passando em grande correndo pelo campo; agora está perseguindo não sei o que. Espero que não seja uma mofeta.

—Então, onde está o problema?

—O que quer dizer com onde está o problema? Acabo-lhe isso de dizer. Esse tio não quer que esteja aqui. Acredita que sou lixo. Aí está o enorme problema.

—Mas a caminhonete está entupida no caminho, não?

—Sim, pelo menos até…

—Então tudo vai bem —disse Nell satisfeita.

—Bem? —Vivi elevou a voz até que foi um grasnido—. O que quer dizer com que tudo vai bem?

—Quero dizer que, pelo menos enquanto seu puñetera caminhonete esteja entupida, eu, sua irmã, e Nancy também, poderemos respirar tranqüilas e dormir pelas noites porque, por uma vez na vida, alguém está cuidando de ti.

A veemência na voz de sua irmã a surpreendeu.

—Né, vale —lhe sussurrou.

—Sou consciente do que esses tios são capazes de fazer. —Sua voz soava vacilante—. Mas você não. Não tem nem idéia, Viv, e não quer sabê-lo. me faça caso.

—Claro que te faço caso —lhe assegurou—, e te prometo que tomarei cuidado.

—Sabe o que temos feito esta manhã?

Vivi duvidou; o tom do Nell a pôs em alerta.

—Não, o que?

—falamos com os que trabalham no Palazzo de Luza. Havia uma senhora de setenta anos, a filha da anterior ama de chaves. lembrava-se de quando Lucia fugiu e por que.

Vivi tragou saliva.

—E? Solta-o já.

—Foi depois de que encontrasse o corpo de seu pai. No estudo, debaixo da mesa que temos nós. Tinham-no torturado até que morreu, talhado em trocitos pouco a pouco, como ameaçaram fazendo comigo. O que teriam feito ao Nancy ou fariam a ti se lhe apanharem. Ten em mente.

Vivi se encolheu. Não é que a surpreendesse muito, mas mesmo assim. deu-se conta de que esse sadismo vinha de comprimento.

—Assim tome cuidado, vale? —suplicou-lhe Nell—. Tenha muito, muito cuidado.

—Terei-o. Prometo-lhe isso.

Nell se sorveu o nariz.

—Vale. Pelo menos te volta a sentir atraída por alguém. Graças a Deus. Já era hora.

Vivi se sentiu abandonada.

—Não o safadas, Nell. Atraia-me ou não, não é prato de gosto. Despreza-me. Vê-me como um tipo de pessoa, não como o que sou. É o mesmo que quando Brian…

—Viv, deixa-o já —a cortou Nell—. Faz anos desde que esse bode se atreveu a cruzar-se em seu caminho. Já é hora de que o supere. Deixa de viver como uma monja errante.

—Sinto-me manipulada —disse Vivi com firmeza.

—Manipulada? Pobre Vivi. Apanhada em um paraíso cheio de flores e natureza com um tiarrón que está muito bom e que jurou proteger a dos maus do filme. Que cruéis somos por lhe fazer isto.

—vou pendurar. Estou muito zangada para seguir falando mas te quero de todas maneiras. Até logo. Adeus.

Pendurou o telefone; sentia que a cara lhe fervia. Solo mencionar o nome do Brian a fazia retorcer-se de raiva. depois de seis anos.

Tinha vinte e um quando o conheceu, durante uma exposição das obras de estudantes de arte. Foi durante seu período de rebeldia. Wilder era o agradável diretor de uma galeria que estava procurando novos talentos já que colaborava com um museu que se especializava no trabalho de artistas emergentes. mostrou-se interessado por sua obra e pouco depois expressou interesse por sua pessoa. Era bonito e inteligente, assim estava encantada. Ao princípio.

Todo mundo a felicitou quando Brian lhe ofereceu um contrato com a galeria. lembrava-se desse preciso dia que tinha marcado seu destino como se fora ontem. Estavam sentados em uma cafeteria da rua Bleecker. Ela tinha pedido um rápido e Brian lhe dava sorbitos a seu café com leite de soja descafeinado.

—O que pensa? —perguntou-lhe Brian, lhe apartando o cabelo de diante dos olhos.

—Não…, não sei —gaguejou—. Ainda não sei o que suporta.

—Deixa que lhe explique isso —lhe disse Brian condescendente—. Posso ver que sua obra tem um potencial enorme. Energia, raiva, poder. Mas lhe falta disciplina.

—Hum. —Vivi lhe pegou um gole ao rápido enquanto refletia sobre isso.

—Igual à ti —observou repassando-a de cima abaixo com os olhos—. Essa saia e essas botas que leva, por exemplo. —Torceu os lábios finos—. Tem que polir sua imagem.

Vivi se baixou a minissaia de veludo arroxeado para tampar uns centímetros mais de coxa. Oxalá não tivesse levado umas destroçadas meias de ralo. Baixou o olhar para as botas negras de couro de cordões que lhe chegavam até o início da coxa.

Brian lhe voltou a pentear outra mecha de cabelo com a mão e lhe jogou uma olhada de cima abaixo de novo.

—Começaremos por um corte de cabelo e lhe compraremos roupa nova.

—Posso me vestir eu mesma.

—Seguro? Bom, se este for o resultado… —Sua voz se foi apagando e os olhos a abrasaram, tinham um brilho estranho. Levantou-lhe o queixo—. Nunca me relacionei com ninguém de sua espécie.

Apartou o queixo de entre seus dedos.

—O que quer dizer com «sua espécie»? —lhe perguntou zangada—. Qual é minha espécie?

—Já sabe. A garota má com olhos inocentes, de menina abandonada. Parece que tenha saído de um filme de anime japonesa. Com seus olhos enormes e a juba selvagem. É… muito estimulante. —Voltou a lhe agarrar o queixo—. O que me diz do contrato?

Era uma oportunidade incrível. Qualquer dos artistas amigos do Vivi teria matado por um contrato assim e lhe doía a mandíbula pela tensão. Vivi voltou a apartar a cara. terminou-se o que ficava do café amargo e se perguntou por que não estava mais contente.

—Se assinaturas significar que me aceita como mentor artístico —continuou ele com seriedade— e eu esperarei de ti que produza. Posso projetar sua carreira, Viv. É isso o que quer, não? —Brian a olhou com toda a força de seus olhos cinzas e frios.

Pensou que estava distraída e que suas dúvidas eram uma tolice. Esse era seu destino.

—Assinarei.

E assinou. Aceitou que Brian a convertesse na nova sensação do mundo da arte. A pior decisão que tinha tomado em sua vida. De momento.

Vivi ficou olhando as cintas exuberantes que penduravam na cozinha do Jack Kendrick e pensando em como os humanos tendem a tropeçar com a mesma pedra uma e outra vez. Pode que os problemas se disfarcem de diferentes maneiras, mas ao final são sempre iguais.

Topou-se com outro homem que a via sozinho como um tipo de mulher quando a olhava. Outro homem que a fazia sentir inadequada e envergonhar-se de si mesmo por ser como era. Embora esta vez era pior, talvez porque desejava com todas suas forças que tivesse uma boa opinião dela e as oportunidades de consegui-lo eram mínimas.

Era estranho. Sempre tinha pensado que Brian era bonito, com essa beleza fria e austera tão dela, mas comparado com o Jack Kendrick, o primeiro parecia decadente, inclusive seco e flexível. Talvez era essa mierda vazia e sem calorias que comia. Entretanto ao Kendrick, joder, lhe podia fincar bem o dente. Seguro que era inesgotável.

Mas não havia desculpa para cometer o mesmo engano duas vezes. Agarrou um punhado de bolachas e saiu da cozinha enquanto as mastigava, desafiante. Tem-te que ressarcir de algum jeito.

O celibato não a mataria. Pelo menos até agora não lhe tinha ido mau.

Capítulo 4

–

Toc, toc, toc. Escutou como alguém batia na porta do escritório. Já o estavam interrompendo outra vez. Brian Wilder se tirou a máscara de ervas da cara e lhe fez um gesto a massagista que estava lhe fazendo o tratamento de reflexología podal para que se apartasse.

—Que coño passa agora? —gritou.

Abriu-se a porta do despacho e apareceu a cabeça da Damiana, seu ajudante. Os olhos grandes e escuros destacavam no conjunto de sua cara coquete.

—Há um cliente fora que precisa falar contigo —disse no ligeiro acento italiano que tão pouco gostava hoje.

—Não pode atendê-lo você? Para que te estive formando então?

Damiana se encolheu de ombros, desesperada-se.

—Há-me dito que solo ia falar contigo e que não pode esperar. Não sei o que fazer com ele. É um pouco estranho.

Brian lhe fez outro gesto a Coco para que lhe tirasse os azeites ayurvédicos dos pés e recolhesse as pedras e cristais de em cima de seu corpo. Teria que esperar para que lhe arrumassem os putos chácaras. Tinha outro ego ao que alimentar.

Atravessou a Damiana com o olhar. Do que servia contratar a uma menina bonita da escola de arte local se não era capaz de alimentar os egos dos clientes ela mesma? Deveria ser Damiana a que estivesse aí abaixo fazendo que o tio se fora flutuando da galeria enquanto Brian podia desfrutar livremente do dinheiro que ia amassando. Mas não, parecia que não podia delegar, e essa tarefa sempre tocava a ele.

Coco e Damiana intercambiaram olhares de compaixão enquanto Brian ficava as calças e a camisa. Passou por em meio delas com mais brio do necessário para as castigar de antemão por pô-lo verde assim que saísse pela porta, em sua galeria e durante o tempo que lhes pagava para trabalhar, assim que deixasse das ouvir. Malditas traidoras.

Saiu ao segundo piso do edifício, uma ampla galeria que aparecia à sala central. Isso lhe deu a oportunidade de olhar ao piso de abaixo e ver como era esse homem. ficou-se olhando a escultura de bronze do Waylan Winthrop que Brian acabava de pôr no centro da sala. Uma peça com força chamada Dente. O preço: a modesta quantidade de 38.000 dólares. As fauces da besta se abriam para o céu em um uivo surdo de raiva crescente. O matagal de dentes despontava para cima como lanças.

O homem olhava desconcertado o espetáculo mas ao melhor essa era a expressão permanente de sua cara. Brian o avaliou enquanto baixava as escadas. Era uma besta: mediria ao redor de um e noventa e lhe sobrariam uns trinta quilogramas. Brian teve que pisar no freio enquanto baixava as escadas. compadecia-se da gente que não tinha disciplina. Ele presumia de um corpo musculoso e tonificado a costa de ir ao ginásio sete dias à semana, de tomar cuidado com tudo o que comia e assegurar-se de que era puro, orgânico e entrava na perfeição na dieta equilibrada que lhe garantia uma saúde de ferro e bem-estar. Seu corpo era sua posse mais apreciada e o cuidava com todo seu amor.

Evidentemente esse tipo não se cuidava nada. Analisou cada milímetro da roupa que levava, como deveria ter feito Damiana, e viu que era de péssima qualidade, o último do mercadillo de volta. Nem sequer ia muito limpo e o fôlego lhe cheirava fatal. ia ter que mandar a Damiana a por

um aerossol de azeite essencial de limão. A pestilência da halitosis do homem ia consumir todo o prana da estadia.

Tendeu-lhe a mão e sorriu.

—Meu ajudante me há dito que me buscava?

—É Brian Wilder?

Por sua voz e suas maneiras pôde deduzir que não tinha recebido uma educação muito esmerada. Soava como se tivesse saído de alguma cidade industrial pobre do norte do estado. A esse tio não saía o dinheiro pelas orelhas. Brian retirou a mão e lhe voltou a dedicar um sorriso, dosada com cuidado esta vez. Mais curta e mais estreita.

—Esse sou eu. E você é?

—Meu nome é Craig Wilcox. Inteirei-me que faz tempo representou a uma artista e meu cliente está interessado nela.

Brian se meteu as mãos nos bolsos.

—E seu cliente é?

—Prefere permanecer anônimo por agora.

Brian esperou.

—E a artista? vai permanecer anônima também?

Apertou as pálpebras gordurentas; a brincadeira do Brian não lhe tinha feito nenhuma graça. O cabelo negro não pegava com a cor e a textura da cara, pensou Brian. Devia levar uma peruca ou algum tintura. Que estranho.

—A artista se chama Vivien D'Onofrio.

Se ao Brian faltava pouco para convencer-se de que estava perdendo o tempo, a só menção desse nome foi a gota que encheu o copo.

—Já não tenho nada que ver com a obra da senhorita D'Onofrio. De fato, posso lhe assegurar que nenhum de meus colegas de profissão a representa tampouco. Nem sequer acredito que siga trabalhando como escultora. Por seu bem, espero que não.

O homem piscou e ficou olhando-o com aqueles olhos cinza escuro tão estranhos. Eram como hematitas: lisos, opacos e metálicos.

—por que?

—Não é nada profissional nem se pode confiar nela —anunciou Brian como fazia com qualquer que o escutasse— e sua obra é irregular e pouco original. me deixe que lhe sugira outros artistas nos que sim que lhe mereceria a pena investir a seu cliente. Acabo de descobrir a um novo que tem uma incrível série de…

—Meu cliente está interessado exclusivamente na obra de D'Onofrio.

—Nesse caso, me deixe informar o de que eu sou a última pessoa a que deveria perguntar por ela —replicou Brian—. Não mantemos nenhum contato nem tenho planos de mantê-lo no futuro.

—Uma pena —é quão único respondeu o homem.

Brian estava a ponto de lhe dizer a semelhante bufão que deixasse de esbanjar seu tempo e que se fora quando se fixou em seus olhos. ficou apanhado neles, como se seu cinza hematita fora um ímã que lhe chupava a energia, qual vampiro.

Este pensamento fugaz lhe fez sentir um medo irracional que descartou ao momento.

—Não é meu problema.

—Essa atitude não é nada colaboradora, senhor Wilder —o repreendeu o homem—. Meu cliente odeia que lhe neguem seus desejos. Pelo dinheiro não há problema. Gosta de dar-se caprichos, especialmente quando esses caprichos estão proibidos. Seguro que pode entendê-lo, não, senhor Wilder? Acredito… que talvez… pode entendê-lo, verdade?

O medo voltou, com mais força.

—O que quer dizer?

O homem levantou os ombros como se nada.

—Eu gosto de investigar sobre as pessoas e me inteirei que seus encargos pelas noites às agências de senhoritas de companhia. Você gosta de jovens, verdade? Que não passem dos quatorze? Magras, de peitos pequenos ou inexistentes, olhos grandes, sem maquiagem… Uma diferente cada vez, pervertido?

Não era possível. Brian o olhou, paralisado. O homem começou a sorrir. aproximou-se enquanto falava rápido e as palavras se estendiam por seu corpo, como um veneno concentrado.

—Você gosta dessas meninas desencaminhadas, verdade? Pobres criaturas vulneráveis sem um papai que as proteja. O que lhes faz, Wilder? Você gosta das fazer chorar? —Estudou a cara do Brian e deixou escapar uma gargalhada—. claro que sim. É um doente, bode.

—Sal daqui —trilou Brian—. Me está ameaçando?

Wilcox ficou a rir.

—Te ameaçando? OH, não. Meu cliente tem tanto dinheiro que não lhe faz falta ameaçar a ninguém.

—Então, por que… por que…

—Me deixe que lhe repita isso. Meu cliente quer um D'Onofrio. Se prefere deixar que outra pessoa enfaixa suas obras a meu cliente e que essa pessoa desfrute de do favor de meu cliente e do que isso suporta, é uma lástima… para ti. Pensa sobre isso, Wilder. E faz-o rápido.

—Não sei onde está —repetiu. O medo lhe tinha afrouxado os intestinos e lhe custava controlar suas funções fisiológicas.

A cara do tipo parecia ter perdido a cor.

—Arrumado a que pode encontrá-la. O mundo da arte é muito pequena. Merece a pena que superem suas diferenças.

Brian precisava ir correndo ao banho mas não queria deixar ao Wilcox aí plantado.

—Eu, né…

—Toma. —Wilcox lhe deu um cartão com um número de telefone rabiscado nela—. Voltarei a verte se não ter notícias tuas. Sei que a alguma gente não gosta de chamar. Espero que não seja seu caso, Wilder.

Wilcox saiu da galeria e Brian saiu correndo escada acima, apertando o corrimão e o esfíncter com o mesmo desespero.

Damiana saiu do despacho e o olhou com curiosidade.

—O que queria então? Sinto-o muito, mas esse tio me dava tanto yuyu que…

—Vá a por minha agenda eletrônica e te ponha a procurar em internet. Quero que encontre ao Vivi D'Onofrio. Agora.

—Ela? Mas acreditava que você… Acreditava que ela…

—Faz-o! —bramou, e seu ajudante se esfumou entre o ruído de seus saltos contra o chão.

Entrou dando tombos no despacho para descobrir muito a seu pesar que Coco ainda não tinha terminado de recolher os azeites e os cristais de cores.

—Fora!

Ela colocou tudo correndo na bolsa e se foi a toda pastilha.

Chegou ao banho bem a tempo de evitar o impensável. Esteve sentado tanto momento que dormiu o culo sobre o aro frio de porcelana.

O que sabia esse homem? Ninguém estava à corrente. Mantinha seu pequeno vício sujo tão oculto que era virtualmente um segredo até para ele mesmo.

Tinha tido muitas amantes, mas isto não tinha nada que ver com sua vida amorosa. Era um pouco privado. De madrugada, entrava-lhe o anseia, secreta e repugnante, de jogar com a fantasia que tinha começado quando saía com o Vivi D'Onofrio.

Tão pequena e magra. Era uma gatita perdida. Tão jovem. Tinha vinte e um anos quando a conheceu, mas por seu aspecto parecia que tinha quinze. Acumulava muito talento e em seu interior a odiava por isso. Toda essa genialidade lhe emanando dos poros e o desconhecia de quão inocente era.

Todo o talento esbanjado nela o voltava louco de inveja.

O melhor depois de ter uma virtude era controlá-la e ele o tinha tentado e de que maneira. Mas ela era como um cavalo sem domar. Era uma puta ingrata e quejica que mordia a mão que lhe dava de comer. Teriam ganho muitíssimo dinheiro se ela tivesse feito o que lhe dizia, mas não.

Queria tocá-la, como se fora um instrumento, e o desejava com tanta ânsia que permanecia acordado na escuridão da noite, apertando os dentes e masturbando-se.

Quando ela se foi, decidiu rebaixar-se um pouco a investigar o mundo sórdido da indústria sexual em Nova Iorque e começar com seu novo capricho. Recrear uma cena que lhe fizesse sentir exatamente como precisava sentir-se e poder correr-se de maneira explosiva.

Não o fazia muito freqüentemente. Cada dois meses mais ou menos. Uma garota magra de olhos grandes na habitação do hotel, perdida e assustada. Ele a controlava e a utilizava, castigando-a por tudo o que Vivi lhe tinha feito, e a fazia chorar.

O coração começou a lhe pulsar com mais força; sentia-o quente e desbocado sozinho de pensar nisso.

Certamente tinha sido Vivi a que se colocou nessa confusão. levou-se mau e tinha provocado a ira de algum criminoso bode que agora procurava vingança. Brian era um mero espectador no meio do fogo cruzado.

Pois a mierda. Trairia-a assim que tivesse a oportunidade. Não devia nada ao Vivi D'Onofrio. Tinha-o deixado rígido em todos os sentidos.

Assim que lhe faria pagar por suas próprias ofensas.

Já se imaginava como reagiria quando lhe chegassem as notícias de que ela tinha morrido de forma violenta e prematura. Estaria impactado e triste mas não surpreso. Uma grande perda, diria, com a cara pálida e séria, meneando a cabeça ante a tragédia que supunha a perda do Vivi. Mas ele o tinha visto vir.

Era sozinho a lei do carma a que se impunha.

Vivi redigia, absorta, a lista dos móveis que necessitava. Uma cama, um sofá, uma mesita de café, uma estantería. Um tapete bonito, uma cômoda, um abajur de pé. Podia comprar até um especiero. Poderia pendurar a roupa em um armário, miúdo luxo, e pegar sua foto favorita no frigorífico.

Pegou um salto quando bateram na porta.

—Quem é? —perguntou.

—Sou eu.

A voz profunda fez que toda a pele lhe pusesse de galinha. tentou-se preparar mentalmente para voltar a vê-lo enquanto se aproximava de abrir a porta. Jack estava ao outro lado; levava uma bandeja de brotos muito pequenos de cor verde, suaves como plumas. Olhou-o, confusa, e lhe pôs a bandeja nas mãos.

—Para ti.

—Para mim? —repetiu como uma estúpida.

—São Eranthis hyemalis. Acónito de inverno. Vi-as no viveiro e pensei em ti. Não vão florescer ainda, claro, e é tarde para as plantar. Mas, que leites, podemos tentá-lo. Vai bem que o estou acostumado a tenha uma boa drenagem e a sombra. Podemos as plantar debaixo daqueles carvalhos grandes ao fundo do jardim se quiser.

Vivi fechou a boca, que lhe tinha aberto sem avisar.

—Ah… Vá, eu, né…

—Com sorte, reproduzirão-se e teremos um manto de flores.

Estava tão encantada que sentiu como ficava tinta e a garganta lhe fechava.

—Que detalhe mais bonito por sua parte —sussurrou.

Ele se encolheu de ombros.

—Sinto me haver comportado como um casulo esta manhã e ontem à noite.

O calor que Vivi sentia na cara e na garganta se estendeu por todo seu corpo.

Jack entrou enquanto ela deixava os brotos sobre a encimera da cozinha.

—Quer que vamos às termas naturais agora?

Vivi se recordou a si mesmo que nada tinha trocado embora lhe tivesse pedido desculpas. Subir a um lugar precioso e afastado para sentar-se em uma poça de água quente com ele era uma idéia estúpida. O fato de que agora atuasse de maneira tão doce era causa suficiente para afastar-se dele.

—Não sei muito de novelo —comentou com atropelo enquanto acariciava uma folha tenra.

—Não se preocupe. Posso-te ensinar. Então, vem?

—Sim —se ouviu dizer, assinando sua própria sentença.

—Pois vamos.

Jack começou a baixar as escadas com a Edna detrás.

—Quer dizer agora mesmo? Neste momento? Não necessitamos toalhas, trajes de banho e essas coisas?

—Te traga o que queira mas te ponha uns jeans, passaremos por um lance de carvalho venenoso.

—Demoro um minuto.

Vivi fechou a porta, tirou-se a roupa que levava posta e se colocou o traje de banho. voltou-se a vestir e jogou uma toalha ao ombro. Estava a ponto de fazer a coisa mais estúpida que tinha feito nunca e quase não podia respirar da emoção.

O caminho era difícil. Tiveram que saltar os penhascos dos borde do rio durante um quilômetro e médio mais ou menos, até que outros penhascos mais escarpados surgiram das rápidas e verdes águas glaciais. Seguiu ao Jack até um matagal de arbustos densos e subiram por uma colina levantada. Baixaram-na depois através da estreita abertura que havia entre duas rochas que pareciam torres e sob uma cortina de sarças.

Uma mecha de cabelo ficou enredado em uma delas e lhe estava custando muito desenganchá-lo quando ele apareceu a seu lado. Agarrou o ramo, larga e Espinosa, com a mão enquanto Vivi se concentrava em lhe olhar o oco que tinha na base da garganta. Desprendia tanto calor e cheirava tão bem. Seu corpo morria por comprovar como se sentiria se se apoiava em seu peito. O que faria se a beijava?

OH, venha, por favor. Saltaria-lhe em cima e o lancharia.

Soltou-lhe o cabelo da sarça e o colocou em cima do ombro. Voltou-lhe a dar as costas sem dizer uma palavra e começou a subir. Ela se cambaleava detrás dele, entre aliviada e decepcionada.

O caminho se unia a uma vaguada mais pequena que provinha da colina da colina de acima e que circulava por uma cárcava que a água tinha esculpido para unir-se com o rio.

As paredes da cárcava eram escarpadas e as rochas estavam cobertas de musgo que se mesclava com hortelã selvagem e exuberante, salpicada de grandes casulos amarelos, similares às flores de dragão. Vivi foi abrindo-se caminho entre rocha e rocha com a Edna por diante, que chapinhava na água. Quando chegaram à boca do arroio, Jack assinalou para cima.

—Olhe, estão aí, detrás daquela rocha grande.

Seguiu sua mão com os olhos. Havia várias poças que davam às rochas enormes e cinzas da borda do rio. Estavam rodeados por flores amarelas e hortelã. Os últimos raios de sol ainda se filtravam por detrás do desfiladeiro que dava ao rio e iluminavam a água, os cantos rodados multicoloridos e a areia brilhante. Havia espirais de vapor pálido que saíam da água e o rio cantava ruidosamente a um par de metros de distância.

Observou sua cara com atenção.

—Você gosta?

Olhou a seu redor, enfeitiçada.

—Minha mãe. É precioso.

O prazer que sentia se esfumou quando se deu conta de que se tirou a camiseta e se estava desabotoando o cinturão. Joder. Jack Kendrick com toda a roupa já era mais do que podia suportar, mas nu faria que lhe saltassem os chumbos.

—Né, você! Espera um segundo! —disse com aspereza.

Ele deixou as mãos quietas na cintura.

—O que?

—Leva traje de banho? —perguntou-lhe.

—Não.

Jack esperou com paciência até que processou toda a informação.

—Não me sinto cômoda. As coisas já são o bastante estranhas entre nós. Preferiria não… né…

—Lombriga totalmente nu? —terminou.

Deixou escapar um sopro brusco e nervoso.

—Isso.

—Quer que vá? Lembrará-te do caminho para voltar você sozinha?

A idéia não gostava. Perderia toda a emoção. Não queria que se fora. Joder, não sabia o que queria. Queria que tudo fora diferente. Que ele fora diferente. Queria… Mierda.

Solo queria que a desejasse. A ela, Vivi D'Onofrio, com suas tatuagens, sua caminhonete, suas complicações. Todo o puto pacote.

Mas era uma aspiração tão extravagante que não podia nem imaginar-lhe Além disso era muito em breve, tinha-o conhecido no dia anterior, joder. O que passava é que tinha esperado muito tempo para deitar-se com alguém e por isso sentia aquelas emoções tão intensas e que lhe davam tanto medo. depois de seis anos de celibato qualquer estaria subindo pelas paredes. Também tinha que agradecer esse problema ao Brian Wilder. Filho de puta.

—Não, não vá —murmurou envergonhada—, mas poderia te deixar as cueca postas?

Jack apertou os lábios. A fazia sentir como uma parva afetada.

—Vale, o que você diga. Se tanto te incomoda.

Baixou-se as calças e deixou ao descoberto umas cueca brancas. Os músculos do torso estavam para chupá-los dedos. Descia-lhe pela barriga pêlo negro, encaracolado e abundante, que se convertia em um tapete peludo e desaparecia por dentro das cueca. Tinha os quadris estreitos e as coxas fortes. Pode que não sobrevivesse a semelhante experiência visual embora se deixou a roupa interior posta.

Meteu-se na água e ficou sentado no fundo da poça com as pernas cruzadas; subiam nuvens de areia reluzente flutuando do fundo, formavam redemoinhos se na água e brilhavam sob a luz do sol. A água lhe chegava à clavícula. Apoiou a cabeça no bordo da poça e fechou os olhos. Pôde observar o delicado espetáculo enquanto se tirava a roupa. De momento se tinha comportado como um autêntico cavalheiro…, mas já se sabia seus truques. Se se relaxava e baixava o guarda durante um segundo, seguro que se voltaria contra ela.

Baixou-se os jeans e se tirou a camiseta pela cabeça. Oxalá levasse um traje de banho menos gasto e fino. meteu-se na água. Era uma delícia de quão quente estava. Como um beijo enorme que te abrangesse todo o corpo. Um ramito de hortelã lhe pendurava por cima do ombro e lhe acariciava a bochecha. havia-se posto vermelha como um tomate.

—por que te há posto vermelha?

Sua voz soava sedosa e divertida.

—A água está quente —lhe soltou—. Como te deste conta se tinha os olhos fechados, listillo?

Sorriu e a deixou sem resposta.

ficaram ali sentados durante um bom momento, escutando o ruído que fazia o rio a seu lado. Ele manteve os olhos fechados; pareceu-lhe que tentava esconder-se dela.

Queria lhe obrigar a lhe contar algo sobre si mesmo. Tinha despido sua alma para ele no

restaurante a noite anterior. Pelo menos, devia-lhe alguma história pessoal.

—Assim que a nudez não te dá vergonha?

—Onde cresci às pessoas não lhe envergonhava ir nu. Era a revolução sexual, terei que ensiná-lo tudo.

Interessante informação. Vivi arrancou uma folha de hortelã e a mastigou, deixando que o sabor fresco e limpo lhe esclarecesse mente. Jack colocou a cabeça na água e se penteou o cabelo molhado para trás limpando a frente e deixando à vista a cicatriz branca que desaparecia no nascimento do cabelo.

—Como te fez essa cicatriz?

Continuou sem abrir os olhos.

—É uma larga história.

—Não há pressa.

Enrugou a frente e voltou a ficar inexpressivo.

—Outro dia.

Vivi arrancou outra folha.

—Perdoa, não queria ser fofoqueiro.

—Não passa nada. Fala o que queira, mas não espere de mim respostas brilhantes ou sequer coerentes.

—por que? O que acontece?

Abriu os olhos e a observou com um olhar luminoso e cristalino de lobo cinza que fazia que a atravessassem quebras de onda de um medo delicioso.

—Não posso me concentrar e quase não posso te ouvir. Quão único posso ouvir são os batimentos do coração de meu coração.

A declaração sem disfarces ficou suspensa entre os dois. A força de seu olhar lhe abrasava a cara. Fechou os olhos e contou até dez.

Logo os abriu e lhe manteve o olhar. Uma mecha de cabelo lhe pendurava diante da frente. Uma gota de água lhe rodava pela bochecha. Vivi se aproximou e a tocou com a ponta do dedo. Tinha a cara ardendo e a pele elástica e suave.

Agarrou-a pela boneca com a mão e atirou dela. Vivi flutuou sem esforço mais perto dele. ficaram frente a frente durante um par de segundos nos que retiveram a respiração. Suas tetas roçavam o peito dele. Jack tocou seus lábios e lhe colocou a mão pelo cabelo. Beijou-a com voracidade.

Voltou-se louca entre seus braços. Sentiu uma explosão de emoções e sensações que surgiam do mais profundo de seu ser. Resultava tão doce que doía, com um deixe de desespero. Era algo feroz, como a raiva, mas mais luminoso, mais devorador. retorcia-se, girava e crescia. enganchou-se a seu pescoço e ficou ali perdida, lhe percorrendo os músculos com os dedos.

Ele se tornou para trás um momento, com os olhos dilatados e cheios de assombro.

—Tem sabor de hortelã —lhe disse com voz rouca. Uma voragem voltou a aspirá-lo para outro beijo retorcido e desesperado.

OH, vá. Pôde observar o escandalosamente belo que era desde muito perto. Seus olhos, a longitude incrível das pestanas negras e molhadas, as gotas de água que lhe percorriam o topo das sobrancelhas, elegantes e anguladas.

Seus lábios eram quentes e suaves, tão maravilhosos e apetecíveis como ela se imaginou, e tinha o fôlego doce. A pele da cara era elástica e perfeita. Notou como começava a lhe crescer a barba como uma sombra que cobria os ossos fortes e elegantes, tão masculinos. Que bonitos eram.

A emoção a embargava. Explorou os músculos de suas costas com os dedos, rodeou-lhe o pescoço com os braços e se abriu a seu beijo. Essa abertura provinha de muito dentro, de um lugar vasto e precioso. Um universo de espaço aberto e brilhante.

Quase não se deu conta de que lhe baixava os suspensórios do traje de banho. Arqueou as costas e se abandonou entre seu forte abraço. Jogou a cabeça para trás e o cabelo lhe flutuou sobre a

água como uma manta de nenúfares. Gritou de prazer quando lhe lambeu os peitos, faminto.

Era tão doce; tremia e se derretia por dentro para ele. Os mamilos pareciam dois faróis de luz brilhante. Sentia que os peitos, que sempre tinham sido tão lastimosamente pequenos, quase insignificantes, tinham crescido e se incharam sob seu cálida boca. encheram-se com entusiasmo e parecia que estavam criados expressamente para dar prazer. Todo seu peito se fundia e com suavidade lhe deixava beber um elixir mágico que ele podia extrair de seu corpo ao chupá-lo. quanto mais tomava, mais tinha para lhe dar.

O que sentia entre as pernas a deixava sem fôlego, um anseia quase dolorosa que não parava de crescer.

Jack a sentou em seu regaço e colocou os dedos por debaixo do tecido dada de si de seu traje de banho; conduziu-os para baixo com um gemido para encontrá-la úmida e quente. Colocou-lhe a ponta do dedo pouco a pouco. Ela se retorceu e o agarrou com força enquanto emitia um som tão agudo que quase nem pôde escutá-lo.

—Vá —murmurou—. Está…

—Sim. Não tenho cabelo aí. Eu gosto de me fazer as virilhas brasileiras cada vez que posso. Eu gosto da sensação.

—A mim também —disse ele com voz áspera.

Vivi afundou a cara em seu pescoço; ofegava em curtas respirações e gemia. O traje de banho flutuava por alguma parte, esquecido. Tinha que conseguir ir mais devagar.

—Né, Jack? Espera.

—por que? Está preparada. Em minha vida estive com alguém que estivesse mais preparada.

Baixou a cabeça outra vez para seu peito e atirou do mamilo para um abismo úmido e sedoso de sensações. Sua língua quente não parava de chupá-la e mover-se.

—Mas eu… P-p-mas não posso…

—Shhhh.

Colocou-lhe o dedo entre os lábios do sexo escorregadio penetrando-a, pressionando e girando muito dentro ao mesmo tempo que chupava e se dobrava, e… OH…

Vivi deixou escapar um grito e arqueou as costas entre seus braços quando o orgasmo, totalmente inesperado, percorreu-a.

Quando abriu os olhos seu corpo flutuava entre os braços do Jack, que olhava ao espaçoso céu azul. Vivi tinha os olhos alagados de lágrimas.

Jack ficou de pé. A água se agitou e alagou os lados da poça ao levantá-la para sentá-la nas pedras da borda. O contato do ar sobre a pele rosa e quente era delicioso. Seu corpo irradiava vapor. Estava vermelha como um tomate, febril, falhavam-lhe os joelhos. Tremendamente exposta.

Abriu-lhe as pernas e ficou olhando-a.

—Sim —sussurrou ele—. Sabia.

—O que sabia?

Empurrou-a para trás com cuidado, até que apoiou as costas sobre a rocha, com as pernas abertas. Tombada para sacrificá-la no altar por ter sido má. A céu aberto. Um exemplo para as garotas tolas e imprudentes.

Mas se deu conta de que nem se tornava atrás nem se acovardava, como sempre lhe tinha passado com outros homens. O momento era mágico e não podia parar. Pelo menos ainda não, era muito maravilhoso.

—Sabia que seu sexo seria assim. —ajoelhou-se na poça para aproximar-se e lhe beijar a parte interna da coxa—. Pregue escuros e vermelhos que se abrem passo de dentro, como uma flor de estufa. Exótico.

ficou a rir, tremente.

—As flores lhe invadiram o cérebro, Jack.

—Não. —Ensinou os dentes em um de seus sorrisos, estranhas e preciosas—. Seu coño é o que me invadiu o cérebro. —Acariciou-lhe os lábios com a boca e lhe deu uns besitos que lhe

deixavam intuir o que viria a seguir—. Quase esperava que tivesse um piercing no clitóris.

Vivi se apoiou nos cotovelos.

—Não serei eu a que atravesse a parte com mais terminações nervosas de todo meu corpo com uma barra de metal. —Olhou-o com os olhos entrecerrados—. Não estará decepcionado? Não sou tão selvagem como em suas fantasias?

Jogou com os lábios interiores separando-os com delicadeza, como as asas de uma mariposa. Suas carícias cosquilleantes a estavam voltando louca.

—A verdade é que não. Quase estou aliviado, a verdade, de que estejamos de acordo em como tratamos as partes com mais terminações nervosas de nosso corpo. É bom presságio.

—Ah!, sim? Presságio do que?

—De bons orgasmos.

Voltou a agachar-se e a pressionar os lábios contra seus clitóris; logo jogou com a língua. minha mãe, era tão… bom.

Sacudiu-se contra sua cara sem poder evitá-lo. Não estava preparada. Era muito intenso. Tinha muito medo e o apartou.

Ele começou a subir sem parar de lhe beijar o monte de Vênus, a pouca pelusilla vermelha a modo de decoração que tinha acima do clitóris. Depois a barriga, as costelas e os peitos.

—vais ter que te acostumar —disse com resolução—. vou lamber te até que seja uma balsa de fluidos.

—Jack. —Agarrou-o do cabelo para que se estivesse quieto, lambeu-se os lábios e tentou agarrar ar—. Não sei se isto é muito boa…

—Tenho que fazê-lo. —Apartou-lhe as mãos e voltou a agachar—. O deixa muito estreito. —Colocou-lhe a língua entre os lábios com ousadia.

O tato de sua língua, as palavras que acabava de dizer e o pensamento do ter dentro a elevaram para outro potente orgasmo. A vagina se contraiu ao redor de seus dedos e os lábios palpitaram contra sua língua. Sentiu réplicas largas e doces que a sacudiram uma e outra vez.

Voltou a baixar a à poça uma vez os orgasmos tiveram acontecido e ela se deixou cair em seus braços enfraquecida. Sujeitou-a para que flutuasse por cima do vulto proeminente e duro de sua franga que lhe roçava a coxa, suplicando em silêncio.

Agarrou-o por ombro e tentou recuperar o fôlego.

—Né, Jack. Sinto dizer isto, mas não podemos ter sexo —lhe sussurrou.

Ele se endireitou e lhe acariciou o ombro com o nariz.

—Não?

—Não temos camisinha —lhe recordou—. Pelo menos eu não trouxe.

Jack deixou escapar um sopro entre os dentes.

—Já, isso.

—É um detalhe pequeno mas importante. Tampouco estou tomando anticoncepcionais e não falamos que nosso passado, sexualmente falando. Sinto muito, não sei como deixei que as coisas fossem tão longe. —Não pôde evitar desculpar-se, embora ela sozinho tinha parte da culpa—. Só a modo de informação, eu… estou poda. Não tenho nenhuma enfermidade sexual.

—Eu tampouco.

—Tampouco me deitei com ninguém em muito tempo —acrescentou Vivi.

—Já me tinha dado conta —respondeu ele—. O deixa muito estreito, parece uma virgem.

—Não o sou, e… posso ficar grávida.

Ele ficou olhando o rio e se tirou a água da cara, inexpressivo.

—Esquece-o. —Sua voz era remota—. É uma pena, mas sobreviverei.

O tom frio que empregou a fez sentir como se a estivesse castigando; sentia-se frustrada.

—Além disso, é muito logo para chegar até o final —acrescentou Vivi—. me Chame tola e antiquada mas quase não te conheço e as coisas são estranhas entre nós de todas formas. Não quero me entregar por completo se você não…, quero dizer, se esta relação não tiver futuro.

Jack entrecerró os olhos.

—Imagino que lhe dão bem.

ficou direita com um espiono de suspeita.

—O que me dá bem?

—As relações que não têm futuro. O que outro tipo de relações poderiam ter as de sua espécie?

Separou-se dele; a frouxidão se dissipou. Uma onda de água quente salpicou ao Jack no peito e na cara.

—Que lhe follen, Kendrick —disse sem pensar enquanto saltava para sair da poça.

—Sinto muito, não pretendia te insultar.

—De verdade? Você conto um segredo? Faz dois minutos tinha muitas vontades de te chupar a franga. Você conto algo mais? Já não quero fazê-lo. —ficou as calças em cima do culo nu. Os dedos lhe tremiam tanto que não os podia grampear. Ele também saiu da poça e se aproximou dela, que seguia com a vista apartada—. Não me toque —lhe advertiu.

—Mierda. Que desastre.

—Sim, isso é exatamente o que sinto. Conheço-te desde ontem e cada vez que te vejo me insulta. Insultos feios, sujos e dolorosos. O passo muito pior quando me seduz primeiro. É um jodido sádico.

—Não tinha a intenção de te insultar e tampouco consegui te seduzir, é óbvio. —Vivi voltou a apartar o olhar—. Fica de costas. Quero me tirar as cueca molhadas antes de me pôr os jeans.

—Faz o que queira. Eu vou.

Vivi subiu até o leito rodeado de musgo e flores. Quase não podia ver por onde ia. Devagar, o caminho se foi fazendo mais claro. agarrou-se à rocha que tinha que subir, atravessou os matagais de carvalho venenoso, reptó pelo túnel de amoras para dar com o leito do rio e ir saltando de pedra em pedra.

Sentia-se mortificada. Tinha-a derretido até convertê-la em manteiga para depois fazê-la sentir facilona e do montão por havê-lo permitido.

Pois se podia ir a mierda. Tinha sido um engano que não ia voltar a cometer.

Seu instinto lhe dizia que recolhesse suas coisas e se largasse dali com sua cadela mas a caminhonete ainda estava entupida e o Demônio ainda a buscava. Não tinha outro sítio ao que ir além de Nova Iorque, onde invadiria a vida de suas irmãs. Quando começou a planejar seu esconderijo no ninho de flores deixou de pagar as taxas de inscrição das feiras de artesanato e deixou de produzir novas jóias, assim nem sequer poderia trabalhar durante um tempo. Para participar das feiras de artesanato fazia falta planejar as coisas com antecipação e as preparar bem.

portanto, embora a caminhonete não estivesse entupida, se partia agora teria que conduzir sem descanso, sem o destino, solo gastando dinheiro e gasolina, já que estaria muito assustada para parar em qualquer lugar. O carburante se acabaria quando o fizesse o dinheiro e não teria que demorar muito.

Converteria-se em um parasita.

Não. Era uma adulta, tinha passado por muito em sua vida e tinha saído disso, maltratada mas o tinha conseguido. Não ia deixar que a perseguissem como a um cão guia de ruas. Sua segurança era mais importante que um coração quebrado.

Mas não voltaria a fazer de ninfa de brinquedo para esse gilipollas arrogante. Menos mal que não a tinha chupado. sentiria-se muitíssimo pior se tivesse o sabor de seu esperma na boca.

Tinha estado a puntito. Lhe tinha feito a boca água. Que pena que ele tivesse passado todo o momento com a cara entre suas pernas.

Este pensamento se tragou toda a força de suas extremidades de borracha e se deixou cair em cima de uma rocha. ficou aí sentada com as coxas apertadas. Seu corpo não parava de contrair-se rememorando o prazer que havia sentido.

Quão único pôde ajudá-la a mover o culo e levantar-se para ir casa a tropicões foi pensar que

ele passaria por ali quando voltasse e não queria encontrar-lhe —Igualmente.

Capítulo 5

–

Assim quer abrir sua própria loja? É uma idéia fantástica. Há-me dito que haveria jóias, cerâmica, obras de arte e presentes. Acredito que Pebble River é o povo ideal para um espaço assim, agora que há tantos surferos. Vêm muitos turistas e a gente que faz surfe tem dinheiro, sabe? —Margaret agarrou a bule com rosas desenhadas para lhe servir outra taça de chá e lhe aproximou o prato com folhados de noz—. Vamos, querida. Agarra um. Bem sabe Deus que te pode permitir as calorias.

—Margaret, já me comi cinco e não é que sejam precisamente pequenos.

—Posso-te ajudar a encontrar um local, se quiser —lhe ofereceu Margaret—. Tive uma loja de ponto de cruz ali durante trinta e cinco anos. Poderíamos começar imediatamente.

—Faria-o, mas minha caminhonete ainda está apanhada —lhe explicou—. Dwayne não deixa de atrasá-lo por culpa da chuva, mas já faz tempo que apareceu o sol, assim…

—Falando do rei de Roma… Olhe quem vem por aí.

Vivi apartou as cortinas de flores da janela da Margaret para poder ver o que havia fora. Um trator ia jogando fumaça pelo caminho. Conduzia-o um homem grande e redondo que levava um chapéu de cowboy.

—Esse é Dwayne?

A anciã se aproximou mancando à janela e se levantou os óculos.

—Sim, é ele. É o dono do posto de gasolina que há à saída do Pebble River e falamos esta manhã. Carinho, pode agarrar umas bolachas e as colocar em um guardanapo para que as demos, por favor?

Ao momento saiu à estrada e Vivi pôde saudar o homem, que tinha várias dobras de papada.

—Você é a artista? Prazer em conhecê-lo.

—Igualmente.

Deu-lhe as bolachas com um sorriso.

—Pensei que talvez vinha, Dwayne, e tenho feito suas favoritas —disse Margaret—. Vivi, me avise quando quiser ir ao Pebble River. Talvez podemos ir todos juntos.

—Todos? A quem te refere? —perguntou Vivi.

—Jack, você e eu —respondeu Margaret com alegria—. Seguro que ao Jack lhe ocorre alguma idéia fantástica para sua loja.

—OH, não. Não quero incomodar ao Jack —comentou Vivi com rapidez.

—Me incomodar com o que?

A ponto esteve de sair-se o coração do peito. girou-se. Joder.

Tinha conseguido evitá-lo do incidente das termas e se convenceu de que havia tornado a controlar seus sentimentos. Mas não, as imagens do que tinha passado ali lhe amontoaram no cérebro.

Lhe ruborizaram as bochechas. Não, lhe subiram as cores por todo o corpo.

—Olá. —Jack saudou o Dwayne e Margaret—. Acabo de ouvir o trator.

—pensei que o caminho já estará o suficientemente seco.

—Acompanho-lhes.

Justo o que lhe faltava. Vivi se tragou seu desgosto.

—De acordo.

Felizmente, o ruído do trator que avançava diante deles fez que o silêncio entre os dois fora menos vergonhoso. Durante os dias tranqüilos nos que esperava para poder tirar sua caminhonete do barro tinha aproveitado para pendurar quadros, fazer uma lista com os objetivos que tinha e o que compraria em um futuro se tinha dinheiro suficiente. Tinha instalado sua mesa de trabalho no apartamento e tinha feita várias viagens à caminhonete para agarrar todo o material.

Acabava de começar uma nova etapa artística. Tinha que melhorar as peças com as que já contava e pensar em novos desenhos. Recolher as coisas bonitas que desprezava a gente. Gostava de incorporar a suas peças o que a gente pensava que era lixo. Era parte de sua filosofia artística. Converter o lixo em algo belo. Tudo era ficar.

Seu primeiro investimento ia ser uma mesa de trabalho maior e algumas ferramentas para trabalhar com metal. Também necessitava partes grandes de vidro policromado para jogar com ele. Estava desejando poder ocupar todo o espaço com seu trabalho. Levava seis anos vivendo entre miniaturas: desde seu salário até a caminhonete em que vivia, passando por suas ambições artísticas. Estava cansada de sentir-se pequeñita. Queria expandir-se e invadir todo o espaço. Poder respirar muito bem.

Não é que se arrependesse das eleições que tinha tomado. ficou direita quando pensou nisso. O negócio da joalheria ambulante lhe tinha ido bem. Tudo tinha começado um dia que Nancy adulou uma escultura que estava fazendo com contas, arame e cristal.

—É precioso. Se fosse uma jóia, levaria-a.

Este comentário lhe deu a idéia e nos aniversários de suas irmãs e da Lucia lhes deu de presente pendentes que tinha feito ela mesma. Depois deu de presente os colares a jogo. Logo provou com um par de broches. Era divertido e as idéias para os desenhos lhe ocorriam com facilidade.

Um amigo da escola de arte, Rafael, convenceu-a para que tentasse vender alguns de seus desenhos em seu posto em um mercado ao ar livre da Sexta Avenida. Vendeu vários, para sua surpresa e a alegria do Rafael, e ganhou o suficiente para pagar o aluguel de todo o mês.

Brian reprovava seu «passatempo» e a repreendia pelo tempo que gastava nessa atividade e que lhe roubava ao trabalho que fazia para ele, mas ela seguiu com a joalheria em segredo e, quando a relação com o Brian se foi ao garete e deixou de trabalhar para ele, apoiou-se nisso para poder manter-se. Não era o que tinha sonhado, mas era algo criativo e que a ajudava a pagar a gasolina, o seguro da caminhonete e a comida.

Durante os últimos dias, compridos e silenciosos, tinha tentado inspirar-se para poder criar novas peças, sem sorte. Atribuía-o a que estava extenuada, preocupada e sexualmente insatisfeita. Sem contar com o Haupt e John o Demônio, claro, que contribuíam um toque de terror para animar a coisa.

Esperava que não fora um bloqueio artístico como o que tinha experiente pouco depois de ter assinado o contrato com a galeria do Brian.

Ao princípio, adorava trabalhar com ele. Vendeu muitos obras delas, as mais selvagens e que transmitiam mais raiva. O dinheiro tinha começado a entrar e tinha deixado seu trabalho de garçonete para desfrutar da idéia de ser a sensação do momento. gastou-se muito dinheiro em comprar roupa nova, prévio visto bom do Brian, é obvio. A partir desse momento começou a experimentar com outro estilo artístico, mas não gostava quão novo estava fazendo. Exigiu-lhe que continuasse com as séries de antes, que se vendiam tão bem.

—Já estou aborrecida delas —protestou Vivi—. Expressam muita raiva e negatividad. Não estou tão zangada como faz um ano.

—Mas se vendem como churros, carinho. As novas não iriam bem em nosso catálogo e tampouco gostariam a nossos clientes. Necessito peças que se pareçam com Grito ou a Esqueleto uivando. Está-te criando uma reputação. Tem que aproveitar a tendência do mercado.

Vivi escolheu suas palavras com cuidado, já que tinha medo de que se zangasse com ela.

—A inspiração não depende das tendências do mercado. Depende…

Pum. Brian golpeou a mesa com a mão.

—Nem comece —lhe gritou—. Já estou aborrecido.

Ela deu um salto para trás e a figura de uma deusa de ébano se balançou e a ponto esteve de cair sobre seu amplo traseiro. Brian a olhou, ameaçando-a com o olhar.

—Não seja idiota. Mais te vale cumprir com as obrigações que especifica o contrato ou verá.

O tom grosseiro a deixou impactada.

—Mas…, mas eu sozinho…

—Você assinaste um contrato, Viv. Não o esqueça e tampouco que seu futuro como artista depende dele.

ficou boquiaberta enquanto ele se recostava em sua cadeira e começava a olhar o catálogo largo e brilhante da galeria Wilder.

—O que quer dizer? —conseguiu perguntar.

Brian lhe sorriu com a boca, mas não com os olhos.

—Já falamos que isto, lembra-te? antes de que assinasse e aceitasse não te fazer a diva.

—Já, mas isso não significa que me converta em…

—Necessito mais peças como as que tem feito até agora. acabou-se a discussão. —Fechou o catálogo de um golpe—. E outra coisa, a entrevista de esta noite. Não posso ir. Acaba-me de surgir algo. Já que não tem nada que fazer, sugeriria-te que utilize esse tempo para trabalhar. Tenho a um cliente que está interessado em adquirir algo teu e quero que fique satisfeito.

Levantou-se e ficou de pé diante do escritório, com as mãos metidas nos bolsos do traje de desenho. Suspirou e lhe levantou a cara para lhe roçar os lábios com os seus, duros e frios. Ela se encolheu com o contato.

—Sei que está zangada mas terá que esperar. —Soava aborrecido—. Hoje estou ocupado.

Fez o que lhe tinha pedido. dirigiu-se a seu estudo e tentou produzir as obras que gostava. Sentiu vergonha ao lembrar-se de como tinha tratado de satisfazer suas exigências e quão inúteis tinham resultado seus intentos.

ficou sem idéias rapidamente. Conseguiu tirar adiante um par de peças mas, evidentemente, eram más, careciam de vida. Sua potencial e criatividade se deram totalmente contra um muro que a freou em seco.

Brian ficou furioso. Estava convencido de que o fazia a propósito, para chateá-lo. Esse foi o momento no que o sexo com ele passou de ser tenso e problemático a totalmente arrepiante. Brian usava o sexo para castigá-la.

Solo podia seguir trabalhando na joalheria. Era o único que Brian nunca tinha tentado controlar e pôde continuar com isso. Investir corpo e mente. O que outra coisa podia fazer?

Olhou ao Jack de reojo enquanto caminhava a seu lado, em silêncio. Tentava reprimir a imagem dele empapado. Seu sabor e a solidez de seus ombros quando lhe cravava as unhas.

Pode que Brian tivesse estragado sua carreira artística e lhe tivesse deixado uma bolsa cheia de complexos sexuais com os que carregar, mas nunca tinha conseguido voltá-la louca. Desse tipo de loucura que te deixa sem fôlego e faz que dobre os dedos dos pés de prazer.

O trator continuou até que a caminhonete esteve à vista. Dwayne e Jack engancharam a cadeia e Vivi subiu para arrancar o motor.

Atiraram e atiraram. A caminhonete se cambaleava e esticava. Dwayne deu um grito de triunfo quando saiu da profundidade do barro.

Vivi ficou muito contente quando notou como as rodas giravam e passavam pelos sulcos. Saiu e caminhou até o trator com um enorme sorriso de alívio.

—Muitíssimas obrigado, Dwayne. Quanto te devo?

—Nada de nada —disse Dwayne com acanhamento—. Para isso somos vizinhos.

Rechaçou os bilhetes que Vivi levava na mão, assim que ela os voltou a guardar na carteira e comprovou se levava anel de casado.

—Bom, te traga um dia a sua mulher para que escolha um colar ou um par de pendentes. eu adoraria conhecê-la.

Dwayne se mostrou muito contente com o plano e Vivi e Jack viram afastar o trator pelo caminho até que desapareceu depois da seguinte curva.

Vivi subiu ao assento do condutor e Jack ao do co-piloto. Permaneceram em silêncio.

—Bom, no que ficamos? —perguntou ela ao final—. Já volto a ter meio de transporte. Quer me perder de vista? Poderia me largar em dez minutos. Solo tem que dizê-lo.

—Por favor, deixa de estar à defensiva.

Vivi colocou uma marcha e a caminhonete arrancou e passou por cima dos sulcos do caminho, subindo a colina com lentidão e valentia.

—Resulta-me difícil, dadas as circunstâncias.

—Cheguei a um acordo com o Duncan. Pode ficar o tempo que necessite até que resolva o problema dos tios que vão detrás de ti. Se pode suportá-lo. Duvido que seja capaz de ficar tanto tempo.

—E isso por que?

—os de sua classe nunca o fazem —disse com tranqüilidade.

A caminhonete chegou ao topo da colina. Vivi olhava pelo pára-brisa com tanta raiva que parecia que ia atravessar o cristal com o olhar.

—Minha «classe»? —repetiu.

—Não o digo no plano que você lhe toma. Mas posso ver pelo tipo de pessoa que é que não pode ficar no mesmo sítio durante muito tempo.

—Entendo. —A caminhonete se meneou com força ao passar por uns sulcos que eram mais profundos e fez que a mandíbula lhe fechasse com força lhe causando dor—. Clara.

—É um estilo de vida totalmente válido —continuou—. Não é que te esteja julgando.

—E uma mierda que não me está julgando. —Subiram com lentidão outra colina escarpada —. Vou ao Pebble River depois de comer —lhe anunciou—, para passar pela loja de móveis a comprar uma cama, uma mesa, uma estantería e começar a procurar um local para abrir uma loja.

—Uma loja? —Olhou-a enquanto franzia o cenho—. Como que uma loja?

—Quero abrir uma loja e Pebble River é o sítio perfeito para o tipo de negócio que tenho em mente.

—Espera um momento. me deixe um puto minuto para pensá-lo. Acreditava que te estava escondendo. Acreditava que esses mamões lhe queriam matar. Acreditava que por isso estava aqui. E agora me fala de abrir uma loja, que tem que registrar e pôr em internet? Em que coño está pensando? Está como uma cabra!

Ela soprou. Tinha estado lhe dando voltas a esse problema noites e noites inteiras.

—Durante quanto tempo posso me esconder a tremer em um buraco? —explorou—. Não me posso permitir isso Preciso ganhar dinheiro para me manter de algum jeito e esta é…

—Faz isto para me provar alguma coisa?

—Não lhe cria isso tanto e deixa de te olhar o umbigo, estúpido —lhe gritou—. Isto não tem nada que ver contigo! Estou pensando em meu negócio!

Chegaram à casa e Vivi estacionou ao lado da caminhonete do Jack, saiu e deu uma portada. Jogou uma olhada à pintura do lado da caminhonete e fez uma careta enquanto se afastava. Jack também a estava olhando e julgando-a por ela.

Sempre tinha tido sentimentos encontrados sobre essa pintura. Rafael se haveria sentido muito doído se tivesse abafado sua obra professora e a tinha ajudado e apoiado muitíssimo depois do desastre do Brian: tinha compartilhado seu posto com ela e lhe tinha ensinado os mesentérios das feiras de artesanato. A serpente retorcida e o guerreiro com músculos que tinha pintados na caminhonete era um preço insignificante em comparação.

Jack a seguiu escada acima. Ela girou a cara.

—Perdoa? Onde te crie que vai?

—Solo quero ver as mudanças que tem feito.

—Não tenho feito nada do outro mundo. Está virtualmente igual. Se me perdoar, eu gostaria de me fazer a comida.

Jack subiu uma sobrancelha e esperou. Vivi suspirou e colocou a chave na fechadura.

—Vale. Entra. Imagino que também quererá comer, não?

—Não estaria mal —respondeu sem perturbar-se.

O primeiro que fez ele foi comprovar os brotos. Vivi os tinha estado regando, mas tinha medo de transplantá-los mau e matá-los. E mais ainda de pedir ajuda. Jack acariciou as pequenas novelo com o dedo.

—Deveríamos as plantar fora hoje mesmo.

—De acordo.

ficou a fazer uns sándwiches de queijo fundido, assim tinha uma desculpa para lhe dar as costas.

Jack entrou no salão. Tinha estado fazendo inventário, assim tinha todo o material esparso em cima de uma cortina verde que tinha posto no chão: pendentes, pendentes, broches, as caixas compartimentadas onde guardava as contas, cilindros de arame de ouro e prata, a bolsa com partes de vidro soprado, enganche, feche e as caixas com coisas bonitas e coloridas que tinha recolhido do lixo. As paredes estavam decoradas com tecidos, pinturas e desenhos.

—pintaste você estes quadros? —perguntou-lhe Jack.

—Não. conheci a um montão de artistas durante os últimos dois anos e colecionei minhas obras favoritas. As que podia me permitir, claro. É a primeira vez que tenho a oportunidade das pendurar em uma parede e as olhar como Deus manda.

Jack se deu uma volta pela habitação, devagar.

—E suas obras?

—Não há muito aqui —respondeu Vivi à defensiva—. Só o que está pelo chão. Quão materiais mais eu gosto de utilizar são o bronze e o vidro soprado mas não se podia trabalhar com eles em um espaço reduzido. atirei mais para a linha de joalheria, mas já estou cansada dela. Eu gostaria de voltar para a escultura.

Jack se inclinou sobre o tecido e agarrou um colar muito elegante de contas antigas e cristais de cor.

—Trabalha no chão?

—Estou desejando comprar uma mesa.

Franziu o cenho.

—Poderia te haver dado uma. —Agarrou uma garrafa verde adornada de contas de ônix e filigranas de lâminas de prata—. São preciosos, únicos.

—Obrigado.

ficou muito nervoso com aquele completo.

—Assim que te cansaste que a joalheria? É uma pena. Deve te cansar das coisas rapidamente.

Já voltava a começar. A tentar aporrinhá-la de novo para que se zangasse. Vivi suprimiu uma onda de irritação selvagem.

—Não. eu adoro desenhar jóias mas me aborrece ter que as fazer em grandes quantidades para as feiras de artesanato. Dá-me a sensação de que trabalho montando peças para uma fábrica.

—Ah —murmurou ele—. Entendo.

—Tenho bom olho para saber o que gosta de —continuou Vivi—. Observo as cores e os estilos das revistas para mulheres e faço as peças segundo o que vejo; vendem-se como rosquinhas. Foi-me bem durante um tempo, mas já estou esgotada disso.

—Recorda que comigo não tem nada que provar.

—Então deixa de me picar. Está-me enchendo o saco!

Jack deixou a garrafa.

—Sinto muito, mas se não ir continuar sendo desenhista de jóias, o que vais ser exatamente?

—Pois acredito que voltarei a ser escultora, mas me pergunte isso outra vez dentro de seis meses.

—Claro, ou seja onde estará a essas alturas…

Jack sustentava um par de pendentes de malaquita sob a luz, pendurando de seus dedos.

Vivi não se dignou a lhe replicar e voltou para a cozinha.

Tirou a cabeça pela porta quando os sándwiches estiveram quentes.

—Já está a comida. Vêem pelo sanduíche enquanto o queijo está fundido.

Sentaram-se o um fronte ao outro no chão. comeram-se os sándwiches e se instaurou esse silêncio tenso tão habitual entre eles.

Vivi ficou olhando os miolos que havia no prato de papel.

—Quer uma taça de chá? —perguntou-lhe com a amabilidade que correspondia.

—Não, obrigado.

—Desculpa-me enquanto me faço eu uma?

Conectou o hervidor elétrico e atirou os pratos de papel e os guardanapos ao lixo.

—falaste com a Margaret?

—Sim. Tem algumas ideia sobre quão locais poderia alugar.

—Para a loja. vais vender seus próprios desenhos?

—Entre outras coisas. Conheço um montão de bons artesãos depois de todo este tempo no circuito de feiras e a gente de por aqui tem suficiente dinheiro como para que meu negócio tenha êxito. Pretendo abrir uma galeria que tenha obras de arte que se possam usar e levar postas.

—E, além do problema de sua segurança, crie que é boa idéia?

—por que não? —Vivi levantou o queixo.

—É necessário investir bastante dinheiro. É arriscado.

—Já sei, e?

—Que espero que esteja sendo realista e não esteja fazendo nenhuma tolice.

Decidiu apartar o comentário sobre a «tolice» a um lado.

—por que? Há muita gente que começa negócios e claro que é arriscado. A vida é assim. por que pensa que não estou sendo realista?

Tinha que lhe perguntar, embora não sabia se queria ouvir a resposta.

Ele ficou em silencio durante um momento.

—Acredito que te arrependerá. Esse tipo de investimento necessita que te comprometa a ficar durante muito tempo e requererá sua atenção por completo durante uma boa temporada.

Vivi contou até dez.

—Não vou voltar a entrar em seu jogo.

—Não me parece que uma mulher que dorme em um saco de dormir, utiliza pratos de cartão para comer no chão e cozinha com utensílios de camping esteja lista para jogar raízes.

Vivi agarrou o último prato e o atirou ao lixo.

—Não pude ir comprar nada nos cinco dias que levo aqui porque não tinha carro —replicou.

A água da bule começou a ferver e Vivi a apagou. Abriu o armário para agarrar uma taça e tirou uma de plástico para viagens, que levava uma tampa e um adesivo pego ao culo para poder levá-la no salpicadero do carro. Olhou-a e apertou os dentes. Colocou uma bolsita de chá e verteu a água. Sentiu tudo o que olhava como uma bofetada, uma recriminação.

—Pensa o que queira. —Agarrou a vassoura e o recolhedor e começou a varrer os miolos do chão—. Me dá exatamente igual. vou seguir fazendo o que me pareça.

—Estou seguro de que suas intenções são boas.

O tom indiferente da voz do Jack a voltou louca.

—Posso fazer que meu negócio funcione.

Agarrou um trapo de cozinha da pia.

—Você saberá.

Conteve os palavrões que tinha na ponta da língua. Lucia lhe tinha ensinado como fazê-lo. Sacudiu os miolos sobre o cubo do lixo e se lavou as mãos na pia. Soltou um gritito afogado quando o sentiu detrás dela de repente.

—Parece que não posso deixar de te zangar. Sinto muito.

—Está-me voltando louca. —Fechou os olhos—. Me diz que não vá, que fique aqui porque estou a salvo. Ao momento me insulta e tenta que me largue. Depois põe a tontear, a me seduzir e a jogar comigo. O que quer que pense?

—O têmpora…

—Para! te cale. —deu-se a volta—. Não quero ouvir nenhuma palavra mais ou vai ser ainda pior.

Jack tragou ar e abriu a boca. Vivi lhe pôs um dedo sobre os lábios para que se calasse mas quando começou a apartar a mão ele a agarrou e a apertou contra seus lábios, quentes e suaves. Sua respiração o fazia cócegas na palma da mão.

Soltou-se com um gesto brusco e se deu a volta outra vez.

—Não faça isso. Está piorando a situação.

A proximidade de seu corpo se transformou em um muito ligeiro contato com as costas dela. Beijou-lhe a nuca com uma suavidade deliciosa em um ponto de ternura cálida que crescia e se estendia, como o amanhecer que colore devagar as montanhas nevadas de rosa.

Era tão má idéia como o tinha sido a vez anterior, disse-se a si mesmo.

Entretanto, sentia-se como uma nuvem de açúcar por dentro, suave e rosa, desejosa de experimentar os sentimentos que ele desatava em seu interior e o que acontecia com seu corpo quando a tocava.

Estava enganchada como a uma droga. morria por uma dose do veneno que a destruía. Já tinha sido testemunha desse drama quando era uma menina. Nunca as tinha provado, mas sabia que era o mesmo vício. Estava condenada a repetir a armadilha que aparecia em seus pesadelos. A gente repetia os mesmos enganos todo o tempo, estavam apanhados. Apesar de suas convicções ou de suas boas intenções. Tinham essa dependência um do outro. Não havia escapatória.

Não podia pará-lo. Não podia lhe apartar as mãos.

Acariciou-lhe um peito, lhe passando a palma pelo mamilo endurecido que lhe marcava na camiseta sem mangas. Deslizou-lhe a outra emano ao longo do espinho dorsal e lhe aconteceu os dedos por cada vértebra até que encontrou pele mais cálida sob a costura da camiseta e no interior da cinturilla da saia de gaze.

Ultimamente ficava um pouco larga. Desde que o Demônio tinha começado às perseguir lhe tinha tirado o apetite e o culo lhe tinha emagrecido. Acariciou-lhe as nádegas devagar e com ternura.

—por que? —sussurrou—. por que me tortura desta maneira se me tiver tão pouca estima? por que não me joga e já está? Seria melhor.

—Ao contrário. Aprecio-te muito.

Beijou-lhe o ombro nu; os lábios do Jack se moviam em uma carícia que ia deixando um rastro de calidez em seu lento caminhar.

—Acredito que é incrível, tem talento, é preciosa, fascinante. Tão fantástica que não posso evitar te dizer a verdade, embora não queira escutá-la. Respeito-te, Viv. É a verdade.

—Essa é sua verdade.

Encolheu-se de ombros.

—É a única que conheço.

—Mas as coisas não são assim —replicou.

Lhe respondeu com silêncio e, devagar, levantou os lábios de seu ombro.

—Sei que tem medo de partir pelo que está passando em sua vida mas também sei que uma vez que o problema esteja resolvido…

—Se se chegar a resolver —interrompeu ela com amargura na voz.

—Quando ocorrer, voltará a agarrar sua caminhonete e partir. Uma vez que comece a te impregnar.

Deu-se a volta para olhá-lo aos olhos.

—O que quer dizer me impregnando?

—Quero dizer ver o mesmo sítio ou a mesma pessoa dia sim e dia também.

Sua voz soava acalmada mas firme em sua convicção. Sua mão se deteve, roçando apenas o ponto entre as pernas que se esquentava e tremia de excitação.

—E imagino que não posso te convencer do contrário?

Ele fez uma pequena pausa durante a que ficou imóvel e disse:

—Não.

A risada que saiu ao Vivi de dentro se parecia mais a um soluço.

—Mas mesmo assim quer follarme.

—Mesmo assim quero ser seu amante —a corrigiu— e quero fazê-lo com respeito. —Apertou a cara quente contra seu ombro e suas mãos mergulharam com mais profundidade, até que a fez retorcer-se de prazer—. Lhe estou pedindo isso… com respeito.

Lhe apertou a mão entre suas coxas.

—A isto chama respeito?

—eu adoraria te dar agradar —ofereceu—. Isso não é te faltar ao respeito.

Quase não podia respirar. Tentou manter a mão quieta apertando as coxas mas ele seguia acariciando-a e o fazia sentir tanto… prazer.

—Não quero que isto me faça mal —estalou.

—Acredito que isso é inevitável. —Seu cabelo lhe amortecia a voz—. Já nos está fazendo sofrer e nos doerá façamos o que façamos.

—Assim seria melhor se aproveitarmos o que possamos?

Aproximou-a para ele e a apertou contra si.

—Acredito que seria o melhor.

—Uma pergunta. O que aconteceria não me fora? Esta noção que tem de que me largarei tem prazo de validade? Se ainda seguisse aqui dentro de cinco ou dez anos, o que passaria então? Estaria contente? Decepcionado ou como?

Negou-se a responder a sua pergunta, mas pôde ler a resposta em seus olhos. Aquela porta de sua mente estava fechada a cal e canto, a entrada estava totalmente proibida.

Nunca se entregaria a ela por completo. Mesmo assim queria o que lhe oferecia. Dava-lhe igual o que se guardasse para si mesmo. Queria tudo o que fora capaz de lhe dar, até a última migalha.

—Sim. Desejo-te.

## Capítulo 6

_

Os olhos do Jack deixaram escapar um brilho e lhe agarrou o culo com mais força. Ela esperou até que não pôde mais.

—Olá? Ouviste-me?

—Sim, te ouvi.

—Então, o que fazemos agora? —Soltou uma risilla e tratou de impedir que se convertesse em um soluço—. Né? Fazemo-lo e já… está?

Ele sorriu, mas parecia preocupado.

—Parece-me bem.

Vivi agarrou um lenço de papel que levava no bolso e se soou o nariz.

—Dá-me tanta vergonha. Faz tanto tempo que não sei nem por onde começar.

—Eu sim que sei —disse ele sem rodeios.

Ela se tampou a cara com as mãos e perguntou:

—Se souber, qual é o plano?

Ao momento Jack ficou de joelhos diante dela e apertou a cara contra seu monte de Vênus. Solo se interpunha o tecido fino de sua saia de gaze.

—OH, vá —disse ela fracamente—. Outra vez? Está obcecado.

Jack levantou o tecido com os dedos, procurando sua recompensa.

—Deus, como para não está-lo. Seu sexo é tão rosa e agridoce… Quero que se enche e se umedeça. Quero te chupar como um caramelo até que te derreta em seus fluidos quentes.

Vivi quase não podia articular palavra. Lhe pôs o tecido da saia que tinha enrolado nas mãos para que a sujeitasse e murmurou sua aprovação ao ver o revelador tanga de encaixe branco.

—Tem-me de joelhos —continuou, lhe lançando um sorriso pícaro—. Tem piedade de minhas súplicas se desesperadas.

—OH, para.

Vivi tremeu ante um novo ataque de risada.

Jack atirou do reforço do tanga e o apartou a um lado. As pernas do Vivi cederam quando lhe pôs a boca em cima da pele nua.

—Não acredito que possa suportá-lo —sussurrou. Não tinha experiência com o sexo oral. Ao Brian nunca tinha interessado. Bom, pelo menos fazê-lo, porque sim que gostava que o fizessem. De fato, considerava que era seu direito divino.

O olhar feroz do Jack a subjugou.

—É tão pequena aqui embaixo. Tranqüila, tomarei meu tempo.

Falharam-lhe as pernas e Jack olhou a sua redor em busca de uma cadeira mas não viu nenhuma, assim que a sentou sobre a encimera da cozinha. Tirou-lhe o diminuto tanga pelos pés e o atirou ao chão. ficou ali sentada, tentando manter o equilíbrio enquanto se agarrava a sua cabeça e vibrava. Levava a saia ascensão até o peito. Estava tão excitada que quase lhe dava medo.

—eu adoro como sabe —murmurou—. Poderia estar te chupando durante horas.

—Não sobreviveria —trilou, lhe fazendo rir, agradado.

O instinto lhe dizia como a tinha que tocar: a profundidade, que força ou que suavidade. Suas lambidas eram generosas, acima e abaixo, profundas. Seus dedos largos a abriam e a acariciavam enquanto chupava, insistindo até levá-la para o momento no que solo poderia gritar e não haveria volta atrás…

O prazer a alagou, cada vez com mais intensidade, mais amplitude e mais doçura. Flutuou até encontrar-se rendida sobre ele, que a agarrou e sujeitou enquanto se corria.

Levantou-a até que o rodeou com os braços e as pernas e a pôs contra a parede. estava-se desabotoando o cinturão…

E o calor rosado que desprendia seu corpo se congelou. O coração lhe saltou entre os pulmões; parecia que lhe ia explorar. Invadiu-a o pânico e se sentiu desfalecer; afogava-se. Lhe ia passar outra vez.

Era uma névoa doentia que lhe subia até a cabeça. O horror das últimas vezes com o Brian.

Ao Brian gostava dessa posição, em especial quando esnifaba cocaína. De pé, metendo-lhe contra a parede, e também pô-la de barriga para baixo, imobilizada. Sua cara era uma máscara de desejo, tensa e severo. Com o olhar fixo nela. Estava a milhares de quilômetros dali e não a escutava quando lhe dizia que o fazia danifico. Não lhe importava.

Não tinha sido capaz de intimar com um homem desde essa época. Tinha-o tentado um par de vezes, mas não havia nada que lhe tirasse as vontades mais rápido que um desses flashbacks. Ao

final tinha desistido e tinha aprendido a viver sem sexo.
Não obstante, não sabia se poderia seguir com sua vida anterior depois do Jack.
Agarrou-o pelos ombros. —me dê um minuto. —Tentou recuperar o fôlego—. Só… necessito um momento para me recuperar. Não vá.
Podia ouvir como tentava comunicar-se com ela da distância. Falava-lhe com ansiedade, preocupado, mas ela não era capaz de dizer uma palavra. O coração estava desbocado e a ensurdecia.
Respira, idiota. Está no agora, não no passado. É Jack, não Brian. Supera-o.
—Vale. Joder, Viv. O que tenho feito?
—Não foi nada do que tem feito —se obrigou a responder através dos lábios hesitantes—. O sinto.
—Que demônios? O que te passou? —perguntou-lhe.
—Solo foi… essa posição. Fez que voltassem algumas lembranças desagradáveis, isso é tudo. Não passa nada. Já estou bem. De verdade.
—O que quer dizer com que isso é tudo?
Estava pálido e alarmado.
Mierda. Tinha estado tão perto de franquear a muralha que se formou em sua mente e justo tinha que bloquear-se quando chegava a melhor parte. Era tão típico.
—Que lembranças? Pode falar disso?
Sua cara lhe disse que não ia permitir que se esquecessem do tema. Assentiu e cedeu ante o inevitável.
—Foi um noivo bode que tive faz muito tempo —explicou—. Nossa relação se danificou e o sexo também. Levou-me um tempo sair da situação, assim, até que o fiz, bom… Me deixou um pouco traumatizada. lhe gostava do controle.
Não queria olhá-lo à cara. Notar um espiono de compaixão nele a teria feito morrer de vergonha. Mas quando o olhou não viu compaixão a não ser uma fúria que fez que seu coração voltasse a galopar e se livrasse do medo instintivo que havia sentido.
—Me diga como se chama e onde vive. Como o pilho o vou destroçar, reduzirei-o a pó.
Em resposta só pôde piscar bobamente.
—Né, bom. Obrigado —disse confundida—. É uma oferta tentadora mas não faz falta. Já o superei.
—Não parecia que o tivesse superado faz dois minutos —replicou Jack com tom sério.
—Sinto muito, eu…
—Deixa de te desculpar!
A dureza de sua voz a surpreendeu. Jack olhou para outro lado e meneou a cabeça.
—Joder —disse pelo baixo—. O sinto. Não queria te gritar.
—Parece que não podemos deixar de nos desculpar o um com o outro.
Mantinha as unhas cravadas nos músculos de seus ombros como se tivesse medo de que fora a escapar, mas não o fez. Ao contrário, levantou as mãos para as pôr em cima das suas, as envolvendo. Transmitiu-lhe toda a confiança da que foi capaz.
—Não quer… deixá-lo por agora? —sugeriu-lhe.
—Não! —gritou-lhe—. Quero que isto aconteça! Não vou deixar que também o danifique. Já me roubou suficiente, joder.
Jack começou a sorrir.
—Não sabe o feliz que me fazem suas palavras. Solo me diga o que quer que faça ou que não faça.
—Não é muito complicado. Faz o mesmo de antes, é incrível. Mas não me… ponha contra a parede e não me agarre as mãos, nem a garganta. Acredito que assim tudo irá bem.
A ira voltou a aparecer a seus olhos lobunos.
—Miúdo bode sujo e doente.

—Bom, ao melhor, mas acaba de abandonar a habitação —disse Vivi com severidade—. Não vamos conceder a esse casulo nem um minuto mais. Agora solo estamos nós, Jack e Vivi. Capisci? Não quero que nos acompanhe ninguém mais.

Jack assentiu e houve um silêncio tão comprido que os dois começaram a rir.

—Não sei muito bem o que fazer —admitiu Jack—. Acredito que vais ter que me dar instruções. Farei o que me diga.

—Mas eu não sei por onde ir —protestou Vivi—. Quero dizer, tenho alguma idéia, mas pode que nos conduza para areias movediças, sabe?

—Darei-te uma pista. me agarre da mão e me leve a habitação.

Vivi retirou as mãos de seus ombros, agarrou-lhe uma mão e o conduziu até a habitação do lado. Estava quase vazia, além do futón com o saco de dormir e a mala em um rincão.

As paredes pareciam estar vivas pelas sombras verdes que se projetavam sobre elas ao dançar a luz do sol entre as folhas do carvalho e do arce. Lhe teria gostado de poder resguardar-se na escuridão do entardecer ou da noite, mas não ia ser possível. Tudo ficaria à vista. Com uma deliberação terrível.

Seu olhar o interrogou.

—Seguinte pista?

—Te tire a roupa.

Saiu-lhe uma risilla nervosa enquanto começava mas se armou de valor e o fez com o maior descaramento que pôde. Atirou as sandálias e logo se tirou a camiseta por cima da cabeça. estirou-se e se mostrou enquanto se tirava as forquilhas que levava no cabelo, que tilintaram com força sobre o chão naquele silêncio verde e lhe titilem.

Ele a olhava enquanto se soltava o acréscimo de comprimento cabelo ruivo e meneava a cabeça para colocar as ondas que lhe caíam sobre os ombros e os peitos. Vivi caminhou a seu redor e ele a seguiu com o olhar. Era um movimento antigo. Uma cerimônia, uma dança em espiral, um convite. Entrelaçavam a energia masculina e feminina com magia pura.

—A saia —lhe recordou—. Fora a saia.

Desatou-se os cordões e a deixou cair. Estava totalmente nua além do pendente de esmeraldas em forma de V que Lucia lhe tinha agradável e que não se tirava nunca.

Sujeitou-se o cabelo com as mãos, por cima da nuca; arqueou as costas e o voltou a deixar cair. girou-se ante o faminto olhar de seus maravilhosos olhos chapeados. Não duvidou nem um momento de suas tetas pequenas, de seu não tão pequeno traseiro ou das tatuagens que já não podia tampar. adorava mostrar-se e estava segura de que lhe gostava.

—Agora minha roupa —disse Jack, enquanto se tirava as sandálias.

Vá. Até seus pés eram sexis e isso que, sempre que não cheirassem mau, nunca se tinha fixado nos pés de nenhum homem antes. Os seus eram bonitos, compridos e morenos. Os dedos tinham os ossos elegantes e as unhas quadradas.

Lançou-se a por sua roupa. Um sorriso tolo não era a expressão adequada para esse momento, teria sido melhor um olhar tranqüilo e sensual de sedutora, mas o estava passando muito bem para fingir que atuava com seriedade.

Foi levantando a camiseta pouco a pouco aproveitando a oportunidade para explorar seu torso com as pontas dos dedos. Apalpou a textura do cabelo e os músculos esculpidos à perfeição. Lhe dava vontade de lambê-lo inteiro.

Atirou a camiseta e se concentrou no cinturão, mas quando começou a lhe baixar as calças ele a deteve e rebuscou no bolso para tirar uma larga tira de camisinhas que deixou em cima do futón.

Pareceu-lhe muito bem que estivesse preparado embora seu gesto calculado soou a provocação. Ele mesmo se baixou as calças e as cueca. Já nu se livrou deles e os deixou a um lado.

Era perfeito. Tinha uma franga enorme que se estendia, grosa e ereta, e se movia sob seu próprio peso.

—Me toque —lhe ordenou Jack.

Suas mãos se alegraram quando se fecharam para rodear a pele flexível de veludo, sentindo o calor do sangue ao fluir; tinha-a dura como o aço. Havia mais dele do que sua mão podia abranger.

adorava escutar seus gemidos enquanto o acariciava, acima e abaixo. sentia-se uma deusa de verdade, como se pudesse controlar as tormentas e os raios. Sem medo, jogava com o poder destruidor como se fora seu próprio brinquedo.

—Já sei que a idéia de que eu levasse a iniciativa começou como precaução para que não me espantasse —comentou Vivi em um fio de voz—. Mas a coisa trocou. passou a ser um pervertido jogo de poder.

—Pode ser —admitiu ele—. Mas se uma mulher tão orgulhosa e forte como você me segue a corrente neste perverso jogo sem me mandar a mierda é que me deseja realmente, não?

Começou a fazer círculos ao redor do glande e ele começou a ofegar.

—Me dizer o que tenho que fazer fica brincalhão. Admite-o-o desafiou.

Ele sorriu; tinha-o pilhado.

—Algo tua me põe brincalhão.

—Crie-te muito preparado, verdade? —picou-o.

Lhe dirigiu um sorriso rápido e triste.

—Agora mesmo não.

—Conheço-me seus truques. Está-me ensinando que tem o controle total sobre a situação?

ficou pensativo.

—Não —a corrigiu—. Te estou ensinando que estou em controle total de mim mesmo. Acredito que faz falta que lhe recorde isso.

Agarrou uma mecha de seu cabelo, agachou-se e o beijou enquanto lhe dava de presente aquele sorriso secreto que aparecia a seu olhar.

O gesto era tão doce que fez que as lágrimas lhe nublassem os olhos mas não sabia por que.

—Não sei como o faz —se perguntou Vivi em voz alta—. Tem dobro personalidade, Jack. Às vezes diz exatamente o que faz que me dê vontade de te dar uma bofetada e outras vezes diz exatamente o que é correto.

—Ah!, sim? E então te dá vontade de…

—Te agarrar —respondeu ela com remilgo.

Fez-a sorrir.

—Pois não sei a que esperas. eu adoro como me agarra.

Tomou a palavra e começou a acariciá-lo com passadas lentas e sensuais. As mãos dele, trêmulas, contraíam-se e se dobravam.

—Assim alguma vez digo nada que seja normal e singelo, como por favor me passe as ervilhas?

—Nossa relação ainda não chegou a esse ponto.

E, segundo você, nunca o fará. Vivi apartou esse pensamento desalentador de sua mente. Não queria que nada danificasse o momento. Nem seus medos nem o efeito que Brian tinha sobre ela. Nem sequer a verdade. A mierda com a verdade. Quem a necessitava. Melhor viver a fantasia.

Tinha decidido que era o momento de trocar o ambiente e de que se distraíram os dois. ajoelhou-se e abriu a cremalheira do saco de dormir violeta claro, deixou para cima a parte interior de náilon de lavanda e o estendeu sobre o futón.

Girou-se para olhar o de maneira sedutora através das pestanas; os peitos se sobressaíam e o cabelo pendurava selvagem e enredado.

—E agora o que?

Ele se recostou; podia-se ver cautela em seu rosto.

—Precisa estar em cima?

Vivi o pensou um momento.

—Tremo muito —confessou—. Não acredito que seja capaz de me manter em vertical. Estou-me derretendo agora mesmo.

Olhou-a com preocupação.

—Mas sou grande. Não quero que…

—Para o carro —lhe disse, enquanto movia o dedo diante dele—. Não se preocupe. Não me vai voltar a passar. Sei onde estou e com quem.

Ele sorriu, aliviado.

—Está segura?

—claro que sim —lhe assegurou—. E eu adoro que seja grande. Quero-te dentro de mim.

Riscou um círculo com a mão sobre o glande.

Ele tinha a cara e o pescoço rígidos.

—Deus —murmurou—. Me deixa toda a responsabilidade, não?

—Pode lhe fazê-lo disse com alegria—. Tenho fé.

Jack lhe pôs a mão na barriga e a acariciou com suavidade. Como se fora uma criatura delicada e exótica a que não queria afugentar.

Vivi ficou olhando-lhe e mitigou outra quebra de onda de lágrimas. Estava comovida por quão preocupado o via. O doce e tenro que era, um encanto grande e suculento. Tinha que ficar mãos à obra. Nesse mesmo instante.

Agarrou-lhe a mão com que a estava acariciando e atirou dela.

—Vêem aqui —lhe ordenou que—. Quero te sentir em cima de mim.

Ele permitiu que o atraíra até ficar em cima dela. Vivi abriu as pernas e tentou aproximá-lo mais mas ele se manteve firme.

—Um momento. Deixa que me encarregue dos detalhes práticos antes de que me volte louco —lhe disse, enquanto agarrava a tira de camisinhas.

Custou-lhe um pouco ficar a camisinha com uma mão mas, finalmente, Vivi conseguiu o ter em cima. Enlaçou os braços e pernas ao redor de seu corpo e apertou. O contato de seu quente corpo voltou a abrir o grifo e ficou a chorar sem poder controlá-lo.

Jack viu as lágrimas em seus olhos e o olhou alarmado.

—Viv, está bem?

—Estou muito bem, genial, de maravilha —lhe assegurou—. Seu tato é delicioso e me ponho chorã, mas não se preocupe. Tudo está bem.

Olhou-a com doçura e, sem dizer uma palavra, beijou-lhe as lágrimas que lhe desciam pelas bochechas e as têmporas. Deus, como gostava. Suas mãos não sabiam onde agarrar-se por tantos sítios que tinha para escolher: os largos ombros, as costas forte, o culo duro e musculoso ou a juba desgrenhada de cabelo sedoso que o fazia cócegas no pescoço. Sentia sua franga ereta contra a coxa. Jack não tinha pressa alguma, mas podia senti-la, ansiosa e esperançada, enquanto lhe beijava o pescoço e as tetas. Acariciou-a entre as pernas umedecendo-a para facilitar o caminho. A espera, agitada e selvagem, ia em aumento. O foram fazer, nesse momento.

Levantou a cabeça sem prévio aviso e lhe dirigiu o olhar de comandante em chefe que agora já conhecia.

—Me diga o que quer que faça.

Tentou reprimir a risada. Teria parecido muito frívola.

—Não é evidente?

—Quero ouvir como o diz.

Baixou a mão, agarrou-lhe a verga e a apertou com a camisinha posta.

—Isto é outro jogo perverso, não?

—Sim —lhe disse sem pestanejar.

Retorceu-se sob seu peso e se arqueou até que pôde tocar a cabeça grande do pênis contra a entrada de seu sexo escorregadio. rebolou até que conseguiu empurrá-lo para dentro e os lábios internos se fecharam a seu redor. Era enorme.

—Por favor —me sussurrou—. Coloque isso La pilló desprevenida.

Jack a olhou aos olhos, afiançou sua postura e apertou para dentro.

Ela gemeu e se mordeu o lábio.

—Joder. Sim que é grande.

—Te relaxe —murmurou ele em voz baixa e afogada—. Irei devagar.

E o fez. preparou-se para sentir dor mas ele quase não se movia; permanecia em cima dela e se balançava com delicadeza. Beijava-a como solo ele sabia fazê-lo e a derretia por dentro, lhe acariciando o clitóris com o polegar.

Seus beijos falavam em uma linguagem que podia entender muito em seu interior. Vinham de um lugar muito profundo do Jack, apelavam a algo dentro dela e a persuadiam. Suplicavam-lhe que se abrandasse, dobrasse-se e se fundisse para ele. Eram exigentes.

Fez-a chegar ao orgasmo de novo. Esta vez foi profundo, duro e dilacerador. Quando abriu os olhos e recuperou a consciencia de si mesmo, notou seu verga muito dentro. Era enorme e palpitava. Quase não podia mover-se.

Inclusive então, ele continuava sem pressa. Fez-a rodar a um lado e pôs uma perna do Vivi sobre as suas. Então se beijaram e abraçaram enquanto seus quadris se moviam. Devagar, balançando-se tranqüilamente. O tempo se estirou e retorcido para criar um universo mágico a seu redor. A habitação era uma cúpula verde pelas sombras sinuosas das folhas. As cores eram extrañamente fortes. O saco de dormir eram as pétalas pulverizadas de alguma flor voluptuosa e sexual. Os dois se retorciam e ondulavam em suas profundidades luminosas e suaves. Totalmente perdidos.

Em um momento dado se deu conta, por surpresa, de que já não estava incômoda. Seu corpo se adaptou para albergá-lo em seu interior. Saía e entrava dela em investidas lentas que a voltavam louca. colocava-se de tal maneira que lhe acariciava cada um de seus pontos erógenos. Ela se sacudia e vibrava com cada empurrão.

Estava tão atento e era tão sensível. Sentia a cada segundo da penetração. Sua atenção apaixonada conseguiu abrir todas as partes de seu ser que tinha fechadas e produzir uma esteira sem fim de detonações deliciosas que não paravam de cintilar. Estavam unidos, em um único e explosivo resplendor. Não podia conter as lágrimas; lhe escapavam descontroladas dos olhos e lhe rodavam pelas bochechas. Ele seguia as beijando uma e outra vez.

Levou-lhe um tempo comprido e delicioso convencê-lo para que se deixasse ir e chegasse ao orgasmo também. Persuadiu-o de que não lhe faria mal nem a assustaria se era ele o que elegia o ritmo e conseguiu incitá-lo e lhe exigir que começasse a atuar. Afundou-lhe as unhas no traseiro e o empurrou para seu interior.

Finalmente a apertou mais contra seu corpo e começou a penetrá-la com mais força da que ela nunca teria sonhado que gostaria, mas gostava. transformou-se e tinha derrubado umas barreiras profundas com as que outros se chocavam dolorosamente. Ele tinha conseguido as transpassar. Estava entusiasmada e tinha perdido o controle de seu corpo.

Poderia ter feito com ela o que tivesse querido. Amava cada parte dele: a intensidade, a força, o vigor, o tamanho que a investia e fazia estremecer; a energia que se expandia por seu corpo e o grito rouco. Uma descarga de energia que o propulsava…

Amava-o.

Esse pensamento aterrador ressonou em sua cabeça enquanto se ia afastando a explosão dos orgasmos conjuntos. Quando abriu os olhos, estavam um ao lado do outro, exaustos, empapados e sem energia. Ainda tinham os braços e as pernas entrelaçadas.

Ele a olhou à cara e lhe acariciou a bochecha com os dedos.

—Sua pele é incrivelmente suave.

Agarrou-lhe a mão e a beijou em um impulso, enquanto assimilava o que acabava de descobrir. Sentia um prazer e uma dor dilaceradoras ao mesmo tempo.

As palavras lutavam por sair de sua boca mas não podia permiti-lo.

Se acurrucó a seu lado e ocultou a cara contra seu peito. ficaram assim até que os raios do entardecer começaram a crescer e a trocar a uma cor dourada. Lhe apartou o cabelo da cara antes de falar.

—Gosta de sair ao jardim a plantar as Eranthis hyemalis comigo? —perguntou-lhe.

Pilhou-a despreparada.

—Agora?

—Não sei se houver muitas oportunidades de que joguem raízes a estas alturas mas o podemos tentar. claro que sim. Eu não gostaria de ver como se murcham sem nem sequer tentá-lo. Não me parece bem.

Vivi o pensou durante um momento. Que eleição de palavras tão irônica. E não tinha sido intencionado. Podia lê-lo em sua cara. Solo falava de flores. Seu cérebro funcionava dessa maneira. Era totalmente direto. Chamava a tudo por seu nome e uma flor era uma flor.

Não tinha nem idéia das oportunidades que eles dois tinham de jogar raízes. Provavelmente poucas. Mas o ia tentar por todos os meios.

Sentou-se no futón.

—Sim —disse, enquanto ficava a saia—. vamos plantar a estas pequeñinas agora mesmo. merecem-se uma oportunidade.

O que havia entre eles não ia murchar se por não tentá-lo. Era muito bonito e especial para que tivesse um final tão triste e estúpido.

## Capítulo 7

_

Jack esmagou a terra depois de ter colocado os brotos e se levantou.

—Já está. Agora solo podemos esperar e rezar para que saiam.

O sorriso do Vivi o fez sentir estranho e contente de uma vez. Estava carregada de uma energia que crepitava e brilhava como uma fogueira.

—Ensina-me suas outras flores? —perguntou-lhe vacilante—. Margaret me há dito que são preciosas.

—Claro.

Esfregou-se as mãos para tirá-la terra e as olhou. Queria agarrar a da mão mas as tinha muito sujas.

Ela resolveu seu dilema agarrando-lhe a ele.

Dirigiram-se para o rio, através de um claro que havia em um lado da colina. Brilhava com o reflexo do sol do entardecer sobre as flores silvestres que resplandeciam, dançavam e titilavam como chamas. Enquanto Vivi ia a seu lado com a saia que dançava com cada movimento, Jack pensou que era um produto de sua imaginação. Parecia saída de um sonho. Estava tão bonita que fazia machuco à vista: o cabelo lhe caía, ligeiro, sobre os ombros; as bochechas estavam rosadas e os lábios vermelhos; o cinza de seus olhos brilhava. Começou a sentir um calorcillo na entrepierna que lhe anunciou que lhe estava pondo dura outra vez.

Não se tinham tomado banho ainda e se puseram em cima o primeiro que tinham pilhado. Parecia que Vivi tinha pressa por plantar as flores, como se fora a passar algo mau se perdiam o tempo, e não viu razão alguma para não agradá-la.

Seguiu observando-a e comendo-lhe com os olhos, maravilhado. Era oficial. Lhe tinha derretido o cérebro. Nunca antes tinha sonhado com um sexo assim.

depois de ter superado o problema dos medos dela, claro. Apertou a mão que tinha livre em um punho quando pensou no filho de puta de seu ex. Não entendia como um homem era capaz de ferir uma mulher e menos a uma como Vivi. Tão preciosa, enérgica e forte. Com toda probabilidade o tinha assustado muito. Ele deveu desenvolver um complexo de inferioridade tão grande que utilizou a única arma que tinha a seu alcance, seu tamanho. Um clássico. Não é que tivesse desculpa alguma. Pagaria-o. Já se encarregaria ele pessoalmente.

Vivi ficou olhando às árvores e os raios de sol que penetravam entre os ramos e Jack se fixou na curva perfeita de seu pescoço e o ângulo de sua mandíbula. Pouco depois saíram da espessura dos pinheiros para entrar em outro mundo.

A superfície do pequeno vale estava coberta de agulhas de pinheiro, brote e flores de vivas cores. Edna pegou um salto e se preparou para lançar-se sobre um banco da Kniphofia. Vivi a agarrou pelo colar com rapidez e a reteve em seu sítio.

—Disso nada. Você fica aqui. Sente-se!

Escutou-se o ruído de um ramo ao romper-se e Edna se revolveu debaixo da mão do Vivi para sair disparada para o bosque a investigar.

—vamos passear pelos campos de flores. Ensinarei-lhe isso.

Conduziu-a para eles por em meio dos leitos de flores e assinalou.

—Estas são Kniphofia, também se conhecem como tritonas. Os Lilium auratum que estão ao outro lado estão quase preparados. Ali abaixo há papoula oriental e Anthoxanthum odoratum, que é um tipo de grama decorativa. Também há algumas Centaurea cyanus e Stachys bizantina, acianos e lanzudas respectivamente, que cresceram nessa parte. Pode ver aquelas que são brancas e azuis? Essas são Campanula aurita. Campainhas. E ao final de tudo estão as compridas e magras.

Vivi olhava encantada.

—Quem te ensinou a cultivar flores?

Jack duvidou um momento antes de responder.

—Meu tio Freddy —admitiu—. Vivi com ele durante um tempo, até que tive quatorze anos, e ele se dedicava ao cultivo orgânico.

—Flores também?

—Poderia-se chamar assim —respondeu.

Vivi levantou uma sobrancelha.

—O que quer dizer? Cultivava flores ou não?

—Estava especializado no cultivo de cannabis. Vários tipos de maconha muito específicos e muito lucrativos para ele. Durou uma temporada. Era outra época.

—OH —disse Vivi. Parecia surpreendida, mas não excessivamente.

—Os princípios são os mesmos e eu adoro as novelo. Ele sabia lhes proporcionar o que necessitavam.

—OH —disse Vivi de novo.

—Eu prefiro as flores —continuou—. São mais coloridas e supõem menos estresse.

—E seu tio ainda… Bom, não faz falta que me conte nada.

—Não passa nada. Duvido que siga com o negócio. Agora é muito mais perigoso. Teve que sair do país uma noite faz vinte anos mais ou menos e não o tornei a ver. Nem sequer sei se ainda está vivo. Rondaria os setenta agora.

Jack manteve o olhar apartado e acariciou o casulo de uma Campanula aurita. Floresceriam em qualquer momento.

—E isso ocorreu quando tinha quatorze anos?

—Agora tenho trinta e sete, assim ocorreu faz vinte e três anos.

—Estava com ele quando escapou? Houve uma jogada a rede?

Sentiu-se incômodo e logo irritado.

—Sim.

—Que horror. E o que passou contigo?

Caminhou para as papoulas que se balançavam com o vento.
—Não me passou nada.
—Mas se esfumou e já está? —insistiu Vivi enquanto o seguia.
—Agora estou bem. Deixemos o tema.
—Perdoa. Não é minha coisa.
Mierda. sentiu-se fatal, mas não queria falar do assunto. Era um gilipollas por havê-lo tirado e ter estragado o bom humor que reinava.
Escutou-se um latido pedindo ajuda desde detrás das árvores e Vivi se lançou com rapidez por entre os leitos de flores para a espessura dos pinheiros. Jack a alcançou quando entravam no bosque. A cadela se queixava e se arranhava o focinho.
Vivi a agarrou do colar e se ajoelhou. Tentou mantê-la quieta porque estava alterada.
—Tranqüila, garota —a acalmou—. OH, Deus.
Edna tinha puas de puercoespín cravadas pelo nariz e o focinho. Como se fossem uns bigodes largos que apontavam a todos lados. Jack também se agachou e agarrou a cabeça da cadela com as mãos para examiná-la.
—Solo são doze. Vi coisas piores.
Vivi se mordeu o lábio e começou a procurar mais pontas agudas pelo lombo.
—Vamos a casa —sugeriu Jack—. Ali tenho tesouras e alicate.
—Não quero te incomodar com isto —murmurou Vivi sem olhá-lo aos olhos—. Também tenho alicate em meu joalheiro. Posso me encarregar disso.
—Sério?
Edna partia entre os dois, com a cauda baixa, através do bosque. A camaradagem que tinha havido antes entre eles e essa alegria fugidia e perfeita tinham desaparecido. Jack desejou descobrir o que tinha que fazer para mantê-la; aquilo era um mistério sem resolver para ele.
Quando chegaram à casa as conduziu ao salão e tirou as ferramentas. ajoelhou-se a seu lado no chão.
—Sujeita a.
Vivi imobilizou à cadela com firmeza enquanto ele cortava as pontas das puas e Edna emitia gemidos agudos do fundo da garganta.
—por que faz isso? —perguntou-lhe.
—Em teoria, se curtas a ponta das puas deixam de fazer vazio e dói menos ao as tirar —explicou.
Vivi pestanejou e tragou saliva com força.
—Ah —sussurrou.
Apertaram os dentes e procederam com a tão pouco agradável tarefa. Não lhes levou muito tempo tirar todas as puas, mas lhes pareceu uma eternidade. Vivi fazia uma careta com cada gemido agudo e cada puxão, embora não parou em nenhum momento de sussurrar palavras de ânimo.
Jack tentou fazê-lo-o mais rápido que pôde e respirou aliviado ao terminar. deixou-se cair para trás apoiando-se em um lado do sofá. Frouxo como um peluche. Infligir dor a um animal inocente era algo horrível, embora fora por seu bem. Menos mal que trabalhava com novelo.
Edna se enrolou no regaço do Vivi, ainda tremendo. A proprietária estava dobrada para diante, com a cara escondida no lombo dourado do animal.
Tinham-no deixado sozinho, com lembranças que não paravam de voltar, extrañamente claros e nítidos, lhe ocupando toda a mente.
Uma noite de junho seu tio Freddy o olhou com cara de louco e, com um tapinha nas costas, disse-lhe:
—Sinto muito, menino. Tenho-me que ir correndo. Acabam de prender o Pete e é tão parvo que seguro que me delata. Tenho que abandonar o país.
Jack sentiu um nó no estômago.
—aonde vai?

—Não te vou dizer onde. Assim estará mais seguro aqui. —Pô-lhe um punhado de bilhetes sujos e gastos nas mãos exangues—. Toma, me teria gostado que fora mais mas é tudo o que posso te dar.

—Não posso ir contigo?

—Oxalá pudesse te levar comigo, Jackie, mas não tem passaporte. Mierda, não acredito nem que tenha certidão de nascimento. vou ser um delinqüente, sabe? Não posso me fazer carrego de um menino. Tenta passar desapercebido e não lhe diga nada a ninguém, vale?

—Claro —disse com amargura enquanto se metia o dinheiro no bolso.

—Teria que ter planejado o que fazer se ocorria isto mas o negócio ia tão bem que me confiei. —Freddy agarrou ao Jack dos ombros com seus manazas sujas de trabalhar com a terra—. me Deixe que te dê um conselho: é melhor que te mantenha afastado da polícia e dos serviços sociais. te jogue à rua e busca lhe os feijões. É preferível a entrar no sistema.

—Como tem feito você? —murmurou.

—Né, não ponha em meu contrário. Vamos, a cabeça bem alta. Quantos anos tem, dezesseis? Dezessete? Não terá nenhum problema. Manterá a flutuação.

—Tenho quatorze anos —lhe corrigiu Jack sem deixar ver suas emoções.

—Quatorze? Joder, guri. Pensava que foi mais maior. —Freddy se arranhou a barba; parecia molesto porque não o fora—. Tem o número da Tavia no frigorífico e sua mãe… Onde está sua mãe?

—Em um ashram. Na Índia —lhe recordou.

—Ah, sim. O ashram. Mierda, imagino que é melhor que o tente com a primeiro Tavia, menino. Ah, e sempre pode chamar à senhora Margaret Moffat. Sua mãe, Tavia e eu ficamos com ela todo um verão quando fomos pequenos, no Silverfish. Meu pai estava trabalhando no carnaval e minha mãe teve que ir ao hospital para curar-se de tuberculosis, assim que nos acolheu um par de meses. É uma mulher muito agradável. Fazia umas bolachas estupendas. Chama-a se não ter onde ir mas tenta localizar a primeiro Tavia.

Jack ficou olhando-os pés, com a boca temblona. O tio Freddy lhe revolveu o cabelo.

—Sinto muito, Jackie. Mas já sabe como vai isto.

—Já —respondeu Jack. Sabia perfeitamente. Melhor que ninguém.

Depois de observá-lo enquanto fazia a mala e receber um abraço forte e suado, Jack viu do caminho da entrada à casa como as luzes dos faróis do carro do Freddy desapareciam na escuridão.

Tentou chamar os Anjos para falar com a tia Tavia. Um homem respondeu ao telefone e lhe disse que fazia meses que se foi e não sabia onde estava. Alguém lhe havia dito que se foi a Baixa mas não estava seguro, também podia estar no Boulder ou Bali. depois de lhe dar essas notícias lhe disse que soava estresado e que deveria praticar o «deixar-se levar».

O «aferrar-se às coisas» era a causa de todo o sofrimento na vida. De fato, se Jack lhe dizia o dia e a hora de seu nascimento, estaria encantado de lhe proporcionar, por um pouco de dinheiro, um mantra feito a medida para que alcançasse a serenidade do «desarraigo» e também…

Jack lhe pendurou. Agarrou um sobre opaco da porta do frigorífico e marcou a série larga de números que havia ali escritos com a intenção de chamar o ashram.

O tio que respondeu sozinho falava hindi e algo que se parecia com o alemão. Jack tentou entender-se com ele durante um momento e logo lhe pendurou também.

ficou olhando ao telefone sem saber o que fazer. Ao final, voltou-o a agarrar para chamar o serviço de informação do Silverfish e perguntar pela Margaret Moffat.

—Há um M. Moffat no Silverfish. Quer que te dê o número?

—Sim, por favor.

Apontou-o, dobrou o papel e o meteu no bolso dos jeans.

Não tinha nem idéia do que ia fazer. Perambulou pela casa vazia enquanto se fazia de noite. A calma o aterrorizava. perguntou-se quando chegaria a polícia e o que aconteceria o encontravam ali.

Com o alvorada, encheu a mochila com tudo o que podia levar, atou-lhe uma manta enrolada por cima e se dirigiu ao bosque.

—… bem?

Apartou as lembranças de sua mente quando viu a cara do Vivi perto da sua e preocupação em seus olhos cinzas. Estava-lhe dando tapinhas no ombro.

Vivi voltou a tentá-lo e falou mais alto.

—Está bem, Jack?

Centrou-se nas sardas desenhadas em seu nariz, pequena e perfeita. Como uma constelação de estrelas.

—Né, sim —disse com lentidão—. O sinto, fiquei-me ensimismado em minhas coisas um momento.

Tocou-lhe a bochecha com os nódulos em uma carícia tímida e delicada.

—Estou segura de que não eram muito agradáveis. tornaste a pôr essa cara.

Voltou a recuperar a lucidez, envergonhado.

—Que cara?

—De tristeza. —Foi sua simples resposta—. Quer um chá?

—Café —disse enquanto se levantava—. O chá eu não gosto. Sente-se. Fica com a cadela. Já o faço eu.

—Não, vou eu. —Voltou-o a sentar—. É quão mínimo posso fazer. Obrigado por sua ajuda. Teria sido muito pior se o tivesse tido que fazer eu sozinha.

—Não foi nada —murmurou.

—Para a Edna e para mim sim.

Seu sorriso era tão cálida e luminosa. Queria enrolar-se ao redor dela. Seguiu ao Vivi até a cozinha, solo para não separar-se dela. Aproveitou cada ocasião que pôde para tocá-la, lhe roubar uma carícia e lhe cheirar o cabelo enquanto terminava de ferver o café.

Quando acabaram e o café estava servido, sentaram-se à mesa, um em frente do outro. Jack estirou o braço e lhe agarrou a mão. Tinham alcançado outro momento de calma e o ia aproveitar todo o tempo que durasse.

—Sinto o que disse em…

—Não siga —o interrompeu Vivi—. Já te desculpou a última vez que me insultou e a vez anterior. Volta-o a fazer cada vez que sob o guarda. Ponhamos uma regra. Nem insultos nem desculpas, vale?

—Não o entendeste. Nunca te insultei.

—Ah, não? Como me foste insultar para mim? O bombom neohippie itinerante.

Jack esteve a ponto de cuspir o café sem querer.

—Isso não conta —protestou—. Me pilhou por surpresa e com a camiseta molhada, nem mais nem menos.

—E?

Olhou-o por cima da taça com olhos cintilantes.

—Me dê uma pausa! Estava ali, totalmente molhada no meio do bosque e a camiseta te marcava os mamilos. Parecia a garota do póster central da Penthouse ou algo assim.

—Não era culpa minha que estivesse chovendo. Parecia-me mais a uma montanha de barro.

—Claro, e tampouco é culpa minha que tudo o sangue de meu corpo se concentrasse em minha franga. Como pode esperar que seja racional quando uma mulher tão preciosa aparece de improviso e me ameaça com uma chave de rodas?

Vivi levantou as sobrancelhas.

—Não me diga que a chave te põe.

—Direi-te o que me põe. Uma mulher orgulhosa, bonita e auto-suficiente que não aceita ordens de ninguém. Isso é o que me volta louco.

Vivi baixou o olhar mas estava sonriendo.

—Nunca te insultei —continuou Jack—. Fiz uma valoração racional da situação segundo a informação que tinha recolhido. Você lhe tomou como um insulto mas não pretendia te julgar.

—Pois estava equivocado. Sua valoração não foi a correta.

—Eu acredito que não me equivoquei. Tenho experiência nestas coisas.

—Não sei com quem terá estado praticando, mas certamente não sou eu. vamos deixar de falar do tema ou voltaremos a danificar o momento.

Tentou retirar a mão mas ele a reteve.

—Isso não é pelo que me estava desculpando —confessou—. Referia a quando estávamos fora, no campo de flores, e me perguntaste por meu tio. Pôde-me a tensão e fechei a ti.

Jack suspirou lenta e controladamente, tentando relaxar o estômago.

O olhar do Vivi se abrandou. Deixou o café sobre a mesa e se aproximou dele.

—Tinha minhas razões para te perguntar sobre a jogada a rede.

—Ah!, sim? —replicou ele com cautela—. Que razões?

—Perguntava-me se for algo que temos em comum. Também vivi uma grande jogada a rede de drogas quando era menina.

ficou olhando-a com a boca aberta, como um parvo.

—Quem? Você?

—Sim, eu, e foi uma mierda. Como você mesmo pôde comprovar.

—Mas você não…

Rompeu-se os miolos tentando lembrar-se dos detalhes que lhe tinha dado Duncan sobre seus antecedentes. Nobreza italiana e obras de arte de valor incalculável mescladas com uma jogada a rede de drogas? Mas que coño era essa história? Não entendia nada.

—Minhas duas irmãs e eu somos adotadas —o informou respondendo a seu silêncio confuso —. Lucia acolheu. Eu tinha onze anos e tubo muita sorte. Nancy e Nell eram um pouco mais maiores, assim tiveram que sofrer um pouco mais até que encontraram a Lucia. me tocou a loteria com o primeiro lar ao que me enviaram. Lucia era incrível e além no pacote entravam duas irmãs que são a bomba. São as melhores.

—E antes?

Lhe nublou o semblante.

—Bom, antes… Minha mãe era uma viciada e os homens com os que saía sempre eram camelos.

—Mierda —murmurou.

—Utilizavam-me para que vigiasse e às vezes para que fizesse as entregas também.

—Não me jodas! —exclamou espantado—. Quantos anos tinha?

Encolheu-se de ombros.

—Oito ou nove. Faziam-me dois coletitas vermelhas e com as sardas e os volantes, quem ia se imaginar o que levava em minha mochila do Winnie the Pooh? Eu gostei durante um tempo. Me fazia me sentir importante, adulta e útil.

—Utilizada —a corrigiu com dureza—. Te podia ter acontecido algo. Uma menina pequena para entregar drogas? É uma loucura.

Fez um gesto para acabar com aqueles pensamentos.

—Enfim, de todas maneiras, tudo se desmoronou quando houve um tiroteio. O noivo de minha mãe, Randy, morreu durante a jogada a rede e a minha mãe a meteram no cárcere.

Jack fez uma careta.

—Me diga que não estava ali quando passou.

—Não estava —lhe assegurou—. Me pilhou no colégio e não chorei pelo Randy. Era um zero à esquerda. Foi ele quem me fez esta tatuagem. —Levantou a boneca para lhe ensinar a tatuagem do arame desta espinheiro era sua idéia de uma brincadeira.

ficou olhando a tatuagem imprecisa e apagada enquanto a raiva lhe corria pelas veias.

—O único que te posso dizer é que a lista de gente que quero despedaçar e fazer mingau por

ti vai crescendo.

—Obrigado, mas isto já passou à história. O que é o que aconteceu durante a jogada a rede em que você esteve? Também acabou sob a tutela dos serviços de amparo ao menor?

Negou com a cabeça.

—Não. Larguei-me.

Vivi ficou com os olhos muito abertos.

—Sozinho? Com quatorze anos? Do que vivia?

Duvidou um momento antes de responder.

—Pelo que podia. O que aconteceu com sua mãe? Saiu do cárcere?

Vivi fez um gesto de negação.

—Não. Morreu de uma overdose quando ainda estava na prisão, uns oito meses depois de entrar.

Encolheu-se, como se lhe tivessem dado um murro. O tinha merecido por tentar distrai-la para não lhe contar o que lhe tinha passado a ele.

—Sinto-o —disse com impotência.

Vivi olhava a taça de café com atenção.

—Foi faz muito tempo e a sorte que tive com minha segunda família compensou a desgraça da primeira. Assim estou bem. Pode te relaxar, Jack.

ficaram escutando o som que fazia o vento entre as árvores do exterior. Jack pôs sua mão sobre a flor que tinha tatuada no peito.

—É a combinação perfeita entre força e boa atitude.

Vivi se ruborizou.

—Tornaste-o a fazer, Jack. tornaste a dizê-lo tudo bem.

—funcionou? Quer voltar a me agarrar?

Um sorriso secreto e devastador o deslumbrou. Ela se levantou, rodeou a mesa, sentou-se sobre suas pernas e o abraçou.

Ele correspondeu ao gesto. ficou-se sem palavras. Lhe havia posto dura como uma pedra sob o peso de seu culo mas não era sozinho isso. Não podia acreditar-se que estivesse ali, rodeando-o e sustentando-o. Era tão bonita, tão especial e brilhava de tal maneira. Como um unicórnio que lhe tivesse apoiado a cabeça sobre o regaço e o tivesse deixado maravilhado e sem fôlego. E tão brincalhão que não lhe chegava o ar aos pulmões.

Ela suspirou quando se levantou e a levou em seus braços pelas escadas que subiam à habitação.

—Jack! O que crie que está fazendo?

—Tomar o leme. Pára de rir e te coloque no papel.

—A suas ordens, meu herói —deixou escapar ela entre risadas—. Faz o que queira comigo, meu feroz amante valente. Que tal o faço?

—Comigo funciona.

Abriu a porta de sua habitação com o pé e a baixou ao chão. ficaram um frente ao outro; respiravam com força. Vivi tinha a cara rosada e os olhos lhe brilhavam. Jack se tirou a camisa e Vivi se desfez da camiseta que levava para seguir seus passos. Ele se abriu o cinturão e se desabotoou os jeans. Ela se desatou os laços da saia, deixando-a cair aos tornozelos. Era tão bonita que o desfazia por completo.

—Date a volta —lhe disse com voz grave—. me Deixe que te veja o culo.

Seguiu suas ordens. Ele ficou detrás dela e se ajoelhou, baixou as mãos acariciando as costelas e a cintura e lhe agarrou os quadris.

Pôs os lábios sobre a tatuagem do manda-a que tinha na parte baixa das costas.

—Qual é a história deste?

—OH. —agitou-se quando o chupou e lhe pôs a mão entre as pernas—. Foi uma tatuagem para celebrar quando me escapei das garras do Bri…, do ex do que te falei antes. Chamei a meu

amigo Rafael o dia no que a gota encheu o copo e passou a me recolher com sua caminhonete, a que levo eu agora. Fomos à primeira feira de artesanato em que colaborei, ao norte do estado de Nova Iorque. Foi um bom dia, vendi um montão de jóias. depois da feira, nos fomos celebrar o com alitas de frango e cerveja, além disso da tatuagem. Rafael se tatuou um dragão no culo, se não recordar mau. Eu não atrevi a tanto.

Deu-lhe a volta para ter a de frente e os olhos ficaram ao nível das curvas e as dobras das virilhas. Chegou-lhe um aroma quente e embriagador de seu sexo que sua franga apreciou enormemente. ficou a mão dela no ombro para que pudesse manter o equilíbrio e lhe levantou o delicado pé. Ela se balançou entre risitas enquanto lhe tocava a lua crescente que tinha tatuada na impigem.

—E a história deste?

—Não há nada que contar sobre este —admitiu—. Me pareceu bonito.

—E o é.

Todos eles o eram. Adornos que ressaltavam sua vívida beleza. Até o arame de espinheiro que tinha tatuado ao redor da boneca tinha sua própria elegância.

Levantou o olhar para observar sua cara rosada, as pupilas dilatadas e cada centímetro de seu corpo, doce e perfeito. Seu coño me sobressaía por fora dos lábios, brilhante e vermelho.

—Esta vista é incrível —murmurou.

ficou de pé e se voltou a colocar detrás do Vivi. A franga me chocava contra as coxas dela. Deslizou as mãos ao redor de seu corpo, agarrou-a pela cintura e logo continuou para baixo até as colocar entre suas pernas. Tinha entre os dedos a abertura de seu sexo molhado.

—Quero follarte desde atrás. Seria um problema?

Notou como a percorria um leve tremor mas não sabia se era de medo ou de desejo. Ele a acariciou e beijou à espera de que lhe desse uma resposta sincera. Passaram uns minutos até que Vivi começou a fazer ruídos de prazer com a garganta e a retorcer-se. As mãos do Jack se voltaram mais audazes.

—Está bem —sussurrou Vivi ao final.

Soltou-a e deu um passo atrás.

—Demonstre-me isso.

Girou a cabeça e o olhou sentida saudades.

—Que te demonstre o que?

—Que está bem —respondeu Jack, e esperou.

Voltou a funcionar, como antes. Vivi pensou nisso durante um momento com o lábio cheio e rosado apertado entre os dentes.

A seguir ergueu as costas, jogou-se o cabelo para trás e caminhou até a cama. tomou seu tempo. Logo subiu e ficou a quatro patas, lhe mostrando o culo perfeito. Olhou para trás, dirigiu-lhe um sorriso e abriu as coxas enquanto ondulava.

—Convenci-te? —ronronou.

Não se incomodou em responder. Tomou posição em uns segundos, com a camisinha já colocada em seu lugar. Seus dedos desfrutavam de sua pele perfeita, os músculos flexíveis e suas curvas delicadas. Acariciou-lhe as sombras secretas do coño enquanto lhe beijava o manda-a e jogava com o clitóris excitado.

Ela se retorcia e gemia, molhada e quente, mas ele esperou um pouco mais. O abraço forte e quente de sua vagina era uma tortura doce para seu verga. aferrou-se a ele, seu coño avermelhado e cheio, como um beijo saboroso que o absorvia. Deixou que ela se tornasse para trás para penetrá-la mais profundamente, um pouco mais cada vez, até que a colocou até o fundo. Passaram uns minutos de ofegos e gemidos nos que lhe percorreu a mão pelas costas, acariciou-a e a chupou enquanto trabalhava no clitóris. Ela começou a ronronar e pressionava contra ele para lhe pedir que se movesse.

Sim. Agora estava preparada.

Empurrou, hipnotizado pela visão dos lábios rosas e brilhantes de seu sexo enganchados a seu mastro. retirou-se, brilhava, e voltou a inundar uma e outra vez. Vivi se abandonava sob as carícias que o fazia com esse conhecimento sutil e intuitivo que não tinha descoberto até fazer o amor com ela. Agora que o tinha feito, estava enganchado. A vida seria tão insípida e aborrecida sem ela.

Dar-se conta desse fato foi como se o esfaqueassem. Suas mãos a agarraram pelos quadris com mais força e algo se partiu em seu interior.

Perdeu o controle e a penetrou com a energia de toda uma vida de necessidades insatisfeitas. Tinha esperado todo esse tempo para encontrar o momento cegador no que deixar de pensar, de sentir e de temer.

Essa sensação o golpeou e explorou até fazer o vazio.

Quando voltou para a consciencia, ela não parava de rebolar debaixo dele, sobre a colcha, e lhe dava golpes nos tornozelos.

—Te jogue a um lado —disse com aspereza—. Não posso respirar.

Apartou-se e ela se sentou sobre a cama, com os olhos bem abertos.

—foi… intenso —disse em voz baixa.

—Sinto muito. Tenho-te feito mal?

—um pouco. Era muito excitante e também me corri, é obvio. Sempre faz que o consiga, mas estava em outra parte. Ao final me hei sentido… sozinha.

Não sabia o que dizer. Sentiu seu retraimento como um golpe de vento frio. Ele tentou tocá-la, mas ela se voltou a apartar e sua mão ficou no ar.

—Sinto-o —disse Jack com impotência—. te Coloque na cama —lhe suplicou—. Espera um momento enquanto me Quito esta coisa.

—Vale.

Vivi não se moveu. Jack esperou até que ela abriu os olhos, engatinhou pela cama e se meteu entre os lençóis.

—Verdade que não vai? —perguntou-lhe—. Me promete isso?

—Não vou a nenhum sítio. Prometo-lhe isso.

Alisou a colcha por cima dela. ficou avermelhado. Tinha medo de que desaparecesse de sua vida. Era das que foram de um sítio a outro.

—quanto antes vá antes voltará —disse Vivi.

Jack se olhou no espelho do banho enquanto se apoiava no lavabo. Abriu a água fria e se salpicou a cara para tentar pensar com claridade. Deixou de tentá-lo depois de cinco segundos. Era incapaz.

O único no que podia pensar era que queria follar com ela outra vez. Tomá-la entre seus braços, envolvê-la com seu corpo e enganchar-se de tal maneira que não se pudessem separar.

Secou-se a cara e agarrou o pequeno cesto de papéis que havia debaixo do lavabo. Era uma tolice ter que estar indo e vindo cada vez.

Seguia ali quando voltou para a habitação. Abriu os lençóis para que entrasse. Ele entrou e a abraçou.

As facções da cara do Vivi se suavizaram e ficou a sorrir. O nó que Jack sentia no peito se soltou. Ao princípio, como um automatismo, lutou contra essa sensação mas logo se agarrou a ela com uma sensação de segurança.

Colocou-a de maneira que sua cabeça estivesse apoiada em seu ombro, o braço sobre seu peito e a perna por cima. Acariciou-lhe as costas e notou como lhe pulsava o coração sob a mão até que dormiu.

Era tão suave. ficou olhando as mechas de cabelo vermelho que lhe faziam cócegas no nariz e no queixo e os ombros estreitos. adorava seu aroma e sentir a calidez úmida de seu fôlego contra a pele. Memorizou a curva da coluna vertebral. Se se concentrava nos detalhes e punha a mente em branco era capaz de manter a emoção que vibrava em seu interior, como um instrumento cujas

cordas tivessem esticado muito. A uma parte de gostaria de voltá-lo para esconder na escura esquina de onde tinha saído mas seguia soando em seu interior frágil ao mesmo tempo que tenaz. agarrou-se a essa emoção e ficou a contar as respirações do Vivi para poder manter seus pensamentos a raia.

Satisfação? Não. Não gostava daquela palavra. familiarizou-se muito com ela. Estava satisfeito com sua casa, com seu trabalho. considerava-se afortunado porque podia passar os dias entre o aroma da terra e a chuva, sob o sol entre as flores. Isso era a satisfação, mas este sentimento era novo e demorou uma hora larga e silenciosa antes de poder etiquetá-lo: sentia-se feliz.

detrás de semelhante palavra se abriram portas em sua mente que tinham estado fechadas durante anos. Como quando partiu Randy. Jack tinha oito anos. Deborah, que sempre insistia em que a chamasse assim em vez de mamãe, disse-lhe que Randy se teve que ir encontrar-se a si mesmo.

—Necessito espaço —recordava que havia dito gritando. Também recordou ter pensado que era uma tolice. Estavam no deserto do Oregón. Havia tanto espaço que dava medo.

Mas Randy necessitava mais. Recolheu seu tipi, atirou-o dentro da caminhonete e partiu. Jack recordava haver ficado ali de pé, perplexo, enquanto via como o caminhão do Randy se ia fazendo cada vez mais pequeno. Jack se perguntava se Randy era seu pai mas Deborah nunca o chegou a confirmar.

Durante um tempo ficaram com o Jim e Consola, no vale da Yakima, até que Deborah conheceu o Manuel e se transladaram à caravana que ele tinha nos hortas de pêssegos. Ensinou-lhe espanhol, a brigar e como trocar o azeite do motor, mas teve problemas com as autoridades porque não tinha o visto como deve ser e voltou para o México. Posteriormente, Deborah decidiu que tinha que seguir os mandatos de seu coração e ir-se ao México também.

—Te vais ficar com a Tavia —disse a um Jack totalmente alterado.

—Mas por que não posso ir contigo?

—OH, carinho, é complicado. Mas te escreverei um montão de cartas e virei a te buscar muito em breve. A tia Tavia te vai encantar. Em sua comuna há muitos meninos, um charco onde poderá nadar, uma casa em uma árvore e um montão de coisas mais.

E lá que se foi, à comuna onde vivia Tavia, perto da Olimpia. Recebeu as cartas mas a freqüência se foi espaçando. Já quase se acostumou quando Tavia se apaixonou pelo Mick, um tio do Oakland, e decidiu ir-se viver com ele a Califórnia. Mas Mick não queria que Jack fora com eles.

—Isto da família não vai comigo —disse Mick com firmeza.

Assim que o mandaram a viver com o tio Freddy ao sul do Oregón. Ao mesmo tempo, Deborah tinha quebrado com o Manuel porque estava «muito comprometido em sua cultura», dizia a carta, e tinha decidido ir à a Índia para aprender ioga com um gurú, «esclarecer seus pensamentos e encontrar-se a si mesmo». Pouco depois, Tavia rompeu com o Mick, foi do Oakland e se transladou aos Anjos para viver com seu novo amante, Mike.

Ao Jack custou levar bem tudo o que tinha passado mas lhe caía bem o tio Freddy, que era aprazível e benevolente. Gostava do jardim, a granja e as montanhas. permitiu-se começar a pensar que aquele lugar era seu lar quando chegou a jogada a rede. Era a época que mais odiava recordar. Fazia anos que não tinha pensado nisso. ficou olhando a tatuagem do arame de espinheiro da boneca do Vivi. Percorreu-o com a ponta dos dedos e se deu conta de que ela tinha os olhos abertos e o estudava com o olhar.

Lhe pôs em cima e pregou os braços em cima de seu peito. Interrogava-o com os olhos. Queria falar e isso o aterrava. Muita realidade poderia aniquilar o que sentia. Mas mesmo assim queria conhecê-la. Sua história, seus sonhos, suas esperanças, seus planos.

Não. Pensando-o bem, pode que preferisse não conhecer seus planos.

## Capítulo 8

_

Vivi se sentia tão relaxada ali atirada em cima de Jack. Parecia que seu corpo não se cansava de estar em contato com o dele.

—Não crie que deveríamos falar? —perguntou Vivi.

—Deveríamos, embora não me sinto capaz de dizer grande coisa.

—Hum.

Ela se moveu e lhe roçou o peito com as tetas e a coxa com a virilha. Lhe pôs dura sob seu contato. Estava preparado para outro assalto. Este homem era incansável.

—Espera um momento. Deveríamos falar antes de fazê-lo outra vez. Isto é muito fácil!

—E o que tem que mau com que seja fácil? —Jack mediu a superfície da cama para encontrar as camisinhas e tirar um deles de seu pacote—. Podemos falar enquanto estou dentro de ti, nada nos impede isso.

—Claro, como se pudesse falar enquanto um portento sexual de cem quilogramas como você me está cravando à cama com essa coisa enorme que tem entre as pernas e tenho um orgasmo atrás de outro. Seguro.

—Considera-o como uma provocação —sugeriu enquanto recubría a franga com a camisinha—. Não me moverei. Solo quero estar dentro de ti. Por favor.

Acoplou-se a ela e a olhou aos olhos durante todo o percurso, comprido e apertado, do corpo do Vivi deslizando-se por seu verga até alcançar seu testículo. A manga se acomodou em seu interior como uma luva. Ela se ruborizou do peito para cima e começou a mover-se. Não podia controlar-se. Miúdo bode manipulador. Sabia perfeitamente que queria mais e mais dele.

Haveria-se sentido envergonhada se não tivesse estado muito ocupada chegando ao orgasmo. Jogou os lençóis para trás e o cavalgou; as costas arqueada, ofegando. Jack lhe acariciou as tetas, agarrou-a, jogou com seus clitóris até que paralisou sobre ele enquanto a percorriam espasmos de prazer.

Depois, Vivi se apoiou nos cotovelos para levantar-se. Ainda estava atordoada pelos resíduos de prazer que sentia mas se deu conta de que ele ainda estava duro, enorme e quente dentro dela e que seguia olhando-a aos olhos.

—Né, Jack? —aventurou—. E você, o que?

—Eu o que? Estou bem. Não queria que falássemos?

—Mas… não te quer correr?

Um rápido sorriso apareceu no rosto dele.

—Posso esperar. Não se preocupe. Quero ficar dentro de ti para toda a vida. Minha franga está muito a gustito. Gostaria de viver aí para sempre.

Vivi afogou sua risada contra o arbusto de cabelo sedosa e escura que lhe cobria o peito.

—Se você o disser.

Os músculos de sua vagina se contraíram e vibraram ao redor do pênis do Jack. Tentou recompor-se para lançar-se a falar.

—Perguntava-me… se você gostaria de me acompanhar ao Pebble River como sugeriu Margaret. Para procurar um local de aluguel para minha loja.

A cara do Jack se endureceu.

—Já sabe o que penso sobre essa idéia.

—É o que tenho planejado fazer. Já sei que pensa que minha vida está na estrada, mas esse foi um caminho que tive que tomar. Não o escolhi eu.

—Por favor, não faça promessas que não pode manter.

Ela suspirou, frustrada.

—Não te estou prometendo nada. Somente te estou contando meus planos. por que te nega a me escutar, Jack?

Jack meneou a cabeça.

—Duncan me vai matar se te deixo fazê-lo.

Ela levantou os ombros.

—Duncan não toma as decisões por mim! Estou virtualmente sem branca e não posso seguir me escondendo para sempre.

Ele deixou escapar um sonoro suspiro.

—Já o vejo.

Vivi voltou a tentá-lo.

—Não pode negar que há algo entre nós —disse com resolução—. Já não.

—Não quero dizer isso. Solo digo que vivamos o presente em vez de planejar o futuro. Se o fizermos…

Sua voz se foi apagando.

—Desaparecerá? —terminou ela.

Solo obteve silêncio como resposta. Voltou a apoiar-se sobre o peito do Jack e sentiu o movimento e o pulso de seu verga, o que lhe recordou que ainda seguia dentro dela.

—Assim não podemos falar do futuro? Do que podemos falar então?

—Do passado. me conte as coisas que lhe aconteceram na vida.

Soprou para apartar uma mecha de cabelo de diante dos olhos.

—Esse tema abrange muito. Importaria-te ser um pouco mais específico?

—Me conte como te converteu em artista —lhe sugeriu.

—Bom. Custou-me bastante chegar a consegui-lo. Lucia gastou muito tempo e esforços em me converter em uma pessoa civilizada. Eu de menina era um pouco selvagem, embora a quis muitíssimo desde que a conheci. Era hiperactiva, tinha muito gênio e não me calava nenhuma. Minhas notas não eram muito boas e tinha problemas para controlar meus impulsos. Brigava muito.

—Não me surpreende.

Ela ignorou o comentário.

—Lucia estava teimada em fazer de mim uma pessoa respeitável. Queria que me dedicasse a estudar algo com o que pudesse ganhar muito dinheiro e assim poder me converter em um dos pilares da comunidade. Ela adorava a arte, mas o clássico. Não entendia o experimental, que não segue as normas. Passamo-nos muitíssimo tempo discutindo.

—E ganhou?

Vivi se enrolou o cabelo no dedo.

—Ao princípio não. Comprometi-me a estudar desenho gráfico. Tentei-o com todas minhas forças, mas era infeliz e as notas que tirava eram uma mierda. Ao final terminei perdendo a beca que tinha e Lucia se zangou muito comigo.

—E o que fez?

Encolheu-se de ombros.

—Pu-me a servir mesas, em um bar. Também trabalhei como mensageira em bicicleta. Com esses trabajillos consegui economizar o suficiente para voltar a entrar na escola de arte e fui pagando semestre a semestre. Também sobrevivi durante um par de anos indo nas inaugurações das galerias.

Olhou-a surpreso.

—Mas como?

—estiveste alguma vez em uma dessas inaugurações das galerias de arte onde servem vinho e queijo? Em Nova Iorque se pode ir a uma diferente cada noite se souber onde te informar. Queijo, torradas, uvas, morangos, tartaletas, folhados, etcétera. Estão muito bem se não ter dinheiro para gastar no supermercado.

Removeu-se, incômodo.

—Tão desesperada estava?

—Sonha pior do que era em realidade. Pude ver muita arte e isso me veio muito bem. Logo conheci dono de uma das galerias, Brian. Assinei um contrato com ele e começou a vender minhas obras. Essa foi a época de mais êxito de minha carreira.

Jack levantou a cabeça.

—Brian? Esse é o porco de seu ex, não?

Vivi ficou muito quieta em cima dele.

—Ah… e se o fora?

—Brian Wilder, não? —perguntou devagar—. O dono das galerias Wilder no SoHo.

ficou estupefata.

—E como demônios sabe você isso?

—Vivemos na era da informação —disse com fingida inocência—. Não deveria ser muito difícil saber onde vive esse filho de puta.

—Nem te ocorra! —Sentiu pânico ante a idéia de que esses resíduos tóxicos que vinham de seu passado pudessem poluir a relação brilhante e delicada que tinha com o Jack—. Nem o pense! Não te aproxime dele. prometa-me isso.

Lhe acariciou as costas.

—Shhh. Não se preocupe.

Olhou-o muito pouco convencida.

—Se puser em contato com o Brian lhe Mato. Despedaçarei-te e te venderei como peças de reposição.

Lhe apertou o culo fazendo que sua franga lhe chegasse mais dentro para lhe recordar quem era o homem e que não houvesse dúvida.

—Ouvi-te —a tranqüilizou—. Assim que esse gilipollas começou a vender suas obras. E depois o que aconteceu? Que tipo de obras eram?

—Conheci-o durante meu período de arame de espinheiro e garrafas de cerveja roda.

Pôs cara de surpresa.

—Seu o que?

—Naquela época era uma rebelde —lhe explicou Vivi—. Me sentia apanhada por minha infância trágica. Estava muito zangada com minha mãe biológica por ter entrado na prisão e haver-se suicidado. Zangada com a Lucia porque tentava me controlar, etcétera, etcétera. Também bebia muito café e o usei tudo para criar minha obra.

—Entendo.

Podia notar a cautela em sua voz.

—Enfim. Brian me descobriu, poderíamos dizê-lo assim —continuou—. Decidiu me polir e me pôr à altura do mercado.

—E lhes ataram.

Agarrou-lhe um peito com a mão.

—Sim —disse ela em um fio de voz—. Foi um desastre. A todos os níveis, não só o pessoal.

—O que aconteceu?

Jack começou a mover a pélvis contra ela de maneira que seu osso púbico me chocava com o clitóris dela em movimentos lentos e circulares. Ela se apoiou em seu peito para sentar-se direita em cima dele e o olhou de acima.

—Não me distraia —o repreendeu—. Está fazendo armadilhas.

Jack voltou a elevar a pélvis e a fez ondular em cima dele.

—Sinto muito. É tão sexy que não me dou conta —murmurou—. E então?

—O que passou é que descobri que era um vampiro da arte, além de um gilipollas malicioso. Quão único queria era me converter em uma pulseira zombi com a que ganhar dinheiro.

—Já entendo.

—E, bom…, não pude fazê-lo. Tentei-o mas não podia produzir nada e ele se zangava muito.

Do resto… já está à corrente.

—Sim, assim é.

Olhou-a à cara e viu que a tinha tinta. A franga que tinha dentro dela e que entrava e saía era impossível de resistir. Agarrou-a com força enquanto empurrava para cima. Ela ofegava e se mordia o lábio.

—Destrocei-o isso o escritório —disse sem fôlego—. depois da última vez que…, bom, já sabe. Estava tão zangada que me voltei um pouco louca. Não estava em meus cabais. Acredito que chateei obras de arte que se poderiam valorar em uns cinqüenta mil dólares.

—Me alegro. —Empurrou com mais força e ela deixou escapar um gemido da garganta—. Te disse a típica frase de que não foste voltar a trabalhar na cidade, etcétera?

—Sim —respondeu ela, com a cara sombria.

—E o creíste?

Vivi se recostou sobre o peito do Jack.

—Pois claro que lhe acreditei! Era verdade! Pô-me na lista negra, Jack. Tem muitas influências.

Jack deixou de mover-se e lhe acariciou o cabelo.

—De acordo —murmurou—. O sinto.

—Acreditava que estava acabada —continuou—. Mas nesse momento Rafael veio a meu resgate.

—Quem é esse Rafael? —Jack franziu o cenho—. Outro noivo?

—Rafael? O que vai. Solo é um amigo e, além disso, gosta dos homens.

—Assim saiu apitando com o Rafael e deixou semelhante confusão detrás de ti.

A rotundidad inamovible de sua voz ao dizer essas palavras lhe fez sentir um nó no peito.

—Né, não te atreva a me culpar a mim por…

—Não te estou culpando a ti —disse ele com tranqüilidade—. Fez o que tinha que fazer.

ficou estupefata.

—Isso crie?

Voltou a pô-la erguida sobre ele.

—Sim, é o que penso.

Vivi se relaxou contra sua sólida calidez. Aquela declaração tranqüila do Jack desatou algo em seu interior.

—Acredito que é a única pessoa que pensou isso, sem contar ao Rafael. Lucia pensou que me tinha rendido e minhas irmãs também. É muito difícil ir contra os conselhos de todo o mundo.

Jack lhe acariciou as costas sem responder; pretendia lhe dar calor e consolo.

—Pobre Lucia —murmurou Vivi—. Lhe rompi o coração muitas vezes. Desafiei-a de todas as maneiras possíveis. Desde minha roupa às equivocadas decisões profissionais que tomei.

—Foi uma dessas que levam o cabelo de ponta e imperdíveis por toda parte.

Soltou uma risada.

—Não cheguei a tanto, mas levava umas botas de couro negro altas com cordões.

—Vá —comentou Jack com os olhos bem abertos.

—Eram as protagonistas de meu armário. Levava-as com meias de malha roda e uma minissaia de veludo morada.

—Meu deus.

Baixou a mão para pôr o polegar cuidadosamente em cima de seus lábios e começar a fazer círculos ao redor de seus clitóris.

—Tem-nas ainda?

Retorceu-se em cima dele, com os olhos fechados.

—O que?

—As botas.

Abriu os olhos e começou a rir.

—Não acredito. Embora possa que estejam em uma caixa no desvão da Lucia. Já faz bastante tempo.

—OH. —Soou desiludido. Ela se Rio com mais força e Jack, com a frente franzida, perguntou-lhe—: O que é o que te faz tanta graça?

—Você. Acreditava que minhas botas de guarrilla você não gostaria para nada. Brian as odiava. Assim que me surpreendeste, isso é tudo.

—Brian era um mamão, um doente e uma má pessoa. Não me compare com ele. É obvio que eu gostaria de verte com essas botas postas. Sou um tio normal, vale?

—Não o é, Jack.

Beijou-a com força para que se calasse e levantou a cabeça algo mais tarde, quando já a tinha invadido o desejo.

—Joder, olhe quem fala de normalidade, a que leva um arame de espinheiro tatuado e trabalha com garrafas de cerveja roda.

—OH, te cale já —murmurou, e lhe devolveu o beijo com voracidade.

depois de um momento, voltou a erguer-se e lhe acariciou a bochecha.

—Jack? —perguntou, vacilante—. Poderia me fazer um favor?

ficou quieto e seus olhos a olharam cautelosos.

—Se posso… —respondeu evasivo.

—Eu gostaria de provar uma coisa —lhe disse, duvidosa—. Quisesse, né…, que pusesse sobre mim e que… me sujeitasse as mãos.

ficou branco; apoiou-se nos cotovelos enquanto ela se tornava para atrás. Seu corpo estava rígido.

—por que, joder? Esse doente, Viv, depois do que… por que te quer fazer isso a ti mesma? Ou a mim?

—Shhh —o tranqüilizou—. Não há nada doente nisto. Acredito que contigo irá bem. Inclusive que será erótico. Mas não posso sabê-lo até que não o prove.

—Mas serei eu o que se sentirá como uma mierda se não sair bem!

—Por favor, não te zangue —lhe suplicou—. É sozinho que pensei… que quero acabar com todos esses bloqueios e os sinais de «perigo, mantenha-se afastado» que tenho na cabeça. Quero me sentir libere e, se alguém em todo mundo pode me ajudar com isso, esse é você. me acredite. Nunca te teria pedido que fizesse algo assim se não confiasse em ti.

Embora você não confie em mim. Custou-lhe reprimir aquele pensamento.

ficou olhando-a durante um bom momento, como se tentasse lhe ler a mente.

—Está segura de que quer fazer isto?

Ela assentiu, tragou com força e lhe sorriu.

—E que não me culpará se…

—Seguro que não —lhe assegurou—. Para nada, prometo-lhe isso.

Com um movimento preciso, Jack fez que os dois rodassem e a esmagou com seu peso. Levantou-lhe as pernas, ficando as sobre os ombros. A seguir lhe agarrou as mãos e as sujeitou com firmeza a ambos os lados da cabeça do Vivi.

Esperou, olhando-a aos olhos com ferocidade.

Lhe dedicou um sorriso trêmulo.

—Estou bem —lhe sussurrou.

Ele baixou a cabeça para beijá-la em profundidade e posesivamente. A língua jogava e se entrelaçava audazmente com a dela.

—Me olhe aos olhos. Durante todo o tempo que dure. Entendeste-me?

Assentiu sem poder dizer uma palavra. Tremia-lhe a garganta e notava que o coração lhe ia explorar. ficou olhando-o à cara e não sentiu nem pingo de pânico. O medo não a brocava e não tinha aparecido essa névoa negra que lhe anulava os sentidos. O coração lhe pulsava de excitação, não de pânico.

Não a tratou com suavidade nem ela queria que o fizesse. Tomou com força, desafiando-a. Punha cara de aborrecimento enquanto o fazia: seu olhar abrasava e a boca estava apertada em uma careta. A diferença era que agora o conhecia e podia sentir que estava preocupado por ela, sua tensão e sua necessidade. Sentia que estava pendente dela.

Ela também estava pendente dele, a um nível que nunca teria imaginado. deu-se conta de que esta posição de herói conquistador o excitava e a excitação que ele sentia aumentava a sua. Era um círculo vicioso de emoções e sensações. Sua rendição ante ele era real, tão real como sua conquista.

Deu uma baforada para agarrar ar e elevou os quadris para seguir o ritmo de seus fortes empurrões. Olhava-o com os olhos bem abertos e alagados de lágrimas. Lutava voluptuosamente contra a força implacável de seu precioso corpo, seus braços de aço e as mãos que a agarravam.

Com ele podia chegar a esse lugar. Com ele podia chegar aonde quisesse, enquanto pudesse seguir sonhando alcançando-o e soubesse que lhe cobriria as costas, mantendo-a completamente segura. De uma peça feliz e saciada.

Depois ficaram tombados, entrelaçados o um com o outro. Como dois bonecos de peluche, úmidos. Ao final se levantaram da cama sem pressa para dar uma larga ducha e se lavaram o um ao outro. A incansável verga do Jack se levantou para saudar mas solo conseguiu que Vivi se riera dele.

—Nem o sonhe, chavalote. acabou-se por esta noite.

Jack a enrolou em uma toalha, empregando essa atenção apaixonada pelos detalhes tão dela, e a conduziu para as escadas.

—Pois comeremos algo —anunciou resignado.

Fizeram-se um par de sándwiches na cozinha e devoraram as bolachas da Margaret que ficavam. Não encontraram nada mais que fora rápido e fácil de comer, assim subiram as escadas e chegaram à cama do Jack, onde juntaram seus corpos nus tanto como puderam.

Falaram com cuidado. Vacilantes e procurando provas conversações sobre seus passados e as histórias de suas vidas. Tentando evitar temas proibidos.

Mas ela tampouco queria ter bloqueios nem sinais de «perigo, mantenha-se afastado» em suas conversações. sentou-se e lhe apartou as mãos quando tentou aproximá-la contra si.

—Tenho uma pergunta, Jack.

—Adiante.

As sombras lhe ocultavam a cara.

—O que aconteceu a jogada a rede?

Deixou que o cabelo lhe ocultasse a cara. Ele a agarrou da mão.

—Nos estamos passando isso de maravilha. —Sua voz vacilava—. Não o estrague com perguntas como essa.

—Não estou procurando briga —lhe respondeu com suavidade—. Mas preciso sabê-lo. Te foste viver com algum de seus familiares?

Sacudiu a cabeça.

—Não pude contatar com nenhum deles. Minha mãe estava na Índia, fazendo meditação com um gurú. Minha tia se mudou com outro noivo e nenhuma me havia dito como as localizar.

—Assim que foi completamente sozinho?

—Ao princípio não foi tão mau. Era verão e havia muita fruta e milho que roubar. Também comia um montão de perritos quentes. Converti-me em uma trombadinha de primeira.

Vivi Rio, incrédula.

—Você?

—Não havia quem ganhasse. Disse-lhe isso, lembra-te? Quando não como me ponho de muito mau humor.

Jack ficou em silêncio e ela se aproximou para lhe acariciar o ombro. Estava rígido.

—O que passou depois?

—Durei uns oito meses. Encontrei alguns sítios onde se escondiam os fugitivos. Mas o

inverno chegou e fazia muito frio. Uma noite, estava em um albergue para indigentes ao norte do Portland e a uns tios deu de brigar comigo. A coisa terminou muito mal. —tocou-se a cicatriz da frente—. Aí é onde me fiz isto.

Ela se inclinou e lhe beijou a frente e a sobrancelha.

—Foi a gota que encheu o copo. Encontrei um telefone e chamei a Margaret a pagamento transbordado.

—A Margaret? Já a conhecia de antes?

—Freddy a conhecia —a corrigiu—. De quando era um menino. Ele foi o que me falou dela. Não perdia nada por tentá-lo. A operadora lhe perguntou se aceitava a chamada do sobrinho do Freddy Kendrick e ela a aceitou.

—Vá —sussurrou—. Assim que te foste viver com ela.

—Durante um tempo. Foi muito boa comigo. Alistei-me no exército logo que tive idade para fazê-lo. Não queria ser uma carga para ela.

Passou-lhe os dedos pela textura sedosa de seu cabelo e refletiu sobre o que acabava de escutar.

—Crie que sou como eles, verdade? Como a família que te abandonou.

Ele se tornou a um lado e se tampou os olhos.

—Joder, Viv. Não me faça isto. —Soava exausto—. Está sendo tão bonito. Não o estrague. Por favor.

—Mas solo quero que…

—Me deixe que desfrute do que temos, vale? —Parecia zangado outra vez—. Dure o que dure. Não podemos viver o momento?

Ela se moveu para que o raio de lua que iluminava a colcha não revelasse sua expressão enquanto considerava sua proposição. Não sabia como ia levar o de desfrutar de do momento. Lhe ia resultar difícil. Como qualquer mulher normal de carne e osso, precisava sentir-se segura, necessitava confiança, promessas, crenças. Amor. E ele não ia dar. E ponto.

E o que? Isso não queria dizer que o que lhe dava não tivesse valor ou que ela não o apreciasse.

depois de tudo, o que acontecia viviam o momento durante, por exemplo, trinta, quarenta ou cinqüenta anos? Ao melhor quando tivessem cãs cederia por fim e riria de si mesmo. Admitiria de uma vez que o que tinham tido era amor desde o começo.

Voltou-se a colocar entre os lençóis e se deixou abraçar.

Aquela imagem a fez sorrir, mas tinha os olhos úmidos.

## Capítulo 9

_

Vivi deu uns passos atrás para observar a parede que estava pintando, e valorou com satisfação o tom marfim que tinha aplicado. Aproximou um elegante vaso de cor terra utilizando um dedo rosa, o único que não tinha pintura, e ficou muito agradada pelo efeito. Tinha muita aula.

A loja começava a tomar forma e vinham amigos de toda a costa oeste para lhe encher o armazém com suas obras. Essa mesma manhã, Betty e Nanette lhe tinham deixado um jogo de garrafas e taças de vidro soprado. No dia anterior, Rockerick lhe tinha feito chegar suas peças de pele. Brigid lhe tinha enviado um montão de xales e lenços de seda de seda, feitos à mão, com tons de pedras preciosas. Miraben tinha levado bules, vasos, jarras e pratos. Com o que ela mesma

contribuísse já poderia abrir a galeria de obras de arte que se podiam usar e levar postas.

Soou a campainha da porta e entrou Jack. Um sorriso invadiu ao Vivi a cara e a que lhe devolveu fez que lhe dobrassem os dedos dos pés.

como sempre, olhou a suas redor com reservas. Não gostava que tivesse aberto a loja e o mostrava sem dissimulação.

—Tem boa pinta —disse a contra gosto.

Vá, um comentário positivo era estranho nele. Olhou-o, saboreando a energia sensual que bulia entre ambos.

—Está incrível —apreciou Jack enquanto se aproximava dela.

Vivi se apartou.

—Deixa que me lave as mãos. A pintura piora minha imagem.

—Date pressa.

Vivi correu para o banho e se esfregou a pintura para limpá-las mãos. tirou-se a camiseta e os jeans recortados, meteu-se o vestido verde pela cabeça e se soltou o cabelo. Fazia semanas que se deitavam juntos e ainda sentia mariposas no estômago ao vê-lo.

Quando saiu, Jack estava contemplando os picos brancos do Mount Adams da janela.

—As vistas são fantásticas —comentou enquanto ela ficava nas pontas dos pés para beijá-lo.

—É um local muito bem situado. Em dez dias estarei lista para a grande inauguração. O que faz por aqui, Jack? Acreditava que hoje foste levar as esporas de cavalheiro e as verônicas ao Portland.

—E o tenho feito, mas a caminhonete se reaqueceu quando voltava. Uma correia do ventilador está rota, assim que a deixei ao mecânico.

—Então, necessita que te leve a casa? Está seguro de que te pode deixar ver em público em minha caminhonete de duvidosa reputação?

—Porei-me um salvamontañas. Há um concerto de blues esta noite no parque do lado do rio. Quer ir dançar?

—Dançar? claro que sim!

Pô-lhe a mão na cara e a voltou a beijar enquanto a arrastava até o escritório do fundo. Ela ficou a rir e o apartou. Tinham passado horas comportando-se mal ali detrás, sobre o escritório de segunda mão, cada vez que passava pela loja, mas hoje não podia ser.

—Que não te passe pela cabeça —protestou—. Tenho muitíssimas coisas que fazer antes de me lançar ao abismo do sexo desenfreado.

—Então voltarei dentro de um par de horas.

Dirigiu-lhe um sorriso deslumbrante e as campainhas da porta voltaram a soar.

Exalou pouco a pouco. O feliz que se sentia a aterrorizava porque essa felicidade estava unida a um sentimento de incerteza. Estava tentando acostumar-se a isso mas não deixava de lhe dar voltas.

As últimas duas semanas tinham sido um sonho. Passavam juntos cada segundo do dia no que não estavam trabalhando. Dormia com ele, comia com ele e vivia em sua casa. O apartamento do celeiro se converteu em seu estudo, isso quando trabalhava. Nunca em sua vida tinha estado tão distraída, tão pouco centrada. Bebia muito do café forte que ele preparava, passava muito tempo em sua banheira grande, comia muita de sua excelente comida e não parava de ir com suas grandes camisetas a modo de vestido pela casa.

O sexo intenso e voraz a deixava esgotada, tremente e lhe esvaziava o cérebro de todo pensamento. Quando estava assim, que era muito freqüentemente, podia desfrutar do momento, como lhe tinha suplicado que fizesse.

Tinha seguido com o plano de abrir a loja, apesar dos protestos e a oposição do Jack e de suas irmãs. Se queria jogar raízes ali, tinha que fazê-lo.

Tentou resguardar-se emocionalmente da mesma maneira que Jack se protegia dela, mas ele podia sentir cada um de suas mudanças de humor. Podia notar quando se fechava em si mesmo e

respondia ao momento seduzindo-a e levando-a a esse estado de distração. Entretanto, ele nunca baixava o guarda.

Devia ter paciência. Pareciam o um para o outro e não podiam tirá-las mãos de cima. Faziam algum progresso. Por exemplo, o baile dessa mesma noite. Era algo que faria um casal normal, um avanço.

Todo o resto era perfeito. O local moderno que tinha encontrado para sua loja no Pebble River era ideal. Um carpinteiro local estava esculpindo o pôster da loja que diria «O cofre do tesouro do Vivi». As vitrines de cristal estavam de caminho e tinha contatado com os melhores artistas que conhecia para que lhe vendessem em grandes quantidades. Estava endividada até as sobrancelhas mas, que demônios, sem risco não há emoção. Podia fazer que funcionasse. Quão único precisava era persuadir ao Jack de que podiam ter futuro como casal. Era o maior risco que tinha deslocado nunca. A aposta mais alta que tinha feito. Tudo ou nada.

Não tinha nem idéia do que faria se a perdia.

No parque do rio corria uma brisa cálida. O blues sensual da banda do Portland alagava o ar noturno. Uma canção lenta e romântica acabava de começar e Vivi e Jack se uniram sem dizer nada, balançando-se como se fossem uma mesma pessoa.

Estava-lhe passando a ela, pensou Vivi, sentindo uma onda de felicidade incrível. foram deixar a um lado os medos e as dúvidas. Juntos, formavam algo muito melhor que a soma dos dois por separado. A música os envolvia e o corpo do Jack era o centro sobre o que girava seu universo. Nunca encontraria a outro homem que a complementasse assim, que a comovesse de tal maneira, e tinha chegado o momento de dizer-lhe Ele estava preparado para escutá-lo, podia senti-lo.

Estava tão cativada quando se estirou para lhe sussurrar ao ouvido que quase nem notou como uma mão grande lhe dava golpecitos nas costas.

Uma voz forte e grave penetrou entre seu ensoñación.

—Vivi? Viv D'Onofrio? Carinho! É você?

Um homem corpulento, loiro, com cavanhaque, bigode encerado e uma camisa de seda morada, estava ali de pé e lhe sorria. Uma gravata estreita salpicada de sóis e luas adornava a camisa. Vivi tratou de reconhecê-lo e lhe dedicou um amplo sorriso que ensinava um par de presas de ouro que não podiam ser de outra pessoa.

—Rafael! —gritou, e lhe deu um abraço de urso—. Não me posso acreditar isso! O que passou com sua barba, as rastas e suas pintas?

—E você é minha desalinhada fada Vivi? Está preciosa com esse cabelo tão largo. Poderia te comer a bocados. me dê outro abraço.

—Baixa a.

A voz do Jack soava tranqüila mas autoritária. Rafael girou a cabeça para olhá-lo enquanto os pés do Vivi penduravam a uns centímetros do chão. Jogou um olho ao Jack e a deixou no chão.

Rafael o percorreu de cima abaixo com o olhar.

—Viv! —exclamou—. Pillina. Onde o encontraste?

—Jack, apresento ao Rafael. Meu amigo da escola de arte do que te falei. Rafael, apresento ao Jack Kendrick. Minha caminhonete ficou encalhada no barro do caminho que leva a sua casa.

—O que te sugiram —murmurou Rafael—. Vi a caminhonete no estacionamento e sabia que estaria por aqui, assim que me dei uma volta te buscando. E a que se dedica Jack Kendrick?

Jack piscou e o olhou com curiosidade.

—Né…

—Cultiva flores —respondeu Vivi.

—Pitoresco. eu adoro. —Rafael lhes ensinou os dentes de ouro—. O que faz por aqui, coração? Além de…, bom, o óbvio.

Olhou ao Jack um momento enquanto movia as sobrancelhas inverificada.

—vou abrir um negócio no Pebble River.
As sobrancelhas do Rafael deixaram de mover-se de repente.
—Está falando de jogar raízes?
Isso esperava.
—Estou cansada das feiras de artesanato. Mas já falamos bastante de mim. me conte o que tem feito para te transformar assim. Agora é um homem respeitável?
—Próspero, querida. Não é o mesmo —respondeu, enquanto se tocava com os dedos o pendente de diamante que levava na orelha—. Te lembra do Rudolfo? O diretor da galeria onde fizemos a exposição no Monterrey? Deu-me trabalho como gerente de sua galeria e uma coisa levou a outra… Agora também sou diretor de uma galeria!
—Isso é fantástico, Rafael. Me alegro muito por ti.
Lhe deu uma volta ao anel, também com um diamante, que levava no dedo e pestanejou.
—Obrigado. Estava desejando uma mudança de imagem, assim aqui me tem com minha roupa de ornamento. Armani e Prada ficam que nem pintados.
Lhe deu um tironcillo carinhoso da gravata.
—E o que faz você por aqui?
—Negócios. Ia de caminho a São Francisco para montar uma exposição em uma galeria e volto para Nova Iorque amanhã. Tenho que estar para receber a uns clientes que vêm de Londres na sábado.
—Vá, acotovela com a realeza —o elogiou impressionada—. A última vez que te vi estávamos esquentando perritos quentes em uma fogueira.
—Terá que avançar na vida. A galeria de arte que tenho em Nova Iorque solo se pode visitar com entrevista prévia, para que saiba —disse orgulhoso—. Os artistas matariam para me ensinar seu trabalho e eu dou asco do prepotente que me ponho. Partiria-te de risada se o visse. E bom, este grupo é um de meus favoritos e já que estava no Portland decidi me acontecer para vê-los antes de agarrar o vôo a Nova Iorque. Estou encantadísimo com minha decisão. estive tentando me comunicar contigo. Tenho um trabalho para ti que iria como anel ao dedo, carinho: o meu!
Vivi entrecerró os olhos, confusa.
—O que? Seu trabalho? Como?
—Já me ouviste. Minha clientela não pára de crescer e estou organizando exposições de alto nível para outras galerias de todo o mundo, mas tenho que atender a galeria de Nova Iorque. Poderia fazer o que eu fiz para o Rudolfo. Consistiria em te encarregar de exposições para clientes com entrevista prévia, escolher aos artistas, valorar as obras, administrar a exposição, planejar onde iria cada uma, escolher galerias, espaços, salões e hotéis. ganha muito dinheiro e é um passo muito inteligente na carreira de um artista que te aconselho dar.
—Vá —disse Vivi enquanto pensava—. É uma oferta muito generosa, mas…
—Não tome nenhuma decisão precipitada —lhe aconselhou Rafael—. Este trabalho tem suposto uma excelente oportunidade para mim e eu gostaria de te passar a testemunha. pense-lhe isso.
—Não tenho palavras. —Vivi estava comovida—. Muito obrigado por ter pensado em mim, mas a verdade é que minha vida é bastante complicada nestes momentos e estou em meio de algo aqui.
—Isso já o vejo. —Rafael olhou ao Jack mostrando sua aprovação—. Mas me deixe que te explique o bem que iria meu trabalho.
Vivi se deu conta de repente de que Jack os escutava com toda sua atenção, em silêncio.
—Né, Rafael. Crie que poderíamos ficar amanhã para tomar um café e falar disto? Agora mesmo não é o melhor momento…
—Como que não? Os astros se confabularam para que nos encontrássemos neste preciso momento. Amanhã tenho que agarrar um avião, assim aproveitemos agora.
Rafael a agarrou do braço e a levou à parte, longe da multidão. Vivi girou a cabeça para

olhar incômoda ao Jack, que os seguia de perto com expressão séria.

—Me escute com atenção —começou Rafael com seriedade—. Um exemplo do que seria um mês na vida do Vivi D'Onofrio se trabalhasse como diretora de uma galeria de arte: uma semana a passaria em São Francisco, jantando sushi e indo à ópera; a seguinte a passaria em Berkeley, te dedicando a ir a peças de teatro experimental; faria uma rota enológica entre meias; e depois aos Anjos, San Diego ou Santa Fé. Algo diferente cada vez. acabaram-se os motéis de má morte e as duchas mofadas dos campings. Comeria em restaurantes com estrelas Michelin e dormiria em hotéis de cinco estrelas. Negociaria com arte escandalosamente cara. É divertido, estimulante e toda uma provocação. O que me diz?

—Já sabe que o dinheiro nunca foi uma de minhas prioridades…

—Sim, já sei. —Rafael lhe deu uns tapinhas nas costas—. Mas já verá o rápido que te acostuma ao ter.

—A verdadeira razão não é o dinheiro —perseverou—. Estou…

—Com este trabalho poderia voltar para mundo da arte de verdade. Recuperaria tudo o que esse filho de puta do Wilder te tirou. Não te estou dizendo que te dedique a ser diretora ou conservadora toda a vida, embora se pensar em sua carreira artística a longo prazo isto te ajudaria. Faria contatos e poderia redefinir seu futuro você mesma.

—Mas já organizei tudo para abrir a loja e…

—Uma loja pequena em uma cidade pequena tem seu encanto, mas lhe pense isso Vêem trabalhar comigo durante um tempo e insígnia o a esse gilipollas do Wilder o que é capaz de fazer. Imagine a satisfação que isso te daria.

Vivi imaginou. soltou-se pouco a pouco do abraço do Rafael e cruzou os braços. ficou a tremer, apesar de que fazia calor. A gente dançava a seu redor, mas a música ficou em segundo plano e lhe aconteceram mil imagens pela mente.

O mundo da arte de alto nível. Êxito, fama, dinheiro. A vida com a que tinha sonhado quando era uma jovem artista em apuros. Esta vez não fez que o coração lhe pulsasse mais depressa. Levantou a vista além da cara espectador de seu amigo e olhou ao Jack que estava de pé detrás dele. Tinha a cara rígida e os olhos fixos nela.

Aquela vida não incluía o Jack e a fatalidade desse pensamento fez que a atravessasse uma onda de pânico.

—Né…, né, é uma oferta tentadora, mas…

—E poderia ser a fada madrinha de seus amigos artistas! Teria o poder de mostrar sua arte a compradores potentes. Poderia trocar suas vidas. Isso não seria genial?

Respirou devagar.

—Todo isso sonha maravilhoso, mas já encontrei o lugar perfeito para minha loja e me conformo com isso. Fico aqui.

Girou-se para ver se Jack ainda estava escutando. Estava justo detrás deles, mas, quando tentou olhá-lo aos olhos, ele os fixou no infinito. O olhar do Rafael passou do Vivi ao Jack e do Jack ao Vivi.

—Entendo-te, coração. pense-lhe isso Não te insisto mais.

Vivi se voltou aonde estava Jack e se aproximou para lhe agarrar a mão.

—A banda acaba de começar outra canção. Quer voltar perto do cenário?

A mão do Jack estava rígida, sem resposta.

—Tenho vontades de ir.

O sorriso do Rafael se dissipou. Olhou ao Jack ao tempo que se retorcia as pontas do bigode.

—Espero não te haver criado problemas, amor. Considerará-o?

—Claro. Terei-o em mente. E obrigado, é uma oferta incrível e é um amigo estupendo.

Rafael lhe deu um abraço de maneira impulsiva.

—Me dê seu número de telefone e me prometa que lhe pensará isso a sério. Acompanharei-te à caminhonete.

Tirou-se o telefone móvel do bolso.

—Onde vivo não tenho quase cobertura mas aqui tem o telefone da loja e o da casa do Jack.

Intercambiaram-se os diferentes números enquanto caminhavam. Rafael ficou nostálgico quando chegaram à caminhonete. voltou-se para o Jack e lhe comentou:

—Contou-te Viv que eu…?

—Sim, já me disse que tinha pintado a serpente.

Raphael ficou ensimismado.

—Este é o melhor desenho que tenho feito em uma caminhonete. eu adoraria pintar o outro lado, carinho. O que te pareceria um retrato de vós dois? Poderia lhes pintar com roupa interior de cota de malha, tiras de pele e uma espada em chamas. Poderia estar abraçada a sua perna. eu adoro quando da garota se abraça à perna do homem. —ficou a olhar os músculos da coxa do Jack—. Mmmmm.

—OH, não se preocupe, assim está bem. Eu gosto de levar sozinho um lado pintado.

—Passei-me isso tão bem nela… —rememorou Rafael—. Uma noite Billy, Ronnie e eu compramos tequila, limão e sal e…

—Já me contaste essa história —o interrompeu Vivi com rapidez.

—Fiz esse desenho quando rompi com o Ronnie —disse Rafael com tristeza—. Em um período no que estava lutando contra meus demônios.

—Já, isso resume os últimos dois anos de minha vida também —lhe recordou Vivi com pesar. Tirou as chaves da bolsa e deu um abraço ao Rafael—. Me alegro muito de te haver visto e de que vá tão bem.

—Muito obrigado, coração. me avise com o que ditas. Estou seguro de que os astros nos voltarão a unir, mas também me pode chamar por telefone, vale?

—Sim, já te aviso. Obrigado.

Jack subiu à caminhonete e fechou a porta com força. Rafael os despediu com a mão exageradamente enquanto saíam do estacionamento.

O silêncio na caminhonete se fez insuportável. Jack estava sentado na escuridão como uma estátua e não respondia quando ela tentava falar com ele. Chegaram ao pedágio e se tirou umas moedas da calça que aconteceu com Vivi. Esse pequeno contato lhe infundiu valor.

depois de pagar começou por um «Jack».

—Não comece —lhe disse com uma voz fria e distante que não tinha ouvido desde fazia semanas. Não desde antes de haver-se feito amantes.

—Mas te está equivocando. Rafael é um bom amigo, mas fala muito e não tem nem idéia do que me passa pela cabeça agora mesmo…

—Te cale e conduz, Vivi.

Fechou a boca com brutalidade e quando estacionou o carro na entrada da casa e apagou o motor, Jack saiu da caminhonete sem dizer uma palavra e se dirigiu para o interior.

Vivi ficou olhando-o e se perguntou se ainda seria bem-vinda.

Edna saltava sobre as patas traseiras e se movia sem parar. Lambeu a mão do Jack e entrou com ele quando se abriu a porta. De todas formas, tinha que recuperar a sua revoltosa cadela. Caminhou devagar para o alpendre, subiu as escadas e fechou a porta. A grande habitação estava às escuras e Jack não tinha dado as luzes, assim que ela tampouco o fez. A negrume fazia que fora mais fácil falar sem ver-se.

—Não vou aceitar o trabalho que me tem proposto Rafael, se for isso o que está pensando. É uma oferta muito boa mas não o quero.

—Pois não é o que parecia. —A voz do Jack era sombria—. Parecia que a idéia te seduzia. Como deveria ser. Esse trabalho te permitiria retornar à carreira que sempre quis. Todas suas esperanças, sonhos e esforço estavam centrados nisso. Faz o que tenha que fazer. Não deixe que eu seja o que lhe o límpida.

Meneou a cabeça consternada e impotente.

—Mas aqui tenho tudo o que desejo. Rafael estava tentando me ajudar, mas não necessito sua ajuda. O momento no que me tem feito a proposta não é o correto, isso é tudo.

—Não, o momento no que veio a falar contigo foi perfeito. Já começava a me enganar e lhe devo um favor porque me pôs os pés na terra.

Essa apreciação fez que Vivi se zangasse muitíssimo. Foi correndo para ele e lhe golpeou o peito com os punhos.

—Não te estava enganando! —gritou-lhe—. Estava começando a confiar em mim e me mereço isso. Temos algo especial. —Voltou-lhe a golpear e tentou atirá-lo em cima do sofá—. Como pode ser tão quadriculado? Pode-me dar uma oportunidade de uma puta vez?

Agarrou-lhe as duas bonecas com uma mão.

—Não procure briga comigo, Viv.

—por que não? por que deveria tentar me comportar bem? Para que me teria que controlar? por que tenho que me preocupar de fazê-lo?

—Porque te vou ganhar. —Aproximou-a e lhe pôs as mãos sobre o traseiro para pressioná-la contra ele e que pudesse assim notar sua ereção—. É isso o que quer? Se quiser lhe faço isso aqui mesmo, dou-lhe isso agora mesmo.

ficaram olhando o um ao outro, carrancudos e furiosos. Apesar do zangada que estava a seguia excitando. O coração começou a lhe pulsar com força quando a atirou no sofá e lhe levantou a saia. Apartou-lhe os lábios e lhe colocou os dedos para encontrá-la úmida e complacente.

Ela apertou os dedos que afundavam em seu interior. Envergonhada de haver o deixado tão fácil. Não estava bem. Deu-lhe outro golpe no peito mas sem muita força. agitava-se e se derretia por dentro.

Também se perguntava, com o pouco cérebro que ficava, se o sexo o abrandaria um pouco e se mostraria mais receptivo.

—Assim é como o quer. —desabotoou-se o cinturão—. Sei.

—E? O que acontece eu gosto assim? —respondeu, com voz tremente—. E além disso, não é «isso» o que quero. É a ti! coloque-lhe isso nessa dura tua cabeça.

—Te cale e deixa que me batalhe quão único funciona entre nós —murmurou enquanto lhe colocava e lhe tirava o largo glande.

—Não me mande calar, filho de puta…

Ele sossegou seus protestos com um beijo feroz e zangado, mas assim estava ela também. Cravou-lhe as unhas, agarrou-o com força e o amaldiçoou. Atirou-lhe do cabelo e o beijou quando lhe abriu as pernas para penetrá-la.

Investiu-a forte e a colocou toda de uma vez. Doeu-lhe, apesar de estar muito excitada. Gritou e isso o fez parar. Separou sua boca ofegante da dela e a olhou aos olhos escurecidos.

Lhe deu um furioso puxão para aproximá-lo mais. Estava envergonhada porque o torvelinho do que solo ele podia tirá-la-a tinha absorvido muito depressa, mas já estava dentro e quão único podia fazer era chegar até o final. Cada investida era uma lambida do látego daquele prazer culpado. Tinha as mãos em seus peitos, beijava-a como um louco com sua boca cálida, o corpo enorme ia acima e abaixo…, sim.

Correu-se, trêmula, gemendo. Ele se dirigia para seu próprio orgasmo quando Vivi se deu conta de que não tinham usado uma camisinha, mas não foi capaz de pará-lo ou de falar. Solo podia gemer com cada molhada aposta. Jack respirava com mais força a cada espasmo, cada vez mais ímpeto, mais pressão e mais sacudidas… Então jogou a cabeça para trás e se correu. O clímax foi in crescendo e sentiu como lhe ejaculava. Lhe desabou em cima, ofegando.

Vivi ficou olhando o teto na escuridão, sentia que tinha passado a barreira de qualquer emoção. Ainda tinha os dedos entre seu cabelo, como se pudesse retê-lo a seu lado, mas não podia. Lhe escapava. Retrocedia na distância e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. O suor de seus corpos já estava frio quando se atreveram a mover-se. Ele levantou a cabeça e se esclareceu garganta.

—Eu, né…, não me hei…
—Já. Dei-me conta.
Saiu dela e ficou as calças jeans enquanto lhe dava as costas.
—É um momento perigoso? —perguntou-lhe.
—Mais ou menos. Não sou muito regular. É difícil de calcular. —levantou-se e se baixou a saia. O esperma lhe gotejava quente pelas pernas—. Oxalá soubesse o que estava tentando provar com esta demonstração. Ao melhor que sou uma guarrilla facilona que não sabe dizer que não ou que é mais forte que eu. Qual é a mensagem, Jack?
—Não há nenhuma mensagem. Não pude resistir. Assim de simples.
Ela Rio com amargura e ficou a mão no nariz, que lhe gotejava, enquanto procurava um lenço.
—Simples, e uma mierda. É de tudo menos simples.
Ele assentiu.
—Joder, Viv. Isto é um inferno. O que quer de mim?
—Quero que me cria quando te digo que te quero.
Guardou silêncio durante um momento.
—De acordo. Então te case comigo.
ficou olhando-o fixamente, estupefata.
—Né…, o que?
—Já me ouviste.
Observou sua inescrutável silhueta, levantou-se e acendeu o abajur da mesita que estava ao lado do sofá. Pôde ver seu gesto sério, como se se estivesse preparando para o golpe. Ela exalou pouco a pouco.
—Jack.
—Se já estamos tentando ter um bebê, por que não chegamos até o final? Amanhã, vamos ao povo e arrumamos os papéis.
—Bode —sussurrou.
—Sim ou não, Vivi. É uma pergunta singela.
Vivi escolheu o que ia dizer com cuidado.
—Não é uma pergunta singela. Não é uma proposição de matrimônio de verdade. É uma emboscada com mísseis. Está tentando me atar e enjoar a perdiz.
Jack grunhiu.
—Isso soa a um não.
—Sonha como um «depende». Se te digo que sim agora, não me vais acreditar. Não no estado no que te encontra.
Vivi lhe pôs a mão sobre o peito mas ele retrocedeu e a deixou cair.
—Mas como não há dito que sim alguma vez saberemos, não?
O estômago do Vivi se retorceu de medo.
—Necessito que me cria. Não posso seguir tentando te convencer. Está-me esgotando.
—A solução é que acabe com tudo isto. me deixe, Viv. Não posso suportar esta incerteza.
Vivi ficou a mão sobre a boca, que lhe tremia.
—Te deixar? Como poderia? Isso implicaria que mantemos uma relação, mas nunca existiu, segundo você. Nunca me deixaste me aproximar tanto a ti. Solo queria follar comigo, lembra-te? E que desfrutássemos de do momento. Assim que isso é o que estive fazendo, Jack. Já levamos várias semanas no momento.
ficou calado durante uns instantes.
—O momento terminou.
—Sim, já o vejo. —secou-se os olhos com o reverso da mão—. Já se acabou a festa, não? Que se vá todo mundo.
—É hora de que te embarque em sua nova aventura. Sem remorsos.

Vivi se levou as mãos à cara para não olhá-lo.

—Pode ficar no apartamento o tempo que necessite, claro —disse ele com frieza—. Não vou lançar te aos lobos.

Vivi deixou escapar uma risada zombadora.

—Não se preocupe, que não me vou ficar no apartamento. Acaba-me de convencer. Irei logo que faça as malas.

Limpou-se as lágrimas das mãos na saia e começou a caminhar para a porta cruzando-se com ele. Como de caminho ao matadouro.

Se lhe tivesse feito um pequeno sinal, a mais mínima amostra de que se abrandou, teria tornado. teria se casado com ele. Teria sido a mãe de seus filhos. teria se unido a ele. ficou parada quando passou diante dele. Esperou esperançada.

—quanto antes melhor —foi tudo o que lhe disse.

Tinha-lhe ficado claro. Seguiu até que saiu da casa, como um robô.

Subiu ao apartamento e começou a recolher. Não tinha comprado muitas coisas desde que se mudou, solo um jogo de pratos. expandiu-se pela vida do Jack: usava seu faqueiro, lavava-se com seu sabão, dormia em sua cama… Tinha estado muito ocupada pulando para pensar em como ia se sentir se tudo o que tinham criado se vinha abaixo.

Tal e como sabia que ocorreria. Joder, se é que era consciente de que isso ia passar. Estava tão zangada consigo mesma.

Carregou-se de bolsas e se dirigiu a tropicões à caminhonete. Ponha direita, disse-se a si mesmo. Já aconteceste coisas piores.

Mas não se sentia com forças. Para que incomodar-se em manter o tipo? aonde ia? Não ia a nenhum sítio. Sua vida era uma mierda. O Demônio era mais que bem-vindo.

Bom, ao melhor não fazia falta chegar tão longe.

Romperam-se vários dos pratos quando deixou a caixa no chão da caminhonete, mas não se incomodou em comprovar quantos.

## Capítulo 10

_

John esperou a que as últimas duas pessoas saíssem da galeria Wilder. Desde fazia uma hora mais ou menos se produziu um êxodo de gilipollas bem vestidos que tinham ido na inauguração de alguma nova promessa. Quem acabava de sair eram os próprios empregados.

Voltou a ocultar-se nas sombras detrás de uns contêineres quando a magra putilla estrangeira saiu. O vestido de tubo prateado e com brilho tinha um bom decote, levava os lábios vermelhos e o cabelo negro e curto repeinado para trás, como uma espécie de dominatrix. Era a ajudante do Wilder, Damiana.

Normalmente era a última em ir-se, além do próprio Wilder. Certamente se tinha ficado até mais tarde para chupar-lhe ao chefe. E ali estava Wilder, um par de minutos depois, saindo pela porta. Sempre partia depois do resto. O bode não confiava em ninguém mais para que fechasse por ele. Primeiro programou o código do alarme com o mando. Logo se dispôs a fechar todas as fechaduras e ferrolhos. Depois baixou a persiana de metal.

John se aproximou enquanto estava com as fechaduras.

—boa noite, senhor Wilder.

O homem se tornou para trás, deu-se um golpe com a porta e deixou cair as chaves.

—Como?
John sorriu e lhe mostrou os dentes.
—boa noite —repetiu.
—O que faz aqui?
Ao Wilder já começava a cair o suor pela frente.
—Estou aqui para falar da chamada que tivemos faz um par de horas.
—Do que quer falar? Já te hei dito tudo o que consegui averiguar. Rafael Siebling esteve aqui esta noite, na inauguração. encontrou-se com D'Onofrio ontem no Oregón, em um sítio que se chama Pebble River. vai abrir uma loja ali. Isso é o que me contou e é tudo o que sei. Não falei com ela nem tenho seu número. Não posso te ajudar em nada mais, assim… Bom…, boa noite.
Wilder lhe dedicou um sorriso que dizia: «Vale, então, já que é um gilipollas que me está tocando os narizes, pode-te largar». John esperou até que o sorriso do Brian se desfez e a boca lhe começou a tremer ao entrar em modo medo.
—Tem a direção do Rafael Siebling? —perguntou-lhe John com tranqüilidade.
—Sinto muito. Não a tenho, embora não deveria ser muito difícil de encontrar. Não sei por que mas sua galeria está muito de moda ultimamente. Não tem nada de gosto, é todo aparência sem contido. Não tenho seu número de telefone porque é a última pessoa a que chamaria. Nem sequer sei por que veio hoje. Seguro que para desfrutar-se.
—Para desfrutar-se? —John interrompeu os balbuceios do Wilder—. por que queria fazê-lo?
Wilder deixou escapar um som de impaciência.
—OH, ele e Vivi são amigos a muito tempo tempo. Acredito que queria me esfregar o de seu novo noivo. Como se me importasse uma mierda a quem se folla. poderia-se estar atirando a um cão ou a um porco que me daria igual.
Noivo novo? O olhar do John começou a nublar-se e desprendia outro brilho, vermelho e quente. Lhe esticaram as mãos. Um noivo. Assim, se era certo, Vivien também era uma puta como as porcas de suas irmãs. Imaginou retorcendo-se e suplicando, recebendo em cada buraco de seu corpo e rendo-se dele todo esse tempo. Burlando-se dele.
Brian se tinha encolhido contra a porta, tinha as mãos levantadas e sua voz era um balbuceio entrecortado que John interrompeu.
—Como se chama o novo noivo?
—Nem sei nem me importa. Provavelmente seja algum granjeiro palurdo.
John se imaginou imediatamente a um tio enxuto e de pescoço largo totalmente nu exceto por uma boina de caminhoneiro metendo-lhe ao Vivien por detrás. Ela estava dobrada em cima de uma bala de palha, chiando de agradar com cada empurrão enquanto o olhava com a boca rosa aberta e ofegante. Os olhos cheios de um brilho malicioso que lhe diziam que era um gordo de mierda. Um porco asqueroso e grande.
Castigo. Tinha que fazer pagar a alguém. Precisava acalmar os gritos que provinham de seu interior. O vento impetuoso lhe pedia que o saciasse. Era como as ondas de uma tormenta, como bombas atômicas preparadas para estalar, como demolidores golpes de martelo que requeriam que os acalmasse de algum jeito.
Castigo. Agora.
—Seguro que tem o número do Siebling na agenda de seu escritório.
Wilder o olhou surpreso.
—Acredito que não.
—Mas não está convencido, verdade?
John agarrou o chaveiro e o pôs ao Wilder na mão, que estava totalmente enfraquecida.
—vamos olhar.
—Eu…, de verdade…, não acredito que seja uma boa…
—vamos olhar.
John disse a última palavra entre dentes com tanta firmeza que fez que Wilder se encolhesse

contra a porta.

—Né, vale. Como você diga —sussurrou. Abriu a porta enquanto as chaves tilintavam em suas mãos trêmulas—. Mas estou seguro de que não servirá de nada.

—Já veremos.

O sangue lhe amontoou nas orelhas.

O lugar estava às escuras, mas Wilder acendeu todos os enormes painéis de luz que penduravam do teto. Murmurava enquanto caminhava com o John à costas para a estadia principal. Passaram ao lado das mesas que tinham várias garrafas de vinho branco e tinjo pela metade e bandejas de comida cobertas com guardanapos de brocado prateado.

O falatório nervoso do Wilder começou a tomar sentido, como uma rádio que captasse a freqüência correta.

—A muito inútil nem sequer terminou que recolher a comida. Penso-a jogar amanhã mesmo. Se nos invadirem os ratos será por culpa dela.

Começou a subir pelas escadas e olhava para trás, nervoso, de vez em quando. Como se se temesse que John o fora a tocar o culo.

Mas ao John aquele traseiro não dizia nada e necessitava algo muito mais forte para acalmar os gritos e o martilleo de dentro de sua cabeça.

Seguiu-o todo o caminho enquanto rodeava a galeria da planta de acima até que chegaram ao grande despacho do fundo. Wilder abriu a porta que estava fechada com chave e ficou diante.

—Espera aqui um momento. vou olhar se tiver a direção que me pediste.

Nem o sonhe, galinha assustada. John sorriu e entrou na estadia. Wilder pôs os olhos em branco e se apressou a aproximar-se do escritório. Acendeu o ordenador e olhou a agenda que tinha em cima da mesa. Fazia cliques com o camundongo e teclava enquanto movia a cabeça.

—Sinto muito, mas Rafael Siebling não aparece. Não posso te ajudar.

—Então, por que não procura a direção em internet e me dá isso?

O tio parecia chateado. Como se fora muito importante para lhe fazer um favor tão básico e simples. Como se fora melhor que John.

Olhava-o dessa maneira. Parecia querer dizer que era um gordo gilipollas.

John começou a aproximar-se da mesa e Wilder empalideceu. apressou-se a escrever o nome do Siebling no buscador.

—Olhe! —Podia detectar algo de alivio em sua voz—. Aqui aparece a página Web de sua galeria. vou imprimir a. —A luz da impressora se iluminou, fez um ruído e cuspiu uma folha de papel. Wilder a agarrou e a passou ao John com um sorriso grande e falso—. Aqui o tem tudo: a direção, o número de telefone, o correio eletrônico e a Web. Me alegro muito de te haver podido ajudar. Agora, se me desculpar, tenho uma entrevista a que vou chegar tarde.

John se olhou o relógio. Eram as duas e meia da madrugada.

—A esta hora?

Wilder abriu a porta.

—Não quero a ter esperando. Mulheres. Já sabe.

Este tom afável e o sorriso cansado punham ao John de muito mau leite. Estava sendo condescendente com ele. Casulo de mierda.

As palavras burlonas lhe retumbaram no cérebro enquanto seguia ao Brian fora do despacho para a passarela da galeria. Este começou a andar mais depressa e John alargou suas pernadas para reduzir o espaço entre os dois. A seguir Wilder começou a trotar.

Já era suficiente. John deu um salto e o atirou ao chão. O ombro do Wilder deu contra o corrimão de ferro da galeria com um rangido ensurdecedor e começou a gritar.

Os chiados faziam que ao John doesse a cabeça. Já havia muitos bramidos dentro dela, um ruído constante que o voltava louco. Agarrou ao homem pelo pescoço da camisa e o cinturão, levantou-o e o lançou por cima do corrimão…

Os gritos cessaram.

Menos mal. Já podia voltar a respirar nesse novo silêncio tranqüilo e agradável. John se deteve uns segundos, desfrutando da intensa sensação de alívio que o invadia, e começou a percorrer todo o perímetro da galeria para assim poder observar o efeito de seu trabalho desde todos os ângulos possíveis.

Sentia-se muito melhor. A visão lhe tinha esclarecido, a respiração lhe tinha feito mais profunda e o coração pulsava a um ritmo normal. Inclusive tinha… um pouco de fome.

Parou-se ao lado da mesa que estava junto à enorme estatua de bronze do Waylan Winthrop que se mostrava orgulhosa no centro da sala. A que tanto lhe tinha fascinado um par de semanas antes e que se chamava Dentes.

Agarrou um dos guardanapos e a encheu de torradas, salgadinhos de caviar, partes de queijo e pastelitos de alcachofra. Também pescou um par de partes de abacaxi muito apetecíveis que ficavam em um bol de fruta. Era melhor que comesse agora porque não ia ter tempo para nada ao sair dali. Tinha que ir correndo ao aeroporto do que saísse o primeiro vôo ao Portland, Oregón. Seguro que o puto velho, Haupt, insistiria em acompanhá-lo, mas pelo menos John tinha uma pista. Ao melhor com o que tinha feito tinha conseguido ganhar uma pausa em suas reprimendas. Pelo menos tinha descarregado um pouco de energia.

Meteu-se os aprimoramentos na boca enquanto observava a nova versão de Dentes. Caíam ao chão gotas escuras de sangue, perigosamente perto de seus sapatos. moveu-se para não estar tão perto e se comeu as partes de abacaxi enquanto elevava a vista, admirando o efeito. tirou-se o telefone móvel do bolso, enfocou e tomou um par de fotografias.

Quando tinha visto esses dentes afiados e bicudos que se elevavam por volta do céu um par de semanas antes, tinha-lhe dado a sensação de que à obra lhe faltava algo. Um detalhe, talvez cor, algo que a fizesse mais interessante e lhe desse um toque especial.

Agora estava perfeita.

Os esquilos se estavam comendo de novo os lírios asiáticos. Teria que mover os bulbos de novo a outro terreno e só a idéia o esgotava.

Jack se girou sobre os talões e ficou olhando às flores, grandes e com manchas laranjas, enquanto tentava recordar o que tinha ido fazer ali. Na mão levava umas tesouras e podia ver um cubo pelo que deduziu que estava ali para cortá-los e depois colocá-los na câmara frigorífica. Tinha que levá-los ao Portland em sua caminhonete antes de que amanhecesse.

Agarrou o cubo e se abriu caminho com um passo lânguido entre os altos caules do Aconitum columbianum. As flores de cor azul estavam a ponto de abrir-se. O rosa vivo das Campanula medium o fazia machuco aos olhos. As Penstemon azureus e as Crocosmia «Lúcifer» estavam a ponto de caramelo e os gladíolos também. Ia atrasado. Tinha estado vadiando, muito ocupado na cama para seguir o ritmo das flores. ia perder dinheiro se não ficava ao dia e esta idéia o esgotava mais ainda.

Arrastou o cubo através do campo, agachou-se diante das Physostegia e ficou olhando estupidamente às flores brancas. Cortou e colocou os caules de pé no cubo. Tinha que emprestar atenção ao que fazia em cada instante. Era melhor acostumar-se agora a estar sozinho de novo que atar-se mais para que voltassem a lhe rasgar o coração. Superaria-o. Sempre o fazia.

O problema era que ela estava por todos lados. As flores cosmos lhe recordavam seu porte. A cor vermelha da aquilea e da bergamota se parecia com seu cabelo e a seus lábios. Dava-lhe a impressão de que a cama era tão grande como um campo de futebol desde que ela não estava tombada a seu lado. lembrava-se de suas sardas, uma constelação pálida que lhe estendia pelos ombros e a garganta. Conhecia-as tão bem como qualquer astrônomo conhecia o céu de noite.

ficou olhando a uma joaninha que subia pelo vazio branco da flor Physostegia que estava ao meio abrir e ficou a pensar em sua pele e em sua garganta, em seu cabelo vermelho e vivo contra os travesseiros.

Nunca lhe disse que a amava. Não queria confundir nem complicar as coisas.

Estava chovendo e levava tanto tempo de cuclillas que os pés lhe tinham começado a dormir. aproximou-se cambaleando-se até uma árvore e se apoiou contra ele enquanto esperava a que lhe acontecesse o formigamento das pernas. A chuva que caía pelas folhas dos pinheiros lhe recordou a primeira vez que a tinha visto e a maneira em que lhe ajustava a camiseta molhada.

Agarrou o cubo e se dirigiu pesadamente para a casa. Passou-lhe pela cabeça fazer café e comer algo, embora era bastante tarde para a hora da comida. Não tinha tomado nada para tomar o café da manhã. beberia-se um café e olharia se havia algo com o que encher o estômago no frigorífico. Algo iria bem.

Na cozinha estava tão confuso e lento como fora no campo. lembrou-se do café. Desenroscou a cafeteira movendo-se como um velho com artrite. Agarrou o leite semidesnatada da cozinha, mas o tetrabrik estava vazio. Terei que tomar-lhe sozinho, pois.

O telefone esteve soando durante um momento até que se deu conta e demorou ainda mais tempo em decidir se responder ou não. Quem fora que estivesse chamando era muito insistente. Parecia um louco. ficou a contar os tons: vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro.

Voltou o bendito silêncio. Deixou escapar um suspiro de alívio, e se desesperou de novo quando o maldito aparelho começou a soar outra vez. ficou de pé e soltou um taco ao agarrar o telefone de onde estava pendurado na parede.

—Sim? Quem demônios chama?

Houve um silêncio nervoso.

—Né, sou Rafael Siebling. Está Vivi? É muito importante que…

—Não. Não está aqui e não vai voltar. Felpa este telefone de sua agenda e chama-a a seu puto móvel.

Pendurou o telefone com força e tentou suprimir um espiono de culpa por ter sido tão grosseiro sem necessidade, mas esse sentimento se esfumou quando voltou a ouvir o telefone. Agarrou-o de novo.

—O que? —bramou.

—vou fazer caso omisso do gilipollas que é porque isto é muito importante —disse Rafael com voz glacial—. Tenho que falar com o Vivi e…

—Já lhe hei isso dito! Já não vive aqui! Chama-a o móvel!

—Já o tenho feito, cretino! —gritou-lhe Rafael a sua vez—. Não funciona e preciso me pôr em contato com ela quanto antes. É questão de vida ou morte.

Jack por fim se deu conta do medo que havia na voz do homem. Vida ou morte? Lhe encolheu o estômago.

—O que acontece? —perguntou.

—Bom, como está tão extremamente desinteressado em algo que tenha que ver com o Vivi não te seguirei incomodando com…

—Curta o cilindro. —A voz do Jack se impôs ao bato papo nervoso do Rafael—. me Diga o que passou.

—É uma coincidência desafortunada. —A voz do homem se entrecortava—. Ontem à noite fui em uma inauguração na galeria do Brian Wilder. Esse homem é a personificação do mal mas pensei que estaria bem fazer alguns contatos a sua costa e, já de passagem, lhe contar que Vivi estava feliz como uma perdiz para que compreendesse que seu plano para destrui-la não tinha funcionado. Claro que não funcionou, ela é uma deusa com mais talento no dedo mindinho de…

—E a desafortunada coincidência?

Ao Jack lhe encolheu o estômago uma vez mais.

—É horrível. —A voz do Rafael se fez mais aguda—. Embora esse casulo o merecia, me põe a pele de galinha ao pensar que solo umas horas antes tinha estado falando com ele.

—O que lhe passou?

—Ele… Bom, seu ajudante o encontrou esta manhã. Estava parecido na afiada escultura de

bronze do Waylan Winthrop que havia em sua galeria, como um cravo moruno. Hão-me dito que havia sangue por toda parte. tiveram-se que levar a ajudante do Wilder ao hospital porque tinha um ataque de ansiedade.

Um shock elétrico causado pelo medo percorreu o corpo do Jack. sentia-se sobrecarregado.

—E Vivi não responde ao telefone?

—Levo uma hora chamando-a. Desde que me inteirei.

Jack processou a informação que acabava de escutar.

—Disse ao Wilder onde estava Viv?

—Mencionei que a tinha visto em um concerto no Pebble River a noite anterior —Rafael vacilou—, e… Mas não entendo o que tem que ver isso com… —ficou sem voz durante um momento. Voltou a tomar ar—. meu Deus —sussurrou—. Joder. Que leites está passando?

—Está em casa agora mesmo? —perguntou-lhe Jack.

—Não. Esta manhã saí para me encontrar com um amigo no East Hampton. por que?

—Não volte sob nenhuma circunstância.

—Minha mãe! —disse com um gemido—. O que tenho feito? Em que demônios anda colocada?

—Não é nada bom. Mas não é culpa seu e agora você também está no alho, assim anda com cuidado. Tenho-me que ir.

—Mas eu…, mas não. Espera! me conte do que vai tudo…

—Tenho que ir procurar ao Viv. Se se inteiraram de onde se encontra ontem de noite poderiam ter chegado já ou poderiam ter contatado com alguém da zona. Chama a este número. —Deu-lhe o telefone do Duncan—. É o futuro cunhado do Viv. Conhece toda a história. Ele te dirá o que deve fazer. Mas não passe por sua casa. Entendeste-o?

—Entendido —respondeu Rafael com desmaio.

—Bem.

Jack pendurou e marcou o número do Vivi do telefone fixo. Estava apagado ou fora de cobertura.

O fedor a borracha queimada lhe assaltou o nariz enquanto corria pela habitação. evaporou-se todo o café e o calor tinha desfeito o anel de plástico da cafeteira quando estava ao telefone.

Apagou o gás a toda pressa e se dirigiu à caixa forte onde guardava as pistolas.

Vivi fechou a loja com chave e caminhou para a caminhonete. Por fim tinha terminado de pintar o local e ia feita um desastre com restos de cor marfim por todo o corpo, a roupa suja e o cabelo emaranhado. olhou-se no espelho retrovisor enquanto acendia o motor e fez uma careta de desgosto. Vá pinta. Tinha os olhos vermelhos e inchados, a cara mais branca que a parede e a boca também tinha perdido sua cor. Mas que mais dava o aspecto que tivesse?

Conduziu em direção ao Evergreen Acres. No dia anterior tinha estado investigando e esse era o único lugar que podia permitir-se e no que aceitassem cães. Além disso estava na borda de um arroio e tinha uma pequena zona de bosque perto onde Edna podia correr, apanhar palitos e fazer suas coisas. A única pega era que o sítio era horrendo. notava-se que o arroio se transbordou e tinha alagado as habitações em mais de uma ocasião. podia-se ver nas marcas que tinha deixado a água na parede e em que o carpete se estava apodrecendo. Todo isso enfeitado por um vapor a mofo entristecedor, é obvio.

O cubículo que lhe tinham atribuído era o último da fila. Era pequeno e estreito. Além disso cheirava a tabaco, a umidade e um pouco a urina. O teto estava muito manchado e parecia que lhe ia cair em cima em qualquer momento. As cortinas estavam furadas por queimaduras de charutos.

Entrou nos Acres e estacionou a caminhonete ao lado de sua nova residência, miserável e anã. ficou olhando-a desmoralizada. Tinha voltado para a parte dura. em que tocava fazer o possível por sobreviver.

Bom, já estava bem. Tinha que levantar a cabeça e atirar para adiante. Sentir pena de si mesmo não a ia ajudar em nada. Já tinha aprendido a mesma lição no passado e de tantas maneiras que ainda se surpreendia quando esse sentimento de «pobre de mim» se apoderava dela.

Deixou que Edna saísse da caminhonete e se encaminharam ao arroio para que a cadela pudesse estirar as patas. Depois tinha que limpar o cuartucho, organizar todas suas coisas e agarrar forças para ir comprar ao supermercado no plano mais barato possível. Não é que tivesse muito apetite, mas algo tinha que comer. Matar-se de fome não a ajudaria em nada. Tinha que comportar-se como uma mulher adulta.

Esteve-lhe atirando um pau a Edna até que o braço parecia que lhe ia cair ao chão e nesse momento decidiu deixar de procurar desculpas para não cumprir com suas obrigações. Voltou para a habitação e ficou olhando a porta débil, com uma fechadura que qualquer poderia abrir com um cartão de crédito. Logo se fixou nas janelas de cristais muito finos com as venezianas de madeira torcida, impossíveis de fechar.

Até esse momento não se deu conta do segura que estava quando tinha ao Jack, duro e firme a seu lado, e ao saber que tinha um alarme de infravermelhos. Tinha estado tão relaxada, moldável e aberta durante semanas… Agora que o tinham arrebatado tudo, sentia-se como um caracol sem sua concha que carregava com o medo a suas costas continuamente.

Colocou a chave na fechadura. Edna se parou na soleira e se tornou para trás enquanto grunhia mas Vivi punha tanto empenho em ser dura e adulta, em não vir-se abaixo naquela habitação pequena e fedorento, que não se deu conta do gesto que tinha feito a cadela até que não entrou e acendeu a luz, e…

Encontrou-se a dois homens que a esperavam na escuridão, cada um a um lado da porta apontando-a com pistolas.

Jack passou por diante do cruzamento da rodovia pela terceira vez procurando a caminhonete em todos os estacionamentos dos hotéis baratos. A loja estava fechada das quatro da tarde quando normalmente ficava trabalhando até que anoitecia ou mais tarde.

Quase não podia respirar de quão assustado estava. Também estava furioso consigo mesmo. Tinha estado tão ensimismado autocompadeciéndose que se esqueceu do perigo que a espreitava. Deveria ter suposto que um tio como Rafael anunciaria aos quatro ventos onde se encontrava Vivi. Teria que ter tomado medidas e ter pensado com mais claridade. Ter pensado nela, não em si mesmo. Casulo estúpido.

Conduziu até a colina do Pebble River Heights onde se encontrava a zona comercial em que Vivi tinha a loja com a esperança de que seu medo fora fruto de suas paranóias mas a imagem do Wilder atravessado pelas lanças não deixava de lhe passar pelo cérebro. Podia ser que o filho de puta tivesse outros inimigos, claro, mas a gente assim era único e especial.

Parou a caminhonete diante da loja e decidiu que iria perguntar a todas as de seu redor. A sorte lhe chegou quando entrou na oitava. A proprietária do Bakitchen, Myra, estava na barra e lhe sorriu quando o viu aproximar-se.

—Olá, Jack. Quer um café?

—Agora mesmo não. Uma pergunta rápida, Myra. Sabe onde se hospeda Vivi D'Onofrio?

—Pensava que estava contigo, carinho. Brigaste-lhes? —Jack apertou a mandíbula e a senhora cruzou os braços—. Agora que me lembro. Esteve aqui ontem pela manhã —concedeu—. Me perguntou por um sítio para poder dormir e no que aceitassem animais de companhia. O único sítio que me ocorreu foi Evergreen Acres, mas é um antro de má morte. Deveria estar fechado. Espero que não tenha ido ali.

ficou tenso. Evergreen Acres? Não tinha cuidadoso ali. Não lhe havia nem passado pela cabeça que Vivi pudesse estar em um lugar assim. O tugúrio dos Acres era dos piores de sua classe e estava freqüentado por vagabundos, alcoólicos, drogados, mendigos e prostitutas com seus

clientes. Freqüentemente tinha que acudir a polícia a meia noite. Joder. Miúdo sítio.

—Problemas amorosos… Por isso parecia que tinha gripe —disse Myra caindo na conta—. Agora que me fixo, você tampouco tem muito boa pinta. Espero que o possam arrumar.

Quase não ouviu o que lhe estava dizendo.

—Até mais tarde, Myra.

Dirigiu-se à porta.

—Vivi é uma garota muito simpática e tem aberto uma loja muito bonita. Acredito que tem bastante êxito. É a segunda pessoa que me pergunta por ela nas últimas duas horas.

Deu-se a volta de repente.

—Quem? Quem perguntou por ela?

Myra esboçou um sorriso.

—Um homem, isso era de esperar. É um bombom. Se não tomar cuidado, algum outro a vai levar diante de seus narizes e…

—Que homem? —bramou.

Myra o olhou, ofendida.

—Nem te ocorra me gritar, Jack Kendrick.

Apertou os dentes.

—Sinto muito. Por favor. É muito importante.

Myra grunhiu.

—Bom, não era muito bonito que digamos. Isso lhe posso assegurar isso. Era um tio grande e gordo com uns olhos pequenos e rasgados. Disse-me que tinha ouvido que Vivi tinha aberto uma loja e queria saber onde estava.

—E o disse?

—claro que sim! Vivi não pode permitir-se perder uma oportunidade de vender. Acaba de abrir.

O pânico ameaçou engolindo-o.

—Myra, te importaria me fazer um favor? —Custava-lhe evitar que a voz lhe tremesse—. Chama à polícia e lhes diga que vão ao Evergreen Acres.

Saiu pela porta.

—Mas por que? —gritou-lhe Myra à costas—. O que lhes digo?

Saltou ao interior da caminhonete e acendeu o motor.

—O que te saia dos narizes! —gritou-lhe—. Mas que se dêem pressa.

O veículo saiu disparado para diante com um rugido. O sentimento de urgência crescia em seu interior tão rápido que lhe pareceu que o peito lhe ia explorar.

Vivi sentia uma estranha calma. Até parecia que lhe tinham dormido os sentidos.

O mal se cumpriu. Um sentimento de inevitabilidad a invadia por completo. Era como uma deriva continental, estava destinada a que este momento lhe chegasse. Não o poderia ter evitado embora tivesse perambulado pelo mundo escondendo-se deles.

—Perguntava-me quando vocês, cavalheiros, viriam a me visitar. Começava a sentir ciúmes de minhas irmãs.

Estava orgulhosa de que não lhe entrecortasse a voz. Pelo menos ainda não.

Edna não parava de grunhir; mostrava os dentes e baixava a cabeça. Miúdo espetáculo mais estranho. Vivi nunca tinha visto sua brincalhona cadela labradora em modo de ataque.

—Agarra ao animal e coloca-o no banheiro —ordenou o velho que falava com acento e que se imaginava que era Ulf Haupt pela descrição que Nell fazia dele.

Vivi duvidou e o outro, o mais jovem, mirou a Edna com sua pistola.

—Agora —lhe gritou— ou lhe disparo.

Essa ameaça tirou o Vivi de seu transe. Agarrou a Edna pelo colar e arrastou à cadela que

não parava de grunhir e ladrar até o pequeno banho que havia na esquina.

Fechou a porta e Edna ficou a arranhar a porta e a chorar.

—Volta para centro da habitação —a insistiu Haupt.

Vivi seguiu suas ordens.

—Como me encontrastes? —perguntou.

—Com muita dificuldade, mas por fim o conseguimos. —John lhe dedicou um sorriso largo e de maníaco—. Seu antigo noivo, Wilder, disse-nos onde estava sua loja.

—Brian? —Estava surpreendida—. Mas como soube Brian…?

—Por seu amigo, Siebling —respondeu John com voz zombadora—. Foi à galeria do Wilder e lhe contou que te estava beneficiando a um semental grande e brincalhão. Que estava mais que satisfeita enquanto lhe colocava isso por todos lados dez vezes ao dia, né? É uma porca. É uma puta a que gosta de chupar frangas.

—É suficiente! —gritou Haupt, com voz gritã—. Não te distraia. Por favor, perdoa-o, querida. John não consegue pensar muito quando se zanga. Tenho que lhe recordar continuamente que o trabalho vai antes que o prazer. Vivien, leva o telefone móvel na bolsa? Dáselo ao John.

Agarrou a bolsa do chão e o passou. Tinha apagado aquela costure no dia anterior já que não queria ter que lutar com as chamadas de suas irmãs. Estava muito doída inclusive para falar com elas.

John rompeu a carcasa e arrancou os diversos componentes de seu interior. Deixou cair as peças ao chão e as esmagou com o salto de sua bota.

—Rafael? —sussurrou—. Têm feito mal ao Rafael?

—mandamos a alguém —a informou John—. contratamos um exército para a ocasião. Temos homens que o estão esperando em seu apartamento e poderíamos lhes pedir que gravassem a cena. Pipocas, cerveja, vísceras e partes de seu corpo.

Lutou para não deprimir-se.

—Wilder também está morto —continuou—. Deveria havê-lo visto. Uma obra de arte, literalmente. Fiz fotos. Quê-las ver?

John levantou o telefone para que as visse e ela se apartou enojada.

—te centre, John —lhe recordou Haupt com dureza. O velho chegou coxeando até ela. Os olhos úmidos rodeados de uma linha rosada lhe brilhavam com uma alegria louca—. Acredito que, das três irmãs, esta é minha preferida.

—Tem as tetas muito pequenas mas, além disso, estou de acordo contigo. —John se lambeu os lábios; os olhos lhe saíam das órbitas—. Eu gosto das que cospem e se defendem.

—Eu já não estou para esses trotes a minha idade —sussurrou o velho com horror enquanto coxeava. Levantou o silenciador do canhão de sua pistola e acariciou a bochecha do Vivi com ele—. Mas você me inspira. Ao melhor passado um ratito contigo também e divirto a minha maneira. —Usou o mesmo silenciador para baixar até o decote da camiseta do Vivi e descobriu a tatuagem—. Que bonito —comentou—. Acredito que esta flor se chama botão de ouro.

—Pois não —disse esclarecendo-a garganta—. É uma Eranthis hyemalis.

Agora lhe apontou com a pistola ao esterno.

—Não me estará levando a contrária?

O medo começava a ganhar terreno a seu embotamento a passos aumentados.

—Né, não.

Acariciou a tatuagem da flor com a pistola.

—Já sabia que tinha tatuagens. Meu pai tinha uma coleção deles que se feito durante a guerra e herdei seu álbum quando morreu. Deve haver uns quinze ou vinte. A papai adorava os troféus mas tinha muito poucos amigos com os que compartilhá-los. A gente é muito afetada, sabe? Mas eu não. Eu o aprecio. —Tossiu—. Talvez sigo o exemplo de meu pai e coleciono suas tatuagens como lembranças. Poderia começar meu próprio álbum. Alguma vez é muito tarde, não?

Vivi sofria espasmos que lhe percorriam todo o corpo com violência.

—O que querem de mim?

Haupt suspirou.

—o de sempre, carinho. Que nos conte o que não sabemos do tesouro escondido do conte de Luza.

Vivi se mordeu o lábio e apertou as pálpebras.

—Mierda —sussurrou.

—Sei. Tem tão pouca idéia como suas irmãs, mas a carta da contessa sugere que as três juntas podem descobri-lo. Se Lucia de Luza estava convencida de que assim era, então eu também confio nisso.

—Nunca vais poder pilhar a minhas irmãs —disse com uma convicção tranqüila.

—Ah, não? Já tenho planejado como atacar a seus futuros cunhados e logo que deixem de estorvar não acredito que suas irmãs oponham muita resistência. Especialmente depois de lhes mandar o DVD do John passando-lhe bem contigo. Isso fará que saiam de seu esconderijo. —aproximou-se dela, por isso não pôde evitar que lhe chegasse o aroma amargo que desprendia, e lhe levantou o queixo com a pistola. Apertou o pendente dentro de sua mão e atirou até que se rompeu a cadeia. Depois o contemplou—. É exatamente igual aos outros dois. Uma bagatela sem valor.

Abriu uma maleta e o colocou dentro. Vivi pôde ver como brilhava o ouro do matagal de cadeias. Também guardava ali os pendentes do Nell e Nancy.

Haupt voltou a lhe levantar o queixo.

—É sua última oportunidade, Vivien. Quer te economizar dor e deformidade? Podemos ser razoáveis.

—Claro —disse engasgando-se.

—Pois me conte algo interessante que nos faça a vida mais fácil.

Usava um tom persuasivo, como se ela o aborrecesse ao negar-se a colaborar.

Caíam-lhe pela cara lágrimas de frustração.

—Não sei nada —disse sombríamente—. De verdade. Diria-lhes isso se soubesse.

Haupt deixou escapar um suspiro de aborrecimento.

—Bom, John, seu sonho se feito realidade. Teremos que levar a cabo a interpretação aqui e agora. Prepara a câmara de vídeo e enfoca a cama. trouxeste o trípode?

John preparou o cenário enquanto Haupt empunhava a pistola e lhe ladrava as ordens. Tinha o canhão apoiado sobre o jugular do Vivi. Sentia os batimentos do coração rápidos de seu coração contra o frio metal. Pulsava e pulsava sem parar. Pelo menos de momento.

—Como ides reunir nos a todas se me matarem? —perguntou.

—Não lhe vamos matar. Ainda não. John me prometeu que iria com cuidado. É um especialista, sabe? Pode infligir uma dor atroz sem causar nenhuma ferida mortal. Especialmente se a vítima está sã e tem força de vontade como você. —Deixou escapar uma risada satisfeita e lhe deu uns golpecitos sob o queixo com a pistola—. Ao melhor não está tão bonita para quando suas irmãs se reúnan contigo, mas não tema, terá oportunidade de contribuir e contribuir com idéias.

—Outra coisa —disse John enquanto toqueteaba a câmara—. Não quero surpresas. Quem é esse tio ao que te está follando? Onde está?

Vivi tragou com força.

—Não é ninguém nem está em nenhum sítio.

John aplaudiu, devagar e em modo de sarcasmo.

—Muito valente por sua parte mas já lhe tiraremos isso ti ou ao Siebling. Veremos quem cede primeiro.

—John, vá olhar que tudo está bem —lhe indicou Haupt—. íamos levar te a outro sítio mas a atmosfera deste lugar nos vem ainda melhor para nossos propósitos. Duvido que os clientes deste lugar chamem à polícia embora escutem seus gritos. Seguro que já têm muitos problemas. —Acariciou-lhe o cabelo—. A cor do cabelo é incrível. Acredito que também me vou ficar… —Saiu isso de um transe—. Bom —disse bruscamente—, vamos começar. John, ata-a.

Capítulo 11

–

O coração do Jack começou a pulsar como uma taladradora quando viu a caminhonete estacionada ao final de complexo do Evergreen Acres. Apagou o motor e deixou que o caminhão rodasse em silencio por quão pendente dava ao estacionamento. Pôde ver um monovolumen negro com as luas tintas estacionado um par de espaços mais acima que a destroçada caminhonete. Brilhava de quão novo era e certamente estava totalmente fora de contexto.

Jogou o freio de mão e se perguntou segundo meio se não seria melhor esperar a que chegassem os reforços.

Não cabia dúvida. Esperar não era uma opção. Exploraria-lhe o cérebro se esperava. Deixou a porta aberta e se aproximou escondendo-se ao longo da fila de portas opacas e arranhadas do bloco de unidades de chapa do complexo pintadas de branco.

Chegou à última janela de onde provinham os latidos fortes e se desesperados para a Edna. Escutou vozes de homens. Um deles ria com maldade. A seguir escutou uma bofetada e uma voz de mulher que tentava afogar um grito com valentia. Vivi.

Depois de seus largos anos de experiência e seu treinamento sabia que tinha que controlar a ira para que não o dominasse, mas a força que se apoderou dele era como se o houvesse poseído o demônio. Preparou a H&K e disparou desde fora da janela apontando ao teto. ouviu-se como se rompiam os cristais e alguns gritos frenéticos. lançou-se à porta e a desencaixou pelas dobradiças. Percorreu a sala com a pistola de forma selvagem enquanto seus olhos se ajustavam à luz tênue do interior. escutou-se o silenciador de uma arma e uma bala lhe roçou o cabelo e se incrustou nos blocos de cimento. Voaram o pó e os escombros. Voltou a disparar. Um homem enorme com barba se escondeu detrás da cama onde Vivi estava tombada, atada a um de seus postes. Olhou-o; tinha os olhos muito abertos e parecia aterrorizada. O canhão do silenciador da pistola descansava sobre suas costelas.

O homem apareceu desde atrás do corpo do Vivi. A pistola cuspiu um disparo, Jack se atirou ao chão e observou com uma claridade inquietante como o carpete se despedaçava em partes fedorentos. Olhou debaixo da cama e disparou de abaixo.

O tipo pegou um grito, como um porco que se entupiu. Bem. Tinha-lhe dado. Jack ficou de joelhos com rapidez e esperou a que o homem grande e carrancudo voltasse a aparecer. O tio saiu arrastando-se enquanto se agarrava o braço direito cheio de sangue e rugia algo ininteligível. Disparou-lhe do chão; as balas passaram ao Jack perto do ombro e deram em uma cadeira. O cheio saltou pelos ares. Outra deu em um suporte de gesso e a partiu em dois.

Jack rodou para diante, ficou de pé e levantou a perna para golpear a pistola do homem; esta saiu disparada, deu contra a parede e caiu. A seguir levantou sua arma e apontou…

—Te mova e lhe arrebento a cabeça a sua noiva—chiou uma voz cascata.

Jack girou a cabeça. Um gnomo asqueroso tinha pego seu corpo ao do Vivi. A pistola que levava na mão apontava por debaixo do queixo da garota. lhe custava respirar e seus olhos brilhantes estavam fixos nos do Jack. Tinha-os muito abertos e o olhava se desesperada.

O velho duende ria de maneira estridente.

—Solta a pistola ou a Mato.

Jack duvidou se sua ameaça se cumpriria. Fossem quais fossem os planos de semelhantes pervertidos, necessitavam às D'Onofrio com vida, não mortas. Mas pode que se equivocasse. Todo

seu universo dependia de um sim ou um não.

Preferia morrer a equivocar-se.

O velho caminhou pego à parede enquanto arrastava o corpo do Vivi para usá-lo como escudo.

—Tira a pistola! A vou matar! —Apoiou o canhão da arma contra a garganta, branca e suave, do Vivi. Ela deixou escapar um som desesperado e afogado.

A mão do Jack se abriu e a H&K caiu ao chão.

—Curta as cordas dos pés e das mãos —ordenou o velho sem olhares.

O homem jovem o olhou, estúpido e confuso.

—Como?

—Ela é a que vai conduzir, inútil —chiou o velho.

Jack os olhou sem mover-se enquanto o homem liberava as bonecas do Vivi das cordas que as atavam. Ela fez uma careta. Depois lhe cortou as que lhe atavam os tornozelos.

—Me mande a pistola de uma patada —grunhiu o jovem.

Cada detalhe dos segundos que seguiram a esta frase ficou gravado ao Jack no cérebro. Olhou ao Vivi aos olhos e tentou gritar através dos reino silenciosos da eternidade que a queria. Esperava que o tivesse ouvido.

De repente, ela se girou para soltar do velho e lhe deu um cabaçada ao bode.

Este ficou a gritar e se cambaleou para trás. O grandalhão deu ao Vivi um reverso brutal com a mão que a deixou sem conhecimento. O velho lhe disparou duas vezes. Os dois enlouqueceram. O mais jovem não tinha força para apontar corretamente. Mas tampouco o necessitava. Não para matar ao Vivi. Não a essa distância.

Jack começou a mover-se e empurrou sua própria pistola a uma esquina. Elevou a perna para golpear com a bota ao grandalhão na mandíbula. O velho levantou o Vivi pelas axilas e voltou a lhe posar a pistola sobre a bochecha.

—Te encarregue de —lhe gritou ao outro—. Nos vemos no ponto de encontro.

O homem jovem tirou uma navalha. Uma parte do cérebro do Jack se preocupava com mover-se de maneira que a folha não o tocasse enquanto o velho se levava ao Vivi e a colocava pela porta do co-piloto da caminhonete, a fazia sentar-se no assento do condutor e subia detrás lhe apontando à orelha com a arma. Jack podia ouvir a voz gritã e quejicosa de onde estava.

O motor da caminhonete rugiu e as luzes se acenderam. Deu marcha atrás, acelerou e desapareceu de sua vista. Em um momento se foi. Agora não havia nada mais no que concentrar-se além de que não o ferisse com a navalha e manter a aquele filho de puta enlouquecido o bastante ocupado para aproximar-se das pistolas que estavam no chão. tornou-se para trás para esquivar uma bota enorme que ocupou o espaço onde sua cara tinha estado fazia um segundo. Depois se lançou a um lado para evitar que o golpeasse com um joelho no estômago mas não pôde impedir um golpe alto que lhe deu no nariz e o mandou dando voltas contra uma parede de cimento, lhe destroçando as costelas.

A dor e a perda de fôlego lhe custaram uma preciosa fração de segundo em que a navalha baixou. Jack se apartou a um lado e a ponta deu contra o cimento, ricocheteou, se escabulló e o cravou na parte superior do ombro. Jack lhe deu um golpe nas Pelotas com o joelho e o homem se tornou para trás e começou a gritar.

ficaram fazendo círculos enquanto recuperavam o fôlego. O homem se equilibrou e Jack pôde ver o movimento diseccionado em partes infinitas. Bloqueou-o com o braço, girou até que estiveram um ao lado do outro, agarrou a mão que levava a navalha entre suas bonecas colocadas como tesouras e a retorceu até que o tio começou a gritar e a dobrar-se sobre si mesmo. A navalha caiu ao chão mas Jack seguiu apertando, golpeou-o a um lado do joelho com ímpeto e dirigiu sua cabeça contra a parede. Então o fez se chocar contra ela, com força, qual aríete.

Seu oponente caiu como um saco ao chão; tinha o cocuruto cheia de sangue e tinha deixado uma mancha na parede. Jack olhou para baixo; respirava com força e lhe tremiam todos e cada um

de seus membros. Tentou pensar, mas lhe custava muito com os hormônios do combate lhe bombardeando o corpo. Escutou sereias ao longe. Myra tinha chamado à polícia. Bem, mas não podia ficar ali para falar com eles. A distância entre ele e Vivi aumentava com cada segundo que acontecia. Apalpou a artéria carótida do homem. Estava vivo. Sentiu a tentação de matá-lo, assim eliminaria a um dos jogadores, mas teria que ser outra pessoa para matar a alguém que estava inconsciente. Não queria converter-se nessa outra pessoa. Não era capaz de fazê-lo.

Deixaria que a polícia se encarregasse. Recolheu as pistolas e saltou por cima do homem para abrir a porta do banho.

Edna saltou a seus braços, trêmula e quejumbrosa. Jack correu para a caminhonete e colocou à cadela. Queimou os pneumáticos ao sair do estacionamento justo quando as sereias se aproximavam pela direção oposta.

Girou o volante e derrapou para parar no posto de gasolina do Dwayne Pritchett, na saída para a auto-estrada do Pebble River.

Dwayne saiu correndo. Lhe notava na cara grande e vermelha que estava preocupado.

—Joder, que cojones passou? tiveste um acidente?

Jack se deu conta de repente de que lhe saía sangue pelo nariz e lhe descia pelo queixo. Tinha o ombro molhado com o sangue que brotava da navalhada.

—Estou bem —disse com secura—. Viu a caminhonete do Vivi?

—Sim. Vi-a acontecer por aqui. Ia a toda pastilha e não se parou ante o sinal de stop. Fez o giro sobre duas rodas. vê-se que tinha muita pressa. Isto lhe tem feito isso Vivi? Joder, já tinha que estar zangada, já. Que mierda lhe tem feito? Quer entrar e te limpar um…?

—Por onde se foi? —rugiu Jack.

Dwayne apontou para a estrada que ia para o norte com o queixo.

—por aí.

Jack agarrou à cadela de cor dourada, que estava muito agitada, abriu a porta e a pôs nos braços ao Dwayne.

—Deixo-te à cadela do Vivi. Cuida dela.

—Mas…, mas eu…, mas você…

—até agora.

O veículo saltou para diante, as rodas chiando em direção à saída.

—Mais rápido —lhe gritou Haupt—. Conduz mais rápido, puta estúpida!

Vivi pisou no acelerador. Não valia a pena lhe dizer que a caminhonete parecia pó e já não dava mais de si. Era impossível que pudesse ir mais depressa. A estrutura do veículo vibrava muito à velocidade que já ia. Embora podia ser que a vibração saísse dela mesma.

Estavam na auto-estrada que se dirigia para o norte, para o Kaneset, e que dava à ribeira abrupta e lhe serpenteiem do rio do mesmo nome. Haupt baixou seu guichê e tirou a cara arroxeada para respirar.

Vivi não sabia o que fazer. Uma morte rápida e valente depois de uma queda de uns segundos pelo pendente era melhor que a que Haupt lhe havia descrito, mas o que passaria com o Jack? Tinha voltado para por ela.

Atrás do pânico e o terror que sentia havia um fio de música que lhe passava pela mente, doce e agudo. aferrou-se a ele para manter-se corda.

Tinha ido salvar a. Como a tinha encontrado? Como o tinha sabido? Esse fato fez a possibilidade de atirar-se pelo escarpado muito mais difícil de aceitar.

Tentou concentrar-se em conduzir a todo trapo. Esquecer do futuro e do passado. Solo ter presente sua respiração e seus pulmões, um batimento do coração de seu coração atrás de outro. Estava muito agradecida por cada um deles, embora uma pistola lhe apontasse à cabeça. Oxalá ele estivesse bem. Por favor. Tinha ido salva-la.

—por que sorri, puta insolente? —voltou a gritar Haupt—. Está rindo de mim?

Deu-lhe com a pistola na orelha.

A caminhonete se foi para um lado.

—Não. Não me ria de ti! Não me ria de ti!

Baixou a mão esquerda para procurar a chave de rodas. A estrada começava uma curva fechada e começava a subir. Mais adiante, tinha bastante desnível respeito ao ravina que dava ao rio. Qualquer tento de sair dela a partir daquele momento suporia uma morte segura. Essa curva que chegava era sua última oportunidade para poder salvar-se dessa morte. Agora mesmo.

Abriu-se para tomar a curva, girou o volante com força e freou de repente. Haupt saiu disparado para diante e estendeu os braços para proteger-se. Vivi lhe golpeou com a chave nos antebraços. Falência.

O homem mugiu. A pistola lhe caiu. Vivi fez que os pneumáticos derrapassem no cascalho, acelerou e a caminhonete caiu pelo bordo. Não parava de deslizar-se e ricochetear de um lado a outro do caminho durante o descida, a ponto de derrubar. Haupt gritava, tentava procurar a pistola mas a caminhonete não parava de ricochetear em todas direções enquanto baixava a costa escarpada de rocha e piçarra.

chocou-se contra uma rocha grande que havia na borda do rio e caíram para diante. A caminhonete se balançou, inclinou-se e ficou suspensa sobre duas rodas durante um tempo que lhe pareceu uma eternidade…

Derrubou a um lado do rio, do lado do Haupt. Ela caiu em cima dele e a água geada começou a penetrar pelo guichê da caminhonete. Ambos gritavam, lutavam, arranhavam e se amarravam. Não podia permitir que encontrasse a pistola e ele a agarrava com tanta força que quase a estrangulava, como um calamar gigante do abismo. A água não parava de entrar, revolta e subindo cada vez mais.

Vivi se agarrou ao volante e tratou de subir; tentava que Haupt ficasse apanhado debaixo dela. A caminhonete não parava de mover-se e girar. Se a água chegava a seu lado nunca conseguiria abrir a porta, assim que a empurrou para cima, pensando que uma bala lhe impactaria em qualquer momento de abaixo.

Haupt ainda lutava por sobreviver mas tinha a cabeça por debaixo do nível da água que chegava a ela pelo peito. A água fervia e se formava redemoinhos.

Haupt a agarrou do tornozelo e a mordeu. Ela gritou e tentou desfazer-se dele. Ele a olhou por debaixo da água com um olhar de ódio insano. Saíam-lhe borbulhas da boca. A água subia sem parar.

Foi nesse momento quando Vivi se lembrou das tatuagens que ele pensava conservar para seu álbum. Seu cabelo, que ele queria guardar como troféu. Nesse momento lhe pôs os pés nos ombros e se apoiou nele para subir e abrir a porta da caminhonete por completo. O veículo se movia com a corrente. Justo então viu a maleta do Haupt que flutuava na superfície da água perto do volante e o agarrou, agarrando-o com força com a mão.

Impulsionou-se e lhe lançou um último olhar de ódio antes de pôr os olhos em branco. Agora estava morto e flutuava na água.

Vivi se içou fora e se atirou ao rio. A força da corrente a pilhou por surpresa. Não podia nadar em nenhuma direção. Quão único podia fazer era tentar manter-se a flutuação enquanto era arrastada e tratar de abrir-se passo até a borda rochosa. A ponto esteve de abandonar a maleta, mas tinham sofrido muito por esses pendentes para fazê-lo. Mordeu a asa com os dentes, que não paravam de tocar castanholas, e, em vão, brigou com a corrente.

A caminhonete flutuou detrás dela durante um momento, até que exalou a última borbulha de ar. Quase um quilômetro depois conseguiu agarrar-se a uma rocha que havia a um lado da água e subiu para subir a ela. Sofria contínuos espasmos e o corpo apenas lhe respondia. Deixou cair a maleta e notou que a mandíbula lhe doía pelo esforço. Os dentes tocavam castanholas tanto que parecia que lhe foram cair.

Ficou ali tiragem, como um tapete molhado enquanto tentava respirar.

Jack parou ao ver os rastros dos pneumáticos marcadas na estrada. O coração lhe pulsava com força. apareceu e viu o caminho que o veículo tinha deixado a seu passo em sua queda até a água. Estava triste; sua mente rechaçou o resultado mais que provável, mas o resto de seu ser estava atravessado pelo medo.

Saltou o pendente de cascalho do lado da curva da estrada e se deslizou pelas pedras de piçarra até que chegou à borda do rio. Continuou rio abaixo seguindo a corrente. Sorteou rochas, escalou penhas e lutou contra a água. Teve que nadar pelos canais que se criavam no escarpado e sair do rio antes de que a corrente conseguisse arrastá-lo aos rápidos. Ao final conseguiu encontrá-la ao outro lado do rio, tiragem em cima de uma pedra como se a tivessem colocado ali. Estava de barriga para baixo com o cabelo molhado ao redor da cabeça. Gritou seu nome uma e outra vez mas Vivi não se movia.

Voltou a meter-se na água e a brigar contra a corrente. Conseguiu cruzar, só Deus sabe como. Engatinhou para chegar a ela e lhe deu a volta com suas mãos trêmulas.

Vivi abriu os olhos e o olhou. Estava tão aliviado que ficou a chorar e afundou a cara em seu peito. Tinha a pele geada.

Estava viva. Lhe encolheu a alma.

Caminharam cambaleando-se durante muito tempo até que chegaram à caminhonete do Jack. A teria levado em braços se tivesse podido mas não podiam voltar pelo caminho que ele tinha tomado. Não teriam sido capazes de passar pelos canais e os escarpados abruptos. Não podia voltar a colocar a na corrente e a única alternativa era escalar até chegar à estrada que havia acima. Tiveram que subir engatinhando aferrando-se às paredes escorregadias de pedra; Vivi quase não podia manter-se de pé.

O alívio que tinha sentido Jack quando a tinha encontrado viva se ia transformando pouco a pouco em medo. Vivi estava muito pálida e tinha os olhos escurecidos. Não podia parar de tremer e não deixava de cair. Quase não podia falar e, quando por fim chegaram ao asfalto da estrada, tomou em braços.

Ela protestou fracamente mas não podia articular bem.

Saíram a toda pressa para a cidade e parou diante da entrada de urgências do hospital. Causaram um grande revôo e tudo foi satisfatoriamente rápido quando os médicos se levaram ao Vivi. incomodou-se quando algum deles quis examiná-lo a ele também. Miúda perda de tempo. Preferia que o deixassem em paz e que se concentrassem no Vivi.

Suplicou a um dos doutores que lhe deixasse seu telefone móvel e chamou um tio que trabalhava na delegacia de polícia local e que conhecia de antes.

—Olá Tim. Sou Jack Kendrick.

—Joder, tio —explorou Tim—. Onde coño está?

—Explicarei-lhe isso mais tarde. detivestes a esse filho de puta que estava atirado na cabine 42 do Evergreen Acres?

Tim duvidou um momento.

—Né… Está bem, Jack?

—Sim, estou bem. O que passou com esse tio? É um assassino em série.

—Não encontramos a ninguém ali. Solo a habitação destroçada, sangre no chão e um montão de marcas de disparos. Passasse o que acontecesse, não chegamos a tempo. Teria sido de grande ajuda se te tivesse ficado para nos explicar o do psicopata porque tampouco havia rastro dele e o chefe não estava precisamente contente contigo porque te tinha ido fazer uma declaração. No que estava pensando?

Jack soltou um suspiro comprido e sonoro. Sentiu que o frio lhe empapava mais os ossos.

—Não lhe pode isso nem imaginar —murmurou.

Pendurou e devolveu o telefone. Depois se tirou a via que levava no braço, ignorando os gritos e as broncas das enfermeiras. Agarrou uma cadeira e a colocou fora da cortina do cubículo onde tinham posto ao Vivi, em um ponto estratégico do que podia ver os dois lados do corredor e a entrada. Quase desejava que o tio tentasse fazer algo.

Assim poderia acabar com tudo de uma vez.

Vivi perdia e retomava a consciencia enquanto conduziam ao Portland. removia-se no assento com os olhos fechados. Não tinha valor para falar com o Jack e lhe perguntar por seus sentimentos. O significado do que acabava de fazer. Se tinha trocado de opinião sobre eles dois ou se solo se comportava de maneira correta e heróica. Um homem tem que fazer o que tem que fazer e todo esse discursito. Seu cenho sério e tenso não animava nada a lhe fazer nenhuma confidência.

Jack tinha tentado forçar ao hospital para que a deixassem partir quando solo tinham transcorrido vinte e quatro horas desde seu ingresso e o pessoal pôs o grito no céu. ouviu-se uma discussão, em que todo mundo tinha algo que dizer, sobre segurança, perigo e atacantes. Os doutores zangados lhe fizeram assinar um documento com o que aceitava a responsabilidade. Ela o teria assinado sem pensá-lo, se tivesse sido capaz de sustentar a caneta. Estava flutuando em uma nuvem do Demerol mas mesmo assim sabia o que lhe convinha. Na hora de enfrentar-se ao Demônio, os médicos e as enfermeiras não lhe seriam de grande ajuda. Nem de longe. Jack Kendrick era o único que poderia fazer algo, assim que ficou com ele.

Margaret tinha aparecido pela manhã para lhe levar ao Jack um pouco de roupa e um de seus moletons para o Vivi. Era de cor azul clara com um estampado de margaridas amarelas. Vá, realmente especial, mas o agradeceu.

—vou voltar para Nova Iorque —lhe anunciou preparando-se para o que vinha depois.

—Esse é o último lugar aonde deveria ir! —explorou Jack—. John te disse que tinham contratado um exército. Já avisamos a suas irmãs e a seus casais. Quer te enfrentar a um exército? Com os que já nos brigamos não foram suficientes?

—Não é isso. Não posso seguir vivendo assim. Preciso resolver este mistério por cima de tudo. Você faz o que queira, mas eu vou agarrar um avião a Nova Iorque.

Jack murmurou alguma barbaridade pelo baixo.

O primeiro vôo com praças saía à manhã seguinte. Não queria esperar tanto mas não tinha outra opção. Decidiram passar a noite em um dos hotéis do aeroporto. Quando estiveram dentro da habitação e com a porta fechada com chave, Jack deixou a pistola sobre a encimera da cozinha.

—Vou me dar uma ducha —anunciou—. Ainda sinto o frio da água do rio. Estará bem aqui fora na habitação? —Esperou a que ela assentira mas mesmo assim tinha os olhos cheios de dúvida —. Não lhe abra a porta a ninguém —acrescentou.

Nem lhe tinha passado pela cabeça. Pôs os olhos em branco e ele desapareceu no banheiro.

Sentia-se como uma marionete a que lhe tivessem talhado as cordas. Débil, agora que já não contava com a energia do Jack, quente e vital, contra a que lutar. fez-se uma bola na cama e pensou nisso.

Tinha que ser realista. Não tinha nada que oferecer ao Jack exceto uma carga te esmaguem constituída por perigo, problemas econômicos e um estresse constante e que poderia com os nervos de qualquer. Já tinha arriscado sua vida por ela. Tinha conseguido esquivar balas e navalhas e mergulhar pelas correntes do rio. Um homem não se casaria nem teria filhos com uma mulher que supusera um risco assim. Seria uma estúpida lhe pedindo que lhe prometesse essas coisas agora.

Entretanto, isso não significava que se fora a privar do consolo que lhe oferecia seu corpo. A vida era curta e estava cheia de surpresas.

Escutou o som da ducha através da porta do banho. observou-se no espelho e ficou a rir quando caiu em que ainda levava o moletom recatado com o estampado floral. minha mãe, que sensual. O tirou e esperou a que o ruído da ducha cessasse. Tiritava pelo frio do ar condicionado.

Quando abriu a porta, a cara de surpresa do Jack a fez sorrir como uma gata. Deixou a pistola em cima do suporte do lavabo. O banho estava cheio de vapor perfumado. Os moratones que Jack tinha na cara foram agarrando forma.

Talvez estava caso muitas coisas. Igual estava muito estresado, ferido ou cansado. Ou… pode que não. A franga a apontou diretamente em uns segundos.

—O que faz, Viv? —perguntou-lhe.

Lhe tocou o contorno úmido e brilhante de seu corpo.

—Desfrutando de do momento.

Ele se encolheu.

—Não me venha com essas. Precisamos falar.

—Não, não temos por que —lhe respondeu tranqüilamente—. Não passou, nem futuro. Solo o presente.

Olhou-a preocupado.

—Durante quanto tempo podemos seguir jogando a este jogo?

—O tempo não importa, quando vive o momento. Solo existe o agora. Deveria sabê-lo. Não é um perito?

Olhou-a fixamente.

—É uma autêntica tipa dura, Viv D'Onofrio.

—aprendi que os melhores. —Olhou-o aos olhos e se rendeu—. Olhe, se voltar a ter uma vida normal em que não esteja ameaçada de morte e ainda quer falar sobre nosso futuro, falaremos. Mas até que chegue esse momento…

Baixou a mão e lhe acariciou a verga.

—Até esse momento só quer follarme?

A boca do Vivi se crispou ante o tom mal-humorado do Jack. agachou-se com elegância até ficar de joelhos.

—Peço-lhe isso… com respeito —ronronou tentando não sorrir.

Ele vibrou com a risada e o prazer à medida que lhe acontecia a língua pelo glande.

—Joder, nunca me tinham respeitado desta maneira.

—Pois já é hora —murmurou, metendo-lhe na boca a seguir.

Custou-lhe fazê-lo porque a tinha muito grosa, grande e dura, mas usou a imaginação e as vontades que tinha de sentir cada vez que o percorria um espasmo de prazer e respirava com força. Utilizou as mãos, a língua e, pouco a pouco, foi metendo-lhe com mais profundidade até a garganta. Cada carícia fazia que Jack se estremecesse e gemesse.

Manteve-o ao bordo do abismo até que o desejo que sentia em seu interior foi muito grande para poder suportá-lo. Então se levantou e se girou para ficar de cara ao espelho. Abriu as pernas e arqueou as costas para que ele pudesse vê-lo tudo. O brilhante e úmida que estava para ele.

—Tome.

Ele a agarrou pelos quadris.

—Não tenho camisinhas.

—Supunha que não teria. estiveste muito ocupado me salvando a vida.

Olhou-a preocupado.

—Mas se não querer… Viv, este é exatamente o tipo de coisas das que temos que falar. Acredito que deveríamos…

—Deixar de falar. coloque-me isso Agora mesmo. antes de que comece a gritar.

Seu pênis se abriu passo detrás vencer a resistência inicial, entrando graças à lubrificação da vagina, e alcançou profundidade. Ela se agarrou ao suporte do lavabo e se olhou a cara ruborizada. Gemeu com cada investida escorregadia e chocante. olharam-se aos olhos através do espelho, como se o destino do universo dependesse disso. Rodeou-a com o braço e ficou a jogar com o clitóris até que lhe fez alcançar um clímax que a partiu em dois. Quando recuperou as forças para levantar-se ele ainda esperava para chegar. Pela rigidez de sua cara podia ver que se estava tentando

autocontrolar.

—Quero me correr dentro de ti.

Vivi o pensou durante segundo meio e assentiu.

Ele abriu os olhos.

—Está segura de que não te importa?

—Quero-o todo —o cortou—. Tudo o que tenha para me dar.

Ao Jack lhe iluminou o olhar e o deu. Depois de um empurrão mais, explorou. Vivi ficou pendurada do lavabo, enfraquecida e branda. Ligeira como o ar e suave como uma nuvem. Com uma única idéia em mente, dentro de uma borbulha perfeita.

De quanto gostaria de ter um filho com ele.

Jack voltou a abrir a ducha e a lavou com delicadeza e com uma meticulosidade enorme e sensual. Semelhante interlúdio terminou como era de esperar, com ela contra os azulejos da parede. Tinha as pernas apoiadas em seus cotovelos e soluçava de prazer enquanto a colocava até dentro e com força.

Não lhe passou pela cabeça nenhuma má lembrança sobre seu passado. Nem um espiono de pânico ou náuseas. Nenhum sinal de perigo. Seus velhos fantasmas se evaporaram. Não podiam suportar a forte luz que emanava do Jack Kendrick.

Depois, radiante e relaxada, Vivi se sentou nua sobre a cama e ficou olhando quão pendentes tinha recuperado da maleta do Ulf Haupt. Estendeu-os sobre a cama e os apalpou. Observou as decorações em ouro branco que cobriam a parte superior de cada pendente.

Algo lhe chamou a atenção. O detalhe de cada pendente era diferente. No seu, tratava-se de espaços abertos em um redemoinho de cachos de cabelo de ouro. No do Nell, o detalhe era plano e me sobressaía por cada lado. o do Nancy se parecia mais ao dele mas tinha umas protuberâncias que se estendiam para o lado oposto. Era uma eleição estranha, para a Lucia, cujo gosto pela joalheria se inclinava pelo clássico. O elemento assimétrico e casual se parecia mais a algo do que teria feito Vivi: angular e pouco convencional.

De fato, recordava a uma escultura que tinha realizado quando ainda ia à escola de arte. Uma das peças que tinham acabado destroçadas durante o segundo assalto à casa do Demônio. Eram três figuras femininas, feitas de uma mixórdia de partes de cristal, pedras e plástico, tudo conectado. Mas o cabelo estilizado se formava redemoinhos como um halo, enganchando-se e enredando-se. as unindo.

Tinha-a chamado As três irmãs. A Lucia adorava e a tinha posto, com orgulho, ao lado da valiosa figura de bronze do sátiro do Cellini.

Vivi colocou os pendentes um ao lado do outro. Nancy, Nell e Vivi. Sobreveio-lhe um sentimento estranho e onírico quando colocou a parte superior do pendente do Nell no espaço aberto que tinha o do Nancy. Um pequeno empurrãozinho e um clique e já estavam unidos. Os cachos de cabelo de ouro se continuavam de um pendente a outro. O coração começou a lhe pulsar com força.

—Jack —sussurrou em voz entrecortada—, vêem lhe jogar uma olhada a isto.

Observou-o surpreso.

—E o outro? Também se acopla?

—Vejamos.

Introduziu a parte saliente do pendente do Nell em que estava aberta do dele. Clique. As peças estavam encaixadas.

Jack estendeu a mão e lhe aconteceu o conjunto. Ele o manipulou e apertou cada parte. Uma das protuberâncias do pendente do Vivi se moveu. Ao princípio, afogou um grito, ao pensar que o tinha quebrado, mas imediatamente se deu conta de que era uma alavanca que se movia para baixo com suavidade.

Com outro clique algo saiu da parte inferior dos três pendentes. Três folhas de ouro branco muito finas e delicadas, alinhadas entre elas, que eram tão estreitas e afiadas como uma cuchilla de

barbear. Os dois se aproximaram.

Tinham algo escrito em letras muito pequenos que não podiam ler. Jack se rebuscou nos bolsos e tirou uma navalha a Suíça com um montão de complementos entre os que se achava uma lupa. Aproximou-a debaixo do abajur e tentou ler.

Salve Regina Mater Misericordiae —leu devagar. Deu-lhe a volta e estudou a parte posterior —. Primus Modus Doricus. —Subiu o olhar para encontrasse com a Disto Vivi é latim, verdade? Sugere-te algo?

Ela negou.

—Não, a mim não, mas pode que ao Nell sim. Sabe latim! —tampou-se a boca com a mão. Era muito logo para chorar de alegria mas por fim parecia que se abria uma porta, que finalmente entrava um raio desta luz é a parte que se supunha que tinha que decifrar eu —disse com convicção.

Jack levantou as sobrancelhas.

—por que?

—No rascunho da carta que Lucia nos tinha escrito, Lucia dizia que nosso amor pela literatura, a escultura e a música resolveria a adivinhação e eu não tenho nem idéia de literatura ou música. —Vivi se ficou pensando na escultura das três irmãs e lhe encheram os olhos de lágrimas —. Mas esta parte era sozinho para mim.

Sentia-se quase como se Lucia lhe tivesse mandado uma mensagem. Uma onda de amor, de fé e de apoio dirigida a mais pequena das irmãs.

—Joder. Estou-me voltando louca —sussurrou—. A jogo tanto de menos.

—Pois adiante. Tem todo o direito.

Acariciou-lhe o cabelo enquanto ela enterrava a cara entre as mãos. Levantou-a durante um momento.

—Quero chamar a minhas irmãs —exclamou.

—São as três da manhã em Nova Iorque —lhe disse com delicadeza—. Chegaremos ali amanhã. Já que esperamos tanto tempo, não pode esperar um par de horas mais?

—De acordo —sorveu pelo nariz—. Imagino que sim.

Jack deixou os pendentes unidos em cima da mesita de noite, meteu-se entre os lençóis e as levantou.

—Ser uma garota dura permite que nos acurruquemos juntos na cama? —perguntou-lhe com cuidado.

—Pois claro —disse ela, enquanto entrava nos lençóis e se colocava contra a pressão, quente e agradável, de seu apertado abraço—. Pode que seja uma garota dura mas não sou idiota.

ficou ali durante uns minutos e deixou que a calidez a relaxasse. Ato seguido se removeu para olhá-lo aos olhos.

—Obrigado por vir a me salvar.

Lhe devolveu o olhar.

—Obrigado por seguir viva —respondeu.

Lhe caíram as lágrimas, mas se voltava a ceder ante elas ao melhor se afogava.

## Capítulo 12

_

Duncan e Nell foram para buscá-los o aeroporto. A irmã do Vivi se horrorizou ante seu aspecto de cão espancado e as olheiras que tinha e insistiu em sentar-se no assento traseiro com sua

irmã pequena e lhe agarrar a mão enquanto Jack e Duncan se informavam mutuamente do que tinha ocorrido.

Em um momento dado, Jack olhou para trás e se encontrou com os brilhantes olhos do Nell fixos nele.

—Sabe o que quer dizer a frase em latim? —perguntou-lhe veloz.

—Salve, reina, misericórdia, primeiro modo dórico.

—Significa algo para ti?

Nell negou com a cabeça, com expressão pesarosa.

—Nada em especial. É uma frase muito comum da liturgia católica.

Quando chegaram a casa do Liam e Nancy, Jack desdobrou seus diminuídas dotes sociais para conhecer dois estranhos mais. Felizmente, pareceram-lhe aprazíveis e sensatos. Liam era inteligente e prudente, igual a Nancy, tão bonita como as outras duas irmãs. sentiu-se cômodo com eles imediatamente.

Liam tinha preparado um guisado suculento e apetitoso que levava uma montanha de batatas e verduras reluzentes e Jack se comeu seu prato com alegria. Depois, reuniram-se na oficina do Liam, ao redor da mesa ainda por terminar e sobre a que tinha deixado a caixa forte.

—Tentamos teclar as letras da frase diretamente? Em latim ou as traduzimos? —perguntou Nancy com brutalidade.

—Tenta o das duas maneiras —sugeriu Vivi.

—Estão seguras de que não nos explorará na cara se a combinação for incorreta? —perguntou Duncan nervoso.

—Solo se tentamos lhe rompê-la assegurou Nancy.

Embora Duncan ainda não parecia muito seguro, Nancy ficou mãos à obra. Enrugou a frente e começou a escrever a larga seqüência de palavras.

Uma luz vermelha iluminou o pequeno botão e a porta permaneceu fechada.

—Provarei com a tradução —disse Nancy sem perturbar-se. Introduziu a nova seqüência, mas a luz vermelha apareceu de novo—. Nada. —ficaram olhando a caixa forte, desesperançados. Nancy levantou quão pendentes estavam enganchados.

—Salve, reina, mãe de misericórdia —repetiu com suavidade—. Vi a tradução em algum sítio. Primeiro modo dórico é um término musical. Isto o cantavam, não… OH, Meu deus. Sim!

—O que? —gritaram todos ao uníssono, como um coro raivoso.

—Necessito um minuto. me deixem que agarre uma coisa.

Nancy ficou de pé e se escabulló para voltar momentos depois com um CD na mão.

—Novum Gaudium! É o coro de canto gregoriano ao que represento. Levei a Lucia a ver um de seus concertos as passados Natais no museu dos claustros. adorou. Até comprou o disco. —Nancy tirou a carranca do CD para ver as letras—. me Deixe ver…, é uma antífona dedicada a María. A frase «Salve, reina, mãe de misericórdia» aparece ao início. Está em modo dórico. Pergunto-me se queria que… Mas como?

Jack falou embora se notava a dúvida em sua voz.

—Não sei nada de música mas seria possível que essa canção tivesse alguma correspondência numérica?

Ao Nancy lhe iluminaram os olhos.

—Claro que poderia ser. Em relação com o modo dórico, claro que sim. Liam, me passe o reprodutor do CD que há sobre a mesa.

O carpinteiro alto e lacônico se levantou, agarrou o reprodutor e o conectou perto da mesa. Ela selecionou a canção e começou a soar uma melodia evocadora. Eram vozes de homem que cantavam, profundas e reverberantes, ao uníssono. O som subia e baixava enquanto seguia um patrão antigo que parecia familiar.

Nancy escutou um fragmento da peça com o cenho franzido e pulsou o botão de «stop» depois de um momento. Continuando, voltou-o a pôr uma e outra vez enquanto rabiscava números

cada vez que o escutava.

Quando já tinham escutado a canção oito vezes, levantou uma parte de papel onde tinha escrito uma larga série de números.

—Vinte e cinco dígitos —anunciou.

—Tenta com esses —lhe urgiu Vivi.

Nancy introduziu a combinação enquanto continham o fôlego, até que a luz vermelha se iluminou.

Nancy se voltou a sentar.

—Mierda —disse descorazonada—. Não me ocorre nada mais.

—Tenta acrescentar PMD, Primus Modus Doricus —sugeriu Duncan.

Ela se encolheu de ombros e voltou a apertar as teclas.

—Vale. Aí vamos. P… M… D —concluiu em voz alta.

A luz ficou verde e a porta da caixa forte se abriu.

Ninguém podia acreditar. ficaram olhando-a, quase assustados ante a escuridão que apareceu quando a fechadura cedeu.

Liam tocou a porta com um dedo e a abriu por completo. Solo havia uma coisa dentro. Uma parte de papel amarelo em uma capa de plástico. Magro, brando e talher de uma escritura apertada. Nancy o tirou.

—Está em latim —disse enquanto o passava ao Nell.

Nell ficou os óculos e ficou a ler.

—Este deve ser o mapa do tesouro de Marco. Há um montão do que parecem nomes de flores. Instruções que falam de como ir de uma flor a outra, etcétera, etcétera. Ao final diz que terá que baixar quatro palmos para o chão e girar três vezes no sentido contrário às agulhas do relógio. Agora imagino por que Marco pensou que o tesouro estava enterrado nos jardins do palácio. O jardineiro do Palazzo de Luza disse que tinham escavado o jardim mais vezes das que podia recordar.

Suspirou e o deixou em cima da mesa.

—Pois vá. trocamos um hieróglifo por outro e eu, por uma vez, estou cansada de adivinhações.

Liam se levantou.

—Vou a pela sobremesa. —Soava resignado.

Vivi se levantou para estirar as pernas e caminhou pela oficina do Liam enquanto tocava os diferentes artefatos com os dedos. girou-se para o Jack.

—Tudo isto é da Lucia. São as coisas que Liam e Nancy foram capazes de recuperar quando John destroçou a casa. —Toqueteó uma coisa esmagada que era feita de cristal, pedras, plástico e arame retorcido—. Isto o fiz eu. As três irmãs. Acredito que Lucia sabia que eu me lembraria desta estátua e assim me ocorreria ensamblar os pendentes. —Acariciou o nó retorcido de materiais e arame—. vou restaurar o. Em sua memória.

—É uma idéia excelente. É o mesmo que Liam está fazendo com a mesa lavrada da Lucia —disse Nell. Posou a mão sobre a muito belo mesa que jazia em cima da superfície de trabalho. Estava partida em duas peças.

—É esta a famosa mesa da que Duncan me falou? —perguntou- Jack ao Vivi—. A do Renascimento que tem a gaveta escondida?

—Sim. —Vivi percorreu com o dedo as marcas brutais que tinham feito os nazistas na superfície—. Os homens das SS a destroçaram, durante a ocupação nazista. A equipe do coronel Haupt.

Jack se inclinou sobre a mesa para olhá-la mais de perto.

—São flores silvestres comuns; que a esculpisse deveu passar-se horas e horas olhando flores. Olhe, esta é uma Centaurea scabiosa. Aqui há uma Achillea millefolium e também há uma Linaria vulgaris. Esta outra é uma Senecio jacobea…

—O que acaba de dizer? —perguntou-lhe Nell.

Jack a olhou envergonhado.

—Ah, sim, perdoa. Quero dizer: centáurea, aquilea, linaria e erva cã. Esta daqui é uma…

—Não, isso não! Repete o que há dito em latim.

—OH. —O olhar agudo e quase ameaçador do Nell os surpreendeu—. vamos ver. —Olhou a mesa para lembrar-se—. Acabo de mencionar a Centaurea scabiosa, a Senecio jacobea…

—Estão na mesa! As flores que menciona o mapa de Marco! —girou-se para a porta—. Duncan, Liam, Nancy! Venham agora mesmo!

Agarrou o mapa dentro da capa de plástico. Liam, Duncan, Nancy e Vivi se aproximaram e ficaram ao redor da mesa partida, com os olhos espectadores e em silêncio, para observar.

—A primeira do mapa é a Senecio jacobea. Há dito que se chamava erva cã? —Esperou a que Jack assentira—. Depois terá que ir dessa à a Knautia arvensis mais próxima. Pode encontrá-la?

Jack estudou a mesa e assinalou.

—Justo aqui. O nome vulgar é sarnenta. Há outras mas esta é a que está mais perto.

—Vale. Agora terá que procurar a Achillea millefolium.

O dedo do Jack se moveu uns cinco centímetros mais abaixo.

—Aquilea.

A tensão ia crescendo e Jack quase se sentia intimidado.

—Pode ver uma que se chama Anagallis arvensis? —perguntou-lhe Nell.

—Pimpinela vermelha —disse enquanto escaneava a mesa—. Justo aqui.

—E a Trifolium repens?

—O prego. Aqui. Na esquina de abaixo.

Nell franziu o cenho.

—E agora nos indica que devemos baixar ao chão quatro palmos.

Jack a olhou.

—Imagino que se refere a descer pela pata da mesa —disse simplesmente.

Vivi o olhou com os olhos como pratos e se aproximou para lhe dar um beijo na mandíbula.

—Desde quando te tem feito tão preparado? —brincou.

—Primeiro vejamos se tiver razão —disse secamente—. Então me poderá premiar.

—Conta com isso —murmurou.

As irmãs do Vivi intercambiaram piscadas e cotoveladas ao presenciar a conversação, mas Liam já estava concentrado em examinar as patas lavradas da mesa em cima de outra superfície de trabalho.

—Marquei-as quando desmontei a mesa. Se tivermos em conta a direção para a que crescem as flores, deveríamos nos concentrar na pata dianteira da esquerda. Justo debaixo do prego.

Deixou-a com delicadeza sobre a superfície.

Nell se aproximou.

—Quatro palmos. vamos supor que são de mãos de homem. Liam, pode medir quatro palmos, por favor?

Assim o fez e a mão terminou justo ao lado de um nó lavrado com parras e campainhas.

Liam levantou o olhar para o Jack.

—Eu a sujeito. Três voltas inteiras em sentido contrário às agulhas do relógio. Quer fazer as honras?

Jack agarrou o nó suave e sentiu a textura das campainhas e as parras debaixo da mão. Apertou mas não se moveu.

Tentou-o outra vez mas não passou nada.

—Dá-me medo rompê-la.

—Faz sessenta e cinco anos —disse Vivi—. É normal que custe movê-la.

Pressionou um pouco e sentiu um rangido, um chiado. A pata começou a girar. Uma vez, outra vez e uma última vez. Saltaram algumas estilhaça mas conseguiram soltá-la.

A parte inferior da peça que tinha na mão estava oca. Tinham-na esvaziado por dentro e a haviam envernizado com uma cera antiga e obscurecida. Inclinou-a e saiu do buraco um cilindro de pergaminho. Papel antigo, com as esquinas de cor amarela e marrom. Colheu-o com cautela e o passou ao Vivi.

—Aqui tem —murmurou—. Tenho medo de agarrar esta coisa.

—Todo este tempo —sussurrou Nancy—. Tinha estado aqui, na mesa da Lucia.

Vivi o aceitou e o pôs em cima da mesa para desdobrá-lo com muito cuidado. As lâminas de papel não eram muito grandes mas eram frágeis e ameaçavam quebrando-se. Vivi foi as estendendo na mesa enquanto as desenrolava. ficou olhando durante um bom momento. Quando levantou a cabeça tinha os olhos como pratos.

—Vá, meninos. Isto é… Acredito que isto pode… meu Deus, que impressão. Estou-me enjoando.

—O que? —perguntou Jack ao momento—. nos Diga isso já, por favor!

—O grande L —disse Vivi, olhando primeiro ao Nell e logo ao Nancy—. Olhem. É um esboço, do anjo. Olhem essa cara e o que põe debaixo. O que tem escrito ao reverso.

Nell e Nancy sopraram.

—Não pode ser —sussurrou Nancy.

—Não me posso acreditar isso.

A voz do Nell se afogou e ficou em um hilillo.

—Mas quem cojones é o grande L? —rugiu Jack, que se estava voltando louco.

Nell se girou para ele.

—L do Leonardo. Leonardo dá Vinci.

—Vá.

Jack fechou a boca de repente.

Houve um momento de silêncio absoluto.

—Preciso beber algo —disse Liam enquanto se dirigia à porta.

—Te traga a garrafa contigo —lhe gritou Duncan.

depois de um par de goles reconstituintes do delicioso uísque para livrar do ataque de pânico coletivo e meia hora mais tarde, quando estavam todos sentados nos sofás ao redor da mesita de café no salão do Liam, seguiam aniquilados. Não podiam desviar a vista do cacho de pergaminho que estava em meio da mesa, como se fora uma bomba a ponto de explorar.

Embora de algum jeito o era. depois de tudo, por sua culpa quase os tinham matado a todos, antes ou depois.

—Temos que contar-lhe à imprensa —disse Nancy—. A todos os meios de comunicação. Que apareça por toda parte em internet. Se os esboços já não forem um segredo e esse bode sabe que estão em mãos de peritos que os estão autentificando, não haverá mais raciocine para que sigam nos atacando. Não tirariam nada disso.

—Temo-me que te equivoca —respondeu Vivi com Esse tristeza seria o caso se estivéssemos tratando com uns parvos criminais, normais e razoáveis, mas John é especial. Está completamente louco. Não acredito que lhe importe o dinheiro a estas alturas. Solo está cheio o saco e quer vingar-se. Quer sangue.

—Assim vamos ter que estar alerta o resto de nossas vidas? —estalou Nancy—. Estou farta.

—Uma coisa está clara —disse Liam—. Não vou ter essa costure em minha casa de noite. Já dormi bastante pouco ultimamente.

—Faz semanas que está em sua casa —lhe recordou Nell.

Liam lhe dirigiu um olhar muito eloqüente e lhe deu outro gole ao uísque.

—Eu me levo isso —se ofereceu Vivi—. Minha amiga Jill tem uma galeria cheia de antiguidades e livros únicos na cidade. Ela saberá nos indicar como temos que cuidar dele e como fazer que o autentifiquen. Também onde encontrar um sítio seguro para guardá-lo. Se alguém me passar seu telefone, chamarei-a.

Vivi se afastou para a cozinha para chamar e Jack escutou as subidas e descidas de sua animada voz enquanto contava a seu amiga a livreira toda a história. sentia-se amassado e esgotado. Assustado. Impressionado pelo grande L e suas pinturas famosas, claro. Era muito guay e impressionante e tal, mas no fundo lhe importava uma mierda. Ao fim e ao cabo, solo era papel.

Preocupava-lhe muito mais o perigo que esse cretino do John supunha para sua amada Vivi, que estava vivinha e abanando o rabo. E para suas irmãs, claro.

Vivi voltou para trote e devolveu o telefone ao Nell.

—Já está tudo arrumado. A Jill quase dá um desmaio. vai organizar a autentificación dos esboços e pode guardá-los na câmara dos livros.

—quanto antes nos desfaçamos deles antes ficarei tranqüilo —disse Liam.

Nancy lhe deu um beijo para tranqüilizá-lo, embora não serve de muito.

Vivi ensinou os pendentes a suas irmãs.

—Deveríamos desenganchá-los outra vez? Querem voltar a recuperar os pendentes?

Nell e Nancy se olharam. Nell os agarrou da mão do Vivi e atirou da palanquita para recolher as três lâminas com a letra minúscula.

—Ainda não. vamos manter os unidos. Quando tudo isto esteja resolvido, arrumaremos as cadeias e os poderemos levar outra vez. por agora vamos deixar os assim, vale? Como se fora um talismã.

Nesse momento houve lágrimas e abraços de grupo. Jack desviou o olhar até que a voz do Vivi reclamou sua atenção.

—Nancy, posso agarrar seu Jetta para ir à cidade? —perguntou.

Os músculos do Jack se esticaram.

—Como? Te vais colocar os esboços na bolsa e já está? Os vais levar pela rua?

—Pensava-os introduzir com cuidado dentro da pata da mesa onde estiveram durante sessenta e cinco anos e colocar a pata em uma bolsa. Ninguém poderia adivinhar o que levo aí —lhe respondeu—. Todos respiraremos melhor quando os esboços estejam a salvo na câmara.

—Eu respirarei melhor quando esse filho de puta esteja morto —lhe respondeu Jack.

Vivi lhe beijou a cabeça.

—depois de deixar os esboços, sairemos da cidade e procuraremos um hotel, vale? Se Nancy nos pode deixar o carro.

—Claro, mas não te pode confiar muito de —lhe advertiu Nancy—. O guichê de detrás se solta, assim nem tentem subi-la de tudo. Os drogados loucos de ao lado de minha casa a têm quebrado muitas vezes.

—Não pode estar em pior estado do que estava minha caminhonete —disse Vivi com tristeza—. A pobre se afogou. Devo-lhe muito. Deu sua vida por mim.

Ao Jack lhe aconteceram as vontades de briga. Quem o conhecesse de antes não teria dado crédito. Convertido em todo um calzonazos que segue a sua garota como um cão em zelo e faz tudo o que lhe dizem. Joder. Mesmo assim, pensar em uma noite com ela a sós em uma habitação de hotel era muito tentador para resistir.

Queria ter a conversação que lhe tinha prometido que teriam. Falar durante comprido momento do que havia entre eles para assim poder relaxar-se e comprar um puto anel de compromisso de uma vez.

Queria fechar o trato o antes possível.

Mas a paciência de calzonazos chegou a seu limite quando se deu conta de que ela pretendia passar por casa da Lucia no Hempton de caminho.

—Há algo que é muito importante que recolha ali —insistiu.

—A estas horas? Que cojones pode ser tão importante?

—É um segredo! —disse franzindo o cenho—. O entenderá mais tarde. Agora te coloque por esta saída, gira à direita depois da ponte e deixa de discutir.

Ele deixou cair algumas obscenidades enquanto lhe dava à luz de alerta e tirava o pequeno e

usado carro do Nancy da auto-estrada. Seguiu as instruções do Vivi para chegar à rua tranqüila onde estava a casa da Lucia.

Deteve-se com mau leite diante da casa.

—E agora?

—E agora? Porque obrigado por me trazer —disse com primor—. É muito atento e muito amável também. Quer me esperar aqui enquanto vou dentro e o agarro?

—Nem por indício. Crie que te vou deixar entrar nessa casa escura e abandonada a ti sozinha? —tirou-se a pistola—. me Dê esses putos esboços.

—Não me pensava deixar isso no carro —disse ela em tom de brincadeira—. Sobre tudo com essa janela de detrás que está sujeita com cinta isolante.

Jack a agarrou do braço. A rua estava muito tranqüila a essa hora, solo se podia ver a luz que provinha das televisões de um par de casas. Não obstante, seus sentidos estavam alerta e tinha a pele arrepiada. Não havia maneira de que ninguém soubesse que estavam ali a não ser que estivessem observando a casa da Lucia, mas quem ia vigiar uma casa vazia durante semanas?

Sei realista, disse-se a si mesmo enquanto Vivi abria a porta.

Não perdeu o tempo na casa triste e silenciosa. Solo acendeu a luz da escada para a planta superior e a da que dava ao desvão, que era mais levantada. Jack a seguiu furioso. O pescoço começou a lhe doer e se ia sentindo mais incômodo com cada caixa que abria Vivi.

—Que narizes está procurando, Viv? Adornos de Natal?

—Te cale e deixa que me concentre —lhe respondeu com calma.

Por fim encontrou o que estava procurando embora não lhe permitiu vê-lo. Tampou-o com o corpo e o enrolou em uma bolsa de plástico grande.

—Vale. Já nos podemos ir.

Ele baixou as escadas por diante enquanto soltava tacos até que chegaram ao carro. Vivi franziu o cenho enquanto lhe abria o porta-malas.

—Eu gostaria que te relaxasse um pouco —se queixou—. Me está pondo nervosa.

—Ah!, sim? Estou-te pondo nervosa eu a ti? —Abriu a porta do carro do lado do Vivi e o rodeou para entrar por seu lado e Te arrancá-lo vou contar como tenho a tensão.

Naquele instante se deu conta do aroma, mas era muito tarde. Escutou um rangido, como um bando de morcegos, e o pânico se apoderou dele.

O grito sufocado do Vivi se converteu em um chiado. Um forte braço lhe rodeava a garganta. A reluzente folha de uma faca se apoiava justo debaixo de seu olho.

John lhes sorria desde atrás do assento do Vivi. Parecia que estava meio morto: ofegava ao respirar, cheirava a morte e tinha a cara torcida, machucada e brilhante. O fio da faca que levava riscou pouco a pouco uma linha cruel pela bochecha do Vivi que deixou uma marca vermelha em seu caminho para terminar contra a garganta dela com a ponta bem cravada.

—Te mova e se sangra em quarenta segundos —proferiu com voz rouca.

O sistema do Vivi estava tão falto de adrenalina que quase nem reagiu. ficou em branco. Vazia. Dava igual o que fizesse ou o que lutasse porque não havia saída de semelhante armadilha.

—Estou seguro de que seria fascinante escutar seus problemas de tensão —afirmou John entre risadas sibilantes e nervosas—. Poderíamos compará-los aos que terá enquanto vê como curto a sua pequena gambá em trocitos.

A mão do Jack se moveu e John pressionou a ponta da faca contra o pescoço do Vivi um pouco mais e estalou a língua.

—Não mova nem um músculo e ponha as mãos onde possa as ver. Em cima do volante. Agora!

Jack seguiu suas ordens. Vivi queria olhá-lo mas tinha medo de que a faca lhe cortasse a artéria. Suas cordas vocais vibraram contra a faca que a cravava.

—É muito tarde para fazer nada com os esboços —disse em uma voz alta e fina—. Já sabe todo mundo: os conservadores de alguns museus de arte, Sotheby's, a imprensa. Escaneei-os e

mandei a cópia ao New York Teme, a…

—Nem te incomode, puta estúpida —vaiou John—. Sei que ainda não tem feito nada disso. Estive-lhes observando. Tenho câmaras por toda a casa do Knightly. São uma panda de gilipollas descuidados.

—Câmaras? —Estava surpreendida—. Em casa do Liam?

Ele ficou a rir e a nuvem quente de seu fôlego fedorento lhe fez sentir náuseas.

—Durante o tempo que estiveram em Denver com o querido e velho pai do Liam deixei a casa plagadita. Não me perdi um instante. Não chamastes à imprensa. Solo a essa puta conservadora… Como se chama? Jill Rosseau. É bonita?

Ela tentou tranqüilizar-se.

—Mesmo assim não vais ser capaz de vender…

—Crie que me importa uma mierda? —Sua risada era explosiva e estridente—. Se não poder me vendê-los limparei o culo com eles a próxima vez que vá cagar. Solo quero fazer… que grite.

Jogou-lhe a cabeça para trás e lhe aconteceu a folha pelos tendões. Fedia a suor ou algo pior.

—Mas agora que Haupt está morto não há ninguém que te vá pagar por seu trabalho, não? —comentou Jack em um tom coloquial.

—OH, Haupt. Esse é outro tema que tenho que tratar contigo, zorra. Matou a esse velho saco de ossos antes de que tivesse a oportunidade de fazê-lo eu mesmo.

—Faz isto por vingança? —perguntou Jack com suposto desinteresse.

A mão do Vivi se deslizou pelas dobras do vestido que Nancy lhe tinha emprestado e agarrou os pendentes enganchados que Nell lhe tinha metido no bolso. Procurou a alavanca com dedos trêmulos.

—Faço-o porque me hão jodido —rugiu—, e ninguém me jode. O ides pagar.

Tremia-lhe a voz, ao igual à mão em que levava a faca. Vivi levantou a pequena alavanca que unia os pendentes. A folha diminuta saiu e a apertou contra o polegar. Cortava como um cúter.

—Deve te haver doído bastante esse crânio destroçado. Deve ter um jodido dor de cabeça crônica.

—Que lhe jodan —espetou John asperamente—. Fecha a puta boca.

—E o golpe no joelho. Arrebentei-te o joelho também? E não tem nenhuma ferida de bala? Onde a tem, no braço, no ombro ou onde? Te infectou? Cheira um pouco a gangrena. Deveria ir a que lhe olhassem isso. Certamente necessite antibióticos intravenosos.

—Te cale! —chiou John.

—Agora que o penso, tem pinta de ter febre também —acrescentou Jack—. Deveria tomar Tylenol. E esse aroma, que asco!

—Filho de puta! Que te cale! —John deu uma bofetada ao Jack na cara de detrás.

Vivi utilizou o breve momento de distração para tirar os pendentes e lhe cortar a cara com eles. John começou a chiar e se tornou para trás. Jack se girou…

Pam, pam, pam. Os disparos da pistola foram ensurdecedores dentro do pequeno carro.

A força das detonações fez que John ficasse pego à esquina do assento traseiro. A cara grande e gorda ficou flácida e pôs os olhos em branco.

A cabeça foi caindo pouco a pouco com pesadez para um lado. A boca também.

Esperaram durante vários segundos. Jack estendeu o braço para trás com cuidado e lhe tocou a artéria carótida durante um comprido e tenso momento.

—Está morto.

A voz lhe saiu rouca e cansada. A pistola lhe caiu da mão e foi dar ao chão. afundou-se no assento, respirando com dificuldade.

—OH, Jack.

Vivi se aproximou dele.

Balançaram-se juntos em um abraço apertado e tremente. O pesadelo tinha terminado.

Até várias horas depois, depois de uma sessão larga, complicada e emocional na delegacia de polícia de polícia, Jack e Vivi não conseguiram chegar ao hotel. Tiveram que pedir emprestado outro carro da atormentada família do Vivi já que o Jetta, cheio de sangue, tinha sido confiscado. Fazia momento que tinha amanhecido quando puderam entrar na habitação.

As irmãs do Vivi lhe tinham suplicado que voltasse para o Hempton com elas mas Vivi tinha insistido em que precisava passar tempo a sós com o Jack. Graças a Deus. Estava muito agradecido por essa pequena concessão. As irmãs eram muito simpáticas, fantásticas, e lhe caíam bem mas necessitava privacidade para ter a conversação que queria com o Vivi. Nem piscadas, nem cotoveladas nem risitas.

Vivi acendeu a luz, deixou as malas ao lado da porta e fechou as cortinas para impedir que entrasse a luz do dia. sentou-se na cama com os olhos bem abertos e gesto solene. Parecia de outra época, com o cabelo enredado e suave caindo pelos ombros como uma capa vermelha. Levava um vestido azul de uma de suas irmãs que lhe vinha muito grande. O decote lhe baixava bastante e deixava ver a tatuagem. Ela viu aonde olhava e sorriu.

—Né. Tem a vista fixa em meu Eranthis hyemalis, guri.

—fico nervosa?

Tocou-se a pequena flor amarela que descansava sobre seu peito e lhe sorriu de uma maneira que fez que a entrepierna lhe apertasse.

—Nem muito menos.

Ele lutou contra seu desejo sexual e ficou de joelhos diante dela. Considerou que era o apropriado.

—Prometeu-me que teríamos esta conversação quando estivéssemos a salvo. Sobre nós e nosso futuro.

—É certo —aceitou ela com acanhamento—. O perigo aconteceu e aqui estamos.

Jack escrutinou sua cara.

—por que tiveste que ser tão dura, Viv? Estiveste-me castigando porque antes me tinha comportado como um gilipollas?

Ela negou com a cabeça e lhe acariciou a mandíbula.

—Demônios, não —sussurrou—. Sozinho estava tentando me comportar como uma adulta. Como poderia estar com uma mulher que solo supõe problemas? Que planos de futuro poderia ter com alguém assim?

Se Rio, incrédulo.

—Não me importa. Casaria-me contigo de todas formas. Faria-o embora esses bodes estivessem chamando a esta porta agora mesmo.

Aproximou-o e o colocou entre seus joelhos. Ele se reclinou para diante, em cima de sua saia, procurando mais contato.

—Acredito que seria melhor se não fizéssemos planos ou pensássemos no futuro —disse Vivi—, posto que ao melhor nem sequer tenho um. É melhor que fiquemos no presente. Já que me ensinaste como fazê-lo.

—Touché —resmungou Jack—. Pode parar de dizer isso?

—Não o digo como crítica.

Havia um sorriso em sua voz.

—Já, claro que não. —Seus braços se deslizaram ao redor da cintura do Vivi e acariciou com o nariz seu plexo solar. Respirou profundamente para inalar seu doce aroma e esfregou a bochecha contra uma mecha de cabelo brilhante que caía—. O que acontece ficar no presente —disse com cuidado— é que há muito que fazer com ele mas há coisas que necessitam mais tempo. Como, por exemplo, um jardim de flores: novelo, esperas, semeia, rega e desfruta com tudo isso. Leva meses. Ou como esperar a que os brotos do Eranthis hyemalis joguem raízes e se convertam em um tapete de flores. Isso leva tempo. Não é algo momentâneo. Nem sequer floresceram até fevereiro. Entende-

o?

—Claro —sussurrou Vivi com a boca pega a sua orelha.

Ele tremia, muito em seu interior, no coração.

—Ou abrir uma loja de arte que se possa levar e usar, por exemplo —continuou Jack com tenacidade—. Ou fazer um bebê. Embora não sei. Agora que é uma supermillonaria, pode que as coisas tenham trocado. Talvez quer uma vida glamurosa, pertencer a jet set. Não tenho nem puta ideia.

—Supermillonaria nem de coña. —Inclinou a cabeça e negou—. Se alguma vez chego a ver um pouco de dinheiro de todo este embrulho, a única diferença que suporá para mim é que poderei contratar a alguém para que me ajude com a loja. Assim poderia ter um pouco de tempo para dedicar a minha obra. Ah e ao bebê…, claro.

Jack sorria como um louco. Queria dar uma cambalhota para trás do feliz que se sentia e menear as pernas no ar. Controlou seu impulso com certa dificuldade. Uma proposta de matrimônio tinha que ser mais séria.

Ela deslizou suas mãos entre o cabelo da nuca do Jack e apoiou a frente contra a sua. O cabelo lhe caía, fragrante, pelas bochechas.

—Faz um par de semanas me disse que faria as malas e iria logo que me desse conta do que significava ter que olhar o mesmo sítio um dia atrás de outro. Ou à mesma pessoa.

—Sinto muito. —Esfregou o nariz contra o cabelo que cheirava tão bem—. Me comportei como um casulo.

—Não, não. Não lhe estava jogando isso em cara. Deixa que termine. O que queria dizer é que agora por fim me dei conta do que significa.

Ele se tornou para atrás e a olhou com os olhos entrecerrados.

—Ah!, sim?

—Sua cara é a que quero ver o resto de minha vida —disse ela baixinho—. Um dia sim e outro também. Quero vê-la nos rostos de meus filhos, se tivermos sorte. Enquanto passam as estações. A chuva, a neve, o vento e o sol. Enquanto as flores brotam, florescem e se murcham a nosso redor. Enquanto os arbolitos crescem até tocar o céu. Por muito tempo. Uma década depois de outra. Tudo o que dita nos dar o destino.

Jack escondeu a cara no peito do Vivi e deixou escapar lágrimas secretas que lhe molharam o vestido.

—Uma pergunta mais, Viv —aventurou.

Ela sorriu apoiada em seu cabelo sedoso.

—Me diga.

—Para que narizes queria parar em casa da Lucia ontem à noite? A incerteza me está matando.

Ela ficou quieta e explorou em uma risada.

—OH! Já me tinha esquecido disso. Ensinarei-lhe isso. —foi procurar a bolsa de plástico que tinha deixado ao lado da porta e o olhou tímida—. Me dá um pouco de vergonha.

—Tira-o já —a açulou—. Não me faça esperar.

—São as botas altas negras —disse ela enquanto as tirava da bolsa—. Me disse que me queria ver com elas postas, assim… aqui estão.

ficou as olhando e começou a rir. A tensão que sentia começou a desfazer-se e se transformou em convulsões de risada.

—Joder. Não me posso acreditar isso.

—Já não tenho as médias de malha roda, por desgraça. Tenho que ir comprar as para completar o conjunto.

Secou-se as lágrimas.

—Não te faz falta nada mais —lhe assegurou—. São perfeitas. Ponha as agora mesmo e lhe demonstrarei isso.

E assim o fez.

## Sobre a autora

Shannon McKenna é autora bestseller do The New York Times e de USA Today. depois de uma trajetória profissional muito variada, desde barman até secretária de uma consulta médica passando por cantor guia de ruas, decidiu que escrever novelas eróticas e de incerteza era o que melhor ia. Vive com seu marido e com sua família em um pequeno povo ao sul da Itália.